

ANO DE 1284.

ENTRE MONTANHAS PODEROSAS E MURALHAS INEXPUGNÁVEIS,
UMA CIDADE PRÓSPERA E INDEPENDENTE
DEFENDE-SE DOS REINOS QUE A CERCAM E COBIÇAM.

A CIDADE

MAIS UMA NOITE
E NINGUÉM PODERÁ SAIR.



LUIS ZUECO

alma
dos
livros

LUIS ZUECO

A CIDADE

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

© 2022

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Copyright © 2018 Luis Zueco

Publicado por acordo com Bookbank Literary Agency

(www.bookbank.es)

Título: *A Cidade*

Título original: *La Ciudad*

Autor: Luis Zueco

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: João Miguel Alves

Paginação: Gráfica 99

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Castelo: Shutterstock; Cavaleiros: Stephen Mulcahey/Arcangel

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 496036/22

ISBN 9789899054882

1.^a edição: abril de 2022

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

*Para a minha mãe, Asunción, uma mulher tão forte e lutadora como a protagonista
deste romance.*

«Nem todas as verdades são para todos os ouvidos.»

O Nome da Rosa, Umberto Eco

Numa manhã de sábado, antes de continuar a trabalhar neste romance, soube da morte de Umberto Eco. Tive de parar de escrever. Irremediavelmente, pensei no seu romance, *O Nome da Rosa*, em quantos escritores começaram a juntar palavras depois de o ler, em quantos leitores se afeiçoaram à leitura ao descobri-lo e em quão próximos nos podemos sentir de uma pessoa, apesar de não a conhecermos e de nunca termos falado com ela.

Os escritores têm este rasgo especial; põem algo de si nas suas obras e partilham-no com desconhecidos, criando assim um vínculo com os seus leitores. Os mestres vão ainda mais além e, como Umberto Eco, fazem com que, depois de lermos os seus livros, algo mude em nós para sempre.

Prefácio

Esta história passa-se em Albarracín, uma das localidades mais belas de toda a Espanha. Na época muçulmana, foi um dos numerosos reinos das taifas, tendo-se depois convertido num senhorio cristão independente, governado por uma família navarra, os Azagra. Podia ser considerada como um pequeno estado, rodeado de ambiciosos reinos que ansiavam por a conquistar.

Se olharmos para a maioria dos mapas do século XIII, o Senhorio de Albarracín não aparece desenhado. E, ainda assim, foi independente até ao ano 1284.

Este romance pretende prestar homenagem à beleza patrimonial de Albarracín, à recuperação que foi realizada do seu património e à sua história esquecida.

Albarracín era um senhorio. Este romance decorre integralmente dentro dos muros da cidade que era o epicentro deste estado medieval, num momento em que o comércio, o conhecimento e a cultura começavam a ressurgir nos reinos cristãos.

Mas a escuridão está sempre disposta a ocultar sob o manto das sombras qualquer tentativa de brilho. Por isso, encontrarão nestas páginas muitas provas de quão negra pode ser a alma humana, e serão testemunhas de mistérios e enigmas, de batalhas e intrigas, porque a Idade Média foi isso: uma época cruel e perigosa, em que muitas vezes a espada não era a única arma a temer.

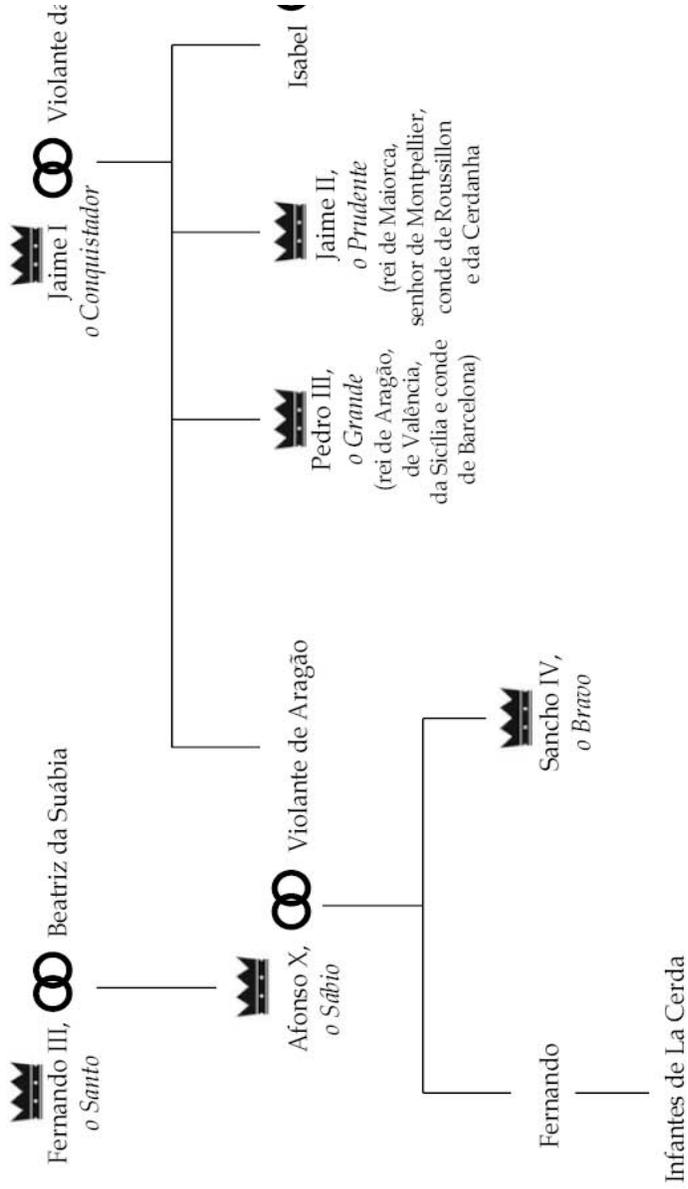


a Hungria

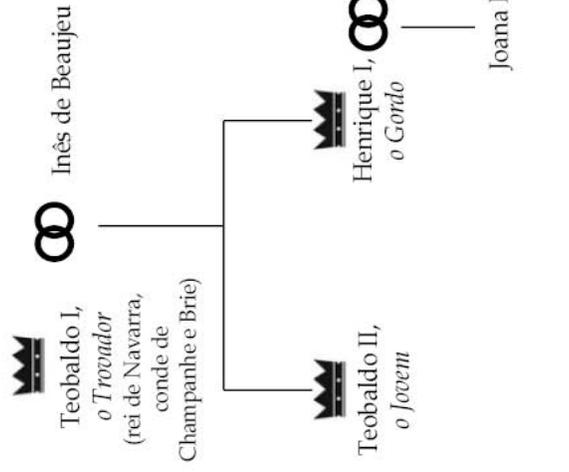


Coroa de Castela

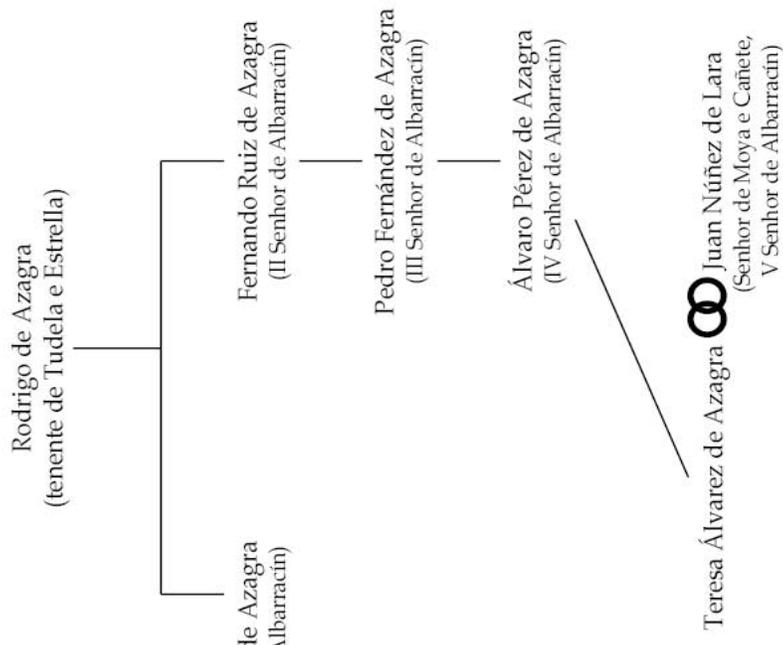
Coroa de Aragão



Reino de Navarra



Senhorio de Albarracín



Personagens

PRINCIPAIS PERSONAGENS HISTÓRICAS

Pedro III, o Grande, filho de Jaime I, *o Conquistador*, e da sua segunda esposa, Violante da Hungria. Rei de Aragão, rei de Valência, conde de Barcelona e rei da Sicília. Foi excomungado pelo papa Martinho IV.

Afonso X, o Sábio, filho de Fernando III, *o Santo*, que tinha unificado os reinos de Castela e de Leão. Enquanto filho de Beatriz da Suábia, aspirou ao trono do Sacro Império Romano-Germânico. Deu grandes contributos para os campos da cultura, da astronomia, do direito e da literatura.

Juan Núñez de Lara, nobre castelhano, Senhor da Casa de Lara, que obteve o Senhorio de Albarracín por casamento.

Sancho IV, o Bravo, segundo filho do rei Afonso X, *o Sábio*, e de sua esposa, a rainha Violante de Aragão. Chegou ao trono devido à rejeição por parte de um setor da alta nobreza castelhana das diferentes políticas de seu pai.

Teresa de Azagra, quinta Senhora de Albarracín, viria a casar com o Senhor da Casa de Lara, pondo fim ao domínio dos Azagra sobre este senhorio.

PRINCIPAIS PERSONAGENS DE FICÇÃO

Lízer, jovem homem de armas que chega a Albarracín e consegue juntar-se aos aguazis.

Martín, sacerdote catalão que serve o deão da catedral; tem uma grande projeção na diocese e é encarregado de uma importante missão.

Alodia, rapariga valenciana que é obrigada a separar-se da sua família e a sobreviver sozinha num mundo de homens.

Alejandro de Ferrellón, aguazil-geral da cidade. Disciplinado, firme e honesto no seu trabalho.

Frei Esteban, velho frade dominicano, enviado papal para investigar os estranhos acontecimentos que estão a ocorrer em Albarracín.

Pablo de Heredia, chefe de uma das casas mais importantes de toda a Albarracín. Tem apenas um filho, Atilano, que em breve lhe sucederá.

Ayub, mudéjar cuja família reside nesta cidade desde tempos imemoriais. É um mago com importantes conhecimentos e contactos em todo o mundo.

Abraham, médico judeu de Albarracín, com grande influência nos negócios.

Blasco, rapaz inquieto, filho de um dos ferreiros da cidade.

Guillermo Trasobares, importante comerciante que vende todo o tipo de produtos no mercado, especialmente vinho.

Diego de Cobos, nobre nativo de Albarracín, opõe-se firmemente a que os recém-chegados cavaleiros castelhanos governem a cidade.

Melendo, velho sacerdote, titular de uma das igrejas da cidade, a de Santiago.

Prólogo

Estamos em 1300; é um ano bissexto e começou a uma sexta-feira. O papa Bonifácio VIII declarou-o como o primeiro ano jubilar e, a partir de agora, o jubileu deverá ser celebrado a cada século.

Não sei se isso acontecerá, mas este ano os fiéis celebraram-no com entusiasmo. Aqui em Roma, nas ruas perto da Praça de São Pedro, foi preciso impedir a passagem às carruagens, pois saiu tanta gente para as ruas que houve múltiplos atropelamentos mortais provocados por carros de cavalos.

Em resposta a esses tristes acontecimentos, o papa ordenou que se tracem linhas brancas pelo meio das ruas de todo o Vaticano, para que de um lado passem as carruagens e do outro os peões. Dizem que é a primeira vez que se toma uma medida assim; é uma espécie de lei de trânsito.

Eu sou uma velha; esses assuntos interessam-me cada vez menos, embora tenha havido um tempo em que eu era como uma força indomável que queria saber tudo, descobrir tudo.

Foi há muito tempo. Não me considero uma mulher melancólica. Acho que é preciso ter cuidado com as recordações, que facilmente nos seduzem devido à sua imperfeição. Ainda assim, vou contar-vos a história de uma cidade. Não de uma das mais povoadas, como Paris, Londres ou Viena, mas sim de uma de tamanho reduzido, singular como nenhuma outra. Um lugar onde passei grande parte da minha vida e que, durante quatro meses, foi o centro de toda a Cristandade.

PRIMEIRA PARTE
OS ESTRANGEIROS

Capítulo Um

Estava protegida por altas e agrestes montanhas, nas profundezas de um vale esburacado pelo curso de um rio que se alimentava das abundantes neves de inverno. Só se lhe podia aceder por um estreito desfiladeiro que conduzia às suas muralhas, impregnadas da cor avermelhada proveniente da peculiar pedra que era extraída da sua serra, rodeada de altos cerros coroados por castelos e torres que, desafiadores, a defendiam dos numerosos inimigos que ansiavam por a possuir.

Jamais tinha sido tomada pelas armas. Não devia vassalagem a nenhum rei ou imperador. Livre e inconquistável, apesar de estar situada entre quatro poderosos reinos cristãos.

Gostava de se lembrar disso quando estava sozinho diante das suas muralhas, como naquela desagradável noite. O aguazil Munio mal conseguia manter acesa a tocha que segurava. O vento da serra gelava tudo à sua passagem; introduzia-se até ao mais fundo dos ossos daquele robusto homem de barba espessa e olhos agigantados, para quem cada movimento implicava um autêntico esforço. Há um par de invernos que os joelhos lhe falhavam; ao andar, ficava com os tornozelos inchados e enegrecidos, formando umas bolhas negras que lhe causavam dores terríveis e que só aliviava enfiando as pernas em água fria, gelada quando podia dar-se ao luxo de adquirir gelo num dos neveiros da cidade.

Por todos esses males, tinha de parar com frequência para descansar. No dia anterior, uma das curandeiras do arrabalde tinha-lhe dado um unguento. Era caro, mas pelo menos mitigava a dor durante as longas vigias.

Há doze longos anos que exercia o seu rotineiro ofício, quase sempre de noite. Mas havia quem estivesse há mais tempo do que ele no posto, e só quando esses

adoeciam é que ele podia mudar de turno. Agora, a sua sorte estava prestes a mudar; começavam a faltar as forças a alguns dos mais longevos, e aproximava-se a sua retirada. Era um trabalho duro; a Albarracín, chegavam viajantes e comerciantes de todos os reinos, o que gerava tensões, e o aguazil costumava ter de intervir. Muitas vezes, eram lutas de bêbedos, ou por causa do jogo, mas noutras chegavam a cruzar-se lâminas e era derramado sangue.

Para acabar com os tumultos e as disputas, há alguns anos que o quarto Senhor de Albarracín tinha mandado transferir todas as tabernas para junto dos portões de entrada, a fim de ter mais controlados os forasteiros que chegavam incessantemente à cidade. Havia-os de todas as origens e condições. Os aragoneses eram demasiado orgulhosos; os castelhanos, os mais desordeiros, mas eram de longe os melhores negociantes e tinham muita galhardia; os catalães e os valencianos passavam mais despercebidos, ainda que fosse difícil adivinhar os seus pontos fracos. Dos franceses e dos muçulmanos de Granada, havia sempre que desconfiar. Munio preferia os navarros, em parte porque tinham o seu sangue. O seu tetravô chegara a Albarracín vindo da cidade de Tudela, no reino de Navarra, quando aquelas terras tinham sido concedidas à linhagem dos Azagra.

Isso fora há muito tempo. Agora, o quinto Senhor de Albarracín era castelhano, da poderosa Casa de Lara.

«Será que este maldito vento não vai amainar?», praguejou para consigo.

Há uma semana que soprava um vento gélido. Não era habitual que se prolongasse durante tanto tempo. As montanhas costumavam proteger a cidade dos fortes ventos que sopravam mais a norte, no vale do Ebro. Aquele início de ano estava a ser estranho; um inverno benevolente tinha dado lugar a uma primavera que os estava a tratar com inesperada dureza.

Também os animais o notavam e, nos estábulos, os cavalos relinchavam devido ao frio.

Não havia nada no mundo que ele desejasse mais do que possuir um cavalo, um exemplar forte, com o qual pudesse lutar contra os infiéis. Imaginava-se montado numa dessas autênticas máquinas de guerra, a matar inimigos, para depois regressar vitorioso a Albarracín e entrar pela porta de Molina, para que todo o povo o aclamasse.

Quando era novo, combatera como peão dos Heredia, uma das linhagens mais antigas de Albarracín, em terras do reino de Múrcia. Aí, aprendera que a forma de guerrear dos cristãos e dos muçulmanos era muito diferente, tanto que até usavam diferentes raças de cavalos na batalha. A cavalaria cristã era pesada, enquanto o exército andaluz era composto por cavaleiros mais rápidos. Os cavaleiros castelhanos utilizavam uma raça que, devido à sua robustez, permitia suportar o peso notável das cavalgaduras e as duras cargas frontais que os cavaleiros realizavam montando com estribos largos. Os cavaleiros muçulmanos, pelo contrário, envergavam apenas cotas de malha e montavam cavalos mais ligeiros, procedentes de uma variedade produzida a partir de um cruzamento de animais autóctones com outros de origem berbere. Estes eram mais gráteis e rápidos; permitiam uma ampla mobilidade e facilitavam o desenvolvimento das suas táticas de ataque, que consistiam em contornar, cansar e enganar o inimigo para finalmente o aniquilar com uma investida à espada.

O aguazil abandonou as armas porque davam pouco sustento e queria constituir família. Ainda assim, tinha de admitir que fora a época mais apaixonante da sua vida. Por isso sentia tantas saudades dela e a recordava todas as noites nas suas intermináveis rondas pelas ruas da cidade.

Enquanto continuava a imaginar-se montado num cavalo negro, sentiu que algo caíra sobre o seu nariz. Ergueu o olhar. Tinha começado a nevar.

Pouco tempo depois, já o vento soprava os flocos com violência. Começou a ser difícil ver com clareza. Estava a cair uma bela nevada; não tardaria a que a cidade e as suas muralhas se cobrissem de branco, ocultando a sua cor avermelhada.

Seria uma longa noite.

Estava entorpecido; esfregava as mãos, num esforço inútil para as aquecer. A espada que lhe pendia do cinto pesava mais do que nunca. Observou as fachadas das casas da praça do Mercado, todas fechadas a sete chaves, com os seus habitantes bem quentinhos nas suas enxergas e ele, em contrapartida, a deambular pelas ruas frias com o vento e a neve como única companhia.

Ao longe, avistou outro guarda, um dos mais antigos. Costumavam cruzar-se nas horas mais sombrias da noite e trocar algumas palavras.

– Como vai o passeio? – perguntou-lhe o veterano, com certa ironia.

– Passeio? É preciso ter coragem, Diosdado! – exclamou Munio, expelindo uma baforada de vapor pela boca. – Nada de novo nas portas de Molina e da Água. Como foi que te calhou ficar de guarda durante a noite?

– Às vezes apetece-me recordar os velhos tempos.

– E bem velhos que eles são...

– Cuidado, ainda sou capaz de te dar uma boa lição – advertiu-o Diosdado.

– Não duvido. Alguma novidade na tua ronda?

– O nosso senhor, Juan Núñez, saiu ao cair da noite com uma mesnada de vinte homens.

– Sabes para onde ia a estas horas tão intempestivas?

– Suponho que para norte, para Navarra; ouvi dizer na Taberna do Coxo que estão a preparar uma campanha por terras do Moncayo. – Enfiou bem os

guantes para combater o frio. – Um tipo de Sangüesa disse-me que estão a formar uma hoste considerável.

– É aqui que deve estar o Senhor de Albarracín, não a guerrear por Navarra – acrescentou Munio, enfadado.

– Sim, mas já sabes que possui outros territórios e que, em Castela, as águas continuam agitadas desde a morte do rei Afonso X.

– Isso de Castela nunca vai acabar.

– O nosso senhor ainda apoia os direitos ao trono de Castela dos infantes de La Cerda frente ao seu tio, o rei Sancho IV. Deve armar algazarras na fronteira para demonstrar que possui força militar, nem que seja só para contar com uma boa posição de onde negociar – explicou Diosdado. – Coisas de nobres.

– Eu conformo-me com que passe esta noite, e com ela o frio – afirmou Munio, enquanto esfregava as mãos para aquecer um pouco.

– Não te queixes tanto – disse Diosdado, dando-lhe uma palmada nas costas.
– Não é o primeiro ano que neva em abril, nem será o último. Bem, vou continuar com a minha ronda.

O aguazil ficou a olhar para o seu companheiro enquanto este se afastava em direção ao arrabalde. Quando a figura desapareceu na noite, Munio retomou o passo e as dores regressaram aos seus joelhos.

Com grande dificuldade, avançou um par de ruas e teve de parar. Encostou-se a uma fachada de gesso e imaginou-se em sua casa, junto à sua mulher, Aurora. Ansiava por sentir o calor da sua pele, o formigar dos seus dedos na nuca, os seus pés entrelaçados ou simplesmente o seu cheiro, esse aroma que tão bem conhecia e de que tanto necessitava para viver. Sim; Aurora era o melhor da sua vida, amava-a com uma paixão desmedida, imprópria da sua idade, como se fossem dois juvenzinhos. Sabia que os seus conhecidos escarneciam deles, das

suas carícias, dos seus gestos cúmplices, das suas demonstrações de amor.

«E que mal tinha tudo isso? Seria melhor, porventura, limitar-se a cumprir os deveres na cama?»

Amava-a acima de tudo. Por isso queria abandonar o turno noturno da guarda. Já faltava pouco; com sorte, aquele seria o seu último ano de noite.

Um ruído ao fundo da praça acordou-o dos seus devaneios.

Quem poderia estar ali fora com aquele tempo?

Aproximou-se, desconfiado; a neve dificultava a visão. Talvez tivesse sido apenas um gato, ainda que os animais fossem os primeiros a saber como era pouco conveniente sair com o frio.

Chegou à esquina que virava para a parte mais antiga de Albarracín. Não lhe agradavam aquelas ruelas da época em que a cidade era uma taifa muçulmana. Muitos dos seus descendentes ainda viviam naquelas casas, que mal tinham vãos e se apertavam umas contra as outras, com os beirais a roçar-se, e das quais se dizia que escondiam no seu interior belas divisões e pátios.

Desceu em direção ao rio. Agradava-lhe mais aquela parte da cidade, havia mais espaço para respirar.

Olhou para uma das casas que estavam mais próximas. Viu um brilho através de um dos janelões.

Sim; tinha a certeza. Vira mover-se uma estranha silhueta. Esperou que aparecesse de novo: uma sombra. E então, viu uns olhos brilhantes como estrelas. O aguazil sentiu que se lhe gelava o sangue, e não propriamente devido ao frio.

Munio nunca tinha recebido a visita do diabo, mas ouvira como outros a descreviam nas tabernas. O Maligno não podia ocultar por completo a sua

natureza; era um decreto divino. Por isso, ainda que quisesse apresentar-se com traços humanos, estes não podiam ser completos.

Foi isso que julgou ver naquele vão: uma figura maligna.

Pensou no que aconteceria se algo de terrível ocorresse durante a sua ronda e ele não soasse o alarme. Adeus à sua mudança de turno, adeus a dormir com a sua mulher.

Aquele não era um edifício qualquer; era a alcaçaria da cidade, onde as peles dos animais eram convertidas em couro, razão pela qual se situava junto a um tanque. Sabia-o muito bem, pois várias vezes surgira algum problema com o abastecimento e os curtidores tinham dirigido as queixas ao concelho.

Àquela hora, a alcaçaria deveria estar vazia. O aguazil encostou o ombro à porta e tentou abri-la; as suas tentativas foram em vão, apesar de ter abanado o suficiente para ele pensar que podia soltá-la.

Ouviu então uma espécie de uivo aterrador, um grito anormal que vinha do interior.

«Porque tem isto de acontecer na minha ronda? Também é azar!»

«E agora, o que faço?»

Imaginou novamente a sua mulher, a repetir-lhe uma e outra vez que não se metesse em sarilhos, que, para o que lhe pagavam, mais valia ter cuidado. Que os senhores estavam bem quentinhos e confortáveis nos seus casarões, e ele passava as noites a percorrer as ruas, entre criminosos e bêbedos.

Sim; nisso Aurora tinha razão. Mas ele era aguazil e tinha um profundo sentido de honra. Podia ser pobre, não muito esperto, não saber ler nem escrever, mas tinha a sua honra intacta. Os notáveis da cidade não podiam dizer o mesmo; vira-os a sair de prostíbulos a horas sombrias, cavaleiros e religiosos.

Não, ele não era como eles; tinha honra.

Inspirou o ar frio de Albarracín, engoliu em seco e avançou.

Dentro da oficina dos curtidores, inalava-se um fedor desagradável, uma mistura de esterco, carne podre e urina. O cheiro nauseabundo entrou-lhe pelas fossas nasais e provocou-lhe uma náusea que quase o fez vomitar.

Com algum esforço, recompôs-se e examinou a divisão. As ferramentas e aparelhos do grémio enchiam todo o espaço: cubas de forma circular, pias retangulares, pavimentos lajeados, canalizações, um tanque de água e muitas peles de molho.

Deu alguns passos pela oficina, tudo parecia estar em ordem. Isso tranquilizou-o; respirou de forma mais calma, relaxou os músculos e lembrou-se de que o seu turno estava prestes a terminar, de que em breve estaria junto da sua mulher, a desfrutar das suas carícias.

As divisões que davam para aquele espaço aberto eram apenas três, e decidiu certificar-se de que também estavam vazias. As duas primeiras eram apenas armazéns e zonas de secagem, mas a última parecia uma divisão diferente. Ao entrar nela, voltaram os seus piores receios.

Estava ali alguém.

Deu mais um par de passos e confirmou os seus pressentimentos.

A divisão estava na penumbra. Uma sombra alongada desenhava-se ao longo do solo, sombra essa que se movia de um lado para o outro. Ergueu o olhar e viu uma figura a balançar. No alto do teto, pendurado pelos pés de um gancho metálico, estava o que parecia ser um corpo humano.

Avançou, atraído pela oscilação, engoliu em seco, sabia que era um erro, mas não podia evitar. Aquela forma negra surgiu então à luz dos seus olhos, era realmente um homem, mas onde deveria estar a pele, tinha apenas uma

superfície sanguinolenta e viscosa. Aproximou-se com cautela e verificou que o tinham esfolado, formando-se sobre o solo uma enorme poça negra que se infiltrava pelas frestas das lajes. O cadáver tinha a boca desconjuntada e um esgar de sofrimento petrificado no rosto.

Caiu de joelhos, a tremer de medo, e apoiou as mãos no solo. Mal lhe saíam as palavras, queria rezar, mas os lábios colavam-se-lhe e não conseguia obrigá-los a proferir qualquer palavra. Sentiu então como as suas mãos se humedeciam, ergueu-as e viu que estavam manchadas daquele líquido, que não era outra coisa que não sangue.

Sem querer, ergueu o olhar e encontrou o do corpo a fitá-lo numa grotesca expressão de dor, como se fosse um daqueles demónios e monstros esculpidos nos capitéis da catedral.

Aquela visão aterradora influenciou ainda mais a sua mente e, ao olhar à sua volta, Munio viu apenas sombras e silhuetas que pareciam ganhar vida.

Levou a mão ao punho da espada e desembainhou-a. Olhou para um lado e para o outro, procurando fantasmas na penumbra com a lâmina da sua arma.

Ouviu um espasmo.

Aquele homem ainda estava vivo!

Correu para ele e soltou-o do gancho. As suas mãos enterraram-se na carne daquele pobre desgraçado; todo o seu peso caiu contra ele e voltou a sentir um cheiro imundo. Não conseguiu segurá-lo e caíram ao chão.

O gemido que se fez ouvir foi aterrador; a boca daquele homem abriu-se, mas nada de inteligível saiu dela, apenas dor.

– Conseguis ouvir-me? Falai comigo! Maldição! – praguejou o aguazil, em desespero. – Quem vos fez isto? Quem foi? Respondei-me! Dizei alguma coisa, por amor de Deus!

Mas o homem não podia responder-lhe; estava inconsciente, moribundo, asfixiando-o sob o seu peso. Empurrou-o para o tirar de cima e, com o coração desenfreado, começou a arrastar-se para trás, invadido pela necessidade de fugir dali. O mais rápido possível. Para procurar ajuda. Para sobreviver.

Subitamente, sentiu um calor intenso no flanco, mas, quando ia gritar, encontrou a boca tapada.

Voltou a imaginar-se junto da sua mulher, Aurora, agasalhados pelas mantas na enxerga do seu quarto.

Sabia que não voltaria a vê-la.

Capítulo Dois

Albarracín acordou pintada de branco, com dois palmos de neve. Apesar de ter nevado em finais do ano passado, não fora com tanta intensidade como na madrugada anterior. Além disso, o vento parara por completo e um esplêndido Sol brilhava nas alturas, refletindo a sua luz nas paredes avermelhadas dos edifícios e nas rochas das montanhas que rodeavam a cidade. O Sol baixo de inverno e o céu limpo proporcionavam uma agradável sensação de calor, apesar de ser apenas uma miragem, uma vez que, à sombra, a temperatura voltava a descer de forma drástica. Ao cair da noite, voltaria a dura realidade do frio, pelo que havia que aproveitar bem o dia soalheiro.

Os homens apetrecharam-se com as pás; primeiro, libertaram os acessos às casas, depois os estábulos e, em seguida, começaram a amontoar a neve junto às beiras das ruas. Toda ela gelaria ao pôr do sol, pelo que era preciso afastá-la antes que se tornasse um perigo. Apesar do risco, Martín corria pela rua, alheio aos avisos de precaução que as pessoas lhe gritavam ao vê-lo patinar pelo escorregadio solo gelado. O jovem sacerdote tinha sido convocado pelo seu superior, o deão, que presidia ao cabido catedralício, um colégio de clérigos que aconselhava o ilustre bispo e que, se se desse o caso, Deus quisesse que não, de ficar vacante a sede episcopal, podia até substituí-lo temporariamente no governo da diocese.

Martín era um dos seus últimos membros; nem sequer estava numerado. Ainda assim, dada a sua juventude, e o facto de ser estrangeiro naquela cidade, era todo um privilégio estar às ordens do deão.

Chegara em busca de uma sede episcopal onde pudesse ascender. A de Albarracín prestava-se a isso devido ao seu reduzido tamanho. Precisava de se sentir útil para a Igreja, era a única forma de apaziguar os seus medos. Por temer falhar a Deus, Martín tinha a firme determinação de professar uma vida

religiosa exemplar. De que nunca ninguém pudesse dizer uma má palavra a seu respeito.

Era uma obsessão, encontrara nos hábitos a forma de dar sentido à sua vida. Mas às vezes duvidava e, nesses dias, todos os seus receios ganhavam vida. Tinha a esperança de que, em Albarracín, esses fantasmas ficassem escondidos para sempre.

Ao virar para a catedral, apareceram dois rapazes a correr, e um deles chocou contra ele, caindo ambos na neve.

– Maldição...! – praguejou o sacerdote, mordendo depois a língua.

– Perdão, padre – desculpou-se o rapaz, assustado. – Não vos vi, juro que não me apercebi, e quando... Eu ajudo-vos, não vos zangueis, por favor.

– Porque não tens mais cuidado? – reclamou Martín, dorido, enquanto se levantava.

– Não leveis a mal, padre – interveio o seu companheiro, mais alto e bem-parecido. – É muito desajeitado e está sempre a chocar contra alguém ou alguma coisa; eu repreendê-lo-ei, prometo.

– Pois não andeis por aí a correr – protestou Martín, com um gesto ameaçador de mão. – És irmão dele?

– Sim – respondeu o rapaz, cabisbaixo. – Já vos disse que o castigarei.

– Que não se repita.

– É que queríamos contar ao nosso pai o que aconteceu ao aguazil – respondeu o mais novo.

– Cala-te, Blasco! – disse o outro rapaz, dando-lhe uma cotovelada.

– O quê? – insistiu Martín. – O que aconteceu ao aguazil?

– Mataram-no – confessou o mais alto dos dois.

– De que estais a falar?

– Todas as manhãs subimos às muralhas, porque um dia vamos ser cavaleiros – acrescentou o rapaz, sorridente e ingénuo. – Daí, podemos ver o que se passa na cidade e, quando julgamos ver algo interessante, vamos a correr informar-nos.

– Estou a ver. – O religioso lançou uma olhadela às roupas e ao aspeto daquela dupla invulgar e soube imediatamente que aqueles sonhos não passavam disso.

– Como morreu o aguazil? Sabeis de alguma coisa?

– Esta manhã houve um grande alvoroço junto ao pórtico da catedral – acrescentou Blasco.

– Fomos às escondidas e ouvimos a notícia da morte do aguazil.

– Mas tivemos de nos vir embora porque havia muitos guardas.

– Uma facada no abdómen, na alcaçaria, e isso não é o pior...

– Como te chamas?

– Alfonso, e o meu irmão, Blasco.

– E pode saber-se o que é pior do que a morte de um aguazil? – Os rapazes entreolharam-se, encolhendo os ombros.

– Também mataram um curtidor – respondeu o mais velho.

– O mesmo assassino?

– Bem, padre – afirmou Alfonso –, compreendereis que temos de tirar algum proveito... – E fez um gesto, estendendo a mão.

– É preciso ter descaramento. Tens potencial, sem dúvida.

– Potencial para quê? – perguntou o irmão mais novo.

– Para nada, coisas minhas. Sabeis? Quando eu tinha a vossa idade, não era

muito diferente de vós.

– Mas se sois padre...

– Blasco! Queres calar-te de uma vez? – Alfonso deu-lhe outra cotovelada, desta vez com mais força.

– Chamo-me Martín – disse o sacerdote, enquanto se ria da dupla. – Falai-me do curtidor morto.

– E o que ganhamos em troca? – insistiu também Blasco, o mais novo dos dois.

– Servir o Senhor – respondeu Martín, sorridente.

– Lamento, padre; nós somos mais humildes, conformamo-nos com coisas mais materiais, como uma moeda, comida... – Foi Alfonso quem se atreveu a dizer aquilo.

– Tomai – disse Martín. E deu-lhes uma moeda.

– Está bem; acho que foi o mesmo assassino, sim. Dizem que o esfolaram como a um animal.

– Ao aguazil?

– Não, ao curtidor. Arrancaram-lhe a pele.

– Santo Deus! – exclamou Martín enquanto se benzia. – Não quero ouvir mais nada, tenho de ir, e não andeis tão depressa...

Não teve tempo de dizer mais nada antes de os dois rapazes desatarem a correr rua abaixo.

Alfonso era mais veloz; levava sempre a dianteira, apesar de, em cada curva, abrandar o ritmo para esperar pelo irmão. Iam deslizando pela neve, e tinham de manter o equilíbrio para não caírem contra a calçada. Por enquanto, estavam a conseguir, até que uma carruagem se lhes cruzou no caminho e Alfonso teve

de travar bruscamente; o seu irmão Blasco, porém, chocou contra ele, caindo ambos contra os fundos do transporte.

Ficaram deitados na neve enquanto a portinhola se abria e surgiam do seu interior dois olhos mais azuis do que o próprio céu.

– Bem, é a isto que se chama prostrar-se aos pés de uma dama.

Sentaram-se os dois e ergueram o olhar; foi-lhes difícil superar o abalo.

– Dona Teresa, minha senhora, estais bem? – perguntou o condutor, espreitando por uma das laterais. – Estes dois maltrapilhos estão a incomodar-vos?

– Não te preocupes, Inocencio. – Uma mulher de cabelos dourados e pescoço esbelto, de onde pendia uma brilhante cruz, fitava-os do interior da carroça. – Estava só a cumprimentá-los; podemos seguir.

– Quem sois vós? – perguntou arrojadamente Alfonso.

– Serás estúpido, rapaz? É dona Teresa de Azagra, Senhora de Albarracín, por isso desviai dela os vossos olhares sujos.

– E vós? – perguntou ela, sorridente. – Como vos chamais?

– Ele é o meu irmão Blasco e eu sou o Alfonso.

– É um prazer conhecer-vos aos dois; tende cuidado, que estas ruas são perigosas.

– Com certeza – adiantou-se Blasco na resposta, enquanto a carruagem recomeçava a andar e Dona Teresa de Azagra se despedia com um caloroso sorriso.

– Devolve-me o gorro! – Alfonso tinha-lhe tirado o gorro de lã que tinha na cabeça.

– Vem buscá-lo – respondeu Alfonso, rindo e desatando a correr para que o

seu irmão não pudesse alcançá-lo.

O padre Martín entrou na catedral, tomou água benta e persignou-se. Percorreu a nave até à sacristia e acedeu daí a uma sala destinada às reuniões. Ficou, porém, surpreendido ao não encontrar os restantes membros do colégio. Não podia ter-se enganado; era respeitoso com os horários e as reuniões.

– O deão está à vossa espera na antecâmara do arquivo, no palácio episcopal – disse uma voz rouca atrás dele.

Era o padre Melendo, um clérigo de enorme estatura, completamente calvo, com o crânio pontiagudo e os olhos encovados numas negras e permanentes olheiras. Com um olhar sombrio e o rosto atacado por uma doença que o picara de forma virulenta. Tinha os braços longos como ramos de árvore; as suas mãos eram esbranquiçadas, cheias de veias, e terminavam nuns dedos retorcidos, como raízes.

– Obrigado – respondeu Martín. E assentiu.

Não obteve mais palavras do padre Melendo; dirigiu-se ao local que este lhe havia indicado. Era perto; a catedral e as restantes dependências episcopais estavam ligadas através de um longo corredor; o arquivo era um dos lugares mais importantes do palácio episcopal e um dos que mais espaço ocupava no edifício. Daí que tivesse uma antecâmara que era utilizada para resolver litígios e consultar os volumes, caso fosse necessário. Abriu a porta e encontrou lá dentro o deão, sentado num luxuoso cadeirão com encosto em cabedal preto e rebites dourados.

– Perdoai-me, deão, cheguei atrasado?

O clérigo pousou sobre Martín um olhar algo perdido, como se o tivesse interrompido numa visão mística, mas depois o seu rosto iluminou-se ao vê-lo.

– Entra, Martín – disse, sorrindo. – Chegaste mesmo a tempo.

– E o resto do colégio?

– Não virá mais ninguém; é contigo que quero falar, e a sós. – Com um gesto, pediu-lhe que se sentasse.

Martín instalou-se, tal como o seu superior lhe indicara. Não conseguia ocultar o nervosismo; aquela era uma situação totalmente invulgar. A incerteza revolvía-lhe as entranhas.

Sabia que algo de importante estava prestes a acontecer; tinha a capacidade de detetar esse tipo de conjunturas mesmo antes de ocorrerem.

O deão era um homem de aspeto peculiar; tinha o rosto permanentemente corado, como se um calor perpétuo lhe sufocasse a pele. Tinha o cabelo negro e sobrancelhas espessas; não era alto, mas sim corpulento, com pouco pescoço, e os ombros subiam-lhe quase até às orelhas. Parecia mais um camponês do que o deão de uma catedral; era mais fácil imaginá-lo a levantar grandes pedras no campo do que a ler as Sagradas Escrituras diante do altar.

– Estou satisfeito com os teus progressos, de verdade que estou – começou o deão. – No início, houve muita relutância em que entrasses para o colégio. É compreensível; o teu passado... Bem, sabes melhor do que ninguém que as tuas credenciais eram pouco lisonjeiras.

– Sim, Excelentíssimo; mas tudo isso está mais do que esclarecido, o meu pai foi apenas um infiltrado.

– Sim, sim, eu sei; há sempre alguém que não quer acreditar, o teu pai... É um assunto delicado.

– Limitou-se a cumprir ordens de Roma.

– Nasceste no meio deles; entende que haja receios, Martín – acrescentou o deão.

– O meu pai protegeu-me dessas falsas crenças e Deus ensinou-me o caminho reto para a virtude.

– Não duvido, por isso estás aqui connosco – disse o deão, num tom mais amável. – Ainda assim, mesmo que nos seja mostrada, às vezes os homens não seguem a vontade do Senhor.

– Asseguro-vos que eu...

– Calma, sei que os teus passos se dirigem no sentido certo, mas existe sempre o risco de desvios. Basta um tropeção e todo o caminho percorrido será em vão. Compreendes isso, não é verdade?

– Com certeza.

– É importante que o tenhas claro. És um sacerdote com um caminho promissor a percorrer; sabiamente dirigido, podes ser muito útil à Igreja; e a esta igreja em particular.

– Nada me agradaria mais.

– Coube-nos viver dias aziagos, Martín. Quando estamos prestes a expulsar o infiel das terras cristãs, os reis e os seus filhos começaram a guerrear entre si para pôr coroas de ouro e pedras preciosas sobre as suas peludas cabeças, em vez de se unirem para lutar contra os muçulmanos e extirpar as suas envenenadas crenças, que corrompem a nossa terra – afirmou o deão, juntando as palmas das mãos à altura do peito, como se fosse rezar. – Os homens são assim. Lembra-te do que te disse antes: um passo errado pode fazer-nos cair pelo precipício do mal; um único passo.

– Lembrar-me-ei.

– Fico satisfeito. – O deão sorriu novamente; tinha um sorriso exagerado, como que falso.

Martín escutava-o, expectante. O deão levantou-se do seu cadeirão e manteve-se de pé, a observar o jovem sacerdote.

– Devo pedir-te uma ajuda especial.

– O que ordenardes.

– Bem, bem. – Passou a mão pelas costas de Martín. – Dentro de alguns dias, chegará a Albarracín um enviado de Roma. – Pela primeira vez, o tom firme do deão vacilou. – Não é um sacerdote vulgar. Pelo que conseguimos descobrir, é precisamente o oposto.

– O que quereis dizer, Excelência?

– As nossas relações com Roma são excelentes, tal como com o rei de França. – O deão colocou-se atrás do encosto. – Para a sobrevivência da diocese e desta cidade, devem continuar a sê-lo. Não nos sobram aliados; os nossos inimigos, em contrapartida, são muitos e poderosos.

– Entendo que deve ser tremendamente difícil sobreviver entre tantos reinos hostis.

– E ambiciosos.

– Ambiciosos, é certo que o são.

– Nem imaginas. O monge enviado pelo papa é da ordem dos dominicanos; os cães do Senhor, como sabes. São considerados os guardiões da Igreja, é por isso que se encarregam de temas considerados... Nefastos.

– Nefastos?

– É como ouves, Martín – assentiu o deão, preocupado. – Mais concretamente, este dominicano que nos vem visitar parece ser um grande pensador, um especialista em condutas consideradas perigosas por Roma.

– Não vos compreendo.

– Magia, Martín. O dominicano é o encarregado de identificar desvios de fé relacionados com a magia e as superstições.

– E porque vem a Albarracín?

– Receberam uma carta em Roma a alertá-los de práticas indevidas na nossa diocese.

– Que tipo de práticas?

O deão aproximou-se mais do jovem sacerdote e pousou-lhe as mãos nos ombros.

– Roma vigia-nos; se não atuarmos com a devida diligência, podemos deixar de ser uma diocese independente, compreendes?

– Sim, mas quais são esses atos tão perigosos que fazem vir um dominicano de Roma?

– O pior é isso. Não sabemos.

– Não conheceis, porventura, o conteúdo dessa carta?

– Não, nem o seu remetente, ainda que deva viver em Albarracín... – O deão suspirou, regressando ao seu lugar. – Assim, não podemos permitir, em circunstância alguma, que esse dominicano encontre aqui algo que desagrade a Roma. Temos de o descobrir nós primeiro, seja como for.

– E o que tem isso que ver comigo? De que ajuda precisais da minha parte?

– Serás tu a vigiá-lo – respondeu o deão, perscrutando-o de cima a baixo. – Não desconfiará de alguém como tu.

– Alguém como eu...

– Martín, transmites uma imensa bondade, um olhar límpido... Pareces incapaz de um ato impuro; por essa razão, o dominicano não desconfiará de ti.

– Desconfiar?

– Não deve pensar que o espias – respondeu o deão –, mas tem cuidado. Informaram-nos de que é um homem astuto e perspicaz; tem fama de possuir uma habilidade especial para descobrir a mentira.

Martín levantou-se e olhou fixamente para o deão.

– Quereis que espie um enviado do Santo Padre?

– Exatamente.

Capítulo Três

Alejandro de Ferrellón era o aguazil-geral de Albarracín, encarregado de manter a lei e a ordem dentro dos muros da cidade. Não era um homem paciente nem comedido, mas era eficiente. Tinha já o cabelo grisalho, apesar de ainda se manter forte e ágil. No rosto, tinha sempre uma expressão amarga, como se fizesse parte do negro uniforme que diferenciava os aguazis da restante população. Descendia de uma família de nobres caídos em desgraça, e também daí herdara os gestos e a forma de falar, adequada, com autoridade.

Estava há dez anos no cargo e, durante todo esse tempo, Albarracín tinha estado a salvo de grandes altercações. Havia as habituais rixas de taberna, escândalos de bêbedos, problemas com os preços no mercado, confusões com estrangeiros que tentavam introduzir mercadorias proibidas na cidade, mas nenhum assunto de sangue.

Por isso Ferrellón estava tão enervado nessa manhã.

Tinham revistado a alcaçaria de ponta a ponta, virando de pernas para o ar todo o seu interior, cubas, canalizações, peles e armazéns. Apesar disso, nada esclarecera os avassaladores acontecimentos da noite anterior. Munio, o aguazil assassinado, era um bom homem; deixava mulher e meia dúzia de filhos. Os outros subordinados de Ferrellón estavam furiosos e clamavam por justiça contra o culpado da sua morte. Tinham matado um dos seus homens e isso era algo que ele não podia permitir. E havia que juntar a isso a terrível morte do curtidor, nem por um momento tinham querido imaginar que o seu companheiro tivesse sofrido um tormento semelhante. Mas uma e outra morte estavam cheias de interrogações, ninguém parecia saber o que acontecera naquela oficina.

Pelo menos, fora isso que lhe contara o homem que tinha à sua frente, o

primeiro oficial do grémio de curtidores, um tal Bermudo. Um trabalhador bem constituído, de feições arredondadas e barriga saliente.

– É impossível que não haja testemunhas – desesperava Alejandro de Ferrellón. – Vejamos, sabes de alguém que quisesse fazer isto ao teu mestre curtidor?

– Pelo menos meia dúzia de pessoas ficarão contentes por o ver morto.

– Como dizes?

– O mestre Ordoño era castelhano; de Salamanca, para ser exato. Chegou cá com a mudança de linhagem no senhorio. Tinha conseguido arruinar os curtidores da cidade e apropriar-se do grémio. Até ontem, controlava todo o mercado de peles em Albarracín, com numerosos inimigos ressentidos. Havia uma longa lista para ajustar contas com ele; o que não consigo compreender é que alguém quisesse fazê-lo com tanta crueldade.

– Como conseguiu apropriar-se do grémio?

– Isso não vos posso dizer.

– Não podes...? – O rosto do aguazil-geral tornou-se como uma tempestade prestes a desabar.

– Vereis, é esse segredo que nos faz ganhar a vida – explicou calmamente Bermudo. – Se vos revelar como conseguimos arrancar a pele mais depressa do que a concorrência, todos o saberão. Ficaremos arruinados... – Fez uma pausa. – E os meus colegas na oficina enforcar-me-iam.

– Não vais dizer-me, então.

– Num grémio, não podem revelar-se os conhecimentos a não ser aos seus membros. Fazeis ideia de quantos tentam entrar para esta oficina todas as semanas? De como nos esforçamos de sol a sol para passar de meros aprendizes a

oficiais? E de que poucos conseguem um dia ser mestres e abrir a sua própria oficina?

– Como tu agora – acrescentou Alejandro de Ferrellón. – Morto o mestre, o seu primeiro oficial, ou seja, tu, ocupará o seu lugar nesta oficina.

– Eu não o matei; ele ensinou-me tudo – atirou o primeiro oficial, enervado.

– Então quem foi? Quem o esfolou vivo? Estás a ouvir? Arrancaram-lhe a pele como a um animal! – E beliscou a mão para o deixar claro.

– E onde está?

– O quê? – Alejandro de Ferrellón tinha perdido a calma.

– A sua pele – respondeu o curtidor, ante a expressão de assombro do aguazil-geral. – É importante.

– A sua pele... – Hesitou. – Não sei se restará algo dela.

– O que quereis dizer? – perguntou Bermudo, confuso.

– Diosdado! Vem cá.

Um dos homens de negro aproximou-se rapidamente deles.

– Onde estava a pele do morto?

– Senhor, não resta muito dela... – Diosdado coçou a nuca. – O assassino atirou-a para fora da oficina e parece ter sido comida pelos cães.

– Mas... – O curtidor ficou sem palavras. – Quem pode fazer uma barbaridade dessas? Deixai-me ver o corpo.

– Santo Deus! Para quê?

– Se vir como lhe arrancou a pele, poderei dizer-vos se foi ou não outro curtidor que o fez. A técnica para tirar a pele a um animal com vida é complexa; poucos oficiais a sabem fazer bem.

– Sabem?

– Sim – respondeu Bermudo.

– Está bem. – Ferrellón fez sinal a Diosdado.

Dirigiram-se os três a uma carroça colocada no exterior da oficina. Diosdado ergueu uma manta ocre e mostrou o cadáver ensanguentado e esfolado. Era horrível e nauseabundo, uma massa de carne e veias.

– Santo Deus! – exclamou Bermudo, persignando-se. – Pobre homem... Que monstro pode fazer algo assim? – perguntou entre lágrimas.

– Acalma-te, vamos encontrá-lo – afirmou Alejandro de Ferrellón –, mas precisamos da tua ajuda. Como era o teu mestre?

– Alto, de olhos claros e faces muito marcadas; tinha um ar de peregrino, com uma longa barba mal aparada. – Quase desatou a chorar. – Agora não é nada.

– Concentra-te no que vieste ver, Bermudo.

– Isto é um desastre – afirmou o primeiro oficial. – Está muito mal feito. Nem de propósito se pode fazer assim tão mal.

– Não pode ter sido alguém do grémio, então.

– Se foi, esforçou-se muito para que não se notasse. Como já vos disse antes, é complexo esfolar algo vivo, garanto-vos.

– Diosdado, interroga tu os outros oficiais, e os aprendizes também.

Alejandro de Ferrellón observou o corpo com desagrado; não havia ferimentos profundos, tinha de ter morrido de puro sofrimento. Regressou novamente ao local onde aparecera pendurado. No chão, ainda se via o rasto de sangue e, mesmo ao lado, o lugar onde o aguazil caíra morto.

Com o seu subordinado, tinham sido mais diretos; tinham-lhe cravado no flanco uma lâmina bem afiada que lhe trespassou o coração.

– Uma ferida profunda e limpa; pelo ferimento, atrever-me-ia a dizer que a arma até estaria quente.

– Isso faz sentido, pode tê-la aquecido para esfolar melhor o curtidor – acrescentou Diosdado.

– Sim, também é isso que penso. Devem tê-lo apanhado desprevenido; seguramente, atacaram-no pelas costas e não conseguiu oferecer resistência alguma.

Dois mortos, assassinados de formas muito diferentes, e nenhuma pista sobre o seu verdugo.

Ferrellón examinou o gancho de onde tinham pendurado o curtidor Ordoño; imaginou o seu sofrimento, e como o aguazil chegara para o socorrer. Visualizou as manchas de sangue no pilar de madeira que havia ao lado, e imaginou que tivesse tentado apoiar-se nessa viga para escapar.

Foi então que algo lhe chamou a atenção; as marcas de uns dedos encontravam-se estampadas junto a um desenho, um círculo.

Um círculo com um ponto negro no centro.

Perscrutando lentamente o cenário, viu claramente: o curtidor tinha de o ter desenhado quando estava ali pendurado, uma vez que parte do desenho estava sobre a mancha de sangue.

O aguazil-geral acorrou-se e esquadrinhou o solo; seguiu até junto de um monte de peles raspadas e aí encontrou um carvão, daqueles que se utilizavam para fazer esboços.

Ordoño tinha traçado um círculo enquanto agonizava. Porquê?

– Teve de o ter feito antes, quem consegue fazer seja o que for depois de lhe terem arrancado a pele?

– Certo, ou talvez ainda só tivessem começado a esfolá-lo, não sei...

– Não encontramos nada – informou Diosdado, o seu adjunto, um homem sempre prestável com o seu chefe.

– Continuai a procurar. Perguntai a toda a gente.

– Já o fizemos, ninguém viu nem ouviu nada.

– Isso não é possível; temos de encontrar alguma testemunha.

– Esfolaram-no; isso exige alguma prática, tem de ter sido um dos seus trabalhadores – afirmou Diosdado –, tem de ser isso! É melhor insistir até que algum deles confesse; podemos dizer-lhes que, se não nos contarem nada, fecharemos a alcaçaria e morrerão à fome.

– Sossega, Diosdado – pediu Alejandro de Ferrellón. – Temos de ter cuidado, os grémios são complexos.

O aguazil-geral ainda não podia imaginar como tinham conseguido esfolar um homem vivo; já vira crueldades na vida, mas aquela superava-as a todas.

– Tu! O que estás aí a fazer? – perguntou, chamando à atenção um dos seus homens, que estava junto à carroça.

– Estava só a examinar o corpo.

– Que nojento! Por amor de Deus! Levem-no já para enterrar – ordenou Alejandro de Ferrellón. – Lízer, o que andas tu a fariscar? Ainda ninguém te disse que podias opinar.

Aquele jovem tinha chegado pouco tempo antes; aparentemente ia para padre, mas saíra antes de ser ordenado. Talvez por isso, era pouco falador; cumpria as suas tarefas, fazia as rondas e era obediente. Raramente o viam acompanhado, nem ia às tabernas nem frequentava mulheres. Um par de vezes, em que não tivera outro remédio a não ser fazê-lo, tinham-no visto brandir a espada e, pelo

que diziam, parecia hábil.

– Nada – respondeu Lízer, sem deixar de o contemplar. – Tiraram-lhe a pele de uma maneira... É incrível...

– Alguém do grémio tinha alguma coisa contra ele e cobrou bem a vingança – afirmou Diosdado, baixando a cabeça.

– Porque pensais que foi um trabalhador da alcaçaria? – perguntou Lízer.

– Quem mais saberia esfolar um homem? – gritou Diosdado. – Cala-te! Dedicar-te a obedecer, entendido?

– Sim, senhor, mas tende em conta que, se alguém próximo quisesse matá-lo, o melhor seria fazê-lo de outra forma para que não suspeitassem.

– E o que saberás tu? – Diosdado fitou-o, enfurecido.

– O rapaz tem razão – disse o aguazil-geral, pensativo. – Não foi alguém do grémio. Porque torturarias tu alguém dessa maneira?

– Não sei, é algo que não posso sequer imaginar – respondeu Diosdado.

– Eu sim; só pode haver uma razão para tal martírio – disse Alejandro de Ferrellón, coçando o queixo e observando novamente o cadáver. – Obrigá-lo a confessar alguma coisa.

– Isso é rebuscado – observou Diosdado, cuspiendo para o solo.

– Chama o primeiro oficial do grémio, quero falar com ele outra vez.

Diosdado obedeceu de imediato e foi novamente buscar Bermudo, que regressou mal-humorado.

– O que foi agora? Eu não sei nada do que aconteceu, volto a repetir; além disso, estava em casa com a minha mulher e os meus filhos.

– Calma, não tens nada a temer, mas preciso da tua ajuda – disse Ferrellón, tentando apaziguá-lo. – Vais contar-me que segredos esconde uma alcaçaria

como esta.

– Como? Não vos compreendo.

– Serei mais claro – disse ele, com um suspiro resignado. – Porque queriam torturar o mestre desta oficina?

– Não... Não saberia dizer-vos.

– Ouve bem! Mataram um dos meus homens e o teu mestre foi esfolado vivo! Por isso, é bom que saibas algo mais, ou fecharei a oficina.

– Nós... – respondeu Bermudo, hesitante. – Somos a única alcaçaria da cidade; sabeis como funciona um grémio, temos os nossos segredos, caso contrário...

– Caso contrário, qualquer um saberia curtir peles – continuou Alejandro de Ferrellón. – Isso já me disseste. Poderia alguém matar para descobrir esses conhecimentos?

– Matar... Sim, é claro que poderia.

O aguazil-geral mudou de expressão.

– Diosdado! Descobre quem mais vende peles na cidade, curtidas ou por curtir. Espera, e também quem as vendeu em algum momento e que caçadores costumam trazer peles à cidade, tanto de forma legal como ilegal.

– Assim farei.

– Mais uma coisa, Bermudo, o símbolo de um círculo com um ponto no centro significa algo para ti?

– Não, senhor.

Lízer saiu para o exterior da alcaçaria, agachou-se e, com a ajuda dos seus dedos, desenhou na terra o símbolo descrito pelo aguazil-geral. Ficou a contemplá-lo e depois ergueu o olhar para o céu, onde o Sol brilhava.

Capítulo Quatro

Lízer estava há apenas um par de anos em Albarracín, chegara com o firme propósito de conquistar um lugar entre os aguazis da cidade e ir subindo. Para isso, contava com a sua habilidade com a espada, mais própria de um homem de armas do que de um aguazil.

Dada a sua inexperiência, tinham-no posto como parceiro do mais veterano da companhia, o Diosdado. Inicialmente, parecera-lhe boa ideia, quem melhor para o ensinar do que ele, que conhecia cada palmo daquela cidade? Do que não lhe tinham falado era do seu temperamento variável e da sua facilidade para perder a calma.

A morte de Ordoño, o mestre curtidor, desencadeara uma vaga de preocupação nas ruas. Assim, Alejandro de Ferrellón ordenara-lhes que as rondassem, que se deixassem ver, para dar segurança à população, muito propensa às confabulações e a deixar voar a imaginação mais do que era sensato.

Avançaram pela rua de San Juan, passando por baixo da velha alcáçova muçulmana, até à torre de Dona Branca, num dos extremos da cidade. Depois, viraram pela de Santa María, parando frente à catedral. Aí, havia muita gente e era onde mais deviam ser visíveis.

Diosdado falava pouco, resmungava, parecia constantemente enfadado. Só soltava a língua na presença do aguazil-geral, e só diante dele mostrava algum comedimento. O resto do tempo era como um vulcão prestes a entrar em erupção.

– Hoje é dia de mercado, vamos para lá – murmurou.

Lízer obedeceu imediatamente; aproveitaram para ir pelo adarve da muralha, onde as sentinelas estavam de guarda. A vista de lá era bela, as montanhas que rodeavam e protegiam Albarracín transmitiam uma agradável sensação de paz e

de harmonia.

Após descerem por uma das escadas de madeira e avançarem mais alguns passos, chegaram ao mercado e pararam diante das primeiras bancas.

– Hoje há menos gente do que o habitual – resmungou Diosdado, com os braços apoiados nas ancas.

– Talvez a mercadoria não seja boa.

– Não é isso – murmurou ele.

– Devíamos inspecionar a carne e o leite, o queijo e a manteiga. É trabalho nosso.

– Não, é trabalho meu – advertiu Diosdado, olhando-o fixamente. – Há trinta anos que me encarrego de vigiar a sua qualidade e as condições higiénicas de venda. E também da lã e das peles da montanha. Não deves preocupar-te com isso.

– E o peixe?

– O que é do rio, trutas, barbos e peixe miúdo, é fornecido por muitos homens que se dedicam esporadicamente a vendê-lo pelas ruas da cidade ou nas suas próprias casas. – Diosdado avançou pelo mercado. – Isso podes vigiar, tal como a caça. É muito abundante nos montes vizinhos e vendem-na em bancas improvisadas.

– Suponho que trarão perdizes, lebres e coelhos.

– Sim, e também pombos. Além disso, há camponeses que vêm à cidade nos dias de mercado com as suas aves de capoeira, galinhas e capões.

– E se não conseguirem vendê-las?

– Ao fim do dia liquidam-nas, oferecendo-as mais baratas para não terem de regressar com elas às suas terras. – Parou e olhou para Lízer. – Ouve bem, onde

não quero que te lembres de meter as garras é no vinho. É um assunto muito complicado, trato eu pessoalmente dele, que fique bem claro.

Nesse momento, ouviram-se gritos provenientes de uma das ruas vizinhas. Diosdado ficou imediatamente alarmado e correu para lá. Lízer, apesar de ser mais rápido, decidiu que era melhor segui-lo sem se adiantar.

Não tardaram a avistar uma coluna de fumo e a sentir um intenso cheiro a queimado. Ao avançarem mais, encontraram um casarão a arder, não tinha muitos vãos na fachada, mas o telhado de madeira ardia como o próprio inferno.

– Rápido, formai uma corrente! Temos de trazer água do tanque! – Diosdado começou a organizar os homens que iam chegando. – Tu! – exclamou, travando um dos que fugiam. – Está alguém lá dentro?

– Não sei, não vimos sair ninguém...

– Maldição! Põe-te aí e ajuda-nos, não sejas covarde! – gritou Diosdado, empurrando-o para a frente.

Deu ordens para que trouxessem todos os baldes e recipientes que pudessem ser usados, e para que as mulheres e crianças se afastassem dali.

– Pode ainda haver alguém no interior! – exclamou Lízer, correndo para o edifício em chamas.

Diosdado estava demasiado ocupado a organizar o desdobramento e a pedir mais ajuda. Por isso, não viu como o jovem aguazil se aproximava do incêndio e dava um pontapé na porta, fazendo-a ceder e adentrando-se no fogo.

Dentro da casa, mal se podia respirar. Lízer rasgou rapidamente o saio e protegeu a boca com o pedaço de tecido.

– Está aí alguém? Conseguis ouvir-me? – gritou entre o intenso fumo e um calor asfíxiante. – Sou aguazil, gritai para que vos possa ouvir!

Não parecia estar lá ninguém. O edifício não tardaria a desabar, cada vez lhe custava mais a respirar e a temperatura era já insuportável.

Nesse momento, ouviu tossir, tinha a certeza de que o tinha ouvido. Mas a fumarada impedia-o de ver a dois palmos de distância; ainda assim, dirigiu-se a uma porta que ainda resistia em pé. Na parede, estava pendurado um grande espelho que refletia as chamas. Foi então que se apercebeu da presença de uma pessoa.

Estava estendida no solo. Lízer correu para ela, agachou-se e agarrou-a pela nuca.

Era uma mulher. Tinha perdido os sentidos.

– Vou tirar-vos daqui! – gritou ele, enquanto tirava a capa negra e a envolvia nela.

Parecia estar a dormir, tinha a pele brilhante. Atraíram-no os seus longos cabelos e a forma do seu rosto.

Não podia continuar a contemplá-la, tomou-a nos braços e levantou-se. Uma viga soltou-se atrás deles e vários destroços caíram-lhe aos pés. Saltou-lhes por cima e desatou a correr, mas um dos cabeçais cedeu, bloqueando-lhe a saída. Não tinha tempo a perder, protegeu a cabeça daquela jovem, ganhou impulso e investiu com o ombro. Derrubou o obstáculo e caiu aos rebolões, tendo a sorte de acabar por sair para o exterior, apesar de ter sofrido um terrível golpe na testa.

Ficou aturdido, tentou abrir bem os olhos, mas só chegou a ver duas pupilas de cores diferentes que se esbatiam antes de desmaiar frente à casa.

Acordou-o um balde de água na cabeça.

– Pode saber-se em que estavas tu a pensar? – Reconheceu imediatamente aquela forma de gritar. – És o maior estúpido que alguma vez chegou a esta

cidade!

– Deixa-o estar, Diosdado. – A imagem de Alejandro de Ferrellón desenhou-se diante dele. – Estás bem, rapaz?

– Sim. – Doía-lhe a cabeça. – Acho que sim. O que aconteceu?

– O Diosdado salvou-te, tiveste a brilhante ideia de entrar na casa, por pouco não sobrevivias para o contar.

– E a mulher? – perguntou Lízer, ainda desorientado e dorido.

– Qual mulher?

– A que eu tirei da casa, está bem?

– Lízer, não saiu ninguém daquele edifício – respondeu o aguazil-geral, confuso. – Achamos que estava lá dentro um velho muçulmano, terá sido consumido pelas chamas. Mas garanto-te que não saiu nenhuma mulher do interior e esse homem vivia sozinho, era um velho solitário que não saía de sua casa.

– Não pode ser, eu vi-a, envolvi-a na minha capa...

– Tu és é um estúpido! Um enorme estúpido! – insistiu Diosdado, enervado.

– Inalaste muito fumo e deste uma grande pancada, agradece a este resmungão. Ainda que agora vás ter de aguentar que ele to recorde todos os dias... Algum preço teria de ter. – E Alejandro de Ferrellón sorriu.

Capítulo Cinco

O casarão mais monumental de toda a Albarracín pertencia à família Heredia desde que esta se instalara na cidade, à qual tinha chegado seguindo o primeiro dos Azagra, a linhagem que a governara até à recente chegada da Casa de Lara. Tratava-se de um edifício dotado de uma ampla fachada, com quatro vãos no primeiro andar para dar luz à zona nobre, uma vez que a fachada superior contava apenas com umas estreitas aberturas verticais. Tinha um acesso numa porta em arco de volta perfeita com aduelas. Era uma construção austera, mas imponente nas suas dimensões. A zona mais afastada da porta parecia algo deteriorada. Havia outra construção anexa, de má qualidade, que também dava a impressão de não ser muito utilizada.

Pablo de Heredia era o senhor da linhagem, e um dos cavaleiros mais conhecidos da cidade. Ainda que, desde a chegada dos castelhanos, a família tivesse vindo a perder importância no governo do senhorio.

Ainda assim, os Heredia continuavam a contar com uma destacada influência entre os habitantes da cidade e a sua opinião era sempre digna de ter em conta. Pablo de Heredia tinha apenas um filho, Atilano. Era viúvo pela terceira vez e os seus outros filhos tinham falecido de forma prematura devido a diversas causas; o seu primogénito tivera a infelicidade de cair de uma escarpa. Era a sua maior tristeza, pelo que pusera todo o seu empenho em fazer com que Atilano se convertesse num digno sucessor para a sua linhagem. Apesar de ser um filho ilegítimo, ante a falta de mais descendência e com o coração partido pela perda das três mulheres que amara, tinha-lhe concedido o seu apelido.

Atilano era um jovem distinto e de boa estatura; muito moreno, traço pouco habitual nos Heredia, que eram louros, de pele pálida e olhos claros. Aparentemente herdara o físico da mãe, uma criada daquela casa que morrera quando ele ainda era pequeno.

Já nada disso importava; era seu filho e devia prepará-lo para isso. Às vezes, lamentava-se por não o ter feito antes, pois era um jovem algo ingénuo, com pouca iniciativa, apático. Mas ainda acreditava que podia fazer dele um digno sucessor da Casa de Heredia.

Nessa manhã, tinha chegado um mensageiro de Teruel. Pablo de Heredia mantinha bons contactos nessa cidade, tal como noutras, como Barcelona, Cuenca ou Valência.

– A informação é poder, filho – dizia-lhe, antes de abrir o pergaminho. – Temos de saber bem o que se passa fora destas muralhas, tudo tem a sua influência. Um pequeno movimento em Pamplona pode criar um vendaval que acabará por devastar a bela cidade de Sevilha.

– Sim, pai.

Pablo de Heredia leu pausadamente as notícias; à medida que o fazia, ia-se-lhe azedando a expressão do rosto. Ainda assim, continuou até ao fim.

– Ao ler estas letras, fico cada vez mais convencido de que a posição da Coroa de Aragão só pode levar a um conflito com o Santo Padre. – Fez um gesto de desaprovação. – A luta entre o Pontificado e o Império encontra-se no seu auge. Os papas contra os Hohenstaufen, a Casa que outrora envergava a coroa imperial e que conseguiu dividir a Península Itálica em duas fações distintas; Sicília e Nápoles apoiavam os Hohenstaufen, e o resto de Itália, o papa – afirmou. – Agora, tudo mudou.

– Roma fica muito longe, não deveríamos preocupar-nos com o que acontece mais perto?

– Santo Deus, filho! Tens muito que aprender! – lamentou-se Pablo de Heredia. – Temos fronteira com Aragão e Castela e, na luta pelo controlo do Império, entram em jogo tanto aragoneses como castelhanos. A Casa de Aragão

é austera, longe do requinte e do fausto imperial, mas formada por guerreiros extraordinários.

– Já não é o que era; os seus territórios foram divididos.

– Sim; Jaime I fez tantos testamentos que já não se sabe qual é o legítimo. No último, dividiu o seu reino; o infante Pedro herdou Aragão, a Catalunha e Valência; e o seu outro filho, Jaime, herdou Maiorca, Montpellier, Roussillon, a Cerdanha e os restantes condados do norte dos Pirenéus.

– Porquê essa obsessão em dividir os seus territórios? – murmurou o seu filho.

– Que motivo o levou a cometer um erro desses?

– Jaime, *o Conquistador*, era rei, mas era também um homem, sujeito às misérias de qualquer outro homem, talvez até mais. Quando fores pai, compreenderás.

– Mutilar assim a coroa só serviu para criar um estado fictício com territórios separados entre si. Maiorca, Montpellier e os condados pirenaicos, que não podem ser defendidos ao mesmo tempo se forem atacados.

– Uma loucura, sim. Mas a loucura de um rei – respondeu Pablo de Heredia.

– Infelizmente para nós, o seu filho não é tão imprudente como ele. Ao novo monarca da Coroa de Aragão, o título de rei não o fascina, nem o fausto e a pompa da realeza. O que atrai Pedro III é o poder que isso implica, e isso é terrivelmente perigoso.

– O poder?

– Assim é; não se deixa tentar pelo material, e poucos são os reis que conseguem abstrair-se disso. Homem que não podes comprar é homem de quem deves ter cuidado – continuou Pablo de Heredia. – Interessa-lhe tão pouco o título de rei que, durante algum tempo, continuou a usar o título de infante. Pedro III não é como o pai; é obscuro, complexo, sempre um passo à

frente dos outros. Não é preciso procurar na sua pessoa caprichos nem anseios para compreender as suas decisões; ele jamais teria dividido o reino. Tudo o que faz tem uma motivação de alto nível; por isso devemos estar bem informados, nunca se sabe.

Bateram à porta.

– Entrai – ordenou Pablo de Heredia.

Um criado de nariz pontiagudo e olhos negros entrou na divisão. Estava bem vestido e baixou a cabeça ao chegar diante do nobre.

– Meu senhor, outra morte intramuros. Desta vez, foi na padaria...

– O que aconteceu? Fala de uma vez! – exigiu ele, enervado.

– Acho que queimaram Beltrán, o mestre padeiro.

Capítulo Seis

A padaria situava-se perto do antigo *souk*, que era agora o mercado. O pão era-lhe fornecido por vários fornos situados mesmo à beira do rio. As oficinas tinham sido construídas longe da povoação, devido ao alto risco de sofrerem incêndios e para estarem mais perto dos moinhos onde era moído o cereal. Ainda assim, desde há décadas que aquela padaria tinha autorização para ter um forno intramuros.

Fora no início do século que surgira o interesse em controlar o número de padarias, de modo que a cidade nunca ficasse desprovida de pão. O segundo Senhor de Albarracín chegara mesmo a permitir exclusivamente aos padeiros a possibilidade de trabalharem de noite, uma vez que o trabalho noturno estava proibido no resto da cidade.

Alejandro de Ferrellón entrou na padaria e, com cara de poucos amigos, dirigiu-se à parte mais profunda do local. A cor do seu cabelo destacava-se sobremaneira com aquelas roupas negras, proporcionando-lhe um aspeto de homem astuto e sabedor do que tinha em mãos.

Parou junto a umas mesas de trabalho. Estendido no chão, estava um corpo carbonizado.

– Diosdado! Tapa isso, por amor de Deus, não tem de ser visto por todos.

– Sim, senhor. – O aguazil estendeu uma manta sobre o mestre padeiro.

– Agora não! Tenho de o examinar... Depois! Quanto eu tiver terminado – resmungou o aguazil-geral.

Alejandro de Ferrellón agachou-se e perscrutou silenciosamente o cadáver. Tinham-lhe amarrado as pernas e os tornozelos com umas correntes, de modo que era impossível que tivesse conseguido escapar. Também tinha os pulsos presos, mas não com metal e sim com uma corda, que ardera em grande parte.

Era um método de imobilização muito diferente do da parte inferior do corpo.

Sem dizer nada, levantou-se e dirigiu-se ao forno.

– Diosdado, entra ali – ordenou, ante o olhar hesitante do seu oficial. – Ouviste o que eu disse.

– Mas...

– Não te preocupes, não o vamos acender, ainda que não seja por falta de vontade – insinuou o aguazil-geral.

Diosdado engoliu em seco e inclinou-se para entrar pela boca do forno; era um espaço amplo no seu interior, e ainda cheirava intensamente a carne queimada. Apenas por um momento, Diosdado imaginou como seria morrer daquela maneira terrível.

– O que vês?

– Nada, senhor.

– No teto, diz-me se vês alguma coisa.

Diosdado teve uma sensação de opressão; começou a custar-lhe a respirar, transpirado e nervoso, começou a sentir uma dor no peito.

– Diosdado!

Os gritos do seu superior só faziam com que o seu sufoco aumentasse; sentia-se a asfixiar, começou a ficar com a cabeça à roda. Uns braços puxaram-lhe as pernas e tiraram-no do forno.

– Que desastre! Vou ter de fazer tudo sozinho? – exclamou Alejandro de Ferrellón, empurrando o seu adjunto para o lado.

Diosdado estava pálido, transpirava e respirava com dificuldade.

– Esperai, senhor – interrompeu-o Lízer, de surpresa. – Eu próprio fá-lo-ei.

– Tu? – O aguazil-geral perscrutou-o com desconfiança.

O jovem Lízer, a quem só encarregavam de vigilâncias e tarefas menores, mostrava uma iniciativa invulgar. Isso agradava-lhe; sabia distinguir um homem valente. Ainda que o preocupasse que fosse um sinal de temeridade. Entrar naquele edifício em chamas fora uma autêntica loucura, mas o rapaz tinha coragem e isso agradava-lhe.

– Posso fazê-lo.

– Está bem, não me quero sujar – afirmou o aguazil-geral. – Por isso, salta lá para dentro e diz-me o que há no teto.

Lízer obedeceu; arrastou-se para o interior do forno e, uma vez lá dentro, virou-se para o examinar.

– Preciso de uma vela – pediu.

Diosdado, mais calmo mas ainda envergonhado, passou-lhe uma, e o jovem ajudante examinou aquele forno, apesar de não saber ao certo o que devia procurar.

– Rapaz – chamou o aguazil-geral.

– O que quereis saber, senhor?

– Há arranhões? No teto ou nas paredes, ou mesmo atrás da porta, vê bem!

– Não saberia dizer-vos. Esperai... – Lízer demorou algum tempo. – O que vejo são como que...

– O quê? O que vês?

– Parecem umas manchas em forma de... Acho que são impressões, como que de mãos.

– Merda! São vermelho-escuras?

– Sim, senhor – respondeu Lízer, passando os dedos por elas e apercebendo-se

de algo mais.

Alejandro de Ferrellón deixou o forno e dirigiu-se ao cadáver do mestre Beltrán; o corpo ficara totalmente rígido devido à carbonização. Agachou-se e examinou as mãos do defunto.

Entretanto, Lízer saiu a tossir do forno e viu como o aguazil-geral regressava para junto dele.

– Também há restos de carne queimada junto às manchas, senhor.

– Sim, imagino que sim – afirmou Alejandro de Ferrellón. – Este homem foi queimado vivo.

– Santo Deus! – exclamou Diosdado, benzendo-se. – Quem pode ter feito uma barbaridade dessas? Esta cidade enlouqueceu?

– O Maligno! Foi ele, o Maligno! – exclamou um dos trabalhadores da padaria.

– Parece que sim; a cidade enlouqueceu por completo – murmurou Alejandro de Ferrellón ante aqueles gritos.

– Há gente que o viu de noite, esconde-se debaixo de uma capa negra, mas é ele – continuou aquele padeiro, um homem vulgar de olhos salientes, vestido com um simples saio. – O Maligno está em Albarracín! O Maligno está em Albarracín!

– Tirei-o daqui – ordenou Alejandro de Ferrellón.

– É o Malig...! – Diosdado desferiu-lhe um golpe com um cacete tirado de uma das mesas de amassar e o padeiro caiu inconsciente.

– Menos mal – suspirou Alejandro de Ferrellón.

– E se ele tiver razão, senhor? – perguntou Diosdado, para sua surpresa. – Estas mortes são todas... estranhas, terríveis, impróprias de um cristão.

– Tu não, Diosdado, por favor. – O aguazil-geral resfolegou. – Não quero ouvir mais disparates, interrogai todos os trabalhadores da padaria. Dois assassinatos em grémios diferentes; isto vai trazer-nos muitos problemas na cidade.

Observou o forno; imaginou o mestre padeiro a arder no seu interior, tentando escapar, gritando como um animal...

A alcaçaria ficava na periferia, junto ao rio. Era certo que vivia lá pouca gente. Mas a padaria ficava numa zona muito povoada e, ainda assim, os vizinhos garantiam não ter ouvido nada.

Era desesperante.

Ferrellón percorreu a padaria; tudo parecia normal para um sítio como aquele. O mobiliário, os sacos de farinha, as pás para introduzir a massa no forno, as facas para a cortar.

Voltou ao forno, observou a lenha cortada disposta à direita e a mesa do outro lado, onde deviam deixar os pães cozidos. Diante dele, estava o portão de ferro. Rodou a trava, bloqueou-a e voltou a abri-la. Foi então que se apercebeu de que havia um rasto do outro lado, mesmo à beira da embocadura. Era um círculo desenhado, mas diferente do da alcaçaria.

Dirigiu-se a uma das mesas de trabalho e pegou num utensílio, um pincel fino. Regressou ao forno e começou a limpar a parte exterior da câmara de cozedura, mesmo ao lado do portão, não muito para dentro.

Estava difuso.

Não conseguia vê-lo bem a partir dali.

Olhou em volta.

– Lízer, vem cá outra vez – ordenou. – Entra novamente e procura algo para

desenhar.

– Desenhar?

– Sim, um carvão como os que usam os mestres de obras, ou os pintores para os esboços, compreendes?

– Muito bem, fá-lo-ei.

Sem pedir mais indicações, o jovem encolheu-se para aceder de novo ao interior. Alejandro de Ferrellón mostrou-se agradado com a determinação do jovem aguazil. Voltou a olhar para aquele círculo. Lízer tardava em sair, e ele ficou nervoso, até que finalmente os pés do rapaz apareceram, seguidos de todo o seu corpo.

Na mão, segurava um pequeno carvão.

– Julgo que era isto que procuráveis, senhor.

– O que vês tu aqui? – perguntou o aguazil-geral, indicando-lhe a base ao lado do portão.

– Um círculo, com um traço saliente.

– Outro círculo... – murmurou Ferrellón, olhando novamente para ele.

– O que significa? – perguntou Lízer, ante o desânimo do aguazil-geral.

Alejandro de Ferrellón não respondeu.

Capítulo Sete

Guillermo Trasobares olhou para o céu com desconfiança; herdara de seu pai, e este do dele, a capacidade de prever tempestades. Era um dom muito apreciado na família; quase uma prova que confirmava que partilhavam o mesmo sangue. Por isso, sabia que se aproximavam chuvas e que devia apressar-se a vender as suas valiosas mercadorias.

Os negócios iam cada vez melhor; ao abrigo das cidades episcopais e dos burgos senhoriais, onde as condições para o tráfego comercial eram ótimas, o comércio prosperava como nunca. Os mercadores chegavam em número cada vez maior e instalavam-se nos arrabaldes. A prosperidade económica transformava as terras de cultivo anexas à cidade em solares edificáveis. O centro da cidade estendia-se da catedral e do castelo em direção ao rio.

Era como no tempo dos mouros, quando a atividade no *souk* guiava a vida quotidiana de Albarracín.

Nesse dia, Trasobares tentava ensinar parte do ofício ao seu filho Rodrigo, que, aos vinte anos, ainda não tinha desenvolvido a habilidade familiar, o que preocupava seriamente o seu progenitor.

– As pessoas pensam que o comércio a longa distância é a maior fonte de rendimentos, que é onde mais benefícios obtemos, mas não é assim. Os produtos distantes são difíceis de conseguir, caros de transportar, dão problemas e nem sempre são de boa qualidade.

– Mas as pessoas procuram-nos, pai.

– Perguntam por eles, sentem curiosidade, admiração até, mas há uma maneira mais fácil de obter riqueza – explicou Trasobares ao seu filho. – Verás, Rodrigo, já é tempo de começares a prestar mais atenção ao negócio.

– Sim, pai.

– Chegará o dia em que isto será teu, e em que eu não estarei cá para te ajudar, compreendes?

– Com certeza.

– O que é preciso fazer é ir aos lugares onde tenha havido grandes colheitas, onde até lhes tenha sobrado cereal para alimentar os seus animais. Aí, as crianças nascem mais fortes, crescem mais saudáveis, os mais velhos adoecem menos e os idosos são mais longevos. Isso fará com que possam produzir mais mercadorias e, ao mesmo tempo, possam comprar mais. Temos de ir aos lugares prósperos, e sem boas colheitas, não há prosperidade possível, filho.

– Esta cidade está totalmente amuralhada.

– Muito melhor!

– Porquê?

– Para o comércio é importante que os cidadãos se sintam seguros, para que vais comprar um pano novo se não tens a certeza de continuar vivo no dia seguinte? O que as pessoas mais odeiam é qualquer tipo de incerteza. As mudanças são terríveis para o negócio, precisamos de governantes que vivam muitos anos, ainda que sejam uns imbecis.

– Mas, pai, isso não faz sentido...

– E desde quando é que a opinião de um povo faz? Não imaginas como são maleáveis as vontades dos homens – afirmou Guillermo Trasobares –, logo te irás apercebendo de quão perigosas são as palavras, do mal que podem fazer nas mentes mais débeis. Albarracín parece tranquila, mas de certeza que não fazemos a mínima ideia dos perigos que esconde. E acredita, por mais ocultos que estejam, acabam sempre por vir à luz.

– A mim, agrada-me esta cidade e este Sol – disse Rodrigo, apontando para o céu. – Oxalá não chova.

– Veremos – respondeu Guillermo Trasobares, amaldiçoando a sua sorte e, sobretudo, a sua mulher. – Faz o favor de ouvir bem o que te disse. O comércio dos produtos da terra é a nossa maior fonte de riqueza; assim, as vendas de cereais, gado e panos procedentes do campo devem ser a tua maior preocupação, e o vinho!

– Entendi, pai.

– O comércio que vem por mar não é rentável; houve um tempo em que o Mar Mediterrâneo era só um lago rodeado por um império, e depois por países cristãos, mas isso já passou. Agora, é um mar que separa dois mundos e não vale a pena atravessá-lo – advertiu. – É aqui que está a nossa oportunidade, nos produtos da terra.

– Há pouca gente, e não há nenhuma feira grande?

– A feira é anual, dura quinze dias e é celebrada na semana anterior e na seguinte ao Pentecostes. Mas não deves deixar de lado o mercado semanal, como o de hoje. É aqui que a cidade se abastece, por isso tem umas ordenanças em que se determina o lugar que cada mercador deve ocupar na praça: a banca do pão ou a das hortaliças, uma para cada tipo de mercadoria; e o centro está reservado para a venda de gado, aves, madeira e objetos de vidro.

– E não é perigoso? Ir ao mercado todas as semanas... Há sempre ladrões e bandidos perto das cidades.

– Vejo que me prestas alguma atenção quando te falo; que consolo me dás, filho – suspirou Trasobares. – Deves saber que, nesta cidade, os mercadores gozam de proteção não só nos dias de mercado, mas também durante as viagens de ida e volta. Além disso, também não podem prender-nos por dívidas. Mas há algo que é sagrado para um comerciante, um acordo é um acordo, se dermos a nossa palavra no mercado, devemos cumpri-la.

– Às vezes, não o fazemos...

– Shhh! Estás louco? Se alguém te ouve a dizer isso, estamos perdidos; nós cumprimos sempre a nossa palavra, entendido?

– Mas na outra semana fomos embora sem...

– Mande-te calar, Rodrigo! Ou queres arruinar-nos? Não podemos provocar nenhuma alteração. Já vi mercadores serem açoitados ou encarcerados por muito menos, uma vez até obrigaram um a pagar mil maravedis de multa.

– Desculpa, pai.

– Além disso, tal como em Castela, também aqui se beneficiam a si mesmos antes de ajudarem os de fora. Às vezes, até proibem a entrada de vinho de outros lugares para que os produtores de cá possam vender o seu. – Olhou para um lado e para o outro para se certificar de que ninguém o ouvia, baixando ainda mais o tom de voz. – Cheguei mesmo a ver que os que vinham de longe da cidade para comprar cereais tinham de levar uma arroba de vinho por cada fanega de pão adquirida.

– Pai, nós vendemos vinho de todos os lados.

– Naturalmente.

Um aguazil com ar de poucos amigos parou diante da banca e fitou-os com fastio. Era um homem de testa larga, com umas sobrelhas frondosas e uma ligeira cor avermelhada nas bochechas. Do seu cinto, pendia um bastão e, do outro lado, uma adaga com uma boa bainha.

– O que vendeis hoje, Trasobares?

– Nozes, amêndoas, e também peles e ferramentas.

– Estou a ver. E vinho? Vinho de fora?

– Não; só de cá.

Começou a tocar em toda a mercadoria, deixando Guillermo Trasobares muito nervoso.

O comerciante ergueu um canastro de amêndoas e Diosdado apanhou disfarçadamente uma bolsa que havia por baixo.

– Saístes da cidade? – perguntou o aguazil.

– Porque perguntais, meu senhor?

– Em dia de mercado, é proibido comprar seja o que for para revender, tanto no mercado como três léguas em redor da cidade, sob pena de que tudo quanto assim comprardes o percais pela primeira vez, pagando além disso trezentos maravedis, e pela segunda, pagueis seiscentos maravedis, e à terceira, seiscentos maravedis e serdes desterrado desta terra pelo prazo de um ano. É por isso que pergunto.

– Perfeitamente, meu senhor. Não saímos, não.

– É bom que não – resmungou o aguazil. – Soubestes das mortes? – perguntou.

– Não se fala noutra coisa, uma na padaria e outra na alcaçaria. O que se sabe dos responsáveis?

– Ainda estamos a tratar disso.

– Há alguma testemunha?

– Não. O que ouvistes, Trasobares? O que se diz? – murmurou o aguazil num tom mais amigável.

– Pouca coisa, Diosdado. Histórias...

– Que tipo de histórias?

– Dizem que, de noite, se vê um espectro a passear pelas ruas – respondeu o comerciante.

– Um fantasma?

– Não, é mais como uma sombra. São vários os que garantem que uma sombra percorre a cidade de madrugada, mas já sabeis como são as pessoas...

– E pensam que essa sombra é o assassino?

– Não vão tão longe, ainda que se juntarmos as duas coisas... Há muitos boatos. Isso não é bom para o negócio. Ides aumentar a vigilância? – perguntou ele em seguida, num tom discreto.

– Temo que sim, já não poderei proteger-vos tanto. Tereis de ter mais cuidado, pelo menos até haver um culpado.

– E quando poderá isso ser?

– Quem sabe? A última coisa que o governador quer é afugentar o comércio, mas... As pessoas não ficarão descansadas enquanto não encontrarmos o responsável.

– Não podemos parar agora, não neste momento – disse Guillermo Trasobares, apertando as mãos. – Se as pessoas querem um culpado, haverá que lhes dar um.

Diosdado partiu sem dizer mais nada.

Guillermo Trasobares virou-se; ao não encontrar o filho, começou a procurá-lo e encontrou-o atrás de uns sacos a dar de comer a um gato pardo.

– Pode saber-se o que estás a fazer?

O filho deu um salto devido ao susto; o gato, em contrapartida, não se mexeu e continuou a comer.

– Nada, pai.

– Como te passa pela cabeça desaparecer para dar a nossa comida a um maldito gato?

– É que está sempre aqui... Só lhe dei umas sobras.

– Umas sobras? Sobras vais tu comer até atinares!

– Desculpa, pai; é muito meigo. Dei-lhe muito pouco – choramingou Rodrigo.

– Meigo, disseste tu? A sério que disseste meigo? – perguntou Trasobares enquanto tirava o cinto. – Eu já te vou dar umas carícias, mas das boas.

Ergueu o braço e sacudiu toda a sua ira contra o filho, que mal teve tempo de se proteger antes de cair ao chão.

– És um inútil! Um maldito inútil! Um mandrião! – Voltou a açoitá-lo, enquanto Rodrigo não parava de chorar. – Desta vez vais ver como é!

Então, o gato bufou ao comerciante.

– Maldito animal do demónio! – Trasobares dirigiu-se a ele e desferiu-lhe um pontapé que atirou o animal contra a parede. O gato soltou um miado de dor.

– Basta! Para, pai. – Rodrigo agarrou-lhe no braço antes que pudesse bater-lhe novamente, dando tempo ao gato para fugir, magoado.

– Está bem, mas não voltes a gastar a nossa comida, entendido?

– Sim, pai.

Capítulo Oito

Uma carruagem solitária acedeu à cidade pelo caminho de Saragoça. Parou diante dos guardas; o cocheiro mostrou um documento lacrado com o selo episcopal. O transporte prosseguiu sem mais demoras, subiu uma íngreme ruela até à catedral e aí se deteve. Abriu-se uma portinhola do lado direito. Uma figura saiu lentamente do seu interior. Usava uma capa negra e tinha um capuz a esconder-lhe o rosto. O cocheiro pegou num pesado baú que ia amarrado na parte de trás e arrastou-o até à porta de acesso ao palácio episcopal.

O visitante bateu três vezes à porta e o som ecoou pela noite. Um jovem sonolento demorou a abrir.

O recém-chegado tirou o capuz, deixando a descoberto a tonsura da sua cabeça e uns olhos cinzentos encovados num rosto enrugado pelos anos. Abriu a capa, deixando ver o seu hábito branco, do qual pendiam um escapulário e um rosário preso ao cinto, e mostrou uma carta ao jovem.

O rosto do noviço empalideceu e as suas pupilas ficaram tão brilhantes como o sol de agosto. Ajoelhou-se imediatamente e procurou com ardor a mão do recém-chegado para a beijar com humildade e nervosismo. Demorou a levantar-se, mantendo a cabeça baixa; balbuciando, dirigiu-se a outra porta, atrás da qual desapareceu precipitadamente.

O viajante não pareceu surpreendido nem desagradado; aproveitou para dispensar o cocheiro, após este ter depositado o baú dentro do edifício. Uma vez sozinho, o homem observou as longas vigas de madeira que sustentavam o teto. Eram de boa dimensão, de nogueira, certamente, e tinham um espaçamento de pelo menos quinze pés. Sem se mexer, percorreu o vestíbulo com um olhar atento, estudando todos os pormenores que o rodeavam.

O noviço apareceu novamente, cabisbaixo e preocupado. Atrás dele, surgiu

outra figura que o ultrapassou com passos fortes e seguros. Era jovem e tinha um porte diferente, interessante, pois via-se nos seus modos uma educação cuidada. Parecia mais sereno e procurava não se mostrar intimidado. O seu visitante apercebeu-se disso ao ver como escondia as mãos atrás das costas, a forma como inspirava antes de falar e como esboçava um falso, mas estudado e eficaz, sorriso num rosto amável, imberbe e limpo.

– Eminência. – Apoiou-se sobre o joelho direito para lhe beijar a mão. – Sou o padre Martín; é um prazer e uma honra – salientou – receber-vos, só vos esperávamos daqui a alguns dias.

– Obrigado; podes chamar-me Frei Esteban; é para mim uma alegria visitar esta cidade e a sua catedral, cuja magnificência ultrapassou estas montanhas.

– Sou eu quem vos deve agradecer, Frei Esteban, em nome do bispo e de toda a nossa diocese.

– Tive de antecipar a minha visita; venho em nome de Nosso Senhor na terra, tal como é explicado nesta carta que devo entregar aos teus superiores.

– O bispo está indisposto; eu receber-vos-ei e levar-vos-ei depois ao deão da catedral.

– Não há tempo a perder.

– A que se deve tanta urgência, Frei Esteban?

– Vejo que não estás muito bem informado – murmurou o recém-chegado. – Há rumores preocupantes relativos ao futuro de Albarracín.

– Rumores?

– Sim, preferi precaver-me e vir antes que fosse demasiado tarde – respondeu ele, num tom quase de enfado.

– De certeza que Vossa Eminência agiu com inteligência – disse o padre

Martín, esboçando desta vez um sorriso forçado e escondendo novamente as mãos atrás das costas. – Imagino que estareis cansado, depois de tão longa viagem.

– Imaginas mal, padre Martín. Na minha idade, estamos sempre cansados, ainda que isso não me impeça de realizar o meu trabalho. – Deu dois passos em frente e pôs igualmente as mãos atrás das costas. – Tu, em contrapartida, apesar da tua juventude e energia, pareces fatigado, como se carregasses um peso aos ombros.

– Dormia profundamente quando chegastes de forma imprevista.

– Claro; perdoa-me por ter interrompido o teu descanso – disse o frade, de forma condescendente.

– De modo algum; estou aqui para vos servir em tudo o que estiver ao meu alcance.

– Nesse caso, gostaria de ir para o meu quarto. Não preciso de grande coisa, a minha ordem é muito humilde, já sabes que a pobreza é uma das virtudes dos dominicanos. Qualquer lugar me servirá para o descanso, isso não é importante – salientou ele com clareza.

– Dai-me licença por um momento. – Martín dirigiu-se a uma pequena sala contígua e espreitou pela porta; estava lá um religioso a ordenar umas casulas eucarísticas. – Podeis, por favor, informar o deão de que o emissário papal já chegou? Vou acompanhá-lo aos seus aposentos e preciso de indicações para depois.

– Claro, Martín – respondeu aquele clérigo de aspeto agradável e com uma proeminente barriga que o fazia mover-se com lentidão.

– Obrigado.

O dominicano observou o jovem sacerdote. Não o surpreendia que, numa

diocese tão pequena, houvesse um clérigo como ele a ocupar um cargo importante. Os anos, porém, tinham-lhe ensinado que nunca se devia julgar ninguém pela aparência. Sabia ler a alma dos homens, dedicara-se a isso grande parte da sua vida, e por isso surpreendia-o tanto não ser capaz de o fazer com a do padre Martín.

Frei Esteban notava cada pormenor, nas mãos, no brilho dos olhos ou nos movimentos, às vezes pouco evidentes, dos lábios. A frequência do pestanejar, a respiração, o suor, as palavras utilizadas, o tipo de adjetivos. Tudo, absolutamente tudo, era relevante para saber se alguém mentia ou dizia a verdade.

– Frei Esteban, se tiverdes a bondade de me seguir, levar-vos-ei aos vossos aposentos e depois acompanhar-vos-ei nos vossos afazeres.

– Vamos, então; não há tempo a perder.

Subiram as escadas e seguiram até à ala dos quartos, onde Martín lhe mostrou os aposentos preparados para a sua estada. Frei Esteban não deu sinais de estar insatisfeito com eles nem de que lhe agradassem demasiado, era mais do que evidente que não era isso que mais o preocupava naquele momento.

O quarto tinha um grande janelão; Martín ficou surpreendido, pois os restantes aposentos, incluindo o seu, contavam apenas com um estreito vão. Aquela janela, em contrapartida, era desproporcionada, demasiado grande para a divisão, tanto que era possível debruçar todo o corpo para fora dela. Martín supôs que aquela zona do edifício devia ter sido modificada e que aquele espaço fora outrora um salão ou algum tipo de sala que precisava de mais claridade.

O dominicano espreitou pela janela e olhou para o exterior; viu como, nas alturas, a alcáçova dominava a cidade e as muralhas subiam o cerro que a rodeava, contemplando, do outro lado, as montanhas e o recinto amuralhado

que continuava até ao rio. Ao lado do palácio episcopal, estava a catedral, um templo simples e consentâneo com os cânones fomentados por Roma, não havia nenhuma queixa nesse aspeto. Não foi a sua fachada nem foram os capitéis a roubar-lhe a atenção, mas sim um grupo de homens que se amontoava à entrada. Era uma hora intempestiva para que estivessem ali.

Eram guardas da cidade, a julgar pelas espadas que traziam à cintura; homens de armas. Além disso, a julgar pelos seus movimentos constantes e arrítmicos, pareciam nervosos.

Pormenores, há que reparar sempre nos pormenores. Às vezes, a verdade está numa palavra sussurrada ou num gesto perdido. Preenchemos o tempo com grandes discursos e trabalhos complexos, mas são os atos mais simples e quotidianos que mostram a natureza das pessoas e das coisas.

Frei Esteban não pôde deixar de pensar em como seria a vida naquela cidade; ele, que tinha visitado tantas, interrogava-se sempre sobre a necessidade que os homens têm de viver junto uns dos outros. Seria feliz como os eremitas, a viver numa humilde gruta, com todo o tempo disponível para rezar a Deus.

O que poderia ser melhor do que professar uma vida solitária e ascética? Sem contacto permanente com a sociedade, em silêncio e oração, numa relação perfeita com Nosso Senhor.

Como invejava os Padres do Deserto que, em tempos já remotos, tinham abandonado as cidades do Império Romano para ir viver nos isolados desertos da Síria e do Egito...

Ele não podia; estava condenado à penitência do mundo urbano, a ter de ouvir o ruído mundano. O ruído era o que mais o incomodava nas cidades, os gritos, os discursos vazios, as discussões, as mentiras, os falsos elogios. Todo esse terrível ruído que o impedia de orar em paz, que o impedia de ouvir a verdade.

A mentira faz sempre muito barulho, precisa de se elevar acima da realidade. A mentira é algaraviada e gritaria, enquanto a verdade é uma suave melodia que todos conhecem, ainda que muitos a esqueçam.

Esperava que aquela fosse a sua última missão; já tinha falado com o superior da sua ordem, queria abandonar o trabalho. Ainda assim, os seus companheiros dominicanos não estavam dispostos a deixá-lo ir.

«Alguém tem de o fazer», diziam.

«Sim, mas porquê eu?»

«Porque não posso retirar-me?», perguntava-se uma e outra vez.

O papa Celestino V tinha-o feito há cerca de cinquenta anos. Se um sumo pontífice podia deixar o seu trabalho e retirar-se para uma gruta, também devia ser possível para ele, que era um humilde servo do Senhor.

«Como não hei de poder seguir esse mesmo exemplo e procurar um lugar afastado para sempre?»

Nos Pirenéus, ouvira falar em eremitas que viviam nas montanhas, não muito longe de onde agora se encontrava.

Soltou um suspiro e regressou à triste realidade; conhecia a importância da cidade onde estava, o Senhorio de Albarracín, em terras da estremadura de Teruel, terra de fronteira com reinos árabes e também com os de Aragão e Castela... A permanente vigilância deste senhorio por parte do reino de Navarra, a enorme importância militar da sua localização e das suas defesas, a riqueza dos seus bosques e do seu gado e os bons foros e normas jurídicas para o seu repovoamento, que faziam com que judeus, mouriscos e cristãos, lavradores, artesãos, infanções, cavaleiros, escudeiros e grandes senhores desejassem instalar-se nas suas terras.

Enquanto Frei Esteban refletia, o padre Martín perscrutava em silêncio o

recém-chegado. O enviado do papa era um velho silencioso e sossegado, com uns olhos cinzentos encovados numas órbitas profundas que mal se destacavam do seu rosto enrugado. Ainda assim, os seus movimentos eram firmes e tinha um certo aspeto pétreo, na sua forma de olhar e no pouco que falava. Era como se nada fosse capaz de o alterar e, ao mesmo tempo, emanava um certo mistério, como se guardasse algum segredo oculto.

– Já tínheis estado antes em Albarracín, Frei Esteban?

– Nos últimos anos, não saí de Roma – respondeu ele, enquanto abria o baú que trouxera e ia depositando livros em cima da mesa.

– Muito trabalho...

– Não gosto de viajar; já sou muito velho.

– Sim, os caminhos são perigosos e as viagens são incómodas. – Martín deu-se conta de que o dominicano tinha uma expressão contrariada. – Passa-se algo?

– Acho que me esqueci das minhas nozes.

– Nozes?

– Dizem que são boas para a memória e a minha já falha muito – respondeu ele. – Os anos. Lá chegarás, se tiveres sorte... – Sorriu. – Como disseste que te chamavas?

– Martín.

– É verdade... – E voltou a ficar em silêncio. – É um aposento agradável, muito obrigado.

– Albarracín é linda nesta altura do ano; julgo que vos agradará, tem uma cor especial, vermelha. É devido ao gesso; apesar de ser branco quando o extraem, juntam-lhe argila, o que lhe dá esse aspeto peculiar.

– É certamente uma cidade curiosa e bela, pelo pouco que pude ver até agora

– afirmou Frei Esteban, enquanto se virava e acabava de retirar os seus pertences. A maior parte eram pergaminhos e livros.

– Tendes razão, há algo em Albarracín... Não saberia bem como o descrever; ao estar rodeada por montanhas, pelos meandros do rio e pelas muralhas, é como se nada pudesse escapar daqui. Nem sequer o tempo, como se os dias estivessem presos entre as suas ruas.

– Uma prisão do tempo – afirmou o recém-chegado num tom singular, difícil de interpretar.

– Bem; dito assim, pode soar de forma estranha.

– Não, não – interrompeu Frei Esteban, movendo uma mão para que Martín não continuasse a falar. – É uma ideia muito interessante, poder fechar o tempo. Imaginas como seria ser-se capaz de o manipular? Não olhes assim para mim, Martín. A passagem do tempo não tem nada de bom, acredita, sei do que falo.

– Com certeza, Frei Esteban.

– O que mais me estavas a dizer sobre esta cidade? – continuou o recém-chegado enquanto observava a divisão.

– Albarracín está assente sobre um cerro, e tem outro na parte sul; são ambos muito fragosos, de rocha talhada, provocando uma estreita passagem por onde entra o rio Guadalaviar.

– Que, se não me engano, vem de poente e rodeia a maior parte da cidade.

– Assim é, nasce em Villar del Cobo, a uma légua pequena da nascente de um grande rio, o Tejo, mas esse corre pelo outro lado da serra, em direção a terras de Castela.

– Continua, não pares – pediu Frei Esteban, depositando a albarca onde transportava a sua bagagem de um dos lados da enxerga.

– A parte da cidade entre setentrião e poente, que está fora da ribeira do Guadalaviar, tem fortes muros e torres, e no meio a torre do Andador, que fica na parte de poente e é de grande força. E todo o seu sítio e assento é fortíssimo e inexpugnável.

– Achas que esta cidade é inconquistável?

– Claro, todos acreditam que sim.

– Não te perguntei por todos, tu. Achas realmente que ninguém pode atacar Albarracín? – salientou Frei Esteban com grande ênfase. – Que está a salvo de qualquer inimigo?

– Eu... Vereis, Eminência, sou religioso, não sou um soldado. Não sou particularmente hábil na arte da guerra – respondeu Martín, com uma ligeira inclinação de cabeça. – Sei que Albarracín é uma praça-forte estratégica, cobiçada por todos os reinos cristãos que nos rodeiam...

– Sim, eu sei. Há muito tempo que este senhorio independente é desejado por castelhanos e aragoneses – murmurou o dominicano com certo fastio. – Nosso Senhor quer a paz entre os reinos cristãos, não devemos matar-nos entre nós – afirmou. – E desengana-te, Martín; para conseguir a paz, é preciso ter coragem, muito mais do que para fazer a guerra.

– Há guerras que se travam todos os dias, todas as noites.

– Nisso tens muita razão. – O dominicano pôs as mãos atrás das costas. – Não pareces um sacerdote vulgar.

– O que quereis dizer, Frei Esteban?

– Salta à vista. Há algo em ti que não bate certo com o hábito – afirmou o frade enquanto coçava o queixo.

– Garanto-vos que sou um fiel servidor do Senhor.

– Sim, sim; disso não duvido – concordou ele, enquanto olhava novamente pelo amplo janelão. – Ainda assim, há na forma como falas, na maneira como te moves, até em como respiras, um certo aroma a inconformismo, que às vezes não cai nada mal, claro...

– Terminai o que estáveis prestes a dizer, por favor.

– Nada, desculpa – recuou habilmente o dominicano. – Suponho que seja o clima algo gélido desta cidade perfurada pelo rio; faz-nos ver coisas que não existem.

Capítulo Nove

Lízer estava cansado; perguntara em todas as ruas anexas à padaria se alguém tinha visto algo fora do comum na noite do assassinato, sem obter mais nada além de lamentações, censuras, más caras e histórias sobre um espectro que frequentava a cidade nas horas de escuridão.

Agora, era tempo de descansar; Lízer vivia num aposento perto da porta de Molina, numa casa singular, quase sem espaço para a escadaria no rés do chão, e que ia alargando à medida que se subia aos pisos superiores. O edifício tinha um aposento em cada um dos cinco lanços de escadas; os dois últimos eram maiores e dispunham de mais um quarto.

Ele vivia no mais acessível, o primeiro. Não era o melhor lugar para se viver em toda a Albarracín, mas, ao estar tão perto de uma das portas da muralha, sabia de tudo o que entrava e saía por ali.

Chegara à cidade com uma carta de recomendação de um aguazil de Pamplona, no reino de Navarra. Graças a ela, encontrara o primeiro trabalho como palafreireiro e, às vezes, moço de recados dos aguazis. Esforçara-se muito e era agora aprendiz de aguazil.

Alejandro de Ferrellón era um chefe duro, mas justo. Tinha um aspeto que infundia respeito, não pela sua corpulência, mas pela sua seriedade. O aguazil-geral estava sempre perfeito, envolto em rigoroso negro, ao contrário do velho Diosdado, que misturava um respeito e subordinação completos ao seu superior com mau humor e muita agressividade, mas tinha também a experiência de ter passado a vida inteira a percorrer aquelas ruas.

Não tinha a certeza de ser do agrado de Diosdado; mais lhe parecia que não. O temperamento variável daquele aguazil desconcertava-o. Fosse como fosse, contava conseguir obter a sua aprovação com esforço e trabalho.

Ainda que fosse errado admiti-lo, Lízer acreditava que aquelas mortes violentas eram a sua grande oportunidade, a que há muito tempo esperava. Se participasse ativamente na sua resolução, conquistaria tanto o favor de Diosdado como o do aguazil-geral.

Por isso não conseguia dormir. Ainda que houvesse também outra razão, desde o dia do incêndio que não havia uma única noite em que não pensasse naquela mulher...

Nisto, bateram à porta do quarto.

– O que fazes outra vez com uma vela acesa? – gritaram-lhe do outro lado da porta.

– Não faço nada, Dona Urraca.

– É bom que não; só me pagas o alojamento, nada de mulheres, senão terás de me dar um suplemento, aqui os vícios pagam-se.

– Não vos preocupeis e ide tranquila – respondeu ele, resignado.

A velha Urraca era quem arrendava aquela casa; era uma mulher forreta até à exaustão. Viúva, andava sempre de luto, desde que o marido falecera há já nove anos. Não tinha filhos, ainda que Lízer tivesse ouvido dizer que tinha tido um, mas que se alistara na última cruzada e morrera frente à costa de Tunes.

A noite amamentava a solidão de Lízer, era longa como o silêncio e amarga como o mar. Pelas suas ondas, navegavam uns olhos diferentes de todos os demais, que, como as estrelas, o guiavam na escuridão.

Em breve, chegaria ao seu destino.

Apagou a vela e foi dormir.

Na manhã seguinte, Lízer decidiu tentar a sorte noutra ponto da cidade. Caminhava pelos arredores da torre de Dona Branca, situada sobre um esporão

rochoso que defendia um dos pontos-chave da cidade. O seu superior, Alejandro de Ferrellón, mandara-lhe perguntar na taberna mais famosa da cidade, a Taberna do Coxo, se tinha chegado algum estrangeiro suspeito nos dias anteriores.

Antes de chegar, cruzou-se com uma comitiva que levava Dona Teresa de Azagra, Senhora de Albarracín. Esperou que passasse com os seus servos e seguiu o seu caminho. A taberna ficava perto de uma das portas; àquela hora de plena luz, estaria fechada, mas contava encontrar lá dentro o dono a preparar a bebida e a comida para a noite.

Bateu um par de vezes; uma mulher abriu-lhe a porta com um belo sorriso no rosto.

Era morena, com o cabelo encaracolado e a pele clara; usava um vestido com os ombros a descoberto e a cintura ajustada, a túnica era branca e a saia verde-azeitona. Tinha uns peitos generosos e uns quadris largos, como agradava à maioria dos homens.

– Chamo-me Lízer; sou ajudante do aguazil-geral da cidade.

– Muito gosto, sou a Elena.

– O taberneiro está?

– Sim, entra; não fiques aí parado, rapaz – disse ela, aumentando ainda mais o seu sorriso. – Eu não mordo... Ainda.

Lízer engoliu em seco e entrou como quem se adentra numa perigosa gruta sem armas nem archotes, incapaz de evitar a tentação do desconhecido.

Aquele era um dos antros com pior fama de toda a cidade; à noite, enchia-se de todo o tipo de clientes, desde viajantes de passagem a conhecidos bêbedos com nome e apelidos, passando por filhos de nobres com dinheiro e desejos de uma boa farra, homens de armas procurando esquecer-se da batalha,

comerciantes com melhor ou pior sorte e camponeses de visita à cidade.

Lízer caminhou por entre as mesas até chegar à zona dos barris de vinho.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou Elena, que envergava um sorriso resplandecente que parecia fazer parte do seu traje de trabalho.

– Vinho.

– É para já; não te vás embora – disse ela, olhando-o fixamente.

– Serves sempre o vinho com os olhos tão abertos?

– E tu, olhas sempre assim para as taberneiras? – respondeu ela.

– Na verdade, não; não sejas má para mim, facilita-me a vida, que para a complicar já eu tenho jeito.

– Olha, está ali o Dom Aurelio, o dono...

Lízer dirigiu-se a um homem baixo, mas forte e corpulento, que se movia com agilidade apesar do seu coxear, trabalhando ao balcão.

– Gostaria de vos perguntar uma coisa...

– O quê? – O proprietário tinha uma voz áspera, daquelas que, uma vez ouvidas, dificilmente saíam da cabeça. – Quem diabos és tu?

– Trabalho para o aguazil-geral.

– E o Diosdado? É ele quem costuma vir cá fazer perguntas.

– Está ocupado.

– E não têm ninguém melhor do que tu para enviar? – comentou o taberneiro, olhando-o com desprezo. – Não me admira que depois andem por aí a queimar pessoas e a esfolá-las como animais.

– É sobre isso que vos venho perguntar, sabeis algo sobre essas mortes?

– Vamos lá ver, és estúpido ou quê? Porque haveria eu de saber algo sobre

isso? Tenho porventura cara de assassino?

– Não, por Deus, mas talvez...

– Talvez o quê? Talvez saia durante a noite e ande por aí a arrancar a pele às pessoas?

– É claro que não – respondeu Lízer, angustiado. – Mas passam por aqui muitos visitantes, talvez tenhais visto algum diferente, suspeito, não sei...

– Sim, vi um muito estranho e apatetado, tu!

Nesse momento, a porta da taberna abriu-se bruscamente e duas crianças entraram a correr.

– Vós os dois! Onde pensais que ides? – perguntou o proprietário, erguendo a voz.

– Dom Aurelio, Dom Aurelio, mataram mais um!

– Demónios! Quem foi desta vez?

– Foi na carpintaria, dizem que há muito sangue – respondeu o mais velho dos dois.

– Maldição! E tu, seu insensato! – gritou Aurelio dirigindo-se a Lízer. – Corre para lá, que não fazeis a mínima ideia, é bom que encontreis depressa o assassino, ou as pessoas começarão a ficar nervosas e então vai armar-se uma das boas.

Por alguns instantes, Lízer ficou aturdido, até que Elena lhe agarrou no braço e o fez reagir.

– Não te demores; tens de ir à carpintaria.

– Sim – respondeu ele, enquanto Elena o acompanhava à porta.

– E não te preocupes com ele – acrescentou ela, apontando com a cabeça para o dono da taberna. – É assim com toda a gente, tem de lhes meter medo para

que o respeitem.

- Como tens tanta certeza?
- Porque o Aurelio é o meu pai.

Capítulo Dez

Bateram à porta; o dominicano estava de joelhos diante da janela, a dizer as suas orações. Aquelas incómodas batidas enervaram-no. Ruído, outra vez o maldito ruído que povoa as cidades dos homens.

As batidas repetiram-se.

Frei Esteban levantou-se com esforço; os anos notavam-se-lhe nas articulações e nos ossos... Mais até do que os quilos.

Dirigiu-se à porta sem vontade e abriu-a.

– Frei Esteban, é uma honra ter-vos na nossa cidade. Sou Bartolomé, o deão da catedral. – Inclinou-se para lhe beijar a mão. – Espero que tudo seja do vosso agrado e que vos tenham recebido como mereceis.

– Assim é – respondeu o frade. Esteve quase a dizer o contrário, a recriminá-lo pelo barulho que se ouvia, a dizer-lhe que não queria estar ali, mas que o tinham obrigado, a explicar-lhe o muito que detestava a companhia de outros homens, a sua companhia, qualquer companhia que o afastasse do silêncio.

– Estão a atender-vos bem?

– Certamente; o vosso jovem sacerdote, Martín, cumpriu sobejamente as suas incumbências – respondeu Frei Esteban, resignado a ter de parecer o que não era. – Agradeço-vos por isso, sois muito amável.

– Frei Esteban, encontrareis em nós uma total lealdade a Roma, contrariamente em outros lugares. A chegada do rei da Coroa de Aragão à Sicília foi imperdoável – lamentou-se o deão, esboçando ostensivos gestos de negação com a cabeça.

– Quereis dizer a invasão aragonesa dessa ilha e o ataque ao seu legítimo senhor, Carlos de Anjou.

– Certamente, a invasão – recuou o deão. – Todos a entendemos como uma ofensa imperdoável que deve ser castigada. Nenhum monarca cristão pode desobedecer ao papa.

– Esse maldito rei... Pedro III, grande blasfemo – disse Frei Esteban, enervando-se. – O ano passado, a sua frota enganou com artimanhas a de Carlos de Anjou e venceu-a no golfo de Nápoles, fazendo-o prisioneiro. Com tal infortúnio que, no início deste ano, o seu pai morreu e ele foi proclamado sucessor, apesar de estar preso, que enorme desgraça!

– O rei da Coroa de Aragão jamais deveria ter atacado um reino cristão – assentiu o deão.

– A Cristandade deve estar unida; não pode haver um rei em cada estado a fazer o que lhe convém. O Sumo Pontífice é o representante de Deus na terra, deve ser ele a ditar as leis. Que os reis governem, mas nunca, nunca!, podem desobedecer ao papa – afirmou o dominicano, com contundência e virulência avassaladoras.

– É evidente que não.

– União! É isso que a Cristandade exige, união! Não reinos por toda a parte, qualquer homem se julga capaz de reinar! É o Sumo Pontífice quem deve guiar os cristãos, a todos e em tudo.

Apesar da idade e do conseqüente declínio físico de Frei Esteban, era tal a intensidade das suas palavras que se impunha mais do que qualquer jovem cavaleiro armado com cota de malha e espada de dois gumes. Frei Esteban parecia ser capaz de qualquer temeridade, como uma força imparável, como uma tempestade devastadora.

– Albarracín é fiel a Roma. Por isso o nosso Senhor acossa a fronteira aragonesa; é nosso dever vigiar o rei excomungado – disse o deão.

– Pedro III traiu a confiança do Sumo Pontífice; não duvideis de que será castigado.

– Que assim seja.

– O Senhor de Albarracín é um bom e fiel cristão – afirmou Frei Esteban num tom firme e seguro –, mas é certo que, seguindo o mandato papal, fustiga os aragoneses ao longo de toda a fronteira, e que o excomungado rei aragonês parece descontente com isso. Temos consciência do perigo que correm as gentes daqui.

– A que vos referis, Eminência?

– É curioso que esta cidade se mantenha independente dos grandes reinos que a rodeiam.

– É assim desde tempos remotos – respondeu o deão, algo surpreendido com o cariz que a conversa estava a adotar.

– Parece próspera, esta cidade, com uma bela catedral e um palácio episcopal digno dela; sei que o mercado é rentável e que o vosso gado é dos melhores. – Fez uma pausa e olhou para os presentes por alguns instantes. – Lamento que tenhais tido incidentes intramuros – afirmou de repente o emissário papal.

O deão ficou em silêncio; o seu rosto contraiu-se e começou a tremer ligeiramente. Engoliu em seco e fez evidentes esforços para controlar a respiração e os nervos. Pela sua cabeça, porém, passavam nesse momento imagens e ideias a toda a velocidade.

– Sofremos um desagradável incidente.

– Uma perda, talvez?

– Sim. – Interrompeu-se por alguns instantes, resfolegou e prosseguiu. – Na verdade, em circunstâncias bastante estranhas e desumanas.

– Lamento, que descanse em paz. Poderei saber mais pormenores sobre o sucedido?

– Com certeza. – O deão voltou a resfolegar.

– Alguma doença?

– Receio que não – murmurou ele, com evidente enfado. – Trata-se de cruéis assassinatos, ações impossíveis de terem sido realizadas por um cristão.

– Quem o fez então? – Gerou-se um silêncio. – Falai, deão! Sabe-se quem foi o responsável por esses crimes?

– O Maligno; acreditai, foi o Maligno.

– Isso que dizeis é muito grave.

– Eu sei; compreendi, por isso, os meus receios em vo-lo comunicar. Frei Esteban, a última coisa que queremos é que leveis uma má imagem de Albarracín – disse o deão, entristecendo-se com as suas próprias palavras e passando a mão pelo rosto.

– Tendes a certeza de que o Maligno está aqui?

– Temo que assim seja, Eminência, mas estamos preparados. Em breve capturaremos o seu cúmplice, garanto-vos.

– A partir de agora, quero ser informado de tudo o que acontecer.

– Assim será. Esta diocese é humilde, mas fiel a Cristo.

– E o Senhor de Albarracín também acha que o Maligno anda à solta pelas suas propriedades?

– Aparentemente, Dom Juan Núñez está ausente.

– Há muito tempo?

– Bem, é difícil de assegurar – desculpou-se o deão. – Vereis, é um dos

senhores mais poderosos de Castela, primogénito da poderosa Casa de Lara. Têm amplos feudos em Molina, Moya e Cañete; e, além disso, defendem a causa dos infantes de La Cerda.

– Os descendentes de Dom Fernando, o filho primogénito do rei Afonso X, que morreu precisamente quando ia liderar o exército para combater os benamerins do reino de Granada – observou o emissário papal, dando mostras de um conhecimento que surpreendeu o deão.

– Não há dúvida de que estais bem informado.

– Do que praticamente não há dúvidas é de que, se o primogénito do rei Afonso X não tivesse falecido, não haveria agora inféis em todas estas terras do sul dos Pirenéus.

– Isso é arriscado de se dizer, na minha humilde opinião.

– Seja como for... – Fez uma pequena pausa, como que a jogar com o tempo e com os nervos do deão. – O herdeiro morreu e, neste novo contexto, os infantes são um problema para o novo rei de Castela, o seu tio Sancho, uma vez que na realidade são eles os legítimos herdeiros ao trono.

– Desconhecia o vosso domínio destes temas.

– Estes temas são os que nos tornam fracos ante o verdadeiro inimigo. A divisão da Cristandade é um mal que é preciso sanar. Só quando tivermos um único senhor teremos força para eliminar os inféis.

– Sim, mas... – O deão não sabia como responder.

– Um só senhor, apoiado pelo papa, deve dirigir os cristãos, todos os reinos cristãos, não os reis – afirmou o dominicano. – E principalmente aqui, onde a luta contra o infiel é tão crucial. Como tem razão o papa em preocupar-se com estes reinos... Deus queira que ainda estejamos a tempo de os pôr em ordem.

- A diocese de Albarracín não vos desiludirá.
- O Sumo Pontífice não espera menos, os netos do rei Afonso X...
- Os infantes de La Cerda.
- Estão enclausurados no Castelo de Játiva, no reino de Valência, sob a proteção do rei de Aragão, enquanto o seu tio Sancho se proclamou legítimo herdeiro aquando da morte do irmão, o pai dos infantes – prosseguiu Frei Esteban.
- É um trunfo que Pedro III guarda contra Castela; é difícil adivinhar como o jogará. Deste lado dos Pirenéus, as coisas são assim, Eminência.
- O papa não apoia as guerras entre reinos cristãos; temos inimigos suficientes entre os infieis, os nossos reis podem escolher que estado infiel ou excomungado atacar. Quem sair do caminho assinalado pelo Santo Padre sabe que se expõe ao seu fulminante castigo.
- As paixões humanas são difíceis de controlar.
- Parece que sabeis do que falais.
- Um religioso deve conhecer as paixões humanas – assegurou o deão, não sem um certo rubor nas suas faces.
- Deve? – perguntou Frei Esteban, arqueando as sobrancelhas.
- É conveniente, para assim as saber cercear.
- Quem governa a cidade na ausência do seu senhor? – inquiriu o dominicano com seriedade.
- A sua esposa, Dona Teresa de Azagra. – A voz do deão soou mais firme e contundente do que nas respostas anteriores.
- É ela a verdadeira herdeira de Albarracín, sim – afirmou o dominicano.
- Foi a sua família quem governou estas terras durante quatro gerações –

replicou o deão. – Gostaria de vos fazer uma pergunta, sei que estais aqui porque Roma recebeu uma carta a alertar para algum mal na nossa cidade. Quem a enviou?

– Não sei, sou apenas um emissário.

– E o que era dito nela? Disso tereis de estar a par.

– É um assunto que diz respeito diretamente ao Sumo Pontífice, não posso dar-vos mais informações, estou certo de que compreendereis.

– Com certeza – replicou o deão, fazendo todos os possíveis para se mostrar impassível ante a resposta. – Agora, se me dais licença, as minhas obrigações chamam-me. Espero que a vossa estada seja a esperada; se precisardes de alguma coisa, o sacerdote Martín ajudar-vos-á. É jovem, mas da minha inteira confiança; apesar de não ter nascido cá, conhece pormenorizadamente a cidade.

Nesse momento, o deão saiu para o corredor e regressou com o sacerdote.

– Agradeço-vos – disse o dominicano, fazendo uma ligeira vénia.

O deão deu as últimas instruções a Martín e retirou-se para os seus afazeres, cansado da conversa com o dominicano. Deixou o aposento cabisbaixo, como se carregasse um peso invisível às costas.

– De onde és, Martín?

– De uma pequena aldeia perto de Tarragona, Calafell.

– Como é esse lugar?

– Tem um pequeno castelo, que dá nome ao lugar, e a igreja de Santa Creu del Castell, onde me batizaram.

– E como acabou aqui o filho de um pescador?

– Eu não disse que era...

– Se fosses de uma família mais abastada, não terias chegado tão longe de tua

casa – prosseguiu o dominicano. – Serias sacerdote ou monge nalgum mosteiro ou igreja da tua terra. Além disso, ainda tens as mãos marcadas pelo trabalho manual. Só são precisos dois pontos para traçar uma linha reta, e tu já nos revelaste.

Capítulo Onze

Quando Lízer chegou à carpintaria, Alejandro de Ferrellón e Diosdado estavam a interrogar os trabalhadores da oficina. Estavam lá dois guardas armados, o que evidenciava a gravidade do crime. Antes de se juntar a eles, deu-se conta de que os dois rapazes que tinham entrado na taberna espreitavam agora por entre um monte de vigas de madeira empilhadas junto a sacos de serradura.

Disfarçadamente, dirigiu-se a eles.

– Ei, vós! – disse Lízer, chamando-lhes a atenção antes de chegar à sua altura.

– Nós não fizemos nada – protestou o mais novo, recebendo ao mesmo tempo uma cotovelada do irmão.

– Já vos tinha visto antes, fazeis ideia do que aconteceu ali dentro?

– Voltaram a matar – respondeu novamente o mais novo.

– Queres calar-te, Blasco? – repreendeu-o o outro.

– Como sabeis? – E aproximou-se deles. – Não tenhais medo de responder. – Abriu a túnica e, da bolsa que trazia pendurada ao pescoço, retirou uma maçã, estendendo-a.

– Minha! – Lutaram para a agarrar, mas Blasco nada pôde fazer ante a maior corpulência do seu companheiro. – Apareceu um homem no mercado a gritar que tinham crucificado um dos carpinteiros, o Tello.

– Crucificado?

– Sim; de cabeça para baixo – acrescentou Blasco, que olhava com fome para a maçã.

– E o que contou mais?

– Gritava muito, mas não disse nada.

– Está bem; se souberdes de mais alguma coisa, contai-me, pode ser que tenha outra maçã para vós.

– Sabemos quem matou os mestres dos grêmios – afirmou Blasco, com a sua voz inocente.

– Ah, sim? E quem foi?

– A sombra – continuou o pequeno. – Todos falam dela na cidade.

– Já ouvi essas histórias antes; são só contos.

– Não, nós vimo-la – acrescentou Alfonso, num tom mais credível.

– Vistes o assassino?

– É a sombra, quem mais poderia tê-los matado? – murmurou o mais velho, como se tivesse medo de que o ouvissem. – De noite, passeia pelas ruas, ninguém lhe vê o rosto, desaparece e volta a aparecer sem que se saiba como o faz.

– É um fantasma?

– Não sei o que é, senhor. Mas é perigosa, já vistes o que é capaz de fazer.

– Como te chamas?

– Alfonso.

– Sois irmãos?

– Sim; eu sou o mais velho.

– Estou a ver – disse Lízer, assentindo com a cabeça.

Nesse preciso momento, apareceu outro rapaz; apesar da altura considerável, era óbvio que tinha excesso de peso. Tinha o rosto marcado por golpes, era descoordenado e um gato pardo caminhava atrás dele.

– Sabeis quem é aquele rapaz?

– É o filho de um mercador, de Trasobares; está sempre a dar de comer aos gatos – respondeu Alfonso –, e o pai dá-lhe grandes tarefas.

Lízer observou-o enquanto chamava o animal e este se dirigia a ele, esfregando-se nas suas pernas; em seguida, sentou-se sobre as patas traseiras e ficou a observar o rapaz.

Olhou novamente para a padaria e resfolegou.

– Rapazes, se souberdes de algo interessante, procurai-me e dizei-mo, mas sem chamar a atenção. Esperai que eu esteja sozinho ou então fazei-me algum sinal para que vá ter convosco. Não o esqueçais.

Deixou-os e desta vez foi direto ao interior da carpintaria. Era uma oficina ampla, cheia de mesas. Era preciso muito espaço para trabalhar a madeira, e também para armazenar as tábuas e vigas e os produtos acabados, como uma série de portas empilhadas logo à entrada. Viam-se cadeiras, genuflexórios, uma espécie de altar inacabado, mas o que mais lhe chamou a atenção foi um baldaquino. Devia ser para uma família importante, pois poucos podiam dar-se ao luxo de dormir num aposento assim.

Alejandro de Ferrellón estava diante de um cadáver pendurado pelos pés da viga principal da oficina. Tinha uns enormes pregos de ferro cravados nos pés e os braços pendiam até tocar no solo, onde havia uma enorme poça de sangue.

– Este também estava vivo? – perguntou Diosdado, fazendo má cara ao ver chegar Lízer.

– Sim; repara, tentou por todos os meios arrancar os pregos, mas só conseguiu desfazer os pés – indicou o aguazil-geral. – Deve ter sido tão doloroso... Nessa posição.

– Porque os tortura desta forma? – questionou Diosdado. – Que tipo de animal faria algo assim?

– O homem, isto só pode ser feito pelo homem. Nem um animal, nem um demónio...

– E porque ninguém os ouve gritar? – interrompeu Lízer.

– Tu outra vez – resmungou Diosdado.

– Se estão vivos, podem gritar; e mais ainda se lhes faz estas atrocidades. – Alejandro de Ferrellón voltou-se para Lízer e fitou-o, sem demonstrar grande entusiasmo. – Chegas tarde.

– Estava a investigar.

– Tu? Que diabos vais tu investigar? – comentou Diosdado, com um grunhido.

– E que novas trazes? – inquiriu Alejandro de Ferrellón.

– As gentes da cidade dizem que o assassino é uma sombra.

– Bem, então já podemos dar a investigação por terminada; o rapaz já resolveu o caso, uma sombra! – assentiu o aguazil. – Jamais me teria ocorrido.

– Concentremo-nos, Diosdado. Porque é que ninguém os ouve? É essa a questão que devemos resolver.

– As pessoas não gostam de se meter em confusões, ainda que oiçam algo, não vão dizer nada, acontece muitas vezes – replicou Diosdado. – É muito mais fácil dizer que viram uma sombra. A gente de Albarracín adora essas histórias; no monte, dizem que abundam uns monstros, metade lobo, metade homem; na aldeia de Frías, contam uma história de um diabo; no castelo de Gea, de uns cátaros... Por aqui são assim.

– Sim, mas já lá vão três mortes nos grémios e não encontramos ninguém que tivesse ouvido um único grito. Está a escapar-nos algo – resmungou Alejandro de Ferrellón. – Isso é possível num caso, dois no máximo, mas três... Já é

demasiado – prosseguiu o aguazil, enquanto observava o cadáver pendurado.

Os pregos de ferro tinham-lhe dilacerado totalmente o peito dos pés. O sangue fora-lhe deslizando pelas pernas. Imaginou-o ali, pendurado de cabeça para baixo, a esforçar-se para tentar chegar aos pés e libertar-se. Quanto tempo teria estado naquela posição? Não havia cortes; não morrera apenas esvaído em sangue devido às feridas nos pés. Tinha outros ferimentos nas costas.

Examinou novamente o cadáver.

– Não seria melhor que o baixássemos? – perguntou Diosdado.

– Não.

– O que é isto? – perguntou o aguazil-geral, apontando para esses ferimentos.

– Parecem...

– São pregos – respondeu Lízer, completando a frase de Diosdado.

– Sim, espetaram-lhos para aumentar o seu sofrimento – disse Alejandro de Ferrellón, perscrutando totalmente as costas do morto. – Conto dez orifícios. Foi isto que realmente o matou.

– Mas não são ferimentos assim tão profundos – observou Diosdado. – Talvez haja mais. – E começou também a examinar o cadáver que continuava pendurado pelos pés.

– Também lhe bateram; tem marcas no rosto, e inclusive no pescoço.

– Talvez o tenham asfixiado – comentou Lízer.

– O que é certo é que foram brutais com ele, têm de o ter ouvido gritar. – Alejandro de Ferrellón continuava obcecado com a falta de gritos, com a ausência de testemunhas que tivessem ouvido algo.

Foi então que decidiu procurar os círculos; se encontrasse os desenhos, teria de partilhar essa informação, não podia ocultá-la por mais tempo.

Examinou o solo, a viga de onde o carpinteiro estava pendurado, até mesmo o teto.

Não viu nenhum círculo.

Continuou a tentar.

Desta vez, parecia não haver indícios, até que encontrou novamente um carvão.

«Seria possível que ele o tivesse desenhado, mas se tivesse apagado?», interrogou-se.

Inclinou-se para o apanhar e apercebeu-se então de que um gato pardo andava perto do local. Fazendo barulho com as mãos, enxotou-o.

– Trazei-me uma escova – exigiu em seguida –, mas muito fina.

Lízer obedeceu e o aguazil-geral começou a limpar a superfície do solo com grande cuidado. Continuava a não aparecer o traço de nenhum círculo. Ainda assim, Alejandro de Ferrellón descobriu outra figura, apesar de não saber muito bem o que era.

– O que vêes aqui? – perguntou a Diosdado.

O velho aguazil agachou-se e perscrutou o desenho.

– Não sei; parece um ancinho – respondeu, pouco convencido.

– É um tridente – afirmou Lízer, com firmeza.

Alejandro de Ferrellón ficou mudo, observou melhor o desenho e admitiu que sim, que era efetivamente um tridente. Porque desenharia algo assim o carpinteiro torturado?

– Isto não faz sentido – murmurou o aguazil-geral, com o rosto cansado e os olhos perdidos.

– Nada aqui faz – disse Diosdado, voltando a assustar o gato que reaparecera

em seu redor. – Estes pobres infelizes não têm tempo para gritar, mas têm-no para desenhar, é como se o gato lhes tivesse comido a língua.

Então, Alejandro de Ferrellón recuperou a firmeza das suas feições e foi novamente examinar o corpo pendurado. Deu-se conta de que tinha a boca aberta, aberta de forma anormal.

Agachou-se e introduziu os dedos entre os lábios do morto, ante as caras de incompreensão de Diosdado e de Lízer, que o observavam, desconcertados. Retirou-os, levantou-se e fitou-os com uma expressão séria.

– Cortaram-lhe a língua.

Capítulo Doze

Guillermo Trasobares esfregava as mãos ante as vendas daquele dia no mercado. O negócio prosperava; se tudo continuasse assim, poderia estabelecer um posto fixo na cidade e expandir-se para Aragão, ou mesmo para Valência, quem sabe.

A manhã estava a terminar e mandou o seu filho ir buscar a carroça para retirar a pouca mercadoria que ficara por vender.

Ainda que talvez não fosse preciso, pois apareceu lá uma mulher. Parecia interessada na pouca fruta que restava, fruta manuseada e madura, mas que podia vender-lhe por um bom preço. Antes disso do que ter de carregar com ela. Em poucos dias, poderia estar já estragada e teria de a dar de comer aos porcos.

– Desejais algo em particular? – perguntou Guillermo Trasobares.

– Todos queremos algo.

– É bem verdade, senhora. Algo da minha banca?

– Isso já é mais complicado.

– Tenho o melhor do mercado.

– Tens o pouco que resta. Não pretenderás enganar-me, pois não? – E fez um gesto para dar a entender que tinha anos de sobra, não sendo, por isso, fácil de enrolar, por mais hábil que ele fosse enquanto comerciante.

– Nada mais longe das minhas intenções.

– Claro – disse ela, com um sorriso forçado.

– Então...

– Escuta – disse a mulher, olhando para um lado e para o outro. Já não restava ninguém por ali. – Preciso de algo que talvez tu me possas arranjar.

– Não duvideis disso, sou capaz...

– Shhh, não tenho tempo para palavreado, cala-te e presta atenção – cortou ela de forma incisiva. – Ou não queres ganhar uns bons maravedis?

– Bem sabe Deus que sim – respondeu o comerciante, tornando-se submisso como um cão.

– Preciso que me arranjes enxofre – sussurrou a mulher.

– Enxofre? – perguntou ele, surpreendido.

– Ouviste perfeitamente; outra coisa é que não me queiras compreender – murmurou ela.

– Não; quero dizer, sim, quero compreender-vos... Mas compreendi-me a mim... – balbuciou o comerciante, nervoso. – O que me pedis é, além de perigoso e difícil de arranjar, muito caro.

– Pagarei o preço; tu, arranja-me o que te pedi.

Não tardou a imaginar para que queria ela o enxofre; Trasobares já tinha ouvido falar naquela mulher. Chamava-se Tolda e dedicava-se a elaborar unguentos, beberagens e poções, bem como outros produtos procurados pelas senhoras da alta nobreza. Para os homens de boa linhagem, as damas deviam ser louras, pálidas, de faces encarnadas, lábios muito vermelhos, sobancelhas negras e arqueadas e sem nenhum pelo no corpo. A depilação era cara, era feita com a ajuda de tiras de pano impregnadas em resina. Também utilizavam unguentos para manter a firmeza dos seios ou tintas para o cabelo, além de cremes de vidro moído e perfumes de enxofre.

Aquela mulher fornecia tudo isso à meia dúzia de senhoras de alta linhagem que residiam na cidade; se conseguisse o enxofre, contaria com uma excelente cliente.

– Muito bem, vou demorar alguns dias.

– O tempo é importante, como poderás imaginar – disse ela, abrindo a boca e deixando ver os seus dentes furados e escassos.

– Sim, imagino que sim. Sei quem pode arranjar-me depressa aquilo que me pedis. Perto daqui, há uma mina de enxofre, num sítio chamado Riglos; pertence à comenda templária de Villel. Não será barato obtê-lo – advertiu-a ele. – Aqueles monges...

– Eu pago.

– E depois é preciso introduzi-lo na cidade, não é uma mercadoria que deva ser vista pelos aguazis.

– Sei que tens meios para não usar as portas, caso contrário, como conseguirias entrar com todo esse vinho estrangeiro? – observou Tolda, sussurrando a última das suas palavras.

– Por favor, senhora, não sei do que estais a falar – afirmou Trasobares num tom indignado.

– Faz o que tiveres de fazer, mas não me falhes, mercador – advertiu-o ela em tom ameaçador. – Esta cidade é perigosa; é preciso ter amigos para sobreviver, e eu posso ser muito boa amiga.

– Sou um homem de negócios; consigo ver quando se me apresenta uma oportunidade à frente, e sei aproveitá-la – afirmou Guillermo. – Na realidade, esta cidade não me parece assim tão perigosa... Barcelona, Valência, isso já é outra coisa.

– Cuidado, comerciante, cometes aí um erro terrível. – E Tolda ergueu um dos seus dedos, como que a deixar claro o seu desacordo.

– Com todo o respeito, senhora, não há muita população. O que pode acontecer aqui?

– Até a aldeia mais pequena se pode transformar no maior dos infernos – advertiu-o a mulher.

– O que estais a insinuar? – O rosto do comerciante contraiu-se; sentiu um nó na garganta e um tremor nas pernas, sabia do que eram capazes mulheres como a que tinha à sua frente.

– De noite, acontecem coisas terríveis entre estas muralhas. Porventura, não te apercebeste? Tudo o que fazemos ao longo do dia deixa a sua marca. Se venderes fruta em mau estado, quem a comer adoecerá, e as autoridades castigar-te-ão. Se alguém roubar algo da tua banca, tu descobrirás que falta mercadoria e procurarás o culpado. Todos os atos deixam rasto – afirmou ela, enquanto passava a mão pela fruta. – O diabo também deixa sinais à sua passagem.

– O que dizeis, senhora? O Maligno! – exclamou Guillermo Trasobares, começando a ficar nervoso.

– Há que saber interpretar as evidências.

– Santo Deus! – E o comerciante persignou-se duas vezes. – Arranjar-vos-ei o enxofre, mas agora parti, por favor...

– As portas fechar-se-ão em breve; o Maligno procura algo e sabe que se encontra entre estes muros de pedra.

– O que procura ele? – perguntou Guillermo, temendo a resposta; sentia as pernas a tremer e palpitações no peito, tinha muitas coisas de que se arrepender.

– O demónio não atira os dados se não souber que vai ganhar. Ninguém poderá escapar da cidade.

Capítulo Treze

O sacerdote celebrava a missa ante um silêncio sepulcral. O funeral do mestre carpinteiro fizera com que acorressem ao templo a maioria das gentes da cidade, principalmente dos grêmios, pois tratava-se da terceira morte de um dos seus integrantes em poucos dias.

Os grêmios eram um dos estratos básicos da cidade, agrupamentos de trabalhadores, compostos por artesãos de um mesmo ofício, cujo objetivo era defender os seus interesses. Para isso, utilizavam diferentes meios, procuravam sempre um equilíbrio entre a procura de obras e o número de oficinas ativas, garantiam o trabalho dos seus e regulavam também todo o sistema de aprendizagem.

O comando era exercido pelos mestres, que eram os proprietários de cada oficina e das matérias-primas e controlavam a comercialização dos seus produtos. Cada um deles tinha tantos aprendizes e oficiais quantos julgasse necessários. Na oficina, os aprendizes iniciavam-se no ofício pela mão do mestre e, enquanto durasse o processo de aprendizagem, recebiam apenas comida e alojamento. Muitas vezes, viviam na própria oficina, e quando o mestre considerasse que já tinham aprendido o que lhes competia, tornava-os oficiais.

Não escapava a ninguém que a morte e tortura de três mestres de diferentes grêmios da cidade devia encerrar algum mistério que escapava ao seu conhecimento. Eles próprios se tinham agrupado em patrulhas de vigilância para que nada parecido pudesse voltar a repetir-se.

A missa prolongou-se; os paroquianos abandonaram o templo e as ruas encheram-se de pessoas de bem.

A presença de guardas era muito mais numerosa do que o normal. Lízer e Diosdado estavam postados de forma visível nas proximidades da igreja de

Santiago.

– Estamos a perder tempo – comentou Diosdado.

– São ordens.

– Queres que te diga onde meto as ordens? – perguntou-lhe em voz baixa.

– Não é necessário.

– Olha, estão todos assustados, vão a correr para casa antes que caia a noite, cobardes!

– O que quereis dizer? – perguntou Lízer, que se esforçava por compreender bem o que Diosdado murmurava com bastante desagrado nas palavras.

– O que ouves, isto não é o que parece, alguém que se dá a tanto trabalho para chamar a atenção... Não é coisa boa. Tem de haver algo complexo por trás. Senão, para quê tanto escândalo? – Abanou a cabeça.

– É possível.

– E que diabos sabes tu? – perguntou Diosdado, fitando-o com desprezo.

– Aquilo da língua...

– O que tem a língua? Corta-lha para que não possam gritar enquanto os tortura, esse grande animal! É esperto, nunca tinha visto ninguém fazer isso.

– E porque os tortura?

– Sei lá eu – respondeu o aguazil, subindo o tom e fazendo um mau gesto com a mão. – Querera que lhe digam algo.

– Mas se lhes corta a língua...

– Se não te calas, eu é que ta vou cortar, e torturar-te-ei de uma maneira que não podes nem imaginar, entendido?

Lízer não respondeu.

– Vamos falar com um dos sapateiros, a ver se nos diz algo interessante sobre o grémio, mas tu fica caladinho, deixa-me ser eu a falar.

Desceram ao arrabalde, passando perto do local onde tinha ardido a casa em que Lízer entrara, arriscando a vida. Depois, seguiram até às imediações das muralhas, onde se encontrava uma das mais antigas oficinas de sapatos de toda a Albarracín. Diziam que era também a mais cara, mas a sua qualidade era inquestionável e tinha uma boa clientela.

– Diosdado, o que fazes tu por aqui? Se há mil anos que não compras umas boas botas.

– Tantos como os que passaram desde a última vez que limpaste esta pocilga – disse o aguazil, sorrindo.

– Bem gostarias tu de dormir num chão tão limpo como este – replicou o sapateiro, que estava a um canto, sentado num banco, a coser uma tira de couro a uma palmilha. – Trazes companhia.

– É um inútil, este; se quiseres, ofereço-to.

– Já tenho aprendizes mais do que suficientes, a ver se nomeio algum deles oficial, porque a vista já me falha...

– Preciso de informações, Leandro.

– Já sabia que não vinhas à procura de uns sapatos. – E olhou de soslaio para as botas roídas do aguazil.

– Os assassinatos do curtidor, do padeiro e do carpinteiro...

– O que têm? – perguntou Leandro, sem nunca parar de coser.

– Todos eles pertenciam a grémios da cidade.

– E?

– Não te faças de tonto comigo, sei como fazeis as coisas nos grémios –

advertiu Diosdado. – Conta-me o que sabes.

– Nós limitamo-nos a ajudar a cidade; velamos pela qualidade dos produtos e evitamos a concorrência de estrangeiros e as oscilações nos preços. Trabalhamos para que vós vivais melhor.

– As pessoas acreditam mesmo nessa história?

– Diz o que quiseres, mas imagina que um dia faltava o pão nesta cidade, um só dia. O que aconteceria? – perguntou o sapateiro, arqueando as sobrancelhas.

– O caos, digo-te eu. E falo de um só dia, ou imagina que o preço do pão subia para o dobro, armar-se-ia um motim! Até o nosso senhor teria de se refugiar na alcáçova para que não o enforcassem.

– Diz-me o que sabes dos assassinatos. Porque mataram mestres de três grémios diferentes?

– O que julgas tu ser o melhor que um grémio sabe fazer?

– Não penso responder que o seu trabalho, nem sonhes – respondeu Diosdado, prolongando a última sílaba.

– Pois, imagino que não – afirmou o sapateiro –, mas não é isso. O que um grémio sabe fazer melhor é guardar os seus segredos, percebes?

– Sim; percebo que não me vais dizer nada.

– Creio que já disse o suficiente; agora tenho trabalho.

– Vamos embora; faz um favor a ti mesmo e limpa isto.

Lízer seguiu Diosdado e saíram da oficina. O guarda abriu muito a boca, como era costume fazer, e mostrou os dentes, passando em seguida os lábios por eles.

– Malditos grémios.

– Tem de haver uma relação... – murmurou Lízer.

– Os grêmios são herméticos; é essa a base da sua força, não transmitem o seu conhecimento nem a sua experiência a ninguém que lhes seja estranho. Tens de começar como aprendiz, trabalhar como uma mula para passar a oficial e continuar a trabalhar às ordens do mestre da oficina até que um dia, com sorte, sejas promovido a oficial de primeira, te revelem os principais segredos desse grémio, te façam mestre e possas então começar o mesmo ciclo noutra cidade. Nunca te deixam fazer concorrência à oficina que te ensinou o ofício.

– Isso é lógico; parece justo.

– Justo! E que importa a justiça... Se o mundo fosse justo, todos poderíamos ser reis. Diz-me: algum dia serás rei? – perguntou Diosdado, rindo-se. – O mundo nunca será justo, haverá reis, condes, duques, ou terão outros nomes. E é claro que haverá servos e vassallos, ainda que também sejam chamados de outra maneira e continuem a ser enganados de outras formas. O mundo nunca será justo porque os homens não o são.

– Se capturarmos este assassino, conseguiremos fazer justiça.

– Disparates! Se o detivermos, a única coisa que conseguiremos será salvar o nosso próprio pescoço e o dos de cima. Nada mais, nada menos – afirmou o aguazil. – Por isso, vamos apanhá-lo, porque gosto do meu pescoço, não porque seja justo, percebeste?

– Sim – respondeu Lízer a medo.

– Este assassino tem algo contra os grêmios; talvez tenha trabalhado num deles.

– Mas matou em três diferentes...

– Ou é possível que o que procura seja o segredo de algum desses grêmios para fazer fortuna por conta própria.

– E por isso corta-lhes a língua? Para que não lho possam dizer?

– Isso já não sei. – Diosdado fez menção de lhe dar uma boa pancada, mas acabou por não o fazer.

– Não temos a certeza de que os outros também a tivessem cortada.

– Nem saberemos; já estão debaixo de terra – grunhiu Diosdado.

– E os símbolos de que Dom Alejandro fala?

– Quem sabe? Há gente que acredita em coisas muito estranhas.

– Pensais que é algum tipo de paganismo?

– Nesta cidade, há cristãos, judeus e muçulmanos; se dependesse de mim, expulsaria todos aqueles que não acreditam em Cristo, mas não sou eu que mando. Um dia, porém, dar-me-ão ouvidos e expulsarão todos esses infieis para bem longe; senão, é dar tempo ao tempo – acrescentou. – Se esses infieis estão cá alegremente, vá-se lá saber quem não andará escondido...

Diosdado ficou parado a olhar para o Sol; estava baixo, restava apenas uma hora de luz. Os seus raios entravam muito planos naquela rua e ofuscavam. Por isso, não distinguiu as duas silhuetas que se aproximavam a correr.

Eram Alfonso e Blasco.

– Tendes de ir à catedral – disse o mais velho a Lízer.

– Porquê?

– Há uma mulher com uma tocha em cima do telhado; diz que se vai atirar de lá, que viu o Maligno.

– Maldição! – Diosdado torceu a cara. – Já não podemos ter um dia calmo...

Capítulo Catorze

Martín observava, em segundo plano, a mulher que desafiava as alturas do topo da catedral. Os religiosos bradavam aos céus ante semelhante sacrilégio, enquanto os guardas e aguazis discutiam sobre o que fazer face a tal situação.

O dominicano apareceu também, alertado pelo tumulto.

– Santo Deus! Mas quem está ali em cima?

– Dizem que é uma mulher, ainda que, com esta luz, quase não se consiga ver.

– E como conseguiu subir?

– Boa pergunta, Frei Esteban.

Aparentemente, o aguazil-geral tinha decidido intervir. Deu ordens para que mantivessem todos os curiosos afastados do templo enquanto avançava em direção ao edifício. Ia acompanhado por Lízer e Diosdado, passaram os três ao lado do dominicano e do sacerdote. Martín trocou um olhar com o jovem aguazil.

Com uma tocha nas mãos, Alejandro de Ferrellón subiu a escadaria de acesso à catedral. Um a um, subiu os degraus, envolto na penumbra de uma noite que já se tinha apoderado de Albarracín. Chegou ao pórtico da entrada e ergueu o olhar; os modilhões que sustentavam a cornija pareceram ganhar vida nesse momento. Um deles era uma personagem com um saco na mão esquerda e sobre o peito, talvez um comerciante ou um prestamista. O outro era o próprio demónio, chifrudo, mal-encarado e a segurar o rabo com a mão esquerda, numa atitude lasciva.

Era essa a imagem que o olhava fixamente das alturas.

Também Lízer os observou; sentiu um medo atroz e, ao baixar os olhos, evitou

olhar também para as representações do tímpano do pórtico.

O aguazil-geral deu dois passos em frente e verificou que a porta não estava fechada; empurrou-a e entrou no templo.

A sua tocha iluminou o avassalador espaço de pedra.

A catedral era singular, estranhamente alongada. Seis lanços separados por arcos, todos eles ogivais, e um Cristo crucificado que presidia ao cimo do altar. As lajes do solo eram grandes blocos que infundiam respeito e alternavam com sepulturas de nobres e clérigos que haviam tido a sorte de ser enterrados ali. Ainda que todos soubessem que as famílias mais humildes também gostavam de descansar eternamente em solo sagrado e, às escondidas, ou após pagamento prévio de uma considerável quantia em prata, eram ali sepultadas, misturando-se os restos mortais de uns com os dos outros.

Por essa razão, ao pisar o solo catedralício, Ferrellón tentava fazê-lo com cuidado, por medo de incomodar algum morto.

Caminhou pelo centro da nave, impressionado com a imensidão do silêncio e a escuridão. Deus não podia permitir que nenhum mal acontecesse na sua morada. Pensando bem, aquele devia ser o local mais seguro de toda a Albarracín.

Os três aguazis chegaram junto do altar, situado diante da abside, rodeado por uma galeria de arcos cegos apoiados em capitéis esculpidos. Ali, conviviam serpentes, grifos de pelo eriçado, demónios que levavam à boca as cabeças dos condenados, harpias de olhar penetrante, macacos de rostos burlescos e cruéis, pavorosos basiliscos com cabeça de galo, asas e corpo de serpente, capazes de matar com o olhar, e temíveis dragões, monstros serpentiformes, alados, de aspeto feroz e que cuspiam fogo pelas suas horríveis bocas de colmilhos afiados.

Todos eles viviam nos capitéis e nas pinturas que decoravam as paredes do

templo. Lízer afrouxou a gola da túnica para poder aspirar um pouco de ar, enquanto Diosdado apontou imediatamente para o altar e o aguazil-geral iluminou com o archote um corpo que lá estava estendido.

Era um sacerdote; reconheceu-o, já o tinha visto antes nas liturgias da tarde e nas celebrações. Foi a correr auxiliá-lo e verificou que ainda respirava.

– Diosdado, depressa, vai procurar ajuda.

– Sim, senhor.

Lízer aproximou-se, hesitante, e viu como uma ferida atravessava o ventre do religioso, que já tinha perdido muito sangue.

– Eu perdoo-te – balbuciou o religioso moribundo.

– Como dizeis? O que tendes de me perdoar?

– Eu absolvo-te dos teus pecados – disse ele, com a voz entrecortada – em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

– Porque me dais a absolvição?

– Filho, se te aproximares dessa mulher, morrerás – afirmou o sacerdote, fazendo um esforço. – Afasta-te dela.

Lízer ficou perturbado com aquela afirmação. Primeiro, sentiu medo, como se algo tivesse estremecido no seu interior. Mas então tudo mudou, olhou para o religioso moribundo e pensou em como seria essa mulher para provocar tais palavras.

Diosdado apareceu com vários homens.

– Ficai com ele – ordenou Alejandro de Ferrellón. – Lízer, acompanha-me, rápido! – Sob o olhar de desagrado de Diosdado, dirigiram-se a uma das laterais.

Uma estreita porta dava acesso a uma escadaria em espiral que subia até à

torre. O aguazil-geral não hesitou e começou a subi-la. Os degraus eram altos e a subida desconfortável; foram rodando até chegarem a uma segunda porta. O aguazil-geral abriu-a e saíram para o telhado do templo.

Foi então que a viram. Era uma figura pequena e magra, negra como a própria noite, segurando um archote na mão erguida. Só ela era visível naquela penumbra, pois a luz daquela chama perdia-se na imensidão da noite sobre aquele imenso espaço que era o telhado da catedral. Talvez por isso, a mulher tinha um aspeto fantasmagórico.

Estava em cima do beiral, encurralada, sem outra escapatória a não ser saltar para o vazio. Com a cabeça virada para o outro lado, com uma das mãos sacudia um archote em movimentos sem sentido, como se afugentasse algo com ele, enquanto na outra empunhava uma adaga.

– Para! – gritou Alejandro de Ferrellón. – Sou o aguazil-geral de Albarracín, posso ajudar-te.

Então, a mulher virou a cabeça para eles por um instante, voltando-lhes depois novamente as costas.

– Não saltes! Seja o que for que te tenha acontecido, eu ouvir-te-ei – insistiu ele, dando um par de passos na direção dela.

A mulher cravou os seus olhos no aguazil. Alejandro de Ferrellón deu-se conta de que tinha uma expressão aterrorizada no rosto. Imediatamente, a mulher voltou a olhar para o outro lado, dando mais um passo em direção ao abismo; soprou uma rajada de vento que a fez cambalear e, por alguns instantes, a luz da tocha esbateu-se e a sua figura quase desapareceu.

Quando o vento cessou, a adaga tinha caído, chocando contra o telhado e precipitando-se no vazio. Foi então que ela soltou um grito.

– Fui eu que matei aqueles homens!

Ferrellón ficou aturdido com aquelas surpreendentes palavras, como se o tivessem agredido de surpresa.

– Uma mulher...! Foste tu que assassinaste os trabalhadores dos grémios?

– Sim; torturei-os até dizerem a verdade, tendes de me levar convosco – afirmou ela, ainda de tocha em riste. – Tendes de me prender, rápido! Já!

Alejandro de Ferrellón suspirou; não podia acreditar que aquele cenário fosse possível.

– Porque o fizeste? – Pensou que talvez não fossem as palavras adequadas naquele momento. – Conta-nos tudo, para que vais saltar? É melhor que venhas para aqui; diz-nos como e porque o fizeste.

– É isso que quero fazer; se me levardes, dir-vos-ei tudo – afirmou ela, dando dois passos na direção deles, mas sem deixar de olhar para o outro lado.

– Pousa primeiro o archote aos teus pés.

– Tirar-me-eis daqui? Tenho muito que confessar. Mas só a vós. Sois realmente o aguazil-geral?

– Sim, claro.

– Nada de clérigos nem de outros homens... Jurai!

– Não há aqui ninguém que tenha mais vontade do que eu de saber o que tens para dizer, garanto-te – afirmou Alejandro de Ferrellón.

– Dai-me a vossa palavra.

– Tem-la.

A mulher atirou o archote para a frente e correu para Ferrellón, mas estava tão perto do beiral que escorregou e um dos seus pés afundou-se no vazio; nesse momento, ele agarrou-a pelo pulso e atirou-a contra a saída para o telhado.

A mulher bateu com a cabeça contra as telhas, mas levantou-se de imediato;

então, Alejandro de Ferrellón agarrou-a pelo pescoço, segurando-a com força.

– É claro que vamos falar, tu e eu. – E empurrou-a pelo vão da escadaria a fim de descer para a nave do templo.

O aguazil-geral continuou a empurrá-la até entrar na catedral. Naquele solo sagrado, olhou-a nos olhos; tinha um de cada cor. Ferrellón nunca tinha visto algo assim numa mulher, apenas em animais.

O olhar da mulher cruzou-se com o de Lízer, e ele reconheceu-a de imediato. Era a mulher que tinha salvo no incêndio. Os lábios do rapaz estiveram prestes a falar, mas detiveram-se no último momento.

Junto ao altar, esperavam Diosdado, o bispo, o deão, outros religiosos e meia dúzia de guardas chefiados por Pablo de Heredia.

– O sacerdote morreu – afirmou Diosdado. – Vão enforcar-te por isto, desgraçada.

– Disso logo falaremos, agora temos de a prender – disse Alejandro de Ferrellón, empurrando-a para a frente.

– Um momento, Alejandro. – Pablo de Heredia deu um passo em frente e ergueu o braço direito. – Este assunto não é uma mera altercação, estamos a falar de crimes muito graves.

– Eu sei, por isso vos peço que me deixeis fazer o meu trabalho.

– Isto não é trabalho vosso – interveio o bispo. – Essa mulher não abandonará este lugar.

– Eminência. – O aguazil-geral fez-lhe uma vénia sem soltar a mulher. – É uma assassina, devemos...

– É como ouvistes, seremos nós a julgá-la. Pablo de Heredia está certo, são crimes terríveis os que esta mulher cometeu.

– Não, isso não – disse a mulher, tentando libertar-se. – Falarei convosco, não com a Igreja. Prometestes, aguazil!

– Um tribunal eclesiástico, por que razão? – O aguazil-geral ficou tão surpreendido que, por um momento, se esqueceu com quem falava. – Com a vossa licença, Eminência, temos de a levar.

– Há motivos para suspeitar que é religiosa; interrogá-la-emos nas nossas dependências – interveio também o deão.

– Isso é falso! Destes-me a vossa palavra, aguazil, destes-ma! – gritou ela.

– É verdade, eu... – Não acabou de proferir a frase, mas pensou-a. – Sou um homem de honra, ela tem razão.

– Não vos preocupeis – sussurrou o bispo. – Deus compreenderá.

Nesse momento, emergiram das sombras dois indivíduos vestidos com hábitos, que separaram o aguazil-geral da prisioneira, a quem ele tinha presa por ambos os braços. Lízer avançou para a ajudar, mas o seu superior deteve-o, pondo-lhe a mão no peito e fazendo-lhe um gesto de negação com a cabeça.

Lízer compreendeu e recuou. Os seus olhos voltaram a cruzar-se com os da mulher.

Martín e Frei Esteban chegaram também nesse momento e ficaram surpreendidos com a cena, com aquela mulher rodeada de aguazis, homens de armas e religiosos.

O bispo aproximou-se dela e olhou-a fixamente.

– Como te chamas? És tu a causadora de todo o mal nesta cidade, a que invoca o Maligno, a que torturou e matou em seu nome?

– Não! Eu não fiz nada disso.

– Mentas! Disseste-o antes, eu sei.

– Retrato-me, não tenho nada que ver com essas mortes, precisava da vossa ajuda...

– Silêncio! – Diosdado aproximou-se dela e desferiu-lhe uma tremenda bofetada no rosto. – E obedece.

– O mal está no teu olhar – continuou o bispo –, não podes escondê-lo. Confessarás todos os teus pecados, tenho a certeza disso.

Ela cuspiu-lhe na cara.

Capítulo Quinze

A notícia espalhou-se por toda a cidade; falava-se disso em cada esquina. As mulheres, nos seus grupos junto ao rio, não falavam de outra coisa; o ocorrido transpôs as muralhas e espalhou-se pelo arrabalde e pelas aldeias mais próximas. Nas tabernas, sobretudo na do Coxo, começaram a ouvir-se as teorias mais disparatadas, e antes que o Sol voltasse a pôr-se, já toda a gente em Albarracín estava convencida de que aquela mulher tinha sido possuída pelo Maligno e era a culpada dos abomináveis crimes dos grémios.

Muitas perguntas ecoavam em todas as bocas. Quem era ela? Como se chamava?

Alejandro de Ferrellón foi chamado por Dom Juan Núñez, Senhor de Albarracín, à alcáçova. O aguazil-geral orgulhava-se sobremaneira de visitar o topo da cidade, mas não naquele contexto. Que a máxima autoridade da cidade exigisse a sua presença não podia ser nada de bom. Era um homem habituado a não expressar os seus sentimentos, pois via-o como uma demonstração de fraqueza. Por isso, não dissera a ninguém que temia até pelo seu próprio posto como responsável pela segurança intramuros de Albarracín.

Um homem de armas acompanhou-o à porta da sala de audiências; bateu duas vezes e indicou-lhe com a cabeça que, a partir dali, devia prosseguir sozinho.

Alejandro de Ferrellón empurrou a porta dupla e entrou com passos firmes e decididos. Conhecia aquela luxuosa divisão, decorada com pendões da Casa de Lara, tocheiros de prata, tapeçarias com cenas de caça e uma longa passadeira vermelha que conduzia ao cadeirão de onde o quinto Senhor de Albarracín despachava os assuntos relativos ao governo do senhorio.

Avançou sem hesitar, detendo-se a cinco passos de Juan Núñez de Lara; fez uma vénia e olhou de soslaio para os outros homens presentes, Diego de Cobos e

outros três conselheiros castelhanos.

– Aguazil-geral – começou o Senhor de Albarracín –, acabo de regressar de uma escaramuça na fronteira e deparo com a cidade em estado de pânico. Cinco mortos, com os grêmios a clamar por justiça para três deles, assassinados de formas terríveis.

– Se me permitis que vos explique...

– Ousais falar sem ser questionado?

– Não, meu senhor.

– Além de um sacerdote morto na catedral e de um dos vossos próprios homens. Estou muito dececionado com a vossa atuação nestas mortes – acrescentou ele, furioso. – Além do mais, levantastes a voz ao bispo, ao bispo! Estáveis a pensar em quê? Dizei-me!

Não se atreveu a responder-lhe.

– Três artesãos mortos, além de um sacerdote e de um aguazil, e a culpada é afinal uma insignificante mulher.

– Com todo o respeito – disse Ferrellón, curvando novamente a cabeça –, duvido muito que essa mulher tenha matado aqueles homens.

– Duvidais? Pois eu duvido que sejais capaz de manter a ordem na minha cidade – replicou Juan Núñez de Lara, elevando o tom de voz. – Informaram-me de que os artesãos foram torturados, sofreram amputações, um deles foi queimado vivo, o outro foi... esfolado!

– Assim é.

– Quem a não ser o Maligno seria capaz de algo assim?

– Por isso mesmo não pode ter sido a mulher a fazê-lo, como ia torturar daquela forma homens mais fortes do que ela?

– É sabido que, quando o mal possui certas mulheres, estas adquirem uma força fora do vulgar, não é verdade, Diego?

– Sim, meu senhor – respondeu o nobre à sua direita –, é sabido por todos.

Diego de Cobos era um dos cavaleiros de confiança do Senhor de Albarracín; chegara com ele à cidade aquando do casamento de Dom Juan com Dona Teresa de Azagra, a herdeira do título do Senhorio de Albarracín.

– Essa mulher é o mal personificado e deve sofrer todo o castigo de Deus.

– Se me permitirdes que a interrogue, estou certo de que...

– Basta – cortou ele, incisivo. – Agora é um assunto da Igreja, que saberá como lidar com uma situação destas. Vós, limitai-vos a preparar o cadafalso; logo que haja uma sentença, quero que lhe cortem a cabeça em público!

– Meu senhor – interrompeu Diego de Cobos –, o mais adequado num caso como este é enforcá-la.

– Tanto faz, que sirva de exemplo e que as pessoas fiquem satisfeitas. Já sabeis como gostam de ver execuções, mais ainda se for de uma mulher e o diabo estiver envolvido. Ao povo, é preciso dar-lhe um pouco de sangue de vez em quando; caso contrário, exige-lo-á, e isso é perigoso – afirmou o nobre com preocupação no rosto. – Preparai esse maldito cadafalso.

– E se não tiver sido ela? – perguntou Alejandro de Ferrellón, medindo depois melhor as suas palavras. – Quero dizer, e se houver outra morte?

– Não me ouvistes? – bufou o Senhor de Albarracín.

– É claro que sim, meu senhor.

– Confessou diante de vós todos os seus crimes, disse-me o próprio bispo que é ela a culpada de todo o mal, e está de acordo comigo em que deve ser executada com a máxima brevidade – concluiu o nobre. – Agora retirai-vos,

tenho assuntos a tratar. A fronteira está cada vez mais instável; aquele maldito Pedro III não me dá mais do que dores de cabeça.

Alejandro de Ferrellón saiu enervado da sala de audiências e abandonou a alcáçova a passo rápido. Não parou até chegar à porta de Molina, entrou no torreão que a defendia e subiu ao piso nobre. Diosdado estava lá, juntamente com outros dois homens: Lízer e um dos guardas com mais anos de serviço, Sancho.

– Correu assim tão mal? – perguntou este último.

– Sempre tão perspicaz, Sancho. Não sei o que se passa com aquela mulher e não creio que o saiba facilmente; vão enforcá-la assim que puderem. Dizem que foi ela que matou os artesãos.

– Sabeis tão bem como eu que isso é uma estupidez – interrompeu Lízer.

– Mas querem-na morta; dizem que está possuída pelo Maligno e a Igreja está desejosa de acabar com ela.

– Não me admiraria, queria saltar do telhado da catedral – acrescentou Diosdado. – Ou está possuída ou está louca, tanto faz, mais vale que morra.

– Ela não queria saltar – acrescentou Lízer, ante a expressão de surpresa dos outros. – Só queria que a ouvísseis. Vós mesmo lho prometestes, senhor.

– De que diabos estás tu a falar? – saltou Diosdado. – Vou-te dar uma boa...

– Deixa o rapaz explicar-se – interveio Sancho. – Resolves tudo à pancada.

– Não falta razão ao Lízer; ela insistiu em falar comigo, mas... Agora pertence à Igreja, só eles a podem interrogar.

– Então já não há nada a fazer; tê-la-ão nas masmorras do palácio e o bispo não será de meias medidas – murmurou Sancho com desânimo.

– Essas masmorras são só boatos, não existem – negou Diosdado, de má

vontade.

– O que uma pessoa tem de ouvir... É claro que existem!

– Porque não conheço ninguém que tenha estado nelas? – inquiriu o velho aguazil, enfrentando o seu colega.

– Diosdado, quem lá entra já só sai com os pés para a frente – respondeu Sancho, muito mais sereno. – Parece mentira que tu não saibas isso.

– Isso agora não importa – interveio Alejandro de Ferrellón. – Aquela mulher não falará com os padres e eles não têm intenção de ouvi-la, por isso tem mau futuro.

– Porque subiria ao telhado? Teria sido melhor deixá-la lá para que saltasse – acrescentou Diosdado, com má cara.

– Mas não saltou; e, ainda assim, podia tê-lo feito, teve tempo, se era o que realmente queria.

– Aquela mulher estava louca, não penseis mais nisso.

– Não, Diosdado, a mim não me dá a impressão de que lhe faltasse a sanidade; parecia antes assustada, como que a tentar fugir – refletiu o aguazil-geral em voz alta. – Estava à defesa, como que atemorizada por algo.

– Fugir de quê? Agora sim, deve estar assustada, uma vez que a vão enforcar.

– Algo não bate certo, eu vi-lhe a expressão do rosto, não queria tirar a própria vida. Muito pelo contrário; agarrava-se a ela, parecia desesperada por sobreviver.

– Não importa; agora é da incumbência da Igreja, arrancar-lhe-ão uma confissão. Sei como fazem as coisas na diocese, há um par de sacerdotes a que ninguém resiste, têm métodos muito eficazes. – Até Diosdado ficou com má cara só de pensar nisso.

– E se não fossem esses padres a interrogá-la? – perguntou Lízer, para surpresa de todos.

– Santa Maria! Estás mesmo a pedi-las, rapaz. – E Diosdado avançou para ele com o braço preparado.

– Para, homem – interveio Alejandro de Ferrellón, dando dois passos na direção do aguazil. – Estás a falar de quê, Lízer?

– No outro dia, chegou um enviado papal, um velho dominicano. Talvez ele esteja disposto a ouvi-la.

– Como sabes disso?

– Tenho as minhas próprias fontes.

– O que me faltava ouvir! O rapazote tem as suas próprias fontes. – Diosdado soltou uma sonora gargalhada.

– Cala-te!

– Mas, senhor, não lhe ireis prestar atenção, pois não?

– Já te mandei calar – insistiu Alejandro de Ferrellón, num tom imperturbável. – E porque haveriam de deixar que fosse ele a interrogá-la?

– Porque é dominicano – respondeu Lízer com segurança.

– Alejandro, se tem autoridade papal, não poderão recusar-se a permitir que ele a visite – acrescentou Sancho num tom conciliador –, e todos conhecem a habilidade dos dominicanos em questões deste tipo.

– Sim, mas como o avisamos?

– Podeis falar com ele; enquanto aguazil-geral, certamente que aceitará receber-vos. E deveis fazê-lo de imediato.

Alejandro de Ferrellón saiu apressadamente rumo ao palácio episcopal; apesar de ter referido uma questão de segurança para mandar chamar Frei Esteban, não

lhe permitiram vê-lo sem uma autorização do bispo ou do deão. Não desesperou, postou-se do outro lado da rua e esperou pacientemente. Conhecia todos os religiosos da cidade, pelo que, se o dominicano saísse, poderia reconhecê-lo; além do mais, sabia que era um homem idoso e a brancura do seu hábito denunciá-lo-ia; uma alva, capa com capuz, escapulário e um rosário de quinze mistérios preso ao cinto.

E assim foi. Ao fim da tarde, saiu do recinto um idoso, acompanhado por um jovem sacerdote. Não se lembrava do nome do segundo, só que era estrangeiro e tinha chegado a Albarracín alguns anos antes, devia ter cerca de trinta. Subira rapidamente, ainda que não imaginasse que o tivesse feito ao ponto de ser o acompanhante do dominicano durante a sua estada.

Seguiu-os em silêncio; esperou que estivessem longe do palácio e abordou-os sem demora no meio da rua.

– Chamo-me Alejandro de Ferrellón, aguazil-geral de Albarracín.

– Muito gosto, sou Frei Esteban, humilde servo de Deus na ordem dos dominicanos. Este é o meu acompanhante, o sacerdote Martín. Podemos ajudar-vos em algo?

– Vós sim, certamente, numa questão de suma importância.

– Bem, escuto-vos com atenção, que assunto exige a minha humilde colaboração?

O aguazil relatou-lhe o sucedido com urgência, realçando a situação da rapariga e a sua evidente inocência nas mortes ocorridas nos grémios da cidade.

– Porque cortaram a língua a esses homens?

– Para que não pudessem gritar.

– Torturar alguém sem que possa gritar... Não é habitual. Quando se faz algo

tão horripilante a um homem, ou se procura uma cruel vingança ou...

– O quê?

– Ou uma confissão, talvez ambas em simultâneo, mas, se lhe cortarem a língua, ele não pode falar, talvez escrever, ainda que... Esses homens são analfabetos – acrescentou o dominicano, coçando o queixo. – Este assunto é muito estranho.

– Sim, é – concordou o aguazil-geral. – Por isso recorri a vós.

– Devo, sem dúvida, ouvir essa mulher – murmurou Frei Esteban. – Martín, sabes onde está detida?

– Não, eu só...

– É certa a existência dessas masmorras?

O padre Martín hesitou.

– Respondei! – insistiu Alejandro de Ferrellón. – Não temos tempo a perder.

– Ficam por baixo do palácio.

– Então leva-nos até lá. Como enviado papal, nada me pode ser ocultado, entendido?

– Sim, ainda que seja meu dever informar primeiro o deão.

– Informa o bispo, se quiseres, mas primeiro quero falar com essa mulher – ordenou o frade. – Aguazil, fizestes bem em procurar-me. Cumprirei a minha missão, em breve saberemos quem ela é e que pecado cometeu.

– Agradeço-vos; faço apenas o melhor para a cidade.

– E isso honra-vos.

Despediram-se. Os dois religiosos regressaram em silêncio ao recinto religioso. Antes de entrarem nele, o dominicano olhou para o céu sem dizer

nada. Martín observou-o, confuso; aquele homem era diferente de todos; parecia dizer apenas as palavras certas, sem uma única a mais do que o necessário, mas, ao mesmo tempo, era como se estivesse cheio delas. Como se se tratasse de uma grande fonte da qual só a água necessária emanava a cada momento.

– Em que pensais, Frei Esteban?

– Ao fim e ao cabo, talvez Deus tenha tomado a decisão de me fazer vir aqui por um motivo concreto.

– Qual?

– Em breve o saberemos.

Capítulo Dezasseis

Passado um par de horas, o enviado papal, o deão e o jovem sacerdote dirigiram-se ao subsolo do palácio episcopal. Uma robusta porta com um volumoso ferrolho no exterior barrava-lhes a passagem. Martín bateu duas vezes e uma estreita janela com grades abriu-se, atrás da qual uns olhos amarelentos os fitaram. O padre Martín segurava uma chave de dimensões generosas, introduziu-a no orifício e abriu a fechadura.

– O carcereiro não tem a primeira chave; é uma medida de segurança – explicou o deão.

O dominicano assentiu.

Ao atravessarem o umbral, a personagem de olhar bilioso esperava-os com um archote nas mãos; era um indivíduo desproporcionado em altura e corpulência, com o maxilar deslocado e as órbitas oculares encovadas. Sem dizer uma palavra, pôs-se em movimento, iluminando um estreito corredor de paredes de pedra. Ao fundo do mesmo, encontraram outra porta de características similares; desta vez, foi o estranho guardião a abrir o ferrolho.

– Não fala, deão? – perguntou Frei Esteban.

– Temo que não, é melhor assim. A partir da primeira porta, é ele que guarda todas as outras chaves.

O guardião pareceu ouvi-los, porque fixou os seus olhos murchos no dominicano e este observou, por sua vez, as chaves que pendiam do seu cinto. Deviam ser das outras portas e das celas. Não deixava de ser inquietante que aquele carcereiro jamais pudesse sair dali a não ser que lhe abrissem a porta a partir de fora.

– Tem de ficar aqui para vigiar a única saída.

O deão tomou a iniciativa e pegou na tocha. Havia um novo corredor com

celas do lado direito. A humidade era abundante, o silêncio só era quebrado pelo som de gotas de água que se infiltravam por algumas zonas e por uns inquietantes estalidos, possivelmente de ratazanas.

Chegados a uma das celas, o carcereiro pegou noutra das suas chaves e abriu-a. Do outro lado, havia uma divisão com piso de terra, paredes em pedra viva e um pestilento cheiro a excrementos, desperdícios e imundície.

Aproximou a chama da parede e acendeu vários candis que lá estavam pendurados. Pouco a pouco, foi-se desenhando o habitáculo até ao muro mais distante, onde a ténue luz deixava adivinhar uma figura.

O dominicano não conseguia vê-la bem e deu um par de passos na direção dela.

– Cuidado, Frei Esteban – advertiu o deão, estendendo o braço. – É perigosa.

– Como te chamas? – perguntou o dominicano.

– Alodia – respondeu uma voz firme; as formas de uma mulher esboçaram-se diante do archote, ainda que o rosto continuasse entre sombras.

– O nome de uma santa pouco comum, interessante. – Deu outros dois passos em frente, desta vez para o lado direito. – Sabes porque estás aqui?

– De certeza que encontrastes mais do que uma razão para me encarcerardes.

– Na minha opinião, não deverias estar entre estas quatro paredes – afirmou o dominicano, para assombro da mulher e do próprio deão. – Verás, não tenho a mínima intenção de perder tempo, pois é o mais valioso que um homem da minha condição possui. – E olhou de soslaio para o deão, que assistia à cena, confuso.

A mulher saiu da escuridão e deixou ver a sua figura esbelta e frágil; parecia doente, como se o seu corpo fosse uma planta ressequida pelo Sol, a antecâmara

de uma morte prematura. O seu olhar, em contrapartida, era intenso, cheio de força e com uma íris de cada cor.

O deão persignou-se, enquanto Martín ficou absorto, incapaz de erguer os olhos daquela estranha criatura.

– Calma, vim para saber a razão de haver tanto alvoroço contigo. – E aproximou a tocha para ver melhor o rosto da mulher. – Um olhar bicolor...

– Como os gatos – disse ela.

– Sim, também é frequente em cães e cavalos.

Martín ficou petrificado ante aqueles olhos. Ela fitou-o sem dizer nada e ele sentiu-se desconfortável, nunca tinha sido olhado assim por uma mulher.

– Escuta, mulher, não sou um vulgar charlatão; não te vou julgar por tal capricho de Deus – pigarreou o dominicano, antes de tossir de forma airosa. – Esta humidade está a ensopar-me até aos ossos. Martín, traz-me uma mesa e um cadeirão para que possa começar o mais cedo possível.

– Um cadeirão?

– Sim, não ouviste? – inquiriu o deão. – Vamos, Martín.

O sacerdote curvou a cabeça e saiu do calabouço.

– Bem, começemos, Alodia. Dizem que agora renegas os crimes que confessaste no telhado da catedral. Porque te retratas deles?

– Eu não matei os trabalhadores dos grémios, nem mais ninguém.

– De que te declaras culpada, então?

– De viver.

– Já é penitência suficiente, sem dúvida. É melhor que fales comigo, posso ajudar-te. – O dominicano utilizava um tom amigável com a prisioneira. – Estou disposto a ajudar-te, por isso estou aqui. Não deves ter medo, confessa os

teus pecados.

– Ser mulher.

– Isso não é propriamente um pecado.

– Para vós, os homens, a mulher é pecadora por natureza.

– Para nós? – O deão não conseguiu conter-se. – Deus criou o homem como ser perfeito e superior para que desfrutasse da criação. A mulher, em contrapartida, nasceu de uma costela de Adão para contribuir para a felicidade do homem. Tudo isso foi vontade do Senhor, não dos homens.

Alodia mantinha-se em silêncio, enquanto Frei Esteban a observava com interesse. Também aquele lugar, uma masmorra, era o mais parecido com uma gruta que se podia encontrar numa cidade como aquela. Ali dentro, a sensação era estranha, por um lado o cheiro, a humidade, os ruídos de animais imundos; por outro, era como estar dentro da terra, em paz com tudo, como no ventre de uma mãe.

Talvez Frei Esteban estivesse em breve num lugar parecido, numa gruta distante, afastado de tudo e de todos.

– As mulheres trazem ao mundo os homens, e carregamo-los dentro de nós durante nove meses, por isso não venhais dizer-me que não fazemos nada na criação do homem.

– A conceção é outro assunto...

– Não será antes um assunto que não vos interessa? – disse ela, com uma força inexplicável para um corpo tão débil e delicado.

– Silêncio! Não tolerarei essa conduta descarada diante de mim – advertiu o deão.

– Culpar as mulheres por todos os males do homem não vos servirá sempre –

avisou ela, com uma voz cada vez mais rouca e profunda. – Sois vós que matais, violais e roubais! Os homens! Também os que, como vós, vestem hábitos!

– Cuidado! Não admitirei que critiques Deus ou a Igreja na minha presença – disse Frei Esteban, perdendo a serenidade pela primeira vez. – Se voltas a falar assim de nós, não terei outro remédio a não ser ordenar que te castiguem.

Martín chegou com o que tinham exigido. O dominicano apoiou-se no encosto do cadeirão. A prisioneira ficou de pé diante da mesa que Martín colocou o melhor possível, tentando esconder que não a fitava.

– Concentremo-nos no assunto que nos trouxe até aqui.

– São calúnias! Eu não fiz nada daquilo. No telhado da catedral...

– A heresia é um pecado grave – salientou o dominicano, esperando algum tipo de resposta daquela enigmática mulher, que, naturalmente, não obteve. – Os feitiços e encantamentos de que algumas mulheres tanto gostam violam o primeiro mandamento. Pecais se derdes de comer ou de beber aos homens filtros para conseguir o seu amor. – O religioso interrompeu-se para ver a reação da acusada. – É sabido que as mulheres têm uma maior inclinação para as superstições que tanto aborrecem o Senhor. E esse facto é motivado pela vossa ignorância, debilidade e medo.

– Se pensais isso, é porque não conheceis os homens; não encontrareis mais do que dezenas de imbecis em qualquer taberna desta cidade.

– Não estás a ajudar-me e, assim sendo, não estás a ajudar-te a ti própria. A Igreja não quer mulheres rebeldes.

– Acho que o que a vossa igreja não quer são mulheres inteligentes – gritou Alodia com força na voz. – E as que encontra, fecha-as num convento para que ninguém saiba delas.

– Maldita língua a tua! – exclamou o deão, voltando a alterar-se. – Como

ousas dizer tal barbaridade?

– Não vos indignaria tanto se não fosse verdade – respondeu ela de pé, pétrea ante as palavras envenenadas do religioso.

– A tua língua é perigosa, não há dúvidas disso. – O deão procurou um pergaminho entre os documentos que transportava. – Como os teus pecados, que são gravíssimos – prosseguiu, lendo-os apesar da luz. – Práticas demoníacas... Esfolar, queimar, crucificar seres vivos, torturas inimagináveis...

– Mentiras!

Martín assistia corajosamente ao interrogatório, tudo o que ouvia era perturbador para ele. Ao fitar a figura tenebrosa daquela mulher, não podia deixar de a imaginar a cometer todos aqueles atos pecaminosos, e isso ainda o inquietava mais.

– Foi o aguazil quem me prendeu – salientou ela. – Deveria ser ele a interrogar-me. Só a ele contarei a verdade.

– Sobre as mortes?

– Sim, sobre as mortes e... Sobre tudo o resto.

– Confessarás os teus crimes diante dele?

– Direi a verdade.

– Não vos deixeis enganar, Frei Esteban – advertiu o deão. – É uma mulher, brinca com os homens, tenta-os...

– São os homens que nos violam e abusam do nosso corpo, não é isso pecar duplamente? – replicou ela sem se deixar amedrontar.

– Porque mulheres como tu os incitam a isso, a culpa é vossa! O ato sexual só se justifica se o seu objetivo for a procriação ou atender ao dever conjugal. Em todos os outros casos, é sempre pecado!

– Mentirosos, os clérigos têm as suas barregãs, e os mercadores visitam os bordéis durante as suas viagens – respondeu ela com firmeza. – A fornicção e o adultério são comuns em todos os homens, nobres, camponeses e religiosos.

– A culpada disso é a mulher! – O deão não conseguia controlar-se. – Sois vorazes pecadoras sexuais que não pensam noutra coisa a não ser em chamar a atenção dos homens e desatar o seu desejo! Só pensais em fornicar com qualquer varão!

– Calma, deão, controlai-vos – pediu o dominicano, impacientando-se ao vê-lo tão alterado.

O deão parou e olhou envergonhado para o emissário papal. A mulher contemplava-os com fúria, virando a cabeça para um lado e para o outro. Após alguns instantes de silêncio, o dominicano sentou-se novamente e respirou de forma pausada.

– Julgo que é melhor que me deixeis a sós com ela.

– Como dizeis? – O deão franziu o sobrolho.

– Sei como atuar em situações como esta; já me vi numas quantas.

– Não duvido, mas é minha responsabilidade; o colégio catedralício obriga-me...

– Sou um emissário do pontífice; não creio que seja necessário recordar-vos da minha jurisprudência em toda a Cristandade. O vosso cargo é de enorme importância; ainda assim, estais neste lúgubre lugar junto a uma pecadora, porque, no vosso imenso amor por Deus, quereis dar tudo por Ele.

– Até à minha última gota de sangue.

– Sim; eu sei. – O dominicano pôs-lhe a mão no ombro. – Mas os vossos paroquianos precisam de vós na catedral; a cidade está envolta em medo e, agora

mais do que nunca, deveis mostrar-lhes o caminho para Deus, para a salvação. Ide descansado, eu trato desta mulher.

– Não se limitou a matar; também torturou, e diz palavras impuras, e é uma selvagem, uma desavergonhada... – disse o deão, apontando para Alodia.

– Confessará todos e cada um dos seus pecados, prometo-vos.

– Tendes razão; os meus afazeres são mais importantes para a Igreja do que ouvir esta bruxa. O Martín ficará convosco para vos ajudar naquilo de que precisardes. – E olhou-o fixamente, como que a querer enviar-lhe uma mensagem clara. – Deixo-vos; cuidado com ela.

O deão abandonou a cela e em seguida as masmorras do palácio. Ficaram apenas os três. O dominicano aproximou-se mais da mulher.

– Alodia, debes confiar em mim – disse, voltando ao tom conciliador do início. – Está aqui o teu caminho para a salvação. Dentro destas quatro paredes, podes salvar-te; ainda estás a tempo.

– Nisso tendes razão. – A sua expressão tornou-se mais suave.

– Não sabes como me alegra que penses assim – disse Frei Esteban, pousando uma sacola de couro no chão e retirando um pergaminho que estendeu sobre a mesa; ao seu lado, pousou um tinteiro e tomou uma pena entre os dedos.

– Quereis que confesse?

– Seria o melhor para a tua alma.

– Alma?

– Todos temos uma; foi Deus quem no-la deu! – interveio o jovem sacerdote pela primeira vez.

– Deus?

– Será que...? – Martín sentiu uma pontada no peito. – Não duvideis d'Ele,

Alodia!

– De quem?

– Não podeis falar assim...! – exclamou ele, escandalizado.

– Assim? Como?

– Basta, Martín! Não sigas o jogo dela. – O emissário papal ergueu a mão, pedindo ao jovem sacerdote que se chegasse para trás.

– Perdoai-me, Frei Esteban.

– Eu quero ajudar-te, Alodia – anunciou o dominicano, sério e distante. – Mas se não me deixas... Não podes imaginar como é delicada a tua posição. Estamos num momento muito complicado; és apenas um incómodo. Se não cooperares, garanto-te que não teremos nenhuma consideração por ti.

– Nunca ninguém teve qualquer consideração por mim – afirmou a mulher com sinceridade. – O que quereis?

– No telhado, afirmaste ter matado os mestres dos grémios; foste tu quem cometeu essas atrocidades? Pensa bem no que vais responder; a tua vida depende disso.

– Não; não fui eu que os matei.

– Então porque afirmaste o contrário? Porque subiste ao telhado da catedral?

– Para que alguém me ouvisse.

– E o que era essa coisa tão importante que tens de dizer aos quatro ventos? – O dominicano alterou-se. – Diz-me!

– Sei o que o assassino procura – respondeu ela.

Capítulo Dezassete

Frei Esteban esperava as palavras de Alodia, mas estas não chegavam.

– Vais dizer-me? Se, tal como afirmas agora, não foste tu a culpada, dir-me-ás quem é o assassino? O que é isso que dizes que procura?

– Não fazeis a mínima ideia daquilo que enfrentais.

– Então diz-me.

– E o que ganho eu com isso? Por enquanto, aqui dentro estou a salvo.

– Não brinques comigo, rapariga! Acusam-te das três mortes dos mestres dos grémios, da do aguazil e da do sacerdote da catedral. A tua vida depende de que eu acredite em ti. Lá fora, anseiam por te executar. Confessa ante mim, ante Nosso Senhor.

– É que eu não acredito no vosso deus, sacerdote.

– Santa Maria! – exclamou o dominicano, benzendo-se. – Não podes renegar a Sua palavra. Como não hás de acreditar n’Ele? Em que acreditas então? Em deuses pagãos? No profeta dos infieis? Queres condenar a tua alma ao fogo eterno?

– Não, padre.

– És desses pobres desgraçados que não acreditam em nada? Que Deus tenha piedade de ti!

– Que os homens e as mulheres deixem de acreditar em Deus não significa que não acreditem em nada; muito pelo contrário, acreditamos em tudo – declarou ela.

– A vida é dor, Alodia – afirmou Frei Esteban. – Mas depende de ti escolher que tipo de dor: a doce dor de servir a Deus acima de todas as coisas ou a amarga dor de te arrependeres eternamente por não o teres feito.

– A vida é muito mais do que dor; eu já sofri tudo o que era possível, não resta nenhum mal que possam infligir-me, já não. – E lançou um olhar provocador a Martín.

O sacerdote susteve-lho e houve um momento em que se viu a entrar naqueles olhos transbordantes de promessas.

– Fala, filha, e Deus saberá perdoar.

– Quero falar com o aguazil-geral da cidade.

– Isso não é possível; é a Igreja quem te julga, não um simples homem – advertiu o dominicano.

– Se falar nesta masmorra, morrerei.

– Se não o fizeres, enforcar-te-ão dentro de poucos dias, garanto-te.

– Porque hei de dizer-vos seja o que for? – E aproximou-se o mais que pôde do dominicano, até que as correntes que a mantinham presa à parede se retesaram e rangeram.

– Vim até aqui – disse ele, aproximando-se também até poder sussurrar-lhe ao ouvido – para te ajudar, mais nada. É tempo, Alodia – acrescentou Frei Esteban, afastando-se dela e voltando a sentar-se. – Martín, traz-lhe uma cadeira. Ficará mais confortável.

Surpreendida, Alodia viu como o jovem sacerdote obedecia, abandonando novamente a masmorra, um pouco confuso. Ouviu o ferrolho da porta e os passos a afastarem-se. Ela ficou pensativa ante o olhar silencioso daquele obstinado monge.

– O que obterei em troca?

– Não sou um mercador; sou um religioso.

– Podeis tirar-me deste lugar?

– Não tenho assim tanto poder, mas posso dar-te tempo – respondeu ele. – Se tivesses os meus anos, saberias quão valioso pode chegar a ser.

Alodia olhou em volta, baixou o olhar para os grilhões nos seus tornozelos, como se fosse capaz de se desfazer deles e de escapar daquela masmorra.

«Temem-na assim tanto os homens que a encarceraram como se fosse a mais terrível das assassinas?», perguntou-se o dominicano.

Tinha a sensação de que aquela mulher não tinha matado os mestres dos grémios, mas que era possível que dissesse a verdade e soubesse quem o tinha feito.

O jovem sacerdote regressou, arrastando uma velha cadeira de madeira. Aproximou-se lentamente dela e colocou-a ao seu lado, retirando-se depois para junto do dominicano. Alodia sentou-se nela.

Martín estava expectante; o silêncio deixava-o nervoso. Preferia o bulício da cidade, as vozes das mulheres no mercado, os gritos dos homens, as lutas, os relinchos dos cavalos, o cantar dos pássaros, o som da água...

Ali em baixo havia silêncio.

– Contar-vos-ei – suspirou Alodia. – Mas devo avisar-vos de que não é a mim que Deus tem de perdoar.

SEGUNDA PARTE

A CONFISSÃO

Capítulo Dezoito

A confissão de Alodia começava dez anos antes, na primavera do ano de mil duzentos e setenta e cinco. Nesse dia, estava radiante; não era para menos. Nessa manhã, iriam ser celebrados os seus sponsais, perto de Valência. Finalmente, ia conhecer aquele que seria o seu marido, Dom Antón de Rada, adiantado de Cazorla. A sua mãe tinha-lhe contado que era um homem robusto e alto, moreno, com olhos grandes e brilhantes. Alodia imaginava-o vestido com a sua cota de malha, sobre um corcel negro como a noite, e a cavalgar sob um céu estrelado. Tinha de ser um homem valente, pois o título de adiantado era uma dignidade real de primeira ordem, com mandato do rei sobre os meirinhos, sobre todos os das comarcas, alfozes e vilas, e tinha o poder de julgar homens e alcaides.

Há meses que Alodia esperava para ver o seu futuro marido; dali a muitos anos, queria recordar que tudo fora perfeito da primeira vez que o vira. Assim, escolhera cuidadosamente as suas roupas, banhara-se com água perfumada que a sua mãe tinha mandado trazer e tinham-na preparado para que se dirigisse como devia ser ao que seria seu esposo. Alodia sonhava há tanto tempo com os seus sponsais que não podia acreditar que iam finalmente tornar-se realidade.

A sua irmã mais nova, Beatriz, fora a sua confidente em todas aquelas noites de espera. Apenas um ano mais nova do que ela, eram inseparáveis. Fisicamente, eram diferentes; Alodia tinha a pele morena, o cabelo preto e os olhos cor de avelã. Era calada e gostava de ler todos os livros que lhe caíssem nas mãos. A sua família tinha uma biblioteca e recebera lições de um dos homens de confiança do seu pai. Inicialmente, o seu progenitor não estava a favor disso, alarmado com a possibilidade de que os livros pudessem inculcar alguma má ideia na cabeça da sua menina. A sua mãe insistiu longamente e, com as suas armas, conseguiu convencer o marido a permitir que Alodia recebesse instrução

em diferentes saberes e tivesse acesso aos livros que possuíam.

Não era habitual que as mulheres daquela época se cultivassem, Alodia era uma exceção. A verdadeira razão para lhe terem permitido tal privilégio era que o seu pai a amava tanto que não podia recusar-lhe algo que, no fundo, a fazia tão feliz. Além disso, não tardaram a aperceber-se da sua facilidade para a leitura e principalmente para recordar longas passagens de cor.

Quando o pai descobriu essa qualidade na filha, começou a brincar com ela, deixava-lhe livros e depois fazia-lhe perguntas, e Alodia lembrava-se sempre das respostas. A biblioteca fazia com que passassem longas tardes juntos e a relutância em que recebesse uma boa educação não tardou a desaparecer.

Através da leitura, Alodia aprendeu um sem-fim de curiosidades, palavras noutras línguas, a ler e a falar latim. Tinha jeito para somar, subtrair e outras habilidades com números.

A sua irmã Beatriz era diferente, era mais pequena e extrovertida, falava com toda a gente e a todos deslumbrava. Tinha um aspeto bastante diferente do de Alodia, era loura e de olhos verdes, tinha a pele mais pálida, e era o seu sorriso radiante e a sua alegria inalterável o que mais se destacava nela. Alodia gostava de a observar, pois a sua irmã contagiava-a com a sua energia, com a sua vontade de viver a vida. Em breve, separar-se-iam; ela ia casar e partiria daquela casa que as tinha visto nascer. Custava-lhe fazê-lo, mas a alegria de casar compensava-o largamente. Além disso, não tardaria a dar muitos filhos a Dom Antón de Rada. Era o que mais desejava no mundo; a sua mãe já lhe tinha explicado como era maravilhoso dar à luz, o momento mais importante da vida de uma mulher. A partir desse dia, tudo seria felicidade, ao lado do seu esposo, em sua casa, amando-o quando estivesse a seu lado e sentindo a sua falta quando partisse para a guerra.

Observou novamente a sua irmãzinha, tão doce, tão bela e a quem tanto amava. Sim; causava-lhe um enorme pesar ter de se separar de Beatriz, mas já tinha catorze anos, devia contrair matrimónio e iniciar uma nova vida.

Não era apenas uma questão sua; havia outro assunto que apressara a preparação dos esponsais. A sua mãe tinha-lhe explicado a preocupante situação familiar. Certa manhã, logo ao acordar, pedira a Beatriz que as deixasse sozinhas e, com muita calma, fora contando a Alodia como a rentabilidade das terras do seu pai tinha diminuído pouco a pouco. Como tivera de empenhar alguns bens que acabara por perder e como, para piorar a situação, dois negócios realizados com comerciantes de Ávila tinham acabado apenas em dívidas. A situação era grave, confessou-lhe a mãe entre lágrimas. Era a primeira vez que via a sua mãe chorar, de forma calma, como ela, mas fora, ainda assim, uma surpresa desagradável.

Não teve escolha; aceitou o seu casamento com o senhor de Rada, sem o conhecer, sem ter visto um único retrato dele. Sabia que tinha quarenta anos, que aquele era o seu terceiro casamento e que nenhuma das suas esposas anteriores lhe tinha dado filhos. Por isso era um tão bom partido; todas as suas terras, riquezas e títulos seriam para os filhos que Alodia lhe desse. Além disso, o seu prometido não hesitaria em pagar as dívidas do seu pai. Com o casamento, Alodia ia salvar a sua família.

O seu pai era um bom homem; dedicava-se à criação de cavalos. Para a sua alimentação, contavam com amplas terras onde pastavam várias manadas de éguas. A cuidar destes animais estava um eguariço, obrigado à guarda de toda a eguada. Ela adorava esses cavalos e aprendera tudo sobre a sua criação.

Cada uma dessas eguadas era constituída por um só cavalo e cerca de trinta éguas a cobrir; havia que procurar que todas elas fossem montadas. Era essa a sua principal função, emprenhar, mas também eram utilizadas na debulha entre

os dias de São João e São Miguel.

A época que mais agradava a Alodia era quando nasciam os potros; nessa altura, as manadas cresciam e chegavam a ter entre sessenta e oitenta cabeças.

Ela adorava montar, mas há um ano que deixara de cavalgar para preparar os esponsais.

As irmãs costumavam imaginar as suas respetivas cerimónias, como iriam bonitas ao entrar na igreja de braço dado com o pai. Beatriz fora o seu principal apoio desde que o compromisso fora assumido. Se já antes eram inseparáveis, saber que em breve seguiriam caminhos distintos levou-as a aproveitar ao máximo cada instante que passavam juntas. Seria isso o mais duro; ainda assim, sabia que tinha de o fazer. Valência deixaria de ser o seu lar e viveria em Sevilha.

Ouvira falar tanto naquela cidade; tinha sido reconquistada pelo pai do atual rei de Castela, Afonso X. O seu tio Juan tinha-lho relatado várias vezes, a ela e à sua irmã, que gostavam de ouvir as histórias da conquista de Castela.

Aprendera cedo a ler e tinha uma memória fora do comum; quando lia algum livro, ficava com passagens inteiras guardadas na sua memória, como se fossem uma imagem de um pôr do sol ou de uma tarde no rio com a irmã. Se conseguisse recordar a imagem, podia voltar a ler aquela parte do livro, mas diretamente na sua cabeça.

Alodia desceu ao salão principal, deslumbrante num vestido de renda ocre, rico em adornos, longo e ajustado, que realçava a sua silhueta. Ainda que não fosse tão bonita como a irmã, a sua figura era graciosa. Os seus olhos brilhavam como nunca de felicidade. A mãe dizia-lhe sempre que os olhos eram o mais belo de uma mulher e, naquele dia, os seus não lhe cabiam no rosto de alegria.

Saiu para a escadaria de acesso à casa; os seus pais aguardavam à entrada a chegada do séquito do seu futuro marido, que se avistava ao longe pelo pó que

os seus cavalos levantavam.

Estava nervosa; dentro de pouco tempo estaria a passear pelos jardins dos alcáceres de Sevilha, entre laranjeiras e limoeiros, vestida com finas sedas. Trocaria a costa valenciana pelo estio inalterado do Guadalquivir e navegaria pelo rio até ao mar.

Alodia amava o mar, o seu sabor a sal, a brisa, as suas águas.

A comitiva chegou e, um a um, os visitantes foram descendo das suas montadas, organizando-se para abrir caminho ao adiantado de Cazorla. Alodia aguardava ansiosamente o seu garboso futuro marido; morria de vontade de conhecer um dos cavaleiros mais célebres de toda a Coroa de Castela. Por isso, ficou perplexa ao ver avançar um homem obeso, calvo e coxo da perna direita, com os olhos pequenos e muito juntos, afundados num rosto redondo e coberto por uma espessa barba negra. Todo o pelo que lhe faltava na cabeça tinha-o em excesso na cara.

Alodia voltou os olhos para a mãe. Esta desviou o olhar.

Aquele homem tão grosseiro plantou-se diante do pai dela e observou longamente Alodia. Jamais esqueceria aquele olhar; aqueles olhos diminutos encheram-se de um lampejo imoderado que nunca tinha visto antes, mas que fez todo o seu corpo estremecer. Sentiu-se invadida, possuída por ele, como se a tivesse despido sem sequer lhe tocar.

Não lhe restou então qualquer dúvida; tinha sido enganada.

– Ilustre adiantado de Cazorla, Dom Antón de Rada, é uma honra receber-vos em minha casa – proclamou o seu pai da forma mais servil possível, fazendo-lhe além disso uma vénia.

– Obrigado – respondeu ele, ainda de olhos fixos na rapariga. – É ela?

– Assim é, a minha filha mais velha, Alodia. Uma bela donzela, não é

verdade?

– Bem; pensei que seria mais parecida com a mãe. É muito morena e magra, tem as ancas estreitas e pouco peito – pigarreou o homem, como se estivesse prestes a comprar um animal.

– É uma cristã devota, sabe ler e...

– Julgais que me importa alguma coisa que a minha mulher saiba ler? E dissestes cristã? Poderia porventura ser outra coisa? – Antón de Rada soltou um bufo e examinou Alodia de cima a baixo.

– Agradar-vos-á; é uma boa cristã, quero eu dizer...

– Isso já dissestes; por mais que o repitais, não mudará nada.

– É obediente, educámo-la, posso garantir-vos isso – insistiu o pai de Alodia.

O adiantado de Cazorla continuava pensativo. Levou a mão à nuca e passou-a depois pela sua testa larga.

– Assim espero, esta terra... – Olhou com ar de desagrado para o que o rodeava. – Ainda não sabemos que frutos dará.

– Meu senhor, o nosso rei combateu os infieis sem compaixão.

– Isso é discutível – replicou o adiantado enquanto esfregava os olhos. – A vossa coroa anda perdida desde o desastre da batalha de Muret, quando morreu o vosso rei da altura, e o seu filho Jaime, sendo ainda uma criança, herdou uns territórios que lhe eram hostis.

– Sim; mas cresceu depressa, e foi um grande trabalho o que fez Jaime, o *Conquistador*. Bem gostaria qualquer monarca da Cristandade de ter um cognome assim – disse o pai de Alodia, sorridente. – Casaram-no com a filha de um grande rei de Castela, Afonso, o *das Navas*.

– Isso é verdade – assentiu o nobre. – Sobrinha, além disso, do rei de

Inglaterra, aquele que foi à cruzada.

– Ricardo Coração de Leão.

– Exato, o nosso rei casou com outra princesa e nasceu o vosso infante Pedro.

– Antón de Rada dirigiu-se a um dos extremos da entrada e pegou num copo de vinho que lá havia sobre uma bandeja, bebendo um longo gole que a todos deixou surpreendidos. – O vosso Jaime não é um bom rei; um reino não é propriedade de um monarca, não é património seu. Não deve ser dividido entre os filhos, tal como não o faríamos com a nossa casa.

– Sabe Deus que não.

– Em Castela ou em França, isso seria impensável; dividir o reino, que barbaridade! – disse ele com desaprovação e prepotência.

– Entremos – interrompeu subtilmente a mãe de Alodia. – Está calor e preparámos a nossa melhor comida para vos receber.

– Espero que seja melhor do que o vinho.

– Certamente que sim, já tereis tempo para falar de tropas e de reis; hoje são os esponsais com a nossa filha, celebremo-los como merece.

Com passos cambaleantes, o nobre acedeu a mover-se, e com ele entraram dois dos seus homens. Não vestiam trajes de batalha; ainda assim, traziam espadas à cintura, algo desnecessário numa casa e impróprio de uma cerimónia como aquela.

Os criados encheram os copos de vinho, o que apaziguou os ânimos do adiantado de Cazorla, que pareceu ir ficando mais satisfeito à medida que ia bebendo. Em seguida, sentaram à mesa os futuros noivos, um diante do outro. Alodia fitava-o com receio, insegura ante o que estava a acontecer; era tudo tão diferente do que tinha imaginado... A irmã piscou-lhe o olho num gesto de cumplicidade. Sabia o que significava, dizia-lhe para se acalmar, que ia correr

tudo bem.

Beatriz tinha razão; com esforço, Alodia desenhara no rosto um grande sorriso e ofereceu-o a Dom Antón de Rada. Este, porém, não erguia os olhos da comida; aquele homem levava as perdizes inteiras à boca, mordia-as, mastigava-as e metia os dedos entre os dentes, procurando restos de comida. Este cenário provocou-lhe náuseas, viu o seu futuro marido a comer desenfreadamente e imaginou-o a fazer o mesmo durante todos os dias do resto da sua vida.

Isso fez com que quase se engasgasse com a sua própria comida e começou a tossir. A mãe de Alodia estava ao seu lado e tentou ajudá-la.

– Calma, filha. – E deu-lhe água a beber. – Estás melhor?

– O que fizestes, mãe? Porque ides casar-me com um homem tão repulsivo? – murmurou Alodia. – É asqueroso... Enganastes-me...

– A um homem, tudo se pode ensinar – respondeu ela, enquanto lhe limpava os lábios com ternura. – O teu pai não era muito melhor quando nos casámos.

– Mas eu não quero isso, não quero casar com ele!

– Talvez não tenha sido justa ao descrevê-lo – confessou a mãe –, mas é um grande senhor, garantirá a tua posição.

– A minha ou a vossa?

– Alodia, somos a tua família, não pensas na tua irmã, porventura? Gastámos no teu dote tudo o que nos restava. – Ergueu o olhar para se assegurar de que não a tinham ouvido; o senhor de Rada continuava a comer de forma grotesca.

– Não podeis justificá-lo assim.

– Ouve bem, vais casar com ele. Não há mais nada para discutir – disse-lhe a mãe, num tom que soava muito mais a uma ameaça do que a um conselho. – Sabes o que aconteceria se te recusasses a casar? Fazes ideia?

– Não...

– Se não casares com ele, irás para um convento. Além disso, ou obtemos benefícios com o teu casamento ou não poderemos casar a Beatriz com nenhum fidalgo – murmurou ela à mesa. – Pensa nela.

Fitou-a; a sua encantadora irmãzinha sorria, iluminando tudo o que a rodeava com aquele brilho nos olhos, aquela doçura tão especial. Alodia voltou então o olhar para o outro lado da mesa e deu-se conta de como o seu futuro marido também observava a menina. Se a sua irmã era toda pureza, os olhos de Antón de Rada estavam possuídos por uma penumbra perturbadora, pior do que a que vira neles à chegada.

O adiantado apercebeu-se de que tinha sido descoberto e fixou o seu olhar em Alodia; as suas pupilas, longe de mostrarem arrependimento ou vergonha, tingiram-se de amargura, de ódio, quase de cólera. E, sem mostrar qualquer rubor, voltou a desviar os olhos para o rosto angelical da pequena Beatriz.

As mãos de Alodia começaram a tremer; não sabia o que fazer, susteve a respiração e tentou manter-se serena.

«Os homens são assim», disse para consigo.

A sua mãe já a tinha advertido desde pequena sobre a sua perversão, sobre como desejam as mulheres sem lhes interessar se são livres ou não, como têm devaneios pecaminosos com elas. E há alguns que, além disso, batem, violam e matam. Por isso uma mulher nunca deve andar sozinha, deve casar cedo para que o seu marido a proteja. Ela devia agradar-lhe, principalmente na cama; se o fizesse, o casamento correria bem. O mais importante era satisfazer o seu esposo; isso e dar-lhe filhos varões fortes e saudáveis.

Tranquilizou-se; casar-se-ia e seria afortunada. Teria muitos filhos, viveriam num enorme palácio em Sevilha, junto ao rio Guadalquivir.

Seria feliz; de certeza que sim, muito feliz.

– Queridos amigos – disse o seu pai, erguendo-se ante os presentes. – Estamos hoje aqui reunidos para celebrar os esponsais de Alodia de Alcacer e Dom Antón de Rada. Orgulhamo-nos de o receber em nossa casa e de lhe oferecer a nossa filha.

Alodia voltou finalmente a sorrir; olhou para o seu futuro marido com o melhor dos seus sorrisos. Mas os olhos do nobre não estavam nela, nem a sua mente ou o seu coração.

Os convidados ficaram preocupados com o silêncio e o semblante ausente de Dom Antón de Rada, algo incaracterístico nele. Os presentes entreolharam-se, confusos, até que ele finalmente se levantou do seu lugar. Para surpresa de todos, avançou até ao outro lado da mesa, onde Alodia esperava que ele parasse à sua frente e lhe dedicasse algumas palavras elogiosas, como exigiam o protocolo e a tradição.

Não foi assim. Passou ao lado dela e seguiu até junto do seu pai.

– Agradeço-vos a vossa amabilidade e a esplêndida receção. Hoje, celebraremos os meus esponsais e uniremos assim as nossas famílias.

– É uma grande honra entregar-vos a minha filha...

– Alto! – Antón de Rada fez soar a sua voz com a força de quem está habituado a mandar e a ser obedecido sem hesitações. – Disse que hoje celebramos os meus esponsais, mas não com ela – anunciou, referindo-se a Alodia, e todos emudeceram ante aquelas palavras –, e sim com a vossa filha mais nova.

– O que dizeis? – interveio a mãe das meninas, erguendo-se de imediato.

– O que ouvistes, mulher – grunhiu ele.

– A Beatriz é demasiado nova, não faz sentido! O acordo era casardes com a Alodia, não podeis fazer-nos isto! – gritou ela.

– Quem sois vós, mulher, para me dizer o que posso ou não fazer? – E as suas palavras silenciaram-na por completo. – Quereis unir-vos à minha casa porque estais arruinados, que importa com qual das vossas filhas me caso? Ou não é assim?

– Compreendi, Dom Antón – interrompeu, com escassa autoridade, o senhor de Alcacer. – A Beatriz é demasiado nova, e tínhamos combinado o casamento com a Alodia, não podemos mudar agora.

– Podemos e fá-lo-emos – disse o adiantado, olhando com desprezo para ela.

– Lamento, não posso permitir que mancheis desta forma a honra da minha filha – continuou o pai de Alodia.

– Honra? – O rosto de Antón de Rada tingiu-se de cólera. – Julgais que não sei o que pretendíeis? Que não me informei sobre a vossa filha antes de vir cá? Essa... Já se deitou com varões, todos o sabem em Valência, é tão impura como as escravas dos haréns de Granada. Queríeis enganar-me! – E fez menção de desembainhar a espada, imitado pelos seus homens de armas.

– Meu senhor, suplico-vos... – implorou a mãe das meninas, desatando a chorar.

– Ou tirais benefícios deste casamento ou estais arruinados.

O pai de Alodia agarrou a esposa pelo braço e obrigou-a a sentar-se.

– Mas... O que dizeis? A minha Alodia jamais esteve com um homem, juro-vos!

– Mentis, mentis sem parar, mentis desmedidamente – disse Antón de Rada, apoiando as palmas das mãos na mesa. – Casarei com a vossa filha mais nova e

da outra não quero saber nada; que parta de Valência e, para vosso bem, que vá para tão longe que eu nunca mais a volte a ver.

Capítulo Dezanove

Sentiu uma profunda dor no peito para a qual não havia cura. Em poucos dias, todo o seu futuro murchara, como as flores silvestres que nascem entre os campos de arroz.

Aquelas terras, outrora alagadas e pantanosas, de marismas e lagoas, tinham mudado com os infieis, que transformaram em vergel o que há séculos era considerado um terreno estéril. Esse esforço implicou enormes sacrifícios, pois as gentes que trabalhavam naquelas águas estagnadas sofriam de todo o tipo de doenças e quase nunca chegavam à velhice.

Não lhe metiam pena; pelo contrário, trocava de lugar com qualquer um deles se assim pudesse pôr fim ao seu tormento.

Como podia o seu pai ter-lhe feito aquilo, a pessoa que mais amava neste mundo? O que fora feito do homem com quem passava as tardes a ler? A quem contava os seus sonhos e os seus medos? Mentira-lhe e usara-a, era isso que mais lhe doía. Se o seu próprio pai a tinha tratado assim, em quem poderia confiar?

– Vamos, Alodia, vais ficar bem – declarou o seu pai, com tão pouco entusiasmo que ela ficou ainda mais triste. – Um convento é o melhor para ti. Lá estarás perto de Deus, poderás continuar a ler como gostas, não terás preocupações mundanas e aprenderás muito sobre Nosso Senhor.

– Ia casar-me, pai, e agora enviais-me para um convento de clausura.

– Foi o Senhor que quis assim.

– Sim; o senhor Antón de Rada, que preferiu casar com a minha irmã, que é ainda uma criança, e enviar-me para longe da minha família para não se envergonhar dos seus atos ímpios. Não só me humilhou como me desterra para sempre para uma prisão de pedra. E vós? – Nesse momento, cravou os olhos nele. – O que fizestes, pai? Como me ajudastes?

– Alodia, acredita que lamento, mas não posso fazer nada.

– Maldito sejais! Malditos sejais todos! Não quero voltar a saber da vossa existência.

– Minha filha, tenho uma responsabilidade para com a nossa família, para com a tua mãe, a tua irmã e também para contigo.

– Mentis, pai, só pensastes em vós desde o dia em que nascemos. Só pensastes em como poderíeis tirar partido das vossas filhas. Procurastes o melhor licitador a quem nos vender e depois fostes ainda mais longe, a vossa ganância não tem fim. Sois um cobarde, pai, um mentiroso sujo.

– Basta! Não tenho de suportar as tuas insolências, irás para esse convento e não há mais nada a falar! Está decidido!

– Que deus tenha piedade de vós, pai. Pois eu não terei.

Alodia calou-se; para quê continuar a falar? As suas palavras eram inúteis, caíam como água em terra salgada; nada brotaria delas, apenas mais sofrimento. Nessa mesma tarde, subiu à carroça que a levaria ao convento de Santa Maria de Bonrepòs.

O seu pai não foi despedir-se dela, nem a sua irmã Beatriz; apenas a mãe. Abraçou-a, deu-lhe um beijo na face e fitou-a, compungida.

– Lamento, Alodia. Poderás perdoar-me um dia?

– Não, mãe, não perdoarei nenhum de vós.

– Filha... Eu não posso... Uma mulher não pode fazer nada contra a vontade do seu marido, compreende.

– Então, alegro-me por não me ir casar.

– Tratar-te-ão bem no convento, serás feliz.

– Mãe, procuras apaziguar a tua culpa e isso eu não permitirei. – Olhou para a

casa; a sua irmã estava junto a uma das janelas. – Porque não veio a Beatriz despedir-se de mim?

– Dom Antón de Rada quis assim, não quer que a voltes contra ele.

– Tende-la fechada?

– Não, mas... Alodia, lamento que as coisas tenham corrido desta forma. – Desatou a chorar. – Espero que possas perdoar-me um dia, que possais fazê-lo as duas...

– Mãe, se queres que te perdoe... – Fez uma pausa. – Já que não pudeste proteger-me, salva pelo menos a Beatriz, ajuda-a. É a única maneira de eu te perdoar.

– Fá-lo-ei, juro pela minha vida.

Não esperou mais; a carruagem arrancou e Alodia viu como se afastava do seu lar, sabia que nunca mais voltaria a vê-lo. A sua mãe ficou para trás, fitando-a entre prantos; caiu de joelhos e continuou a soluçar, mas Alodia manteve-se impassível.

A seu lado, iam outras duas mulheres, mais novas e tão assustadas como ela. Subiram para norte, em busca do curso do rio Túria, deixando para trás Valência, o seu porto e o mar. Alodia deu-se conta de que era possível que aquela fosse a última vez que via a costa e o bater das ondas, ou que ouvia o grasnar das gaivotas, esse som desafinado e áspero, nada melodioso, mas que, apesar de tudo, tanto lhe agradava.

– Quer dizer então que ides converter-vos em freirinhas. – O carreteiro era um homem extremamente magro, que ao abrir a boca mostrava que não lhe restavam dentes e que tinha uma única e triste madeixa de cabelo a cair-lhe sobre a testa. – Quem me dera poder entrar num desses conventos – observou, rindo maliciosamente. – Não me interpreteis mal, é por curiosidade que o digo,

não queria incomodar Nosso Senhor, mas... É uma pena que haja tantas jovens a definhar lá dentro sem experimentarem o que é um homem como eu. – Voltou a rir-se de forma estridente e ruidosa.

Nenhuma delas lhe respondeu, embora tenham trocado olhares entristecidos, talvez por aquelas sujas palavras conterem, no fundo, uma grande medida de verdade.

– O Senhor é misericordioso, saberá recompensar o vosso sacrifício. Rezai, por favor, por um pobre pecador como eu. Gostaria... bem, de ser um melhor cristão... Como vós, que estais tão convencidas de querer passar toda a vida entre as paredes de um convento – continuou ele a comentar, sem ver os rostos aflitos das suas passageiras. – Mas eu não seria capaz, gosto demasiado da liberdade, do vinho, das mulheres... Não vós, claro. E os filhos dão-nos desgostos, é verdade, mas também me alegram a existência, perpetuam o sangue. Os filhos são o mais importante.

Alodia olhou para as suas companheiras; estavam ambas a chorar. Uma era pequena, não teria mais de doze anos, com o cabelo encaracolado e o olhar mais triste que alguma vez vira. A outra era um pouco mais velha, morena como ela, e estava mais firme, como se tivesse aceitado o seu destino. Alodia estava quase a fazê-lo também, só uma coisa o impedia.

A raiva.

Uma cólera, um furor que a queimava por dentro. Como daquela vez em que provara às escondidas o vinho do seu tio, o que a fizera passar toda a noite na cama. Uma aversão que lhe trepava pelo peito e lhe enchia a garganta.

E não aguentou mais.

Ergueu-se sobre a carroça e, com dificuldade, dirigiu-se à frente, tomou fôlego e empurrou com todas as suas forças o condutor desprevenido.

– O que fazes? Por Deus! Vais...

O homem caiu da carroça, rolou por uma ribanceira à beira do caminho e só travou a sua queda ao chocar contra uma árvore. Alodia tomou as rédeas e parou os dois mulos que puxavam o transporte. Olhou para trás e verificou que o condutor continuava imóvel.

– Mataste-o! – afirmou a sua companheira de pele morena.

– Isso não sabemos.

– É claro que sim, não se mexe – replicou ela.

– Descei! Fugi daqui! – gritou Alodia às suas duas companheiras.

– Para onde queres que vamos?

Alodia pensou o mesmo, não tinha para onde ir. De modo algum regressaria para junto do pai, mas então para que lugar poderia ir?

– Quereis entrar para um convento? É isso que desejais?

– Não temos alternativa – respondeu a mais pequena.

– Está bem, descei e dizei que a culpa foi minha.

– Mas para onde pensas ir tu?

– Para longe daqui.

Alodia deixou-as e prosseguiu pela calçada. Sabia que estava a cometer uma loucura, mas não importava; talvez fosse a sua última oportunidade, uma vez no convento, não poderia fugir de lá. Era agora ou nunca.

Chegou a uma ponte sobre um rio pouco caudaloso. A controlar a passagem, estavam dois homens armados, com cotas de malha e espadas à cintura. Junto a eles, encontrava-se outro mais débil, com um chapéu vermelho e um tabardo a condizer, que sorria ao longe. Ao vê-la chegar, forçou ainda mais o esgar no seu rosto.

– Bem-vinda, não é comum ver uma jovencinha a viajar sozinha por estas paragens. – Lançou uma olhadela à carroça. – E sem carga, curioso.

– O meu pai está doente e tive de ser eu a tomar as rédeas.

– E para onde se supõe que te diriges?

Não soube o que responder.

E então, o homem do chapéu baixou o olhar e deu um par de passos atrás. Alodia soube que tinha cometido um erro; a hesitação denunciara-a. Os homens armados avançaram para ela e um deles arrancou-a da carroça, fazendo-a cair ao chão, enquanto o outro se apoderava das rédeas e o do chapéu se punha à sua altura.

– De certeza que tens uma história muito interessante para contar, mas... sabes que mais? – perguntou ele, sorridente. – Não me interessa minimamente, fazei o que quiserdes com ela. A carroça, vendê-la-emos no mercado.

– Porquê? O que ides fazer comigo? – gritou ela, assustada.

O guarda que a tinha empurrado agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a para trás de uma árvore.

– Vou transformar-te em mulher, por isso porta-te bem e agradece-me.

– Não! Não me toqueis!

– Resiste à vontade, assim gosto mais.

– Deixai-me! Soltai-me! – gritou Alodia, esperneando inutilmente.

– Toda uma selvagem – disse o homem. E riu maliciosamente.

Começou a respirar com dificuldade; sentiu uma dor como jamais imaginara, que a fez gritar com todas as suas forças. Chorava e esperneava inutilmente. Até que conseguiu soltar-se dele por um instante e bater-lhe na cara, arranhando-lhe a face direita e o nariz.

– Maldita sejas! – O tipo desferiu-lhe um murro, atingindo-a com tanta força que Alodia caiu ao chão, aturdida; o seu rosto não tardou a tingir-se de sangue.
– Assim calar-te-ás, rameira!

O homem livrou-se da cota de malha e abriu o saio. Pegou no corpo imóvel de Alodia e, virando-o, rasgou-lhe o vestido, expôs a sua nudez e agarrou-a pela cintura.

Ela continuava dorida e desorientada devido ao golpe, e mal sentia o que aquele homem lhe estava a fazer; talvez fosse melhor assim. A única coisa que notava eram os seus gemidos e o seu hálito infeto, um cheiro tão repugnante que a fez vomitar.

– Sua maldita! Que nojo! – E bateu-lhe novamente. – Não penses que vai ser por isso que te vou deixar, não até ter acabado contigo.

Não foi só ele, também o seu companheiro se aproveitou dela. Alodia não queria ter consciência do que lhe estavam a fazer, os seus olhos choravam sem cessar enquanto eles abusavam do seu corpo. Ouvia as risadas e fanfarrônicas dos dois homens, mas não as escutava. Pouco a pouco, foi perdendo a noção do que estava a acontecer e de onde se encontrava.

– Achais realmente que é ela? – ouviu alguém perguntar ao seu lado.

– Tem de ser, atacou o cocheiro, o homem ficou ferido; andam à procura dela.

– Pois que a levem.

– E se conta o que lhe fizemos?

– Foi um favor; se vai ser freira, devia agradecer-nos – disse outra das vozes, rindo.

– Insensatos! Isto só pode trazer problemas – declarou uma nova voz. – Desfazei-vos dela!

– Queres que matemos uma criança que vai para um convento? Uma coisa é passar um bom bocado com ela e outra...

– Não podemos deixar que conte nada.

– Vendamo-la aos mercadores muçulmanos, as escravas cristãs têm clientela em Granada e em Marrocos.

– Por mim, até a podeis oferecer ao próprio diabo.

Passado algum tempo, levantaram-na do chão e alguém a pôs ao ombro. Alodia sentiu o forte cheiro a suor e sujidade, mas nem sequer abriu os olhos. Era o mesmo tipo que a tinha forçado, jamais esqueceria aquele fedor. Sabia quem era, sabia-o perfeitamente. Entreabriu os olhos para ver a faca que pendia de um dos lados do cinto do homem. Enquanto ele continuava a segurá-la, estendeu a mão e agarrou-a pelo punho. Entraram nalgum tipo de edifício. Então, Alodia deixou cair a faca junto a uns sacos.

Aquele homem pousou-a num sítio húmido; não tentou fugir, voltara a fechar os olhos. Amarraram-lhe as mãos à frente e deixaram-na ali. Só depois de ouvir os passos a afastarem-se é que voltou a abri-los. Estava dentro de um telheiro com alfaias agrícolas.

Arrastou-se até aos sacos e procurou a faca; pegou-lhe e pô-la entre os joelhos. Em seguida, aproximou os pulsos da lâmina e começou a cortar as fibras da corda até esta se rasgar.

Depois, espreitou por uma abertura, olhou para a ponte e viu o mesmo cenário que aquando da sua chegada, como detinham uma nova carruagem. Apurou o ouvido o mais que conseguiu.

– Diriço-me à vila de Ademuz; esta carga está isenta de portagens – afirmou o homem que conduzia a carroça.

– Por que razão?

- Não faço comércio com ela, limito-me a levar círios e velas para a sua igreja.
- Vais longe para tão pouca carga.
- Assim quer o Senhor.
- Pois, e não regressarás com outros produtos mais mundanos? Talvez vinho ou maçãs?
- Isso não sei, quando lá chegar verei se há algo que me agrade.
- Vemo-nos no regresso, então. Deixai-o passar!

Os dois homens de armas viraram-se e atravessaram a ponte até ao outro extremo. Alodia não hesitou, empurrou a porta do telheiro e encontrou-a fechada. Começou a respirar com dificuldade, tinha de sair, de fugir.

Olhou em volta, não havia mais aberturas. Numa das paredes, porém, viu que a madeira estava deteriorada na parte inferior; havia uma pequena cavidade por onde algum animal devia ter tentado infiltrar-se. Escavou com as mãos para a aumentar, cravando as unhas na terra.

Estava demasiado dura, tentou fazê-lo com a faca.

Sem descanso, mas sem êxito.

Procurou pelo telheiro e encontrou uma ferramenta enferrujada e meio partida. Usando a sua ponta, desta vez começou a alargar o orifício. Finalmente, a sua magreza ia ser uma aliada, quantas vezes não tivera de ouvir gracejos sobre o seu escasso peso. Agora, este permitia-lhe introduzir o seu pequeno corpo pelo orifício; arranhou as costas todas e também os braços, mas não se importou, pois conseguiu enfiar-se até à cintura. Utilizou todas as suas forças para libertar o resto do corpo e depois fugir a correr.

Doía-lhe tudo, mas o seu coração era mais forte. Chegou à parte traseira da carroça antes que esta seguisse viagem. Levantou uma das mantas que

protegiam a carga e enfiou-se debaixo dela, ao mesmo tempo que a carroça se punha em marcha. Ficou quieta como uma estátua; cada rangido da ponte parecia-lhe uma eternidade, até que sentiu que rodavam por terra firme e que, pouco a pouco, se afastavam daquele lugar.

Finalmente, respirou de alívio.

Sem se aperceber, adormeceu e só acordou quando o transporte chegou a uma posta. Ouviu o proprietário descer e introduzir a carroça num estábulo onde havia cavalos e mulos.

– É um prazer ver-te de novo, Guillermo, há muito tempo que não fazias negócios por aqui. – Era uma voz com um sotaque diferente daqueles a que estava habituada.

– Certo, o que é bom faz-se esperar. – E o outro riu-se.

– As coisas avançam bem por aqui, o comércio funciona dentro dos domínios do rei Jaime, *o Conquistador*; e também temos acordos com os castelhanos; ainda que a verdade seja que o mais sumarento está em Albarracín.

– Esse senhorio será independente a vida inteira.

– Agora pertence à Casa de Lara, não se desfarão dele.

– É perigoso o seu senhor, mas diz-me, porque é tão próspero o comércio com essa cidade?

– O que achas? É uma porta entre os reinos de Aragão, Castela, Valência e Navarra. Por isso, imagina as possibilidades para um hábil comerciante que quisesse instalar-se nessa cidade.

– Tem mercado?

– Sim, cada vez maior. Não falo só por falar, interessar-me-ia muito um contacto dentro daquelas inexpugnáveis muralhas.

– Estás a oferecer-mo?

– Sei que és de confiança e que sabes de números. Escuta, Guillermo. – A voz pareceu sincera. – Não quero um charlatão que venda no mercado, do que preciso é de um bom mercador, que seja astuto e saiba mover-se numa cidade. Das mercadorias, encarregar-me-ia eu.

– Compreendo, o meu filho começará em breve a ajudar-me; com ele, poderia suportar cargas mais pesadas.

– Perfeito, então.

– E por onde as transportarias? Passando por Teruel, teremos de pagar um imposto considerável, Ademuz pertence à Coroa de Aragão, ao reino de Valência.

– Essa é a melhor parte do meu plano... – E olhou de um lado para o outro a fim de se certificar de que não estava mais ninguém com eles. – Tenho um trajeto alternativo – murmurou, antes de lhe piscar o olho.

– Valha-me Deus! Isso é verdade?

– Tanto como que tu e eu estarmos agora aqui a conversar.

– Não dás ponto sem nó. E qual é o caminho alternativo para chegar a esse senhorio independente?

Alodia prestou-lhes toda a atenção, mas falavam em voz baixa e não conseguiu ouvir a conversa.

– A sério? Este rio não é navegável; a montante, os muçulmanos chamavam-lhe Guadalaviar, rio dos poços. E os castelhanos chamam-lhe rio branco devido à sua limpidez ao atravessar terrenos calcários e areias brancas cristalinas; não se pode navegar, é inviável.

– Sei de tudo isso, a parte final é navegável, ainda que junto à nascente,

precisamente ao lado de Albarracín, forme meandros e atravesse maciços escarpados, impossíveis de percorrer com uma embarcação – atestou o outro homem. – Ainda assim, existe um caminho que o liga ao reino de Valência, pois Albarracín nunca foi conquistada, e quando os infiéis ainda reinavam nestas terras, tinham de comunicar com os seus homónimos desse lugar. Assim, traçaram um tortuoso caminho que sobe o vale do rio até à própria Albarracín.

– E tu conheces esse caminho?

– Tenho-o aqui – respondeu ele, tocando no peito.

– Um mapa, tens um mapa – disse Guillermo, alterando-se. – Como conseguiste? Já sei! Roubaste-o, de certeza! Tem de ter sido assim, não é verdade?

– Quem me dera, mas não.

– Compraste-o, então?

– Sim, e não foi barato, mas a riqueza que me proporcionará vale o que paguei por ele e muito mais.

– Não serão fanfarronices? Eu conheço-te...

– Vou mostrar-te. – Dirigiu-se à carroça e, por entre as frestas, Alodia conseguiu ver o pergaminho que ele lhe mostrava, com um percurso, anotações de várias paragens e outras indicações. – Já o viste, para depois não dizeres que eu estou a mentir.

– Olha, o meu negócio funciona, não preciso de me aventurar.

– Quem nunca arrisca, nunca perde.

– E é assim que eu quero continuar, procura outro que não tenha nada a perder, eu estou muito bem como estou – declarou uma voz que soava cada vez mais nítida, até que a manta que a escondia foi puxada e o comerciante apanhou

um susto de morte. – Santo Deus! Será possível? Quem és tu?

Alodia estava demasiado fraca para fugir, talvez por isso nem tentou fazê-lo.

– Bem, bem, o que temos aqui? – O outro homem agarrou-a pelos cabelos e sorriu.

– Uma mendiga, maldita infeliz! – E o mercador desferiu-lhe uma sonora bofetada, agarrando-a depois pelas pernas e puxando-a para fora da carroça.

A jovem ficou deitada no chão; o outro homem aproximou-se e observou-lhe as pernas doridas e o rasto de sangue seco que as manchava.

– Parece-me que alguém se aliviou com ela – disse, apontando-lhe para as coxas.

– Diabos! Como acabou esta rameira na minha carroça?

– Calma; se a detestas assim tanto, de bom grado te aliviaria da sua carga.

– Um momento, tudo tem valor, e no fundo não é assim tão asquerosa, para algo servir, não é verdade? – E soltou uma gargalhada desagradável.

– Maldito pateta! Por esta vez passa.

Chegou um cavaleiro a galope, com o cavalo desenfreado, a exalar um fumo branco como a neve do seu focinho e com os olhos a sair-lhe das órbitas.

– Preciso de reabastecer – disse ele como se desse uma ordem, com o rosto também desfigurado pelo cansaço.

– Precisas é de mudar de cavalo e de dormir dez horas para descansar. Onde vais com tanta pressa? Vais matar esse animal e a ti mesmo.

– Sou emissário real, tenho de chegar a Teruel o mais rápido possível.

– Muito bem. – Os dois comerciantes entreolharam-se. – O que se passa?

– Os mouros sublevaram-se em Valência e o levantamento estendeu-se para o

sul. O emir de Granada, com a ajuda dos benamerins de Marrocos, invadiu as fronteiras da Coroa de Castela. O adiantado de Castela e o arcebispo de Toledo encontraram a morte ao lutar contra eles, e isto envolveu Aragão, uma vez que o arcebispo era filho do rei Jaime.

Desconcertados com as notícias, tardaram a aperceber-se de que Alodia tinha desaparecido.

Capítulo Vinte

Alodia estava em Albarracín há cerca de um mês e meio, vivendo miseravelmente junto ao rio, comendo restos e mendigando junto às igrejas. Tivera de aprender a subsistir; não tardara a descobrir que, naquela cidade, tudo se comprava e vendia, mas ela não tinha nada para oferecer, pelo que deambulava sem futuro.

No seu interior, armazenava ainda uma raiva terrível. Não pela sua situação atual, mas pelo que acontecera desde aquele funesto dia em que iam ser celebrados os seus esponsais. Talvez fosse esse ódio que lhe dava forças, que a mantinha viva.

Apesar de tudo, às vezes, nos dias menos maus, essa raiva parecia acalmar, como se tivesse conseguido dominá-la. Não tentava adormecê-la com o vinho barato e aguado que conseguia roubar aos bêbedos, mas, nesses dias em que se esquecia do seu passado, fazia os possíveis por voltar a sorrir. Imaginava-se na sua Valência, no mar, sem mais companhia além de si mesma. Na verdade, nada a fazia mais feliz do que a solidão. Não precisar de ninguém, não precisar da esmola dos homens, das sobras que comia no mercado.

Isso só acontecia nos dias menos maus; os restantes eram uma cruel rotina, sem objetivo, sem mais pretensões além de chegar ao dia seguinte, de sobreviver.

Nisso se transformara a sua existência, levantar-se, lutar e nunca se render, vendo os nobres ricos que pareciam nadar na abundância, enquanto os miseráveis como ela morriam de sede em seu redor.

Nessa tarde, Alodia mantinha-se sentada num banco de pedra, a olhar para o mercado, que estava concorrido devido à chegada de mercadores distantes e de gentes das aldeias da serra, que também traziam produtos para vender na

cidade. Com o verão, começavam a chegar muitos frutos do Levante: laranjas, tangerinas, limões e sobretudo cerejas. Era esse o fruto mais caro e procurado em toda a cidade. Havia quem as fitasse com desejo, apesar de não poderem pagar os seus altos preços; outros compravam-nas e tratavam-nas como se fossem verdadeiras joias. Aquelas cerejas que observava tinham uma intensa cor vermelha; Alodia tinha-as provado durante a sua infância em Valência. A sua irmã Beatriz adorava-as; ela, em contrapartida, não as preferia a quaisquer outros frutos. Ainda assim, agora que não podia comê-las, desejava-as mais do que nunca.

Sem moedas, sozinha e sem conhecer ninguém, tinha de se limitar a tentar obter o que caía ao chão por descuido ou era diretamente deitado fora. Não era muito, mas não tinha outra forma de sobreviver. Não permitiria que mais ninguém voltasse a tocar-lhe. Além disso, os homens gostavam de mulheres viçosas, não queriam rapariguinhas magras e sem curvas como ela.

Quando caía a noite e o mercado fechava, os comerciantes desmontavam as suas bancas, e os mortos de fome como ela apareciam como espectros, em busca de alguma coisa para levarem à boca e com que encherem as suas barrigas vazias. Pareciam mais animais do que pessoas, e talvez no fundo tivessem muito de animais.

Alodia dormia ao relento junto a um dos moinhos da cidade, coberta por um farrapo puído e mordiscado que tinha encontrado junto ao rio. Era o seu único pertence, uma túnica carcomida.

Mais um dia, mais uma jornada igual. Longe iam os passeios com a sua mãe e a sua irmã Beatriz, as brincadeiras com as amigas, o montar as éguas do pai, o ver nascer os potros. A roupa nova, as deliciosas refeições, a cama sempre quente e tantas outras coisas. Era como se todas aquelas memórias pertencessem a outra vida ou a outra pessoa. Havia momentos em que até duvidava de que fossem

realmente suas.

Mas eram, sim.

Às vezes, pensava que devia ter feito algo terrível. Embora não soubesse o quê, a determinada altura, tinha cometido um ato pecaminoso, e por isso o Senhor a tinha castigado com aquele tormento.

Não havia outra explicação.

Tinha de ser isso, era a sua penitência e devia aceitá-la.

Havia noites em que desejava que chovesse sobre a cidade para ficar mais triste, porque, por mais estranho que parecesse, isso fazia-a embriagar-se de nostalgia e fugir da realidade.

Pensava em Beatriz, tinha apagado a memória dos seus pais, como se nunca tivessem existido. Como se a sua irmã e ela estivessem sozinhas neste mundo.

Nesse dia, decidiu sair extramuros; tinha medo de deixar a cidade, como se os homens que ali viviam não fossem tão ou mais perigosos do que os camponeses e viajantes que podia encontrar nos caminhos vizinhos.

Mas eram; as gentes do campo eram mais rudes e ignorantes, falavam de monstros que habitavam nas montanhas ou de histórias que tinham ouvido de um qualquer pregador itinerante.

Dirigiu-se ao rio e atravessou-o a vau; não podia subir pelas íngremes vertentes das montanhas que rodeavam Albarracín, pelo que se embrenhou no bosque de matagais e azinheiras que havia naquela margem. Não pretendia ir longe, só mudar de rotina. Nada podia ser muito pior do que o seu dia a dia entre os muros da cidade.

O bosque não era frondoso, as árvores tinham pouca altura e folhagem. Ao estarem perto da cidade, as que tinham boa madeira tinham sido cortadas, não

só pelo seu valor, mas também para evitar que fossem usadas em caso de ataque à cidade.

Encontrou alguns fungos e frutos, mas teve medo de os comer, pois não os conhecia. Teve mais sorte com umas amoras, que recordava de quando era pequena e que a transportavam para essa época.

O dia passou depressa e regressou faminta à cidade, mas o guarda não a deixou entrar. Assim, foi direta ao moinho e aí passou mais uma noite.

Havia cada vez mais gente a dormir naquele lugar. Não era fácil encontrar abrigo fora dos muros de Albarracín, mesmo que se tivesse com que pagar. Os comerciantes chegavam em maior número e a cidade não podia abrigá-los a todos. Assim, aquela zona começava a ser um burgo; havia quem estivesse a construir edifícios de madeira, um estábulo, até mesmo uma taberna. Tudo muito precário, uma espécie de caos organizado. Até lá havia sacerdotes, ou pelo menos um.

– Louvado seja o Senhor – dizia ele em cima de uma caixa de madeira, escondido atrás de um capuz negro que impedia que lhe vissem o rosto. – Pregar neste tempo é partilhar a vida, a esperança e a promessa que palpitam no mundo dos outros. Pregar é caminhar na fronteira entre partilhar a vida de todos e a promessa da salvação, levando-lhes a Boa Nova de Jesus Cristo e revelando que Ele já foi à Galileia antes de nós.

Ninguém prestou atenção às palavras do religioso, que erguia as suas preces acima do ruído mediante uma profunda torrente de voz.

Alodia pensou que aquele não era o local mais apropriado para pregar. Mas há tanto tempo que não ia à santa missa que lhe pareceu confortável ouvir a palavra do Senhor, talvez fosse a única capaz de lhe dar algum consolo.

Ou não, porque as evidências diziam que o Senhor lhe tinha voltado costas,

disso não havia qualquer dúvida.

Pensava nisso enquanto procurava um refúgio onde dormir, escondida atrás de uns barris vazios. Deitada no chão de terra, ouviu uns gritos, algo que era habitual por ali. Aqueles, porém, chamaram-lhe a atenção, pareciam de uma menina.

Uma rapariguinha encurralada contra a parede do moinho recebia uma carga de pancada de um homem duas cabeças mais alto do que ela.

Pela primeira vez em muito tempo, sentiu uma sincera aflição por alguém.

O homem descarregava toda a sua ira contra a menina, que tanto a recordava de si mesma. Os habitantes do burgo passavam, observavam a cena ao longe, mas olhavam para outro lado. Até as mulheres viravam a cara, imunes aos gritos de socorro da rapariga.

Alodia ergueu os olhos para o céu.

«Onde estás, meu Senhor? Porque permites estas injustiças?»

Esperou uma resposta, um sinal, um lampejo ao menos. Nada recebeu, e aquela jovem continuava a ser insultada, espancada e humilhada.

Baixou o olhar e procurou no seu interior, a raiva estava lá, desejosa de sair. Até tinha ganho força.

Apanhou um rípio do chão, ergueu-se sobre as pernas magras, levou o braço o mais atrás que pôde e atirou a pedra como se a sua vida dependesse disso. Esta descreveu uma linha curva até chocar contra a cabeça do agressor, que soltou um grunhido de dor.

– Deus! – Levou as mãos à têmpora, de onde começou a brotar sangue em abundância. – Quem foi? Maldito bastardo! Sai imediatamente, mostra que és homem! Cobarde!

Não obteve qualquer resposta, o que ainda o enfureceu mais. Continuou a blasfemar ao vento, até que se virou para a rapariga que continuava encolhida no chão.

– É tudo culpa tua, maldita! – gritou, antes de lhe desferir um forte pontapé no flanco. – Não és minha filha! Não és filha de ninguém! – E bateu-lhe novamente, com força.

A rapariga já não gemeu nem se mexeu.

Ficou imóvel, inerte.

Só então é que o homem parou, ajoelhando-se junto dela e acariciando-lhe o rosto ensanguentado. Agarrou-a pela cintura e ergueu-a nos braços. Alodia assistiu a tudo com lágrimas nos olhos. Não devia tê-lo enfurecido mais, talvez ele não lhe tivesse batido de novo.

Alodia ficou a olhar para o céu estrelado, pensando que de nada serve apagar um incêndio quando o que realmente se quer é ver tudo a arder.

– Sei quem é o culpado do meu infortúnio e pagá-lo-á com algo mais do que a vida. – Alodia caiu de joelhos, de olhos fixos no alto. – Juro que pagará com algo mais do que a vida – repetiu.

Deixou o seu refúgio e voltou ao centro do burgo, onde já restava pouca gente reunida. Dirigiu-se ao clérigo que tinha visto antes e parou diante dele, ensimesmada.

Ele interrompeu as suas pregações.

– A palavra do Senhor é curativa, aproxima-te. – Alodia obedeceu. – Não é o lugar nem a hora adequada para uma menina como tu.

– Não tenho outro lugar para onde ir.

– O Senhor põe-nos à prova e é então que devemos agarrar-nos à nossa fé.

– Eu tenho-a, mas Ele foi injusto comigo. Não mereço o castigo que recebi.

– Não és tu quem tem de julgar isso, os caminhos do Senhor são insondáveis.

Tudo é obra sua, tudo tem uma razão.

– O Mal também o é.

– Isso é mais difícil de explicar.

– Dissestes que tudo foi feito por Ele.

– Sim, mas nós podemos escolher; o Maligno também, e decidiu trair o Senhor.

– Sabeis como é? Podeis distingui-lo? Descobrir as suas intenções? – perguntou Alodia.

– Rapariga, sou um humilde pregador. Não tenho autoridade para emitir juízos sobre as maquinações do demónio.

– Então não podeis ajudar-me.

– Espera um momento. Como te chamas?

– Alodia.

– Se queres um conselho, Alodia, afasta-te daqui. És demasiado nova para ter uma alma tão negra.

– Se soubésseis o que sofri, o que ainda sofro, não pensaríeis que sou assim tão nova – atirou ela, enfadada. – O melhor seria morrer, pelo menos assim encontraria a paz.

– Deus não permite semelhantes pensamentos, devemos viver.

O religioso ficou em silêncio, perscrutando a jovem a partir da sombra do seu capuz.

– Viste o Senhor?

– Não, deixo isso aos da vossa condição – afirmou ela, com uma firmeza imprópria do seu aspeto emaciado e que confundiu o sacerdote.

– És de origem nobre – disse o religioso, quebrando o seu silêncio e conseguindo chamar a atenção de Alodia. – Não tens marido, mas estiveste perto de casar.

– Como sabeis isso?

– Aconteceu algo, algo terrível. Por isso estás aqui. Ainda que o lamente, rapariga, enganas-te se acreditas que Deus te abandonou; o que está a fazer é pôr-te à prova.

– Isso não faz sentido! Quem sois vós? – Alodia perdeu a calma. – Mostrai-me o vosso rosto!

– Moisés pediu a Javé: deixa-me ver o teu rosto. E obteve esta resposta: não poderás ver o meu rosto, pois não pode o homem ver-me e continuar vivo... Colocar-te-ás sobre o rochedo... Quando a minha glória passar, cobrir-te-ei com a minha mão até eu ter passado. Depois, afastarei a minha mão para que vejas as minhas costas; mas o meu rosto não pode ser visto.

O religioso virou-se e começou a caminhar.

– Esperai! – pediu Alodia, dirigindo-se a ele. – Não podeis ir embora.

– Vede só o que temos aqui. – Um grupo de homens passava nesse momento ao seu lado, e um deles dirigiu-se a ela. – Faz-me passar um bom bocado e pagar-te-ei bem, mulher – disse ele, enquanto a agarrava pelo pulso.

– Solta-me!

O religioso desapareceu do local enquanto Alodia se debatia, sem qualquer possibilidade de se libertar daquele mastodonte.

– É uma ferazinha, tanto melhor! Serei o primeiro a montar-te – anunciou ele,

rindo de forma escabrosa. –Vem cá!

– Deixa-me! – gritou Alodia, tentando libertar-se. – Não me toques! Não o faças!

– Até vais gostar, pequena, estás a clamar por isso!

Sem lhe dar qualquer oportunidade de escapar, aquele homem corpulento precipitou-se para ela como um animal no cio, agredindo-a violentamente na cara, nos olhos. Alodia ficou totalmente aturdida.

Rasgou-lhe a saia, deixando a sua pele branca exposta à luz da Lua.

– Levanta-te – ordenou uma voz atrás dele.

– Agora é a minha vez; depois, poderás fazer o que quiseres com esta rameira.

– O corpo não é para a imoralidade mas sim para o Senhor, e o Senhor para o corpo.

– Como dizes, desgraçado? – Ficou sem fala ao ver quem o admoestava. – Lamento, não sabia que...

– Vai-te embora.

– Sim, claro. – Afastou-se, baixou a cabeça, subiu as calças e, com os seus companheiros, abandonou o local em silêncio.

Alodia levantou-se, estonteada; tinha o olho direito a sangrar e a dor era muito intensa.

– Deixa-me ver. Tem mau aspeto, a pupila está cheia de sangue.

– Não importa – balbuciou ela, dorida. – Muito obrigada. Porque fugiram? Quem sois vós?

O homem que lhe falava tinha o rosto afilado e era corpulento, com as mãos grandes e fortes.

– Tenho de ir.

– Mas...

– Esquece o que te aconteceu, é melhor.

– Tudo?

O desconhecido ficou confundido com a resposta; perscrutou a jovem e teve uma sensação estranha, como que de ameaça.

– Tem cuidado, esta cidade é perigosa.

– Mas quem sois vós?

– Digamos que fui enviado para te salvar.

– E o que quer isso dizer? – perguntou ela, confusa.

– Em breve saberás.

Alodia não insistiu mais, algo lhe dizia que devia ser assim. Aquele homem tinha-a salvado, o mínimo que podia fazer era mostrar-se grata e deixá-lo ir, se fosse essa a sua vontade.

Procurou um refúgio mais seguro para dormir e julgou encontrá-lo afastando-se dali. Escondida entre a palha do estábulo, não conseguia tirar da cabeça aquele olhar.

Alguém a tinha ajudado.

Mas o que mudava isso? Ela continuava sozinha, faminta, desamparada e sem futuro.

Capítulo Vinte e Um

Ao nascer do Sol, as bancas do mercado já estavam montadas, estava uma boa manhã e viam-se boas mercadorias, sobretudo fruta; também abundavam o vinho e as peles.

Alodia não teve problemas em entrar na cidade juntamente com uns camponeses que traziam os seus próprios produtos para vender nas esquinas próximas do mercado. Uma vez intramuros, nesse dia, em vez de esperar para ver o que caía, decidiu caminhar entre os clientes do mercado. Sabia que a olhariam com desdém, mas, se tivesse cuidado, poderia obter algum proveito.

Numa das bancas, chamaram-lhe a atenção uns tecidos de cor avermelhada. Brilhavam com a luz, pareciam suaves e ligeiros. Pôs-se atrás de uma mulher de ancas largas, à espera da oportunidade de lhes tocar. Mas um par de homens bem vestidos serviram-lhe de muralha, separando-a do seu precioso objetivo.

Amaldiçoou a sua sorte.

– As coisas parecem estar más – murmurou o mais alto dos dois.

– O ambiente está agitado devido às notícias que chegam de Navarra; esse reino é o maior aliado de Albarracín contra os castelhanos e os aragoneses. – O seu companheiro fez uma pausa e olhou de soslaio para Alodia, mas não lhe deu mais importância. – O rei navarro morreu deixando como herdeira a sua filha de apenas dois anos, que não tardará a ter numerosos pretendentes; isto vai dar origem à criação de três fações. A castelhana será a menos forte, são os franceses e os aragoneses quem realmente vão disputar a mão da menina.

– Com clara vantagem para estes últimos.

– Sim, quem a levar ficará também com o trono de Navarra.

– Ouve bem; verás como a herdeira não se casará com Pedro, o infante aragonês.

– Porque dizes isso? É a Coroa de Aragão que está em melhor posição para reivindicar o trono navarro. Aragão e Navarra já partilharam um rei outrora e o monarca aragonês é o que tem mais direitos.

– Não é uma questão de quem tem mais direitos ou não, mas sim de quem sabe jogar melhor as suas cartas. O erro mais grave que se pode cometer é vender a pele do lobo antes de o caçar.

– E o que pretendes tu afirmar com tanto palavreado?

– Os aragoneses enviaram o infante Pedro a Pamplona para fazer valer os seus direitos, mas sem exército.

– Não estão em guerra.

– Não sejas ignorante, por favor, os reinos estão sempre em guerra uns com os outros.

– Por que motivo haveriam de estar?

– Desde quando é preciso um motivo para iniciar uma batalha? Se não houver ofensa ou disputa, procura-se uma, é muito simples.

– Não sei, acho que estás a exagerar.

– Aquela menina não se casará com o infante aragonês. E sabes porquê? Vou dizer-te: porque esse rei Jaime é um estúpido, sabe menos de política do que um burro. Como lhe passa pela cabeça enviar o filho sem exército? Agora, os castelhanos invadirão Navarra, fá-lo-ão porque não têm hipóteses de obter a mão dessa criança. E quando isso acontecer, a quem recorrerão os fidalgos de Navarra?

– A quem puder defendê-los.

– Exato, e como o audaz Jaime não reuniu tropas, recorrerão ao único reino capaz de os proteger de Castela.

– França.

– Sim, França – reafirmou o seu companheiro, voltando a verificar de soslaio que ninguém os espiava. – Aquela menina atravessará a fronteira e casar-se-á com o herdeiro de França. Nunca Aragão teve tão perto e tão fácil o trono navarro, e nunca o terá. O *Conquistador* é um ignorante, não sabe interpretar o que se passa em seu redor.

– Bem, isso é discutível, lembro-te que ele esteve muito mal em pequeno e acabou por se impor a toda a nobreza aragonesa.

– Foi mais uma questão de soma de interesses, não convinha a ninguém continuar a guerrear pelo trono, mas antes concentrar-se em algo muito mais importante, como foi a conquista de Maiorca. – Fez-se um silêncio.

– E os negócios? Como afeta o comércio a situação navarra?

– Muito, claro! Mas o pior é o reino de Valência.

– Porquê?

– Há muita concorrência. As terras de Múrcia foram repovoadas por muitos cristãos, sobretudo pelos aragoneses que foram reprimir a última revolta. E exigem uma multiplicidade de produtos, entre eles lã.

– E o que tem isso de mal?

– É uma via controlada. De Albarracín, é preciso ir a Teruel e depois a Valência; a passagem por Teruel implica um custo adicional em taxas e portagens que torna a viagem pouco rentável.

– Compreendo, oxalá tivéssemos acesso direto ao Levante, é lá que está o nosso futuro, sempre esteve.

– Isso todos sabemos.

– Continuaremos a falar disso esta noite...

– No sítio do costume?

– Sim, na Taberna do Coxo.

A dupla avançou para a banca seguinte e Alodia ficou pensativa.

– Tu! O que queres, maltrapilha? – gritou-lhe o mercador. – Vais comprar alguma coisa?

Alodia abanou a cabeça.

– Vai-te embora daqui! Que me espantas a clientela, tresandas!

Inspirou; era verdade, emanava um fedor desagradável. As pessoas que a rodeavam foram-se afastando, fazendo gestos de tapar o nariz, empurraram-na uma e outra vez, até que alguém lhe deu um pontapé no traseiro e a fez cair ao chão.

Já só ouviu provocações, até que um homem se aproximou com um alguidar de água.

– Para que te laves, porca! – gritou-lhe na cara antes de lho despejar em cima ante as gargalhadas de todos os que a rodeavam.

Estava gelada; o seu coração acelerou, tentou levantar-se e escorregou três vezes. Não tinha forças, estava envergonhada, molhada e não conseguia respirar. Gritavam-lhe ao ouvido palavras que não compreendia; alguém a arrastou pelos braços, outro tentou levantá-la. Finalmente, acabou por conseguir fazê-lo sozinha, apesar de não ser capaz de se manter em pé, cambaleou e tropeçou novamente, acabando por cair.

De rastos, conseguiu fugir do mercado e refugiar-se numa ruela.

Respirou fundo.

Sabia agora que tinha uma oportunidade, sabia que se podia aceder ao Levante sem passar por Teruel. A imagem daquele mapa que vira a partir da carroça

ainda estava na sua mente, podia desenhá-lo a quem o quisesse.

Capítulo Vinte e Dois

No dia seguinte, Alodia levantou-se dorida. Foi diretamente ao rio lavar-se, a água fria saber-lhe-ia bem. Procurou um canto pouco movimentado da margem e agachou-se para recolher água com as duas mãos e limpar o rosto. Nesse instante, observou o seu reflexo.

«Quem era aquela mulher que a fitava a partir do fundo?», perguntou-se.

Ela não era assim, não era essa a imagem que via nos espelhos da sua casa em Valência. Não se parecia nada com a forma como a sua irmã e a sua mãe a descreviam quando falavam entre si.

Estava tão mudada, tão mortiça. Como podia esperar que alguém lhe prestasse atenção? Até ela mesma teria fugido de alguém com o seu aspeto.

Pouco tempo antes, estava radiante, vestida como toda uma dama, engalanada para os seus esponsais. E agora... Era apenas uma desalojada que não interessava a ninguém.

Mas era a mesma, não tinha feito nada para merecer semelhante castigo.

Não.

E não ia render-se.

Observou umas mulheres que se aproximavam com baldes cheios de roupa para lavar. Mergulharam as primeiras peças e começaram a bater a roupa contra as tábuas, esfregando até tirar a sujidade.

«Roupa limpa», pensou Alodia.

Uma delas endireitou-se e mostrou uma túnica esverdeada, de tamanho pequeno e com capuz, à sua companheira, que a fitava atentamente, assentindo com a cabeça.

Deixou a margem e dirigiu-se à zona mais frondosa, procurando no chão

vários ramos fortes e depositando-os junto a uma das árvores. Em seguida, enterrou os dedos na lama e esfregou o rosto com eles, até cobrir toda a sua pele.

Dirigiu-se de novo à margem, observou os arredores, tomou fôlego e aproximou-se discretamente das lavadeiras. Estas continuavam a conversar e atarefadas com o seu trabalho, pelo que não a ouviram aproximar-se até ser demasiado tarde.

Gritou uns barulhos ininteligíveis e bateu nos alguidares com os ramos que tinha recolhido.

– Um monstro do bosque! – gritou a primeira das mulheres, enquanto se levantava e fugia a correr.

A sua companheira ficou paralisada, cobrindo-se de forma pouco inteligente com as duas mãos, como se isso pudesse servir-lhe de algo. Alodia não tinha intenção de lhe bater, só queria assustá-la. Assim, continuou a fazer gestos para a afugentar, mas era tal o medo da lavadeira que estava petrificada.

Não podia perder mais tempo, pegou no monte de roupa que estavam a lavar e atirou-o ao chão, procurando a túnica esverdeada, que apanhou. Pegou também na pedra porosa que usavam e saiu a correr sem demora.

Continuou até ao outro lado do rio, numa zona de águas mais profundas. Confirmou que ninguém a via e despiu-se. Submergiu-se por completo e começou a esfregar a pele com a pedra das lavadeiras, para a libertar de toda a sujidade. Enfiou a cabeça várias vezes na água até o seu rosto ficar limpo e fresco. Depois, saiu e vestiu a roupa roubada.

Rasgou parte das suas antigas roupas para obter um pedaço longo e estreito com que prender o cabelo.

Com o seu novo aspeto, entrou na cidade.

A Taberna do Coxo estava mais concorrida do que nas noites anteriores; os

comerciantes gastavam parte dos seus lucros em vinho e mulheres, um par de músicos tocava doçainas para animar o ambiente, e o taberneiro, Dom Aurelio, tivera de pôr todos os seus filhos a trabalhar para atender tanto pessoal, entre eles a sua filha Elena, o que implicava que todos os que estivessem perto tentassem apalpá-la, mas o negócio era o negócio. E o ruído das moedas era mais forte do que as constantes queixas da rapariguinha. A sua mãe também não levantava grandes objeções, pois pensava que já era tempo de tirar partido da filha, que, embora não tivesse umas feições graciosas, tinha um sorriso radiante e boas formas, o que sempre agradava aos homens, pois quanto mais bêbedos estavam, menos reparavam na cara e mais no rabo e nos seios das mulheres.

Todas as cidades dependiam do comércio, não só devido à importância que as receitas procedentes dos impostos sobre o tráfego mercantil tinham no conjunto dos rendimentos municipais, mas também devido ao peso das necessidades da vida quotidiana.

Àquela hora, tudo era gargalhadas e risos; talvez por isso, ninguém se apercebeu de Alodia quando ela entrou pela porta. O capuz era largo e permitia-lhe esconder o rosto.

Discretamente, dirigiu-se ao fundo e parou diante de uma das últimas mesas.

Guillermo Trasobares e o seu filho bebiam junto a outros dois comerciantes castelhanos.

– Cada vez nos põem mais entraves nesta cidade. Tiraram-nos um bom negócio desde que proibiram a saída extramuros para fazer compras àqueles que trazem produtos para o mercado.

– Eu não sou um regateiro – afirmou Guillermo.

– És como todos, farias qualquer coisa desde que pudesses tirar proveito –

disse o mais alto dos dois acompanhantes, um homem moreno com uma espessa barba grisalha e que abria demasiado a boca ao falar, deixando ver os seus poucos dentes. – Estou farto de que as mercadorias que trazemos não possam ser postas à venda até os regedores terem estabelecido os preços, e que estes sejam segundo o que dizem os avaliadores designados pelos residentes.

– Além disso, depois é preciso esperar que os preços sejam apregoados por todas as ruas – continuou o outro.

– E há que dizer que até nos vigiam a exatidão dos pesos e das medidas – interveio Guillermo.

– Aí, devo confessar que mudo os pesos sempre que posso – disse o outro, soltando uma gargalhada –, caso contrário não ganho nada. – E voltou a rir-se.

– Eu acho que o negócio mais próspero está na venda de mulos. Os governantes, no seu afã em garantir um gado cavalariço abundante e de boa casta, prejudicaram o muar, pois dão prioridade à criação de cavalos em vez de à de mulos.

– O mulo é um tipo de animal pouco numeroso e caro, reservado apenas a trabalhos muito concretos, e que não podem ser realizados pelo gado asinino devido à grande força que exigem – comentou o primeiro castelhano.

– Isso é verdade, usam-nos para os moinhos das hortas – acrescentou o outro.

– Por isso não é rentável, é utilizado para poucos trabalhos – observou o primeiro homem, o mais corpulento.

– Sim, mas uma dessas utilizações é o transporte de membros das casas reais, oficiais da Coroa e dignitários eclesiásticos. Além disso, com a proibição que existe de os membros das ordens religiosas utilizarem cavalos, também estes têm licença para os empregar.

– Cruzar as éguas com burros para obter mulos é complexo – insistiu o

mesmo homem.

– Ninguém disse que era fácil.

– Vamos pensar nisso; agora bebamos.

E assim fizeram, enquanto Alodia se aproximava disfarçadamente deles.

– Hoje foi um grande dia, esta cidade é fabulosa – acrescentou Guillermo Trasobares. – Talvez me instale nela.

– Sem dúvida – concordou o castelhano mais velho, bebendo de um jarro de vinho. – Fizemos bem em vir aqui. A filha do taberneiro não é uma beldade, mas tem um bom par de razões para eu a querer conhecer. – E soltou uma gargalhada.

– Preciso de falar convosco – interrompeu-os Alodia, ainda sem mostrar o rosto.

– Mas... – O que estava a beber vinho quase se engasgou. – Quem diabos és tu?

– Posso ajudar-vos.

– Tu? – Tirou-lhe o capuz e farejou-a. – Mas se és uma mulher. Não penso pagar-te para ires comigo para a cama...

– Não venho por isso. – Voltou a tapar-se. – Sei como chegar ao Levante sem passar por Teruel.

– Sim, claro... E disse-to o Espírito Santo, não? – atirou ele entre risadas. – Se não me vais aquecer a cama, é melhor que vás para bem longe.

Alodia decidiu não responder e abandonou aquela mesa. Observadora como era, passou em revista o resto da taberna, era óbvio que devia escolher muito bem com quem falar. Era uma jovem rodeada de homens bem abastecidos de álcool. Talvez fosse esse o problema, não podia lidar com eles, jamais confiariam

numa mulher, não a levariam a sério.

Abandonou a taberna, cobriu novamente a cabeça com o capuz e caminhou pelas ruas de Albarracín. O céu estava coberto de nuvens negras que ameaçavam tempestade, o ambiente estava pesado e frio. Não era uma boa noite para deambular por aquelas paragens. Assim, saiu para o exterior da cidade e procurou refúgio na zona que melhor conhecia dos arrabaldes. Dormiu com um olho bem aberto e a mente a procurar outro caminho para os seus planos.

Na manhã seguinte, foi das primeiras a atravessar uma das portas, a confiança é um dos fatores mais importantes para não chamar a atenção. Não há nada melhor para se passar despercebido do que não hesitar. Assim, passou decididamente diante de guardas e gentes, indo direta ao mercado. Observou todas as bancas e procurou o produto que nelas era vendido em maior número. Foi difícil, uma vez que era tudo muito especializado, cada comerciante lidava principalmente com uma mercadoria, pelo que a concorrência era reduzida e o preço estava praticamente determinado, embora fosse verdade que depois tentavam sempre baixá-lo, comprando inclusive uma quantidade maior se pudesse ser conservada durante bastante tempo.

Foi então que Alodia viu uma oportunidade.

A maioria dos compradores no mercado eram mulheres, pelo que era exequível pensar que podia convencer alguma delas. Começou pelas mais jovens, pensando que, por afinidade, obteria melhores resultados, mas não tardou a aperceber-se de que era precisamente o contrário. As mais novas eram muito pouco dadas a sair do caminho marcado, receosas dos seus maridos e dos homens em geral. Quando se aproximava delas, era como se não quisessem nem ouvi-la, baixavam a cabeça e seguiam o seu caminho. Isso surpreendeu-a; longe de se render, abordou várias com tantos anos como cãs, que também ignoraram a sua proposta. Estava quase a abandonar o seu plano quando fez uma última

tentativa com uma idosa que caminhava curvada, como se os anos lhe pesassem.

– Boa mulher...

– Ixeya, o meu nome é Ixeya.

– Muito bem, Ixeya, queria propor-vos um negócio vantajoso para as duas.

– Bem, bem. – A idosa ergueu a mão, como que a dizer que não queria saber de nada disso. – Deixa, deixa. Que eu já estou velha para negócios.

– Podíeis poupar um bom dinheiro.

– Como dizes, criatura? – perguntou Ixeya, aproximando o ouvido para ouvir melhor.

– Vede, no mercado, vende-se a um preço que não é o oficial, sobe ou desce em função da procura. Por isso, vós podeis comprar a lã a um preço e eu a outro, não é verdade?

– Isso só acontece às vezes.

– Mas acontece; muito ou pouco, mas acontece.

– Sim, isso é certo – admitiu Ixeya a contragosto.

– Bem, o que vos proponho é o seguinte – disse Alodia, dando uma espreitadela para verificar que ninguém as escutava. – Se conseguirmos reunir várias mulheres, eu posso ir comprar em nome de todas e, ao pedir a soma das quantidades de cada uma, obter um preço mais baixo.

– Hmm, percebo-te, pequena, mas se os mercadores souberem que fizemos tal coisa, ludibriar-nos-ão – advertiu Ixeya. – Aos homens, não lhes agrada que uma mulher os engane, e muito menos um grupo, como tu queres.

– Confiai em mim, sei mover-me de forma a que não desconfiem.

– Não sei, és muito nova e não te conheço.

– Sim, por isso não poderão associar-me a vós. Direi que compro para o meu senhor, um estrangeiro acabado de chegar a Albarracín.

– Pareces esperta, isso é certo, mas mesmo assim...

– Consegui-me várias mulheres, quantas mais melhor, e deixai-me agir. Não vos dececionarei.

– Espera, e o que ganhas tu com tudo isto?

– Em cada dez moedas que vos poupar, duas serão para mim.

– Não são muitas? – perguntou Ixeya, olhando-a fixamente.

– Eu acho que é justo.

– Uma e meia, e além disso dou-te de comer e arranjo-te esse cabelo. – Pegou numa madeixa. – Há quanto tempo é que ninguém to escova e to corta?

– Há muito, garanto-vos.

– Então negócio fechado. – E estendeu a mão, onde eram visíveis todas as veias.

Alodia apertou-lha.

Capítulo Vinte e Três

No dia seguinte, Ixeya estava à sua espera à entrada do mercado. A idosa, apesar de curvada pela idade e com os olhos encovados pelas rugas do rosto, mantinha um sorriso gracioso.

– Quantas conseguistes? – perguntou Alodia assim que a viu.

– Seis, é mais do que esperava – confessou Ixeya. – Precisamos de pimenta, um frasquinho para cada uma. Damos-te seis moedas.

– Consegui-la-ei por cinco.

– O homem que a vende é má peça. Olha, é aquele ali. O que tem a barba muito comprida.

Alodia tinha um aspeto muito diferente do habitual, a túnica esverdeada dava-lhe um aspeto curioso, ao mesmo tempo que a fazia passar despercebida. Eram os seus cabelos longos e brilhantes que chamavam a atenção, pelo que procurava escondê-los debaixo do capuz.

Esperou que o mercador ficasse sozinho e foi direita a ele.

– Bons dias – disse num tom sério. – Queria seis frascos de pimenta.

– Muito bem, são seis moedas. – E apressou-se a ir buscá-los.

– Não.

– Como dizeis? – O mercador parou, surpreendido. – Cada um custa uma moeda.

– Assim é, mas eu não quero um, e sim seis – advertiu ela, com a sobriedade do seu olhar a contrastar com a sua juventude. Agora que o seu aspeto era novamente agradável, viam-se de forma mais evidente os seus poucos anos.

– Perdoai-me, mas não percebo a diferença.

– Pois é evidente, o preço não pode ser o mesmo se eu comprar um do que se

comprar seis.

– Olhai, eu não vos conheço, talvez tenhais acabado de chegar, porque aqui as coisas não funcionam assim.

– Queres dizer-me que quando compras os teus produtos pagas o mesmo se for uma arroba ou se for seis? Fazem-te o mesmo preço?

– Isso é diferente, eu sou comerciante, tenho de negociar, transportar as mercadorias...

– E eu sou uma cliente importante que te compra seis frascos de pimenta de uma só vez, quem mais faz algo assim? – E arqueou as sobrancelhas.

– Sim, poucos compram tanto – admitiu o mercador, desconfortável. – Mas, como vos dizia, eu tenho muitas despesas, não posso dar-vos um frasco sem que o pagueis.

– Então não vos comprarei nenhum, a pimenta pode ser substituída por outras especiarias mais baratas. – E fez menção de partir. – Além disso, o meu senhor acaba de se instalar na cidade, certamente que encontrarei alguém interessado em abastecer-me, agora que vamos viver cá.

– Um momento, esperai. – O comerciante passou a mão pela barba. – Está bem. Cinco moedas, mas a partir de agora, vinde comprar a mim, estou a fazer-vos um preço especial.

– Assim farei – disse Alodia, tentando esconder o seu sorriso.

Do outro lado do mercado, um homem alto e elegante, vestido com uma túnica ao estilo muçulmano, observava-a a partir da curiosidade dos seus olhos verdes.

Alodia não tardou a cair nas boas graças de um bom número de mulheres; conseguia-lhes bons preços em várias mercadorias como o mel e o queijo,

tirando em contrapartida uma percentagem. Tinha jeito para os números e, com a sua memória peculiar, conseguia argumentos suficientes para vencer as reticências dos comerciantes. Conseguiu arrendar um quarto intramuros, perto de onde vivia Ixeya.

Os seus lucros eram escassos, mas permitiam-lhe viver com dignidade.

Por alturas de Santa Ana, regressava tarde a sua casa por ter estado a discutir com um forasteiro sobre um possível novo negócio que tinha em mãos. Sabia que não podia continuar com as intermediações no mercado, pois já se espalhara a informação de que não servia nenhum senhor.

Virou para a última rua e foi então que alguém a agarrou pelo pescoço e a empurrou contra a parede de uma das casas.

– O que quereis?

– Cala-te! – E apertou-lhe o pescoço. – Então és tu a maldita que nos anda a enganar.

– Eu não fiz nada.

– É claro que fizeste, julgavas que não íamos perceber? Achavas mesmo que uma mulher nos ia enganar?

– Dar-vos-ei o que tenho, tudo...

– Já disse para te calares! – E deu-lhe uma bofetada que a atirou ao chão. – Não quero voltar a ver-te no mercado. – Deu-lhe um pontapé no flanco. – Parte de Albarracín, escória.

Alodia mal conseguia mexer-se devido à dor; arrastou-se pelo chão.

– Se te voltar a ver, dar-te-ei uma sova que não esquecerás! – gritou o homem, desferindo-lhe em seguida outro pontapé.

O golpe foi tremendo; Alodia protegeu a cabeça com as mãos. As suas costelas

e o seu antebraço não tiveram tanta sorte. Tentou levantar-se, mal tinha forças para manter os olhos abertos.

– Aguenta. – Pareceu-lhe ouvir uma voz. – Deixa-me ajudar-te.

Alguém a levantou mesmo antes de perder os sentidos.

Acordou com um agradável aroma que a fez sentir-se relaxada, viu um ramo de flores dentro de um jarrão de cerâmica esmaltado e brilhante, com decorações esverdeadas. Estava numa divisão cheia de luz, de paredes brancas e com um enorme janelão por onde entrava o Sol. Levantou-se sem qualquer incómodo, dirigiu-se àquela abertura e ficou surpreendida ao ver que dava para um pátio interior; tentou erguer o olhar acima dos muros que rodeavam aquele lugar e não conseguiu ver nada. As paredes estavam perto e eram demasiado altas para transpor com os seus olhos. Viu então um pássaro a esvoaçar no céu, subindo e descendo com o bater das suas asas. Mais do que voar, parecia dançar para ela.

– Bonito andorinhão; os animais são extraordinários, não é verdade? – perguntou uma voz atrás dela.

– Sim, são – respondeu Alodia, medindo as suas palavras.

– Os andorinhões comem, dormem e até copulam em voo. Só pousam para pôr os ovos, incubá-los e criar os seus filhotes. É grandioso – disse o homem, com um profundo suspiro. – Mantêm-se ininterruptamente em voo durante nove meses por ano. Certa manhã, as crias abandonam o ninho voando subitamente, sem necessidade de uma aprendizagem prévia, e nunca mais lá voltam.

– São muito diferentes de nós.

– Sim, sem dúvida. – O anfitrião parou ao lado dela e observou-a. – Não queres saber quem sou? Ou como chegaste à minha casa?

– Dir-me-íeis a verdade?

– Claro.

– Sinceramente, não importa – respondeu ela. – Mas, se vos aprouver contar-mo, estou a ouvir.

– Compreendo. – O homem sorriu. – Como te chamas?

– Alodia.

– Não é um nome comum. – Sorriu. – Foi uma escolha acertada, e também tu não pareces ser o que se entende por uma rapariga normal.

Alodia ficou surpreendida com o comentário, não tinha a certeza se era algo bom ou mau. Quem o proferira era um homem distinto, que devia ter quase quarenta anos, magro, com o cabelo castanho e abundante. Os seus olhos verdes eram como um fogo na noite, era impossível evitar olhar fixamente.

Vestia-se de forma semelhante a um monge, mas não o era. Não usava crucifixos nem rosários e não falava como um religioso. Observando-o bem, como ela sempre fazia, pareceu-lhe ser muçulmano, devido às suas roupas e ao seu aspeto. Mas era apenas uma suposição; não tinha a certeza, preferia não se apressar e enganar-se em algo tão importante.

– Vi-te a deambular pelo mercado – afirmou ele.

– É possível.

– Sim, é. Foste inteligente a negociar os preços, mas àqueles homens não lhes agrada que alguém seja mais esperto do que eles; mais tarde ou mais cedo, iam acabar por ir atrás de ti.

– Eu sei, mas não imaginei que seria tão cedo.

– Devias ter avaliado melhor a situação. Quando te vi no mercado, parecias investigar o que se vendia, ouvir as conversas dos mercadores, espiá-los até. Alguém referiu que uma noite disseste algo sobre uma rota para ir a Valência

sem passar por Teruel.

– Foi por isso que me ajudastes?

– Despertaste a minha curiosidade, isso é certo – respondeu ele, enquanto contemplava o voo do andorinhão –, e não é a primeira vez que te ajudo. Julgo que um jovem interveio uma vez em tua defesa fora dos muros da cidade, estou enganado?

– Como sabeis disso? – Alodia estava absolutamente atónita.

– Disse-me que tentaste ajudar uma menina em apuros, apesar de não teres tido muita sorte – afirmou aquele homem de voz pausada. – Tens coragem, disso não há dúvida. E perspicácia; faltam-te outras qualidades, mas tudo se resolverá.

– Não sei o que quereis de mim...

– Tenho curiosidade, sei mais sobre ti do que julgas, há algum tempo que sigo os teus passos. É verdade que conheces uma rota para ir ao Levante?

– E se vos dissesse que sim?

– Precisaria de uma prova disso.

– Primeiro, preciso de saber uma coisa. Estou presa aqui? – perguntou Alodia com firmeza.

– Calma, não é essa a minha intenção, garanto-te. – Deu um par de passos pelo quarto. – Não tens casa nem família, nem marido, nem bens. Estás sozinha, és estrangeira e mulher, ou melhor dizendo, uma criança. Albarracín é perigosa e, da forma como Juan Núñez de Lara nos tem vindo a governar, pode vir a sê-lo ainda mais, se é que é possível – pigarreou. – Eu sou um homem pragmático, um sobrevivente, como tu.

– Não creio que nos assemelhemos em nada – murmurou ela, observando

tudo o que decorava aquela divisão.

– Não te subestimes, pequena. Há mérito em que continues viva, a deambular pelas ruas desta cidade. Eu sei de tudo o que acontece aqui, preciso de saber tudo – afirmou ele com firmeza, aproximando-se lentamente dela. – É precisamente isso que me interessa em ti, tal como já te disse antes, causas-me curiosidade.

– Não vos aproximeis de mim – disse Alodia, cerrando os dentes e os punhos.

– Nesse sentido, nunca me aproximarei de ti, não te preocupes. – Olhou-a nos olhos. – Não é usual ter-se um olho de cada cor.

– Como dizeis?

– Não te viste, porventura...? Espera um momento. – O anfitrião dirigiu-se a um móvel e retirou o que parecia ser um espelho do interior de uma gaveta; voltou para junto dela e mostrou-lhe o seu reflexo.

– Não é possível... – Alodia levou a mão a um dos seus olhos. – Está...

– Não é de nascença, portanto. Suponho que seja consequência de algum dos golpes que te desferiram. Deixa-me ver. – Segurou-lhe na cabeça e estendeu-lhe a pálpebra. – Tens a pupila dilatada, talvez de forma permanente. Por isso, e dependendo da luz, parece que tens um olho mais escuro do que o outro, ainda que ambas as íris sejam da mesma cor.

– Isso é possível?

– Não o vês tu mesma ao espelho? – perguntou ele, apontando. – Uma rapariga de olhos bicolor, não deixas de ser uma caixa de surpresas, Alodia. – E sorriu. – Quanto a mim, também não sou muito convencional, por assim dizer... Bem, é difícil de explicar. Verás, certamente que conheces pessoas que têm algum tipo de artefacto que lhes dá confiança, sorte, força – comentou de forma mais amigável –, não tem de ser exclusivamente religioso, compreendes?

– Um amuleto para dar sorte?

– Não, um amuleto não. Os amuletos dependem demasiado do acaso, não são fabricados, limitam-se a ser encontrados – explicou ele. – Eu refiro-me a talismãs, objetos valiosos, criados com um objetivo claro. Agora descansa, logo teremos tempo para conversar sobre isso.

Capítulo Vinte e Quatro

Alodia aprendera a desconfiar até do mais evidente. Não se conformava com encontrar um rio, meter a mão na corrente e ver como era transparente. Não, tinha de beber para ter a certeza de que aquilo era água.

Se era tão precavida com algo tão simples, como não havia de o ser com o homem que a abrigava em sua casa?

Há já algum tempo que examinava tudo o que estava ao alcance da sua vista. Em cada frase que proferia, procurava ganhar tempo para saber o que enfrentava.

Estava tensa, alerta, preparada para tudo.

Então, ele fitou-a de uma forma que reconheceu de imediato; já antes tinha visto aquela expressão num homem de funesta memória, o que ia ser seu marido, Dom Antón de Rada. Estava a avaliá-la, a examiná-la. Odiava que lhe fizessem aquilo; detestava que pensassem que ela era uma mercadoria que podiam comprar e da qual podiam dispor a seu bel-prazer.

No fundo, porém, aos olhos dos homens, ela era apenas um corpo, a ser utilizado numa ou noutra ocasião, nenhuma delas agradável.

Foi nesse momento que algo se alterou nos olhos que a observavam; Alodia teve uma sensação estranha, um instinto, um palpito.

– Sabes quem foi o anterior monarca de Castela? O pai do atual rei Sancho?

– Sim. – A pergunta surpreendeu-a. – Afonso.

– O décimo de seu nome – completou ele a resposta. – O rei Afonso transformou Toledo numa porta através da qual tem vindo a ser transmitido um enorme caudal de conhecimento acumulado pelo mundo árabe durante séculos. Sem o esforço de tradução realizado nessa cidade, já anteriormente ao monarca e

por ele continuado, todo esse saber teria estado vedado aos cristãos.

– Sois muçulmano – atreveu-se finalmente Alodia a observar.

– Sim, demoraste a dizê-lo.

– Não queria enganar-me, embora o tenha pensado assim que vos vi. Também os há como vós na minha terra.

– De onde és?

– De... – Alodia hesitou. – Do norte.

– Do norte, então; muito bem, uma cristã do norte – disse ele, assentindo com a cabeça. – Eu chamo-me Ayub e sou mudéjar.

– Mudéjar... O que significa?

– Na minha língua quer dizer domesticado. Utiliza-se para designar os muçulmanos que permaneceram em territórios conquistados pelos cristãos; é-nos permitido praticar a nossa fé, usar a nossa língua e manter os nossos costumes. Vivemos em alfamas ou mourarias dentro das cidades, com alguma autonomia, em Albarracín com muita, uma vez que nos entregámos pacificamente à Casa de Azagra.

Ayub suspirou e prosseguiu com as suas reflexões.

– Para sobreviver, temos de nos adaptar, nada é eterno, tudo muda – afirmou, apontando para ela –, já o devias saber. Não devemos julgar as pessoas pela altura a que chegam, mas pelo caminho que percorreram. Às vezes, não temos outro remédio a não ser percorrer um longo e perigoso trajeto a pé para chegar a um humilde lugar, enquanto outros sobem montanhas – e interrompeu-se – montados nos seus cavalos e com a ajuda dos seus servos.

Alodia não disse nada. Ayub ficou a olhar para ela, como que à espera de uma afirmação, mas ela manteve-se impassível.

- Gostas da minha casa? – E abriu os braços como que para lha mostrar.
- É diferente; não se parece com a minha – desculpou-se ela. – Surpreendeme os textos pintados nas paredes e coisas que nunca tinha visto antes.
- O meu mundo esteve um passo à frente do cristão em muitos aspetos.
- Como quais?
- Medicina, arte, armamento, construções e conhecimento – enumerou ele.
- E, ainda assim, os cristãos venceram-vos e... domesticaram-vos.
- Bem, não tens papas na língua – observou Ayub, sorrindo. – A história tem ciclos, e o que nos coube viver está muito longe de ter terminado.
- Não sei o que isso significa.
- Estou a ver. – Juntou as mãos à altura da cintura e introduziu-as nas mangas opostas. – Sabes ler e escrever?
- Sim, ainda que o meu pai sempre tenha dito que não me serviria para nada, que os homens devem saber lutar e mandar, e as mulheres parir e obedecer.
- Muito loquaz, o teu querido pai; para desgraça do meu povo, nem todos os cristãos pensam assim. O anterior rei de Castela, por exemplo, Afonso X, foi um verdadeiro sábio. Soube conjugar as batalhas com a sapiência, virtude que não é muito habitual na realidade. Além de rei, guerreiro e diplomata, foi poeta e amante da astronomia. Chamou à sua corte de Toledo os mais famosos e experientes cientistas, quer fossem cristãos, judeus ou muçulmanos. Sabes que criaram umas tabelas sobre as estrelas e a ordem das esferas? Estudou mais do que ninguém acerca delas. Ouvi dizer que uma vez comentou que, se tivesse estado ao lado de Deus quando ele criou o universo, ter-lhe-ia dado alguns conselhos valiosos.
- Foi um bom rei, então?

– Os reis não são bons nem maus, são reis. É essa a sua grandeza e a sua condenação, e portanto a dos seus súbditos – respondeu Ayub, com um certo ar de nostalgia.

– O povo precisa de alguém que o governe.

– Não ponho isso em causa. Mas...

– O quê?

– Afonso considerava-se uma autoridade de origem divina com poder autoritário sobre todos os demais. A nobreza, pelo contrário, pensava que o rei devia ser um *primus inter pares*; o clero desejava ser o único intermediário com Deus, pelo que tolerava a origem divina da monarquia; e as oligarquias das pujantes cidades queriam aumentar os seus privilégios e limitar nelas a autoridade do rei. Enquanto este acedeu aos seus desejos, as três classes respeitaram Afonso X.

– E quando este não o fez, ergueram-se contra ele e acabaram por o destronar – antecipou-se Alodia.

– Assim é; sei que não és uma mulher vulgar – afirmou o mudéjar –, ainda que te esforces impossivelmente para que não o saibam. Tens conhecimentos que só podem ser aprendidos em casa de um nobre.

– Não é verdade.

– Como queiras; não me importa a tua origem, a minha também não é nada de que me possa orgulhar, e olha agora, ninguém pode duvidar de que soube ganhar a vida, e sem usar uma espada.

– Alegro-me por vós.

– Obrigado, não foi fácil, garanto-te. – Por um instante, o seu rosto deixou de ter uma expressão tão amável, como se uma memória amarga o tivesse toldado.

– Falava-te do rei Afonso X; mandou compilar e redigir uma enorme quantidade de obras jurídicas, para poder justificar a superioridade da autoridade régia, para se instituir como vigário de Deus, único legislador e juiz supremo sobre todos os do reino.

– A Igreja opôs-se.

– E a nobreza e as cidades, até o seu próprio irmão, o atual rei, o traiu. – Levou as mãos às costas e deu vários passos à volta de Alodia. – Afonso era esperto, e acreditou que a sua vitória estava mais no saber do que nas armas. Mas os grandes conhecimentos geram as grandes dúvidas e o pior que pode acontecer a um homem é duvidar.

– Quem aumenta o seu conhecimento, aumenta a sua dor.

– Onde ouviste isso?

– Não me lembro.

– Estou a ver... – disse Ayub, sorrindo.

De cada vez que Ayub sorria, Alodia sentia-se mais à vontade. O muçulmano era educado, vestia-se com um gosto requintado, a pele morena do seu rosto era brilhante e os seus olhos verdes transbordavam de sabedoria.

«Porque não podia ter sido como ele aquele que ia ser meu esposo?»

– Todos os homens procuram uma forma de apaziguar as suas dúvidas, a sua dor – continuou Ayub a dizer. – Porque a vida é isso, dor. E porquê? Porquê a dor? É esse o nosso erro, procurar as razões que causam a dor, como se, ao conhecê-las e eliminá-las, ela fosse desaparecer.

– E não é assim? – perguntou Alodia, muito inebriada pelas palavras que ouvia.

– Não, a dor é inevitável; não devemos procurar eliminá-la, mas sim aprender

a conviver com ela.

– De que forma se pode aprender tal coisa?

– Existem muitas maneiras; há quem procure na própria dor, quem o faça na dor dos outros, ou quem simplesmente prefira a dor da ignorância, mas estão todos enganados. Só existe uma maneira de sobreviver à dor.

– Conhecê-la.

– Assim é, o conhecimento. – E apontou para a estante atrás dele.

– Livros?

– Sim, está neles todo o saber do nosso tempo e, o que é mais importante, dos tempos anteriores ao atual.

– Está aí resumido o passado?

– Sim, está ali a história e, mais importante, a interpretação que cada povo faz da mesma.

– A história é única, aconteceu o que aconteceu, não há mais nada a dizer.

– Enganas-te; para cada povo, a mesma história pode ser diferente. Há batalhas que ninguém venceu, ou que todos venceram, reis que foram bons para metade e terríveis para a outra metade, até mesmo factos que nunca aconteceram.

– Como é isso possível?

– A história é uma arma poderosa, aprendê-lo-ás em breve – afirmou o mudéjar, com os seus modos educados. – Independentemente das interpretações, o que é evidente é que o homem cresce por acumulação de conhecimento. Cada cultura e cada época trazem avanços, na forma de construir ou de cultivar o campo, na cura de doenças ou em tantas outras coisas da vida, melhor dizendo, em todas! – acrescentou com entusiasmo.

– E tudo isso está nos livros?

– Sim.

– Então o lugar com mais livros será o de maior conhecimento, o de maior poder – murmurou Alodia. – Já ouvi dizer várias vezes que alguns mosteiros possuem extensas bibliotecas.

– Isso é verdade, ainda que nas bibliotecas dos mosteiros cristãos só esteja conservada uma pequena parte de todo o saber antigo: o *Timeu* platônico, os tratados lógicos de Aristóteles e compilações como as de Isidoro de Sevilha, Boécio ou Alcuíno – admitiu Ayub sem grande paixão. – O Islão, em contrapartida, conservou textos antiquíssimos, dizem que em Bagdade existem até trinta e seis bibliotecas, e que a biblioteca de Trípoli, chamada Dar Al ‘Ilm, que significa «casa da ciência», albergava milhões de pergaminhos até que os cruzados a queimaram no início do século passado, quando lá conseguiram entrar.

– Não sabia dessas maravilhas.

– O Islão protegeu o legado de grandes sábios gregos como Ptolomeu ou Euclides, estudiosos da matemática, da astronomia, da medicina...

– E a Igreja?

– As religiões são complexas, devem sê-lo, não me interpretes mal – corrigiu Ayub, erguendo ao mesmo tempo uma das suas mãos. – Sem religiões, o mundo seria um caos, e os homens apenas animais. Não existe nada que receemos mais do que a incerteza, a dúvida; não pode haver objeto, pessoa ou coisa que não tenha explicação, caso contrário essa indecisão, essa hesitação, crescerá até nos destruir. A religião dá-nos todas as respostas e não nos faz perguntas; nisso, é tão bom o Islão como o cristianismo, e é por isso que venceram as antigas divindades.

– Que deuses havia antes?

– Muitos, demasiados, havia deuses para tudo – respondeu Ayub, com a sua agradável e pausada voz. – Há mais de mil anos, quase todo o mundo conhecido fazia parte de um mesmo estado, o Império Romano, um vasto território de cidades ricas, construções magníficas, poderosos exércitos de centenas de milhares de soldados, e deuses, muitos deuses.

– Não imagino um mundo assim.

– E, no entanto, existiu; aos governantes romanos, as divindades não lhes interessavam muito, preocupava-os mais a sua vida terrena. *Carpe diem, quam minimum credula postero*, «aproveita o dia, não confies no amanhã», dizia um poema de um dos seus melhores poetas, Horácio.

– Uma época tão diferente da nossa, parece mentira que fosse possível.

– Júpiter, Minerva, Vénus, Baco... São tantos – afirmou o mudéjar, gesticulando com as mãos. – Quando conquistavam um novo território, a primeira coisa que faziam era construir um novo templo em Roma para o deus ou os deuses dessas terras. Respeitavam todas as religiões e cultos, mas tudo mudou quando o cristianismo apareceu.

– Porque os cristãos adoram apenas um único deus.

– Por isso e porque, para os romanos, a religião consistia em ir a um templo e realizar uma oferenda, fazer um pedido a esse deus. Não tinham de ouvir sermões, nem Deus os exigia – explicou Ayub, usando pela primeira vez um tom severo. – Em contrapartida, o deus cristão dizia-lhes que esta vida não valia nada, que esquecessem o *carpe diem*, porque há outra vida depois, uma vida melhor. Que devem seguir muitos mandamentos, que o importante não é este mundo, mas o do além; que ressuscitarão e então começará a verdadeira existência. Os sacerdotes cristãos falavam e falavam, não havia edifícios para

albergar tantos fiéis. O cristianismo rompia com o modo de vida, com a essência do povo romano.

– Tornou-se uma ameaça.

– Certamente, proibiram-no e perseguiram-no. Passaram de tolerar todas as religiões a persegui-las com uma violência nunca antes conhecida.

– Mas o cristianismo venceu; já não existem esses velhos deuses.

– E passado algum tempo, surgiu o Islão, e agora os dois cultos lutam entre si, mas há algo que sobreviveu às religiões: a magia.

– Magia? – perguntou Alodia, desconcertada.

– Sim, ainda que muitos a ignorem, os peregrinos atravessam os Pirenéus com dois destinos. A imensa maioria segue o Caminho de Santiago; mas existe também uma minoria instruída que vem em busca de conhecimento e tem como destino Toledo, onde o rei Afonso criou um *scriptorium* com diferentes coleções: direito, história, poesia... E a mais vasta de todas é a que está relacionada com a magia. Estes peregrinos vão a Toledo em busca desse conhecimento; e, quando regressam aos seus reinos de origem, correm o grave perigo de serem classificados como magos ou necromantes.

– A magia são superstições, porque haveria um rei de estar interessado em livros desse tipo?

– Era um monarca que se sentia na obrigação moral de saber tudo o que o pudesse ajudar no seu imenso trabalho à frente de reinos como os de Castela e Leão. Conhecia a influência que os astros têm sobre todas as espécies, as plantas, os minerais e também os homens. – Viu o olhar cético de Alodia. – Como poderei explicar-to de forma a que o compreendas...? Verás, todos temos...

– Qualidades ocultas?

– Exato! – respondeu ele, satisfeito. – A força, a altura, a rapidez... São virtudes visíveis. Não obstante, existem outras que não o são, que se regem por forças desconhecidas e que são mais vitais para as nossas vidas do que todas as que conhecemos à vista desarmada.

– Contai-me mais, por favor – instou-o Alodia, fascinada.

Capítulo Vinte e Cinco

Alodia recuperou a sua paixão pela leitura, os livros de Ayub eram muito mais interessantes do que os da sua família. De certa forma, era como se fosse outra vez criança e Ayub... Não queria pensar muito nessas memórias tão dolorosas.

Ayub não tardou a dar-se conta da capacidade de memorização da jovem e começou a utilizá-la, fazia-a ler certos volumes e recorria a ela quando precisava de recordar alguma passagem.

Alodia passava longas horas naquela casa, e assim aprendeu todos os seus recantos. Na parede de uma das divisões contíguas, estava pendurado um espelho de dimensões consideráveis. Já o tinha visto há algum tempo, mas até àquele momento, não se tinha apercebido da sua relevância, por que motivo teria um homem como Ayub um espelho tão grande?

Tinha de haver alguma razão que lhe escapava, era impossível que fosse casual. Viu-se ao espelho por um segundo. Viu como o seu olho direito tinha mudado de cor e parecia agora de um verde intenso, tal como Ayub lhe tinha dito, e teria sido devido à tarefa que recebera daquele energúmeno...

Voltando a focar o olhar no seu anfitrião, a jovem viu coisas que nunca tinha visto antes. Sim; viu serenidade, e ao mesmo tempo tensão nos seus músculos, viu pequenas feridas na sua pele, viu um cabelo castanho, algo grisalho e perfeitamente cortado, e viu algo muito mais importante, viu esperança.

Ayub tinha um aspeto cuidado, muito limpo, perfumado. Vestia trajes mouros, largos e de cor azulada, tinha a pele morena como ela e os olhos verdes.

Passava a maior parte do tempo a rezar e a ler. Tinha uma longa escrivaninha onde estendia volumosos livros e pergaminhos. Quando saía de casa, levava sempre algum livro na sacola e voltava sempre com outros.

Recebia visitas no quarto contíguo à porta de acesso, mas às vezes também reunia noutra divisão mais interna. Costumava ser visitado por um homem envolto numa capa negra e que não deixava ver o seu rosto.

Alodia sentia curiosidade por ele; várias vezes tentou ver de quem se tratava, mas o visitante e Ayub fechavam-se naquele lugar e ela ficava à margem.

Os dias começaram a passar muito depressa; na presença de Ayub, havia sempre algo novo para aprender e o tempo consumia-se como uma vela acesa. Ayub começou a formá-la em diversos conhecimentos, cuja reflexão e estudo implicavam para Alodia longas horas de esforço. Assim se passaram várias semanas, com uma dedicação plena, e que, algum tempo depois, Alodia recordaria com certa nostalgia.

Passados alguns meses, Alodia começou a ficar ansiosa por saber quem era o homem misterioso que visitava Ayub. Nunca tinha oportunidade de lhe ver o rosto, pelo que optou por tentar descobrir algo acerca dele de outra forma. Dirigiu-se à divisão onde ambos se reuniam enquanto Ayub estava ausente, a rezar noutro dos quartos. Foi-lhe fácil aceder, o interior não se destacava do resto da casa. Procurou algum indício que pudesse ajudá-la nas suas pesquisas e pousou as mãos num dos livros que estavam em cima de uma das mesas. Aqueles objetos pareciam-lhe fascinantes, perguntava-se quem os teria escrito, por quantos proprietários teriam passado antes de chegarem ali. Tinham algo de mágico, imaginava-se a lê-los à luz de uma vela, e que aquelas palavras ganhavam vida.

Oxalá pudesse ler todos aqueles livros.

Só grandes homens podiam tê-los escrito, Alodia imaginava-os sentados diante de um pergaminho em branco, com a pena entre os dedos, deixando que a tinta plasmasse os seus pensamentos.

Podia porventura haver algo mais mágico do que o conhecimento?

Estava tão emocionada que não pôde evitar abrir o livro que tinha à sua frente.

Estava escrito em língua árabe e não compreendia o que dizia, mas tinha umas estranhas miniaturas pintadas a folha de ouro; eram seres bizarros, com forma de homem, mas com atributos que não lhes correspondiam. Pareceu-lhe tão estranho que o deixou, fixando-se num dos pergaminhos onde estavam desenhadas umas esferas que percorriam umas circunferências. Compreendia aquele texto, era latim, a sua mãe tinha insistido em que aprendessem essa língua quando ela e a sua irmã eram pequenas.

– Há livros secretos... – disse Ayub, regressando das suas orações e surpreendendo-a. – Que nos falam das propriedades ocultas e dos efeitos mágicos que podem ser induzidos em objetos e pessoas através das cerimónias adequadas – explicou num tom muito próximo, sem parecer importar-se por ela estar naquela sala.

– Mas a magia... Não sei... Estais a dizer que existe mesmo?

– Duvidas, por acaso? Acreditas na religião e não na magia? Sempre existiram deuses, tal como sempre existiram magos; e o limite entre uns e outros é difuso. No fundo, tudo se reduz à utilidade; a religião é necessária, imprescindível, temos de acreditar que algo ou alguém criou tudo isto, a primeira causa de tudo.

– Deus.

– Que deus? Ou que deuses? Sem a religião, o mundo cairia no mais absoluto caos, por isso a magia foi posta de parte. Pode viver-se sem magia, a maioria das pessoas fá-lo, mas não se pode viver sem um deus.

– E o que faço eu a ouvir isto? O que quereis de mim?

– Eu construo talismãs, objetos feitos de materiais especiais que adquirem determinadas propriedades mágicas através da minha intervenção – explicou ele, de forma muito académica. – A construção de talismãs é complexa; para que funcionem realmente, todo o processo tem de ser realizado sem falhas. Existem demasiados charlatões e agoureiros, e gente pior, de quem não convém falar, a vender falsos talismãs.

– Sois capaz de construir um que funcione?

– Sim, ainda que só para alguns usos – salientou ele –, e com os materiais e conhecimentos adequados.

– Mas certamente que dispodes dos livros onde se explica como o fazer e que, se quisésseis, poderíeis construir um para qualquer finalidade.

– Cuidado, estás a entrar em terreno perigoso.

– É verdade, então.

– Verdade, dizes tu – observou Ayub, sorrindo e fitando-a como a uma criança. – A verdade tem sido utilizada demasiadas vezes para causar o mal.

– Não me agrada que me tratem como uma estúpida – murmurou Alodia, enfadada. – Para que precisais de mim? Julgo que já é tempo de me dizerdes, não vos parece?

– Boa pergunta, és esperta, rápida de mente e estás habituada a sobreviver. A capacidade de um homem, ou de uma mulher – salientou –, para superar as adversidades é um valioso dom com o qual muito poucos são abençoados. Acredita; vi os mais vigorosos e destros cavaleiros desmoronar numa batalha, paralisar e sucumbir.

– Se soubésseis aquilo por que passei, garanto-vos que a última coisa que diríeis é que tenho um dom.

– Deves deixar isso para trás – afirmou ele categoricamente. – Se quiseres julgar o passado, perderás o futuro.

– Pretendeis que o esqueça?

– De modo algum; se não formos capazes de recordar o passado, estaremos condenados a repeti-lo. Não é isso que te digo, Alodia. O passado está escrito na nossa memória e é aí que deve continuar; o futuro, em contrapartida, está presente no desejo. Aí reside a sua enorme força. – Ayub fez uma pausa. – Diz-me, Alodia, o que desejas? Não precisas de mo dizer a mim, mas deves tê-lo claro, pois serão os teus desejos a mover o teu futuro.

– E vós? O que desejais? – replicou ela, sem se deixar intimidar pela contundência e pela destreza da forma de falar daquele misterioso homem, que parecia querer dominá-la com palavras. – Qual é o vosso futuro?

– Já te disse antes, sobreviver à dor, como todos.

– Que dor é essa que tanto vos oprime?

– Tem cuidado com o que dizes, isso não te diz respeito e há que saber fazer as perguntas adequadas a cada momento – respondeu ele, pela primeira vez à defesa.

– Diz-me respeito, sim, porque estou envolvida – disse Alodia, passando decididamente ao ataque. – Dizei-me, o que pretendeis obter de uma simples rapariga como eu?

– Que me ajudes.

– A fazer o quê?

– Preciso de alguém que não chame a atenção, que seja inteligente e observador. Sei que tu o és, desde que entraste nesta casa, não fizeste mais nada a não ser observar tudo o que cá havia. Também me dei conta de que tens uma

memória excelente, algo muito invulgar.

– Reparo nas coisas, e então?

– Não te quero apenas por isso, quero alguém que passe despercebido nesta cidade e que possa sair dela. Que conheça caminhos e passagens pouco transitados – continuou ele a explicar.

– Quereis que seja eu a fazê-lo? Por isso me salvastes e trouxestes para aqui...

– disse Alodia, murmurando as últimas palavras.

– Quem melhor do que uma rapariga para isso, não achas? Os homens desprezam as mulheres e as crianças. Passarás despercebida na cidade, serás como um gato em que ninguém repara, mas que está em toda a parte.

– Posso fazer isso.

– Ao mesmo tempo, é preciso que saibas desenrascar-te sozinha.

– Pois. – Pensou no que ia dizer. – Parece-me bem o que propondes. – Pela primeira vez em muito tempo, o rosto de Alodia exibiu um sorriso.

– Pagar-te-ei bem – disse Ayub. Procurou dentro da túnica, retirou uma pequena bolsa, abriu-a para que Alodia visse as moedas que continha e entregou-lha.

– Se me derdes isto agora, quem vos diz que não fugirei e não voltareis a saber de mim?

– A tua inteligência – respondeu Ayub, sorridente. – Se fugires com essas moedas, poderás viver bem durante algum tempo, é verdade. És uma mulher em idade casadoira, não tens apelido nem casa, ninguém de boa posição quererá casar contigo.

– E se eu não casar?

– Bem, podes sempre ir para freira.

– Mau... – Alodia quase perdeu a calma ao recordar a viagem para o convento. – E se também não for para religiosa?

– Como prostituta, durarias alguns anos, mas depois...

– Posso sustentar-me sozinha, posso...

– Não, não podes fazer nada. Não és um homem e, mesmo que fosses, também não poderias. Cresce de uma vez! A tua melhor hipótese é servir-me, não só por essas moedas – indicou ele, erguendo a voz –, mas também por tudo o que posso fazer por ti depois.

– O quê?

– Sim, ouves bem. As moedas são apenas um ato de confiança, para que vejas que as minhas intenções são boas. Se me ajudares nos meus objetivos, aceitar-te-ei como minha sobrinha, dar-te-ei um apelido, uma casa, um futuro e, mais importante, acesso à sabedoria dos livros – salientou Ayub. – A escolha é tua.

– Mas... Porquê eu? Não seria melhor um...?

– Não, não confio nos homens. Tem de ser uma mulher e tens de ser tu.

Alodia ficou pensativa ante os olhos verdes de Ayub.

– Tenho um presente para ti – disse ele.

Com as duas mãos, estendeu-lhe um objeto envolto num belo tecido avermelhado. Alodia desembrulhou-o, escondia uma adaga com uma bainha de cabedal escuro e uma pedra negra engastada no punho.

– Não é só para te defenderes – disse-lhe enquanto ela a desembainhava. – Proteger-te-á em todos os sentidos, mandei-a fabricar expressamente para ti.

Alodia tomou-a nas mãos, era leve e tinha a lâmina muito afiada, quase se cortou ao passar os dedos por ela. Embainhou-a novamente e ficou a contemplar a pedra negra.

– É um talismã, não é?

– Sim, é.

Capítulo Vinte e Seis

Em pouco mais de um ano, Alodia conseguiu controlar os meandros da cidade, ficando a saber tudo o que se passava e principalmente o que diziam que não se passava. A informação não era valiosa apenas para facilitar o comércio, sendo antes uma mercadoria em si mesma.

Esta última parte custou-lhe a compreender.

Ayub exigia-lhe informações sobre tudo; inicialmente, Alodia interrogava-se sobre a razão.

Para que queria ele saber o preço que os avaliadores iam fixar para o pão? Ou se a catedral ia precisar de um novo carregamento de cera? Ou que vinho usavam em cada taberna?

Fazia-o para comerciar com essa informação e obter outras que servissem para os seus negócios.

Por isso, Alodia tinha de visitar com frequência as igrejas de Santa Maria e de Santiago, e também a catedral. Era aí que mais se falava, e era fácil ouvir as conversas em locais sagrados. Assim, às vezes escondia-se no templo e esperava em silêncio, até só restarem os sacerdotes.

Outras vezes, vigiava as tabernas, controlava que estrangeiros entravam e saíam de Albarracín; era fácil, só havia três portas. Assim, subia às muralhas que seguiam em direção à torre do Andador e, a partir daí, via por que caminho se aproximavam novos visitantes. Descia à porta correspondente, ouvia as explicações que davam aos guardas e depois seguia-os. Se fossem para uma das tabernas, entrava atrás deles e ouvia as suas conversas.

Era fácil, tal como lhe tinha dito Ayub; ninguém reparava nela. Conseguia sempre passar despercebida. Às vezes, demorava muito tempo a conseguir informações, mas os homens são ainda mais estúpidos depois de terem bebido

um jarro inteiro de vinho. Assim, era tudo uma questão de tempo.

As tabernas eram perigosas, as rixas eram frequentes e, uma vez iniciadas, ninguém lhes escapava. Além disso, abundavam os ladrões e os criminosos, pelo que era preciso ter muito cuidado.

Certa noite, Alodia andava atrás de um comerciante de cera vindo de Ricla, uma aldeia de Saragoça, com intenções de abastecer a catedral. Passou a noite inteira a seguir-lhe os passos. Tinha bom beber, aguentou jarra após jarra até às horas mais negras. Arrancou-lhe o que queria, o preço a que vendia a cera e os prazos que ia combinar com os padres.

Partiu bêbedo como um cacho quando não restava quase ninguém na taberna, só um par de estrangeiros. Fixou o olhar num deles e o seu coração sofreu um tremendo abalo. Reconheceu-o imediatamente. Como poderia esquecê-lo?

Um turbilhão de memórias fustigou-lhe a mente, recordou Valência, a sua irmãzinha, os seus pais, ela própria a montar as éguas das suas terras. O mar, como sentia a falta do seu cheiro, o som das gaivotas, as saudades que tinha da sua casa, da sua infância.

A tempestade na sua cabeça eclodira com todas as suas consequências; também o senhor de Rada regressou à sua memória, e a carroça com aquelas duas desgraçadas meninas, e o homem que agora estava naquela taberna.

O seu cheiro. O seu fedor. Há coisas que podem ser esquecidas ao longo de toda uma vida, mas aquele cheiro não era uma delas.

Olhou para um lado e para o outro, era hora de ajustar contas. Tinha de pensar rápido, eram dois homens e corpulentos. Ainda que, àquela hora, o álcool já devesse fluir em abundância pelas suas veias.

Não faziam a mínima ideia do que lhes ia cair em cima.

Aproximou-se disfarçadamente, postando-se perto deles. Pareceu-lhe

averiguar que vinham de Tierra de Campos, entre os reinos de Leão e de Castela. Estavam de passagem com algum negócio em mãos, embora lhe tenha dado a impressão de não ter grande importância.

O comerciante de cera tinha-lhe escapado, mas não importava, logo o encontraria mais tarde. Tinha de pensar com rapidez, e foi realmente o que fez, pois não teve outro remédio uma vez que a dupla se levantou da mesa e se dirigiu à porta.

Abandonaram a taberna e ela foi atrás; esperou que chegassem a uma rua com pouca luz e acelerou o passo para lhes dar caça.

– Vós aí – disse, chamando-lhes a atenção.

Viraram-se os dois, levando as mãos ao cinto.

– O que queres? – perguntou o que ela conhecia.

– Só procurava companhia. – E tirou o capuz da túnica, deixando ver os longos cabelos soltos que lhe caíam sobre os ombros.

Aquele simples gesto era um convite que nenhum homem sozinho e embriagado iria desperdiçar.

– Bem, que surpresa – disse ele, sorrindo e descontraindo o corpo. – És muito nova, não sabia que nesta cidade as mulheres procuravam homens na rua.

– Não procuram todos, tiveste sorte.

– Tivemos – corrigiu o seu companheiro –, porque eu também quero.

– Claro, há para os dois.

Os olhos de ambos os homens brilharam como se tivessem encontrado um tesouro de pedras preciosas e moedas.

– Vem cá – disse o primeiro, avançando de forma brusca e desajeitada.

– Não me faças mal, não vou resistir.

– Muito melhor – respondeu ele, começando a beijá-la.

– Se me deres uma moeda, faço o que me pedires, tudo o que te dê prazer.

– Tudo?

– Sim, até posso sugerir-te algumas coisas, se não tiveres muita imaginação...

– disse Alodia, tentando simular uma voz sedutora. – Mas esse aí tem de nos deixar sozinhos, não quero que veja.

– Por Deus! Hoje é o meu dia de sorte, toma. – E remexeu no interior das suas roupas; Alodia viu onde guardava as armas e o que escondia debaixo da capa enquanto ele lhe dava a moeda. – Ouviste o que ela disse, deixa-nos a sós. Logo te calhará a ti.

O outro homem resmungou, aceitou a contragosto e afastou-se até virar a primeira esquina.

– Vem cá, pequena.

Agarrou-a pelos braços e passou a língua ao longo do seu pescoço, apalpando-a toda, enfiando-lhe os dedos debaixo da pele.

Alodia não hesitou.

Puxou lentamente da sua adaga, enquanto o tipo gemia e proferia obscenidades ao seu ouvido; teve o cuidado de o fazer bem, apalpando-lhe a púbis, o que o deixou ainda mais nervoso.

Apertou com força o punho da adaga e cravou-lhe a lâmina entre as pernas, num só gesto. Subitamente, afastou-se dele.

– O que fizeste, maldita? O que fizeste?

Começou a gritar e a chorar como uma criança.

– Cala-te – ordenou Alodia. E deu-lhe uma bofetada.

– Cortaste-ma! Estás louca? – Chorava sem parar.

– Lembras-te de mim?

Ele só gemia e tentava tapar a ferida com as duas mãos.

– Não, pois não? Pois dir-te-ei o meu nome para que o recordes na outra vida, Alodia, chamo-me Alodia. Tu violaste-me e esta é a minha vingança.

Agarrou-o pelo pescoço e cortou-lhe a garganta como a um porco.

O seu companheiro devia estar por perto, tinha de o procurar o quanto antes.

Não foi preciso; nesse exato momento, ele apareceu, alarmado pelos gritos. Viu o morto no chão e avançou para Alodia, enfurecido, tirando a adaga do cinto. Era forte e alto, mas, àquela hora da noite, todos os homens andavam torpes devido ao vinho. Alodia estava preparada, esquivou-se ao primeiro ataque. No segundo, o fio da lâmina quase lhe rasgava o braço, mas antes que ele tivesse tempo de realizar um terceiro, Alodia rodou para a esquerda e deu um salto, enfiando-lhe quatro dedos de aço no pescoço.

Levou as duas mãos à ferida, mas o sangue brotava como uma fonte e o homem acabou por colapsar junto ao seu companheiro, balbuciando e a esvair-se em sangue. Alodia não quis correr riscos. Agarrou-o pelos cabelos e fê-lo levantar a cabeça para que visse bem os seus olhos, os olhos que lhe iam tirar a vida.

Capítulo Vinte e Sete

Aquelas mortes e outras alterações faziam com que as tabernas fossem cada vez mais perigosas; era preciso ter muito cuidado. Além disso, só eram movimentadas durante a noite; de dia, o mercado semanal era praticamente o único lugar onde se podia recolher alguma informação, mas o facto de ser precisamente uma só vez por semana diminuía muito a sua utilidade.

Ainda assim, havia um sítio aberto todos os dias e que Alodia já conhecia bem, as igrejas da cidade.

Assim, tornou-se um hábito assistir a todas as missas celebradas, que eram muitas. Nem sempre obtinha algo, mas servia para conhecer as pessoas, os seus hábitos, os nascimentos, as mortes, os casamentos; todos os eventos importantes passavam pela igreja, mediante prévio pagamento, evidentemente.

Foi assim que Alodia se apercebeu da importância dos templos na vida da cidade, e de que a diocese, com a catedral à cabeça, era uma complexa e extensa cadeia de obter riqueza.

Num desses dias em que vigiava um dos templos, a igreja de Santiago, quando Alodia estava já para ir embora, entrou uma senhora, presença habitual nas missas. Estava sozinha, o que pareceu estranho à rapariga, pois sempre a tinha visto acompanhada por criadas. Na verdade, Alodia tinha notado que a senhora tinha recentemente contratado uma criada nova, uma camponesa que parecia muito prestável. Por isso foi tão estranho vê-la sem companhia.

Logo depois de entrar, a senhora ficou parada numa das laterais, parecia procurar alguém. Passado pouco tempo, um dos padres da igreja, um dos mais velhos, saiu da sacristia e dirigiu-se a ela.

Alodia reagiu prontamente, movendo-se de forma discreta até chegar suficientemente perto deles para os escutar sem ser vista.

– Trouxestes o pagamento?

– Sim, padre Melendo – respondeu ela, e pegou numa bolsinha que entregou ao religioso.

– Onde o tendes?

– Lá fora.

– Trazei-o para dentro, depressa.

A senhora dirigiu-se à porta de acesso e regressou acompanhada por uma das suas jovens criadas, que tinha algo nos braços. Alodia não conseguia ver o que era, parecia um embrulho, como se fosse roupa ou comida embrulhada.

O sacerdote avançou pelo templo até um lugar que não tinha nada de particular, não havia figuras nem quadros pendurados nas paredes vizinhas. Apontou para o chão e a mulher assentiu. Em seguida, dirigiu-se a uma das paredes e tirou algo que estava escondido atrás de umas cadeiras, uma pá. Com muito cuidado, a criada entregou o embrulho à senhora e pegou na ferramenta.

Em seguida, e seguindo as ordens do padre, começou a escavar o solo da igreja.

Alodia assistiu atónita aos acontecimentos, sem compreender o que se passava.

A criada terminou o seu trabalho e chegou-se para o lado. A mulher pôs-se diante do pequeno buraco que ela tinha escavado e o pároco pegou numa pequena Bíblia, abriu-a e começou a ler em voz baixa. As duas mulheres curvaram a cabeça até o padre parecer ter terminado a oração. Em seguida, a senhora depositou o embrulho na cavidade e a criada voltou a pegar na pá para o tapar.

Depois, abandonaram a igreja.

Nessa noite, Alodia regressou a casa de Ayub bastante confusa e, assim que

entrou, foi procurá-lo para lhe relatar o sucedido. Ele estava sentado diante da sua mesa de madeira, a ler um pergaminho que tinha estendido. Ouviu pacientemente as palavras apressadas da jovem.

– Não sabes mesmo o que acabas de ver?

– Não tenho a certeza.

– Enterrar os mortos é um ato material que possui uma forte dimensão espiritual – disse ele no seu agradável tom de voz. – As pessoas precisam de enterrar os restos mortais, faz parte do processo.

– Processo?

– Sim, ou ciclo, chama-lhe o que quiseres. Precisamos de encerrar o ciclo da vida, nascemos, crescemos e tudo o resto, e finalmente morremos e somos enterrados. Pó és e em pó te tornarás.

– Sim, mas...

– Todos os familiares e amigos precisam de um lugar onde ir para rezar pelos seus defuntos que já não estão presentes. É bom para todos, principalmente para os vivos. Os vivos visitam os que já não estão para refletir sobre a morte e sobre o sentido da vida.

– E porque enterraram uma criança às escondidas dentro de uma igreja? – perguntou Alodia, ainda confusa.

– É que enterrar dentro das igrejas é um costume muito nefasto. Tentaram proibi-lo, por ser prejudicial à saúde, por ir contra as disposições de concílios, cânones e soberanos – explicou ele –, e porque é indecoroso e profana o templo de Deus.

– Mas continua a ser feito.

– Como tantas outras coisas proibidas, parece mentira que fiques tão admirada

com isto.

– É só que não estava à espera – tentou Alodia desculpar-se. – Nunca foi permitido?

– Sim, é claro que sim. – O seu mestre levantou-se da cadeira e guardou o pergaminho que estava a consultar. – Embora seja verdade que, até ao tempo do imperador Constantino, só os mártires eram enterrados nos templos – salientou. – Depois, o costume expandiu-se e agora é difícil eliminá-lo. Tenta perceber como é prejudicial respirar um ar contaminado pela acumulação de cadáveres num lugar húmido, fechado e pouco ventilado como é o subsolo de uma igreja. Se as águas estagnadas corrompem o ar, o que não poderá fazer a decomposição de um corpo?

– Então, quando estamos nos templos... Respiramos...

– Sim, um ar nocivo, poder-se-ia dizer que venenoso até.

– Isso é terrível, as pessoas deviam saber.

– Enganas-te, as pessoas não querem saber disso, o que querem é enterrar os seus mortos lá dentro, debaixo dos seus pés.

– Se soubessem como é perigoso para elas...

– Fariam o mesmo, estás a entrar em territórios muito lamacentos, o mais importante para a gente inculta são as suas crenças, não podes ir contra elas assim, sem mais nem menos – repreendeu-a Ayub, algo impaciente. – Tem sempre isso em conta.

– Percebo.

– Não, não percebes nada, onde queres que enterrem os seus entes queridos? Os cemitérios que ficam nos arredores da cidade são vistos como um desterro para os seus mortos. Assim, o povo só quer ser enterrado nas igrejas. – E fez

uma pausa para se acalmar. – Eu vi de tudo, há quem tenha chegado a falsificar os enterros enfiando pedras e troncos de madeira dentro do caixão, ou trocando o corpo do seu ente querido pelo de outro morto que tinham roubado. Sim, Alodia, não olhes assim para mim!

– E os padres permitem isso?

– Acorda, Alodia. Tens noção das receitas que os enterros representam para muitas paróquias?

– Se morrermos, que diferença faz onde nos enterram? – murmurou ela. – O corpo vai apodrecer na mesma.

– Ainda que pareça estranho, uma das coisas mais importantes da vida é a morte. Nunca te interrogaste sobre porque são os corpos sepultados debaixo da terra? – perguntou o mestre. – O enterro dos cadáveres remonta à mais longínqua era da nossa história. Na Antiguidade, as necrópoles situavam-se fora das cidades e das povoações. Não muito longe, em lugares de passagem, evitando o esquecimento dos antepassados e propiciando ao mesmo tempo a segurança desses lugares.

– Isso tem muito mais lógica do que fazê-lo debaixo de uma igreja, foram os cristãos que alteraram o costume?

– Nas suas origens, o cristianismo foi perseguido de forma brutal e sanguinária, representava uma oposição à ordem estabelecida, uma autêntica revolução. Isso obrigou os primeiros cristãos a enterrarem os cadáveres dos seus familiares e amigos nas catacumbas, em galerias escavadas no subsolo das cidades – explicou o mestre, com aquela sua voz peculiar que sussurrava cada palavra. – Com o tempo, essas galerias deixaram de ser capazes de albergar tantos corpos e alguns cidadãos romanos ricos, convertidos ao cristianismo, ofereceram as suas terras para sepultar os seus irmãos de religião. É essa a

origem dos cemitérios cristãos.

– Também me parece racional.

– É que a razão e a fé não se dão bem uma com a outra, Alodia.

– Sim, isso eu sei, não é preciso que mo digais.

– Pois às vezes parece que o esqueces com demasiada facilidade.

– Não é verdade.

– Se tu o dizes – suspirou Ayub. – Chegou-se a um momento em que as igrejas deixaram de ser um simples ponto de encontro para a liturgia, a missa e o culto aos santos para se converterem em ponto de referência e encontro com a vida e a morte. Assim, o costume de enterrar os mortos no interior dos templos estendeu-se desmesuradamente.

– É só uma superstição, supostamente a Igreja é contra essas coisas.

– Como és ingénua às vezes, Alodia. A Igreja não é contra as superstições, mas sim contra as superstições que não pode controlar – corrigiu-a. – As pessoas acreditam que os enterros no interior do templo facilitam a memória dos mortos e favorecem a intercessão dos santos. E a Igreja não o desmentia, pois, ao mesmo tempo que conformava os crentes, constituía uma muito boa entrada de dinheiro nos cofres eclesiásticos.

– Acaba por ser uma questão de moedas, então.

– Sempre o foi, é e será, isso não vai mudar nos homens, por mais séculos que passem. O ouro cegar-nos-á tanto daqui a oitocentos anos como o faz agora.

– Quando eu morrer, quero que queimem o meu corpo, não preciso que ninguém me recorde.

– Pena que quando morreres não poderás dizer isso, serão outros a enterrar-te.

– Isso veremos.

– Bem, a tua informação é interessante, é difícil tirar partido dela, mas nunca se sabe – refletiu Ayub em voz alta. – Antes da chegada dos invasores do Islão, já os visigodos tinham impedido o enterro de cadáveres nas igrejas, e em Castela, o próprio Afonso X tentou proibir que se enterrassem os mortos dentro das igrejas, ainda que existam sempre justificações e pessoas que, devido à sua posição ou por poderem pagar, são enterradas nelas.

– No fundo, parece que uns o permitem por dinheiro e os outros o fazem por superstição.

– E não duvides disso, Alodia. Atualmente, o solo das igrejas é mais cobiçado do que os seus tesouros, um palmo de terra santa vale muito.

– Enterram corpos uns em cima dos outros, escavam sem querer saber onde, basta-lhes fazer um buraco onde caiba um novo morto, e esperam obter com isso uma garantia de salvação – suspirou ela. – É patético. Em pequena, vi como enterraram a minha avó, foi ao lado da igreja. Estava envolta num simples sudário, sem caixão; puseram-na de barriga para cima, com o corpo esticado.

– A morte recua ante Aquele que é a ressurreição e a vida. A partir do grande acontecimento da Ressurreição, a relação entre os homens e a morte mudou. Quem crê em Cristo não tem de temer a morte, pois, ainda que morra, viverá. É esse o benefício que a fé cristã oferece.

– Acreditais realmente que um dia todos ressuscitaremos?

– Sim, mas nem todos iremos para o Paraíso. Os descrentes e os que não permanecerem fiéis ao Islão serão castigados no Jahannam, um lago de fogo sobre o qual passa a ponte que todas as almas têm de atravessar.

Capítulo Vinte e Oito

A partir do momento em que Alodia descobriu a venda de solo nas igrejas para enterros ilegais, uma ideia começou a rondar-lhe a cabeça. Continuava com as suas tarefas, controlando a informação da cidade, trabalhando em tudo o que lhe ordenavam, mas planeava também o seu projeto secreto.

Um dia, no final do inverno, Alodia chegou tarde a casa de Ayub; tinha-se distraído com uns viajantes francos. Bateu à porta, como de costume, mas não obteve resposta. Não era habitual que Ayub se ausentasse. Insistiu e, ante o nulo êxito, teve a sensação de que algo de mau acontecera. A casa era como um torreão, sem vãos por onde lhe aceder, só aquela grossa porta de madeira. Todas as janelas davam para o pátio interior, pelo que escalou a fachada com dificuldade, subindo até ao telhado. Caminhou por ele até se pendurar da fachada traseira e entrar pela primeira janela que encontrou.

Nunca tinha estado naquela parte da casa, era uma espécie de sala de oração, com tapetes e almofadas. Avançou com precaução, atravessou a soleira de uma porta e ouviu umas vozes ao fundo.

Espreitou com a cabeça, era uma sala que sempre tinha visto fechada. Dela, saiu um homem encapuzado. Levou a mão à sua adaga, sabia que algo estava mal, tivera esse pressentimento.

Esperou que o intruso lhe virasse costas e foi direita a ele, erguendo o braço, mas aquela sombra virou-se e agarrou-a pelo pulso, dando-lhe em seguida uma volta completa que a obrigou a largar a arma e a esmagou contra a parede, batendo de forma brusca.

– O que fazes, Alodia?

– Ayub. – Ficou surpreendida ao vê-lo aparecer.

– Por onde entraste?

– Pela janela, julgava que estáveis em perigo. – E olhou para o intruso enquanto este continuava a torcer-lhe o pulso.

– Deixa-a, é só uma idiota. – O desconhecido soltou-a.

– Quem é ele? – perguntou Alodia, enquanto tentava aliviar a dor que ele lhe causara.

– Isso não te diz respeito.

O encapuzado não deixou ver o seu rosto, fez uma vénia a Ayub e desapareceu pelos degraus que desciam até à entrada da casa. Alodia notou nele algo de familiar, como se já o tivesse visto antes.

– Podia ter-te matado. Em que estavas a pensar?

– Lamento, pensei que...

– Não voltes a entrar sem o meu consentimento, entendido?

– Foi ele quem me ajudou no mercado, não é verdade?

– Sim, é o meu aprendiz – respondeu Ayub com naturalidade. – Talvez um dia também o sejas, embora ainda te falte um longo caminho para percorrer até lá.

Na primeira noite de primavera, a Lua estava cheia, e esse era um acontecimento temido na cidade. Costumava ser uma noite de acontecimentos estranhos, e muitos preferiam fechar bem a casa e permanecer no interior. Outros esqueciam as superstições e reuniam-se para contar as lendas que brotavam daquelas montanhas.

Em torno de uma fogueira junto à fonte, um velho bebia vinho; à sua volta, os homens imitavam-no e pediam-lhe que contasse uma daquelas histórias que tanto temiam e, ao mesmo tempo, desejavam ouvir.

O velho fez-se de rogado, mas acabou por lhes fazer a vontade.

Começou a contar uma história sobre uma rapariga que vivia perto dali, na aldeia de Ródenas, no tempo dos mouros. Aparentemente, era filha de um cristão velho com abundantes terras e bens, mas apaixonou-se pelo filho do poderoso Senhor de Albarracín.

Sendo um infiel, o pai da jovem proibiu que alguma vez se encontrassem, mesmo quando ele faltasse, e, para se certificar disso, vendeu todo o seu património e escondeu a sua fortuna para que ninguém soubesse onde a guardava. Assim, seria ele a decidir com quem casava a sua filha, uma vez que ninguém queria tomar como esposa uma mulher sem dote.

Ela continuava profundamente apaixonada pelo muçulmano e chorava desmedidamente a ausência do seu amado. Também a sua mãe sofria, pois via todos os dias a tristeza da filha.

Um dia, o pai da jovem adoeceu e morreu. Apesar de ter escondido o dinheiro, a sua mulher encontrou-o e deu-o à filha como dote para que se pudesse casar.

Os apaixonados apresentaram-se diante do Senhor de Albarracín e este aceitou o dote, mas pensou depois que aquilo podia ser-lhe muito rentável. Assim, enclausurou a jovem no seu castelo da Atalaia e pediu mais dote à mãe em troca de libertar a sua pobre filha.

A mãe amaldiçoou a hora em que a sua filha se apaixonara e decidiu não pagar o resgate. Se o filho do Senhor de Albarracín a amasse, encontraria maneira de fazer com que o seu pai mudasse de opinião e a libertasse.

Mas não foi assim, e o amado da sua filha deixou-a morrer na torre do castelo.

Tal ato provocou a loucura da mãe, que escondeu as suas riquezas, ninguém sabe onde, e amaldiçoou o responsável pela sua tragédia. O Senhor de Albarracín morreu e o seu filho chegou ao poder. Mas foi destronado ao fim de

pouco tempo, abandonando a terra na maior das misérias. Assim se materializou a maldição...

Dizem que o tesouro continua escondido, num lugar que hoje se chama Moricantada, local da Atalaia onde morreu a jovem apaixonada.

Alodia não esperava dotes nem tesouros, sabia bem como ganhar a vida sozinha. Mas gostava de ouvir aquelas histórias cheias de lendas e superstições, que diziam muito sobre a gente daquela cidade.

Esperou que caísse a noite e que Melendo, o padre da igreja de Santiago, saísse do templo. Há várias semanas que o seguia, sabia que saía sempre sozinho do edifício e que não era tão bom cristão como muitos julgavam, pois às vezes seguia até ao arrabalde e batia à porta de uma das casas mais humildes. Nela, vivia uma mulher, Tolda, com os seus quatro filhos. Enviudara um par de anos antes e, com tantas bocas para alimentar, tivera de procurar uma forma de ganhar dinheiro; as opções não eram muitas e acabou como curandeira.

Diziam que era boa; uma vez, Alodia tinha-lhe conseguido umas ervas de que precisava e Tolda fora generosa no pagamento e, sobretudo, uma boa fonte de informação; ainda se lembrava daquele encontro.

– Rapariga, deixa-me ver a tua mão – pediu a curandeira dessa vez, e Alodia obedeceu. – Tu não tens linhas de mulher, tens linhas de homem.

– E o que significa isso?

– Não tenho a certeza, as linhas das mãos anunciam o nosso destino, mas depois depende de nós cumpri-lo.

– Isso é o mesmo que não dizer nada: pode acontecer-te isto, mas depende de ti.

– É que o destino não é a mesma coisa que o futuro.

– Como? – Aquelas palavras confundiram Alodia.

– É o que te digo, uma coisa é o futuro, isso ninguém pode saber. Não podemos adivinhar o que farás dentro de dez anos, ou mesmo amanhã. Mas podemos saber qual é o teu destino, o que está escrito que serás dentro desses dez anos. – Fitou-a com tristeza. – Sei que é complicado, mas logo compreenderás.

– A verdade é que não quero saber.

– Como queiras, tenho de ir para o bosque, que esta noite é boa para apanhar heléboro.

– Porquê hoje?

– Porque cada planta tem o seu signo no céu – respondeu-lhe ela, como se aquilo fosse o mais vulgar do mundo e ela devesse sabê-lo. – A beladona, o cânhamo, a datura e a mandrágora devem ser colhidas durante os signos de Escorpião, Sagitário e Capricórnio, ou seja, depois da frutificação e quando a seiva não é muita.

– Não fazia ideia...

– O meimendro, pelo contrário, deve ser colhido sob o signo de Carneiro, quando a seiva sobe e a planta fica carregada de alcaloides – explicou Tolda, como se aqueles conhecimentos fossem o mais natural do mundo.

– Ouvei dizer a um camponês no mercado que a alface alivia as insónias, mas prejudica a vitalidade e a vista, é verdade?

– Assim é, mas esse efeito pode ser moderado se lhe juntarmos aipo.

– Tudo isso parecem ser superstições... Não é?

– Não; os camponeses ainda recitam antigas canções e usam palavras mágicas para fazer com que os seus campos sejam férteis. Também consultam magos e

feiticeiras se tiverem algum problema.

– Magos?

– Assim é, a magia é muito poderosa nestas montanhas. A Igreja obrigou os camponeses a juntar aos seus cânticos pagãos orações de origem cristã. Quando o filho de um camponês adoecia, era comum dizerem isto – explicou, começando a cantar – «...sai, verme, com nove vermezinhas, passa da medula ao osso, do osso à carne, da carne para a pele e da pele para esta flecha». – Tolda sorriu. – E depois, obedecendo à Igreja e procurando também evitar problemas com o seu senhor, diziam: «Assim seja, Senhor.»

«Para que iria o sacerdote a casa de uma curandeira?», perguntou-se Alodia.

Deu-se conta de que a mesma pergunta que nesse exato momento fazia a si mesma seria também feita por muito mais gente se soubessem daquela visita. Seria um escândalo.

Assim, esperou que o religioso saísse da casa de Tolda e seguiu-o novamente até à sua. Diante da porta, cumprimentou-o.

– Boas noites, padre Melendo.

– Quem és tu? – perguntou o padre, semicerrando os olhos para tentar ver melhor na escuridão. – Eu conheço-te, és aquela jovem que anda a deambular pelas ruas, sem se casar, que vergonha!

– Sou eu mesma.

O rosto picado do sacerdote contraiu-se de raiva.

– Deus castigar-te-á por desobedeceres à tua natureza, vá-se lá saber com quem te deitas todas as noites. – E cuspiu para o chão. – O próprio Satanás visitará a tua cama, maldita sejas, pecadora!

– Sim, de certeza. E o que diríeis aos vossos devotos paroquianos se soubessem

que estáveis em casa da curandeira Tolda, e a estas horas tão escuras?

O velho sacerdote empalideceu de susto, entrou-lhe um tremor no maxilar que não parava de crescer, e as palpitações ameaçavam fazê-lo colapsar ali mesmo.

– Nem te passe pela cabeça...

– Calma, sou uma mulher de negócios.

– Uma rameira é o que tu és!

– Não, isso não. – E Alodia deu dois passos na direção dele. – Sou uma mulher de negócios e quero propor-vos um muito vantajoso para ambos.

– O que dizes? Como vamos fazer acordos, tu e eu? – disse o velho, tentando empurrá-la para o lado e afastar-se.

– Sei dos enterros no interior da igreja.

O padre Melendo parou e virou-se muito lentamente.

– Estás a falar de quê?

– Sabeis muito bem. – E Alodia deu um passo em frente. – O que acham disso no bispado? Ah, claro, não sabem.

– Maldita!

– Cuidado com essas palavras, sois um homem de fé. – E sorriu. – Quer dizer então que o senhor bispo não está a par dessa prática, estou a ver...

– Eu sabia, é o Maligno que te envia... Não! É pior ainda, tu, tu és o diabo convertido em mulher, afasta-te de mim!

– Calai-vos! – E Alodia desferiu-lhe uma bofetada que ecoou na noite. – E escutai-me. Sei que visitais a curandeira para que as suas beberagens, proibidas pela Cristandade, vos curem os achaques de velho. Sei dos mortos que enterrais na igreja e quero propor-vos um negócio.

– Jamais acreditarão em ti.

– Ai é? Em mim, é possível que não acreditem, mas é muito fácil fazer circular um rumor por estas ruas, sobretudo se for verdadeiro – observou ela, impassível. – Imaginais se todos soubessem que se realizam enterros dentro da igreja de Santiago, e em troca de algumas moedas...? Achais que isso não chegaria aos ouvidos do bispo?

– Maldita sejas, quem és tu?

– A partir de agora, sou vossa colaboradora.

– O que queres dizer? – O velho sacerdote estava confuso e olhava para Alodia, assustado.

– Quanto cobrais a esses pobres desgraçados por cada enterro? – perguntou ela, desafiadora.

– Isso não te interessa.

– Vejo que não compreendeis a situação – afirmou Alodia, ante a cara de estupefação do sacerdote. – Tendes duas opções: a primeira, retirais-vos e eu faço com que toda a diocese fique a saber das vossas práticas; a segunda, passamos a colaborar e não só ninguém fica a saber como, além disso, consigo trazer-vos mais gente para enterrar.

– E o que queres tu em troca?

– Quero metade dos lucros.

– Como? Maldita mulher! – exclamou Melendo, encolerizando-se de novo. – Estás louca se achas que vou dividir contigo metade do que ganho. Mas quem pensas tu que eu sou?

– Vejo que continuais a não compreender. – Suspirou e encolheu os ombros. – Repito, tendes duas opções, a decisão é vossa.

- És uma bruxa!
- Oxalá o fosse, assim podia transformar-vos num porco.
- Como te atreves...?
- O meu tempo está a esgotar-se – disse Alodia, aproximando-se até poder sentir o cheiro pestilento a morte do padre. – Escolhei.
- Como vais conseguir mais gente? – perguntou Melendo, num tom mais submisso e dialogante.
- Isso é comigo. Quanto lhes cobrais?
- Depende.
- Depende de quê? Não tenho tempo para disparates, do tamanho do morto ou quê?
- Não, idiota. – E olhou para um lado e para o outro. – Do lugar onde o querem deixar dentro da igreja.
- Do lugar?
- Sim, quanto mais perto do altar, mais caro é.
- Isso é verdade?
- Serás estúpida? Estou a dizer-te, quanto mais perto do altar, mais perto de Cristo. Além disso, é nessa zona que há mais religiosos enterrados, quase não há espaço.
- Mas então, quando abris um novo buraco... Já lá está um morto enterrado ou...
- Pois claro, está tudo cheio, é preciso abrir espaço – murmurou ele. – Mas há zonas onde é mais fácil, como nas laterais; daí o preço diferente. – O sacerdote fitou-a com desagrado e cedeu. – Dar-te-ei um quarto, não mais.

– Nada disso, metade.

– Maldita filha do demónio! – Melendo parecia prestes a explodir. – Com quem julgas que estás a falar?

– Com um velho padre que permite às pessoas enterrarem os seus mortos no solo da sua igreja, às custas de remexer noutros mortos e apesar de isso ter sido proibido pelo bispado e pelo conselho da cidade – respondeu Alodia, muito séria. – Tenho razão ou esqueci-me de algo mais?

O padre Melendo rosnou, mordeu o lábio e cerrou os dentes.

– Dar-te-ei metade, mas é bom que tragas muitos.

– Ide abrindo espaço no altar, porque serão dos caros – afirmou ela, sorridente, antes de virar costas e se afastar dali.

Melendo voltou a amaldiçoá-la em voz baixa.

Capítulo Vinte e Nove

Após o relato de Alodia, Martín e Frei Esteban ficaram a olhar com atenção para a hipnótica mulher. Depois da sua história, custou-lhes regressar à realidade daquela húmida e desagradável masmorra no palácio episcopal de Albarracín. O jovem sacerdote nunca tinha assistido a um interrogatório; apesar disso, estava convencido de que aquele não era propriamente um que pudesse considerar-se usual. Também aquela mulher não era uma acusada vulgar e até a presença do dominicano podia ser considerada como um acontecimento fora do comum.

– E era assim que ganhavas a vida? – perguntou o dominicano. – Ou com algo mais? É um negócio lucrativo, deves ter obtido bons lucros. E esse sacerdote...? – continuou Frei Esteban.

– Acho que morreu.

– De causas naturais, suponho?

– Isso não sei. – Alodia esperou alguns instantes para se explicar melhor. – Não posso assegurar a causa da morte de alguém, existem muitas formas de matar e de fazer com que pareça algo natural.

– Não está morto – interveio Martín.

– Como? – Pela primeira vez desde a sua chegada, Alodia pareceu surpreendida e incomodada.

– O padre Melendo é muito velho, é verdade, mas posso garantir-vos que continua vivo – continuou Martín, de surpresa. – Só pode ser ele, nada acontece na igreja de Santiago sem que Melendo o saiba.

– Alodia, tens algo para nos dizer acerca desse religioso? – insistiu Frei Esteban.

– Não, suponho que ouvi mal quando soube da notícia da sua morte – respondeu ela, mordendo a língua.

– De certeza?

– Absoluta.

– Compreendo agora o que leio aqui – disse Frei Esteban, pegando num documento. – Houve uns homens que te acusaram de desenterrar o cadáver de uma criança e de o transportares para a igreja para fazer práticas demoníacas com o seu corpo.

– A mãe não tinha coragem para o fazer e para o levar à igreja a fim de ser enterrado de novo; pagou-me para que o fizesse.

– É uma barbaridade aos olhos de Deus.

– Pois Deus devia abri-los mais, porque não imagina quantos túmulos vazios existem nesta cidade – afirmou Alodia com arrogância. – Mais de quarenta enterros facultei eu ao padre, quarenta! Por isso não sejas ignorante, quem vos diz que não está alguém agora mesmo a abrir um buraco na catedral para meter lá um ente querido? Ou será que só os religiosos e os nobres têm direito a ser sepultados em solo santo?

– Isso não te diz respeito.

– Mas é verdade.

– Não penso perder mais tempo, nada do que disseste te serve para saíres daqui – disse ele com seriedade. – Tens algo mais para me dizer sobre esse mago, Ayub?

– Não.

– Está bem, prendê-lo-emos imediatamente por práticas demoníacas.

– Ele nunca fez nada de demoníaco.

– Isso tu não sabes; é um mago, não sabemos tudo o que ele é capaz de fazer, pois não? – Não obtive qualquer resposta. – Temo que tenhamos terminado. Onde se esconde esse Ayub?

– Ele... Está morto.

– Pensas enganar-me outra vez com o mesmo... A sério? – Frei Esteban fitou-a, indignado. – Quando morreu?

– Há uns dias, houve um incêndio. Quando cheguei, o edifício já estava envolto em chamas, entrei para salvar o Ayub, mas... não consegui – disse Alodia com pesar. – Inalei demasiado fumo e desmaiei.

– E como é possível então que continues viva?

– Salvaram-me, um aguazil...

– Isso que me dizes não te vai servir de nada – advertiu o dominicano, inquieto, cansado de a escutar.

– Frei Esteban, é possível que desta vez esteja a dizer a verdade – interveio Martín. – Há alguns dias, foi pasto das chamas um casarão na mouraria. Julgo que não encontraram o proprietário com vida.

– Quer dizer então que o nosso mago morreu num incêndio... Agora que íamos apanhá-lo, que coincidência. – O dominicano entrelaçou os dedos das mãos. – Pelo que nos contaste, o Ayub parecia ter-te em alta estima; o que te disse ele quando soube do teu negócio com o padre?

– Não lhe agradou, não.

– Estou a ver. Expulsou-te de casa, não é verdade?

– Sim.

– Mas há algo mais, diz-nos. O que mais aconteceu entre vós?

– Há já algum tempo que eu lhe perguntava pela sua magia – respondeu

Alodia. – Queria aprender com ele.

– E? Ele não estava disposto a mostrar-te nada.

– Ainda não; segundo dizia, eu não estava preparada. Já tinha um discípulo, eu era apenas uma aprendiz. – Alodia parecia sincera na sua forma de responder, no tom de voz e até na postura do seu corpo.

– E não sabes quem era esse discípulo?

– Nunca o vi, era... Não saberia dizer-vos. Mas fazia certamente todos os possíveis para que ninguém soubesse quem era.

– Por que motivo?

– Suponho que não queria que ninguém soubesse que era seguidor do Ayub.

– É possível. – E os olhos de Frei Esteban brilharam. – Ou talvez seja mais complexo e o fizesse por ser alguém importante na cidade. Um cristão, talvez? Um sacerdote?

– Frei Esteban... Um sacerdote? – repetiu Martín, incapaz de controlar a língua.

– Sim, padre, julgo que não podemos descartar nenhuma opção neste momento. – O dominicano levantou-se de rompante e dirigiu-se a uma das paredes; parou e dirigiu-se a Alodia. – Foi por isso que te entregaste, não foi? Esse aprendiz persegue-te; morto Ayub, agora é ele o mago e tu... Tu só podes estorvá-lo. Finalmente começam a encaixar as peças desta história.

– Assim é. Perseguiu-me. Tentei fugir e cheguei ao telhado da catedral. Não tinha escapatória, ia matar-me. Tive de chamar a atenção e a única coisa que me ocorreu para que me prendessem antes que ele acabasse comigo foi acusar-me desses crimes de que todos falam na cidade.

– Podias ter-te lembrado de outra coisa, que barbaridade!

– Agora ajudai-me. – Era a primeira vez que Alodia se mostrava vulnerável. – Dei-vos muito – afirmou ela com força –, mais do que podíeis imaginar; agora, é justo que me ajudeis.

– Por que razão preferias falar com o aguazil sobre isto?

– Era-me indiferente.

– Não, insistias em que fosse ele a prender-te e a interrogar-te, não querias acabar nas mãos da Igreja – lembrou-lhe ele. – A razão? Pensavas que não seríamos tão indulgentes, não é verdade? Hmmm. – O dominicano pensou melhor nas suas palavras. – Não, não é isso. Há sempre algo mais contigo, algo que ocultas, tens uma capacidade inquestionável para nunca dizeres toda a verdade.

Alodia fitava-o em silêncio, mordendo a língua, tensa, como uma cascavel antes de se esticar para morder a sua presa.

– É por causa do mago, há algo mais que não nos contaste.

– Tendes de me ajudar, eu não matei aqueles homens.

– Não é a mim que deves pedir tal coisa. Deus é misericordioso, mas eu sou só um humilde servo – replicou ele. – Jamais me atreveria a outorgar o perdão a um cristão.

– O que estivemos a fazer durante todo este tempo, então?

– A decidir se deves ou não ser castigada.

– É a mesma coisa.

– Não, a tua alma pode ser perdoada, mas o teu corpo terá de sofrer a pena por tão atrozes crimes.

– Limitei-me a ajudar as pessoas, tanto humildes como nobres, para que pudessem dar descanso aos seus familiares.

– Disseste que sabias o que procurava o assassino dos grémios; pois bem, julgo que chegou a hora de nos contares, não te parece?

– Não tenho a certeza.

– Quer dizer então que estiveste a enganar-nos durante todo este tempo; não sabes nada de nada – acusou Frei Esteban, adotando um tom agressivo.

– É óbvio que o Ayub deve ter escondido alguma informação crucial e que, de algum modo, os grémios faziam parte da sua estratégia para a manter em segurança.

– E não sabes mais nada?

– Não.

– Muito bem, terminamos por aqui – concluiu Frei Esteban, virando-se para Martín. – Vamos.

O padre Martín assentiu em silêncio, atormentado pela tensão da conversa a que estava a assistir. Abriu a porta da masmorra e deixou passar o dominicano. Saindo atrás dele, fechou a porta atrás de si. Dirigiram-se à saída daquele desagradável lugar e, antes de partir, virou-se para trás e contemplou a sombra da mulher. O seu rosto voltava a estar envolto pela penumbra. Foi uma sensação estranha; não parou mais e abandonou a cela.

O carcereiro acompanhou-os à primeira porta. O enviado papal saiu do túnel em silêncio; com um gesto da mão, perguntou se seguia o caminho correto para sair das catacumbas do palácio episcopal, ao que Martín assentiu com a cabeça.

Acederam a uma divisão superior do palácio e depois ao pátio que precedia a saída do edifício. Aí se detiveram, com Frei Esteban a inspirar ar puro e a olhar para a praça; o cadafalso para o enforcamento estava diante deles.

– Vão enforcá-la? – perguntou Martín, quase como se fosse uma afirmação.

– Aquela mulher está condenada à morte, ter-nos-ia dito qualquer coisa para que a libertássemos – afirmou o dominicano, ante a expressão alterada do jovem sacerdote.

– Não acreditais nela.

– É claro que acredito, sim, mas não diz tudo o que sabe. Aos olhos de Deus, isso é o mesmo que mentir.

– Mas ela não matou aqueles homens.

– Martín, Nosso Senhor oferece-nos muitos caminhos para o servirmos. A oração, a penitência, o sacerdócio, e também outros mais sombrios – explicou Frei Esteban de forma amigável. – Ele sabe perdoar os nossos pecados se nos arrependermos deles. Que aquilo dos enterros é verdade? Já sei, acontece em todas as cidades, a Igreja tenta, mas mesmo assim não o consegue evitar.

– É uma prática abominável, a Igreja não pode permiti-lo.

– Às vezes, temos de fechar os olhos para seguir em frente.

– Não estou de acordo; somos cristãos, não podemos permitir essas práticas.

– Tudo a seu devido tempo, tens de ser mais paciente, Roma não foi construída num dia. Temos assuntos mais importantes para tratar; não confio naquela mulher, não confio em nenhuma.

– E se for verdade que não sabe nada? – insistiu Martín. – E se cometermos um erro com ela?

– Estou disposto a correr esse risco – afirmou o dominicano. – Se me dá pena essa pobre mulher? Não imaginas quanta; gostaria de a levar comigo e de a ajudar a encontrar a fé de Cristo. Mas acreditas que seria possível?

– Tudo é possível a Deus, mas nós somos apenas uns humildes pecadores.

– Assim é. E lembra-te, Martín, pelo bem da Igreja, podemos fazer tudo –

afirmou categoricamente Frei Esteban enquanto continuavam a caminhar.

O deão, acompanhado de outras autoridades religiosas, saiu-lhes imediatamente ao caminho.

– Dizei-nos, Frei Esteban, o que vos contou aquela alma perdida?

– Alodia é uma mulher perspicaz e perigosa, disso não há dúvida – respondeu o emissário papal, abanando a cabeça e erguendo o indicador em sinal de advertência.

– Julgo que isso é óbvio, matou cinco homens – afirmou um religioso que acompanhava o deão, velho, alto e seco. – Devemos enforcá-la o quanto antes! Que sirva de exemplo a todos, não devemos fraquejar!

– Estais assim tão certo disso?

– Vós mesmo dissestes que... – Aquele religioso não pôde concluir as suas palavras.

– Não ponhais na minha boca palavras que os meus lábios não proferiram – interrompeu-o Frei Esteban antes que ele pudesse continuar. – Quem sois vós?

– Perdoai-lhe, Frei Esteban, é o padre Melendo, faz parte da cúria da catedral. Nos últimos dias, os acontecimentos precipitaram-se e estamos todos nervosos.

– Padre Melendo, qual é a vossa função nesta diocese?

– Sou o titular da igreja de Santiago, porque perguntais? – replicou ele, coçando as marcas de uma das faces do seu rosto.

– Certamente que estais há muitos anos nesse templo.

– Há já trinta anos – respondeu ele, orgulhoso.

– Acusais aquela mulher do que aconteceu na catedral. Estais totalmente seguro da sua culpa?

– Assim é, Frei Esteban. Temos de tomar uma decisão sobre ela, o povo deve

ter claro que os pecados se pagam e depressa, é importante que não nos tremam a mão – insistiu o velho sacerdote.

– Sim, nisso tendes razão, sem dúvida. Mas porque estais tão certo de que matou? Com que provas contais? Ela contou-nos uma interessante história sobre a igreja ao vosso cuidado. Sabeis do que vos falo?

– Vá-se lá saber que histórias inventou essa serva do Maligno...

– Padre Melendo. – E, ante o assombro do religioso, agarrou-o pelo braço. – Há mais alguma coisa que eu deva saber?

Nesse instante, apareceu um jovem noviço e disse algo ao ouvido do deão, algo que lhe alterou a expressão do rosto. Todos os presentes se deram conta da gravidade do assunto.

– Devemos agir com prontidão, há notícias preocupantes da fronteira – respondeu o deão.

– Fronteira?

– Aragão... Um enviado da diocese de Teruel informou-nos de que o rei da Coroa de Aragão, Pedro III, está a reunir tropas em todas as praças-fortes, castelos e cidades; e falam em atacar Albarracín.

– Guerra entre cristãos. – O rosto de Frei Esteban alterou-se. – Com Granada a precisar de ser reconquistada e libertada dos infieis; espero que seja tudo um erro.

– O rei aragonês foi excomungado pelo Santo Padre, não vos esqueçais – salientou o deão –, mas atacar uma praça-forte cristã como esta...

– Esta cidade já foi atacada por cristãos noutras ocasiões não muito longínquas – recordou Melendo, esticando-se bem para trás, com orgulho. – Não podemos deixar que o pânico alastre-se se avizinha uma guerra, compreendeis? Devemos

enforçar essa serva do Maligno.

– Compreendo perfeitamente que desejeis que essa mulher seja a assassina da catedral e que, portanto, seja justamente condenada – afirmou Frei Esteban, que tinha um tom de voz muito mais humilde do que o do velho sacerdote.

– Não esqueçais que os homens são pecadores e que devemos antecipar-nos às suas ações – insistiu Melendo, que parecia querer fazer frente à autoridade do enviado papal.

– E vós, lembrai-vos de que servis Deus.

– Frei Esteban, esta cidade mantém o equilíbrio de todos os reinos que nos rodeiam. Esta terra da Hispânia é um jogo complexo; se cair uma peça, as consequências são impossíveis de saber – murmurou o deão de forma conciliadora, fazendo a paz entre ambos os religiosos. – Precisamos de saber se aquela mulher é uma assassina e, caso assim seja, de a enforçar imediatamente na praça para que sirva de exemplo. O povo desfruta sempre das execuções, e mais ainda se for de uma mulher.

– E se for além disso uma arma do Maligno? – interrompeu Melendo. – Se tiver sido enviada por ele?

– O demónio põe-nos constantemente à prova, disso não há dúvida. E sabe Deus que essa mulher, essa Alodia, tem o pecado como estigma, mas, se fosse uma enviada do nosso inimigo, eu tê-lo-ia sabido – respondeu Frei Esteban com segurança. – Por isso... – Olhou de soslaio para Martín antes de proferir a sua última frase. – Preciso de mais tempo, ainda não podeis executá-la.

Martín não pôde expressar a sua aprovação às palavras do dominicano, pois apareceram uns guardas ante o grupo de religiosos. Não ouviu claramente o que diziam ao deão. Mas instaram Frei Esteban a acompanhá-los de imediato.

Aparentemente, tinha havido outra morte e o aguazil-geral exigia a sua

presença.

TERCEIRA PARTE

A PARTIDA

Capítulo Trinta

Quando Martín se apercebeu do que se passava, iam já a passo rápido atrás daqueles homens, rumo ao outro lado da cidade. Ao emissário papal, custava-lhe seguir o ritmo dos guardas pelas íngremes ruas de Albarracín. Passaram por baixo da poderosa alcáçova que dominava a cidade; no seu topo, pendiam as insígnias da cidade e da Casa de Lara, agitadas pelo vento. Embrenharam-se na mouraria e avançaram pelas suas ruelas até chegarem a um dos extremos da cidade. Passando ao lado da igreja de Santa Maria, a seus pés, a rodear a falésia em que assentava, via-se a muralha que havia sido construída desafiando a lógica, suspensa sobre o rio e revestindo a escarpa natural. Alguns passos à frente, chegaram a uma torre livre que defendia um dos flancos débeis de Albarracín, no ponto por onde o rio saía da cidade.

– Porque está o templo de Santa Maria no bairro muçulmano? – inquiriu Frei Esteban.

– É o mais antigo da cidade – explicou Martín, erguendo o olhar para ver melhor a fachada do templo. – É a igreja dos moçárabes que viveram aqui subjugados aos Banu Razin durante o domínio islâmico. É por ela que os que vivem nesta cidade são vassalos de Santa Maria e senhores de Albarracín.

Seguiram até ao acesso da torre de planta quadrada, onde dois guardas estavam de sentinela.

– O que aconteceu? – perguntou o dominicano, com o seu tom de voz peculiar.

– Não posso falar, é uma questão de segurança.

– Sabeis quem é ele? É um emissário papal – interveio Martín, ante a expressão estupefacta do homem de armas.

Frei Esteban observou o tom autoritário que o seu acompanhante utilizava.

Martín parecia ter amadurecido durante as últimas horas.

– Lamento, mas... Estou a cumprir ordens.

– De quem? – insistiu o jovem sacerdote.

– Minhas. – Da porta de acesso à torre, surgiu a silhueta de um homem na flor da vida, alto, vigoroso, de olhos verdes e pele clara. – Sou Alejandro de Ferrellón, aguazil-geral da cidade. Sei quem vós sois, fui devidamente informado da vossa presença na cidade. E pensei em chamar-vos para obter a vossa opinião sobre o que aqui se passou.

– Toda uma amabilidade.

– Perdoai os meus homens, cumprem fielmente as suas ordens, e não costumamos ter hesitações – afirmou o aguazil-geral, cujo aspeto lembrava mais o de um nobre do que o de um aguazil, e que mantinha o olhar firme e fixo enquanto falava. – A minha família descende de terras navarras, de Tudela, sei que estivestes por aquelas paragens.

– Isso foi há muito tempo...

– E ainda assim... – Mordeu o lábio inferior. – Ainda se lembram de vós no mosteiro de Fitero.

– Vejo que fizestes bem o vosso trabalho – admitiu Frei Esteban, sem se alterar com as estranhas palavras do aguazil-geral. – Isso está muito longe dos nossos dias, vivemos uma nova época, não vos parece?

– É possível.

– Ides contar-nos o que aconteceu na torre? Temos autoridade do bispo para nos movermos pela cidade e aceder a todas as suas dependências – salientou Martín, quase sem se mexer ou alterar a expressão do seu rosto.

– Como queirais, ainda que não vos vá agradar o que ides encontrar. – O

aguazil chegou-se para um lado e pediu-lhes que o seguissem.

Entraram na fortificação; os dois religiosos pisaram o chão de tábuas de madeira e subiram a incómoda escadaria que dava para o piso seguinte. Aí, o espaço era de dimensões mais generosas. Os muros das torres cresciam sempre em altura e era frequente a sala nobre ficar dois ou três níveis acima do nível de entrada. Na sala, aguardavam-nos o aguazil Diosdado, mais velho, e outro mais jovem e de bom aspeto, Lízer.

O aguazil-geral não mentia; era uma visão desagradável.

Um corpo pendia de uma corda no alto do teto; tinha o pescoço partido e uma expressão grotesca no rosto. Frei Esteban dirigiu-se ao cadáver e notou a sua extrema magreza, os longos cabelos escorridos e a proeminente barba, ficando também surpreendido ao examinar as suas mãos. Verificou todos os dedos e não pareceu agradar-lhe o que via.

O morto usava roupas negras e um fino fio de linho rodeava a sua estreita cintura; pendurada dela, tinha uma bolsa. O dominicano desatou-a e abriu-a; no seu interior, encontrou uns finos pedaços de papel enrolados. Ao abrir, verificou que estavam escritos em língua árabe.

– Era muçulmano?

– Não, aparentemente vivia na última zona do bairro cristão, ninguém sabe a que se dedicava – respondeu o aguazil-geral, que observava o cadáver sem qualquer tipo de pudor.

– Está extremamente magro, como se tivesse estado a jejuar – disse Frei Esteban, observando as carnes do morto.

– Comería pouco, não teria recursos para comprar comida, já vos disse que ninguém sabia a que se dedicava, e estes tempos que correm não são os melhores – respondeu o aguazil. – Além do mais, que importa isso? Tirou a

própria vida, não há muito mais que indagar; oxalá todas as mortes fossem como esta, sei do que falo.

– Estais assim tão certo disso?

– Porque perguntais? Não estais de acordo? – Pela primeira vez, a expressão do aguazil-geral alterou-se. – O seu corpo pende de uma corda amarrada ao pescoço.

– Sim, isso eu vejo, mas de onde saltou este homem? – Frei Esteban fez menção de procurar o lugar e deu vários passos em volta, de braços abertos e com uma interrogação desenhada na expressão do seu rosto.

– Não sou nenhum estúpido – pigarreou Alejandro de Ferrellón. – Olhai ali, vedes a janela? O eremita subiu para lá e atirou-se com a corda amarrada; o resto, já imaginais.

– Dissestes eremita?

– Bem, com aquele hábito e o aspeto emaciado que tem, parece um eremita que não comia carne há meses; vós mesmo o dissestes, está demasiado magro.

– Nisso é possível que tenhais razão – murmurou Frei Esteban. – Como vai a investigação aos assassinatos do curtidor, do padeiro, do carpinteiro, do vosso aguazil e do nosso sacerdote? Cinco crimes...

– Dizei-me vós; a suposta responsável continua nas vossas masmorras e não me é permitido interrogá-la, pelo que pouco posso saber.

– Aguazil, acreditais realmente que aquela mulher pode ter assassinado e torturado aquelas pessoas?

– É claro que não, mas não vos posso dizer mais nada.

– Se me ajudardes, posso retribuir-vos o favor e partilhar o que averigui ao

interrogá-la.

– Finalmente alguém razoável; teve de ter sido um homem a matá-los, e muito corpulento.

– Isso eu imagino. E esta morte, poderá estar relacionada?

– O morto não pertencia a nenhum grémio.

– De certeza? Averiguaste-lo bem? – insistiu Frei Esteban. – Dizeis que não se lhe conhece trabalho, talvez fosse interessante ter a certeza disso. Vistes as mãos dele?

– As mãos? Não, porquê?

– Vede bem, estão manchadas. – O aguazil obedeceu e foi verificar. – Sabeis o que isso significa?

– Temo que sim. Pode ser tinta, tinta para roupas.

– Foi ela! Foi ela que o matou! – gritou um homem vestido com farrapos junto à porta. – Já vos disse, eu vi-a, eu vi-a.

– Cala-te, seu bêbedo! – gritou Diosdado, batendo-lhe com o punho da espada na cabeça e fazendo-o cair ao chão, para depois lhe desferir um pontapé no flanco.

– Já chega, Diosdado.

– Como ordenardes, senhor. – E parou de lhe bater.

– Não! Foi a Branca, foi a Branca que o matou!

– De que fala esse desgraçado? – perguntou Frei Esteban.

– Tresanda a vinho, não o leveis em conta – afirmou Diosdado, dando-lhe outro pontapé.

– Porque me bateis? Só digo a verdade – balbuciava o pobre homem, dorido.

– Foi Dona Branca, foi ela que o castigou.

– Quem é essa Dona Branca? – insistiu o dominicano.

– Trata-se de uma lenda – explicou Martín, que se mantivera atrás dele.

– Quero ouvi-la – afirmou Frei Esteban com um meio sorriso. – Contai-ma, bom homem.

– Todos o sabem; aconteceu quando o irmão da infanta de Aragão, Dona Branca, subiu ao trono. A mulher do seu irmão tinha inveja da sua beleza e das suas virtudes, pelo que os mais próximos de Dona Branca lhe recomendaram que fugisse das proximidades da sua cunhada. Com uma brilhante comitiva, veio para a nossa cidade, na esperança de que, ao distanciar-se dela, a inveja desaparecesse e pudesse regressar rapidamente à corte. – O bêbedo gesticulava de forma airosa a cada frase. – A infanta, porém, ficou enclausurada nesta torre e a sua comitiva partiu novamente para Aragão sem ela. – O homem falava de forma sensata, ainda que as suas roupas e o seu cheiro fossem do mais desagradável que se podia imaginar. – Dona Branca passava os dias aqui fechada, ninguém vinha visitá-la, ninguém a animava, ninguém a amava. Dizem que morreu de melancolia, sozinha e triste. Desde então, conta-se que nas noites de Lua cheia se vê descer da torre uma sombra em trajas etéreos para se banhar nas águas do rio Guadalaviar.

– Já vos disse que é apenas um bêbedo – salientou o aguazil Diosdado, enquanto lhe batia. – Vamos! Põe-te a andar daqui!

– Aguazil-geral, espero que possamos voltar a falar quando averiguardes algo mais.

– Assim farei, fostes uma grande ajuda.

– Muito bem – concluiu o dominicano, virando-se. – Vamos, Martín.

Abandonaram a torre. O dominicano caminhava pensativo e, na ausência de

palavras, chegou ao complexo religioso.

– Martín, vou retirar-me para a minha cela para rezar.

– Acompanho-vos...

– Não é necessário, já sei o caminho – respondeu o emissário papal, com um gesto de agradecimento. – Vemo-nos mais tarde na missa.

Frei Esteban não disse mais nada e deixou o sacerdote surpreendido.

Capítulo Trinta e Um

Ao partirem os dois religiosos, Alejandro de Ferrellón ficou sozinho com os seus aguazis na torre de Dona Branca. Desceram o cadáver do suposto eremita e ele voltou a examinar-lhe as mãos, cujas pontas apresentavam diferentes cores.

– Diosdado, dá-lhe um enterro cristão – ordenou. – Lízer, vem comigo, temos trabalho.

Desceram até ao rio, aos armazéns de panos, onde os comerciantes traziam os seus produtos para a cidade e onde se vendiam os que eram exportados pelas oficinas da mesma. Era um dos negócios mais lucrativos de Albarracín, uma vez que as suas lãs eram de uma qualidade extraordinária; aquelas montanhas proporcionavam excelentes pastos.

Na oficina, as lãs amontoavam-se à entrada e havia muito movimento de gentes e de produtos. Alejandro de Ferrellón dirigiu-se ao fundo, a uma zona reservada ao tingimento. Um ofício mal visto pela Igreja, proibido aos clérigos e desaconselhado aos crentes comuns. Os tintureiros eram muito vigiados e até marginalizados nas cidades; ninguém os queria como vizinhos.

– Qual de vós é o mestre tintureiro?

– Nenhum – respondeu uma voz atrás dele. – Esse grémio já não existe.

Era um comerciante alto quem lhes falava.

– O ofício de tintureiro foi assumido pelos comerciantes de panos.

– Há uma regulamentação muito severa para esse ofício, com uma vasta lista dos corantes permitidos e não permitidos – advertiu Alejandro de Ferrellón.

– Que cumprimos à risca.

– O que aconteceu aos tintureiros?

– Bem, já sabeis que os panos dão muito rendimento nesta cidade, o que também provoca tensões. Os tintureiros criavam confrontos frequentes com outros grêmios, como o dos vendedores de panos, o dos tecelões e o dos curtidores. Tinham estatutos, leis e regulamentos que reservavam para eles o monopólio das práticas de tingimento, não podendo os vendedores nem os tecedores dar cor às fibras têxteis, o que dava origem a constantes litígios.

– Por isso os expulsastes da cidade e assumistes o seu trabalho.

– Pode dizer-se que sim; é um trabalho complexo, não se pode tingir um tecido nem trabalhar com uma gama de cores para a qual não se tenha licença. Já sabeis que, no caso da lã, se se for tintureiro de vermelho, não se pode tingir de azul, e vice-versa. Os tintureiros de azul, no entanto, encarregam-se frequentemente dos tons verdes e dos negros, enquanto os tintureiros de vermelho assumem a gama dos amarelos.

– Porquê todos estes problemas com as tintas?

– A Igreja, aguazil-geral, tem uma aversão bíblica às misturas, é um ato que, dizem os padres, viola a natureza e a ordem das coisas imposta por Nosso Senhor.

– Não estamos aqui para falar de teologia. O que aconteceu ao último mestre dos tintureiros?

– Pois, não sei; era um marginalizado, vivia sozinho no bairro cristão, parecia um fantasma.

– Percebo.

– Porque perguntais? Já tendes a vossa assassina, a que se queria atirar do telhado da catedral, o que se passa agora?

– Nada que te diga respeito – respondeu Alejandro de Ferrellón. – Vamos embora; cuidado com as misturas, não quero surpresas.

– Nem eu.

Mas ia haver mais sobressaltos naquele dia de abril.

Subiram as ruas que conduziam ao centro de Albarracín e dirigiram-se ao edifício onde se situavam os aposentos dos aguazis. À porta, dois homens de armas montavam guarda; Alejandro de Ferrellón deparou-se lá dentro com um dos nobres mais importantes de toda a Albarracín, Dom Pablo de Heredia, responsável pela segurança da cidade, que estava acompanhado pelo seu filho Atilano e por dois dos seus cavaleiros. Diosdado já tinha regressado da torre do templo de Santa Maria.

– Dom Pablo de Heredia, é um prazer receber-vos. – E fez-lhe uma vénia.

– Poupa o sarcasmo, Alejandro. Isto é muito grave – disse o nobre, num tom sério. – Quantos mortos são já? Um curtidor, um padeiro, um carpinteiro, um aguazil, um sacerdote na própria catedral e agora este último crime – suspirou. – A cidade está fora de controlo.

– Isso não é verdade, Pablo, e tu sabes.

– O que eu sei é que está a concentrar-se um exército estrangeiro no castelo de Gea, às portas da cidade, e entretanto aqui não param de ocorrer assassinatos, visões do Maligno e sei lá eu que mais.

– Estás a exagerar.

– Como te atreves a contradizer o meu pai? – exclamou Atilano de Heredia.

– Não estou a falar contigo, rapazote, tem respeito ao dirigires-te a mim.

– Sou um Heredia, não me digas o que tenho de fazer.

– Calma, filho, deixa-me ser eu a tratar disto. – E fez-lhe sinal para que se afastasse alguns passos.

– O teu bastardo sempre me pareceu demasiado ambicioso.

– Não lhe chames isso, agora é o meu primogénito de pleno direito – advertiu Pablo de Heredia.

Alejandro de Ferrellón lançou um olhar ao jovem Heredia. Era alto e muito moreno, ao contrário do seu pai, louro, de pele pálida e olhos claros. Por mais que o observasse, não via nele um verdadeiro Heredia.

– Temo que desta vez não vá poder ajudar-te – prosseguiu Pablo de Heredia.
– Alejandro, conheço-te desde que éramos apenas duas crianças, por isso sabes que não falo só por falar. Há uma mulher à espera de ser enforcada como responsável pelas mortes dos mestres dos grémios, é bom que seja a culpada.

– Isso não é responsabilidade minha, é a Igreja que a tem presa.

– És o aguazil, é claro que é responsabilidade tua.

– Pablo, tens de me apoiar nisto, sei que estou prestes a...

– Não, isto dói-me mais a mim do que a ti, mas tenho de o fazer. – O rosto do nobre estava pesaroso, Alejandro de Ferrellón intuiu que as palavras seguintes de Heredia não lhe iam agradar nada...

– Estás a falar de quê?

– Estás exonerado do cargo de aguazil-geral.

– Como? Não pode ser! – Olhou em volta, em busca de algum rosto compreensivo, mas encontrou apenas o olhar malicioso do filho de Heredia.

– Vou pôr os teus homens a vigiar as portas da cidade – afirmou Heredia com a mesma expressão firme. – A partir de agora, serão os homens de armas comandados por Dom Diego de Cobos a velar pela segurança de Albarracín. Não podemos permitir nem mais uma morte, já tivemos mais do que as suficientes.

– Pablo, não podes fazer-me isto.

– Não sou eu que to faço, só vim porque somos amigos e julguei que seria mais conveniente ser eu mesmo a comunicar-to. Isto fizeste-o tu a ti mesmo sozinho, e são ordens do próprio Senhor de Albarracín, queres discuti-las com ele?

– Serviria de alguma coisa?

– Não percebes que estamos ameaçados e que a última coisa de que precisamos é de mostrar fraqueza ou divisão? – advertiu-o ele num tom mais conciliador. – Se Pedro III souber, e certamente que sabe, pois terá espiões cá dentro, se tinha alguma dúvida em atacar, acredita que o fará.

– Fiz avanços na investigação.

– Sim? Em quê? – Pablo de Heredia encolheu os ombros. – No número de mortos?

– Em...

– Não quero ouvir nem mais uma palavra – interrompeu-o. – Vai para tua casa. Os homens que me acompanham guiarão os teus aos seus novos postos; não há tempo a perder, a cidade precisa de se sentir segura. Lamento, Alejandro, estes crimes aconteceram no pior momento. – Virou costas e afastou-se.

Alejandro viu como Atilano, o filho do seu amigo Heredia, sorria maliciosamente ao virar-se para seguir o pai.

Lízer dirigiu-se ao seu chefe.

– O que vamos fazer, senhor?

– Tu vais vigiar as portas, ouviste o que ele disse.

– Não podeis permitir que isto fique assim.

– Vais dizer-me o que posso ou não fazer? De certeza? – perguntou Alejandro de Ferrellón, arqueando as sobrancelhas.

– O rapaz tem razão – interveio Diosdado. – Vós e o Heredia sois amigos, o que aconteceu?

– Éramos amigos quando o meu apelido podia ser mencionado junto ao dele, mas isso foi há muito tempo.

– O vosso pai fez o que tinha de fazer – disse Diosdado, batendo na mesa. – Foram muito injustos com ele.

– A última coisa de que desejo falar neste momento é do meu pai e da sua...

– O que aconteceu ao vosso pai? – Lízer só soube que era uma má pergunta depois de a ter acabado de fazer.

– Testemunhou contra outro nobre.

– Viu uma criada a ser violada e denunciou-o ao Senhor de Albarracín – confessou Alejandro de Ferrellón. – Os seus pares não o compreenderam. Um nobre a acusar outro por uma simples criada, por uma filha de camponeses que tinha vindo servir para a cidade.

– Despojaram-no de parte dos seus bens para lhos darem a ele – continuou Diosdado. – Era um bom homem, mas a partir daí foi-se consumindo e...

– Basta! Parti para os vossos novos postos e não falemos mais sobre isso.

– Mas não lhe falastes dos símbolos nem das línguas cortadas – murmurou Lízer baixinho.

– Não.

– Este último, o da torre, também a tinha cortada, é a melhor pista que temos. – Viu que as expressões nos rostos de ambos os aguazis se alteravam, apesar de o terem disfarçado rapidamente. – O que se passa?

– Diz-lhe.

– Tendes a certeza, senhor?

– Sim, que importa agora? E já não sou teu superior.

– Muito bem – assentiu Diosdado. – É bom que saibas manter essa bocarra fechada, rapaz.

– Outro círculo? – murmurou Lízer.

– Sim, também havia um círculo ao lado deste cadáver, com um crescente por cima e uma cruz por baixo. E sabes que mais? – perguntou Alejandro de Ferrellón, sorrindo. – Desta vez sei o que significa.

Capítulo Trinta e Dois

O corcel negro cavalgou sem descanso durante toda a noite; não parou em nenhuma hospedaria ou pousada. Contornou as montanhas pelo caminho menos percorrido, a fim de não se encontrar com companheiros inoportunos, o que o fez perder vários dias de marcha, mas já contava com isso. Não contava, em contrapartida, com a chuva, que caiu como flechas sobre ele e a sua montada. O caminho ficou enlameado. O cavaleiro desmontou e puxou o seu cavalo, o animal mal conseguia avançar devido ao lamaçal em que o trilho se transformara.

Chamava-se *Negro* e tinha-o comprado a um negociante português no mercado de Ágreda. Desde a primeira vez que o vira que soube que seria seu. Era caro, muito caro, pelo que tivera de encontrar uma forma de chegar a acordo com o seu vendedor. Todos os homens têm um preço, só é preciso saber encontrá-lo.

E foi o que ele fez; encontrava sempre.

A partir desse dia, converteram-se num só. *Negro* era muito mais do que um valioso cavalo, não precisava de nomes pomposos, e era mais inteligente do que muitas das pessoas com quem se tinha cruzado na vida. Também mais nobre e fiel do que a maioria dos súbditos dos reinos que percorria, sempre disposto a dar o seu último sopro de força se ele lho pedisse.

Soube, por isso, que não se ia dar por vencido, apesar da armadilha de lama em que o caminho se havia transformado. Assim, esporeou-o para que fizesse uma última tentativa. *Negro* firmou bem as suas patas traseiras e fez um esforço titânico para o tirar dali, mas não conseguiu.

Resfolegou, exausto, e ele percebeu que era inútil continuar.

No meio daquela serra, procurou onde se refugiar, sabia que a criação de gado era o principal meio de obtenção de riqueza da zona, pelo que devia haver

lugares para os pastores e o gado se resguardarem em caso de necessidade.

Ainda que o caminho mal se visse com a tempestade, seguiu-o até encontrar um abrigo onde se refugiar durante meio dia. Depois, a chuva amainou; o homem não esperou que os caminhos secassem, partindo imediatamente no seu cavalo, já tinha perdido demasiado tempo.

Finalmente, conseguiu chegar ao seu destino.

Uma fortaleza de pedra alaranjada, erigida num lugar impossível, que desafiava a lógica e a razão. Um penhasco que era, sem dúvida, um dos locais mais elevados que alguma vez vira.

Os guardas do castelo de Zafra detiveram-no à entrada. A *Negro*, não lhe agradaram os seus modos e o seu dono teve lhe passar a mão pelo dorso para o tranquilizar.

Um dos guardas aproximou-se, pedindo-lhe credenciais para entrar na fortaleza.

– O senhor espera-me – disse ele, antes de ser questionado.

– E por que razão?

O guarda lançou um olhar a *Negro*, um dos mais magníficos corcéis que lhe haviam passado diante dos olhos, superior aos melhores do seu próprio senhor. De pelo negro, com pelo menos cinco pés de estatura, patas fortes, olhos grandes e penetrantes e uma vistosa cauda terminada num tufo de pelo branco. Estava sujo e cansado, resfolegava devido ao que devia ter sido uma dura viagem, tinha os cascos ensanguentados e enlameados até ao dorso.

Ver um animal tão majestoso num estado tão lamentável pareceu-lhe imperdoável. Quem julgava aquele cavaleiro que era para montar um animal daqueles? Ia dizer um par de palavras àquele homem que se atrevia a tratar assim um cavalo digno de um rei. Quando ergueu o olhar, disposto a fazê-lo,

em vez de olhos, deparou-se com dois buracos negros como a noite mais escura.

Jamais se tinha cruzado com um olhar tão sinistro e aterrador.

O cavaleiro vestia da mesma cor do seu cavalo, o que lhe conferia um semblante arrepiante. Tal como o animal, tinha um aspeto emaciado, com a capa roída, as botas cobertas de lama até aos joelhos, o cabelo oleoso e um cheiro pestilento a emanar do seu corpo. Mas o mais visível nele era uma longa cicatriz que nascia no pescoço e que estava meio tapada pelos seus longos cabelos.

– Quem és tu?

– Já te disse que tenho de ver o teu senhor, está à minha espera. Não quero voltar a repeti-lo.

O guarda olhou para o seu companheiro e este ergueu a mão; dois besteiros surgiram imediatamente entre as ameias que coroavam a porta, apontando os seus dardos ao visitante.

– Perguntar-te-ei novamente, quem és tu?

– Estou cansado para matar – respondeu ele, com desânimo. – Perguntai ao vosso senhor.

– Não vou incomodá-lo só porque um pobre miserável como tu me veio dizer...

– Tens estado a observar o meu cavalo, achas realmente que sou um pobre? – O guarda engoliu em seco. – Não, pois não? – Abriu a capa, deixando entrever o punho da sua espada. – Diz-me, será esta a espada de um miserável?

O guarda, nervoso, observou o punho em forma de cruz, coroada na extremidade pela cabeça de um dragão.

– Deixai-o passar! – gritaram do alto de uma das torres.

O guarda não podia acreditar; era o próprio Senhor da Casa de Lara quem lho

ordenava.

O visitante puxou o cavalo e entrou lentamente no castelo, ante o mais absoluto silêncio; nenhum dos guardas disse ou fez nada.

– Sabes quem é? – sussurrou o outro vigilante da porta, aproximando-se do seu companheiro.

– Não, e acho que não quero saber.

O cavaleiro deixou a sua montada no pátio de armas, onde estava concentrada grande parte das tropas dos territórios sob o domínio da Casa de Lara. Várias centenas de cavaleiros bem apetrechados com armas e cavalos. Numa rápida prospeção, deu-se conta de que estavam ali há vários dias, a julgar pelas cinzas das fogueiras e pelo aspeto relaxado de muitos deles.

Surpreendeu-o uma tal concentração de tropas, não era habitual. Para realizar escaramuças na fronteira, não era necessária uma tão grande força armada.

Dirigiu-se prontamente à torre de menagem, que se erguia sobre a rocha-mãe onde aquela sublime fortaleza tinha sido erigida. O penhasco sobre o qual assentava fora talhado de uma forma que acentuava ainda mais a sua verticalidade.

O castelo de Zafra não era apenas mais um castelo; era o bastião inexpugnável da Casa de Lara. Tinha sido cercado nos tempos do rei Fernando III, *o Santo*, avô do atual rei castelhano. O Senhor da Casa de Lara, revoltado contra o monarca, refugiara-se aí; acabou totalmente cercado pelas hostes reais, mas estas foram incapazes de tomar o castelo pelas armas. E tiveram de celebrar a Concórdia de Zafra, pela qual o Senhorio de Molina de Aragão passou a fazer parte da Coroa de Castela.

O mercenário já tinha estado no interior do castelo; sabia como era reduzido o espaço intramuros. O que poucos sabiam era que, sob aquele pequeno pátio de

armas, se abriam galerias que desciam para enormes grutas escavadas na rocha sobre a qual a fortaleza assentava. O chefe da Casa de Lara mantinha sempre o recinto bem abastecido de víveres e de armas, para o caso de voltar a ter de se refugiar ali, seguro como estava de que não havia homem nem rei capazes de conquistar aquele sublime castelo.

Acedeu à torre por uma escadaria móvel de madeira, que, em caso de ataque, era queimada para que não fosse possível utilizá-la. O primeiro andar estava destinado à criadagem; subiu ao piso nobre por uma escadaria interior, também de madeira, e chegou à sala principal, de onde nascia outra escada em caracol que subia para o terraço com ameias que encimava a torre, onde ondulava o estandarte da linhagem dos Lara.

O Senhor da Casa de Lara esperava-o sentado diante de uma enorme fogueira alimentada por troncos de oliveira e amendoeira. Ao entrar na divisão, o visitante despojou-se do seu capuz e depositou a capa junto à fogueira.

Tinha um porte de extrema confiança, de estar seguro de cada passo ou movimento que dava, por mais pequeno que fosse, mesmo que o fizesse em terrenos movediços. Parecia um daqueles rivais que nunca se quer ter como inimigos. O tipo de homens sobre os quais é preferível não saber nada, pois, no fundo, é sabido que guardam segredos profundos.

Capazes de tudo, incluindo coisas que um homem normal não consegue sequer chegar a imaginar.

– Chegas tarde e cheiras a vómito de porco, Mata-lobos – disse o anfitrião.

– Custou mais do que o previsto obter o que desejáveis – respondeu o mercenário, depositando algo envolto num pano negro sobre uma mesa de faia lavrada –, e o regresso foi complexo.

– Não me interessam os pormenores, mas podias pelo menos ter-te lavado

antes de te apresentares diante de mim.

– Julguei que o tempourgia.

– E urge, é evidente que sim – assentiu o poderoso nobre castelhano. – Os acontecimentos precipitam-se, o rei aragonês move-se rapidamente, não sei a quem saiu, com o previsível que era o pai. E temos ainda o nosso querido usurpador, Sancho de Castela, esse valente traidor. Desde a morte do seu irmão Fernando, o legítimo herdeiro, nunca mais levantámos a cabeça. Os seus filhos, os infantes de La Cerda, são os verdadeiros herdeiros ao trono de Castela e Leão, e não o cobarde do seu tio.

– Essas coisas acontecem, a morte pode chegar a qualquer um, a qualquer momento e em qualquer lugar.

– Isso já eu sei, mas chegou na pior altura... Quando estávamos tão perto do trono! – O seu rosto encheu-se de cólera e de raiva.

Juan Núñez de Lara, Senhor de Albarracín, Cañete e Moya, era um nobre de pesados apelidos, com umas largas e abastadas costas para os suportar. Tinha já um bom punhado de anos e irradiava uma força e uma determinação como só têm aqueles que sabem que, a um simples gesto da sua mão, centenas de homens estão dispostos a morrer por eles.

Não era um rei, mas parecia.

Os que o rodeavam acreditavam realmente que o sangue que lhe corria nas veias era diferente do de qualquer outro homem.

Tinha de ser.

– Lembro-me de quando o falecido rei contraiu matrimónio com Violante de Aragão – prosseguiu o Senhor de Lara. – Era um infante imberbe e, durante os primeiros anos, a rainha não conseguia engravidar. Chegou a ser preparada a separação matrimonial; eu recusei-me, claro. Não é um ato próprio de um bom

cristão – disse ele, cerrando o punho. – Ainda assim, entrámos em negociações com o rei da Noruega e foi pedida a mão da sua filha; mas, quando a princesa chegou a Castela, Deus tinha sido misericordioso e a rainha tinha dado à luz uma infanta, depois outra, e finalmente, em Burgos, nasceu o infante Dom Fernando, que foi jurado e declarado herdeiro da Coroa de Castela por todos os nobres. – Fitou-o com orgulho. – Todos!

– Era o escolhido, neto de dois grandes reis, Fernando III de Castela e Jaime I de Aragão.

– E genro do rei de França – interveio o Senhor de Lara, erguendo o indicador da sua mão direita e apontando para o teto –, sobrinho dos monarcas de Inglaterra e descendente do imperador da Alemanha... Imagina que descendência, que alicerces sobre os quais construir um poderoso reino, um império. – O Senhor de Lara parecia alterado. – Continua fresca na minha memória a lembrança do dia do casamento; ele usava um barrete com esquadrelados de leões e castelos feitos com avelórios azuis... – Fez um gesto com os dedos. – Sobre uma superfície de prata dourada, disposta sobre um fundo vermelho de contas vítreas. Parecia que o próprio Deus no-lo enviava para transformar este reino no mais grandioso de toda a Cristandade, o que expulsaria os infiéis, o que poria o seu pé em África.

– Também me lembro, já passaram muitos anos.

– É verdade, Mata-lobos, tu estavas lá. Foi um casamento incrível, não foi? – prosseguiu o nobre, absorto nos seus pensamentos, como se a sua mente tivesse esquecido o presente e estivesse realmente a viver aquele passado distante. – Casou com a princesa Branca, filha do rei de França. No cortejo, participaram os reis de Castela, o rei de Aragão, o rei de Granada, a imperatriz de Constantinopla, os príncipes herdeiros das coroas de França e de Inglaterra e o irmão do rei de Jerusalém; além dos prelados, nobres e fidalgos de Castela e de

Aragão e da nobreza de França, que tinha vindo a acompanhar a noiva.

O mercenário, chegado a esse momento, decidiu sentar-se numa cadeira enquanto escutava com pouco interesse o seu senhor.

– Como brilhava Burgos naqueles dias; e como era grande a admiração do povo enquanto o cortejo desfilava diante dos seus olhos, formado por castelhanos, aragoneses, franceses, mouros, ingleses e alemães – recordou este, de olhos radiantes. – Além de trinta damas enlutadas que tinham vindo acompanhar a imperatriz de Constantinopla – prosseguiu, erguendo a voz –, que pedira auxílio económico ao monarca castelhano para libertar o seu esposo, prisioneiro dos turcos.

Enquanto ouvia Juan Núñez, o cavaleiro percorreu a divisão com o olhar e chegou a cadeira para mais perto do fogo da lareira, onde ardiam com frenesim os troncos de lenha. O Senhor de Lara continuava inebriado pela beleza do passado; ele, em contrapartida, era um homem pouco dado a esse vício. Se algo esperava no que lhe restava de vida era afastar-se o mais possível das memórias.

Às vezes, enquanto cavalgava montado no seu esplêndido corcel, pensava que o que fazia era precisamente fugir do passado. Só então, a galope, os seus pesadelos ficavam para trás e não podiam alcançá-lo. Ainda que, por mais corajoso que *Negro* fosse, chegasse sempre um momento em que tinha de parar, por mais que ele o obrigasse a chegar ao limite físico daquilo de que o animal era capaz. E então as memórias alcançavam-no, e tudo voltava a tingir-se de negro, dessa penumbra que se tinha apoderado do seu corpo, da sua alma e do seu olhar. A escuridão colara-se à sua pele e acompanhava-o onde quer que fosse. Ainda que, pensando bem, talvez fosse a forma de, ao cair da noite, os seus tormentos não o poderem encontrar.

Dom Juan Núñez de Lara continuava a descrever o casamento. O mercenário

fitava as chamas; estendeu as mãos para as aquecer e puxou-as para si, rodando as palmas. Observou as linhas das suas mãos, cerrou os punhos e ergueu o olhar para as duas espadas penduradas sobre a lareira. Empunhar armas libertava-o da dor; talvez pudesse parecer cruel, mas infligir dor aliviava a sua. Não se envergonhava de admitir que tinha prazer em matar; não era vaidade nem orgulho, não queria demonstrar a sua habilidade ou destreza, era algo muito pior. Matava por prazer e não sentia pena ao tirar uma vida, nem um sinal de compaixão, nem uma sombra de dúvida.

Nada.

Era isso que sentia: nada.

Por isso era tão agradável para ele; permitia-lhe recordar um sucedâneo daquilo a que alguns chamavam felicidade...

Sim, para ele o mais perto que podia estar desse estranho sentimento era a lutar, de espada na mão, sem tempo a perder.

Matar, tirar vidas, fazia-o esquecer a dor.

– Os reis castelhanos receberam os seus hóspedes em Burgos durante trinta dias – disse o Senhor da Casa de Lara, continuando a relatar de forma emocionada o casamento do falecido infante. – Realizaram-se torneios, justas, jogos de xadrez e recitais de música, que causaram a admiração dos estrangeiros. O rei Afonso armou o infante Dom Fernando cavaleiro, e este fez o mesmo aos seus irmãos, os também infantes Dom João e Dom Pedro. Jograis e trovadores dedicavam às damas as suas mais belas composições. Numa reunião de tantos reis, príncipes e embaixadores, não faltavam as conversas de tipo político, militar e diplomático. Acredita quando te digo que naqueles dias se forjaram mais alianças e casamentos reais do que num ano inteiro de negociações. A felicidade era enorme, e mais ainda quando os embaixadores da Alemanha

aproveitaram para oferecer a Coroa Imperial ao rei Afonso X.

– Todos esses luxos e magnificências são sempre pagos pelos mesmos desgraçados, o povo. – O mercenário não aguentou mais o palavreado, deixou o calor da fogueira e dirigiu-se ao centro da sala.

– Certo, o povo, Castela. O rei precisou de dinheiro para o seu projeto imperial e exigiu tributos, medida essa que é sempre mal recebida, sem dúvida – admitiu Juan Núñez, impassível. – Por isso, ante o mal-estar dos nobres que tinham de contribuir mais para o tesouro real, o rei acabou por se ver obrigado a reunir as Cortes e a baixar os impostos.

– Sabeis que esses assuntos não me dizem respeito.

– Com certeza... – assentiu o nobre, dedicando-lhe um sorriso como se se compadecesse dele. – És realmente um homem peculiar. Ainda não sei se és uma bênção ou um perigo. Sim, não olhes assim para mim, alguém dotado dos teus dons é sempre um risco, mesmo que sirva os nossos interesses.

– Isso não é verdade.

– Bem sabes que sim. Bem, não quero discutir sobre isso, logo veremos com o evoluir dos acontecimentos.

– Posso ser muitas coisas, mas não sou um traidor.

– Sim, podes ser muitas coisas, podes ser qualquer uma – replicou o nobre. – A traição é algo que trazemos no sangue. Os súbditos seguem o seu senhor enquanto pensarem que ele age como tal, caso contrário... Olha para o falecido rei Afonso X, que Deus o acolha no seu seio. Herdou uma coroa poderosa, com tudo a seu favor para prosseguir a expansão para Granada, e, ainda assim, perdeu o juízo.

– Todos enlouquecemos em algum momento das nossas vidas, também temos isso no sangue.

– Não digo que não, mas um rei... Afonso quis aspirar à Coroa Imperial da Alemanha. Todos os seus esforços, todo o seu tempo, todas as suas riquezas foram parar a essa obsessão.

O cavaleiro não se alterou ante as palavras do nobre.

– Teve de ser o seu filho, o infante Fernando, a convocar todos os do seu reino para que fossem travar o exército muçulmano, que tinha atravessado o estreito. Fixou Villa Real como local de concentração, e aí adoeceu e morreu, por vontade de Deus, Nosso Senhor. – Aquelas últimas palavras percorreram as frias paredes de pedra da torre de menagem como um mau presságio. – O rei estava no estrangeiro quando o seu filho morreu; os mouros assolavam os territórios castelhanos; e o que aconteceu em Villa Real, com o herdeiro morto e o seu pai no estrangeiro?

– Que o segundo filho do rei não deixou passar a oportunidade – respondeu o seu interlocutor, de forma mais pausada.

– O infante Dom Sancho apresentou-se em Villa Real, pactuou com o poderoso senhor de Biscaia, Dom Lope Díaz de Haro, assumiu o comando das tropas e declarou-se herdeiro dos reinos. Tudo isso apesar de, segundo as Partidas do rei Afonso, o trono pertencer aos filhos do primogénito, Dom Fernando.

– Ventos de guerra.

– Sim, entre tio e irmãos. Pairava uma guerra sobre os férteis campos de Castela.

– E que papel desempenhastes vós nela?

– O que devia. – E sorriu. – Olha. – Apontou para o estandarte que pendia do topo da parede.

– Bela insígnia.

– Sim, dois caldeiros, que representam as numerosas tropas que a Casa de Lara recruta entre os seus vassallos, e simbolizam também o poder que implica ser capaz de as financiar e alimentar. Tal como te pago e te sustento, não te esqueças – advertiu o nobre, num tom mais rouco. – Deves ir a Albarracín.

– Mas é o vosso feudo.

– Sim, por isso mesmo, não posso permitir que aconteça seja o que for que não esteja sob o meu controlo.

Juan Núñez de Lara pô-lo a par de tudo o que tinha acontecido em Albarracín, desde os assassinatos nos grémios à mulher prisioneira e à presença de um enviado papal.

– Quereis então que encontre o verdadeiro assassino.

– Sim, e quero saber o que procura; sempre soube que havia um segredo entre aquelas muralhas, agora descobriremos qual é. – Juan Núñez passou a mão pelo rosto, fazendo estalar em seguida os nós dos seus dedos, um a um. – Não confio em ninguém em Albarracín. É um senhorio estratégico e rico, mas problemático.

– É vosso por via matrimonial.

– Assim é, as suas terras e aldeias trazem-me bons rendimentos, mas é dentro das suas muralhas, na cidade, que encontro todos os problemas. Por isso, quero que vás lá e descubras tudo o que puderes. Tens carta branca para fazeres o que julgares oportuno. Uma vez lá, não devemos ver-nos nunca.

– E como vos contacto?

– Não o farás, não quero ver-te por lá. Faz o que tiveres a fazer e, dentro de seis meses, regressa a este castelo e informa-me.

– O combinado, então; tendes a minha palavra.

– É bom que tenha, e não só a tua palavra. Sei que continuas a sofrer – disse o Senhor de Lara, num tom mais conciliador. – A redenção é possível, mas o preço é muito alto. Deves ter isso bem claro.

– Não preciso da redenção, só de saber a verdade.

– A verdade? – pigarreou o nobre. – Não existem verdades, o mundo é um lugar para cultivar as dúvidas.

– Dissestes que, se eu trabalhasse bem para vós, me ajudaríeis a descobrir a verdade do que se passou.

– Sim, e ajudar-te-ei, mas repito que não existem verdades. Talvez o que virás a descobrir não seja a verdade, mas sim a dúvida.

– Não vos compreendo.

– É compreensível; se o fizesses, não continuarias às minhas ordens, ou não é verdade o que digo?

O mercenário assentiu com a cabeça.

Nesse instante, bateram duas vezes à porta.

– Entrai – ordenou o senhor do castelo.

– Se me permitis, meu senhor – disse um homem de armas, acedendo à sala. – Autorização para falar.

– Sim, que novas trazeis?

– O rei Pedro III deu ordem para reunir as tropas.

– Em Aragão?

– Sim, e também na Catalunha e em Valência.

– Isso é preocupante, devemos prosseguir com o plano, pode ser que morda o anzol. – Ficou pensativo. – Informai o rei de França, depressa!

O vassalo saiu de imediato.

– Cuidado, se esticardes demasiado a corda, ela pode partir-se – advertiu o mercenário.

– Não duvido, mas para vencer é preciso arriscar – afirmou o nobre, num tom sério. – Devo regressar ao meu feudo de Albarracín com as tropas; tu deves chegar primeiro e ser visto, não quero que nos relacionem por nada deste mundo.

– Compreendo. – O cavaleiro vestiu novamente a capa e pôs o capuz. – Talvez não voltemos a ver-nos.

– Talvez.

Em seguida, deixou a sala, ante o olhar atento do máximo representante da Casa de Lara e quinto Senhor de Albarracín.

O mercenário saiu da torre, dormiria essa noite no castelo de Zafra.

Na manhã seguinte, levantou-se à pressa, dirigiu-se ao estábulo e selou a sua feroz montada. *Negro* tinha comido e descansado, estava limpo e selado.

O mercenário partiu para Albarracín.

Capítulo Trinta e Três

Montado no dorso de *Negro*, cavalgou sem descansar até à fronteira com a coroa aragonesa, atravessando-a por um caminho nos contrafortes de El Pedregal. Dormiu num abrigo ali perto e, no dia seguinte, chegou ao caminho real que ligava Saragoça a Teruel. Chegou a um cruzamento onde havia várias postas que formavam uma espécie de aldeia com o nome de Caminreal. Estava sob a proteção de uma das estranhas comunidades que existiam no sul de Aragão e que dependiam diretamente do rei.

Uma cerca de madeira dava um certo ar de resguardo às construções; embora não pudesse servir para as defender de um ataque planeado, talvez o pudesse fazer de alguma quadrilha de bandidos e ladrões, pouco mais.

Colunas de fumo esbranquiçado procuravam afincadamente o céu da tarde. Nos estábulos, viam-se muitos cavalos e carroças. Aqueles lugares costumavam ser mais seguros do que as postas solitárias, onde qualquer visita chamava a atenção. Por outro lado, costumavam ser mais concorridos e era possível ser-se reconhecido ou reencontrar antigos amigos que jurara nunca mais voltar a ver.

Ponderou a situação. *Negro* precisava de comer bem, pelo que o deixou ao cuidado de um rapaz a quem pagou uma moeda para que o alimentasse, limpasse e instalasse no estábulo. Ao afastar-se, *Negro* pareceu lançar-lhe um olhar de atenção, como que a querer recordar-lhe que devia passar despercebido naquele lugar.

Entrou na pousada de olhos baixos. Conhecia perfeitamente aqueles lugares no meio do nada, onde convergiam viajantes de todo o tipo. Desde mensageiros a mercadores, sem esquecer os contrabandistas, mercenários e um ou outro vigarista, ou até mesmo algo pior.

Sentou-se ao fundo, a uma mesa alongada que partilhava com dois outros

clientes, a quem nem cumprimentou nem olhou para o rosto. Pediu um jarro de vinho e uma sopa de alho-francês com pão. A comida estava quente e tinha algum sabor, pelo que não lhe desagradou. O vinho era melhor, forte, para aquecer as entranhas.

Depois, deram-lhe um pouco de queijo e de carne de coelho e porco. Quando estava a acabar de comer, um homem seco e sorridente plantou-se no meio da sala, erguendo a voz:

*Esporeou meu Cid, ia todo avante,
e aí viu um banco junto a Monreal;
alto é o banco, maravilhoso e grande,
não teme um ataque, sabe, por nenhum lado.*

Era um jogral, daqueles que ganhavam a vida a recitar cantares pelas aldeias e cidades; o que agora recitava era conhecido em toda a fronteira.

– Este não sabe o que diz – comentou um dos homens que estavam sentados à sua mesa, uma personagem de idade avançada e muito peso. – Na época desse a quem chamam Cid, Monreal não existia. Foi o rei Afonso, o *Batalhador*, quem o edificou após a batalha de Cutanda contra os almorávidas – afirmou, entre evidentes sinais de embriaguez. – Já sabeis o que se diz, mais se perdeu em Cutanda.

O mercenário fitou-o sem dizer nada.

– Não façais essa cara; estes charlatães, jograis ou seja lá qual for o nome deles, fazem-me ferver o sangue, metem histórias fraudulentas na cabeça das pessoas. Falsidades que, à base de serem repetidas uma e outra vez, vão pegando e em que todos acabam por acreditar. Quando alguém ouve a mesma história em vários sítios diferentes, isso dá-lhe mais credibilidade. – Fez uma pausa para mexer a boca, como se estivesse a mastigar alguma coisa. – Assim se cria uma

boa mentira, solta-se em vários cantos, tendo muito cuidado para que possa chegar ao verdadeiro objetivo por diferentes mensageiros. E, acima de tudo, que essa mentira tenha algo de verdade, não há melhor mentira do que uma meia verdade.

– Eu não tenho tempo para essas futilidades.

– Bem, compreendo. Só queria deixar claro que eu não digo falsidades – disse o homem, franzindo o sobrolho até criar uma verdadeira prega na sua pele. – Garanto-vos que foi o grande Afonso, o *Batalhador*, quem construiu um castelo em Monreal, nas nascentes de onde brota o rio Jiloca, e a que os de lá chamam Os Olhos, para controlar esta imensa planície onde agora nos encontramos e que por essa altura estava despovoada. Criou também uma milícia, a de São Salvador de Monreal, a *Militia Christi*, à semelhança das ordens militares dos templários, dos sanjoanistas e do Santo Sepulcro, dizem que foi a primeira a ser fundada nestas terras. Isso já não sei.

– Como é esse lugar onde nasce o rio?

– Os Olhos?

– Sim. – Até ele próprio ficou surpreendido por lhe ter prestado atenção. – O que mais sabeis sobre eles?

– É um lugar de onde brotam águas subterrâneas, sabe-se lá de onde virão. À volta da nascente, formam-se uns espaços circulares e, em torno destes Olhos, abre-se um frondoso prado. É um lugar mágico; no inverno, emana vapor devido à diferença de temperatura, criando um ambiente de brumas baixas sobre as águas, uma paisagem de mitos e lendas. Já vos disse que é um lugar mágico e há muitos que se perdem n'Os Olhos ou que julgam ver coisas.

– Coisas?

– Oh, sim, criaturas da noite. Há já algum tempo que desapareceram lá umas

damas. Sim, não olheis assim para mim, estou a dizer-vos a verdade. – E pousou o copo de vinho na mesa. – Uma era a filha do alcaide muçulmano do castelo de Daroca, e a outra era a sua dama de companhia. Eram ambas de uma beleza avassaladora; fugiram para Valência porque a filha do alcaide não gostava dos seus pretendentes e, além disso, apesar de Daroca ser uma bela cidade, as jovens sonhavam viver em Valência, junto ao mar. Imaginar-se à sua beira, junto às ondas, com o perfume da flor de laranjeira e a dormir sob a luz da Lua. Sabeis quem meteu essas fabulações na cabeça das duas jovens? Jograis como esse fanfarrão que temos a infelicidade de ouvir esta noite.

– Já ouvi muitas histórias de donzelas.

– Não como esta, porque o alcaide de Daroca procurou cinco pretendentes para a mão da sua filha; e a todos eles apresentou uma difícil prova se queriam casar com ela. O primeiro tinha de acabar com os cristãos das terras de Medinaceli, Sigüenza e Molina. O segundo devia viajar até à capital do califado, Córdoba, e converter-se num espião ao serviço do alcaide. O terceiro teria de obter açafraão e ricas especiarias do Oriente. O quarto, de construir canais que regassem as terras secas de Daroca. O quinto e último teria a difícil missão de conspirar com os reis mouros e cristãos para os debilitar e fortalecer Daroca.

– O que aconteceu às duas mulheres? – perguntou ele, sem erguer o olhar do copo de vinho.

– Fugiram, claro. Os sonhos são perigosos, introduzem-se nas profundezas da nossa alma e embriagam-nos com devaneios, e uma vez provado o seu veneno, não existe qualquer cura – relatou o outro com paixão. – Arranjaram uma carruagem e fugiram pelo vale do Jiloca. Tinham tanta pressa que não deram descanso aos cavalos e estes acabaram extenuados. Quando a comitiva passou pelos Olhos, os cavalos precipitaram-se para lá a fim de saciar a sua sede. Mas nada é o que parece n’Os Olhos, e, se nos aproximarmos demasiado de lá, há

quem escute uma música, uma doce melodia que os atrai até os fazer cair no seu interior. Foi isso que aconteceu às duas damas, a carruagem onde viajavam caiu às águas e elas morreram afogadas.

– E agora vede-las a passear por aí? Quereis mesmo que acredite nessa lenda?

– Não, não se veem, ouvem-se. Agora, são as suas vozes que se escutam, vindas do fundo d’Os Olhos, e atraem os viajantes que a elas acorrem, ignorantes do perigo desse lugar.

O jogral continuava a recitar uma canção de gesta:

*Em Santa Maria de Albarracín tomavam pousada,
aceleram quanto podem os infantes de Carrión,
já estão em Molina com o mouro Abengalbón.*

Bebeu um último gole de vinho, terminou o pão e o queijo, deixou os ossos da carne e em seguida levantou-se.

– Tenho de ir.

– Voltaremos a ver-nos – disse o homem, erguendo o mais possível o seu copo de vinho e derramando parte da bebida sobre a mesa. – Chamo-me Guillermo Trasobares e este é o meu filho. – E apontou para o rapaz que tinha à frente e que não parecia muito esperto.

– Não tendes tanta certeza...

– Viajo muito. – E bebeu.

– Melhor para vós, mas isso não significa que nos voltemos a ver. – Sem dizer mais nada, deixou aquela companhia.

Perguntou ao rapaz que cuidava de *Negro* por um lugar onde pudesse dormir e este indicou-lhe um pequeno quarto no piso superior. Aí passou a noite; ao amanhecer, selou o seu cavalo e partiu antes de todos. O descanso tinha feito

bem ao animal, que galopou, ágil e veloz, rumo ao seu destino. Demorou dois dias a chegar aos contrafortes da serra e, ao chegar ao cimo de um planalto, avistou as ameias que recortavam o céu sobre Albarracín. Os meandros do rio rodeavam-na e protegiam-na de qualquer inimigo; as suas muralhas subiam os barrancos em busca dos três castelos que a guarneciam. As suas casas pareciam um mosaico de coloridas tesselas, com o gesso vermelho a dar cor à maioria delas.

Desceu até ao rio, seguindo depois por uma serpenteante margem; aí, havia gente humilde que sobrevivia como podia. Não lhe causaram nenhum pesar, mas fizeram-no ficar mais alerta do que o habitual. Quem não tem nada a perder pode fazer coisas desesperadas, devia ter isso em conta.

Chegou a uma simples ponte de madeira que não estava vigiada e atravessou-a para chegar ao outro lado. Seguiu por um caminho bem assinalado e arranjado que conduzia às muralhas da cidade. Junto à sua porta de entrada, um aguazil armado com uma lança aguardava de pé a chegada de forasteiros. Era de idade avançada, não muito corpulento e faltavam-lhe um par de palmos de altura para que ele o levasse em consideração como rival.

– Alto aí, quem és e o que vens fazer à nossa cidade? – perguntou ele, num tom forçadamente autoritário.

– Deixai-me passar.

– Como?

– Quereis deixar-me passar? Sabeis que é o melhor – anunciou o mercenário, com uma voz que lhe rasgava a garganta.

– O que estás a dizer?

Ergueu o tabardo negro que o agasalhava e mostrou a bainha da sua espada ao guarda.

– Podeis armar-vos em herói e tentar atacar-me com essa lança, que não tereis tempo para usar, porque é uma arma para mais distância, pelo que a minha espada vos cortará tão rapidamente a garganta que nem sequer podereis claudicar – murmurou. – Ou podeis deixar-me passar, esquecer que eu vim e continuar com vida – afirmou num tom pausado. – Ninguém saberá que me deixastes entrar, esquecer-me-eis e continuareis com a vossa aprazível existência. Tendes certamente uma extensa família, não é verdade?

– Sim – tartamudeou o aguazil.

– Mulher, filhos e até netos; pensai neles. Vale a pena deter-me e não os voltar a ver?

O guarda não respondeu, já só uns barulhos desajeitados lhe saíam da boca. Ficou com o rosto vermelho e a respiração alterada. Deu um par de passos atrás e o cavaleiro entrou na cidade.

Ao ver-lhe as costas descobertas, pensou em atacá-lo com a sua lança, mas não o fez. Virou-se e continuou a vigiar a porta de Albarracín.

Capítulo Trinta e Quatro

Caía a fria noite sobre Albarracín; as fachadas de gesso vermelho iluminavam-se com os últimos raios de sol daquele dia de primavera. Em breve fechariam as portas, as ruas ficariam vazias e os seus habitantes, resguardados em suas casas, ficariam a salvo dos perigos que as muralhas encerravam, ou pelo menos era isso que diziam.

Era nas horas mais negras que as montanhas que rodeavam a cidade pareciam ganhar vida, como se fossem gigantes que a vigiavam em silêncio, como que adormecidos, mas que podiam acordar a qualquer momento.

A silhueta das muralhas percorria os cerros acima e abaixo, e qualquer sombra que nelas se movesse adotava um aspeto sinistro.

Martín estava de pé num dos baluartes mais altos, sobre a primeira linha de muralha do período muçulmano. Aos seus pés, dois guardas faziam a sua ronda; mais abaixo, no cinturão principal, construído no tempo dos primeiros Azagra, o movimento e as fogueiras eram maiores, pois era a primeira linha de defesa da cidade.

Os guardas deram-se conta da sua presença e pediram-lhe que abandonasse aquela zona militar. Martín assentiu e continuou a caminhar até à porta da Água; precisava de pensar e julgou que a melhor forma de o fazer seria caminhar pelas ruas da cidade, apesar de ser de noite.

O que realmente pretendia era ver essa sombra de que tanto falavam na cidade, embora fosse verdade que os rumores sobre o Maligno tinham cessado nos últimos dias. Muitos pensavam que o encarceramento da mulher tinha dado frutos, o que não jogava a favor dela.

Ele olhava para um lado e para o outro, em busca do mal. Mas não encontrava ninguém; estava tão decidido que procurava as ruelas mais estreitas e por elas

transitava. Assim, chegou à porta da Água e ficou pensativo, a olhar para os cumes que rodeavam Albarracín. Com uma imagem a rodopiar-lhe na cabeça como uma borboleta.

Sabia que aquilo não estava bem.

E, ao mesmo tempo, não podia evitá-lo.

Era Alodia que o perseguia nos seus pensamentos, que o impedia de conciliar o sono. Aquela mulher ia ser executada dali a poucos dias e ele sabia que era inocente dos crimes de que a acusavam.

A história da sua vida tinha-o impressionado de uma forma que jamais teria podido imaginar. Desde a sua infância, passando pela sua chegada àquela cidade, à forma como tinha sido recrutada pelo mudéjar e como negociava os enterros dentro da igreja.

Não era uma mulher vulgar.

Evidentemente que não.

Mas ia morrer.

De algum modo, ouvir a infância de Alodia fizera-o recordar a sua. Embora não pudesse admiti-lo perante os seus superiores, Martín desfrutara da sua meninice. Era certo que crescera rodeado de hereges, mas eram bons homens e mulheres, os seus ensinamentos eram bondosos, nunca vira maldade nas suas palavras. Ainda assim, eram perseguidos pela Igreja e esse estigma tinha-o assombrado a vida inteira, por isso o seu pai o obrigara a tomar cedo os hábitos, dizia que era a única forma de o salvar.

Martín sabia que o seu pai se arrependia de o ter deixado conviver com os hereges, mas era o seu trabalho. Talvez fosse por isso, para não o ver sofrer, que punha tanta devoção na sua carreira eclesiástica, apesar de muitas vezes duvidar dela.

Suspirou e observou as estrelas que pendiam da abóbada celeste. Os céus estrelados de Albarracín eram particularmente belos; o isolamento da cidade fazia com que tudo fosse diferente. Parecia verdadeiramente outro mundo, longe das guerras, das disputas entre reis e nobres, e até da própria passagem do tempo. Era tudo uma mentira; aquele pequeno pedaço de terra estava no centro de tudo, aquela falsa calma escondia mais maquinações, traições e conspirações do que as grandes cidades de Toledo, Sevilha ou Saragoça.

E então, voltou-lhe à mente a imagem daquela mulher, seminua, suja, malcheirosa, deitada no chão de terra da masmorra.

«Porquê?»

«Porque me atormenta essa visão?»

«Porque não consigo parar de pensar nela?»

Já tinha ouvido falar no que lhe estava a acontecer, tinham-no advertido mil e uma vezes para o perigo das mulheres. Desde o pecado original que o homem se tinha convertido em pecador, apesar de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. E a culpada disso era uma e uma só: a mulher.

Sofrerás gravidezes difíceis, parirás com dor e procurarás com ardor o teu marido, que te dominará. As mulheres eram rebeldes, seres que era preciso dominar, e viviam obcecadas por uma ardente sexualidade que só deitando-se com homens podiam apaziguar.

Todas as mulheres são Evas, mas devem tentar ser Marias, abraçando a fé num convento ou através de um matrimónio cristão, que as redime das suas inclinações pecaminosas. Não pode haver mulheres livres; sem marido, não, isso é a perdição. São seres débeis e propensos a pecar, sobretudo por luxúria, além de que incitam os homens a cometer esses pecados.

Aquela mulher, Alodia, era uma prova do Senhor; tinha-a posto diante dele

para testar a sua fé. Ou pior ainda, e se fosse um castigo? A penitência pelos seus pecados? Era uma mulher dotada de uma beleza invulgar, que não residia tanto na sua natureza, mas fora, de certo modo, forjada pela própria Alodia, à base de ter sido capaz de superar tantas adversidades.

Ao fitá-la, via-se que transbordava de uma força que o atraía irremediavelmente. Não era uma fachada deslumbrante, mas sim um interior fascinante que se avistava.

Deus punha-o à prova e Martín não lhe podia falhar.

Ouviu um barulho atrás de si e temeu o pior. Manteve a calma, controlou a respiração e...

Virou-se tão rápido como um animal em perigo e parou mesmo a tempo de não cometer um erro.

– O que fazeis vós aqui? – perguntou, perplexo, ao ver os dois rapazes que se escondiam numa esquina, Alfonso e Blasco.

– Perdoai-nos, padre, íamos só a caminho de casa – respondeu Alfonso, o mais velho dos dois.

– Estais mal da cabeça? Não podeis andar na rua a estas horas! – exclamou Martín, fora de si. – Onde está o vosso pai?

– Mandou-nos ir buscar umas medidas à porta de Molina, tem muito trabalho a reforçar as defesas, e por isso o ajudamos – explicou Alfonso, assustado.

– Está bem. – O jovem sacerdote foi-se tranquilizando. – Mas nem vos passe pela cabeça aproximardes-vos assim, pelas costas.

– Quem pensáveis que éramos? – perguntou Blasco, o mais novo, com uma vozinha débil.

– Se eu vos dissesse... Vamos, ide para casa dormir.

Nesse momento, repicaram os sinos da catedral e todos correram para as muralhas. O Sol há muito que se tinha escondido atrás das montanhas. Os archotes acenderam-se um a um, manchando a penumbra da noite com centenas de pontos ardentes. Era assim que devia ser feito, assim se fazia desde sempre. Os sinos pararam e começou então a ouvir-se um sussurro ténue, como um eco distante.

Martín nunca tinha visto nada semelhante. Em plena noite, os homens de Albarracín deixaram as suas casas e saíram para as ruas, dirigindo-se ao portal de Molina, que abriu as suas portas. Os habitantes da cidade formaram um corredor e começaram a entoar um canto, enquanto as mulheres os acompanhavam das janelas e soleiras de suas casas.

Era um cântico de batalha, servia para dar as boas-vindas aos cavaleiros vermelhos em tempos de guerra; há décadas que não era entoado em Albarracín, era proibido cantá-lo em tempos de paz. Se alguém se atrevesse a trauteá-lo em público, era encarcerado e castigado sem piedade. Ensinava-se em todos os lares logo à nascença, de noite no interior de todas as casas, ao calor da fogueira e das histórias que tinham tornado Albarracín inconquistável.

Todos conheciam a letra, mas era a primeira vez que muitos o cantavam.

Como Alfonso e Blasco, que jamais teriam imaginado que soaria assim tão avassalador. Estavam exultantes de alegria. Era verdade o que lhes tinham dito sobre o cântico. Os que já o tinham ouvido antes diziam que continha um poder tremendo, que ninguém sabia quem o escrevera, que a sua letra era guardada com receio na cidade. Nenhum dos seus inimigos devia alguma vez conhecê-la, pois perderia o seu poder, a sua magia.

O cântico subiu os íngremes barrancos que rodeavam a cidade e passou a torre do Trovador, descendo depois até aos meandros do rio e percorrendo as altas

muralhas até chegar à alcáçova. Aí, no seu extremo poente, brilhava uma alta fogueira que era replicada no castelo da montanha mais a sul; repetindo-se, por sua vez, em cada uma das torres das antigas arcadas que povoam os domínios do Senhorio de Albarracín.

Começaram a entrar na cidade os cavaleiros vermelhos, pois era essa a cor da sua sobreveste, a cor de Albarracín e das suas serras. Gentes de armas, robustas, pesadas. Intimidavam com o olhar, via-se o seu poder, a sua força.

Só o sussurro do canto dos seus vizinhos os acompanhava.

O metal das suas cotas de malha reluzia à luz dos archotes. Os elmos descidos sobre os seus rostos e a desgastada pele que cobria os seus escudos mostravam as evidências de muitas batalhas, todas vitoriosas.

Não existiam melhores guerreiros do que eles. Albarracín nunca tinha sido conquistada, e jamais o seria. Eram eles os encarregados de defender as suas muralhas, mas também de castigar os seus inimigos e de trazer riquezas para a cidade.

Ao lado de Alfonso, o seu irmão Blasco resfolegava; todas as manhãs lutavam juntos no pátio de sua casa. Alfonso era um par de anos mais velho, forte como o pai, com madeixas louras a cair-lhe sobre o rosto e a esconder os seus olhos cinzentos. Não era rápido, mas era contundente nos seus golpes e tinha habilidade para se esquivar e mover, apesar da sua corpulência.

Todos os habitantes de Albarracín deviam saber brandir a espada. Embora não pudessem ser armados cavaleiros, era-lhes permitido lutar a pé e sair nalgumas algaradas contra Aragão ou Castela, ou mesmo contra os muçulmanos de Múrcia. A fronteira com os infieis tinha avançado bastante desde a tomada de Valência, mas ainda era possível remir ou capturar escravos, o que dava sempre bons rendimentos.

A coluna de cavaleiros vermelhos prosseguiu em direção à alcáçova e as portas fecharam-se novamente atrás deles.

Martín supôs que a chegada dos cavaleiros não podia ser uma boa notícia; se o Senhor de Albarracín concentrava as suas hostes na cidade, por algum motivo seria. Aquele recanto da Cristandade era um ninho de conspirações, ambições e segredos. Entre as grandes coroas de Castela e Aragão, mantinha-se independente desde há um século. Com a morte do quarto Senhor de Albarracín sem um descendente varão, a sua filha Teresa tinha herdado o senhorio e casado com o Senhor de Lara, uma das casas mais importantes de Castela. Desde então, os rumores não tinham parado; o que era evidente era que aquela cidade jamais se ajoelhariam perante nenhum rei. Se alguma das coroas a quisesse, teria de a tomar pelas armas, e sabia quem lá tinha estado que não seria algo fácil. As gentes de Albarracín sabiam defender-se; o posicionamento da cidade tinha sido escolhido com o firme propósito de a tornar in conquistável, e até à data mostrara manter-se fiel a esse objetivo.

Nem mesmo Jaime I, a quem chamavam *o Conquistador*, conseguira assaltar aquelas muralhas e tivera de se retirar com o rabo entre as pernas.

Capítulo Trinta e Cinco

Frei Esteban tinha dormido mal na noite anterior. Entre o alvoroço devido à chegada dos soldados e as dúvidas que sentia acerca do interrogatório, não conseguira conciliar o sono. Demasiado ruído... Cada vez tinha mais vontade de acabar o seu trabalho ali e de partir em busca da mais absoluta solidão.

Pediu ao padre Martín que o levasse à igreja de Santiago para o ofício da manhã; precisava de ouvir a palavra do Senhor e que este lhe mostrasse o caminho a seguir. O dominicano e o jovem religioso assistiram à santa missa celebrada pelo padre Melendo, esperando depois que todos os paroquianos e religiosos abandonassem o templo.

A igreja ficou vazia.

Frei Esteban dirigiu-se ao altar e parou diante dele; benzeu-se e baixou o olhar, perscrutando atentamente a zona. Ajoelhou-se e pousou a mão nas lajes do solo.

– Foram movidas há pouco tempo, sem dúvida – comentou. – Quem as voltou a colocar teve cuidado para que não se notasse, mas não pôde evitar que ficassem mais soltas do que as antigas.

– Quer dizer então que foi cá enterrada gente há pouco tempo.

– É possível. – O dominicano continuava a inspecionar o local. – Teríamos de as levantar para confirmar. Traz algo para servir de alavanca e tiremos as dúvidas.

– É um lugar sagrado!

– Julgo que nada nas Sagradas Escrituras nos impede de levantar o solo de uma igreja, não é verdade?

– Santo Deus! Não podemos abrir um túmulo.

– Martín, há relíquias nesta cidade? – perguntou o dominicano, para surpresa do sacerdote.

– Na catedral, com certeza.

– E sabes o que é uma relíquia?

– Porque me perguntais isso, Frei Esteban? – Martín não costumava revelar o seu enfado, mas aquela última pergunta tinha-o incomodado. – São restos que correspondem aos corpos dos santos...

– Para sermos exatos, uma relíquia é o corpo inteiro ou cada uma das partes em que este se divide, por mais pequenas que sejam. Além disso, também são relíquias as roupas e os objetos que possam ter pertencido ao santo em questão ou que tenham estado em contacto com ele.

– Compreendo o que me quereis dizer, mas não é a mesma coisa.

– Eu não te disse nada – afirmou serenamente o dominicano –, limito-me a descrever uma realidade. O que te direi é que as relíquias têm sido compradas e vendidas entre cristãos sem quaisquer hesitações. Chegaram mesmo a provocar conflitos. A aquisição de uma relíquia foi motivo de disputa entre as cidades de Poitiers e de Tours, que mantiveram uma longa discussão pela posse precisamente do corpo de São Martinho.

– E as primeiras basílicas foram construídas sobre as criptas onde jaziam os corpos dos mártires – prosseguiu Martín, enquanto Frei Esteban se mostrava agradado com os conhecimentos do sacerdote. – Só na segunda metade do século IV é que começaram a fragmentar os corpos dos santos para os dividir. As relíquias transformaram-se num instrumento de prestígio, numa fonte de rendimentos; e, evidentemente, começaram a ser falsificadas.

– Falsificadas?

– Sim, foi proibida a veneração de relíquias sem certificado de autenticidade;

assim, o comércio de relíquias, que tinha vindo a aumentar nos últimos séculos, parou, interrompendo-se deste modo um rico tráfico das mesmas. – Coçou então a nuca e ficou em silêncio, com a expressão de confusão que era característica do seu rosto. – Ou talvez não, talvez tenham continuado a ser falsificadas e vendidas sem a Igreja saber...

– Isso é possível?

– Quem sabe? Nesse caso, tê-lo-ão feito a preços muito mais elevados, uma vez que há menos mãos a falsificar relíquias.

– Bem observado, Martín – respondeu Frei Esteban. – Agora terás de me ajudar. Se não levantarmos este solo, não saberemos se há túmulos.

– Não, eu não posso... – disse ele, fazendo gestos de negação com as duas mãos.

– Lembro-te que não é permitido fazer enterros aqui, pelo que não deveria haver nada debaixo de nós.

Martín admitiu que aquelas palavras eram verdadeiras, mas... Não podia fazer o que ele lhe pedia.

– É essencial saber o que há aqui por baixo; queres salvar aquela mulher, não queres?

– Eu só quero saber a verdade.

– É-me indiferente; ajuda-me ou fá-lo-ei eu sozinho.

Martín deu-se por vencido e procurou um tocheiro com que levantar as lajes de pedra. Precisaram de várias tentativas até que, entre ambos, conseguiram mover uma delas.

Benzeram-se os dois; sim, havia restos mortais. Frei Esteban proferiu uma oração. Longe de se arrepende do que acabavam de fazer, o dominicano

agachou-se e pegou nos dois crânios que estavam muito juntos ao lado de uma grande quantidade de ossos de costelas, braços e pernas.

– São de épocas diferentes.

– É incrível que consigais saber algo assim...

– Este ainda tem restos de carne. – E apontou para uns tecidos agarrados ao orifício do nariz. – O outro não. É um enterro reaproveitado, a mulher tem razão. Aqui, continuaram a enterrar cristãos, a comerciar com a morte.

– E o que vamos fazer?

– Por agora, voltar a tapá-los; depois logo se vê.

Assim fizeram antes que alguém os visse, mas um ligeiro estalido chamou a atenção de Frei Esteban, que, ainda assim, nada disse nem olhou na direção do som.

Abandonaram a igreja e iniciaram o caminho de regresso ao palácio episcopal. Caminharam pelas sinuosas ruelas da cidade; numa das pracetas, alguns homens tinham um enorme porco preso por uma corda. O dominicano parou diante deles; havia pelo menos uma vintena de homens e mulheres, todos com atitudes joviais, enquanto uma velha armada com uma faca com a qual vários homens teriam ido satisfeitos para a guerra se preparava para matar o suíno.

– Faz-se uma vez por ano – comentou Martín a seu lado –, coincidindo com os dias mais frios do inverno. Além de se fazer pela comida, é também uma celebração.

– Já estamos na primavera.

– Sim, o inverno foi muito rigoroso, pelo que alguns esperaram até esta altura.

– Tens consciência de que é uma celebração que roça perigosamente os

costumes pagãos?

– Não, Frei Esteban. Tende em conta que é o final de um longo processo, por isso o celebram. Primeiro, vem a engorda; desde a sua compra, o porco vai sendo cevado, habitualmente durante dez meses. A matança em si costuma durar dois ou três dias – explicou Martín, num tom académico que surpreendeu o emissário papal. – Depois, segue-se a cura, que pode demorar entre dias a meses.

A mulher pegou num gancho, com o qual agarrou o porco pelo maxilar e, ajudada por dois homens corpulentos, conduziu-o a um banco de madeira. Prenderam o animal com umas cordas e várias mulheres e crianças foram a correr postar-se em seu redor com baldes. A mulher ergueu o braço e cravou a arma no porco, que gritou de forma ensurdecadora. O sangue começou a brotar como se de uma fonte se tratasse, e as mesmas mulheres e crianças que se tinham aproximado com baldes dispuseram-se a recolhê-lo.

O porco gritava desesperadamente, os seus gritos ouvir-se-iam até no exterior da cidade. O religioso contemplou aquele sofrimento desmedido, unido à alegria das crianças, homens e mulheres que o rodeavam. O sangue não parava de jorrar; o objetivo era drená-lo todo, que não ficasse dentro do animal uma só gota de vida. As crianças, com os baldes cheios, mexiam-no com colheres de pau para evitar que coagulasse.

– Vamos, Martín, já vi o suficiente.

Seguiram até à entrada da catedral, subiram a escadaria e, antes de entrarem, o dominicano observou as montanhas.

– O inverno deve ser duro nesta terra – murmurou Frei Esteban com ar pensativo.

– Sim, é o seu castigo e a sua fortuna.

– O que estás a insinuar?

– Vereis, o clima tão frio faz com que a vida seja difícil nesta altura do ano, mas é também uma das chaves para que Albarracín continue independente. As muralhas, os despenhadeiros e os meandros do rio travam os exércitos inimigos na primavera e no verão; se o cerco se prolongar, chega o inverno, e não há exército que possa resistir acampado às temperaturas gélidas – salientou Martín, curvando os lábios para cima e abrindo os olhos. – Se não fosse por este clima, a cidade seria já dos aragoneses ou dos castelhanos.

Frei Esteban virou-se para a entrada e pôs-se a observar o pórtico, que se destacava do edifício e era composto por arquivoltas apeadas sobre seis pares de colunas com capitéis decorados.

Aproximou-se delas para as ver melhor; a da esquerda continha cenas do Génesis e as da direita do Êxodo. Entre os motivos vegetais na decoração da sua fachada, viam-se, semiocultas, umas pequenas criaturas esculpidas, de cujas bocas pareciam surgir as volutas vegetais que a decoravam. O que mais lhe chamou a atenção foi um relógio de sol com a indicação das horas para a comunidade religiosa: Prima-Terça-Sexta-Nona-Vésperas.

O dominicano empurrou a porta e acedeu à nave do templo; o interior era tão sóbrio como a fachada. Ele, que tinha visto as novas catedrais que começavam a ser construídas em França, cheias de luz, com as paredes rasgadas por vitrais e os muros aligeirados para ganhar altura, sentiu uma certa nostalgia no interior daquela catedral, pois lembrava-lhe as de outras épocas. Avançou até ao altar, deitou-se de braços em cruz e rezou em silêncio. Minutos depois, levantou-se e dirigiu-se à zona da abside; ainda havia manchas de sangue no chão.

– Em que pensais, Frei Esteban?

– A poça de sangue está muito localizada, não se espalhou. Ou a pedra o

sugou rapidamente ou...

– O quê? Dizei-me o que estais a pensar.

– Não sei... Pode ser que o templo de Santiago não seja o único onde se fazem enterros clandestinos.

– Na catedral? – Martín não podia acreditar. – Isso não pode ser... Só os bispos e os grandes nobres podem ter aqui o seu sepulcro.

– Sim, em teoria. – E o dominicano esfregou as mãos devido ao frio. – Mas, para um líquido se infiltrar desta maneira, as lajes do chão têm de estar soltas e de ter fissuras por onde ele possa entrar. Esta igreja é antiga, já não se constroem assim. Tenho a certeza de que este chão que pisamos foi levantado há pouco tempo.

– Isso quer dizer que um dos responsáveis pela catedral também vendia terreno sagrado – observou Martín, olhando confusamente em seu redor. – O deão? Não é possível, recuso-me a acreditar em algo assim.

– Não me atreveria a profetir tal acusação, embora seja ele o responsável pelo edifício catedralício; se não participa na venda do solo, deve ser informado, e se já sabe... Temos um grave problema.

– Isto está a complicar-se demasiado, não haverá outra causa? Talvez exista uma divisão inferior.

– Tens conhecimento de tal coisa?

– Não, mas a igreja foi construída há quase dois séculos; talvez... – Martín apressou-se a dar uma resposta. – Não sei, mas parece-me mais lógico pensar que talvez exista alguma construção antiga e abandonada por baixo de nós; e não que tenham levantado os túmulos dos bispos...

– Toda a causa tem o seu efeito; às vezes, não é fácil encontrar a relação, outras

há acontecimentos intermédios a descobrir até chegar à causa final, mas existem sempre indícios, ainda que estejam muito afastados – explicou o dominicano. – Qualquer pormenor pode ser importante, Martín, qualquer um. – E desceu da zona do altar.

Juntos, abandonaram a catedral e regressaram ao frio exterior. Nesse preciso momento, os sinos começaram a tocar a finados e um grupo de homens armados passou diante do templo.

– Martín – disse o dominicano, começando a segui-los. – Temo que tenhamos mais trabalho.

Capítulo Trinta e Seis

Pablo de Heredia olhava para o interior do copo de vinho como se a beberagem pudesse revelar-lhe alguma verdade escondida. Por mais que o fizesse, não encontrava nele mais do que uma espuma avermelhada e um fétido cheiro a álcool. Cada vez estava mais convencido de que o vinho do mercado era trazido do sul e por isso lhe produzia tanta acidez. Pousou-o na mesa de madeira lavrada e reclinou-se sobre o encosto de cabedal do cadeirão.

– Em breve fará dez anos desde a ofensiva contra os mouros de Granada e os africanos que os apoiavam.

– Diziam então que ia ser a definitiva, que os expulsaríamos para o outro lado do mar – observou Diego de Cobos, rindo amargamente a seu lado.

– Morreu quem os ia comandar, o herdeiro do rei de Castela. O monarca, seu pai, nem sequer estava lá – recordou Heredia com amargura –, mas sim de viagem em França, a conspirar com o papa pela coroa imperial – refletiu em voz alta. – Todos os magnatas, fidalgos, bispos e gentes de guerra de Castela e de Leão estavam na meseta castelhana, sem ninguém para os conduzir à batalha.

– Eu estava lá quando o infante Sancho chegou, e não o fez sozinho – recordou Diego de Cobos. – O senhor de Biscaia, Díaz de Haro, transformou-se nesse dia no seu braço direito. É o único nobre que pode atualmente fazer sombra à Casa de Lara em toda a Castela.

– Efetivamente. – Pablo de Heredia bebeu outro gole de vinho. – Enquanto o Senhor de Albarracín recolhia o cadáver do herdeiro ao trono e o levava até ao Panteão Real de Las Huelgas em Burgos, Díaz de Haro e o infante Sancho conspiravam para proclamar este último como herdeiro ao trono de Afonso X.

– Os Lara enterraram o seu eleito e os Haro apoiaram o seu, que partiu para a Andaluzia, vencendo os mouros e erigindo-se como novo herdeiro, e que agora

se senta no trono de Castela como Sancho IV.

– Assim são as coisas; a cobiça, a ambição... Parece que na realeza são ainda mais fortes do que nas gentes normais.

– Não vos enganeis, somos todos avarentos e traiçoeiros.

– Vós também, Diego? – perguntou Heredia, olhando-o fixamente.

O aspeto de um homem pode dizer muito sobre a sua pessoa ou, pelo contrário, ocultar a sua verdadeira natureza. Quando Pablo de Heredia observava Diego de Cobos, sabia que era um homem fiel e leal a Albarracín, mas estava também convencido de que não lhe agradava que o seu senhor fosse um castelhano.

– Eu sou um cavaleiro; falai-me em lutar, não em conspirar – afirmou Diego de Cobos. – Já nos bastam estas mortes terríveis, e agora tenho também de ser eu a encarregar-me da segurança intramuros – acrescentou, lançando um olhar ao filho de Heredia, que continuava sentado à mesma mesa, mas a uma certa distância. – O vosso filho fala ou só observa?

– Por agora, aprende; logo chegará o momento de erguer a voz – respondeu o nobre. – Comecei tarde a educá-lo para dirigir esta casa, mas cá estamos, espero ir a tempo.

– Tem um fogo intenso no olhar, não é parecido convosco, mas parece forte e tem bom aspeto – comentou Diego de Cobos, mostrando interesse nele. – Atilano, o que pensais vós dos acontecimentos em Albarracín? Será verdade que aquela mulher é uma assassina capaz de matar e torturar tantos homens?

– Meu senhor, se algo aprendi com o meu pai é que nunca se deve confiar em ninguém. É melhor não falar mal da ponte até se ter atravessado o rio.

– Sábias palavras – disse o nobre, assentindo com a cabeça. – A prudência é importante, e ainda mais na vossa idade. Vou dizer-vos uma coisa, as gentes

desta cidade julgam-se a salvo atrás das suas muralhas. Já ouvi mil vezes essa história de que são inexpugnáveis, malditos sejam se pensam isso! A prudência é o mais excelso de todos os bens e Albarracín perdeu-a há muito.

Às vezes, Pablo de Heredia ficava surpreendido com a capacidade do seu filho para agradar a nobres e fidalgos. Com eles, sabia comportar-se como um verdadeiro filho da Casa de Heredia; com os de baixa estirpe ou menor posição, em contrapartida, era prepotente e agressivo. Não sabia se era uma dualidade da sua personalidade ou uma forma intencional de valorizar ou desprezar, consoante o tipo de pessoa com quem falava.

– Achais que estamos em perigo, Dom Diego?

– Acho, sim – respondeu ele com firmeza à pergunta de Atilano.

– Então não devíamos ficar de braços cruzados. Um homem tem de escolher, é aí que reside a sua força: no poder das suas decisões.

– Já chega, Atilano. – O seu filho fitou-o, enfadado. – Vai ver se há notícias, falamos depois.

Furioso, o jovem levantou-se e saiu da sala sem dizer uma palavra.

– Esse vosso filho tem potencial, tem garra.

– Às vezes, acho que demasiada, vejo-o muito ansioso...

– Pior seria o contrário, garanto-vos.

– Não sei, a verdade é que não sei.

– Ao menos não tendes mais descendentes, assim não lutarão pelo vosso legado, como aconteceu com Afonso X.

– É o dever de um pai deixar essas questões bem resolvidas.

– Efetivamente, mas tudo é mais fácil se houver apenas um varão, e além disso há filhos e filhos... Afonso X não teve sorte, temos de reconhecer. – E bebeu,

inclinando a cabeça o mais possível para trás de modo a conseguir alcançar as últimas gotas de vinho que caíam do copo.

– Não o desculpeis; primeiro, legislou nas Partidas que o sucessor seria o filho do seu primogénito, e depois aceitou que fosse o seu segundo filho, Sancho. Não deixou de levar o ouro de Castela para pagar os seus sonhos imperiais; e permitiu que os Lara e os Haro lutassem entre si para que o eleito de cada facção fosse o próximo monarca.

– Era o rei, podia fazer o que quisesse. É nisso que consiste ter uma coroa na cabeça.

– Em Castela, não basta ser rei, é preciso demonstrá-lo – salientou Heredia.

– Não estamos agora em Castela – suspirou Diego de Cobos. – E Albarracín? Que papel desempenha em tudo isto? O seu antigo senhor, o último Azagra, afastou-se da aliança com o rei aragonês Jaime, aquele a quem ousam chamar *o Conquistador*.

– Isso é algo que nunca consegui compreender. Porquê? Porque mudaria de lado?

– Porque haveria de ser? Para manter a independência de Albarracín. Embora nunca tenham usado o título de reis, os Azagra julgavam-se governadores de um reino. Por isso voltou as suas alianças para Castela – explicou Diego de Cobos, com firmeza nas palavras. – Sempre teve relações com as grandes coroas, mas há muito tempo que as relações com Castela andavam distantes, ainda que não tenham sido interrompidas ou esquecidas.

– É difícil manter o equilíbrio, temos de nos mover de um lado para o outro. Alguma vez jogastes xadrez?

– Não, mas conheço o jogo e as suas regras.

– Pois a guerra, a diplomacia e o governo de um reino encontram-se aí

refletidos, e nunca se deve perder de vista o centro do tabuleiro.

Capítulo Trinta e Sete

Lízer terminou o seu turno de vigia na porta de Saragoça; desde a destituição do aguazil-geral que o seu trabalho se limitava a isso, a vigiar as entradas na cidade. O mesmo destino tivera Diosdado, que fazia turnos de dia noutra das portas de Albarracín.

Alejandro de Ferrellón tinha desaparecido por completo; a segurança da cidade passara para o controlo de Diego de Cobos, que tinha fama de ser severo e de resolver qualquer problema da forma mais incisiva possível.

Durante aqueles dias, Lízer pensava naquela mulher, naquele olhar bicolor; a sua maior ambição era agora voltar a ver aqueles olhos. Desesperava por voltar a saber dela. Só a tinha visto duas vezes e, ainda assim, não podia evitar sentir saudades. Talvez tudo aquilo fosse por não existir pior nostalgia do que a que se sente pelo que nunca aconteceu...

Lembrava-se da casa a arder e do momento em que a tomara nos braços para a salvar. Fora algo instintivo, tinha arriscado a vida por uma mulher que não conhecia. Não podia explicar, era como se tudo tivesse um sentido. O incêndio, Alodia estendida no chão prestes a morrer, o telhado da catedral, e novamente Alodia salvava a vida.

Sempre que a vira, fora em circunstâncias extremas, e aquela mulher tinha conseguido salvar-se. Sabia que tinha algo de especial, via-o. Tinha de ser isso que o atraía nela, pois não a conhecia nem nunca tinham falado. Tinha de ser isso, não havia outra explicação.

Fosse o que fosse, não suportava ver-se afastado da investigação aos assassinatos dos grémios. Na sua posição atual, pouco podia fazer, e ainda mais quando a cidade dava Alodia como culpada. Assim o ditara a Igreja, e contra a sua vontade pouco ou nada se podia fazer.

Lízer estava convencido de que Alejandro de Ferrellón continuava a investigar por conta própria. Que sabia o significado do quarto símbolo e que este era uma boa pista para encontrar o verdadeiro culpado. O problema era que não tinha partilhado essa informação com ninguém. Devia ter uma forte razão para isso, mas qual?

Ninguém queria mais do que ele salvar a mulher, mas sem o seu antigo superior tinha pouco por onde procurar.

Decidiu passar pela Taberna do Coxo; aí, podia sempre saber-se o que se passava na cidade.

A clientela tinha diminuído muito; era de esperar, com os invasores às portas da cidade. Deu uma olhadela para ver se reconhecia algum dos fregueses do local. Não encontrou nenhum rosto que lhe parecesse interessante para ter uma conversa; pensara até que Alejandro de Ferrellón poderia estar por ali, a afogar as suas mágoas em vinho, mas não teve sorte.

– O que faz um aguazil por aqui? – perguntou a filha do taberneiro, aproximando-se com um jarro na mão.

– Elena.

– Vejo que te lembras do meu nome.

– Tenho boa memória; está tudo calmo por aqui...

– Sim, demasiado – respondeu ela. – O meu pai está preocupado; teme ter de fechar. Ao menos daqui a dois dias será a execução, pode ser que nesse dia a gente se anime.

– Execução?

– Sim, daquela mulher.

– Alodia.

– Também sabes o nome dela; tens boa memória para todos os nomes ou só para os das mulheres?

– Ela é inocente.

– Não é o que se diz por aqui, estão todos ansiosos por a ver enforcada; há muito tempo que não executam uma mulher.

– Tenho de ir – disse ele, levantando-se.

– Mas onde vais? Lízer! Temos de falar, tu e eu...

– Noutra altura, agora tenho de fazer algo importante.

Saiu da taberna inquieto; se só faltavam dois dias para o enforcamento, tinha de se apressar. Por mais estranho que parecesse, a única possibilidade que Alodia tinha de se salvar era que houvesse uma nova morte num dos grémios. Ou que se provasse que a morte do tintureiro fora um assassinato e não um suicídio.

«Iria o assassino parar agora que havia alguém acusado dos seus crimes?»

Era uma boa pergunta.

Tinha agora mais dúvidas do que nunca sobre o caminho a seguir, pois, fizesse o que fizesse, iria trair alguém. Nunca imaginara encontrar-se numa situação assim. Mas ali estava ele, confuso e abatido.

Tocaram para a missa.

Lízer tomou uma decisão; ia recorrer à sua última cartada, só esperava não estar a cometer um erro terrível.

Dirigiu-se à igreja de Santiago e viu como os religiosos iam entrando. Esperou pacientemente até ver o que procurava. Com toda a precaução possível, dirigiu-se ao padre Melendo e chocou disfarçadamente contra ele.

– Tendes de enviar uma mensagem ao vosso padre de Teruel.

– O que deve ele saber?

– Já vistes como chegaram os cavaleiros no outro dia. Juan Núñez está a reunir em Albarracín pelo menos cento e cinquenta cavaleiros e muita infantaria. Prepara-se para percorrer Aragão e arrasar a sua terra – murmurou Lízer –, fazei-lho saber. Na cidade, não tem víveres guardados em grande quantidade, verifiquei os armazéns. Juan Núñez confia tanto nas nossas defesas que não acredita que a cidade vá ser sitiada.

– Quereis que o aconselhe a atacar?

– Não – respondeu Lízer, olhando o sacerdote nos olhos, enfadado. – Informai-o apenas do que vos disse, nem mais uma palavra.

– Está bem.

Lízer viu um jovem sacerdote que entrava tarde na igreja.

– Quem é aquele padre?

– O filho de um herege... Martín – respondeu Melendo com desagrado. – É ele que acompanha o enviado papal.

– Nos interrogatórios à mulher?

– Sim.

– Quem iria imaginar que isto ia acontecer quando enviámos a carta a Roma?
– lamentou-se Lízer, cerrando os punhos.

– Na altura, envolver o papa parecia uma boa ideia – tentou Melendo desculpar-se. – Não podíamos permitir que a relação de Albarracín com Roma continuasse a ser tão próxima.

– É óbvio que não foi. E por que razão é esse sacerdote que acompanha o dominicano e não vós? – perguntou o aguazil com desagrado.

– O deão tem-no em grande estima, não sei o que poderá ter visto nele...

– Fazei-lhe chegar a mensagem, não devem ver-nos juntos – concluiu Lízer, partindo sem se despedir e correndo atrás do jovem sacerdote.

Por essa altura, Martín já tinha chegado à porta do templo.

– Perdoai-me, padre.

– Mas... – O sacerdote não o reconheceu. – Tu és...?

– Sou Lízer, ajudante do aguazil-geral. Vimo-nos na torre de Dona Branca quando fostes ver o homem que parecia ter-se suicidado.

– Sim, lembro-me de ti. Mas não foi um suicídio?

– O meu chefe e o vosso dominicano pensaram num assassinato, cometido pela mesma pessoa que matou as vítimas anteriores. É por isso que tenho de falar convosco, onde ninguém nos oiça.

– Lamento, Lízer, tenho obrigações – afirmou ele, tentando escapar-se.

– Martín – sussurrou o aguazil –, trata-se de algo urgente. É sobre a mulher que tendes presa nas masmorras do palácio episcopal.

– Esse assunto não te diz respeito.

– O dominicano que acompanháveis no outro dia é o encarregado de a fazer confessar. Também assistis aos interrogatórios?

– Porque queres saber?

– É importante, essa mulher é inocente. – Olhou-o nos olhos. – Juro-vos.

O sacerdote mudou de expressão, olhou para um lado e para o outro.

– Vai atrás da igreja, há lá um estábulo; sê prudente e espera-me lá dentro.

Lízer assentiu; viu que se aproximavam vários religiosos atrasados e afastou-se imediatamente. Seguiu por uma ruela que subia em direção às muralhas e deu a volta para disfarçar as suas intenções; depois, desceu novamente ao templo pelo

outro lado e procurou o estábulo, foi fácil de identificar. Confirmou que ninguém o via e infiltrou-se no seu interior.

Estava calor ali dentro; Lízer teve tempo para pensar muito bem no que estava prestes a fazer.

Ouviu passos, olhou de soslaio e verificou que quem se aproximava era o jovem padre.

– Sou eu, vai direto ao assunto – disse Martín, olhando para trás. – Porque estás tão certo de que ela é inocente?

– Primeiro, porque uma mulher não consegue torturar homens daquela maneira, nem movê-los, e muito menos crucificá-los – respondeu Lízer. – Segundo, porque o homem enforcado na torre de Dona Branca também pertencia a um grémio, o dos tintureiros, embora já há algum tempo tivesse sido extinto na cidade, pelo que inicialmente não se estabeleceu a relação. E terceiro, porque há pormenores que não sabeis sobre as mortes.

– Quais?

– Junto aos mortos, aparece sempre um símbolo, diferente em cada ocasião.

– Um símbolo...?

– Um círculo com um ponto dentro; outro círculo do qual sai um traço; um tridente; e o último é um círculo como que com cornos, e com uma cruz na parte de baixo.

– E não sabes o que significam?

– Não. – Lízer apercebeu-se então de um brilho nos olhos do sacerdote. – Sabê-lo-eis vós, porventura?

– É possível, podem ser representações dos astros.

– Como dizeis?

– Sim, símbolos antigos para referir os planetas – explicou Martín. – O Sol, Marte, Neptuno e Mercúrio. Mercúrio, por exemplo, contém o símbolo da mulher, de Vénus, mas tem também uns cornos, que são na realidade o chapéu com asas que era usado pelo deus grego Hermes, o mensageiro dos deuses.

– E que sentido têm? – Lízer não podia acreditar naquilo. – Porque aparecem junto aos mortos?

– Não sei, eras tu quem tinha de me contar algo, não eu.

– Isto é muito complexo, vedes? – Lízer estava cada vez mais nervoso, tinha as pernas a tremer. – Tendes de a libertar.

– Mas quem julgas tu que és para me pedires algo assim?

– Estou certo de que sabeis tão bem como eu que ela é inocente – afirmou o aguazil, agarrando-lhe no braço. – Falastes com ela? Falastes, não falastes? Então compreendeis-me, a Alodia é inocente e vós sabeis-lo.

– Pouco importa a minha opinião; é o deão e agora o enviado papal quem decide.

– E o que pensa esse dominicano?

– Não sei, é um homem reservado.

– Falai-lhe dos símbolos, assim compreenderá a sua inocência.

– Mas não são apenas os crimes, dizem que essa mulher realizou práticas demoníacas – afirmou Martín. – Lamento dizer-to, mas é impossível que se salve, condená-la-ão por uma coisa ou por outra, quer seja culpada ou não.

– Ajudai-a, suplico-vos – pediu Lízer, pegando-lhe nas mãos e apertando-lhas com força. – Salvai-a.

– Não me peças isso, eu não posso fazer nada.

– Estais disposto a carregar na vossa consciência a morte de uma inocente? –

perguntou o aguazil num tom ameaçador. – Tendes a certeza disso, Martín?

– Não tenho a certeza de nada nesta maldita cidade.

– E pensais que se pode executar alguém sem ter a certeza absoluta? Havendo a mais ínfima dúvida?

– É impossível não ter algumas dúvidas... Mas porque fazes isto? Que necessidade tens de te incomodar com o destino de uma mulher como aquela?

– Sois religioso, não compreenderíeis.

– Também sou um homem...

– Olhastes bem para ela, então? Viste-la com os olhos de um homem?

– Eu... A que propósito vem isso?

– Preciso de voltar a vê-la, de falar com ela – afirmou Lízer, com a voz entrecortada. – Por alguma razão, preciso de o fazer, devo salvá-la.

– Mas estás a pedir-me que seja eu a salvá-la, e não tu.

– Não compreendeis, pouco me importa quem a salva, desde que continue com vida. – E Lízer agarrou-lhe no braço. – Todos os homens chegam a um momento nas suas vidas em que se veem perante a encruzilhada de escolher entre o que está certo e o que lhes convém. Não é uma decisão fácil, e nunca se sabe quando irá chegar esse dia, mas devemos ter bem claro que, em função do caminho que decidirmos escolher, façamos o que fizermos, o sacrifício será enorme. Mas é aí que reside a diferença entre um bom homem e o que não o é.

Capítulo Trinta e Oito

Guillermo Trasobares e o seu filho Rodrigo acabaram de guardar a mercadoria que iam vender no dia seguinte. Havia alguma carne que não conseguiam dar saída desde há vários dias, pelo que a mergulharam em vinagre e lhe deitaram sal. O mercador preferia usar pimenta, mas era mais cara e não estava para esbanjar. Trasobares tinha o seu próprio segredo, utilizar sal fino e carnes gordas; a salga em seco fazia com que esse sal penetrasse facilmente nas fibras de carne para a conservar. O único inconveniente era que depois as pessoas que a compravam tinham de a lavar com água antes de a usar, para diluir o forte sabor do sal.

Há já muito tempo que não utilizavam o fumo para conservar a carne; Guillermo decidira que dava demasiado trabalho. Tinham de preparar muita lenha, e às vezes precisavam na mesma de salgar a carne primeiro, deixando-a depois junto ao fogo durante semanas.

– É preciso ter muito cuidado, filho – disse ele enquanto abandonavam o armazém rumo à Taberna do Coxo. – Basta um descuido para vendermos carne podre a alguém e essa pessoa morrer, que estes estúpidos são incapazes de se aperceber.

– Mas a carne em mau estado tem um cheiro horrível.

– Para ti, que ainda tens olfato, aqui há gente que nem nariz tem, não lhes podes pedir que distingam se se pode ou não comer – repreendeu-o Trasobares.

– Além disso, o ambiente das cidades é muito insalubre, ou não vês? Quase todas as ruas estão por empedrar, caminhamos entre lama, como camponeses.

Nesse preciso instante, ouviu-se um grito e um balde cheio de excrementos caiu diante deles.

– Santo Deus... O que se pode esperar de gente assim?

– Sois Guillermo Trasobares? – perguntou uma voz infantil nas suas costas.

– É claro que sou, rapaz. Quem és tu?

– Alfonso, e este é o meu irmão, Blasco. – E bateu-lhe no braço. – O nosso pai mandou-nos vir buscar vinho.

– E como pensam pagar-me dois malandros como vós?

Alfonso mostrou-lhe as moedas e Guillermo Trasobares fez sinal ao filho.

– Trazemo-lo já. Como está esse velho forjador? Em breve começareis a trabalhar o ferro com ele, suponho.

O pai de Alfonso e Blasco era ferreiro; tal como o pai do seu pai o tinha sido, e o pai deste antes dele. E também eles seriam ferreiros, o que era uma sorte, pois era um bom trabalho; era bem pior sair para cultivar os campos ou apascentar os rebanhos dos nobres; eles, ao menos, podiam aprender um ofício, ainda que odiassem a forja e a bigorna.

Era esse o seu destino, e seria também o dos seus filhos e o dos filhos dos seus filhos.

Não podiam ser o que desejavam, não naquele mundo, não naquele tempo, não naquela cidade.

– Aqui tendes o vinho. – Rodrigo aproximou-se com uma garrafa de vidro coberta por vimes. – Trazei-a de volta, entendido? Que não tenha eu de ir buscá-la, pois será pior.

Os dois rapazes partiram de imediato, dobraram a esquina e desceram por um passadiço fechado. Ao chegarem junto a umas árvores, Alfonso parou e saltou uma vedação para se esconder do outro lado.

– O que estás a fazer? – perguntou-lhe o irmão.

– O que achas? Temos de o provar, não?

– O pai mata-nos se souber.

– Mas não saberá, e se souber, será por tu lhe teres dito.

– Isso não é verdade! – gritou-lhe o irmão mais novo. Alfonso aproximou-se dele e prendeu-o pelo braço; Blasco revolveu-se.

– Solta-me!

– Queres estar quieto? – Alfonso agarrou-o pelo pescoço e imobilizou-o contra a parede de uma casa. – Pode saber-se o que se passa contigo?

– Eu não quero ser ferreiro, quero ser cavaleiro. É isso que se passa comigo! – respondeu ele, encolerizado.

– Blasco, nunca teremos um cavalo. Percebes? Nunca! Somos o que somos, nada mais, estou farto de que estejas sempre a fantasiar! Se o pai te ouve a dizer isso, tira-te essa ideia à pancada.

– Eu é que estou farto de tudo! – E desatou a correr rua abaixo.

Capítulo Trinta e Nove

Frei Esteban bateu três vezes à porta; a pequena janela abriu-se e os olhos amarelentos surgiram atrás dela.

– Quero ver a prisioneira. – O guardião não disse nem fez nada, o seu olhar continuava ali, cravado no dominicano. – De certeza que não podes abrir a partir do interior?

O homem soltou um grunhido.

– Está-te proibido, não é verdade? O deão ameaçou-te com um castigo terrível, mas eu sei que tens uma chave, ainda que não te seja permitido usá-la.

Não obtive resposta.

– Venho sozinho, o padre Martín está ocupado e o deão encontra-se a despachar assuntos com o bispo, já me viste vir com ele. Sabes que sou um enviado de Roma, do Santo Padre.

Houve um período de silêncio.

– Tem fé, irmão, não desconfies. Eu só presto contas ao papa, deves abrir-me a porta, eu proteger-te-ei do deão, e até do bispo, se for necessário.

A porta abriu-se finalmente e o dominicano pôs os pés do outro lado. O guardião acompanhou-o até à porta seguinte e ficou ao seu lado sem fazer nada.

– Preciso de entrar, abre-me a porta.

O homem soltou um grunhido de negação.

– Sim, é claro que tens a chave – afirmou Frei Esteban. – Sei que só te a deixam usar em casos de emergência. É disso que se trata, aquela mulher vai ser executada. Precisa de receber a extrema-unção; caso contrário, morrerá em pecado mortal.

Voltou a grunhir.

– Guardiã, nã sei quais sã os teus pecados para que vivas nesta penitência.
– Olhou fixamente para os seus olhos murchos. – E espero que encontres a redenção, por isso deves ajudar-me. – Pôs-lhe a mã no braço. – Deus saberá perdoar-te.

O homem nada disse, mas o seu olhar entristeceu.

– Ele ama-te, somos todos seus filhos. – Agarrou-o pelos ombros. – Tens de ter fé, tens de acreditar no perdã.

O guardiã abanou a cabeça de um lado para o outro.

– Os teus pecados foram certamente terríveis, mas o teu serviço a Deus tem sido louvável, e Ele sabe-o – disse Frei Esteban, sorrindo-lhe. – Sabe que estás aqui, a fazer um trabalho duro e necessário para a diocese, nã é verdade? Abre a porta, também ali há alguẽm que deve ser perdoado antes de morrer.

O guardiã enfiou a mã nas suas vestes e tirou uma chave presa a uma corrente; introduziu-a na fechadura e abriu-a.

– Obrigado, irmã, preciso que abras também a primeira cela – pediu o dominicano de forma amável.

O carcereiro tirou outra chave pendurada de um molho que trazia à cintura e fez o mesmo.

– Podes ir, chamar-te-ei quando terminar.

O guarda obedeceu e, antes de partir, acendeu duas das tochas que estavam penduradas na parede. Frei Esteban entrou na masmorra. A humidade era terrível para os seus velhos ossos; na noite anterior, sofrera as consequẽncias da sua última visita àquele subterrãneo. Ainda assim, tinha de o fazer, tinha de falar com ela.

E tinha de o fazer a sós.

Alodia estava sentada no chão, de pernas cruzadas e com as mãos pousadas nos joelhos; os cabelos negros caíam-lhe sobre o rosto, ocultando os seus olhos brilhantes. Tudo era silêncio, só o ruído do guarda ao fechar a porta ecoara ali em baixo.

– Vim falar contigo sobre um assunto que ficou pendente, antes que seja demasiado tarde.

– Vindes sozinho.

– Assim é, e temos pouco tempo.

Alodia levantou-se e emergiu de entre as sombras daquele tenebroso cárcere, com a pele tão pálida que parecia enfermiça, o seu cabelo negro e o seu olhar bicolor. Dirigiu-se lentamente ao seu visitante e parou antes que os grilhões lhe puxassem os tornozelos magros.

– O que quereis de mim?

– Confessaste como ganhavas a vida com os enterros ilegais na igreja. E contaste-nos sobre a tua terrível vingança contra o homem que te violou e o seu companheiro. Isso demonstra que estás disposta a dizer a verdade, ninguém mentiria sobre pecados de tal magnitude... Contaste-nos também como fazias negócios para o mudéjar Ayub – afirmou o dominicano, num tom mais próprio de um julgamento –, pelo que viajaste para fora dos muros de Albarracín, não é verdade?

– É possível.

– Suponho que isso seja um sim. Alguma vez foste a Toledo?

– Não me lembro bem – respondeu ela, dando dois passos para a direita e de olhos fixos no chão da masmorra.

– Também vou interpretar isso como uma resposta afirmativa. Para que outros

locais viajaste?

– Girona, Barcelona, Valência – respondeu ela, com uma certa nostalgia na voz. – Uma vez, cheguei a atravessar o mar e viajar até Maiorca.

– E o que trazias para Albarracín?

– Quase sempre livros.

– Não disseste nada disso da última vez.

– Porque não me perguntaram pelas minhas viagens, só pelo que fazia em Albarracín.

– Estou a ver. Que tipo de livros trazias? – perguntou Frei Esteban, inquieto.

– Não sei, de todo o tipo.

– Religiosos?

– Sim, mas também escritos noutras línguas, tratados de plantas, tratados médicos... – Alodia tentava recordar-se. – Livros em geral.

– E nessas ocasiões, só transportavas livros? Mais nada?

– Não, quando me mandavam ir buscar livros, às vezes tinha a sensação de que era apenas um pretexto.

– Um pretexto para quê? – Frei Esteban mostrava-se extremamente interessado.

– Acho que o que realmente importava eram os materiais que o Ayub me fazia trazer.

– Joias? Ouro?

– Eram objetos que às vezes pareciam joias; eram brilhantes, de um toque que nunca tinha sentido antes – explicou Alodia, esfregando as mãos. – Outras vezes eram escuros, negros como a noite. Alguns eram belos; outros não,

pareciam vulgares.

– A quem se destinavam essas mercadorias?

– O mestre utilizava-as como matéria-prima.

– Era ele próprio que as trabalhava?

– Sim, criava uma espécie de amuletos com elas.

– Talismãs – afirmou Frei Esteban –, usava esses materiais para fabricar talismãs por encomenda. Isto é muito mais grave do que eu pensava. Estamos a falar de magia, de necromancia, num reino cristão. – O dominicano franziu o sobrolho e ficou muito pensativo. – O que fazia depois com eles? A quem os vendia?

– A fidalgos, a nobres que enviavam cá compradores e também a bispos. – Alodia proferiu as últimas palavras com malícia no olhar, o que não agradou a Frei Esteban. – Alguns vinham de Roma, como vós.

– E de Castela? – perguntou ele, ignorando as últimas palavras de Alodia.

– Com certeza.

– Afonso? O rei castelhano era um dos compradores? – perguntou o religioso, muito interessado.

– Não sei, não tenho essa informação; limitava-me a fazer o meu trabalho, não sei quem eram todos os compradores, e muito menos se havia um rei...

– Compreendo... – Frei Esteban pôs as mãos atrás das costas e deu alguns passos, contornando Alodia. – E o que aconteceu depois? Conta-me como acabaste aqui, mas diz-me a verdade. Eu não sou um dos clérigos desta diocese, pelo que não me dizem respeito os problemas que possa ter. Estamos sozinhos nesta masmorra, tu e eu; mais ninguém nos poderá escutar, estas paredes não têm ouvidos.

Alodia manteve-se calada, sem responder. Ergueu o olhar para o teto húmido e rochoso; em seguida, percorreu a cela inteira com o olhar, como que a querer lembrar-se bem de onde estava antes de responder.

– O que se passa contigo? – impacientou-se Frei Esteban. – Agora ficas calada...? Isso seria pouco inteligente da tua parte; sou a única pessoa em toda a cidade que quer, e pode, ajudar-te.

– Alguma vez jogastes xadrez?

– Não, a que propósito vem essa pergunta agora?

– É um jogo muito interessante, sabeis?

– A Igreja proibiu a sua prática há quase dois séculos. É perigoso, desperta as piores paixões nos homens. É capaz de infundir grandes alegrias ou tristezas, bem como fúrias incontrolláveis. A bula que o proibiu considerou-o demoníaco.

– E, ainda assim, essa proibição não foi suficiente para que, nos mosteiros e nos castelos, deixasse de ser jogado.

– O homem nem sempre dá ouvidos à Igreja; eis aí um dos seus maiores pecados e a explicação para os seus males.

– Deus quer que os homens encontrem alegria nos jogos, para compensar as tristezas e os trabalhos quotidianos.

– Vejo que julgas que podes brincar comigo. Não te confundas, sou velho, mas não sou tonto; não recites frases a pensar que me vais impressionar.

– Compreendo – respondeu Alodia, sorrindo.

A Frei Esteban, aquela mulher suscitava-lhe uma estranha curiosidade, poucas vezes conhecera uma criatura assim. Chegou mesmo a perguntar-se se não estaria realmente possuída pelo Maligno; fosse ou não verdade, sentia a necessidade imperiosa de descobrir mais sobre ela.

– As mulheres são grandes jogadoras de xadrez – afirmou Alodia, para surpresa do dominicano. – O Ayub contou-me uma vez a lenda de uma bela princesa árabe, Dilaram. Era a favorita do grão-vizir Murdauí, um entusiasta do xadrez. Seguro da sua força no jogo, e menosprezando a do seu rival, o vizir desafiou para uma partida o melhor xadrezista do reino, sendo o prémio, em caso de derrota, a sua favorita.

– Os homens podem ser uns verdadeiros imbecis.

– Nisso estamos de acordo – murmurou ela. – Nessa partida, chegou-se a uma posição aparentemente perdida para o vizir. Mas a sua favorita, Dilaram, aprendera ao vê-lo jogar e, ante o desespero do seu senhor, que não via como evitar o xeque-mate, exclamou: Sacrifica as tuas duas torres e salva assim a tua mulher!

– E suponho que a salvou...

– Assim é.

– É uma história muito interessante, mas não tenho tempo para isto.

– Perguntastes-me pelo anterior rei de Castela, porque o fizestes? – inquiriu ela, assumindo o comando da conversa. – Pelo Fecho do Império, a pretensão de Afonso X de ser imperador de toda a Cristandade?

– És uma mulher invulgarmente culta.

– O conhecimento é poder, ler é como treinar para a guerra. Um bom guerreiro deve praticar com a espada, com o arco, procurar uma boa cota de malha, saber montar habilmente um cavalo... – disse ela num tom mais pausado, mais próprio de alguém com mais idade. – No meu caso, e no do Ayub, é preciso ter sabedoria, conhecer a história, as paixões dos homens, as suas fraquezas e os seus desejos. A vida é uma luta sem tréguas, e todo o conhecimento torna-nos mais fortes para a batalha.

– Posso estar de acordo com parte do que afirmas, mas já te disse que não sou fácil de impressionar; vivi todas essas maquinações, disputas, confrontos e perdas de tempo do Fecho do Império. O trono de imperador só dá problemas à Cristandade, devia ser abolido para sempre.

– Isso nunca acontecerá; é um tesouro demasiado grande para um homem, para um rei, poder ser coroado imperador – disse Alodia, fazendo o gesto de pôr uma coroa imaginária na sua cabeça.

– É a maior dignidade laica da Cristandade. Mas o Fecho do Império acabou com muitas vidas, trouxe muitas desgraças e fez com que um rei perdesse a cabeça. A Cristandade conta com um imperador desde o ano oitocentos, quando Carlos Magno foi solenemente coroado pelo papa, em Roma. Assim renasceu o antigo Império Romano, ainda que ligado à Igreja. O título foi muito cobiçado e passou a ser eletivo.

– O que contrasta com as monarquias dos reinos cristãos, que são todas hereditárias – salientou Alodia.

– É bastante singular, disso não há dúvidas. Em certos momentos da história, houve grandes disputas entre a Igreja de Roma e os imperadores eleitos. E o último grande imperador foi Frederico II, que era ao mesmo tempo rei da Sicília. – Fez uma pausa e voltou a contornar Alodia pelo outro lado. – O papado sempre quis que o reino da Sicília não estivesse ligado ao imperador germânico em funções, pois, se estivesse, encontrar-se-ia rodeada por domínios imperiais.

– Agora, o rei da Sicília é Pedro III de Aragão.

– Sim, e por isso foi excomungado.

– É assim tão importante o reino da Sicília?

– Roma não pode dar-se ao luxo de perder o controlo de Itália.

– Sim, mas sabeis como é complicada a eleição de cada imperador.

– É claro que sei – respondeu o dominicano, com pesar na voz. – Há já vinte e cinco anos que o imperador Frederico II faleceu, abrindo-se então nas terras alemãs uma fase de fortes tensões na pugna pelo trono imperial. Era disputado pelo filho do imperador e por Guilherme da Holanda, que contava com o apoio da facção papal. Mas ambos abandonaram este mundo, deixando de novo o império sem candidatos, pelo que a cidade italiana de Pisa decidiu enviar uma embaixada às terras da coroa de Castela, com o objetivo de eleger o monarca Afonso X. Para tal, não hesitaram em dedicar-lhe todo o tipo de elogios.

– Deviam ter arte para isso, pois conseguiram convencê-lo – afirmou Alodia, com um meio sorriso desenhado no rosto. – As adulações são perigosas, podem fazer um homem perder a cabeça. Enganaram o rei castelhano, dissei-o claramente. Precisavam de um monarca cristão com recursos e, nesse momento, o rei de Castela era um dos mais poderosos.

– Pisa não foi a única, a cidade de Marselha também enviou uma delegação a Castela. Afonso X considerava-se, de certo modo, uma espécie de imperador de todos os reinos a sul dos Pirenéus. É bem possível que o que ele procurava, além da sua possível coroação como imperador de âmbito germânico, fosse ser o legítimo rei do antigo reino dos visigodos, ou seja, de toda a Espanha.

– Não me parece que seja possível unir todos os reinos; são tão diferentes, muitos deles inimigos entre si ou falsos aliados.

– Falo a tua língua porque a aprendi quando fui em peregrinação a Santiago na minha juventude, e passei depois vários anos no reino de Navarra, apesar de ser da Baviera – disse o dominicano. – E nunca cheguei a compreender bem as gentes do sul dos Pirenéus, mas conheço a natureza dos homens. Lembro-te que tudo o que hoje é a Cristandade e todos os territórios que rodeavam o Mar

Mediterrâneo nessa época eram um único reino, o Império Romano. Imaginas agora ingleses, franceses, noruegueses ou venezianos com um mesmo rei? Para não falar nos muçulmanos. Julgas realmente possível que todos esses reinos possam um dia estar sob a mesma coroa?

– Tudo é possível, mas nem vós nem eu o veremos, Frei Esteban.

– Sei, porém, por experiência própria que o que se quebra, ainda que volte a ser unido, já nunca será igual. Às vezes, só conseguimos que se volte a quebrar, e desta vez com consequências mais graves, se é que tal é possível – refletiu ele.

– Esse Ayub ensinou-te bem; não é próprio de uma mulher abordar estes assuntos, e desta forma tão coerente.

– Não parastes para pensar que o que não é usual é que um homem nos oiça.

– Não és certamente o que eu esperava encontrar ao falar com uma mulher.

– Era o que o Ayub dizia, foi por isso que me escolheu. Queria alguém a quem os homens não temessem, a quem não dessem importância.

– Não creio que te tenha escolhido só por isso, és inteligente e sabes desenrascar-te. Disso não há margem para dúvidas, vieste sem nada e abriste caminho. Esse Ayub soube ver muito potencial em ti.

– Sois mais parecido com ele do que poderíeis imaginar.

– Permite-me que duvide. Ainda que seja uma pena não poder falar com ele... – Por alguns instantes, o dominicano fitou-a em silêncio. – Vou ser franco contigo, preocupa-me esse seu discípulo que referiste. O que mais sabes sobre ele?

– Nada, já vos disse que era muito discreto, nunca lhe vi o rosto.

– E não tens uma ideia, ainda que vaga, de quem possa ser?

– Não – respondeu Alodia de forma incisiva.

– Onde estava ele quando ocorreu o incêndio em casa do Ayub?

– Desconheço, o Ayub era um homem reservado, estava sempre com os seus livros – explicou ela, menos tensa do que o habitual, como se o dominicano tivesse conseguido criar uma certa afinidade entre ambos. – Ia e vinha com eles. Tinha sempre novos volumes.

– Que tu lhe proporcionavas.

– Não; de vez em quando, mandava-me ir buscar livros, mas eu não era de todo a sua fonte principal. Não podeis imaginar a quantidade de livros que vi passar por sua casa durante o tempo em que lá estive...

– Muito interessante. – Frei Esteban ficou pensativo. – E porque quer esse homem matar-te, esse aprendiz de mago? Ao fim e ao cabo, éreis companheiros, houve algum problema entre vós?

– Nenhum; nunca trocámos uma única palavra.

– Então, tem de ser porque representas um perigo para ele – afirmou o dominicano, muito ensimesmado nos seus pensamentos. – Tens de saber algo que o afeta, algo que não quer que se saiba, pois pode ser um risco para ele.

– Já vos disse que não sei quem ele é, não sei o que pode temer de mim.

– Talvez seja esse o problema, tu não sabes, mas tem de haver algo – disse Frei Esteban, batendo com um dos dedos na têmpora direita enquanto mantinha o olhar perdido. – Pode ser algum detalhe capaz de desvendar a sua identidade, pode ser alguma informação capaz de comprometer os seus planos... Talvez algo a que não dás importância, mas que para ele a tem, e muita.

– Tudo o que o Ayub possuía foi consumido no incêndio. – Alodia estava confusa. – No fundo, o seu discípulo e eu somos tudo o que resta.

– Isso é verdade; e deves começar a pensar que talvez o Ayub não tenha

morrido de forma accidental, que talvez aquele incêndio não tenha sido um azar.

Capítulo Quarenta

O frio daquela masmorra entranhava-se até ao fundo dos ossos. Frei Esteban continuava surpreso com a magreza enfermicha daquela mulher. Pensando bem, era quase um milagre que continuasse viva, que tivesse forças para se manter de pé e responder às suas perguntas.

– Compreendo agora a razão de me terem enviado; não pode ser coincidência – murmurou o dominicano. – Em Roma, já deviam saber de alguma coisa... E não me disseram. Fui um estúpido, um ingénuo.

– Vejo que não foi só comigo que brincaram...

– Não fazes ideia da gravidade do que me contaste, os infiéis destas terras sempre tiveram curiosidade pelas ciências ocultas, a magia, a astrologia ou o estudo dos presságios, mas na Cristandade...

– Acreditam que há génios bons e malvados, femininos e masculinos. Chegam mesmo a dar-lhes nomes e invocam-nos, há até algumas doenças que são consideradas obra dos génios ou de alguém que recorreu a eles.

– As pessoas acreditam na magia; não é segredo nenhum.

– E estais à espera de quê? – perguntou Alodia. – Não podeis pensar que os homens vão ficar de braços cruzados perante o seu destino. Farão todos os possíveis para o influenciar. Se uma mãe vir que o seu filho vai morrer, recorrerá a seja o que for para o salvar, seja o que for, compreendeis?

– Isso é contrário à mensagem de Deus. É Ele quem decide, não podemos alterar a sua vontade divina.

– Ainda assim, todos vão rezar, fazer pedidos, encomendam-se a santos e virgens, perdem a cabeça por tocar nas relíquias que os ajudarão a alcançar os seus desejos. Não procuram também esses cristãos agir sobre o seu destino?

– No fundo, são superstições; a Igreja erra ao não as condenar, mas também não fazem mal a ninguém – desculpou-se ele, hesitante. – Seja como for, o mais perigoso não são essas coisas, mas sim os talismãs. Sabes como são construídos, através de conjuros e da utilização de simbologia sagrada. Os infieis escrevem com tinta de açafraão ou sangue de animal versículos das suras do Corão, jaculatórias ou até palavras mágicas que guardam enroladas num cartucho de metal, madeira ou tecido.

– Sim, existem muitas formas de talismãs, feitos inclusive com pedras preciosas e ouro ou prata. Eu vi-os, o Ayub mostrou-me vários em sua casa.

– O material é importante, mas a astrologia é mais, tanto os cristãos como os muçulmanos acreditam em horóscopos e vaticínios. Tudo no mundo está relacionado com o homem, as estrelas têm influência em tudo. Afonso X desenvolveu tabelas dedicadas ao cálculo das posições planetárias.

– Às vezes, as coisas não correm como planeamos – advertiu Alodia.

– Vou contar-te o que acho que aconteceu. O rei Afonso mandou fazer um talismã segundo as diretrizes dos livros que tinha vindo a reunir em Toledo – explicou o dominicano. – Tinha todo o saber necessário, os tradutores e pensadores, os magos que podiam construí-lo. A confecção do talismã deve ser sumamente cuidadosa, para assim poder representar com a máxima exatidão possível a harmonia entre as forças universais; quanto mais exato for o simbolismo, mais fácil é atrair a força. Em Toledo, só lhe faltava uma coisa para o criar.

Fez uma pausa. Alodia escutava-o, interessada.

– Faltava-lhe o material adequado – prosseguiu o dominicano. – A única escola de necromancia de toda a Cristandade está em Toledo; foi criada paralelamente à escola de tradutores. Tal como te disse antes, as obras dedicadas

à astrologia eram as mais numerosas no *scriptorium* do rei Afonso; também possuía livros de magia e sobre a Cabala hebraica.

– Parece incrível.

– E é, mas o mais importante para esses magos é sempre o material com que se criam os talismãs, é aí que reside o seu poder.

– E qual se supunha que seria a substância adequada para ajudar o rei Afonso a ser imperador?

– Tinha de ser um material que o relacionasse com o trono imperial, se possível com o primeiro dos imperadores.

– Com Carlos Magno.

– Sim, isso daria um grande poder ao talismã, sem dúvida... – Frei Esteban ficou pensativo.

– Destes-vos conta de algo, não é verdade? – perguntou Alodia, sempre incisiva.

– É só uma ideia vaga.

– Contai-ma. Porque haveríeis de vos calar diante de mim? – E abriu os braços. – Estou prisioneira e condenada, não posso dizer nem fazer nada.

– Na cidade de Reims, guardam um famoso talismã que pertenceu a Carlos Magno; dizem que foi um presente do califa Harun al-Rashid. Feito em ouro, esmeraldas, pérolas e safiras, contém no seu interior uma lasca da Santa Cruz. Este talismã foi encontrado ao pescoço do imperador após este ter sido exumado no século passado.

– Então podiam ter usado esse talismã...

– Não é assim que funciona. – Abanou a cabeça e franziu o cenho. – Não consiste em roubar um talismã a um morto. Esse talismã terá o seu próprio

poder, o rei de Castela precisava que lhe fizessem um novo, com um objetivo expresso, e tinha de ser feito segundo instruções complexas. Alguma vez trouxeste um material especial? É essa a chave que preciso de saber.

– Pode ser um objeto?

– Se for um metal e uma joia que possam ser fundidos ou talhados de novo, sim, é claro que pode.

– A sua espada.

– Como dizes?

– Uma vez, trouxe uma empunhadura; devia ser de uma arma própria de um rei, de um califa ou...

– De um imperador... Santo Deus, que loucura! – Frei Esteban levou as mãos à cabeça.

– Não acreditais em mim? Pedistes-me que vos contasse a verdade; se não vos agrada, podeis interromper-me.

– Não, não é isso; é que eu conheço a espada do primeiro imperador. Reza a lenda que foi forjada pela mão de um famoso ferreiro, que demorou três anos a terminá-la. Vários magos intervieram na sua construção, conferindo propriedades místicas ao metal para converter a espada numa arma mágica. Dizem que, quando é erguida por um rei corajoso, a lâmina resplandece com tanto brilho que deixa cegos os inimigos no campo de batalha. «Brilha tanto como doze sóis», escreveu certa vez um cronista. Trata-se de uma espada capaz de desfazer maldições e feitiços, e de apontar na direção de qualquer pessoa que conspirasse contra o seu dono – relatou o dominicano.

– O objeto que trouxe era mais como um guarda-mão, lembro-me muito bem dele – afirmou Alodia. – Era como uma cruz de ouro. Custou-me obtê-lo, o rei castelhano tinha aliados em França, dispostos a ajudá-lo na sua eleição como

imperador. Através de um deles, obtive o guarda-mão, que tivemos de substituir na espada por outro idêntico, para não levantar suspeitas. No último instante, tive de negociar com o nobre francês, que queria aumentar o preço. Mas consegui chegar a um acordo com ele.

– Com esse material, foi então possível forjar um talismã para realizar o sonho do monarca de Castela de se intitular imperador, de dominar toda a Cristandade. O que se passou, então? – Frei Esteban não podia ocultar o seu interesse. – Porque já sabemos que isso nunca aconteceu, e que Afonso X morreu sozinho, humilhado e derrotado.

– Eu acho que o talismã nunca esteve nas suas mãos – afirmou Alodia, para surpresa do dominicano. – Porque achais que recorreu ao meu mestre? É muito simples, havia espiões a vigiar em todas as grandes cidades de Castela. Trazer o guarda-mão de França implicava atravessar múltiplos territórios hostis, pelo que o Ayub me preparou uma via alternativa – continuou Alodia a contar. – O objeto viajou por Borgonha até à Provença e chegou à Lombardia, de onde passou pelos próprios Estados Pontifícios e foi dar ao reino da Sicília. Um navio levou-o até Maiorca, onde mo entregaram, após o que naveguei até ao porto de Valência. Mas o rei de Aragão foi excomungado, e isso complicou tudo, pelo que foi procurado um local discreto e seguro para o poder proteger até à chegada dos enviados do rei de Castela.

– Albarracín era a melhor cidade para isso.

– Exato, um senhorio independente na fronteira. Demasiado pequeno aos olhos de reis e papas, mas ao mesmo tempo uma praça-forte inexpugnável, onde ninguém poderia entrar pelas armas. – Alodia moveu os dedos das duas mãos de forma rítmica. – Foi assim que chegou até aqui.

– Estava tudo bem pensado, mas o teu mestre morreu e a sua casa foi pasto

para as chamas – disse o dominicano, olhando para o teto inclinado da masmorra. – Seria preciso ser-se muito ingénuo para pensar que foi um acidente.

– Nisso estamos de acordo.

– Perderam-se todos os seus livros, todos os seus conhecimentos... A não ser... Que te tivesse instruído a ti na sua magia.

– Eu era apenas a sua aprendiz.

– Ou a esse discípulo misterioso do qual nada sabemos.

– Julgo ter a certeza de um pormenor sobre ele: era desta cidade. Sei-o pela forma de falar e pelas coisas que dizia das poucas vezes em que o pude ouvir.

– Um aprendiz de mago, isso é muito perigoso. E imagino que o guarda-mão da espada se tenha perdido no incêndio, ou tenha sido roubado – refletiu o dominicano em voz alta.

– Pode estar escondido.

– Escondido onde?

– O mestre não era estúpido, desde que o trouxe, nunca mais voltei a vê-lo. O Ayub era muito precavido, eu nunca sabia onde estava. Desaparecia com frequência, evitava que o seguissem, só falava com determinadas pessoas da cidade.

– Com quem?

– Gente importante, conhecia as autoridades, os mestres dos grémios, os...

– Espera, disseste os mestres dos grémios?

– Sim, mas é impossível que tenha tido algo que ver com as suas mortes.

– Creio que te enganas, morreram quatro responsáveis dos grémios da cidade e dizes que o Ayub os conhecia – observou o dominicano, fitando Alodia no

fundo dos seus olhos bicolor. – Era o teu mestre; no fundo, vós próprios éreis como um grémio de magia. Tu eras uma simples aprendiz, e esse outro homem de que falas era um oficial que um dia chegaria a mestre. Sabes qual é a melhor coisa que um grémio sabe fazer?

– O seu trabalho – respondeu Alodia. – Os padeiros, o pão; os ebanistas, os móveis; os oleiros, a cerâmica...

– Não, estás enganada – interrompeu-a o dominicano. – O que um grémio faz melhor é guardar os segredos do seu ofício. Julgo que o Ayub pode ter utilizado esses membros dos grémios, e por isso estão mortos, tal como ele.

– Para que haveria o Ayub de querer lidar com padeiros, curtidores, carpinteiros ou tintureiros?

– Já te disse, o que um grémio faz melhor é guardar um segredo – respondeu Frei Esteban. – Confiou-lhes algum conhecimento. Desconheço qual, mas deve ter sido isso que aconteceu. E o mesmo assassino que o matou foi atrás dos mestres para obter esses segredos.

– E porque os tortura?

– Para que confessem. Além do mais, fá-lo sempre de uma forma relacionada com o grémio a que pertencem, para que sirva de aviso aos restantes; quem não cooperar já sabe o que o espera...

Por um instante, ficaram pensativos. Foi Alodia a primeira a reagir.

– Já tendes o que queríeis; contei-vos tudo, mereço a vossa compaixão – atirou ela, com um olhar desafiador. – E se quereis encontrar o assassino, posso ser-vos muito útil.

– Sabes que não posso fazer isso. – O emissário papal levantou-se e empurrou a cadeira para o lado. – Não devias ter confessado no telhado da catedral.

– Estava lá o aprendiz do Ayub, seguia-me, ia matar-me, compreendei! Se apenas tivesse gritado, ninguém me teria ajudado, tive de chamar a atenção.

– E não te ocorreu mais nada a não ser dizer que tinhas matado os mestres dos grémios?

– Não pensei que me trariam para aqui, esperava que fossem os aguazis a levar-me.

– Que diferença te faz em que masmorra te encarceram?

– Não confio na cúria de Albarracín, confiava em que algum dos aguazis me ajudaria mais tarde – murmurou ela, de olhos baixos. – Por favor, de certeza que alguém com os vossos recursos sabe como me libertar. Sem mim, não encontrareis nada, eu conheço a cidade, conheço os seus habitantes.

– Devo deixar-te imediatamente, preciso de ver a luz do Sol, esta humidade está a matar-me os ossos – sentenciou o dominicano, com um gesto invulgar.

Capítulo Quarenta e Um

Após abandonar as masmorras, Frei Esteban saiu para a rua; via-se um Sol brilhante no céu, o frio parecia estar a afastar-se de Albarracín. Ainda assim, não tinha tempo para desfrutar dele, as coisas tinham-se complicado. Quem haveria de pensar que aquela remota cidade entre reinos lhe ia reservar tantas surpresas? Era como se estivesse há muito tempo a acumular segredos, esquecida, sem que ninguém se tivesse interessado em descobri-los, e agora saíam em tropel para a superfície. Como quando se levanta uma pedra e se encontra um ninho de insetos que se multiplicaram durante muito tempo, bem escondidos entre as sombras.

Agora, competia-lhe acabar com aquela praga de mentiras, ocultações, negócios blasfemos e falsas acusações.

Só havia um problema.

Estava demasiado velho para isso.

Deviam ter mandado outra pessoa; já o tinha dito aos seus superiores. Pedira-lhes com todas as suas forças que enviassem alguém mais jovem, com mais energia, que escolhessem qualquer pessoa exceto ele.

Não lhe tinham dado razão, e ali estava ele, a ter de encontrar um construtor de talismãs, e a partir de uma antiga espada, um objeto rodeado de mortes atrozes, de mentiras.

«Que mais poderia descobrir em Albarracín?», perguntava-se.

Nos momentos de dúvida, havia algo que o ajudava sempre a seguir em frente. Rezava ao seu santo, Santo Estêvão. O primeiro mártir do cristianismo; um dos poucos santos, com exceção dos apóstolos e da própria família de Jesus, a serem mencionados nos Evangelhos. Santo Estêvão tinha repreendido os judeus por terem chegado ao ponto de não só não reconhecerem o Salvador,

como o terem também crucificado. Cheios de ira, estes arrastaram-no para fora de Jerusalém e lapidaram-no. Isto implicou o fim do cristianismo como seita do judaísmo, ao separar o culto cristão do judaico.

Santo Estêvão atacou os seus companheiros, pô-los diante de um espelho e, como o que estes viram não lhes agradou, em vez de mudarem e seguirem o bom caminho, decidiram partir o espelho.

«E se esses talismãs tivessem realmente poder para atuar sobre os acontecimentos?», interrogou-se Frei Esteban.

Um rei não cai assim tão facilmente numa mentira dessas, e muito menos um tão sábio como Afonso X.

Cristãos, muçulmanos e judeus partilham a sua confiança neles. Que outra coisa pode unir as três religiões do livro?

Nenhuma.

Se os talismãs existem, então os homens podem alterar a vontade do Senhor. Será isso possível? E mais importante, será cristão?

Subiu aos seus aposentos e fechou a porta; sentou-se diante da mesa de trabalho e espalhou alguns documentos.

Chegara o momento de examinar o caso no seu todo.

Se Alodia não era a responsável pelas mortes, quem era?

Primeiro, um aguazil assassinado. Certamente de forma circunstancial. Lugar e momento errados; não era uma interrogação, apenas um anexo ao problema principal.

Segundo, um curtidor esfolado.

Terceiro, um padeiro queimado vivo.

Quarto, um carpinteiro crucificado.

Quinto, um antigo tintureiro, enforcado.

Sexto, um sacerdote morto na catedral, certamente também de forma circunstancial.

Sétimo, uma mulher presa e acusada de todos estes crimes, aprendiz e ajudante do mago.

Oitavo, um mestre construtor de talismãs, um mago, morto num incêndio.

Finalmente, até à data, um destacado oficial de mago, sem nome nem rosto, mas a viver com toda a segurança na cidade. E que, ao que tudo indicava, podia ser a sombra do Maligno que andava a percorrer Albarracín.

Embora houvesse sempre a dúvida: e se fosse realmente o Maligno? E se ele estivesse a menosprezar os sinais? Mortos, torturas, profanação de túmulos, magia... Talvez a verdade fosse o mais evidente; era possível que o Senhor das Trevas tivesse escolhido aquela cidade para os seus fins.

Porque não? Deus existe, portanto o Maligno também.

Mas não; devia voltar às evidências, ao tangível. Factos, motivos, todo o efeito tem a sua causa, e vice-versa.

Os homens resistem mal à dor, tanto física como mental. Era provável que a tortura dos trabalhadores dos grémios tivesse tido êxito, que essas vítimas tivessem revelado o que escondiam; isso faria sentido. Ficou espantado com a inteligência daquele mago, confiara os seus segredos aos herméticos grémios; hábil, sem dúvida.

Não sabia porquê, mas tinha a sensação de que lhe escapavam ainda muitos pormenores, e alguns não eram propriamente pequenos.

Levantou-se e pegou na Bíblia que trazia sempre consigo; procurou um versículo em concreto:

«E ao cair da noite, levaram-lhe muitos possessos; e com a palavra, Ele expulsou os demónios e curou todos os enfermos (Mateus 8:16).»

Leu-o e ficou pensativo.

Veio-lhe ao pensamento outra dúvida: quem teria enviado uma carta a Roma a alertar para os estranhos acontecimentos na diocese de Albarracín?

Quem o tivesse feito devia possuir informações.

Precisava de sair dali, talvez um passeio lhe abrisse a mente.

Desceu novamente à rua e passou junto a uma das bancas do mercado que ainda continuavam ali, apesar de os mercadores parecerem estar a arrumar tudo.

Algo lhe chamou a atenção.

– Essas nozes são boas?

– São muito boas – respondeu um rapaz muito corpulento, com um olhar mais infantil do que o seu aspeto.

– São as melhores! – Atrás dele, apareceu um homem com o típico sorriso de um comerciante. – E para vós, padre... – Perscrutou-o bem. – Ou frade, quero eu dizer, estão a um preço especial.

O dominicano viu como o corpulento rapaz se chegava para o lado; não notou familiaridade nos traços de ambos.

– Confio na tua palavra, dá-me uma dúzia.

– Já ouviste, filho.

O jovem parecia calado e tímido. Deu-lhe os frutos secos e baixou a cabeça, regressando aos seus afazeres.

– Comerciais com todo o tipo de produtos? – inquiriu o dominicano, como que sem dar importância à questão.

– Sim, podemos obter quase tudo, depende do preço que se esteja disposto a pagar.

– Abasteceis a diocese?

– Não é o nosso principal cliente; trabalhamos mais para outro tipo de gente.

– Compreendo; e se, por exemplo, vos pedissem uma pedra preciosa, poderíeis obtê-la?

– Sim, claro. – Guillermo Trasobares começou a olhar para o religioso com receio. – Pedem-nos coisas muito mais estranhas.

– Estou a ver... E pergaminho? Seria difícil de obter?

– Não, já temos alguns clientes que no-lo solicitam.

Nesse mesmo instante, os sinos da igreja de Santa Maria começaram a tocar. Não era um toque religioso, mas sim de alerta; seguiram-se-lhes os da catedral, os da igreja de Santiago e os das restantes igrejas da cidade.

Ao mercador, alterou-se-lhe a expressão do rosto, como se tivesse ouvido o diabo em vez do som celestial dos sinos. Tanto assim foi que saiu da sua banca, olhou para o alto do castelo do Andador, levou as mãos à cabeça e virou-se para o filho.

– Vamos, Rodrigo, rápido! Arruma tudo, tudo!

Frei Esteban não compreendia a razão de tanta urgência.

– Vêm aí! – gritou uma mulher que ia a passar ao seu lado.

– O sinal! – exclamou outro homem, aproximando-se a correr e apontando para a montanha.

Começara a arder um dos montículos feitos com madeira e em forma de torre que estavam no cimo do monte e serviam para dar o alarme. Uma vez aceso, o sinal foi repetido na torre da outra colina e no cerro mais próximo.

Quando Frei Esteban se apercebeu, já as pessoas corriam de um lado para o outro e os bramidos soavam por toda a parte. Um frio estranho subiu as ruas de Albarracín e um grito coletivo começou a ganhar força.

– E como se não bastasse, ainda temos agora isto – murmurou ele, levando as mãos ao peito.

Uma idosa aproximou-se e caiu de joelhos diante do dominicano.

– O que vai ser de nós? Que Deus nos ajude, padre. Que Deus nos proteja e ampare.

– Calma, minha filha, não vai acontecer nada de mal.

– Dizem que são muitos, que é o próprio rei a encabeçá-los, o que vamos fazer? Santo Deus! O que será de nós? Já chegaram... Vão cercar a cidade, vão matar-nos!

– Isso não sabemos, temos de esperar. – Frei Esteban tentou acalmá-la e voltou o seu olhar para o mercador, que abanava a cabeça.

– Vão cercar-nos! – gritava a idosa. – Que Deus nos ajude! Santa Maria, cheia de graça... – começou ela a rezar.

– É verdade? – perguntou o dominicano, que estava fora do contexto. – É um cerco?

– Claro que sim! – respondeu o mercador, acelerado, enquanto desmontava a sua banca. – Chegou a guarda avançada do rei de Aragão, e acamparam do outro lado do rio.

Todas as portas da cidade se fecharam de imediato.

Arqueiros carregados de flechas postaram-se nos adarves, espreitando com os seus arcos pelas ameias. Em formação, companhias de doze homens tomaram as ruas, com as lanças e os escudos bem altos. Cavaleiros equipados para a batalha

começaram a surgir dos estábulos da cidade, os cavaleiros vermelhos com as suas cotas de malha. Os seus elmos brilhantes e as suas armas afiadas perfilaram-se frente à alcáçova. Das alturas, Juan Núñez de Lara, Senhor de Albarracín, de Cañete e de Moya, desembainhou a sua espada e ergueu-a bem alto.

Um grito de guerra brotou das gargantas dos quatrocentos cavaleiros vermelhos de Albarracín, subindo pelas muralhas da cidade e saltando até às montanhas. O seu eco retumbou entre as paredes de pedra daquela serra.

Viraram à direita e começaram a desfilar em direção a cada uma das portas da cidade.

O ruído das passadas rítmicas dos soldados aumentou a sensação de temor nas ruas. Avançaram pelas principais vias e postaram-se em cada um dos acessos. Os estandartes da Casa de Lara ergueram-se nas torres e na alcáçova, e um corno soou no topo do castelo do Andador.

Albarracín preparava-se para a guerra.

QUARTA PARTE

O CERCO

Capítulo Quarenta e Dois

Juan Núñez de Lara não ia permitir que ninguém ameaçasse a cidade. Mal soube da chegada da guarda avançada estrangeira, mandou convocar uma mesnada de sessenta cavaleiros prontos para cavalgar, que se reuniram junto à porta de Molina.

Estavam todos bem equipados: cotas de malha, lorigas, espadas, escudos com os brasões de cada casa, elmos com viseira, cavalos ansiosos por partir e, acima de tudo, silêncio.

Muito silêncio.

O plano do Senhor de Albarracín era claro; deviam sair da cidade antes do amanhecer e contorná-la em direção à saída do rio, para chegarem sem serem vistos ao local onde os estrangeiros se tinham postado. Não podiam permitir que a guarda avançada se instalasse frente à cidade.

Os vigias tinham sido concisos; não eram mais de cinquenta homens de armas, sem cavalaria. Se fossem rápidos, poderiam acabar com todos eles antes que chegassem reforços dos outros assentamentos, que aparentemente tinham vindo estabelecer-se desde o dia anterior em diversos pontos do rio.

Era tempo de agir, antes que a cavalaria chegasse com o grosso das forças de Pedro III, que tinham partido de Calatayud, Daroca e Teruel.

Por isso era tão importante o silêncio.

Juan Núñez, do alto de uma das torres que defendiam aquela porta, ergueu a mão. O bispo apareceu atrás dele com uma brilhante cruz de prata suportada por uma barra de madeira de nogueira robusta. Todos dobraram o joelho, persignaram-se, baixaram a cabeça e começaram a rezar.

O bispo abençoou-os das alturas.

Estavam prontos para entrar em combate.

O filho de Diego de Cobos dirigia a saída. O seu pai observava-o, orgulhoso; seria o primeiro feito de armas do seu primogénito. Nada mais nada menos do que na defesa da cidade. Não havia melhor forma de começar a lavrar a sua própria reputação e de estar, além disso, à altura da insígnia que portava na sobreveste.

Pedro de Cobos assentiu com a cabeça e quatro homens soltaram a tranca que fechava a porta de espessa madeira reforçada com placas de ferro. Olhou para o pai, depois para o seu senhor, e este deu-lhe a sua permissão. Puxou pela montada, que deu um par de passos atrás e baixou o focinho, tentando depois erguer-se sobre as patas traseiras. Nesse momento, Pedro de Cobos esporeou o seu cavalo e atravessou o umbral da cidade.

A sorte estava lançada.

Aos pares, os cavaleiros foram abandonando a proteção das muralhas, num silêncio sepulcral.

Pablo de Heredia comandava a sua hoste de doze cavaleiros, todos leais à sua casa desde os primeiros tempos da cidade. Alguns tinham crescido com ele desde pequenos; os seus pais tinham lutado juntos, atacando a fronteira. Agora, essas linhagens estariam a observá-los das alturas, impacientes por verificar que eram dignos descendentes da sua estirpe.

De uma das torres da alcáçova, Dona Teresa de Azagra, Senhora de Albarracín, via os seus valentes cavaleiros avançar para defender a sua cidade. Sempre gostara de examinar as hostes quando saíam de Albarracín; em pequena, ia a correr despedir-se do pai quando este partia para a fronteira e, até ao seu regresso, subia todos os dias à torre do Andador e esperava-o impacientemente, para ser a primeira a recebê-lo.

O seu pai já não estava ali, e agora que via os defensores da cidade afastar-se, sentia medo. Eram tempos aziagos aqueles que lhe tinham calhado viver, mas não se pode escolher quando se nasce, talvez só quando se morre.

Para lá da cidade, Pedro de Cobos encabeçava a descida ao rio; atravessaram um vau que só os habitantes da cidade conheciam e foram avançando em direção ao acampamento inimigo.

Mandou interromper a marcha; dois homens desceram das suas montadas e subiram a uma das rochas mais altas. Daí, fizeram-lhe o sinal, o acampamento estava à sua mercê, a vigilância era escassa.

– Heredia – chamou Pedro de Cobos. – Vamos atacar por dois flancos, vinte e cinco homens de cada lado. Vós, esperai aqui com outros dez, sereis a reserva.

– O que dizeis? Não deveis dividir-nos.

– Sei o que faço, ouvi o meu pai a relatar as suas emboscadas na fronteira.

– Mas isto não é uma aldeia fronteiriça; é um acampamento de cerco, sabem que podemos tentar uma escaramuça.

– Eles acham que não os vamos atacar, não conhecem os cavaleiros de Albarracín.

– Deixai-me ir convosco – pediu Pablo de Heredia, agarrando-lhe no braço.

– Dei-vos uma missão, obedecei-me. – Fitou-o como se quisesse matá-lo em vez de aos estrangeiros e Heredia soltou-o. – Precisamos de uma força de reserva, deveis assegurar-vos de que podemos retirar-nos quando tivermos terminado e, se chegarem reforços, retê-los.

– Viemos para lutar.

– Vistes para fazer o que eu disser, pretendeis contradizer-me em batalha? – perguntou Pedro de Cobos.

– Não, é claro que não.

Heredia retirou-se com os seus cavaleiros, enquanto Pedro de Cobos organizava os dois grupos e partia pelo flanco esquerdo do acampamento. Entretanto, Heredia espreitou e viu como efetivamente só havia um par de guardas a vigiar a entrada; tinham-na fortificado, mas não de maneira adequada. Não havia fosso, só uma paliçada de madeira de cinco pés. Sobre uma zona escarpada que o dominava das alturas, tinham colocado um vigia, e viam-se outros dentro do acampamento que se encarregavam de examinar cada flanco.

Pedro de Cobos tinha razão, não os esperavam.

Observou bem o aspeto deles.

«Era aquilo a vanguarda da Coroa de Aragão?», perguntou-se, surpreendido.

Não se viam cavalos, apenas homens a pé, armados com uns ridículos escudos redondos e umas estranhas espadas curtas. Tinham a barba comprida e vestiam-se de forma miserável, com um camisão curto e um grosso cinto, bragas e alpercatas de couro.

Mais do que um exército real, pareciam uns assaltantes, bandidos ou renegados.

Então, Pedro de Cobos deu o sinal.

Dois homens adiantaram-se, retesaram os respetivos arcos e esperaram. Nesse momento, Pedro de Cobos esporeou a sua montada e lançou-se ao ataque, seguido por todos os seus cavaleiros. Saíram para a planície que havia antes do acampamento e foi então que duas flechas derrubaram o vigia nas alturas. Os guardas da entrada só viram o que lhes caía em cima quando era já demasiado tarde e, quando iam a correr soar o alarme, foram derrubados por mais flechas.

A primeira hoste entrou sem oposição, enquanto a outra atacava a paliçada pelo flanco contrário. Os outros dois guardas não puderam fazer mais nada a não

ser correr espavoridos para serem massacrados. Uma vez no interior, os cavaleiros de Albarracín lançaram-se ferozmente sobre as tendas, antes que mais alguém pudesse tomar armas para se defender.

Pedro de Cobos rasgou a primeira e não parou de desferir golpes de espada até a ter destruído. Passou à seguinte, que foi levada à frente pelo seu cavalo, e quando se preparava para acabar com os pobres desgraçados que restavam, teve uma terrível surpresa.

Ergueu então o olhar e viu como, do mesmo bosque que eles tinham atravessado, iam saindo sombras que avançavam, cercando o acampamento.

Olhou para um lado e para o outro; por essa altura, já todos os cavaleiros se tinham apercebido do engano.

– Saí! – gritou um deles. – Temos de sair! Isto não é um acampamento, é uma armadilha!

Foi então que Pedro de Cobos se apercebeu da magnitude da farsa. Era certo que não havia fosso defensivo fora daquele assentamento, porque estava dentro, e a paliçada estava reforçada do lado interior por estacas afiadas que apontavam para eles.

Era uma jaula!

Os cavaleiros mais próximos da porta apressavam-se a fugir quando um grupo de homens chegou com um peitoril para bloquear a saída. Dois dos cavaleiros conseguiram sair para campo aberto, mas saiu-lhes ao caminho meia dúzia de inimigos. Estavam a pé, sem portar grandes lanças nem escudos proeminentes, apenas simples paus com um pico de ferro. Não deveriam ser obstáculo para os cavaleiros vermelhos, mas arremessaram as suas lanças a uma grande distância, derrubando ambos os homens. Uma vez no chão, avançaram com as suas estranhas espadas de lâmina larga e curva, e degolaram sem piedade os caídos.

Pedro de Cobos amaldiçoou a sua sorte e pensou em todos os seus antepassados; não podia falhar-lhes, nem a eles nem ao seu pai.

Tinham de fugir daquela armadilha, e para isso só havia uma opção; tinham de saltar a paliçada, era a única escapatória. E mais ainda quando começaram a cair flechas e chamas sobre as tendas e sobre o solo, que não tardaram a descobrir que estava coberto de palha seca para arder melhor. Mais lanças curtas começaram a chover de todos os lados, transformando a situação no pior dos pesadelos.

Os cavaleiros de Albarracín caíam um após outro, sem sequer se poderem defender. Os que, desesperadamente, tentavam saltar a paliçada acabavam por chocar contra ela, pois o fosso e as estacas impediam-nos de se aproximarem o suficiente para a ultrapassar com um salto de cavalo.

Os homens que lhes tinham montado aquela armadilha gritavam, riam-se e escarneciam, com as suas barbas longas e sujas, os seus cabelos oleosos e os seus rostos pintados como selvagens.

Então, junto ao peitoril que bloqueava a porta, Pedro de Cobos começou a ver que algo se passava. Esporeou o seu cavalo para que o aproximasse do local.

O que poderia ser aquilo?

Outra armadilha?

Não, pois apareceu um pequeno grupo de cavaleiros vermelhos que acabou com os inimigos que os guardavam e conseguiu libertar o acesso.

Era Heredia e os seus.

– Depressa! – gritou-lhes ele, antes de rasgar a garganta a um pobre infeliz que o atacara pela retaguarda. – Salvemos a nossa vida!

Pedro de Cobos puxou as rédeas do seu cavalo e precipitou-se para a saída;

quase foi derrubado por uma ascuma, e outra passou-lhe tão perto da cabeça que pensou que seria a última coisa que via. Com um último esforço, conseguiu sair daquela armadilha ao mesmo tempo que Heredia o salvava de uma morte certa, pois outro daqueles selvagens esperava para o derrubar e foi ele quem dirigiu a lâmina da sua espada contra o inimigo, cortando-lhe a cabeça de um só golpe.

Pablo de Heredia e Pedro de Cobos cavalgaram juntos, tão rápido quanto desesperadamente. Não pararam até chegar ao outro lado do rio; aí, olharam para trás, a coluna de fumo erguia-se em direção ao céu, juntamente com as suas esperanças.

Não havia tempo para lamentações, seguiram até ao caminho que conduzia à cidade e voltaram a entrar pela porta de Molina. Dos sessenta cavaleiros vermelhos que tinham abandonado Albarracín ao amanhecer, apenas dois regressavam.

Capítulo Quarenta e Três

Juan Núñez, Senhor de Albarracín, observava impassivelmente os dois sobreviventes do ataque; manteve-se em silêncio durante muito tempo, ante o olhar expectante de todos os presentes na sala de audiências da alcáçova.

– São assim tão idiotas os cavaleiros de Albarracín que caem na primeira armadilha que encontram?

Não obteve qualquer resposta.

– São assim tão estúpidos, ao ponto de não se aperceberem de que estão a lutar contra almogávares?

– Estava tudo organizado de forma perfeita... – atreveu-se Pedro de Cobos a responder.

– O quê? É essa a vossa defesa, mais nada? Não me admira que vos tenham enganado como a um tosco camponês.

– Meu senhor...

– Maldição! E vós, Heredia, julgava-vos um homem mais sensato. Como vos passa pela cabeça ficar na retaguarda?

– Foi um erro.

– Com certeza que foi.

– Fui eu que lho ordenei. Não eram infantes normais aqueles contra quem lutámos. Nunca tinha visto soldados assim... – balbuciou Pedro de Cobos.

– Silêncio! Cala-te e baixa a cabeça ante o teu senhor! – interveio o seu pai, Diego de Cobos. – Conheço esses a quem chamam almogávares – prosseguiu –, não vivem senão para o ofício das armas. Não frequentam as cidades nem as vilas, vivendo antes em montanhas e bosques. Só têm um objetivo na vida: guerrear, todos os dias se for preciso. Entram nas terras dos sarracenos,

saqueiam-nas e tomam despojos e prisioneiros; é disso que vivem. Suportam condições de vida mais próprias de animais. São fortes e rápidos, tanto para fugir como para perseguir catalães, aragoneses e sarracenos. Só percebem de morte.

– Não estamos habituados a lutar com gente assim – acrescentou Pablo de Heredia.

– A partir de agora, devemos ser cautelosos – interveio Diego de Cobos –, não podemos cair mais nas suas armadilhas e provocações. Esses almogávares nunca se rendem; nem a privação de membros contém o seu ímpeto. Se lhes cortarem uma mão, lutam com a que lhes resta; se lhes cortarem as duas, lutam com os pés. Não sentem a falta de membros, só o não poderem usar a sua destreza, e não dão qualquer valor a morrer em combate.

– Também ouvi essas histórias. – Era o sobrinho do Senhor de Albarracín, Álvaro Núñez de Lara, quem falava. – Mas não tenho medo deles. Esqueceis-vos de onde estais, esta cidade é inconquistável, não é a primeira nem será a última vez que a atacam.

O recém-chegado membro da Casa de Lara, e sobrinho de Juan Núñez de Lara, era um cavaleiro de bom aspeto, de uns quarenta e poucos anos, robusto e de altura considerável. A sua aparição tinha apanhado muitos de surpresa na cidade. Ninguém sabia muito sobre ele, apenas que era um Lara, com tudo o que isso implicava. A sua presença não podia ter nada de casual. Mais um membro da Casa de Lara implicava forçosamente que tinha sido chamado para uma posição importante no seio do governo ou, tal como as coisas estavam, na defesa da cidade. Estava por saber qual a missão que lhe seria atribuída, mas muitos temiam já pelo seu cargo em Albarracín.

– Devíamos aprender com o otimismo do meu querido sobrinho, ninguém

pode duvidar de que o sangue dos Lara lhe corre nas veias – afirmou o Senhor de Albarracín. – Todos falastes e a todos escutei. Julgais que não conheço esses miseráveis? Passei uma vida inteira a guerrear na fronteira entre Aragão e Castela, matei mais almogávares do que os que derrotaram o jovem Pedro de Cobos. Não quero mais desculpas; perdemos uma batalha, só isso, a guerra é longa e, como bem diz o meu sobrinho, esta cidade possui grandes defesas.

– Se entrarem na cidade, não deixarão nada, vão arrasar tudo – afirmou o bispo, assustado.

– É claro que o farão, é o seu *modus vivendi*, fazer Algaradas e incursões onde quer que vão – interveio novamente Pablo de Heredia. – Sabeis já o nosso valor ante qualquer cavaleiro cristão ou infiel a cavalo, mas se essas bestas entrarem na cidade, não poderemos defender a população.

– Não entrarão! – exclamou o Senhor de Albarracín. – Sim, a nossa incursão punitiva foi um absoluto desastre, admitamo-lo; venceram-nos no nosso próprio território. Julgávamos que os íamos surpreender e mostraram-nos que não somos tão bons, nem tão espertos como julgávamos.

– Não importa a dureza desta derrota, o importante é que aprendamos com o nosso erro – acrescentou o seu sobrinho. – De modo algum podemos falhar quando atacarem a cidade. Teremos de defender as muralhas palmo a palmo e, se entrarem, lutaremos rua a rua, casa a casa, pois eles não nos vão dar tréguas.

A expressão de todos os presentes era de preocupação.

– Precisamos de mais homens – acrescentou o Senhor de Albarracín. – Por isso vou buscá-los.

Capítulo Quarenta e Quatro

A catedral estava mais cheia do que nunca; a missa daquela manhã era a primeira com a cidade cercada. A tensão era palpável nos rostos dos paroquianos. Todos os sacerdotes de Albarracín estavam ali presentes, com o bispo a celebrar pessoalmente a Eucaristia.

– Vi então o céu aberto; e eis que surgiu um cavalo branco, e aquele que o montava chamava-se Fiel e Verdadeiro, e com justiça julga e combate. Os seus olhos eram como uma chama de fogo e tinha na cabeça muitos diademas; e tinha um nome escrito que ninguém conhecia a não ser Ele mesmo.

Martín ouvia as palavras do Apocalipse lidas pelos lábios do bispo e via como os fiéis assentiam com a cabeça. Não havia dúvidas de que estava a prepará-los para a batalha.

Procurou o Senhor de Albarracín nas primeiras filas, mas encontrou apenas a sua mulher, Dona Teresa; havia rumores de que Juan Núñez tinha partido em busca de reforços.

– E vi a besta, os reis da terra e os seus exércitos, reunidos para guerrear contra aquele que estava montado no cavalo e o seu exército. E a besta foi capturada, e com ela o falso profeta que tinha feito diante dela os sinais com que enganara os que haviam recebido a marca da besta e adorado a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos num lago de fogo e enxofre ardente.

A missa pelos cavaleiros mortos na escaramuça foi de uma tristeza a que Martín não estava habituado. Esposas desconsoladas, filhos de todas as idades banhados em lágrimas, todos com um clamor por vingança no olhar. A catedral a abarrotar, com toda a cúria a insistir na enorme prova a que estavam a ser submetidos e a salientar que não deviam esquecer que Deus estava com eles e que o rei que os ameaçava tinha sido excomungado pelo Santo Padre. O bispo

terminou a sua homilia e os que ali estavam congregados rezaram.

Todos os sacerdotes, monges e noviços tinham acorrido àquela missa extraordinária. Mais do que um ato religioso, fora uma reunião de toda a cidade.

A diocese de Albaracín sabia como lidar com estes conflitos; fazia-o desde a sua fundação, quando o primeiro Senhor de Albaracín, o cavaleiro Pedro Ruiz de Azagra, ante a impossibilidade de o senhorio ser eclesiasticamente governado pelo bispo de Pamplona, conseguira que este fosse regido pelo arcebispo de Toledo, que consagrou o primeiro dos seus bispos. Assim, com autorização do legado pontifício de Alexandre III, foi restaurado o bispado.

Em meados do século atual, caiu em mãos cristãs a cidade de Segorbe e o papa decretou a união de ambas as sedes através de uma bula. Deste modo, a diocese englobava agora ambas as igrejas.

Com tudo isso, e apesar da experiência, havia receios entre o clero da cidade quanto ao que poderia acontecer se o rei Pedro III entrasse em Albaracín, se as suas vidas correriam perigo ou se o tesouro catedralício poderia ser espoliado. Por isso, decidiram ser precavidos, como a Igreja sempre era, e pôr a salvo as riquezas da diocese. Era de uma importância vital que todas as peças de ourivesaria fossem bem guardadas: castiçais de prata, taças, crismatórios, cruces de ouro, acéteres e cálices. Era sabido como eram perigosos os homens de armas quando procuravam um espólio como recompensa por terem arriscado as suas vidas e por todos os dias que tinham passado a sofrer privações e desgraças. Ir à guerra pelo seu rei ou pela sua fé era muito gratificante, mas os homens são homens, e todos querem receber algo em troca.

Assim, organizaram o trabalho por partidas; tinham de ir às igrejas de Santiago e de Santa Maria, às casas que possuíam na cidade e às igrejas

paroquiais das aldeias que dependiam da diocese. Tudo devia ser escondido até que o perigo passasse.

Martín assistiu àquele esforço por salvar os bens materiais da diocese com uma certa indiferença.

«É essa a verdadeira missão da Igreja?»

«Salvar as suas riquezas?»

Não partilhava essa preocupação com o material; o mais importante deveria ser a fé e as gentes de Albarracín. Era neles que o bispo devia estar a pensar agora, e não nos seus tesouros.

Para ele, era esse o grande mal da Igreja: o seu apego aos bens materiais. Nos últimos concílios de Lyon, nada fora discutido quanto a esse tema, nem mesmo no de Latrão, no início do século. Por mais ecuménico que fosse, tinham estado presentes mais de quatrocentos bispos, e quase não tinham feito mais nada além de condenar os cátaros e os valdenses, heresias essas que, entre as suas principais diferenças face à hierarquia atual da Igreja, tinham precisamente a pobreza material. Aparentemente, a única coisa que importava nos últimos concílios era tomar decisões sobre a eleição dos papas, convocar inúteis cruzadas e excomungar reis e governantes.

Sempre questões materiais.

«E a fé?», perguntava-se Martín.

«Onde fica a fé nessas reuniões das principais autoridades católicas?»

Continuou a andar, precisava de respirar ar puro, um ar que não estivesse viciado pela cobiça e pelo egoísmo.

Nessa manhã, longe de encontrar paz na palavra do Senhor, Martín só conseguia enfurecer-se mais com a atuação da cúria. Com o olhar, procurou Frei

Esteban; tinha a certeza de que o dominicano pensaria o mesmo que ele. Conseguiu localizá-lo a poucos metros de uma das colunas que sustentavam a abóbada da nave. Com o semblante sério, postado discretamente entre vários sacerdotes. Com o seu aspeto austero, aquele ancião era para Martín uma representação muito mais forte dos valores da Igreja do que a hierarquia eclesiástica.

Custava-lhe respirar na catedral, o ambiente tinha-se tornado mais pesado e opressivo. Era como se a cidade tivesse ficado mais pequena. Embora ainda não tivessem sido atacados, os caminhos estavam cortados, a comunicação com as aldeias que rodeavam Albarracín era totalmente impossível e via-se o fumo dos acampamentos da vanguarda.

Todos falavam do mesmo, dos almogávares.

As pessoas estavam preparadas para um ataque, mas não para que os seus cavaleiros fossem massacrados por uns quantos homens a pé numa miserável armadilha, na sua própria terra, a que melhor conheciam.

Muitos não compreendiam como pudera acontecer uma calamidade assim.

«Dantes não acontecia», ouvia-se dizer aos mais críticos do Senhor de Albarracín.

Com os Azagra, nenhum exército aragonês, castelhano ou muçulmano conseguira vencê-los uma única vez. E agora, comandados pela Casa de Lara, sofriam uma humilhação de tal calibre que havia já quem desconfiasse de Juan Núñez para a defesa da cidade.

– Martín, vejo-te muito pensativo esta manhã.

– Sim, Frei Esteban, a derrota crispou o ambiente.

– Disso não há dúvida. Mas não é só isso; ter tantos homens de armas intramuros costuma dar problemas. São gente violenta, habituada a andar

sempre nas suas algaradas pela fronteira, a saquear ou a fustigar os aragoneses e os castelhanos. Agora, estão amontoados entre estas muralhas. Se a sua coragem e arrojo são valiosos em campo aberto, na batalha, os seus consumos de vinho, as suas necessidades carnis e os seus modos bruscos e prepotentes são imprudentes no interior de uma cidade.

– Sois certamente perspicaz em tudo.

– Não, Martín, o que eu sou é velho – respondeu Frei Esteban. E sorriu.

Vários desses homens passaram ao lado deles; um tinha uma enorme cicatriz que lhe subia do pescoço atravessando-lhe o rosto inteiro, e embora tentasse ocultá-la sob várias madeixas de cabelo, era demasiado evidente.

– Tenho algo para te contar – disse o dominicano ao jovem sacerdote.

– Estou a ouvir-vos.

– Não, aqui seria imprudente – afirmou ele. – Ontem, descobri algo que quero partilhar. Dá um passeio, verifica que ninguém te segue e vem aos meus aposentos.

– Quem haveria de me seguir?

– Ouve o que te digo, todo o cuidado é pouco. O que te vou contar não te vai agradar, ficas avisado, Martín. – E despediu-se inclinando a cabeça.

Caminhando lentamente, o monge partiu, como se o que lhe tinha dito fosse o mais banal do mundo.

Martín ficou confuso; continuou a fitá-lo até que decidiu dar-lhe ouvidos. Começou a caminhar sem rumo fixo, não estava habituado a ter de fazer o que o dominicano lhe pedira, pelo que foi verificando desajeitadamente se ia alguém atrás dele.

Quando ergueu novamente o olhar, viu a corda que pendia sobre o cadafalso

da praça.

Pensou que talvez com tanto alvoroço, com o nervosismo do cerco e tudo o que isso implicava, fosse possível que se esquecessem também de executar Alodia.

Seguiu caminho e, ouvindo as pessoas que falavam em grupos, deu-se conta de que dessa vez temiam realmente que os estrangeiros tomassem a cidade; era isso que amargava o ar que respiravam.

Corriam rumores sobre os almogávares; só de os mencionar, havia vários a quem fraquejavam as pernas e se formava um nó na garganta. A imaginação é má companheira em situações assim e os almogávares tinham-se convertido em enviados do próprio Maligno.

Por essas mesmas ruas, Alfonso e Blasco carregavam um saco de grão e uma perna de borrego que tinham ido buscar por ordem do pai. Levavam a sua carga escondida num carrinho de mão que ambos puxavam, debaixo de umas mantas e de um molho de ramos e lenha miúda. Para disfarçar o cheiro, tinham espalhado um pouco de lodo por cima. Tinham ordens rigorosas para não parar por nada, para não falar com ninguém e, se lhes perguntassem o que levavam, para dizerem que era lenha para a forja da ferraria. Acima de tudo, não deviam chamar a atenção. Com as tropas de Pedro III a apertarem o cerco em torno da cidade, as pessoas estavam muito nervosas e eles tinham de ser cautelosos.

Estarem calados e sem fazer diabruras, algo que em qualquer outro momento teria sido complicado, era naquele dia mais do que simples, uma vez que os dois irmãos não se falavam. Blasco continuava zangado e Alfonso decidira ignorá-lo o mais possível.

Assim tinham percorrido todo o caminho desde a porta da Água; a carga pesava e as encostas eram tão longas que estavam exaustos, mas já faltava pouco.

Passaram pela catedral, onde o bulício era como nunca antes tinham visto. Uma azáfama de pessoas, com todo o tipo de apetrechos. Ao mesmo tempo, os homens de armas apareciam por todo o lado, em grupos grandes e pequenos, segurando balestras, lanças, espadas e escudos; havia até alguns que levavam barris de pez e carroças de pedras em forma de esfera. Toda a Albarracín se preparava para a luta, as cotas de malha brilhavam à luz do Sol e os pendões de todas as casas esvoaçavam mais alto do que nunca. Todos os homens capazes de segurar uma espada tinham sido chamados para a defesa, desde velhos que se sentiam rejuvenescidos ao empunhá-las de novo a rapazes que se julgavam homens, com arcos quase tão altos como eles e lanças que os ultrapassavam em várias cabeças.

Longe de se lamentarem pela sua sorte, os habitantes da cidade pareciam animados e dispostos a enfrentar quem quer que ameaçasse os seus lares e a sua liberdade, por mais que fossem esses almogávares de que tanto se falava.

Talvez por tudo isso, não se ouviu o primeiro grito.

Nem o segundo.

Só quando uma mulher subiu a uma carroça, fazendo grandes gestos e chamando os guardas, é que as pessoas ali reunidas começaram a aperceber-se de que algo tinha ocorrido.

– Blasco – disse Alfonso, apontando com a cabeça na direção do alvoroço.

– Tanto faz, não podemos parar; o pai mata-nos se não aparecermos com a comida.

– É só um momento, vai toda a gente para lá.

– Alfonso! São as provisões para o cerco, se lhes acontece alguma coisa ou no-las tiram, não teremos que comer.

– Quem no-las vai tirar? Vamos, irmãozinho, que tem de ser algo muito

grande para terem todos deixado o que estavam a fazer. – Alfonso não lhe deu alternativa e voltou o carrinho de mão na direção do tumulto.

Por essa altura, Blasco já não oferecia resistência e empurrava na mesma direção.

Quando chegaram, era impossível espreitar entre tanta gente e Alfonso subiu para o carrinho de mão; ainda assim, não conseguia perceber o que acontecera.

– Espera aqui por mim – ordenou ao seu irmão.

– Não, Alfonso, o que estás a fazer?

Era demasiado tarde, a ânsia por saber o que poderia ter acontecido era mais forte do que a razão. E o pequeno Blasco ficou como único responsável pela valiosa carga. De olhos baixos, tentou não chamar a atenção, mas cada vez se aproximavam mais pessoas e empurravam-no, alguns roçavam no carrinho de mão e Blasco temia que a qualquer momento um distraído o empurrasse, os sacos caíssem ao chão e todos soubessem o que escondiam e se precipitassem para o roubar.

Estava nervoso, faltava-lhe o ar, algo dentro do seu peito queria explodir... E ele só desejava que o irmão regressasse para poder sair dali.

Finalmente, Alfonso apareceu, esforçando-se com grande dificuldade para sair de entre a gente. Mas conseguiu e dirigiu-se ao irmão.

– Vamos, Alfonso!

– Sim, já te conto. – E empurraram ambos o pesado carrinho em direção à ferraria.

Quando se afastaram o suficiente do alvoroço, Alfonso parou e olhou à volta. Não estava ali ninguém, tinham todos corrido na direção da ocorrência; a cidade era assim, podia estar sob ameaça de cerco, mas, ante um acontecimento

insólito, todos corriam como loucos para saber o que se passara. Alfonso pediu ao irmão que se aproximasse.

– Era um morto – murmurou.

– Mataram-no? – perguntou Blasco, tapando a boca com as duas mãos.

– Caiu de uma janela para a rua. Tinha a cabeça aberta, viam-se os miolos todos, terias adorado.

– A sério? – Blasco roía as unhas, nervoso, só com a emoção de ter podido vê-lo.

Alfonso calou-se ao ver passar um homem vestido como um sacerdote pela rua do lado; caminhava depressa e em sentido contrário ao de onde todos estavam. Debaixo do braço, levava algo que não conseguiu ver bem.

– O que se passa agora? Porque estás com essa cara de susto? – perguntou-lhe o seu irmão Blasco.

– Anda.

– Para onde? Levamos o carrinho de mão, temos de ir para casa, vamos acabar por nos meter em sarilhos.

– Então espera aqui por mim – disse Alfonso, olhando-o diretamente nos olhos para depois desatar a correr sem lhe dar hipótese de resposta.

Chegou à primeira esquina e virou para lá.

Blasco suspirou, como sempre fazia. Olhou em volta e viu-se sozinho, numa rua perdida da cidade e com um carregamento vital para poder sobreviver àqueles dias. Estava assustado; não gostava de se separar do irmão e muito menos naquelas condições.

Alfonso dizia-lhe sempre o que deviam ou não fazer, dirigia-o a seu bel-prazer e isso não lhe agradava. Mas era mais velho do que ele e levava sempre a sua

avante, tal como naquele dia.

Ouviu um grito.

Blasco teve um mau pressentimento.

Era Alfonso; tinha a certeza, reconheceria a sua voz em qualquer lugar.

Não soube o que fazer, olhou para o carrinho de mão. Não podia empurrá-lo sozinho por aquela rua íngreme.

Encheu-se de coragem, deixou a carga e avançou, hesitante, até à esquina onde o seu irmão tinha virado. Olhou de novo para o carrinho; o seu pai matá-los-ia se o perdessem. Passou a mão por toda a cabeça, como que a procurar uma ideia melhor; não a encontrou.

Virou a esquina e a carga ficou fora da sua vista.

Deparou-se então com um homem vestido de preto, com o rosto escondido por uma máscara negra, nem sequer os seus olhos se viam. O pior era que segurava Alfonso pelo pescoço; o seu irmão esperneava e tentava sem sucesso libertar-se do agressor.

– Solta-o! – gritou Blasco com todas as suas forças.

Alfonso estendeu a mão num pedido de ajuda e, quando Blasco ia a desatar a correr na direção dele, viu como aquele homem agarrava na cabeça do seu irmão com as duas mãos e, lentamente, a rodava com violência.

O que ouviu a seguir foi um estalido.

Os olhos brilhantes de Alfonso, os mesmos que tinha visto desde o primeiro suspiro da sua vida, apagaram-se nesse mesmo instante.

Enquanto o seu irmão caía ao chão, Blasco pôde sentir como ele partia, como abandonava aquele corpo que chocava contra o empedrado da rua.

Alfonso ficou estendido, com o braço ainda esticado, imóvel e inerte.

O homem da máscara deixou a sua vítima e avançou a passos largos para Blasco, que ficara petrificado, como se parte de si também tivesse partido com o seu irmão mais velho. O homem estava cada vez mais perto e Blasco não conseguia mexer-se ou sequer gritar.

Olhou de novo para Alfonso; os seus olhos apagados continuavam a observá-lo.

Morto.

O seu irmão estava morto diante dele.

Ergueu o olhar e viu as mãos do assassino a aproximarem-se do seu pescoço, as mesmas mãos que tinham matado Alfonso.

E reagiu sem pensar; desatou a correr.

O rapaz agachou-se para se esquivar ao encapuzado e contornou-o pela direita, a fim de passar por ele e continuar a correr até onde o seu irmão jazia. Fitou-o pela última vez e foi então que se apercebeu de que aos seus pés estava algo envolto num pano. Inclinou-se e apanhou-o, temendo que fosse pesado. Embora fosse, podia continuar a correr com ele.

– Naaão! – gritou o mascarado de forma dilacerante.

Blasco parou e fitou-o ao longe; agora, era o desconhecido quem estendia a mão a pedir a sua ajuda.

– Deixa isso – pediu-lhe com voz quebrada. – Deixa-o no chão e vai-te embora, não te perseguirei, garanto-te.

– Mataste o meu irmão.

– Isso não é razão para que faça o mesmo contigo – respondeu ele, dando dois passos em frente. – Deixa-o, vai e vive.

– Não... – Blasco abraçou o objeto com força.

– Se o teu irmão me tivesse dado ouvidos, se não me tivesse seguido, estaria agora contigo – afirmou o homem enquanto dava um novo passo. – Foi ele que procurou o seu fim. Tu pareces mais esperto, o que vais fazer com isso? Não te serve de nada.

Blasco olhou para um lado e para o outro, não estava ali ninguém.

«Onde estão as pessoas?», perguntou-se.

«Porque não há ninguém a quem pedir ajuda?»

– Ninguém virá aqui salvar-te. Deixa-o, ainda que fujas, apanhar-te-ei, e então não serei tão condescendente como agora.

– Não, quem te encontrará mais cedo ou mais tarde serei eu, e vou vingá-me, juro aqui e agora que te matarei.

Estendeu o braço e atirou aquele objeto embrulhado por cima do muro do horto de uma casa.

E desatou a correr.

Ao olhar para trás, viu que o encapuzado estava a saltar aquele muro.

Martín continuava a caminhar, esquivando-se aos grupos que se iam formando nas ruas, às pessoas que reuniam provisões, aos agoureiros que anunciavam o fim da cidade. Quando estava a chegar ao palácio episcopal, começou a ouvir gritos e mais alvoroço do que o habitual. Um dos sacerdotes mais velhos da diocese apareceu ofegante, com o rosto enrubescido e a benzer-se.

– O que se passa? – perguntou Martín, detendo-o, e o homem aproveitou para se apoiar e recuperar o fôlego. – A que se deve tanto alvoroço?

– Santo Deus! Martín, que desgraça tão grande! Que desgraça! – afirmou o sacerdote, antes de se persignar novamente e levar as mãos à cabeça.

– Deixai-me ajudar-vos. – E auxiliou-o encostando-o ao muro. – Respirai com

calma e contai-me o que se passa.

– O... O enviado do papa, o dominicano.

– Frei Esteban! O que se passa com ele?

– Está nos estábulos.

– E o que está lá a fazer?

– Não, Martín, não compreendes. Caiu aos estábulos do alto dos dormitórios.

– Como assim, caiu? – E então lembrou-se da janela aberta.

– Não sabemos como, mas teve de ter caído de lá. Está morto! Martín, o enviado do papa morto em Albarracín, que desgraça tão grande! Que desgraça!

Capítulo Quarenta e Cinco

A notícia do falecimento do religioso correu ágil e veloz pelas sinuosas ruas da cidade, ainda que nem por um instante se tivesse deixado de falar no cerco. Noutra altura, aquilo teria revolucionado a cidade, mas agora só se falava na invasão, até os crimes dos grémios pareciam já esquecidos.

Martín regressou novamente ao palácio no preciso momento em que o deão saía acompanhado pelo padre Melendo, em pleno ataque de nervos, levando a mão ao peito e parando diante dele.

– O dominicano tirou a própria vida – disse imediatamente Martín.

– Isso é impossível. – O deão levou a mão à cabeça e puxou várias vezes os cabelos.

– Caiu do dormitório...

– Um enviado do Santo Padre morto aqui, quando, ainda por cima, estamos cercados por exércitos inimigos. – O rosto desfigurado do deão parecia não ter consolo.

– É possível que não tenha sido um acidente...

– O que estás a dizer, Martín? – perguntou o deão, enervando-se.

– Tinha marcado um encontro comigo, tinha algo importante para me contar – respondeu o sacerdote. – Tinha descoberto algo relacionado com os assassinatos dos grémios, alguma prova sobre o seu assassino.

– Não quererás dizer assassina? – inquiriu o deão, enfadado. – O dominicano sofreu uma queda infeliz, mais nada.

– Creio que vos enganais, teve de ter sido empurrado.

– Mas que diabos estás tu a dizer? Não faz nenhum sentido! – exclamou o deão, enfurecendo-se ainda mais. – Um triste e lamentável acidente, foi isso que

aconteceu, entendido, padre Martín? Precisas que to volte a explicar? Porque é bom que o tenhas bem claro, não quero ouvir mais nada.

O deão nunca lhe tinha falado naquele tom. Martín, submisso, assentiu com a cabeça.

– Não voltaremos a falar neste assunto, nunca. – O seu superior partiu, encolerizado.

O sacerdote ficou estupefacto, mas já estava farto. Cansado da hierarquia eclesiástica, das suas intrigas, das suas inclinações para o material, do seu afastamento do que ele considerava serem os ideais cristãos.

«Deus não pode estar de acordo com isto, não é o Deus em que acredito, o que me fala na Bíblia.» E, com toda a dor do seu coração, decidiu não dar ouvidos ao deão.

Entrou no palácio, subiu as escadas e chegou aos dormitórios. Abriu a porta dos aposentos de Frei Esteban decidido a descobrir o que realmente lhe tinha acontecido, por mais que desagradasse ao deão. O que jamais poderia ter imaginado era quem encontraria lá dentro...

O padre Melendo.

– Martín, o que fazes aqui?

– Nada... Vinha...

– Talvez viesses ver o que realmente aconteceu a Frei Esteban – sugeriu o velho sacerdote. – É complicado que alguém possa saltar daqui, a espessura da parede faz com que seja difícil chegar ao outro lado, a não ser que te apoies numa cadeira.

– O deão diz que ele caiu.

– Eu sei, é por isso que estou aqui. Não importa o que ele pensa, acho que tu

e eu sabemos que isso não é verdade.

Martín não podia estar mais de acordo, mas surpreendia-o a atitude do padre Melendo. Contrastava tanto com a imagem que tinha formado dele após ter escutado Alodia.

Deu uma rápida olhadela ao quarto. Não havia nada fora do lugar, era uma divisão austera e a bagagem do dominicano era escassa.

– Alguma ideia?

– Ainda não; Frei Esteban era hermético, era impossível conhecer os seus pensamentos – suspirou Martín antes de continuar. – Mas julgo que tinha descoberto algo importante. Marcou um encontro comigo aqui, não cheguei a tempo de que mo contasse.

– Tem de haver alguma pista sobre o que tinha em mãos.

O jovem sacerdote agachou-se para espreitar pelos rebordos da enxerga; só encontrou rastos de umas cascas, aparentemente de noz.

Levantou-se e suspirou.

Pouco mais havia onde procurar; abriu o armário e encontrou o mesmo: nada.

– Eu já procurei, esperava que tivesses mais sorte – disse Melendo, dirigindo-se à porta. – Tenho coisas para fazer, devo preparar a minha paróquia para o cerco.

Sem mais conversas, o sacerdote abandonou aquela divisão.

Martín ficou entre os pertences do falecido Frei Esteban, começou a angustiar-se. Ajoelhou-se ao lado da cama; diante dela, estava pendurada uma simples cruz.

Fechou os olhos e começou a rezar.

Passado algum tempo, a noite surpreendeu-o ali. Continuava inquieto, sentia

uma angústia horrível, custava-lhe a respirar. Sentia que algo terrível estava a acontecer à sua volta e que tinha de fazer alguma coisa.

«O quê?», perguntou-se.

«O que posso eu fazer?»

A imagem do dominicano morto; a da condenada na masmorra a descrever-lhes a sua infância atroz; os homens assassinados; as tropas da Coroa de Aragão a cercar a cidade; o desespero das gentes de Albarracín, que se preparavam para um longo cerco sem se lamentarem, com uma grande firmeza, mas ao mesmo tempo com uma profunda preocupação... Tudo aquilo em tão pouco tempo; era como se uma maldição tivesse caído sobre a cidade.

Levantou-se, incomodado, e dirigiu-se à mesma janela por onde Frei Esteban se tinha precipitado. Nessa noite, era a Lua que entrava por ela. Fitou-a com melancolia, desde pequeno que gostava de contemplar o céu estrelado. A vocação religiosa surgira muito depois, quando o seu irmão mais velho se casara e tivera o seu primeiro filho. Então, o seu pai levou-o ao campo e falou-lhe dos seus antepassados, das terras e dos bens, de como é difícil ter uma família e, acima de tudo, de como é complicado que perdure.

O pai de Martín tinha servido a Igreja de uma forma muito especial. Era occitano, de uma aldeia perto de Toulouse. Fiel católico, foi recrutado para se infiltrar numa corrente cristã que se opunha à hierarquia de Roma e aos seus costumes. Conseguiu ganhar a sua confiança, mas quando uma cruzada foi enviada contra eles, tiveram de fugir. A ele, incumbiram-no da missão de viajar com eles e ver onde se escondiam. Cruzou os Pirenéus, seguiu pelo vale de Aran, atravessou o grande rio Ebro e instalou-se numa terra entre o reino de Aragão, o reino de Valência e o condado de Barcelona, conhecida como Maestrazgo.

Aí viveu durante mais de dez anos, durante os quais nasceu Martín. O seu pai continuou a espiar para a Igreja até que lhe foi permitido voltar e instalar-se na costa de Tarragona.

Foi a época mais feliz da sua vida. Tinha aprendido muito a viver naquela comunidade cristã. Ao regressar ao cristianismo romano, teve de abjurar tudo o que aprendera, mas há coisas que nunca se podem esquecer.

Tinham passado demasiados anos desde então, mas lembrava-se como se tivesse sido ontem.

Em Calafell, o seu pai foi bem recompensado pelo seu trabalho e instalaram-se como pequenos novos nobres. Por essa altura, Martín gostava de montar a cavalo, de sair com o gado para as terras do Levante e de viajar para os mercados de Valência e de Teruel com o pai. Adorava o bulício daquelas cidades, as cores variadas, os diferentes sotaques e os novos produtos que descobria em cada visita, objetos e matérias-primas que o surpreendiam e maravilhavam ao mesmo tempo.

Tudo isso mudou no dia em que o seu pai lhe explicou que não ia dividir os seus bens, que da última vez em que isso tinha sido feito na família, três gerações antes, quase resultara no desaparecimento da sua estirpe e em que tivesse de passar por tantas calamidades. Uma vez recuperada a sua posição, não ia voltar a cometer o mesmo erro, quando a divisão da herança dos seus antepassados gerara um confronto entre irmãos e principalmente entre sobrinhos. Que levara ao derramamento de sangue e a que, desde então, todas as terras e bens devessem passar para o primogénito após este ter casado e conseguido obter um varão como descendente.

Isso já tinha acontecido, pelo que só restavam duas opções a Martín.

O seu pai tinha-lho deixado bem claro; não achava que Martín tivesse jeito

para as armas. Montava bem a cavalo, mas era muito fraco no manejo da espada, não disparava bem com o arco, era demasiado magro para lutar e não tinha a coragem nem o olhar de um verdadeiro homem de armas.

Se não podia ir para a guerra, o futuro de um secundogénito era óbvio: devia juntar-se imediatamente ao clero e tentar construir uma carreira.

Foi duro, claro que sim. Porque na verdade nunca sentira a vocação religiosa, não ouvira o chamamento de Deus até àquela tarde em que o seu pai lhe mostrou o seu destino.

Martín nada disse, nem pediu mais explicações além das que recebeu; não se lamentou nem procurou desculpas ou alternativas. Não fez nada, limitou-se a assentir e a passar aquela noite acordado a olhar para a Lua, tal como fazia agora.

Nessa noite, fora pela incerteza do seu futuro; agora, era pelas dúvidas sobre o que estava a acontecer à sua volta. Entrar para a Igreja fora difícil; custara-lhe encontrar a sua vocação, habituar-se aos votos, à disciplina, à austeridade cristã. Talvez não tivesse conseguido se não fosse pela leitura da Bíblia e principalmente de Tomás de Aquino.

A sua segunda via para a demonstração da existência de Deus, baseada na causalidade eficiente, impressionou-o de uma forma inimaginável. No mundo dos sentidos, existe uma ordem de causas eficientes, que não pode ser levada até ao infinito; é, portanto, necessário admitir uma primeira causa eficiente, Deus.

Se Deus era a derradeira causa de tudo, também o era da sua entrada para a Igreja, e, sendo isto verdade, devia ter um objetivo para ter provocado tal destino.

«E se fosse precisamente aquilo? Se a causa escolhida por Deus fosse resolver aquele mistério?»

Sim, tinha de ser isso.

E, assim sendo, tinha de agir de imediato.

O que podia ele fazer? Era Frei Esteban quem devia conduzir as investigações para saber quem era o causador das mortes, incluindo a sua, se aquela mulher era realmente uma enviada do Maligno. Tudo isso enquanto as mesnadas de um rei excomungado cercavam a cidade.

Não, ele não podia realizar uma missão tão importante.

Ou pelo menos não podia fazê-lo sozinho.

Capítulo Quarenta e Seis

Pablo de Heredia entrou no seu casarão com passos decididos, o seu apelido pesava tanto como os alicerces do próprio edifício. Era um digno sucessor da sua linhagem, mantinha-se forte e ágil, montava a cavalo com grande destreza e segurava a espada com a mesma firmeza de quando saqueava a fronteira dos reinos de Aragão e Castela.

Observou o seu palácio; as janelas e as portas estavam reforçadas, tal como tinha ordenado. Todos os acessos tinham sido entaipados e os víveres deviam ser transferidos, metade para as caves e a outra parte escondida em vários lugares dentro do edifício. Por isso mandara abrir um buraco debaixo do estábulo, para aí esconder vinho, água e grão, voltando depois a tapá-lo e pondo-lhe em cima toda a palha seca.

Todo o cuidado era pouco.

– Atilano, onde estás? – chamou pela escadaria; não encontrava o filho em lado nenhum.

Perguntou aos criados e não teve melhor sorte. Assim, dirigiu-se às divisões da ala leste, que tão pouco frequentava e que sabia que o seu filho andava a rondar desde há algum tempo.

Era uma zona do palácio que ficara inutilizada devido a problemas nas vigas de madeira; tinha de substituir a maior parte, mas os seus rendimentos tinham diminuído de forma considerável desde a chegada dos castelhanos ao governo da cidade, não podendo por isso empreender uma obra de tão grande custo.

Além disso, aquelas divisões nunca lhe tinham agradado muito; estavam voltadas para norte, tinham pouca luz, eram frias e antigas.

Quando ia a entrar, ficou surpreendido ao encontrar a porta de acesso bloqueada por um ferrolho que não tinha mandado colocar. Era a primeira vez

que via algo assim numa das suas propriedades. O enfado que começou a crescer no seu interior não tinha comparação; na sua própria casa, uma porta fechada, aquilo era imperdoável. O seu filho tinha passado dos limites.

– Atilano! – gritou, enfurecido.

Ouviram-se uns passos e uma tranca que corria pelas guias; a porta abriu-se e o seu filho esperava-o do outro lado.

– Pai.

– Desde quando existem nesta casa chaves que eu não possuo?

– Perdoai-me; é só uma medida de segurança.

– O que estás tu a dizer? Esta é a minha casa, tomo as medidas de segurança que bem entender.

– Desconfio de toda a gente, pai; nunca se sabe quem nos pode trair – murmurou Atilano.

– Não sei do que estás a falar, e o que fazes nestas divisões? Há anos que não são utilizadas, não estão em boas condições. Agora és meu filho! Comporta-te como tal.

– Agora? – pigarreou Atilano. – Eu gosto delas, pai, são espaçosas e tranquilas.

– Quero ver o interior.

– Porquê? Vós mesmo dissestes que estas divisões não estão arranjadas e não são do vosso agrado.

– Filho, deixa-me passar, esta é a minha casa.

– Com certeza. – E chegou-se para o lado.

Heredia caminhou pelo sobrado carcomido, entre muros colapsados, vigas e aros de portas apodrecidas, com um cheiro nauseabundo a humidade e a

desperdícios, com os vãos fechados e escorados.

– Mas, filho, porque estás aqui? – perguntou, confuso e preocupado. – Está pior do que me lembrava.

– Isso é porque não vindes cá há muito tempo.

Encontrou uma porta diferente, que estava em melhores condições, apesar de ser antiga. Alguém se tinha dado ao trabalho de salvar a madeira da doença e parecia manter-se forte. Quando tentou abri-la, descobriu que também estava fechada.

– Permitti-me, pai – disse Atilano, retirando uma chave do seu cinto e introduzindo-a na fechadura. – Vós primeiro.

Heredia inspirou fundo e entrou, de rosto torcido; não podia acreditar que o seu filho se tivesse apoderado daquela maneira de parte da sua própria casa, por mais que não estivesse a ser utilizada.

– Também tens as janelas entaipadas aqui...

– Fostes vós que o ordenastes – respondeu Atilano das sombras. – Ilumino-a já.

Atilano desapareceu por alguns instantes; Heredia sentia-se desconfortável naquela divisão. Tinha um estranho cheiro que não conseguia identificar, forte e desagradável. Não era só isso, havia algo mais ali dentro. Uma sensação de desconfiança em relação ao filho, um palpite de que ia descobrir algo que não esperava, e a escuridão, um profundo negrume, como se alguém se tivesse encarregado meticulosamente de que nem o mais ínfimo raio de luz natural entrasse naquele lugar. Heredia não temia a penumbra, mas ali sozinho, na sua própria casa, onde tinha nascido e vivido toda a sua vida, pela primeira vez, a escuridão amedrontou-o.

– Já estou aqui, pai.

Atilano regressou com uma vela nas mãos e avançou vários passos pela divisão, acendendo uns velões que estavam dispostos numa das laterais. A luz iluminou tudo à sua volta e o seu pai ficou sem palavras.

A porta fechou-se.

– O que estás a fazer, filho?

– Nada, pai. Segundo vós, eu nunca faço nada, não é verdade?

– O que é tudo isto, Atilano? Que demónios tens andado a fazer aqui...?

– Gostaria de vo-lo explicar, sem dúvida – afirmou ele, enquanto se aproximava até ficar a um palmo do rosto do pai. – Infelizmente, não tenho tempo; os acontecimentos precipitaram-se.

– O quê...?

– Amo-vos. – E puxou de uma adaga para a cravar no flanco do pai. – Agora sim, sou vosso filho, agora sou o vosso único filho; saiu-me caro o meu trabalho.

Introduziu a lâmina afiada até ao fundo das entranhas de Pablo de Heredia e retirou-a muito lentamente; afastou-se do pai e este caiu ao chão. O sangue chegou às botas de Atilano, que assistia impassível à agonia do seu progenitor.

– Porquê, filho? – perguntou ele, com o que podia ser o seu último fôlego.

– Porquê? Porque fiz tudo isto desde há tantos anos? – Agachou-se para que o pai o ouvisse melhor. – Não foi fácil, da primeira vez que matei tive as minhas dúvidas, não julgueis que não. O meu irmão era mais velho e mais forte do que eu, mas também era crédulo.

– Como? Isso não é possível!

– Sim, é claro que é, fui eu que o empurrei daquela falésia. Devíeis ter visto a cara dele ao cair – afirmou Atilano com um meio sorriso. – E a mãe dele, era tão... Tão doce, não é verdade? Foi tão difícil para vós ver como se consumia

sem saber porquê. Nessa altura, eu ainda não sabia medir bem as doses, e o veneno que lhe dei era menos potente do que diziam os livros. Por isso morreu devagar, tive de lho administrar várias vezes, tanta agonia para... Bem, aprende-se com tudo.

– Tu mataste-os.

– Com a vossa segunda esposa, foi muito mais fácil, era dócil e débil. Todos os dias tomava o leite com a sua dose, era muito mais frágil, morreu depressa, não foi? A vossa terceira mulher era diferente, e eu sabia que tinha de o fazer de forma mais tradicional. Além disso, engravidaste-la tão depressa... Não podia permitir que esse irmãozinho nascesse, compreendeis, pai? Compreendeis porque o fiz?

– Eras o meu herdeiro, não tinhas de o fazer.

– É claro que tinha de o fazer. Quando era pequeno e andava na rua, ouvia os rumores, os murmúrios: lá vai o «bastardo dos Heredia», diziam. O meu próprio irmão disse-me isso uma vez: «és apenas um bastardo». Vós mesmo me chamáveis isso quando eu não vos estava a ouvir, pai. Ouvia tudo o que dizíeis na vossa sala de audiências, há um orifício no armário da sala contígua, sei tudo sobre vós.

– És meu filho.

– Sim, sou, e queria que tivésseis orgulho em mim, que vísseis que tenho iniciativa e que não tenho medo – murmurou Atilano. – Uma vez, quando era pequeno e estáveis a ensinar-me a lutar com a espada, disse-vos que tinha medo de morrer. Então, dissestes-me: Filho, é o medo de morrer que fará com que te mantenhas vivo. Eu compreendi, pai, o medo é a melhor arma que temos.

– O que fiz eu contigo... Em que te transformaste?

– Sou vosso filho, nada mais. – E olhou-o com certa pena. – Agora, tenho de

me desfazer do vosso corpo, sabeis se os porcos já comeram hoje?

Capítulo Quarenta e Sete

Guillermo Trasobares observava com preocupação o seu armazém repleto de carne em salmoura e vinho. A porta estava trancada e o seu filho aguardava atrás dela com uma faca dotada de uma enorme lâmina, a que usavam para cortar as peças maiores.

– Não tardarão a aparecer.

– O que podemos fazer? – O seu filho apertava com força o punho daquela arma improvisada.

– Temos de fugir.

– De que nos servirá? Não podemos levar as mercadorias connosco – observou o seu filho, com a voz entrecortada.

– Temos de as vender já.

– A quem? Sabeis melhor do que ninguém que em breve serão confiscadas pelas autoridades da cidade.

– Eu sei, a cidade não estava aprovisionada para resistir a um cerco, é como se os estrangeiros soubessem disso, e por isso nos atacaram...

Bateram à porta; pai e filho entreolharam-se, assustados. Guillermo Trasobares pegou numa vara de madeira e fez-lhe sinal para que estivesse atento, para o caso de terem de se defender.

– Abri! – ouviram dizer. – Abri! Sou Diego de Cobos.

Não obteve resposta.

– Não volto a repetir, abri!

Guillermo Trasobares suspirou com resignação, dirigiu-se à porta para soltar a tranca e, ao abri-la, deparou-se com Diego de Cobos e uma dúzia de homens armados.

– Está tudo confiscado – sentenciou Diego de Cobos.

Os Trasobares largaram as armas e não opuseram resistência, limitando-se a chegar-se para um lado e a sair para a rua para não assistir ao desastre.

– Sabíeis que isto ia acontecer. – O seu filho abanava a cabeça de um lado para o outro. – Está tudo a ser requisitado.

– Somos sempre os mesmos a pagar.

– Não penseis assim. – Diego de Cobos saiu do armazém enquanto os seus homens carregavam as mercadorias. – Mesmo nesta situação, um mercador hábil como vós poderia obter benefícios.

– Estais a falar de quê? – perguntou Guillermo Trasobares, fitando-o com desconfiança, encostado ao muro.

– Estes assuntos, é melhor não os divulgar em público; nesta cidade, não são só as paredes que têm ouvidos, mas até as árvores e os pássaros, é preciso ter muito cuidado – murmurou Diego de Cobos enquanto se aproximava deles. – Os meus homens encarregar-se-ão disto, podemos ir para um sítio mais calmo?

– Tenho uma adega lá em baixo.

– Vamos.

Diego de Cobos seguiu o mercador pelo armazém; atrás de uns barris, estava escondida uma porta que ele se encarregou de abrir. Um traíçoira escada descia para o subsolo. O mercador iluminou-as, eram meia dúzia de degraus e a adega estava mais bem acondicionada do que seria de supor.

– Isto que vos vou dizer deveis mantê-lo em segredo. – Deu uma última olhadela ao espaço antes de continuar. – O rei de Castela é um estúpido – afirmou Diego de Cobos num tom desagradável. – O aragonês está a brincar com ele. Se Albarracín for conquistada, o equilíbrio desfaz-se, Aragão

continuará a ter os infantes de La Cerda em seu poder e França jamais apoiará Castela.

– França é inimiga de Aragão, não de Castela.

– Exato, e se Castela ajudar a acabar com o Senhor de Albarracín, um aliado de França, o rei francês não esquecerá tal ofensa – prosseguiu Diego de Cobos. – Pedro III conseguirá tudo o que deseja: conquistar Albarracín, acabar com os aliados franceses a sul dos Pirenéus e manter os infantes em seu poder para controlar o novo rei castelhano. Sabeis o que acontecerá se deixarmos de ser independentes? – perguntou Diego de Cobos, erguendo a voz.

Trasobares abanou a cabeça. De Cobos prosseguiu.

– Passaremos para segundo plano, tanto os nobres como os mercadores. Em Barcelona, Valência ou Saragoça, há famílias tão poderosas que, mesmo que gritássemos com todas as nossas forças, mal ouviriam a nossa voz. E os comerciantes nos seus portos e vilas... Nem imaginais.

– Sim, tendes razão... – admitiu o mercador de má vontade.

– A história repete-se sempre, os bons reis sabem disso, por isso Afonso X mandou escrever a *General Estoria*. Sabia que conhecer a história dava poder, que a história é uma arma, tão poderosa como a melhor espada, e muito mais difícil de controlar e de possuir.

– O passado é o passado, só isso – afirmou Guillermo Trasobares.

– Enganais-vos, o passado é aquilo que nos conta o que se passou, não necessariamente o que foi. A Igreja, de forma muito inteligente, sempre procurou controlar o relato do passado. A *General Estoria* foi um ambicioso projeto de criação de uma história universal global, que combinasse fontes bíblicas e pagãs ao mesmo tempo que fazia referência a autores latinos e vernáculos. Reúne todos os acontecimentos relacionados com as seis idades do

mundo que nos conduzirão à sétima e última etapa de redenção – explicou calmamente o nobre.

– Os reis são ambiciosos.

– Sim, são, tal como os homens – pigarreou Diego de Cobos, medindo melhor as suas palavras seguintes. – O lugar de um rei deve ser sempre legitimado através da sua linhagem, da sua capacidade de enfrentar qualquer situação política ou militar e da sua elevada estatura moral, através da qual deve conquistar e manter a lealdade e o respeito dos seus súbditos – disse com convicção –, que só aceitarão e obedecerão aos seus soberanos se estes tiverem um comportamento exemplar.

– Ou seja, se evitarem os vícios e as tentações, levando uma vida honrada e digna de imitação – acrescentou o mercador.

– Dentro da *General Estoria*, no primeiro livro dos reis, na parte da Antiguidade – prosseguiu calmamente o nobre –, fala-se no rei Sólon, que conseguiu impor um sistema legal que regulava os diferentes aspetos da vida civil em Atenas. Após o reinado do rei Sodro, a situação em Atenas tornou-se instável, devido à abolição do acesso ao trono por meio da linhagem, permitindo assim aos cidadãos eleger livremente os seus governantes.

– Livremente? – Guillermo Trasobares não parecia estar muito de acordo com aquelas palavras.

– Sim, numa espécie de votação, pela qual pessoas sem linhagem podiam aceder ao máximo poder.

– Que barbaridade é essa? Imaginais o filho de um camponês como rei? O inferno seria uma bênção comparado a esse reino.

– Deus queira que não o vejamos nunca – acrescentou o nobre.

– Que assim seja.

– Perguntar-vos-eis porque vos conto tudo isto, eu sei – afirmou Diego de Cobos. – Por uma razão muito simples: Juan Núñez de Lara, Senhor de Albarracín, acaba de abandonar a cidade.

– O que dizeis? – Guillermo Trasobares ficou de olhar perdido, tentando compreender o mais rápido possível as implicações de tal ato.

– O que ouvis.

– Isso é impossível... – E deu vários passos de um lado para o outro.

– Deixou como governador o seu sobrinho, Álvar Núñez de Lara.

– Mas se é um recém-chegado! – atirou o mercador, indignado, levando as mãos à nuca.

– Assim é, foi em busca de reforços, de um exército que nos liberte do cerco – murmurou Diego de Cobos. – Esperemos que assim seja, ainda que... – Fez uma pausa e, pela primeira vez, dirigiu os seus passos para um dos muros da adega. – Se Juan Núñez não regressar, haverá que tomar uma decisão. Como vos dizia antes, conhecer a história é essencial para se poder compreender o presente que nos coube viver, por isso sei que não voltará, nem com reforços nem sem eles.

– Cuidado com o que dizeis, não podemos erguer a espada contra o Senhor de Albarracín, nem contra um governador designado por ele.

– Erguê-la não, mas baixá-la sim – murmurou Diego de Cobos.

– Compreendo agora o que quereis – disse o mercador, resfolegando ante o que temia. – É preciso ter uma saída preparada. Por isso me fizestes descer até aqui e ouvir toda essa ladainha sobre a história, porque quereis fugir de Albarracín...

– Se a cidade se render, quero uma via para escapar daqui, para o meu filho e

para a minha pessoa.

– Porque me dizeis isso a mim? Sou apenas um mercador...

– Porque sois esperto e porque, de alguma forma, conseguis introduzir vinho do sul na cidade sem serdes visto; todos o sabem, ainda que ninguém faça ideia de como o fazeis. Tal como entraís, tem de ser possível sair.

Capítulo Quarenta e Oito

Eram os primeiros dias de maio, a noite caía e a cidade tinha-se transformado.

O frio ia-se afastando definitivamente, mas aproximava-se algo muito pior. As luzes dos guardas tinham-se multiplicado e salpicavam toda a muralha que subia até à torre do Andador e voltava a descer em direção ao rio. Albarracín estava em silêncio; foi então que se ouviu o repicar do primeiro tambor.

Parecia distante, como um eco perdido.

A este, seguiram-se outro e outro, e a noite adquiriu um som estranho. As pessoas espreitaram pelas janelas das casas e dois guardas atravessaram a correr a praça do mercado. O retumbar tornou-se aterrador, como os passos de um dragão que se abate lentamente, mas também de forma imparável, sobre a sua presa.

O rei Pedro III em pessoa chegava para liderar as suas tropas: aragoneses, catalães, valencianos e almogávares. Albarracín dispunha-se a resistir a um terrível ataque. Já não era apenas um cerco; a intervenção direta do monarca deixava claro que pretendia tomar a cidade pelas armas, não tinha intenção de a vencer pela fome.

Albarracín estava cercada.

O movimento era incessante; os homens de armas postavam-se nas defesas, enquanto o povo fortificava os pontos fracos.

Fora da cidade, Pedro III observava as muralhas diante de si. O monarca, nascido em Valência, era filho de Jaime I, *o Conquistador*, e da sua segunda esposa, Violante da Hungria. Sucedera ao seu pai nos títulos de rei de Aragão, rei de Valência e conde de Barcelona; além disso, com o uso das armas, acabava de se coroar rei da Sicília, para mitigar de certa forma o facto de não ter herdado os títulos de rei de Maiorca, conde de Roussillon e da Cerdanha e senhor de

Montpellier, que tinham ido para o seu irmão mais novo, Jaime.

Algo terrível aos olhos de todos, dividir os territórios da Coroa de Aragão entre os seus dois filhos, fora o último dos desmandos do seu velho pai, o monarca Jaime I. Uma barbaridade de consequências ainda imprevisíveis, pois muitos temiam uma possível guerra entre irmãos.

O filho de Heredia, Atilano, ouvia as ordens do governador juntamente com outros nobres da cidade. Finalmente, estava onde há tanto tempo desejava estar, no lugar que lhe pertencia por direito de sangue.

Ao seu lado, um velho amigo do seu progenitor, Íñiguez, resfolegava e esfregava incessantemente as mãos.

– Onde está o teu pai? – perguntou-lhe, ao dar-se conta de que ele o fitava.

– Indisposto, com febre – respondeu Atilano. – Tentou levantar-se, mas foi totalmente impossível, os anos pesam-lhe.

– Logo agora que tanta falta faz... O sobrinho de Juan Núñez tem a audácia da Casa de Lara no sangue – disse o homem, referindo-se ao novo governador –, mas não conhece a cidade nem os seus habitantes, e muito menos o perigo de ter como rival um rei tão obstinado como Pedro III de Aragão.

– Talvez o subestimeis.

– És demasiado jovem, Atilano, devia ser o teu pai a estar aqui hoje – afirmou Íñiguez sem subtilezas. – Esperemos que melhore depressa.

– Também eu o desejo, mas conheço a cidade tão bem como ele e tenho vindo a aprender desde pequeno como se lida com os assuntos do seu governo. Não é justo avaliar alguém só por ter ou não cabelos brancos.

– Se o teu pai te ouvisse... – disse Íñiguez com cautela. – Não queiras correr antes de aprender a andar.

Atilano de Heredia conteve-se para não lhe responder, mas tinha outras formas de o fazer pagar por aquele desprezo.

O novo governador, Álvaro Núñez de Lara, parecia apto para a sua difícil missão; como Lara que era, tinha a sua presença e a sua obstinação. Mas que o seu tio tivesse deixado um castelhano a comandar a defesa da cidade deixara-o em má posição, não caíra bem às casas mais antigas de Albarracín.

– O que sabemos sobre a forma de guerrear desse rei herege? – perguntou o governador ao seu conselho.

– Meu senhor, o rei de Aragão é um homem alto e corpulento, um guerreiro impassível, dizem que, em batalha, usa uma maça pesada, que é a sua arma preferida em combate – afirmou um dos senhores castelhanos em quem Juan Núñez tanto confiava e que tinha deixado junto ao seu sobrinho.

– E? Um rei não se deve destacar pela sua violência na guerra, mas sim pela sua habilidade no trono – resmungou Álvaro Núñez de Lara com a sua forma peculiar de falar, uma mistura de segurança e desprezo difícil de calibrar. – O pai dele era um incompetente; Jaime, *o Conquistador* dividiu tantas vezes o seu reino que, quando morreu, ninguém sabia a qual de todos os seus testamentos se ater. Um rei tão nefasto não merece um filho melhor.

– Os reis são complicados – murmurou outro nobre castelhano.

– Bem sabemos disso em Castela. – O novo governador suspirou. – Os reis estão a mudar... O rei Afonso projetou um novo tipo de monarquia, em que o monarca é concebido como Vigário de Cristo na Terra e como cabeça, alma e coração do reino – explicou cuidadosamente enquanto se dirigia ao janelão e olhava para as muralhas.

– Pedro III de Aragão limitou-se a copiar as suas ideias – interveio Diego de Cobos pela primeira vez –, e agora julga-se no direito de conquistar esta cidade.

– Às vezes, até aos reis é preciso mostrar onde estão os limites – continuou Álvaro Núñez de Lara. – Ou, melhor dizendo, é a eles que é preciso deixar mais claro até onde se pode chegar. Os nobres não podem permitir que os reis se julguem donos e senhores de tudo; no dia em que o fizermos, estaremos perdidos. Eles não são nada sem o nosso apoio, e é assim que deve ser.

– Esta cidade não deve vassalagem a nenhum soberano, nem castelhano, nem aragonês, nem francês, nem navarro – disse o filho de Heredia, proferindo as palavras entre uma evidente tensão.

– Bem dito, Albarracín é o equilíbrio, por essa razão Castela, França e Navarra ajudar-nos-ão, por isso o meu tio regressará com um exército capaz de acabar com este maldito cerco e de dar a esse rei excomungado aquilo que ele merece. – Olhou para os cavaleiros que ali tinha reunidos. – Terminámos.

– Não deveríamos ser mais cautelosos? – murmurou Diego de Cobos, cuja firmeza na forma de falar lhe dava uma grande presença naquele conselho. – É perigoso enfurecer um monarca como Pedro de Aragão. Não é como o pai dele, não esperará pelos acontecimentos, vede o que aconteceu na Sicília e em Bordéus.

– Acreditais realmente no que dizem? Pensais realmente que ele foi lá? – perguntou Álvaro Núñez de Lara.

– Claro que sim, todos sabem...

– O quê? O que é isso que todos sabem? Vamos, não vos detenhais, contai-nos o que é assim tão evidente.

– Bem, já sabeis... – prosseguiu Diego de Cobos. – Poucos meses após o rei de Aragão ter sido excomungado pelo papa francês por ter conquistado a Sicília aos Anjou... Pouco tempo depois, o Sumo Pontífice outorgou todos os estados da Coroa de Aragão ao rei de França. Assim, para o evitar, Pedro III dirigiu-se a

um desafio decretado por Carlos de Anjou em Bordéus, disfarçado de muleteiro e guiado por um negociante que diziam conhecer bem os caminhos. Pelo caminho, este mercador chegou a fazer-se servir à mesa pelo rei aragonês para passar despercebido. Sim, é como ouvis – continuou Diego de Cobos –, atravessou os Pirenéus como um vulgar criado e apresentou-se na estacada em Bordéus. Supunha-se que era uma cidade neutral, mas na realidade estava repleta de soldados franceses. Ainda assim, o aragonês arranhou maneira de percorrer a estacada a cavalo antes da chegada do rei francês; assim, declarou que o duelo era nulo por falta de comparência de Carlos de Anjou.

– Fez isso, e então? – inquiriu o governador.

– Mal faríamos em confiar a nossa sorte apenas a umas muralhas; o rei de Aragão não veio até aqui para ser derrotado.

– O pai dele também desafiou estes muros e fugiu com o rabo entre as pernas.

– O filho não tem nada que ver com o pai, que era preguiçoso e demasiado prudente. Este é ousado, às vezes até temerário, tal como demonstrou em Bordéus.

– Cavalheiros, não devemos duvidar do valor das nossas defesas, nem dos nossos cavaleiros, e muito menos dos nossos aliados. Os franceses estão a reunir-se para atacar Pedro III entrando por Navarra e pela Catalunha, em apoio a Albarracín e em virtude da excomunicação lançada pelo papa contra Pedro III pela incorporação da Sicília na sua coroa.

– E Castela?

– Os nossos inimigos não obterão a sua ajuda; os muçulmanos desembarcaram no sul, e tropas benamerins do rei de Marrocos cercam Jerez. Sancho marcha com todos os seus homens, incluindo os da Casa de Haro, para acabar com o cerco à praça-forte. A sorte sorri-nos, há esperança para Albarracín.

– Não faz sentido que o rei de Aragão nos ataque com todo o seu exército; se concentrar as suas tropas aqui, deixa indefesas a Catalunha e Navarra – advertiu Diego de Cobos –, e os franceses entrarão nos seus territórios.

– Se quiser vencer, terá de tomar esta cidade depressa. E isso é algo que jamais lhe permitiremos; se quer guerra, tê-la-á, e será longa, dura e fria, muito fria – anunciou Álvaro Núñez de Lara, sorrindo. – Quando chegar o inverno, terão de levantar o cerco, caso contrário, morrerão sob a neve e o gelo.

A reunião terminou; os presentes abandonaram a alcáçova com a firme ideia de que só tinham de esperar que o inverno chegasse. O frio varreria os estrangeiros, como sempre tinha feito.

Atilano de Heredia saiu juntamente com Diego de Cobos; pararam antes de descer para o centro da cidade.

– Espero ver o teu pai em breve. Temos as nossas diferenças, não o vou negar. Mas é necessário nestes momentos, e salvou o meu filho dos almogávares, isso eu não posso esquecer.

– Eu não sou como ele, talvez possamos entender-nos bem.

– Bem, bem. E eu que sempre pensei que eras só um maldito bastardo...

– Até os monstros existem porque fazem parte do plano divino.

– Como dizes, rapaz?

– Até nas mais horríveis ações dos homens se revela o poder do Criador. Até na mais sangrenta das guerras ou na mais manipuladora das maquinações existe uma centelha da sabedoria divina.

– Santo Deus, se o teu pai te ouvisse a dizer isso...

– Já não há segredos entre o meu pai e eu, garanto-vos – respondeu Atilano, que parecia ganhar autoridade a cada instante que passava. – Agora, sede

sincero comigo, ninguém nos ouve. Que opinião tendes sobre Pedro III?

– É inteligente e estratega; aliado de Castela, é-o agora também de Portugal, casou a filha mais velha com o rei deles. E acordou uma trégua de cinco anos com o emir de Granada.

– Não é apenas mais um rei, isso é certo...

– Olha, há decisões que, uma vez tomadas, marcam toda uma vida – continuou Diego de Cobos. – Da mesma maneira que há outras que, ao não serem tomadas, nos condenam para o resto dos nossos dias. Arrepende-te do que fizeste, não do que deixaste por fazer. Pois esse é o pior dos venenos e pode fazer-te sofrer a vida inteira.

– Estou de acordo, conta comigo se precisardes de um aliado.

– Parece que tens as coisas claras; isso é importante. A maioria das pessoas só tem um objetivo na vida quando aparece algo ou alguém que lho mostre. Pode parecer que as decisões que vão marcar uma vida têm de ser cruciais, a mulher com quem escolhes casar, o lugar onde decides residir ou os filhos que vais ter... Mas não, não é assim; às vezes, as coisas mais insignificantes podem mudar tudo.

– É Deus quem marca os nossos passos.

– Acredito que Ele – disse o homem mais velho, olhando para o céu – nos deixa fazer o que quisermos, é assim que funciona, não é?

– Livre arbítrio; chegará o dia em que seremos julgados pelas nossas decisões.

– Sim, mas não é assim tão simples; há uns dias, ia a passar perto da porta de Molina e decidi parar por um instante para observar bem uma mulher, algo que quase nunca faço, os homens são assim, fracos pela carne. – Sorriu. – Continuei a avançar e nisto caiu-me aos pés uma pedra da janela de um beiral que estavam a reparar. Não sei se me teria matado ou causado um ferimento grave; não sei se

o tempo que passei parado diante da bela mulher foi o necessário para que a pedra e a minha cabeça não chegassem a encontrar-se. O que sei é que aquele ato insignificante pode ter mudado o meu destino.

– Compreendo.

– Não devemos temer as grandes decisões, pois, ao longo de toda uma vida, são escassas, e às vezes pouco transcendentais.

– Os pequenos atos que cometemos todos os dias são muito mais relevantes para o nosso futuro do que julgamos – afirmou Atilano, para satisfação de Diego de Cobos.

– Exato; e onde está o perigo, surge também a salvação.

Capítulo Quarenta e Nove

Lízer tinha de ver Alejandro de Ferrellón. Embora tivesse deixado de ser o aguazil-geral da cidade, não sabia a quem mais recorrer. Tinham-lhe dito que vivia perto da igreja de Santa Maria e foi para aí que se dirigiu. Perguntou um par de vezes antes de chegar e indicaram-lhe que a sua casa era uma que tinha um banco de pedra junto à porta. Foi fácil encontrá-la, a construção tinha um aspeto decadente. Parecia a casa de um cavaleiro que a tivesse abandonado trinta ou quarenta anos antes. Precisava de arranjos no telhado e nas janelas, e uma fenda ameaçadora espreitava pela fachada principal, dos alicerces até ao beiral. Ainda assim, aquele edifício continuava a manter um porte de grande casarão e um certo esplendor intemporal.

Bateu à porta.

Não obtendo qualquer resposta, afastou-se alguns passos dela e observou novamente a propriedade; era uma verdadeira pena vê-la naquele estado. Uma das janelas inferiores estava entreaberta; espreitou e viu que não tinha grades. Empurrou a portada e esta abriu-se.

Hesitou.

Olhou em volta, não passava ninguém por ali naquele momento.

Sabia que podia ser um erro adentrar-se sozinho naquela casa, mas quando pôs um pé lá dentro já era demasiado tarde para voltar atrás. O quarto a que acedeu estava quase vazio, só uns quantos baús cobertos de pó o evitavam. Avançou com grande cuidado e atravessou uma porta aberta para chegar ao início de uma escadaria que dava para o primeiro piso. Tinha um belo corrimão em ferro forjado; um a um, foi subindo os degraus. Não sabia se era melhor erguer a voz para avisar que tinha entrado ou continuar.

E ante a dúvida, Lízer não fez nenhuma das duas coisas. Parou no último

degrau, respirou fundo e apurou o ouvido.

Nada.

Foi isso que ouviu.

Quando não se ouve nada, sabemos que nos devemos preocupar.

Seguiu até à primeira porta que encontrou e deu com ela fechada. Apoiou a mão na fechadura, moveu-a e a porta foi-se abrindo. Nesse momento, Lízer soube que a sua própria vida podia estar em perigo.

Estendidos no chão, estavam dois corpos ensanguentados.

Desembainhou a espada e rodou sobre si mesmo, procurando inimigos nas suas costas, que nunca apareceram. Voltou a virar-se para a frente, pronto para se defender. Percorreu toda a divisão com o olhar, mais calmo, e chegou à conclusão de que não havia ali ninguém.

Foi a correr verificar se os corpos estavam vivos.

Quando lhes viu os rostos, não pôde acreditar.

O primeiro era Alejandro de Ferrellón.

O segundo era Diosdado.

Ambos os aguazis mortos, ambos com um corte na garganta.

Capítulo Cinquenta

Martín saiu para a rua, continuava confuso. Caminhou novamente até ao cadafalso, observou a janela de onde Frei Esteban tinha caído e voltou depois o olhar para a corda que pendia diante dele.

Passou ao lado de um comerciante que tentava vender as poucas coisas que lhe restavam; tinham-lhe confiscado tudo o resto para as defesas da cidade, parecia mentira que ainda tivesse algo para vender. Mas os mercadores têm sempre algum lugar onde esconder mercadorias, são mais espertos do que ninguém.

– Fruta! Resta-me fruta. E nozes! As únicas nozes em toda a Albarracín! – gritava ele, forçando a voz.

Martín parou e voltou atrás.

– Disseste as únicas?

– Sim, não é tempo delas, mais ninguém as vende além de mim – respondeu ele, orgulhoso. – Com o cerco, vão vender-se num instante.

– Tens a certeza? És o único que as vende, foi isso que disseste – salientou Martín –, certo?

– Jamais mentiria a um padre como vós. – E o comerciante persignou-se duas vezes. – Só eu as vendo; olhai para aquela banca – disse, apontando para a sua direita –, que é de um comerciante de Valência, é o único que tem passas e figos. Embora ache que lhe terão tirado tudo, só vende alguma carne, e em estado duvidoso.

– Por acaso... – começou Martín, passando a mão pela nuca. – Não terás vendido nozes a um religioso há um ou dois dias? Um velho de olhos encovados e vestido de forma humilde.

– Pois, não sei – disse o homem, coçando o queixo, como que a fazer um claro

esforço para se recordar. – Esperai! Sim, lembro-me dele! Falava pouco, parecia pensativo. Foi mesmo antes da chegada dos estrangeiros, depois tocaram os sinos e tivemos de partir.

– Notaste algo de estranho nele?

– Parecia não ter muita pressa, como vós agora – observou o mercador –, e isso apesar de a cidade estar acelerada, todos a correr, todos a trabalhar, todos nervosos... Mas ele parecia calmo.

– Ele era assim... Lembras-te de mais alguma coisa? Talvez algo especial, que te tenha chamado a atenção nesse momento.

– Bem, sim, agora que falais nisso, houve algo que me pareceu singular.

– E pode saber-se o que foi?

– Fez-me uma pergunta muito estranha – disse o mercador. – Queria saber quem era o comerciante que vendia pergaminho.

– Curioso, e o que lhe disseste?

– Que era eu o mais indicado, mas depois começou o cerco e ele foi-se embora sem dizer mais nada – afirmou o comerciante –, só isso.

– Obrigado por mo dizeres.

– Olhai, vão finalmente fazê-lo, já era tempo – disse ele, apontando para o cadafalso.

Martín não precisou de perguntar; sabia perfeitamente o que estavam a preparar. Já o tinha visto outras vezes, era habitual colocá-lo no recinto onde se realizava o mercado ou nas proximidades da catedral. Ali, o condenado era exposto ao escárnio do povo. Noutros reinos, tinha o nome de pelourinho; era um espaço composto por uma coluna de pedra com argolas e ganchos que era erguida nos arredores das aldeias. Também era usada para exhibir as cabeças

decapitadas dos executados. A coluna do pelourinho estava assente sobre uma plataforma com vários degraus, para que o réu pudesse ser visto mesmo que houvesse muita gente à volta.

Os blasfemos, vagabundos e acusados de falso testemunho eram condenados à prisão, a receber cinquenta açoites e a serem expostos na praça com uma argola ao pescoço. Aos ladrões da cidade, podia impor-se a pena durante um dia ou mais, tal como aos que apanhavam fruta nas propriedades dos outros, que eram colocados junto à mercadoria roubada.

Em Albarracín, os condenados à morte eram enforcados. A execução daquela mulher serviria um duplo propósito: silenciar os medos e as perguntas sobre os crimes e alertar todos os habitantes para o que aconteceria a partir de então a quem quer que violasse a lei. Em estado de cerco, manter a paz no interior da cidade era tão importante como defender as suas muralhas.

Martín deixou o vendedor e quase embateu contra uma carroça puxada por dois machos e que transportava barris cheios de peixe em direção ao cimo das muralhas, para daí serem lançados, a ferver, contra os atacantes. Nesse momento, aproximou-se o padre Melendo.

– Padre Martín, parece que em breve veremos a endemoninhada enforcada, já era tempo! Frei Esteban conseguiu que ela confessasse antes de morrer?

– Não propriamente.

– Bem, se tivessem deixado isso comigo, teria sido diferente...

– De certeza – afirmou Martín, com um certo fastio.

– Tiveste alguma ideia sobre a morte do dominicano? – perguntou Melendo em voz baixa.

– Também continuais a pensar que ele não saltou nem caiu acidentalmente, não é verdade?

– Penso muitas coisas, Martín. Pensar é uma das coisas que o homem mais devia fazer – afirmou o sacerdote com a sua voz rouca. – Se o fizéssemos mais, não estaríamos nesta situação, cercados por cristãos como nós. Somos assim, deixamo-nos controlar pelos nossos impulsos mais baixos em vez de refletirmos e rezarmos, deixando que a fé guie os nossos passos, e não a cobiça, a ambição e a vingança.

– Tendes razão.

– Mas pensar demasiado... É perigoso.

– Perigoso?

– Sim, a razão pode toldar-nos a mente, desviar-nos da fé e de Deus. A razão é uma espada de dois gumes; se não souberes usá-la, podes cortar-te com ela, por isso devemos mantê-la afastada das mentes débeis – disse Melendo, enquanto via passar os habitantes da cidade. – Eles não precisam de pensar, mas precisam da fé. Um povo sem fé está condenado.

– E sem razão?

– Que eu saiba, Martín, poucos povos usam a razão e continuam a existir. Mas a fé... Deus é o único que pode e deve iluminá-los.

– Claro, padre Melendo.

– Não penses tanto no falecido Frei Esteban. Que é bem possível que o tenham empurrado, dir-te-ei desde logo que sim. Mas de que te servirá? Só te irá causar dor, temos de saber quando deixar de lado as nossas ânsias pessoais para nos concentrarmos num bem superior. Na situação em que estamos, devemos centrar os nossos esforços em proteger as igrejas da invasão.

– Os templos? Proteger o seu interior, quereis dizer?

– Quando um exército toma uma cidade, por mais cristão que seja, procura

sempre despojos. E ainda mais com um rei excomungado pelo papa e com esses demónios dos almogávares nas suas fileiras.

– Esperemos que as nossas defesas resistam.

– Ou melhor, rezemos.

– Sim.

– Ao menos a execução ocorrerá como previsto – afirmou o padre Melendo, satisfeito. – Quanto mais cedo, melhor.

– Não creio que seja o mais conveniente...

– Não subestimes o efeito de um bom enforcamento, também temos de dar alguma distração a estas pobres gentes ignorantes. Além disso, executar aquela mulher servirá para apaziguar os ânimos e mostrar autoridade – atirou o religioso, com as mãos unidas à altura do peito. – Os nossos paroquianos são um grande rebanho que precisa de disciplina; o Senhor é o nosso pastor e nós somos os seus cães de guarda, se deixarmos que uma só ovelha se extravie, o exemplo espalhar-se-á entre as restantes. Estou certo de que compreendes isso, não é verdade?

– Com certeza.

– Aquela mulher é a imagem do próprio diabo, tu assististe aos interrogatórios feitos pelo pobre Frei Esteban. O que disse essa suja mentirosa? Dizem que quando o Maligno se vê encurralado, é capaz de utilizar as maiores mentiras para nos confundir e escapar.

– Não falou muito... – Martín demorou a responder. – Aquela mulher teve uma vida difícil. A sua infância foi feliz, mas quando chegou à idade de casar, transformou-se num inferno.

– Os seus pecados só têm uma resposta possível, a força. Aquela mulher é o

próprio demónio.

– Isso não a absolve, não; tendes razão.

– E não disse mais nada? Como ganhava a vida? Além dos seus conjuros diabólicos, quero eu dizer...

– Não disse mais nada a esse respeito – mentiu Martín.

– Não sabeis se tinha colaboradores na cidade?

– Colaboradores? De que tipo? – perguntou Martín com malícia. – Julgávamos, ou melhor dizendo, o Frei Esteban pensava que ela agia sozinha, não é verdade?

– Suponho que sim, era só uma pergunta retórica – recuou o padre Melendo.

– Este ambiente de guerra não me cai bem. Tu és mais novo, adaptas-te melhor – acrescentou, mudando o sentido da conversa. – A propósito – observou Melendo, olhando de soslaio para o jovem Martín –, ainda não compreendo como conseguiste subir tão depressa, chegaste há poucos anos e já gozas da máxima confiança do deão.

– Não saberia dizer-vos, trabalho muito.

– Sim, será isso – assentiu o sacerdote, continuando a olhar para as gentes da cidade.

– Mas não me adapto bem, não; estamos isolados, com todos os caminhos cortados, sem receber notícias do exterior... É algo difícil de aceitar, não é?

– Há sempre formas de fugir a um cerco.

– Isso é verdade? – perguntou Martín, surpreendido.

– Claro, gente que sabe como entrar e sair da cidade sem chamar a atenção – insistiu o padre Melendo num tom mais baixo.

– Acreditais realmente que isso é possível? – Martín fitou-o, surpreendido. –

Fugir a um cerco?

– Olha – disse o padre Melendo, indicando dois homens que passavam diante deles. – Judeus. Sei de um deles que arranja certamente maneira de tirar proveito de situações como esta.

– O que quereis dizer com isso?

– Dizias que não podemos receber comunicações do exterior, mas garanto-te que um tal Abraham terá uma maneira. Vive fora da judiaria e é médico, Deus saberá castigá-lo quando chegar a sua hora por profanar o corpo dos homens.

– E sabe como sair da cidade sem ser visto?

– De certeza que sim; cobrará por isso e não será barato – observou Melendo.

– E porque queres tu saber isso? Tem cuidado, Martín, a tentação aparece-nos sempre, Deus põe-nos à prova, não lhe podemos falhar – advertiu enquanto se afastava.

Martín ficou hesitante.

Diante dele, passaram três religiosos segurando um relicário de ouro, decorado com joias e em forma de cofre.

– Vamos, temos de o levar para as masmorras do palácio – murmurou um deles, o mais jovem e esbelto.

Martín ouviu aquilo e não fez mais do que recordar a imagem de Alodia. Ia morrer naquele dia, é claro que sim. Não convinha a ninguém ter uma mulher presa enquanto a cidade estava cercada.

Procurou a figura de Melendo a caminho da igreja de Santiago; já tinha desaparecido pelas ruelas da cidade.

Aquele sacerdote causava-lhe um certo receio; embora também acreditasse que Frei Esteban não tinha caído acidentalmente da janela do palácio, não podia

confiar nele. Ainda assim, chegado o momento, talvez pudesse ser-lhe útil.

Capítulo Cinquenta e Um

O Sol estendia os seus últimos resquícios na forma de um entardecer que ofuscava se olhado fixamente. Começava a formar-se um bulício na praça e os sinos repicaram, as gentes da cidade estavam ansiosas pela execução. Finalmente, a assassina de tantas pessoas ia ser castigada.

O povo estava ansioso; cercados como estavam, um enforcamento era a melhor maneira de fugirem à cruel realidade. E não ia ser apenas mais uma morte, iam enforcar uma mulher que estava possuída pelo Maligno.

As expectativas eram muito altas, tinha de ser uma execução memorável. Ninguém a queria perder; as mães tinham levado os seus pequenos, os idosos tinham-se arrastado até ali, ainda que lhes custasse a andar. Os lugares nas primeiras filas estavam ocupados desde as primeiras horas do dia e até a maioria dos homens de armas e dos defensores tinham um olho posto naquele espetáculo.

Martín estava atemorizado, mas aprendera que o medo era um aliado, mantinha-o alerta. Só os ignorantes não o sentiam. Não era uma fraqueza, muito pelo contrário: era algo útil, como a dor, que nos anunciava quando uma parte do nosso corpo sofria. Não havia nenhum mal em senti-la, o importante era suportá-la. O mesmo acontecia com o medo, tinha de ser superado, não ignorado.

Ao mover-se pelas dependências episcopais, não sentiu nenhum receio, pois conhecia-as bem e, embora isso lhe tivesse exigido tempo, conseguira conquistar as boas graças do deão da catedral e dos outros sacerdotes. Só o velho Melendo o tinha tratado com reservas em algumas ocasiões; é certo que o diabo sabe mais por ser velho do que por ser diabo. Aquele padre de olhos negros e rosto descarnado, atacado por alguma doença que o picara de forma exagerada,

era quem lhe tinha feito mais reparos desde a sua chegada a Albarracín.

Desde muito novo que tinha jeito para iludir as pessoas. O seu ar infantil ajudava-o a fazê-lo, o seu trato amável e a sua forma compreensiva de escutar.

Martín era curioso, observava tudo em seu redor. Nunca ignorava um gesto, um olhar. Nunca desprezava ninguém pelo seu aspeto, por mais infundadas que as suas precauções pudessem parecer. Pois sabia melhor do que qualquer outra pessoa que nunca se podia confiar em ninguém.

Bateu duas vezes a uma porta grossa e de boa madeira. Demorou, mas passados alguns instantes, a porta entreabriu-se e o olhar amarelento surgiu diante dele.

– Está na hora – afirmou o jovem sacerdote.

O carcereiro grunhiu, como que em interrogação.

– Sim, estou sozinho, vou confessá-la – respondeu Martín com firmeza. – Virão buscá-la em breve. Tenho pouco tempo, deixa-me entrar.

O homenzarrão chegou-se para um dos lados e a porta fechou-se atrás de Martín, que avançou sem vacilar até à seguinte, abrindo-a ele mesmo. Do outro lado, estavam as celas; pegou no archote da entrada e foi direito à da condenada. A chave pendia de uma argola cravada na parede, pegou-lhe e abriu a fechadura. Acendeu os candis e a escuridão foi desaparecendo pouco a pouco.

Ali estava ela, Alodia.

Com o seu olhar desafiador, apesar do aspeto esfarrapado e emaciado. Com o cabelo comprido, solto, sujo e escorrido. O rosto enegrecido e as roupas desfeitas em tiras, um cheiro pestilento a emanar da sua pele e a magreza como bandeira.

Apesar de tudo isso e de outras dificuldades, ali estava ela.

Com aquele sentimento de dignidade que algumas pessoas usam como se de mais um rasgo do seu físico se tratasse, algo que não se pode perder, a não ser que nos arranquem a pele para o extirpar.

– Chegou a hora – anunciou Alodia das sombras.

O sacerdote não pôde deixar de a fitar, de a perscrutar com curiosidade. O moreno dos seus cabelos e da sua pele. Umas pernas longas, intermináveis, uma cintura pequena, fácil de agarrar com as duas mãos, uns seios que se insinuavam sob aquela túnica esfarrapada, um queixo arredondado que era o início de um rosto que, apesar de sujo, brilhava naquela escuridão...

– Eles... – Martín sentia-se compungido ante o aspeto depauperado daquela mulher, estava muito pior do que da última vez que a vira e custava-lhe dizer as palavras. – Os guardas abusaram de ti?

– Têm medo de mim – respondeu Alodia, com um débil fio de voz. – Não me tocaram.

– É um alívio.

– Todos me temem nesta cidade – disse ela em seguida, com mais segurança e força.

A mulher deu um passo em frente e Martín retrocedeu.

– Calma, não te vou fazer mal.

– Não quero que te mexas – disse ele, com toda a autoridade de que era capaz.

– Vens sozinho, porquê?

– Isso... não te interessa.

– Diz-me porque estás aqui – pediu Alodia, dando dois passos para a direita, como que a querer contorná-lo. – Aconteceu alguma coisa ao teu superior. – Parou. – O outro sacerdote morreu, não é verdade?

– É impossível que saibas isso, estás aqui fechada – disse Martín, subindo o tom de voz. – A não ser que...

– O quê? O que achas tu que eu sou? – perguntou-lhe desafiadora, erguendo a cabeça. – Tens medo de mim, consigo cheirá-lo.

– Vão executar-te daqui a menos de uma hora, não tenho qualquer razão para te temer.

– E ainda assim, temes-me, pelo que deves achar que sou capaz de me libertar e de te fazer mal. Bem, oxalá pudesse fazê-lo, porque não? Oxalá pudesse matar-vos a todos com as minhas próprias mãos. Seja como for, estais cercados; em breve perecereis, em breve Albarracín ficará tingida com a cor do vosso sangue.

– Cala-te!

– Martín – disse ela muito lentamente, para surpresa do jovem sacerdote. – Sim, sei o teu nome, ouvi como o velho padre te chamava. O quê? Pensavas que tinha adivinhado? Como é atrevida a ignorância.

– Se estou aqui, é porque quero saber a verdade. Quem matou Frei Esteban?

– E como hei de saber? Estou aqui fechada. – E apontou para as paredes que a rodeavam.

– Não sei, mas podes dizer-mo, tenho a certeza disso.

– Tu não sabes nada, Martín. – E aproximou-se tanto quanto os grilhões lhe permitiam. – Não sabes absolutamente nada, ignoras quem governa esta cidade, não sabes porque vos cercam e, mais importante, não fazes a mínima ideia de como morreu esse padre. E sabes porquê?

– Porquê? – atreveu-se ele a perguntar, gaguejando.

– Martín, Martín, o que escondes sob a tua fé? O que te impede de dormir à noite? O que pensas tu de mim?

– Não sei do que estás a falar.

– É claro que sabes, caso contrário não estarias aqui – respondeu ela, recuando vários passos. – O que é isso que tanto desejas?

– A verdade.

– Nada mais? De certeza? – Alodia aproximou-se mais dele. – Vi como me fitavas durante o interrogatório, ou pensavas porventura que eu não me apercebia?

O tanger dos sinos infiltrava-se por um pequeno orifício aberto no teto da cela. Não era um chamamento religioso; pelo estrondo e pela duração, era evidentemente um sinal de alerta.

– Vêm aí, Martín, já chegaram.

– Cala-te!

– Às vezes, fugir é apenas um pretexto para se ser apanhado, o que vais fazer agora?

Martín dirigiu-se a ela e, com a mesma chave com que tinha aberto a porta da cela, soltou-lhe os grilhões dos tornozelos. Alodia estava livre, livre para tentar fugir, para abandonar aquela prisão, aquela cidade que a desprezava.

Não o fez.

Os seus olhares encontraram-se e entrelaçaram-se por um brevíssimo instante. Martín caiu nas suas profundezas e viu algo no seu interior que fez com que o seu coração palpitasse de emoção.

Alodia susteve-lhe o olhar em silêncio.

– Tenho de te dizer uma coisa. – Martín tinha de fugir daqueles olhos. – Pediram-me que te salvasse.

– Quem?

– Parece que tens mais amigos do que julgas. Um aguazil.

– Sei que vou ser enforcada, o cadafalso espera-me na praça – sussurrou ela muito lentamente –, é o meu destino.

– Não compreendes? – Martín agarrou-a pelos ombros e abanou-a com força, como que a querer que despertasse ou reagisse de algum modo. – Vim para te libertar.

– Isso é uma estupidez, para onde hei de ir? A cidade está sitiada e todos me querem morta.

– O Lízer tem um plano.

– Foi ele... Pobre rapaz, já me salvou uma vez. – E os seus olhos brilharam. – Quem julga ele que é?

– Não compreendo muito bem, mas creio que ele te ama...

– Amor? Porque custa tanto aos homens proferir essa palavra?

– Sou sacerdote, não sou o mais indicado para falar sobre isso. – Martín sentia um profundo peso no peito que o impedia de falar e também de respirar. – Não temos tempo, temos de fugir!

Capítulo Cinquenta e Dois

Martín bateu duas vezes à primeira porta das masmorras; o ferrolho abriu-se e os olhos amarelentos surgiram atrás dela.

– Preciso que me ajudes – afirmou o sacerdote. – A mulher fez algo terrível, eu... Não saberia dizer... Acho que devias ver com os teus próprios olhos...

O carcereiro abriu mais a porta e deu dois passos em frente. Soltou um grunhido, saiu decididamente e dirigiu-se às celas.

Nesse mesmo instante, Alodia saiu das sombras e pôs-se atrás do guardião. Quando este se deu conta, já Martín tinha fechado a porta e bloqueado a fechadura com a sua própria chave, deixando o carcereiro preso do outro lado.

O homem gemeu de forma brutal enquanto golpeava o portão.

A porta oscilou devido às investidas, quase dando a impressão de não as poder suportar. Tinha sido criada para resistir a qualquer tentativa de fuga, pelo que nem aquele gigante a conseguia derrubar. Os seus gemidos tentavam infiltrar-se pelas frestas.

– Vamos, ainda nos falta muito para conseguirmos sair daqui – disse Martín, pegando na mão de Alodia.

Correram pelo passadiço, abriram a primeira porta, pegaram na chave e fecharam-na por fora. Depois, esconderam a chave atrás de uns barris que ali havia. Seguiram até à saída do palácio episcopal. Martín espreitou e apercebeu-se da presença de clérigos junto à escadaria; junto à porta, não havia ninguém.

Pensou rápido.

Olhou para Alodia. Não podiam sair do palácio de rosto descoberto, chamaria demasiado a atenção.

– Espera aqui.

– Onde vais?

– Confia em mim – sussurrou-lhe, fitando-a com uns olhos brilhantes. – Volto num instante, não deixes que ninguém te veja.

– Como se fosse assim tão fácil.

Martín abanou a cabeça, saiu do seu esconderijo e dirigiu-se à escadaria. Saudou os sacerdotes com um ligeiro movimento da cabeça e prosseguiu até uma porta discreta que havia do outro lado. Abriu-a e desapareceu atrás dela.

Entretanto, Alodia mantinha-se escondida, de olhos bem abertos.

Os religiosos da escadaria despediram-se e um deles subiu os degraus; o outro, em contrapartida, deu meia volta e avançou na direção do local onde a mulher se encontrava. Alodia escondeu-se imediatamente, manteve-se em silêncio e ouviu como as passadas do sacerdote soavam cada vez mais próximas. Encolheu-se o mais que pôde atrás da porta, esperando poder passar novamente despercebida, como nas masmorras. Então, a sombra do religioso desenhou-se no chão, tornando-se cada vez maior, até que a sua figura cruzou o umbral.

A tonsura na sua cabeça foi a primeira coisa que viu dele, era alto e de costas largas. Alodia susteve a respiração o mais que pôde, mas o seu cheiro denunciou-a. O clérigo virou-se para ela e emudeceu ao deparar-se com o seu olhar bicolor.

Um golpe seco na nuca derrubou-o antes que pudesse gritar.

Martín apareceu atrás dele, armado com um tocheiro de ferro.

– Veste isto – disse ele, estendendo-lhe uma túnica com capuz –, vamos! Temos de sair daqui.

Deixaram aquele corpo inconsciente e saíram para o exterior. A praça estava a abarrotar de gente à espera da hora da execução, uma comitiva de homens

armados acompanhava o deão ao palácio.

– Vamos, depressa.

Seguiram até à parte alta da cidade, onde as ruelas eram mais estreitas. A grande maioria da população estava à espera da execução e os homens de armas estavam nas defesas, pelo que as ruas daquela parte de Albarracín se encontravam desertas.

A passos largos, subiram uma íngreme encosta e chegaram ao bairro mais antigo, que tinha sido criado pelos infieis muçulmanos vários séculos antes. Martín não hesitou, embrenharam-se nas suas profundezas, por uma ruela estreita, onde só se podia caminhar em fila. Assim chegaram ao final. Havia lá uma porta.

– É uma rua sem saída.

– Enganas-te, é a nossa única saída para sobreviver.

Martín bateu à porta.

Capítulo Cinquenta e Três

A espera tornou-se eterna; teve de voltar a bater à porta. Até que finalmente a folha de madeira rangeu e se abriu.

– Quem sois e o que quereis? – perguntou a figura que a tinha aberto, com um candil na mão.

– Sou o padre Martín, era o acompanhante na cidade do enviado papal que faleceu. Tenho algo que vos interessa saber, algo importante.

Não houve resposta imediata, gerando-se antes um incómodo silêncio que preocupou Martín, enquanto Alodia não parava de olhar para a entrada daquele beco.

– Porque vindes aqui?

– Sois Abraham, o médico – respondeu Martín, tentando ocultar o seu nervosismo sob um tom de voz firme, mas com as mãos a tremer. – Deixai-nos entrar, peço-vos. Temos algo importante de que tratar, acreditai.

– Alguém vos seguiu?

– Não, tivemos cuidado – respondeu o sacerdote. – Precisamos de entrar, não podemos estar mais tempo à vista.

– Entrai, depressa. – Ficou sem palavras ao ver a mulher que o acompanhava.

– Agradecemos-vos, permiti que vos apresente...

– Sei perfeitamente quem é – resmungou o anfitrião com certo desagrado. – O que se passa? – perguntou, enquanto fechava a porta. – Sois sacerdote, o que fazeis com uma assassina? – E perscrutou-a descaradamente.

– Não me enganou, se é isso que pretendeis dizer. A Alodia é inocente dos crimes de que é acusada.

– Do que não há a menor dúvida é de que é perigosa... – advertiu ele.

– Tirei-a das masmorras do palácio episcopal.

– E trouxe-la para aqui...

– Não há volta atrás, temos de fugir da cidade o mais cedo possível – afirmou Martín, decidido. – É por essa razão que estamos aqui. Escutai-me, por favor.

– Albarracín está rodeada, debaixo de cerco; e vós sereis perseguidos por toda a cidade.

– Estão demasiado ocupados a defender as muralhas, é certo que nos procuram, mas têm poucos homens para o fazer.

– Porque pensais que vos vou ajudar? – perguntou o médico, fitando-os com desconfiança.

– Sei que sabereis dar valor àquilo que vos vou contar, bem sabeis como a informação pode ser valiosa se cair nas mãos adequadas.

– Intrigais-me, isso é certo – disse o homem pequeno, cuja expressão se alterou ao ouvir as promissoras palavras do sacerdote. – Valerá a pena o que me ides contar?

– Com certeza que sim.

– Muito bem, então. Ia agora mesmo cear, tendes fome? – perguntou o médico, conduzindo-os a outra sala; coxeava visivelmente de uma perna.

Sentaram-se nos bancos que havia de ambos os lados de uma lareira aberta, com o fogo ao nível do chão e uma ampla tiragem que fazia com que a abundante lenha fosse devorada com rapidez.

– Preparei uma sopa de alho-francês; tem um sabor insípido, mas aquece o estômago.

– Obrigada – foram as primeiras palavras de Alodia, que pegou na tigela e a sorveu com avidez.

– Calma, há mais – disse o médico, surpreendido ante a voracidade da esquelética rapariga. – É a primeira vez que vejo alguém comer assim um dos meus cozinhados, devo ter melhorado muito os meus dotes como cozinheiro. Seja como for, não viestes pela comida, contai-me essa informação tão valiosa.

Martín tomou fôlego e, sem omitir qualquer pormenor, contou tudo o que sabia. O velho médico escutou-o com interesse, em silêncio. Não fez perguntas, embora Martín as esperasse.

– Compreendereis agora porque precisamos da vossa ajuda, não temos alternativa a não ser sair de Albarracín, ainda que estejamos cercados.

– Sossega, filho – pediu Abraham. – Sossega. Um antigo pensador grego disse em tempos que não existe outra calma além da gerada pela razão. Antes de falardes, pensai bem no que ides dizer. Imagino que queirais sair de Albarracín, mas lembro-vos que estamos cercados.

– Sei que conheceis cada palmo desta cidade, a vossa família está cá desde o tempo dos califas e dos emires de Córdova – enfatizou Martín. – De certeza que conheceis alguma passagem que saia de Albarracín e nos leve até ao outro lado do rio ou das montanhas.

– Não há túneis que cheguem tão longe. Em condições normais, poderia ajudar-vos, sim. Mas com o ambicioso Pedro III acampado frente às muralhas... Só podemos rezar para que o inverno chegue depressa e ele tenha de se retirar devido ao frio.

– Temo que não tenhamos tanto tempo...

– Isso é certo, mas o que me contastes não vale um preço tão elevado – replicou Abraham, inclinando ligeiramente a cabeça para o lado.

– Como não? Podeis utilizar essa informação em vosso proveito, mais ninguém o sabe na cidade.

- Repito, não tem assim tanto valor – disse ele pausadamente.
- Deixa-o, não nos vai ajudar – interveio Alodia, enfadada.
- Espera um momento – disse Martín, fitando-o com um olhar encolerizado.
- Sei que sabeis como sair, demos-vos algo importante, é justo que nos pagueis.
- Vou mostrar-vos uma coisa. – Abraham levantou-se e dirigiu-se a uma porta, abrindo-a com uma chave que trazia pendurada numa corrente ao pescoço e desaparecendo dentro dela.

Demorou a regressar, e quando o fez, segurava nas mãos um livro de capa grossa.

– Há séculos, em terras do Oriente, existiu um sultão persa que, como vingança pela traição da sua primeira esposa, decidiu casar todas as noites com uma mulher virgem. E no dia seguinte, mandava-as decapitar – começou ele a relatar, para surpresa de Martín e de Alodia.

- Os homens tratam-nos sempre tão bem, em todas as épocas e culturas...
- Calma, Alodia – interveio Martín.
- Num desses dias – prosseguiu o judeu –, quando tinha já mandado matar três mil mulheres, o sultão conheceu Xerazade. Era a filha de um grão-vizir de Shariar e ofereceu-se como voluntária, contra a vontade do pai, a fim de acalmar a ira do sultão.
- A que propósito vem isto, Abraham? – perguntou Martín, encolhendo os ombros.

– Shhh. Calai-vos e escutai por um momento – pediu Abraham com serenidade. – Uma vez nos seus aposentos, Xerazade pediu ao sultão para dizer um último adeus à sua amada irmã, Duniazade. Ao aceder ao seu pedido e encontrar a sua irmã, esta pediu-lhe uma história, tal como havia sido

secretamente planeado por Xerazade, e assim a concubina do sultão deu início a uma narrativa que duraria toda a noite.

– E no dia seguinte, ele não a decapitou – interrompeu Alodia, enfasiada.

– Exato. Desta forma, Xerazade manteve o sultão acordado, a ouvir a história com assombro e interesse, pelo que na noite seguinte, quando ele lhe pediu que continuasse o relato, Xerazade invocou a chegada do amanhecer para adiar a continuação até à próxima noite. Assim, todas as noites o sultão decidia mantê-la com vida, desejoso de ouvir uma nova história. Isto repetiu-se durante uma e outra noite, encadeando os relatos uns atrás dos outros e dentro uns dos outros, até que, ao fim de mil e uma noites de diversas aventuras, e já com três filhos, não só o rei tinha sido entretido como tinha compreendido também o valor da vida e encontrado um verdadeiro amor em Xerazade, que passou de concubina a sua esposa.

– Porque nos contaís tudo isto? – Martín continuava sem compreender a necessidade daquela história.

– Simples; isto que tenho aqui é o livro d’*As Mil e Uma Noites*, com todas as histórias que Xerazade leu ao sultão.

– Isso não pode ser verdade – interrompeu Alodia, fascinada. – Posso vê-lo?

– Claro que sim. – E estendeu-lho.

– O meu povo tem transmitido de geração em geração o poder insólito de amuletos, frases mágicas, talismãs e máquinas extraordinárias, algo que também acontece entre os muçulmanos e os cristãos como vós. Segundo a minha fé, Salomão foi o único homem capaz de subjugar os génios malignos, e isto graças ao seu conhecimento da palavra, do «nome do poder» gravado no seu «selo», um anel que tinha em sua posse e a que a lenda atribuiu poderes extraordinários.

– Salomão não é importante apenas para os judeus; para os muçulmanos, é um dos grandes profetas anteriores a Maomé.

– Assim é, e muitos dos nossos livros falam nele, entre os quais *As Mil e Uma Noites*. Há aqui uma história em que aparece várias vezes um anel mágico; numa delas, Salomão perde esse anel e, com ele, o seu poder.

– Ouvi algumas histórias parecidas do Ayub – acrescentou Alodia.

– Ayub, o mago, um homem prodigioso – disse o médico, fitando-a com receio. – Quem o matou também tem de ser astuto, e possivelmente poderoso. Creio que fugir não vos levará a lado nenhum.

– O que sugeris? – perguntou Martín, olhando de soslaio para o rosto de Alodia.

– Vou dizer-vos uma coisa. Se esse homem, esse assassino e aprendiz de mago, quer construir um talismã, precisa de conhecimento, de sabedoria. Só a pode encontrar nos livros; o vosso homem deve ter acesso a uma biblioteca.

– E? – Alodia não mostrava qualquer afinidade com Abraham. – Não vejo para que nos pode isso servir...

– Essa biblioteca deve ser vasta, complexa... E tem de estar escondida algures em Albarracín – sentenciou ele. – Encontrai-a e encontrá-lo-eis.

– Tendes a certeza disso? – perguntou Martín, levando a mão à nuca.

– Os livros são uma das invenções mais valiosas do homem. O Oriente, através de Bizâncio, conservou os textos dos principais pensadores gregos, além dos saberes de Ptolomeu, Euclides ou Galeno, aos quais se juntaram os contributos das próprias ciências árabes da matemática, da astronomia, da geografia, da medicina... Damasco e Bagdade, as capitais do califado, têm as mais ricas bibliotecas. É o saber dos livros que pode iluminar-nos, ainda que muitos preferam destruí-los.

– Também os mosteiros cristãos são uma fonte de conhecimento – interrompeu o sacerdote.

– Temo que não seja comparável; são migalhas face à opulência, um copo de água frente a um oceano – replicou Abraham, com muito mais calma nas suas palavras. – Há três séculos, já tinha sido fundada em Bagdade a chamada Bayt al-Hikmah, a Casa da Sabedoria, que foi escola de tradutores, biblioteca, observatório astronómico e academia de ciências.

– Como Toledo.

– Sim, mas trezentos anos antes – corrigiu imediatamente o médico. – Nela, foram traduzidas inúmeras obras das civilizações grega, indiana e persa, e foram lançadas as bases para o desenvolvimento da matemática, da astronomia, da história e da geografia. A partir da Índia, e através de Bagdade, foram introduzidos os números indianos, o zero e a vírgula decimal, que foram assimilados pela matemática árabe. Com as traduções dos clássicos, a civilização árabe assimilou também as ideias de Platão, Aristóteles, Ptolomeu e Galeno.

– Em Castela, o rei Afonso X acreditava na difusão cultural como obrigação moral – disse Martín, entrando na discussão com novos argumentos. – Era a forma mais adequada de fazer com que as maravilhosas virtudes que Deus pôs nas coisas fossem reveladas aos homens, para que Deus fosse por eles louvado, amado e temido.

– Assim é, porque o rei castelhano acreditava que a natureza era entendida como objeto de contemplação simbólica da obra divina. – Por essa altura, Abraham já tinha captado por completo o interesse de ambos. – Por essa razão, mandou traduzir obras que tratavam as propriedades ocultas das coisas e os efeitos mágicos que podiam ser induzidos em objetos e pessoas através de determinadas cerimónias, nomeadamente, graças à construção de talismãs. Esse

processo deve cumprir uma série de requisitos muito exigentes. Afonso X fez com que os seus astrónomos se dedicassem, durante dez anos, a examinar os movimentos dos astros a fim de anotar as suas posições, criando formas de determinar a hora a partir da altura do Sol durante o dia e de uma estrela durante a noite, instruções para determinar o ascendente, as doze casas astrológicas e as posições dos planetas...

– Esse saber, esse conhecimento, escapa ao controlo da Igreja – observou Alodia, mostrando-se mais próxima de Abraham.

– Efetivamente; por agora, a Igreja não o vê como um perigo. Embora tema que, num futuro não muito distante, comece a persegui-lo, e se esse dia chegar, não estará com hesitações – observou ele com pesar. – O que quero que compreendais é o poder de um talismã. Para construir um poderoso, o assassino precisa de material específico, dos símbolos adequados e dos livros para realizar todo o processo. Tendes de procurar essa biblioteca; se a encontrardes, então tirar-vos-ei de Albarracín.

Martín inspirou fundo.

– Podemos tentar – afirmou o sacerdote.

– Muito bem – assentiu Abraham, sorrindo. – Mas primeiro temos de fazer algo importante.

Alodia e Martín fitaram-no, surpreendidos.

– Não podes continuar com esse aspeto, vou preparar-te um banho e dar-te roupas limpas, já não estás numa masmorra.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Há tanto tempo que não sentia água quente na pele que lhe pareceu tão agradável como se fosse a primeira vez. Abraham tinha-lhe aquecido várias bacias e dera-lhe uma concha para que se pudesse lavar bem. Alodia esfregou bem o seu corpo com uma pedra porosa, como que querendo eliminar não só a sujidade material, mas também tudo o que sofrera no subsolo do palácio. Submergiu o rosto na água e deixou-o lá. Concentrou-se e ficou com a mente em branco. Manteve-se assim durante todo o tempo que pôde, chegando a ultrapassar os seus limites. Até que levantou a cabeça, antes que se afogasse, e procurou avidamente encher o peito de ar.

Custou-lhe a recuperar, mas começou a sentir-se melhor, como se aquilo tivesse matado os seus pesadelos. Secou-se e vestiu uma saia branca. Abraham não tinha espelhos naquela divisão, por isso chamou por ele e o médico deu-lhe um, juntamente com uma escova para o cabelo e um frasquinho, do qual lhe pediu que deitasse algumas gotas no pescoço.

Alodia começou a pentear-se, lembrando-se de quando era pequena e a sua mãe fazia o mesmo com ela e com Beatriz. Discutia sempre com a irmã para que a mãe as escovasse por mais tempo e depois tentavam fazê-lo elas mesmas.

Quando terminou, abriu o frasco e um doce aroma emergiu dele, era um perfume frutado. Verteu uma pequena dose no pescoço e deixou-o ali.

Saiu do quarto.

Martín estava a conversar com Abraham, sentados à volta de uma mesa redonda. Interrompeu a suas palavras ao vê-la regressar. O jovem fitou-a a partir dos pés, Alodia estava descalça, com as longas pernas escondidas sob uma bonita saia; a sua cintura intuía-se melhor do que nunca e, ao chegar ao seu rosto, teve de disfarçar para não mostrar o que realmente sentia.

Seria aquela mesma mulher a malcheirosa e esfarrapada prisioneira da masmorra?

Parecia um ser totalmente diferente, que irradiava uma bonita luz. Tinha uma beleza serena, a sua pele morena contrastava com a roupa, e os seus longos cabelos, negros e molhados, caíam-lhe pelos ombros de forma graciosa.

Martín não sabia para onde olhar, nunca tivera sentimentos como os que nesse preciso instante lhe assaltavam o coração.

– Muito melhor assim, não é verdade? – comentou Abraham, esperando uma resposta de Martín que nunca chegou. – Não podia permitir que continuasses naquele estado. Gostaste do perfume?

– É delicioso.

– Fico feliz – disse o médico, levantando-se. – Tenho uns sapatos que talvez te sirvam.

Dirigiu-se a um armário e tirou umas botas de tamanho pequeno.

– Obrigada.

– Senta-te, tenho coisas para fazer.

Alodia ocupou o seu lugar, Martín continuava sem lhe dizer nada. Mas ela sabia que ele a estava a observar, e isso agradava-lhe.

– Temos de decidir o que fazer – mudou ele de assunto, baixando o olhar.

– Sim, concordo.

Aquele médico de baixa estatura observava-os a uma certa distância, enquanto arrumava as coisas da ceia e se ocupava com outros afazeres. A casa de Abraham era humilde, tudo parecia muito organizado, talvez demasiado. Alodia sabia reparar nos pormenores e notou algo estranho na disposição dos objetos, como se, à primeira vista, não houvesse nada fora do lugar, nada que fizesse suspeitar

que aquela não era apenas mais uma entre as muitas casas daquele bairro. Ainda assim, a uma segunda leitura, havia elementos que pareciam ter sido postos ali apenas para adornar, como se fizessem parte de uma decoração, estudada e bem preparada.

Não sabia muito sobre os médicos, mas esperava uma casa diferente para um deles. Embora fosse verdade que Abraham já não estava em condições de trabalhar, movia-se muito mal com aquele coxear e a idade tinha feito moosa no seu físico.

– E agora? – perguntou Martín, preocupado; procurou a corrente que pendia do seu pescoço e tomou o Cristo nas mãos.

– Não temos tempo... – Alodia continuava com a sua atenção fixa no interior da casa.

– É possível que o Abraham tenha razão, que essa biblioteca exista, e nesse caso, se a encontrarmos...

– Porque confias nele?

– Alodia, pouco mais podemos fazer, ele ao menos oferece-nos uma possibilidade.

– Em troca de lhe entregarmos uma suposta biblioteca secreta, que nos diz que está relacionada com o assassino, parece-te algo coerente? Não é muita coincidência? – instou-o ela. – Passou-te pela cabeça que apenas nos queira usar?

– E o que fazemos? Diz-me tu.

– Julgava que tinhas pensado num plano melhor quando me tiraste da masmorra – respondeu ela.

– Se tivesse pensado, talvez não te tivesse libertado...

– Não me venhas com isso agora – advertiu-o Alodia, fitando-o de forma ameaçadora.

– Está bem, concentremo-nos no que temos. Esse homem, o aprendiz de mago, não sabes quem é, não temos sequer uma vaga ideia da sua identidade.

– Mas sabemos que controla ou possui uma biblioteca – salientou Alodia com resignação.

– Se tomarmos isso como possível, pode estar em qualquer grande casa desta cidade.

– Não, Martín, tem de ser numa das importantes, nos palácios de algum nobre de agora ou do passado – comentou ela –, uma biblioteca exige espaço e tempo para a criar.

– Continua a ser muito pouca informação – contrapôs Martín, abanando a cabeça. Depois, olhou para Alodia e deu-se conta de que também ela o observava.

– Calma, encontraremos uma solução – disse ela, e pousou uma das mãos no braço do religioso. – Obrigada por me teres tirado daquele lugar, por me salvares a vida.

– Foi o Lízer que me pediu que o fizesse.

– De onde conheces o Lízer?

– De lado nenhum, mas recorreu a mim na igreja de Santiago.

– Ainda que to tenha pedido, foste tu que o fizeste. Arriscaste-te por mim – afirmou ela, de forma pausada. – Devo-te a vida.

Aquelas palavras, e sobretudo os lábios que as proferiam, fizeram vacilar todos os pilares sobre os quais assentava até à data a vida do jovem Martín. Até àquele momento, conseguira controlar qualquer vislumbre de debilidade, mas agora

Alodia parecia outra mulher, tinha-se transformado, estava realmente bela.

– Alodia, eu...

– Shhh. – Fechou-lhe a boca com os dedos. – Cala-te.

Nunca tinha tido uma mulher tão perto; sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo inteiro. Queria abrir a boca e comer daquela pele, desejava-a tanto. Fitou as profundezas dos olhos de Alodia e não lhes encontrou fundo. Se quisesse saber o que havia lá dentro, teria de se embrenhar no desconhecido, e isso atemorizou-o.

– Tendes de ir – interrompeu Abraham, fingindo que tossia –, não é seguro para ninguém que fiquéis aqui mais tempo. Anda meia cidade à vossa procura, tendes sorte por estarmos debaixo de cerco.

– Sorte? – Martín arqueou as sobrancelhas.

– Sim, todos os varões capazes de lutar estão nas muralhas – respondeu Abraham, que os observava a uma distância estudada –, quase não há homens para vos perseguir. No fundo, sabem que não podeis escapar, julgam que é uma questão de tempo até vos encontrarem. Mas não podeis ficar aqui, já sabeis.

– E para onde se supõe que devemos ir? – perguntou Alodia, dando um passo atrás.

– Tendes de encontrar a biblioteca se quereis a minha ajuda – insistiu o médico, de forma incisiva. – Nela, deve haver livros de todo o tipo, não é fácil que tenha passado despercebida.

– Há um *scriptorium* na catedral – comentou Martín.

– Sim, mas duvido que possua esse tipo de livros; na biblioteca que procurais, tem de haver volumes em árabe, em grego, livros sobre constelações, planetas e tratados de magia. Creio que faríeis bem em descartar qualquer biblioteca

relacionada com a Igreja Católica.

– E com o Islão? – sugeriu Alodia, de forma muito expressiva.

– O que queres dizer? – Abraham fitou-a, confuso.

– Livros em árabe... Parece o mais lógico, pensar na biblioteca de um muçulmano.

– Faz sentido, ao fim e ao cabo – reagiu Martín –, o Ayub também era muçulmano.

– Sim, mas aqui na mouraria é difícil aceder aos edifícios, nunca se sabe o que há por trás de cada porta. E além disso, duas bibliotecas como essas, tão juntas, na mesma cidade, uma ao lado da outra... Não me parece lógico – salientou Abraham, com um olhar cético. – E se...?

– Se o quê? – perguntou Alodia, impaciente.

– Talvez essa biblioteca que procuramos pertença efetivamente ao mundo muçulmano, mas não ao atual e sim a um anterior, à época dos reinos das taifas. Albarracín também gozava de uma posição estratégica nesse tempo e foi feudo do rei Lobo, uma personagem muito importante.

– Foram há muito tempo, as taifas... – observou Martín, parecendo pouco entusiasmado com aquilo.

– Há cerca de trezentos anos, quase todo o sul dos Pirenéus estava dominado pelos muçulmanos, o califa tinha a sua corte na cidade de Córdova. As coisas mudaram muito por volta do ano mil, pois então sucederam-se até nove califas no trono de Córdova em apenas duas décadas.

– Sim, e aconteceu o inevitável, um vazio de poder que foi preenchido por nobres e governadores de grandes cidades; todos queriam ser reis, nem que fosse de um minúsculo pedaço de terra – afirmou Alodia sem interesse.

– Formaram-se mais de vinte pequenos estados dirigidos por caudilhos locais de diferentes proveniências: árabes em Valência e Saragoça; na parte mais ocidental, foram os berberes muitos arabizados, aftácidas em Badajoz, birzálicas em Carmona, ziridas em Granada, hamúcidas em Algeciras e Granada e abálicas em Sevilha. Com o passar dos anos, houve taifas que conquistaram todas as pequenas taifas em seu redor, como Sevilha, Múrcia, Badajoz, Toledo e Saragoça, transformando-se em reinos poderosos. Ainda assim, na zona onde nos encontramos, e graças ao seu hábil manejo da diplomacia, conseguiram sobreviver duas dinastias independentes, a taifa de Albarracín e a taifa de Alpuente.

– Os homens sempre desejosos de poder – murmurou Alodia, desassossegada.
– Agora, há cem anos e daqui a outros cem. Nunca mudareis, mas, em vez de purgardes os vossos pecados, preferis perseguir-nos a nós, as mulheres.

– Está na nossa natureza – respondeu Abraham –, mas agora devemos descobrir algo muito importante. Onde havia uma biblioteca em Albarracín no tempo das taifas?

Capítulo Cinquenta e Cinco

Cheirava a queimado, colunas de fumo erguiam-se em direção a um céu em que as nuvens se iam fechando e adotando um tom escuro, como que deixando-se influenciar pelo que se passava mais abaixo. Chegou um momento em que todo o ambiente parecia predestinado ao que ia acontecer.

Um bando de andorinhões passou a voar sobre o rio e elevou-se, passando por cima dos estandartes com as cruces de São Jorge e as insígnias das casas mais importantes; todas tinham partido para a guerra com os seus melhores cavaleiros, os seus peões, os seus sargentos, formando as numerosas mesnadas que naquele dia se tinham reunido para a batalha.

Atilano de Heredia envergava a sobreveste com a insígnia da sua família sobre a mesma cota de malha usada pelo seu avô no cerco que a cidade sofrera há mais de meio século, por ordem do anterior rei da Casa de Aragão, Jaime I, *o Conquistador*. Confiava que lhe daria sorte, como fizera naquela ocasião, quando aquele monarca, sendo apenas uma criança, tivera de levantar o cerco e fugir com o rabo entre as pernas.

Agora, a situação era pior, sabia disso. Era dos poucos que compreendiam que Pedro III não era como o pai; não se deixava arrastar pelos acontecimentos, provocava-os. Não ia a correr para as guerras provocadas pelos seus nobres a fim de se pôr à sua cabeça; convocava-os para a luta e todos acorriam. Não evitava duelos, por mais desonestos que fossem, encontrando antes uma forma de sair deles de forma airosa. E se o papa o excomungava e punha em causa a sua coroa, dispunha-se a dar luta a quem quer que ousasse aparecer para o despojar dela.

Talvez soubesse tudo isso porque também ele não era como o seu pai.

As hostes da Coroa de Aragão tinham avançado muito naquele dia; Heredia podia ver que os cavaleiros valencianos tinham tomado posição frente à porta de

Molina, enquanto a maioria dos aragoneses esperava junto ao caminho de Saragoça. Viu insígnias de nobres catalães junto ao rio, com uma boa quantidade de arqueiros e besteiros, enquanto os almogávares compunham toda a primeira linha do outro lado do rio; eram eles que mais temia. Num tempo em que a cavalaria era tudo, aqueles homens a pé tinham revelado ser realmente temíveis e perigosos num ataque direto às muralhas. Podiam acabar por ser decisivos se chegassem às defesas de Albarracín.

Procurou ao longe a insígnia real do inimigo, as barras da Casa de Aragão; não conseguia vê-las, mas deviam estar ali no alto, junto a uma das atalaias que tinham tomado alguns dias antes, pois era o melhor lugar para dirigir o ataque.

Que o rei estivesse ali em pessoa com a sua mesnada real não era um bom sinal.

Para sua surpresa, não foram os almogávares os primeiros a atacar. Uma hoste a cavalo entrou pelo sul, pelo flanco natural mais débil, mas que estava bem amuralhado por uma linha dupla.

Viu imediatamente que eram catalães; aquele movimento surpreendeu-o. Esperava um ataque mais direto a partir do rio, um ataque de peões.

«Porquê essa estratégia?», perguntou-se, preocupado.

Atilano correu para o topo da alcáçova, onde o governador e os seus homens de confiança analisavam também os avanços inimigos e organizavam consequentemente a defesa da cidade.

– Governador, autorização para falar.

– Jovem Heredia, vós agora, onde está o vosso pai?

– Continua doente.

– O que quereis? – perguntou o governador, sem grande interesse. – Não

vedes que não é o melhor momento?

– Os catalães avançaram pelo sul.

– Eu sei, e então? – O sobrinho do Senhor de Albarracín tinha-se engalanado com uma brilhante cota de malha, totalmente nova e reluzente.

– Não é um movimento lógico; eles estão a planejar algo.

– Tentam distrair-nos, não vedes? – Álvaro Núñez de Lara olhou para os rostos que o rodeavam em busca de concordância, e encontrou-a entre sorrisos e olhares. – Lançarão um ataque a partir do rio, as muralhas detê-los-ão e então os nossos arqueiros descarregarão sobre eles todas as suas flechas.

– Enviei arqueiros também para o sul, suplico-vos.

– Maldição! Não ouvistes o que eu disse, Heredia?

– Por favor, só uma companhia, se quiserdes, mas reforçai esse flanco – pediu Heredia, curvando-se ante o governador.

– Está bem, enviei uma companhia das novas – ordenou Álvaro Núñez de Lara.

– Não penso desperdiçar homens de armas nisto, que sejam as crianças e os velhos a ir. As gentes de cá nunca lutaram para lá do Ebro. O meu tio combateu em Sevilha, em Córdoba e em Jaén, atravessou o mar até às terras dos mouros e voltou para o contar.

– Sim, tendes razão, eu não combati no Al-Andalus, e muito menos em África – prosseguiu o jovem Heredia enquanto avançava por entre o resto dos nobres, que lhe prestavam toda a sua atenção –, mas nasci aqui, em Albarracín. E desde pequeno que oiço as histórias dos que ergueram estas muralhas, dos que as defenderam quando o rei Conquistador atacou, histórias do meu pai e do pai do meu pai, que regaram estes campos com o seu sangue. Não, não vi o mar, mas garanto-vos que conheço estas muralhas melhor do que ninguém, e defendê-las-ei com a minha vida se for necessário.

– Disparates! – replicou Álvaro Núñez de Lara. – Não preciso de arengas, sei perfeitamente o que devo fazer. Cada dia em que o rei de Aragão permanece acampado frente às nossas muralhas é uma nova jornada em que tem de pagar aos seus homens, de alimentar os seus cavalos e de deixar desprotegidas as suas fronteiras no norte. O inimigo de Aragão é França; quando esta intervier, os nossos problemas terminarão.

– Como estais tão certo de que o fará? – contrapôs Heredia, que não dava o braço a torcer e a quem os nobres presentes começavam a ver com respeito. – Como sabemos que o francês atacará? Confiar nisso é uma temeridade, podeis garantir que acontecerá? Que atravessará os Pirenéus? Dizei-nos, vamos!

– Silêncio – ordenou o governador, irritado. – Não temos de esperar pela ajuda francesa, o meu tio regressará com as suas tropas e reforços de Navarra. Devemos resistir, é uma questão de tempo.

– Devíamos prever a possibilidade de o nosso senhor, vosso tio, demorar a reunir as tropas necessárias para levantar o cerco – disse Atilano de Heredia, convertendo-se no alvo de todos os olhares.

Heredia sabia que muitos pensavam o mesmo que ele.

– Insinuais, porventura, que não virá? – resmungou Álvaro Núñez de Lara, com os olhos injetados de sangue.

– De modo algum; digo apenas que o vosso tio tem de reunir muitos homens de armas e de atravessar depois toda a fronteira desde Navarra; pode encontrar contratempos, não podemos descartar isso.

– É verdade que as famílias de alguns dos que estais hoje aqui têm mais experiência na defesa desta cidade – afirmou o governador –, mas a Casa de Lara já combate há séculos. Somos homens de armas, e nunca abandonamos a batalha, que fique claro. O meu tio chegará a tempo.

Um murmúrio percorreu os presentes.

– Quais são as últimas notícias dos sentinelas dos castelos?

– O cerco apertou; Pedro III mandou guardar os lugares e as passagens de sorte para que ninguém possa sair da cidade, estamos fechados – respondeu um dos outros nobres, Diego de Cobos.

– Estamos onde queríamos estar, isso não me preocupa. Mobilizaram muito material de cerco, sabiam onde vinham, sem dúvida. – O sobrinho do Senhor de Albarracín mordeu o lábio superior enquanto pensava.

– Colocou a hoste do seu filho Afonso, com a sua gente e os concelhos de Calatayud e Daroca, frente à cidade. Ao conde de Urgel, com a sua cavalaria, pô-lo longe do infante e perto do rio – continuou Diego de Cobos a relatar. – Os almogávares, com muita infantaria, cercam a torre do Andador. – O seu tom de voz alterou-se. – Não podemos permitir que caia em nenhuma circunstância, pois é o acesso mais fácil à cidade.

– E aquela outra hoste? – perguntou Álvaro Núñez de Lara, dirigindo o olhar para o horizonte.

– É o brasão de um nobre catalão, apoiará os almogávares com a sua cavalaria. E ao seu lado está a hoste da cidade de Teruel, sabem que têm de tomar a torre do Andador. A torre não cairá; esse rei que ousa atacar as nossas terras foi excomungado pelo Santo Padre, não é um monarca cristão. Deus está do nosso lado!

– Vamos precisar – murmurou Atilano de Heredia, e partiu de imediato.

Saiu da alcáçova a murmurar e foi então que viu um homem vestido de preto a tentar entrar; discutia com os guardas e parecia nervoso.

– O que se passa aqui?

– Meu senhor – respondeu um dos guardas –, é um dos homens de Ferrellón.

– Sou Atilano de Heredia, o que se passa convosco?

– Tenho de falar com o governador.

– Posso ajudar-vos? Os Heredia ainda mantêm uma certa reputação junto desses castelhanos que nos governam.

– Agradecia.

– Acompanhai-me. – Fez sinal aos guardas, como que dando a entender que se ocuparia do aguazil. – Tendes a certeza de que é importante o que tendes para dizer?

– Tenho, sim – respondeu Lízer, com a voz entrecortada. – Aconteceu algo terrível. Por favor, peço-vos, ajudai-me.

– Com certeza, vamos para a minha casa. Apressememo-nos, antes que os invasores retomem o ataque.

Caminharam até à mansão familiar dos Heredia. Lízer observou Atilano de Heredia, era jovem como ele, embora se vestisse de forma muito diferente, evidenciando nas suas roupas a grandeza do seu apelido.

Chegaram à Casa de Heredia, protegida por uma forte porta dupla. Não tardaram a abrir; lá dentro, estava frio, as paredes eram grossas, pareciam mais próprias de um castelo. Heredia convidou-o a acompanhá-lo através de várias divisões, até que finalmente se instalaram no gabinete principal. Lízer não era muito propenso àqueles luxos, mas estava nervoso e ansioso por contar o que acontecera, pelo que também não fez grande finca-pé.

– E então? Aqui estamos, que coisa tão importante é essa que me quereis contar? Estou a ouvir-vos. – E Heredia reclinou-se num grande cadeirão com encosto de cabedal e brilhantes cravos de latão.

Lízer contou tudo o que acontecera ao nobre e ao seu guarda-costas, as mortes de Alejandro de Ferrellón e de Diosdado, os símbolos, os detalhes das mortes dos mestres dos grémios.

– O que me contaís é extremamente grave – afirmou o jovem Heredia, indignado. – E aqueles estúpidos nem sequer vos receberam?

– Nada, não sabem nada. Destituíram Alejandro de Ferrellón e Diego de Cobos assumiu as rédeas da segurança intramuros.

– Conheço-o perfeitamente, não é alguém com quem seja fácil chegar a um entendimento – pigarreou Heredia.

– Podeis ajudar-me?

– Vou tentar, não tenhais dúvidas.

Tocaram novamente os sinos; as hostes da Coroa de Aragão retomavam o seu ataque.

– Temos de ir para as muralhas – afirmou Atilano de Heredia. – Sorride, Lízer, como podeis verificar, os nossos inimigos nunca nos falharão.

Lízer ficou confuso.

– Eu velo por esta cidade, ninguém se interessa mais do que eu pelo seu bem-estar e segurança. Não duvideis de que agirei quanto a este assunto.

– Isso é incrível, o que ides fazer? – Lízer fitou-o, entusiasmado.

– Agora, os meus afazeres chamam-me, também vós deveis acorrer à defesa. Mas logo voltaremos a falar.

– Agradeço a vossa ajuda, pelo menos alguém se preocupa com o que acontece intramuros.

– Não tendes de agradecer, a sério. – E deram um aperto de mão.

Lízer abandonou a Casa de Heredia acompanhado por uma das criadas e

dirigiu-se à porta de Molina; era a que ficava mais perto de sua casa e sentia que era a parte da cidade que devia defender.

Entretanto, Atilano de Heredia reuniu os homens de armas do seu pai e tomou posição na muralha.

Capítulo Cinquenta e Seis

O senescal da Catalunha ergueu o braço direito e toda a cavalaria que o seguia desmontou, deixando para trás os cavalos e avançando a pé. Os soldados gritavam em unísono: «Aur, aur... Desperta, ferro», enquanto faziam repicar contra o solo as ponteiros das suas armas brancas, fazendo saltar faíscas contra as pedras.

Atilano de Heredia chegou ao adarve e praguejou para consigo. Traduziu mentalmente aquela arenga: «Escuta, escuta... Desperta, ferro.»

«Aqueles homens não são cavaleiros, são almogávares, é o seu grito de guerra. Enganaram-nos.» Olhou para o alto da alcáçova; não havia tempo para pedir mais reforços, teriam de defender aquele flanco com o que tinham.

O senescal deu a ordem e os almogávares avançaram como bestas enlouquecidas.

«Porque atacam ali?», perguntava-se Heredia, que não parava de se mexer, nervoso e preocupado ao mesmo tempo.

«Não faz sentido, não se pode aceder à cidade a partir daquele ponto, só lá há moinhos de cereal, quatro casebres de agricultores e celeiros.»

A porta não se abriu, e portanto a cavalaria de Albarracín não saiu para os repelir; os almogávares apoderaram-se daquela zona extramuros. Passado pouco tempo, os invasores começaram a tomar portas, vigas e tábuas das construções e a colocá-las na frente junto à muralha, formando uma espécie de paliçada.

Heredia não aguentou mais, desceu a um dos portões do cinturão defensivo superior e ordenou aos guardas que o deixassem passar. Avançou por dentro dos muros da primeira muralha até um dos torreões que defendiam o flanco sul. Subiu pela escadaria interior até às ameias superiores, onde três cavaleiros vermelhos vigiavam as manobras do senescal da Catalunha.

– Sou Atilano de Heredia, o que se passa?

– Nada de bom – respondeu um dos homens, saudando-o com um ligeiro gesto de cabeça. – Não são apenas almogávares, também há carpinteiros e outros ofícios.

– Porque deslocaram a sua melhor infantaria para este ponto? Não faz sentido nenhum.

– Concordo, jovem Heredia, mas foi isso que fizeram.

– Está a escapar-nos algo.

– Não devíamos permitir-lhes tomar aquela posição – interveio outro dos cavaleiros vermelhos, que tinha uma insígnia mais humilde na sobreveste.

– Eu sei, mas já é demasiado tarde – afirmou rotundamente Heredia.

– Ainda podemos sair a cavalo; são mercenários, tropas ligeiras, infantes armados apenas com o necessário – atirou o mesmo cavaleiro.

– Nem sonhes; são os que acabaram com os nossos homens do outro lado do rio. Basta olhar para eles, não tinham armadura nem elmo, nem sequer cota de malha. Mas sim lanças e ascumas. Não cairemos duas vezes na mesma armadilha.

– Continuam a construir uma paliçada e não hesitam em destruir os moinhos para isso, não seria mais útil aproveitá-los? – perguntou de novo o cavaleiro.

– Sim, é por isso que me preocupa tanto.

O Sol avançou pelo céu até à sua parte mais alta sem que os sitiadores avançassem. Dentro da cidade, a calma era tensa, como se um verdugo demorasse o seu tempo a afiar a lâmina do seu machado antes da execução.

As grandes armas de cerco e os outros engenhos começaram cedo a lançar os seus vômitos de pedra contra a cidade. As muralhas resistiam bem aos

impactos, mas os gritos, os estrondos das colisões e os destroços transformaram o ambiente, a cidade tinha mudado. A próspera e movimentada Albarracín, a ponte entre os quatro reinos, tinha-se transformado numa praça-forte em guerra, sitiada, isolada e irreconhecível. Aquelas fragosas montanhas, os seus profundos desfiladeiros, o rio que serpenteava com as suas águas frias como gelo, o inóspito clima, as suas intermináveis muralhas; todas essas qualidades que até então a tinham salvo pareciam agora mais sombrias, pesadas, como se aquele fosse o último lugar onde alguém quereria estar neste mundo.

E então, acenderam-se inúmeras fogueiras à volta de Albarracín.

Um toque de tambor pô-los a todos em alerta. Inicialmente, era apenas um, distante, quase um eco perdido. Pouco a pouco, foram-se-lhe juntando mais e mais, e como se fosse o palpitar de uma fera, de um dragão que se aproximava, foi-se tornando cada vez mais forte, até o zumbido penetrar na cidade. Por mais que as casas estivessem fechadas, com as portas e janelas entaipadas, aquele ruído infernal infiltrou-se pelos meandros mais insuspeitos e todos souberam que a besta tinha acordado.

O ataque recomeçara; o anterior tinha sido apenas uma escaramuça para medir as defesas.

As balestras intensificaram os seus disparos; a infantaria começou a mover-se pela primeira vez, saída dos diferentes grupos formados em redor da cidade. Só as forças situadas no pavilhão real se mantiveram imóveis, com a insígnia real de Aragão a esvoaçar ao vento; estaria ali a mesnada do rei, enquanto os seus nobres de confiança dirigiam as tropas de todos os territórios de que ele era soberano.

Uma amálgama de infantas incitada pelos seus senhores começou a avançar como um enxame. Marchavam rapidamente, ao ritmo dos tambores de guerra,

que continuavam a soar, e ante a estupefação dos defensores.

QUINTA PARTE
A BIBLIOTECA

Capítulo Cinquenta e Sete

Alodia mantinha-se em alerta junto a uma das janelas que davam para o exterior. Pelos gritos que se ouviam das muralhas, o ataque tinha começado. Parecia que, por enquanto, as defesas resistiam, mas o ambiente tornara-se angustiante, um céu negro cobria as suas cabeças e o ar que respirava vinha misturado com cinzas e com um cheiro desagradável.

Abraham tinha adormecido numa cadeira.

Martín estava calado, absorto nos seus pensamentos. Quando ela o fitava, via um homem pensativo, com uma evidente religiosidade e uma tristeza própria de um jovem tímido, embora tivesse já uns trinta anos.

Via agora com mais clareza algo que já lhe tinha chamado a atenção da primeira vez que o vira: os seus olhos. Eram de uma cor comum, avelanada, e não eram muito grandes; já as pestanas pareciam mais longas do que o habitual. Havia algo de singular naqueles olhos. Era difícil de explicar; a Alodia, dava-lhe a impressão de que Martín tinha visto coisas terríveis, e podia dizê-lo com conhecimento de causa.

Era como se guardasse algo no seu interior, uma força, um sentimento que lutava para brotar e que ele tentava manter preso à sua vontade. Intuiu que era algo que lhe tinha acontecido na infância. Ao fim e ao cabo, é a época mais bonita das nossas vidas, mas, se acontecer uma desgraça durante esse período, esse acontecimento pode marcar o futuro de qualquer um.

– Não sei o que podemos fazer, e muito menos com a cidade debaixo de cerco
– murmurou Martín, sem erguer os olhos do chão.

– Temos de procurar essa biblioteca.

– Essa teoria não passa de uma conjectura – resmungou o sacerdote, movendo-se de um lado para o outro. – Já passou muito tempo desde as taifas; mesmo

que essa biblioteca exista, estará tão escondida que jamais a encontraremos.

– Onde estavam os cristãos enquanto se criavam e perdiam esses reinos muçulmanos?

– Éramos poucos, mal preparados, sem recursos, sem terras, e não podíamos derrotá-los armados apenas com a nossa fé. O meu pai costumava falar-me dessa época, parecia-lhe interessante a forma como os tempos mudam, como diferentes povos e religiões ocuparam a mesma terra.

– O teu pai parece um homem culto.

– Sim, era, tentou ensinar-me tudo o que pôde – salientou Martín com nostalgia. – Lembro-me de que me explicou que esses reinos das taifas competiam entre si não só no campo de batalha, mas também em esplendor intelectual. Para isso, tratavam de se rodear dos mais prestigiados poetas e cientistas, e progrediram de forma incrível na matemática e na astronomia. Por isso, é realmente possível que tenha existido aqui uma grande biblioteca.

– Se esses reinos eram como dizes, se tinham tantos recursos e conhecimentos, porque sucumbiram contra nós?

– Tudo tem o seu fim; chegou o momento dos cristãos e começou o nosso avanço. Ao não terem as tropas necessárias, as taifas contrataram mercenários, incluindo guerreiros cristãos, como o Cid Campeador, de que os jograis e trovadores tanto falam.

– Cristãos a lutar juntamente com infieis contra outros cristãos...

– Não foi suficiente, os reinos cristãos aproveitaram a divisão de cada taifa para as controlar. No início, a submissão era unicamente económica, obrigando as taifas a pagar um tributo anual, as páreas, aos monarcas cristãos.

– Os reis também são homens e têm as mesmas fraquezas.

– Sim, mas nem todos os monarcas são iguais, alguns são mais ambiciosos do que outros. Com a conquista de Toledo por parte do rei de Leão e Castela, os infiéis sentiram finalmente que a ameaça cristã podia acabar com as taifas. Pediram ajuda ao sultão almorávida do norte de África, que atravessou o estreito e venceu o rei leonês. Mas é preciso ter muito cuidado quando se chama uma fera assim, pois não entende de aliados, e os almorávidas foram conquistando todas as taifas, uma após outra, enquanto avançavam para norte.

– Muçulmanos contra muçulmanos.

– Sim, uns fanáticos religiosos contra outros mais tolerantes, e também cristãos contra cristãos.

– Às vezes, não somos assim tão diferentes... – murmurou Alodia. – Acho que o importante agora é saber que construções restam dessa época nesta cidade.

– Imagino que a alcáçova e a torre do Andador.

– A alcáçova era a antiga residência do rei de Albarracín, mantêm-se as suas dependências?

– Creio que só em algumas partes – respondeu Martín, com dúvidas –, ainda que alteradas, e algumas já abandonadas.

– E se a biblioteca estivesse lá?

– Isso não sabemos; é demasiado arriscado. A alcáçova é extensa, onde procuramos? Além disso, está vigiada, não podemos entrar.

– Normalmente, contaria com uma forte vigilância, mas agora, em pleno cerco... Estarão mais preocupados com a defesa das muralhas do que com a do lugar mais seguro da cidade, não achas? – afirmou Alodia, convicta. – Agora é o melhor momento para tentarmos entrar.

– Espera, estás a falar a sério?

– Estão todos de olhos postos nas defesas; a vigilância na alcáçova será mínima, Martín.

– É uma loucura.

– Não menos do que tirar-me das masmorras – murmurou Alodia. – É a nossa oportunidade, temos de esperar que amanheça e depois entramos. – Hesitou por um instante. – Mas primeiro, tenho de fazer uma coisa, preciso de uma tesoura.

Alodia pediu-a a Abraham, que lhe facultou amavelmente tudo aquilo de que ela precisava. Voltou ao quarto onde se tinha lavado e completou a sua mudança de aspeto.

Mantiveram-se o dia inteiro ali escondidos. Abraham aproveitou para lhes explicar o que sabia sobre a alcáçova. Estivera lá poucas vezes, mas lembrava-se de certos pormenores, juntamente com outros que tinha ouvido das pessoas.

Saíram do seu esconderijo quando começava a escurecer. Mais uma vez, a noite seria a sua melhor aliada. Dirigiram-se ao centro da antiga medina muçulmana. Aí, sobre um impressionante penhasco, erguia-se o castelo de Albarracín. Tratava-se de uma fortaleza inexpugnável. Seguindo a orla do relevo, erguia-se o seu círculo de muralhas, composto por onze torres de planta circular que, na sua face oriental, se encontravam abertas para o interior, revestidas pelo vistoso gesso vermelho da época muçulmana que também caracterizava os edifícios construídos nesse período.

O acesso estava protegido por dois homens e Martín foi direito a eles, acompanhado por Alodia, que tinha cortado os seus longos cabelos castanhos e escondia o seu corpo sob uma túnica larga. Assim, não parecia realmente uma mulher, as suas formas tinham-se esbatido e, com aquela cabeça rapada, com o cabelo tão curto como o seu, podia passar sem problemas por um rapaz enfermiço.

E, no entanto, não podia deixar de continuar a fitá-la, a perseguir os seus olhos.

Naqueles dias de caos, Martín sentia todo o peso do mundo sobre os seus ombros, mas não se importava, porque estava com ela, e não podia deixar de sonhar que, a qualquer momento, ela lhe pegaria na mão e sairiam os dois a correr, juntos.

Com toda a certeza, também ele seria procurado, pelo que estavam a arriscar muito.

Dirigiram-se à porta de acesso.

– Fomos enviados pelo bispo. Temos de comunicar os estragos na catedral.

– Ninguém nos avisou da vossa visita, sois sacerdote?

– Efetivamente, venho só dar conhecimento; a cidade tem muitos mais problemas, estamos conscientes disso.

– É claro que sim. Quase não há soldados na alcáçova, estão todos nas muralhas.

– Precisamos de Deus do nosso lado nesta guerra – recordou Martín num tom amigável –, não é verdade? Lembrai-vos de que quem nos ataca é um rei excomungado, devemos ter cuidado com ele.

– Tendes razão.

– Se nos permitis que acedamos... Queremos regressar à catedral o mais cedo possível.

– Entrai, mas eu no vosso lugar seria rápido. Julgo que em breve haverá um novo ataque.

Acederam a uma zona de palacetes com pátios centrais e salas em redor, que conservava muitos elementos da época muçulmana, como arcos lobulados ou

decorações em pedra avermelhada, muito típica daquelas terras. No nível superior do recinto, estava a residência principal; essa parte tinha sido muito remodelada pelos Azagra.

– O *hammam* deve estar na parte baixa do edifício principal – afirmou Martín –, talvez essa zona esteja mais intacta.

Um som rítmico começou a ouvir-se no interior. Era um palpitante, um batimento contínuo e asfixiante.

– Tambores de guerra – comentou o sacerdote.

– Voltaram à carga – disse ela, com uma segurança inata, como se nenhum problema pudesse quebrar a couraça de vidro que a protegia de tudo e todos. – Anunciam-no desta forma para desmotivar os defensores.

– E também para animar os seus; na verdade, sabem bem o que fazem. Devemos apressar-nos ou a cidade cairá.

– Acreditas realmente nisso?

– Já não sei em que acreditar... – respondeu ele, esquivando-se ao perigoso olhar de Alodia.

Avançaram com muito cuidado pelo interior da zona palaciana da alcáçova; os vestígios da época muçulmana eram evidentes. A sua sofisticação era assombrosa, mesmo duzentos anos após a sua criação. Alodia nunca tinha visto nada semelhante; podiam ser infiéis, mas o seu gosto e a sua arte estavam muito acima do dos cristãos. Enquanto a Cristandade disfarçava a sujidade sob perfumes e pós brancos, o Médio Oriente impunha um estrito hábito de limpeza e inscrevia-o no seu livro sagrado, o Corão.

– Esta zona tem de ser a dos banhos, ficavam geralmente perto das mesquitas e não era por acaso – explicou Martín. – Antes de rezar, os muçulmanos devem executar um rigoroso ritual para iniciar a oração de forma limpa e pura, e claro,

muitas das casas não têm onde se lavar. Por isso, é necessário que as pessoas acorram aos banhos públicos várias vezes por semana, para conseguirem essa pureza corporal e espiritual.

– Banhos com mais gente... Não faz sentido – murmurou Alodia –, para quê?

– Para se lavarem, como te digo – respondeu Martín, sorrindo.

– Enfiavam-se lá dentro, de corpo inteiro? – perguntou ela, admirada.

– Acho que sim. A esses banhos, iam as mulheres com os seus filhos, para se reunirem com outras mulheres, sair da rotina, se distraírem, contar tristezas e alegrias e, pelo caminho, familiarizar as crianças desde pequenas com o corpo humano, sem tabus.

– É um enorme disparate.

– Não te deixes enganar, tudo tem um motivo e uma causa, e quase nunca é o que pensamos à primeira vista – salientou Martín. – Prossigamos com o que viemos fazer, a qualquer momento pode vir alguém e o nosso pretexto não explicaria a nossa presença aqui.

– É difícil saber por onde seguir. Não podemos ficar aqui, não; vamos. – E Alodia tomou a iniciativa.

Seguiram por aquele corredor escuro que se prolongava por um bom número de passos. Caminharam com precaução. Aquelas velhas instalações taifais pareciam ter sido pouco percorridas nos últimos anos. Chegaram a outra divisão, um espaço que servia de vestíbulo, pois saíam dele três outros corredores.

– Isto é inútil – observou Martín, desanimado. – Por onde vamos seguir agora?

– Calma, deixa-me pensar.

Alodia olhou para os diferentes caminhos que se abriam diante dela, ocorreu-lhe uma imagem de quando era pequena... Estava a jogar às escondidas com a sua irmã Beatriz. Há tanto tempo que não sabia dela, onde estaria? Teria uma boa vida?

Era melhor não pensar nisso, já lhe bastava a situação em que se encontrava agora. Mas, por alguma razão, a memória recordava-lhe aquela velha passagem. Quando brincava com Beatriz, reparava sempre nos pormenores, a sua irmã costumava deixar rastros da sua passagem e ela era boa a descobri-los.

Virou-se e voltou novamente aos antigos banhos árabes.

– Uma cruz – disse em voz alta.

– Como dizes? – Martín seguia-a, um pouco perdido.

– Uma cruz; isto era a zona dos banhos, agora é um simples armazém, porque há uma cruz ali pintada? – Apontou para um dos extremos da divisão.

Martín aproximou-se, confuso; efetivamente, havia lá uma pequena cruz pintada de vermelho. Aproximou-se mais e passou-lhe os dedos por cima.

– Como sabias que estava aqui?

– Já tinha olhado para ela, mas não a tinha visto. Quando observo algo, é como se essa imagem me ficasse na cabeça. Às vezes, posso procurá-la e revê-la mentalmente.

– Tens essa capacidade?

– Sim, desde pequena que as imagens ficam gravadas na minha cabeça – respondeu Alodia –, e também os textos.

Martín já tinha ouvido falar nesse dom algumas vezes, embora nunca tivesse estado ao lado de alguém que o possuísse.

– Parece um dom muito valioso.

- Para o que me serviu... – murmurou ela. – Achas que quer dizer algo?
- Uma cruz significa sempre algo.
- Que resposta se pode esperar de um sacerdote...
- Não é uma cruz simples – disse Martín, passando as mãos pela parede. – Está enquadrada dentro de um círculo inciso no muro.
- E o que significa isso?
- Creio que simboliza a Terra – respondeu ele –, e há mais... Outro símbolo, parece... Um raio e a letra Z.
- E...?
- É o símbolo de um planeta, e creio que há mais símbolos, podem ter que ver com outros astros. – Olhou para o chão e limpou a sujidade com a sua bota.
- E também fizeram fogo, olha as cinzas. Talvez seja uma espécie de ritual, os símbolos, o fogo e este lugar, que é possível que tenha alguma simbologia antiga.
- Como sabes isso?
- Estes símbolos... Há pouco tempo, falaram-me de uns símbolos similares, embora não compreenda como funcionam esses ritos pagãos. Estavam relacionados com os crimes dos grémios.
- Não encontrámos a biblioteca, mas sim uma parede com símbolos de planetas...
- Isto é mais complicado do que parece – afirmou Martín, resfolegando. – Ao lado de cada morto, apareceu um símbolo destes, foi o Lízer que me explicou.
- E só agora é que me dizes?
- Não imaginava que fosse ser útil.
- Não importa! Devias ter-me dito... – E virou-lhe as costas, encolerizada.

- Espera um momento, acho que já lhes encontro sentido.
 - É bom que encontres – respondeu Alodia, voltando atrás.
 - Talvez cada grémio protegesse um símbolo; o assassino foi torturando um a um para os descobrir.
 - Mas disseste-me que lhes cortavam a língua...
 - Claro, por isso os desenhavam – murmurou Martín, alterado pela emoção. – O assassino torturava-os e, para que não gritassem, cortava-lhes a língua. O que fazia depois era obrigá-los a desenhar os símbolos. São muito simples, qualquer um pode fazê-lo se os conhecer.
- Nesse momento, ouviram um ruído, um baque, como que um som metálico. Não estavam sozinhos no *hammam*.

Capítulo Cinquenta e Oito

Atilano de Heredia dirigiu-se à muralha sul. No torreão, estava um vigia com cara de cansaço; devia ter passado a noite inteira de guarda.

– Houve alguma novidade?

– Não, meu senhor – respondeu ele, pondo-se em sentido diante do nobre. – Continuam a erguer a paliçada, não poupam em nada, desmantelaram todos os moinhos.

– Todos?

– Sim, não faz sentido. Só lhes restam umas casas do lado esquerdo, e aquilo já deve ser só uma esplanada, rodeada por uma cerca que estão a construir com todos os restos.

– Uma esplanada, dizes tu... – Atilano de Heredia passou a mão pelo rosto inteiro. – Maldição! Já sei o que estão a tramar.

Deixou o torreão e dirigiu-se à alcáçova; à entrada, acumulavam-se as armas e os apetrechos de guerra. Subiu ao adarve superior e ali estava o governador, rodeado pelos seus conselheiros e cavaleiros mais fiéis.

– Heredia, pois claro...

– Governador, já sei o que andam a tramar no flanco sul.

– Também eu – afirmou o sobrinho do Senhor de Albarracín. – Têm estado a derrubar os bosques mais próximos desde que aqui chegaram. Depois, continuaram a tomar os moinhos da cidade e a desmantelá-los. E agora avançam para lá os engenheiros, com a intenção de aí colocar dois engenhos que construíram.

– Máquinas de cerco – pigarreou Heredia.

– Sim.

– Têm este cerco muito bem planeado, ocultaram essas companhias da nossa visão, para garantir a tomada dos moinhos, e trouxeram engenheiros de cerco, com o complexo e caro que é construir essas máquinas.

– Eu sei, Heredia! – gritou Álvaro Núñez de Lara, enervado. – E o que quereis que eu faça? Dizei-me! O que se supõe que devo fazer?

– Esta noite, devíamos sair por um dos portões e atacar de surpresa aquela posição; matar os almogávares, para que os nossos homens vejam que são de carne e osso e deixem de ter medo deles – replicou Heredia, muito seguro das suas palavras –, e incendiar as máquinas, assim pensarão duas vezes antes de voltar a tentar. E se conseguíssemos capturar os seus engenheiros de cerco, então seria perfeito – concluiu, ante o assombro de todos os presentes.

– O vosso pai deve estar certamente orgulhoso de vós.

– Não são elogios o que procuro, governador.

– Sair da cidade, atacar aqueles mercenários loucos, capturar os engenheiros...

– Fez uma pausa. – E também incendiar as máquinas, já me esquecia – disse o governador, assentindo com a cabeça e coçando o queixo.

– Sim, foi isso que eu disse.

– E porque não saímos de rompante contra o próprio rei e acabamos com tudo isto hoje mesmo? De certeza que o apanhamos de surpresa, de certeza que não está à espera que abandonemos a cidade... – prosseguiu Álvaro Núñez de Lara, baixando o tom de voz para o elevar de novo. – Porque é uma perfeita estupidez! Pretendeis realmente que voltemos a lutar em campo aberto contra esses selvagens dos almogávares?

– Governador, eu...

– Se calhar é melhor abriremos as portas e deixá-los entrar. Porque não? De certeza que também os surpreendemos... – afirmou ele, olhando para todos os

que ali estavam. – Heredia, não quero voltar a ouvir-vos, não preciso das queixas nem dos conselhos de alguém que nunca travou um combate, nem de nada que saia da vossa boca. Sabeis o que vamos fazer? Vamos proteger-nos atrás destas muralhas e vamos pôr todos os homens, mulheres, crianças e idosos a defendê-las até que o meu tio, vosso senhor, regresse com um exército como nunca antes vistes e derrote aquele maldito rei blasfemo. – Inspirou fundo e ajeitou a sobreveste por cima da cota; ergueu o olhar e desviou a sua atenção do jovem Heredia.

Este não respondeu à reprimenda. Fez uma subtil vénia ao governador e abandonou a sala. Desceu da alcáçova e saiu para o pátio de armas.

Um estrondo atroz deteve-o, uma coluna de pó erguia-se em direção ao céu; vinha do flanco sul da cidade. Começaram a ouvir-se gritos por todos os lados e vários soldados surgiram a correr atrás dele.

Atilano de Heredia desceu em direção às muralhas. No momento em que avançava para a catedral, um novo abalo sacudiu a cidade. Desta vez, até ele próprio sentiu como a terra estremecia sob os seus pés. Agora, já sabia o que era, por isso desatou a correr. Contornou vários habitantes que iam em sentido contrário e uma carroça puxada por dois mulos que tinha parado a meio de uma ruela. Os animais tinham-se desbocado e o pobre carreteiro tentava controlá-los com pouco sucesso.

Apesar da cota de malha e da espada, Heredia movia-se com rapidez e desenvoltura, e chegou finalmente ao torreão defensivo que tantas vezes visitara nos últimos dias. Estavam lá meia dúzia de cavaleiros, todos de olhos baixos; ao verem chegar Heredia, assentiram com a cabeça.

Uns enormes engenhos de madeira disparavam incessantemente grandes rochas contra a cidade. O primeiro projétil tinha caído longe da muralha, na

margem do próprio rio, mas os restantes tinham vindo a aproximar-se pouco a pouco, embora ainda não tivessem alcançado as defesas da cidade. Heredia aproximou-se das ameias e observou o movimento dos enormes trabucos de contrapeso, máquinas infernais capazes de arremessar pedras do tamanho de uma vaca a mais de mil passos de distância.

Uma delas ativou-se ante os olhares receosos de todos os presentes; o seu lançamento tomou muita altura, sulcou o céu como uma águia em pleno voo e chocou contra uma das escarpas que rodeavam a cidade. Alguns dos homens de armas que protegiam esse flanco afastaram-se para não serem atingidos pelas lascas de pedra que saíam disparadas. Então, fez-se silêncio, uma estranha pausa, até que se começou a ouvir o eco de um tambor distante.

Mais abaixo do torreão, na primeira linha de muralha, um grupo de milicianos, recrutados entre os habitantes da cidade, assistia com receio ao ataque das armas de cerco. Não eram gentes de armas, mas sim artesãos e comerciantes, bem como rapazes que nunca tinham empunhado uma arma e idosos que há muitos anos tinham deixado de o fazer.

– Mau sinal – disse um dos defensores ali postados, o de idade mais avançada.

– Como, senhor? – Blasco estava perto dele, de olhar perdido.

– Rapaz, fala a voz da minha experiência; chamo-me Fernando, mas todos me tratam por Peregrino.

– E porque vos chamam assim?

– Fui a Santiago – respondeu ele, orgulhoso –, ao norte. Onde acaba a terra, sabes? – Blasco não reagiu àquelas palavras. – Bem, vejo que não és muito esperto – resmungou o homem. – É a tua primeira vez, rapaz? – perguntou.

– É, sim – respondeu o seu pai, o ferreiro, que estava ao lado do filho naquele momento crucial da sua vida. – Deixa-o em paz, como queres que saiba o que é

o Caminho de Santiago?

– Sei o que é, sim – afirmou Blasco –, e estou preparado para lutar.

– Sim, é claro que é a tua primeira vez – disse o Peregrino com um certo desprezo. – Caso contrário, saberias que nunca se está preparado para uma batalha.

– Sei lutar.

– Deixa o miúdo em paz! – exclamou o ferreiro, olhando com desconfiança para o Peregrino. – O meu filho é tão capaz de empunhar uma arma como tu. E defenderá o seu lar como deve ser.

– Não duvido, oxalá tenha oportunidade de demonstrar tudo isso que dizes. Sabeis o que de pior pode acontecer num cerco? Vou dizer-vos: que um daqueles cabeçotes nos deixe sem cabeça. Ou que um dardo nos rasgue a garganta, ou que uma flecha nos perfure um olho – explicou o Peregrino, com um riso forçado, enquanto tossia várias vezes. – Muitos ficam sem um braço, arrancado por algum projétil, ou perdem uma perna ao cair da muralha. Mas não vos preocupeis, o teu filho sabe lutar, isso é bom.

Blasco olhou para o lado, a ausência do seu irmão era mais dura para ele do que o mais feroz dos exércitos ou do que o sarcasmo daquele velho peregrino que, se não morresse durante o cerco, morreria por um qualquer achaque da idade.

– Mal estamos se tiveram de te chamar para as muralhas – continuou ele a balbuciar com uma boca onde mal havia meia dúzia de dentes, negros e furados, com as gengivas ensanguentadas.

– Chamaram todos aqueles que pudessem segurar uma espada, incluindo crianças e velhos; por isso estais aqui, não é? – interveio uma voz atrás dele.

Era um homem de boa estatura e costas largas, com o queixo quadrado e o

maxilar saliente.

– Como dizes? Estás a chamar-me velho? – O Peregrino levou a mão ao punho da sua espada e forçou tanto o rosto que os seus olhos quase não se viam entre as pregas de pele enrugada.

– Sabe Deus que não. – E deu um passo em frente, deixando ver que lhe faltava o braço esquerdo.

– Um maneta! Valha-me Deus! Somos certamente uns grandes defensores. – E começou a rir-se de forma exagerada.

– Silêncio, velho maldito! Consigo defender-me melhor só com um braço do que tu com o teu corpo apodrecido.

– É bom que consigas, porque então não será preciso que venham esses mercenários, eu mesmo te arrancarei a cabeça. – E olhou para o braço amputado.

– Quereis calar-vos de uma vez? – interveio o ferreiro. – Estamos aqui para defender a nossa cidade, ou tenho de vos lembrar disso?

– Não sei o que vamos nós poder defender... Deus! Um maneta! – insistiu o Peregrino. – Era o que faltava... Somos certamente a companhia da morte, vai ser divertido quando esses almogávares nos atacarem.

– É melhor que feches essa bocarra! – gritou outro dos elementos daquela defesa, um homem magro com um capuz.

– E contigo, o que se passa? És coxo? Não! Melhor ainda, de certeza que és vesgo ou cego, e disparas com um arco. – E voltou a rir-se de forma desagradável, uma dessas risadas mal-intencionadas que não procuram ter graça, mas sim magoar.

– Não. – E destapou o rosto. – Sou uma mulher.

Todos se viraram para ela, boquiabertos.

– Isto já é certamente o máximo que podia esperar, quer dizer, jamais teria imaginado! Uma mulher...

– Cala-te de uma vez! Sou Irene Santa Croche, todos sabeis quem é a minha família. O nosso castelo protege o caminho para Saragoça, o meu pai morreu a defendê-lo dos estrangeiros, e agora morrerei eu, se for necessário, a fazer o mesmo por esta cidade. Ides seguir-me ou preferis continuar a ouvir esse pobre velho?

– Dona Irene, as mulheres não podem combater – pigarreou o maneta.

– A Casa de Santa Croche perdeu o meu pai, os meus irmãos têm sete e oito anos, agora sou eu a senhora da minha linhagem. – E olhou para todos os que a rodeavam. – Espero que compreendais o que isso significa.

– Não penso lutar com uma... – Antes que o velho peregrino terminasse a frase, Irene desembainhou a sua espada. – Com uma mulher.

– Mais fácil mo tornas. – Irene precipitou-se para ele e, com dois simples movimentos, desarmou-o, deixando-lhe a lâmina da sua espada a um dedo de distância da garganta.

– Está bem, não me mateis! Tende piedade de um pobre velho...

– Agora já és um velho? Antes gabavas-te da tua galhardia.

– Lamento, não estou habituado a que uma mulher... Enfim, a que maneje a espada.

– Pois habitua-te depressa. – Baixou a arma e fixou o olhar no horizonte, sobre as ameias. Blasco apontava para um ponto no céu.

Nesse momento, ouviu-se um zumbido, primeiro distante, depois forte e constante. E cada vez mais próximo, até que, subitamente, um portentoso

estrondo eclodiu e vários merlões da muralha à sua direita se soltaram, arrastando consigo meia dúzia de defensores desse posto. Uma intensa nuvem de pó inundou tudo, ouviam-se tosses, lamentos e gritos por toda a parte. E quando, pouco a pouco, a visão foi clareando, o que Blasco, o seu pai, Irene e os restantes homens que defendiam a sua posição viram foram os seus companheiros esmagados sob pesadas pedras, e uma cor avermelhada que tingia a cena de dor.

– Já começou – disse o Peregrino, olhando para o horizonte; um novo projétil cruzou o céu e embateu contra a mesma zona da muralha, que estremeceu com a investida, mas resistiu.

Blasco ergueu o olhar e viu ao longe como um dos trabucos voltava a retesar-se; o contrapeso subiu até ao topo, descendo depois a pique com todas as suas forças. A viga, presa à armação por um robusto eixo, estremeceu. O seu longo braço traçou um imenso arco e a funda amarrada à viga esticou-se o mais possível. Na extremidade livre, a bolsa do projétil soltou a sua carga. Uma grande pedra arredondada voou direita a eles. Blasco pensou que seria o seu fim, que morreria ali esmagado naquele exato momento. Rezou um último pai-nosso, encomendou-se ao Senhor e pensou que em breve veria o seu irmão no céu, enquanto se agachava e cobria inutilmente a cabeça com os seus pequenos braços.

Um estrondo retumbante aterrorizou-o; passados alguns instantes, levantou-se e olhou para o velho rabugento.

– Que grande soldado me saíste, rapaz! Levanta-te daí, por Deus! – gritou o Peregrino. – Ao colocarem e apontarem estas armas, têm de fazer muitas tentativas antes de conseguirem a posição ideal para o impacto dos seus projéteis. Isso pode levar horas ou mesmo dias. Por isso calma, ainda nos restam várias vidas.

– Nunca tinha visto um engenho assim – gaguejou o rapaz, com muita dificuldade. – O que são?

– Armas de cerco, máquinas do demónio – murmurou o pai dele. – Funcionam como uma imensa alavanca. Levantam um enorme contrapeso, geralmente com um torno, enquanto um mecanismo o mantém em posição. Quando o disparador se solta, o contrapeso cai e a viga impele uma funda.

– E o projétil sai disparado – acrescentou Blasco, assombrado com a imagem dos trabucos a disparar ao longe.

– Assim é, bolas de pedra que voam para destroçar o seu alvo. Ainda que às vezes tenham sido utilizados outros tipos de projéteis; ouvi histórias de cercos em que atiravam desde animais mortos, ou barris de pez acesos, a cabeças de inimigos decapitados e coisas piores.

– Piores do que cabeças? – O maneta parecia estar a recuperar do tremendo susto que apanhara.

– Sim, prisioneiros vivos – respondeu inesperadamente a mulher. – Num cerco, vale tudo, tudo serve.

– Não podem fazer tal coisa! – exclamou o maneta. – São cristãos! Deus não permitirá que usem homens como projéteis.

– Ele não costuma prestar muita atenção às guerras, acreditai – afirmou Irene, com um certo desdém. – Além disso, o rei que envia este exército foi excomungado, por isso... Já tem pouco que ver com Deus. – Então calou-se e voltou o olhar para a frente. – Albarracín resistirá, sempre o fez e sempre o fará.

Lízer chegou a essa zona das defesas e apetrechou-se, juntamente com o grupo de defensores armados com balestras, no cimo da muralha que protegia a porta de Molina, com as setas carregadas e a corda esticada. Ao seu lado, um capitão dirigia a defesa daquele flanco, e tinha armado todos os soldados com arcos,

fundas e balestras como a sua. Não era tempo de espadas; se o inimigo chegasse tão cedo aos adarves, a cidade estava perdida. Tinham de os deter nas muralhas.

– Esperai! – disse o capitão, erguendo a voz. – Esperai!

A infantaria acelerou o passo de espadas em punho. Muitos deles carregavam escadas para saltar os muros de pedra. Lançaram-se com todas as suas forças, não havia tempo a perder.

– Ainda não!

Gritavam e corriam como lobos enfurecidos. As primeiras escadas ergueram-se contra as muralhas, apoiando-se nas ameias, e a matilha de atacantes começou a trepar por elas.

– Agora!

As gentes das muralhas descarregaram uma chuva de pedras contra eles; os pedregulhos caíam muro abaixo, partindo escudos, elmos, crânios, braços e pernas. Foi como uma tempestade de rochas, os invasores tiveram de recuar de imediato e de se virar, feridos e sem proteção, contra os que chegavam atrás deles. Era tal o caos que começaram a chocar entre si, e os mortos amontoavam-se uns em cima dos outros.

Lízer percorreu parte do adarve em busca de um melhor ponto de visão.

– Maldição – murmurou –, estai preparados! Isto ainda só está a começar, os seus arqueiros tomaram posições!

– Vão disparar contra nós, pai? – perguntou Blasco, ofegante, cansado devido ao esforço.

– Calma, filho.

– Agora vem a parte boa, rapaz. – Peregrino, ao seu lado, tremia. – Não sei se saímos desta.

Os arqueiros inimigos descarregaram contra os defensores da cidade, as flechas cobriram o sol do entardecer e caíram contra as muralhas, como aves de rapina em busca da sua presa. Bem protegidos pelos merlões, Blasco, o seu pai e o Peregrino saíram ilesos da primeira investida, mas o maneta e Irene de Santa Croche caíram sob as flechas.

Com uma agilidade imprópria da sua idade, o Peregrino subiu a uma das ameias e, diante de todos, baixou as calças para mostrar o traseiro aos atacantes e escarnecer deles com gritos e gestos.

– Quereis descer daí? – disse Lízer, agarrando-o pelos tornozelos para que não caísse. – Descei, por Deus!

Aquilo fora apenas o início; os tambores voltaram a soar, desta vez acompanhados pelo ruído de cornos.

Um zumbido rasgou o céu e Lízer ergueu o olhar.

O estrépito posterior ao impacto foi ensurdecedor. Tinha os ouvidos a chiar; olhou para as mãos e viu que as tinha ensanguentadas. À sua volta, os defensores faziam esgares de dor, mas ele não ouvia mais nada além daquele silvo agudo.

Capítulo Cinquenta e Nove

Alodia e Martín tinham-se escondido dentro do corredor que haviam percorrido anteriormente; daí, podiam ver a zona dos banhos e tinham uma via de escape para o caso de ser necessário. Mantinham-se em silêncio, sustentando a respiração. Ali dentro, retumbavam os ecos do cerco. O inimigo estava novamente a atacar a cidade.

Ouviram passos a aproximar-se e uma sombra desenhou-se sobre o muro onde estavam os símbolos.

Alodia sentiu um medo que há muito tempo tinha esquecido. Estava convencida de que quem se aproximava era o assassino. Após saber como tinha torturado e matado os mestres dos grêmios, não quis nem imaginar o que faria com uma mulher como ela.

Olhou para o outro lado do corredor; talvez sair dali a correr fosse o mais sensato, embora não soubessem para onde se dirigir...

Martín, por seu lado, parecia mais calmo. Alodia ficou surpreendida, mas, mais do que um ato de coragem, pensou que era uma demonstração de ignorância. Se soubesse do que aquele assassino era capaz, não manteria a calma daquela maneira.

Fez-lhe um sinal, como que a perguntar-lhe se deviam fugir. Alodia abanou a cabeça da esquerda para a direita.

Martín olhou para a sala dos banhos; não via a sombra, mas aquela ausência, longe de o tranquilizar, começou a deixá-lo nervoso. Alodia indicou-lhe o outro extremo do corredor como o caminho que deviam seguir.

Ele assentiu.

Sem olhar para trás, saíram a correr nessa direção, chegando de novo à sala com os três corredores. Martín hesitou, pelo que Alodia agarrou na sua mão e o

empurrou pelo do meio.

Estava escuro, o corredor era estreito e o chão estava em más condições, tinham de ter cuidado para não tropeçar. Alodia puxava Martín com força, como se o levasse pelo caminho da perdição. E foi isso que ele pensou; já não tinha vontade, já não podia separar-se dela. Tinha caído em tentação.

Só acordou do seu devaneio quando saíram do corredor e chegaram a uma câmara sem qualquer outra saída além de uma porta de madeira com dupla tranca. Mal viu a porta, Martín teve um mau pressentimento e persignou-se.

– O que se passa?

– Não a abras, Alodia – respondeu ele.

– Porquê? É a única escapatória, não sabemos o que há do outro lado.

– Por isso mesmo, há portas que é melhor não abrir. – Martín olhou em seu redor, era uma divisão sem janelas, húmida e malcheirosa, com um acesso complicado e difícil de defender.

– Não temos outra opção. – E Alodia aproximou-se para tentar mover a primeira tranca, mas foi-lhe impossível.

Martín ouviu passos atrás deles e olhou novamente para a mulher que o condenara. Dirigiu-se à tranca e empurrou com todas as suas forças para que aquele pedaço de madeira deslizasse. Havia outro mais acima, estendeu os braços e tentou fazer o mesmo. Era mais pesado e difícil, mas pôs todo o seu empenho em fazer com que caísse também.

A porta tinha um enorme ferrolho. Alodia procurou em seu redor, havia uma pedra no chão. Pegou-lhe e bateu furiosamente no metal; saltaram faíscas que quase a cegavam. Longe de se deter, porém, ergueu mais os braços e deixou cair o pedregulho com estrondo. Isso fez saltar o ferrolho, soltando a porta.

Chegaram-se para o lado; a porta foi-se abrindo pouco a pouco e uma intensa corrente de ar acabou por a empurrar contra a parede. Apesar de ser uma porta larga, a abertura que escondia era muito mais estreita, mal podia passar uma pessoa por ela.

Ouviram tossir do outro lado e depois um halo de luz, uns gemidos e uns olhos brilhantes surgiram do seu interior.

Ao mesmo tempo, do corredor que haviam percorrido brotou a silhueta de um cavaleiro vestido de negro como a própria noite. Empunhava uma enorme espada, cuja lâmina parecia não ter fim. Da porta aberta, surgiu um homem de barba escorrida, armado com um reduzido escudo circular e uma arma de lâmina larga e curva.

O cavaleiro negro, que tinha uma longa cicatriz no rosto, foi direito ao barbudo, cravou-lhe dois palmos da sua espada no corpo e tirou-a ensanguentada. Longe de cair prostrado, o ferido tentou sem sucesso alcançar o seu agressor e avançou para ele como que possuído por uma força alheia à razão. O cavaleiro teve de se lhe esquivar com habilidade e, para evitar outro ataque do moribundo, cortou-lhe a cabeça de um só golpe. Por essa altura, já havia um novo atacante a sair daquele lugar.

– Fechai o portão! – gritou o cavaleiro a Alodia e Martín, que só observavam, expectantes. – São almogávares, tentam entrar na cidade! Fechai o portão!

Em seguida, fez rodar a espada sobre a sua cabeça, agachou-se e cortou as duas pernas do seu inimigo. Quando ia a levantar-se, teve de se esquivar a uma alguma saída da escuridão, seguida por outra que lhe roçou o ombro direito, fazendo-o recuar ao mesmo tempo que aparecia um novo almogávar. Este avançou a correr para ele, de alfange em riste. Mas o cavaleiro negro não ficou nervoso, esperou, travou o ataque com a lâmina da sua espada e atingiu-o com o

punho no rosto todo. Continuou a bater-lhe uma e outra vez. Até que o rival caiu de joelhos e o cavaleiro o degolou.

Saiu um novo atacante, e outro atrás dele; só então Martín e Alodia se deram conta do terrível erro cometido ao abrir aquela porta.

– Insensatos! Fechai o portão! Fechai-o, digo-vos! São inimigos! – gritou-lhes novamente o cavaleiro negro.

Deu um pontapé no estômago do primeiro que se aproximou, atirando-o contra o muro. Com o seguinte, trocou alguns golpes de espada, desferindo-lhe em seguida uma brutal cabeçada na têmpora que o deixou aturdido e que aproveitou para lhe enfiar um palmo de aço entre as costelas e lhe agarrar depois na cabeça com as duas mãos, partindo-lhe o pescoço.

Entrou ainda mais um homem antes que Alodia conseguisse fechar o acesso e Martín pegasse numa das trancas e a tentasse colocar de novo, bloqueando a passagem. A tranca era pesada e precisou que Alodia o ajudasse a colocar a madeira entre os grampos da porta. No momento em que o fizeram, sentiram um empurrão do outro lado.

– Vamos, temos de pôr também a outra – ordenou Alodia.

Entretanto, o último intruso debatia-se com aquele impiedoso cavaleiro. Eram os dois realmente altos, mas o almogávar era muito mais corpulento, segurava uma espada curta em cada mão e, ao contrário dos outros, tinha a cabeça rapada. Nela, eram visíveis cicatrizes terríveis na parte frontal. Soltou um grito aterrador e atacou sem hesitações, golpeando com uma espada e com a outra sem pestanejar. O cavaleiro negro apenas podia interpor a sua arma, recuando facilmente ante o ímpeto daquele vigoroso guerreiro. A cada choque de espadas, parecia que as lâminas se iam quebrar e que o aço saltaria em mil pedaços.

Martín e Alodia conseguiram colocar a segunda tranca na porta. Ela pegou no ferrolho e, apesar de estar partido, correu-o para que ajudasse a porta a resistir.

– Vamos. – Alodia agarrou-lhe no braço e olhou para o combate que decorria do outro lado da divisão. – Vamos, já!

Martín assentiu e correram para o corredor, enquanto aqueles dois homens cruzavam incansavelmente as suas espadas; era evidente que só um deles poderia sobreviver.

Capítulo Sessenta

Uma das gigantescas pedras lançadas pelos estrangeiros passou por cima das cabeças de Martín e Alodia, e chocou contra a base da alcáçova. Parte do muro inferior estremeceu devido à colisão. Os alicerces pareceram resistir bem, até que se ouviu um rangido e uma brecha começou a erguer-se deles, rachando todo um pano que acabou por colapsar a poucos passos de onde eles se encontravam.

– Temos de fugir daqui, vamos! – disse Martín, apontando para uma abertura no muro.

Antes que voltasse a cair outro projétil, saíram para a rua. O barulho dos ataques e dos gritos era incessante. Albarracín já não parecia uma cidade, mas sim o próprio inferno.

– O que fazemos agora? – perguntou Alodia, que tapava a boca para não respirar o pó dos destroços.

– Não sei, se a biblioteca não está na alcáçova, quem sabe onde pode estar – arquejou Martín. – A cidade está mergulhada no caos.

– Por isso mesmo, temos de nos apressar; se cair, já não haverá nada que possamos fazer – salientou Alodia, tossindo várias vezes. – Tem de haver alguém a quem perguntar, alguém tem de saber algo...

– Quem? O Abraham não sabia de nada e conhece Albarracín melhor do que ninguém, a quem mais podemos recorrer?

– Talvez andemos à procura de algo que não existe – murmurou Alodia, que não parava de olhar para um lado e para o outro. – E se o Abraham estiver enganado? E se não existir uma segunda biblioteca? E se o aprendiz do Ayub andar precisamente à procura dela, tal como nós?

– Eu acho que procura os símbolos para construir o talismã.

Um novo obus cruzou os céus de Albarracín, chocando contra o telhado de uns velhos currais. Não havia certamente ninguém lá dentro, mas levantou uma poeira terrível e aquelas débeis construções foram-se irremediavelmente abaixo.

– Sim, é possível. Mas tomámos como certo que a primeira biblioteca estava escondida em casa do Ayub e, no entanto, eu nunca a vi. E, em todo caso, perdeu-se com a destruição do edifício. Não é mais fácil pensar que a biblioteca se situava noutra local de mais difícil acesso? Criar uma biblioteca assim é muito caro, pelo que duas...

– Faz sentido, sim... Em vez de duas bibliotecas, só havia uma em Albarracín. Mas não resolvemos nada, continuamos como estávamos, onde pode estar escondida?

– Aí enganas-te, estamos a avançar um pouco: se partirmos do princípio de que a biblioteca é única e pertencia ao Ayub, então ele teria continuado a adquirir livros para a sua coleção. Poucas pessoas poderiam facultar-lhos.

– Um mercador.

– Sim, isso mesmo – afirmou Alodia, satisfeita. – Vamos, despacha-te.

Avançaram pelas ruas vazias, o barulho do cerco ouvia-se incessantemente. Dava a impressão de que a qualquer momento iam aparecer soldados em alguma das esquinas ou um novo projétil ia cair do céu.

Chegaram à zona do mercado. Alodia foi direita a um dos armazéns, bateu à porta com os punhos, gritou para que a abrissem e até lhe desferiu um par de pontapés para tentar que cedesse.

– Pode não estar aí ninguém.

– Estão, sei que estão escondidos lá dentro.

– Quem sois? – ouviram perguntar do outro lado.

– Chamo-me Alodia; ou nos deixais entrar ou queimamos esta casa.

– Como dizes? Estás louca? – A voz soava nervosa. – Estamos cercados, não podeis...

– Precisamente por isso, ninguém saberá que fomos nós, qualquer edifício pode cair neste ataque – advertiu ela, ameaçadora. – Abri, só queremos informações.

– Não penso fazê-lo.

– Sou a mulher que iam enforçar, fugi das masmorras, achas que não vou queimar a tua casa?

Fez-se um silêncio.

A porta abriu-se e Alodia não hesitou nem por um instante em empurrá-la; Martín seguiu-a e a porta rapidamente voltou a fechar-se. O espaço estava na penumbra, um homem de idade avançada observava-os enquanto outro mais jovem e corpulento se mantinha de guarda com uma barra de metal nas mãos.

– Não viemos para roubar nem para causar problemas – disse Alodia, erguendo as mãos para mostrar que não trazia armas. – Só queremos a tua ajuda.

– Já não estou em condições de ajudar ninguém, levaram-me tudo.

– Não me conheces, mas eu conheço-te a ti, Trasobares. – O mercador fitou-a, confuso. – Conhecemo-nos há muito mais tempo do que julgas.

– Não sei a que te referes.

– Vou refrescar-te a memória, pois chegámos a esta cidade praticamente ao mesmo tempo, ainda que em condições diferentes.

– Eu nunca te vi antes.

– Enganas-te, é bem verdade que não tivemos a mesma sorte. Tu fizeste fortuna muito depressa – observou ela, dando um passo em frente –, ninguém

sabe como, mas conseguias trazer qualquer produto do Levante em metade do tempo dos outros comerciantes, ou não é verdade?

– Há muito que não me dedico a esses afazeres.

– É verdade, como homem hábil que és, evoluíste. Abandonaste a rota alternativa pelo rio. Deste-te conta de que aquilo era perigoso e, acima de tudo, de que havia um negócio mais rentável. É verdade que há certos nobres com gostos caros, que pedem produtos estranhos que se podem cobrar bem, não é assim? Mas esta cidade é pequena, esse comércio acabou por ser pouco interessante para ti. Ainda assim, há algo que os homens querem sempre, além de algumas mulheres, claro. – E Alodia sorriu. – As pessoas querem sempre vinho.

Martín ouvia em silêncio a segurança com que Alodia, de algum modo que ainda não compreendia, encurralava o homem que tinha à frente. Parecia levá-lo exatamente para onde queria, como um cordeiro que vai ser sacrificado.

– Eu negoceio carne, nozes, fruta, mas o vinho de Albarracín procede das aldeias que a rodeiam; toda a gente sabe disso.

– A sério?

– Claro, é proibido importá-lo de fora. Há muitos controlos; mesmo que quisesse, é impossível introduzi-lo na cidade sem se ser descoberto.

– Era o que me tinham dito, mas nada é impossível. És um homem inteligente, de certeza que encontraste maneira. – Fitou-o com o seu olhar bicolor e pôde ver o medo que ele tinha dela. – Só quero falar-te de livros, não de vinho.

– Livros? Não te percebo.

– De certeza que te posso ajudar a perceber – disse Alodia, continuando a olhá-lo fixamente. – Conheces o Ayub, não é?

- É um nome muito comum entre os mouriscos, eu não...
- Ayub, o mago. De certeza que assim o identificas, não existem muitos magos em Albarracín.
- Ouvi falar nele.
- Sei que lhe arranjavas livros, era uma das encomendas que te pedia de vez em quando, por muito dinheiro.
- Os livros não têm nada de mal, não são armas.
- Certo, portanto trazias livros para o Ayub.
- De vez em quando.
- Sabes onde ele os guardava?
- Não sei, eu arranjava-lhos, escapava à vigilância das portas e entregava-lhos; o que fazia com eles não era assunto meu.
- Guillermo, não te estou a perguntar por isso, só por onde os guardava. Tens de ter alguma ideia, não sou estúpida ao ponto de acreditar no contrário – advertiu-o ela, mantendo uma autoridade no rosto que não era habitual ver-se numa mulher.
- Sim, é óbvio que o Ayub tinha uma biblioteca, não a cheguei a ver, mas ele mesmo a referiu algumas vezes. Em algum lugar tinha de armazenar tantos livros, não é?
- Estava em casa dele?
- Na que ardeu, acho que não – respondeu ele, mastigando as palavras. – Não era assim tão grande, para albergar todos os livros que esse mago devia possuir. Julgo que a mantinha oculta para os preservar, essa biblioteca devia valer uma fortuna. Eu trouxe-lhe livros que valiam o seu peso em ouro, e digo-o literalmente.

– E onde poderia estar?

– Olha... – O comerciante suspirou. – Vou contar-te uma coisa, embora não devesse.

– O quê? – Alodia não se alterou, limitou-se a mover a cabeça para a frente, desafiadora.

– Uma vez, perguntei-lhe isso mesmo, onde guardava todos os seus livros, e sabes o que ele me disse? Que, como em tudo na vida, a resposta estava numa partida de xadrez.

Martín ficou sem palavras, repetiu aquela frase na sua cabeça, para ver se assim fazia mais sentido, mas foi ainda pior.

– Repete lá isso, a resposta está numa partida de xadrez?

– Sim, exato. O Ayub era fascinado por esse jogo. É muito popular, praticado por nobres e clérigos, apesar de a Igreja ter proibido o xadrez há muitos anos. Fazem-se sempre apostas, o que não é bem visto. É óbvio que a proibição não teve sucesso.

– Não me parece que esse jogo tenha muito mistério – pigarreou Martín –, é um tabuleiro de casas brancas e com os traços de separação marcados.

– Enganas-te; na realidade, é muito complexo, e ainda mais desde que Afonso X o dotou de certas variações. Criou umas peças chamadas rei e rainha, que têm de se juntar aos cavaleiros, às torres e aos bispos. Há uma peça muito especial, o cavalo, que representa um cavaleiro andante.

– Como sabes tanto sobre xadrez? – perguntou Alodia, bastante surpreendida com tudo aquilo.

– Houve um tempo em que joguei bastante.

– E o que aconteceu para que deixasses de o fazer?

– Já te disse que não é bem visto, o xadrez é perigoso. Vários perderam a vida por terem apostado nele – advertiu o mercador, arqueando uma das suas sobancelhas. – Para o Ayub, consegui o livro que Afonso X mandou fazer sobre os jogos, onde é abordada em profundidade a arte de jogar xadrez.

– Se esse rei se tivesse concentrado mais em governar os seus reinos de Castela e de Leão e menos em procurar fundos, desculpas e recursos para ser coroado imperador, os seus súbditos jamais lhe teriam virado costas – murmurou Alodia. – Um rei a escrever livros... E sobre xadrez!

– Mandava-os fazer e supervisionava-os, tinha os mais importantes pensadores do reino às suas ordens em Toledo. – Martín estava desconfortável, esfregava as mãos e dava pequenos passos pela divisão.

– O que o Ayub te disse sobre a localização da biblioteca foi que a resposta era uma partida de xadrez, certo?

– Com essas mesmas palavras, nem mais nem menos.

– Tens um tabuleiro de xadrez? E as peças? – perguntou ela, para sua surpresa.
– Tens ou não?

– Sim, mas juro que já não aposto nessas coisas.

– Vamos, trá-lo então – ordenou Alodia.

Guillermo Trasobares desapareceu por alguns instantes, durante os quais Martín e Alodia ficaram a sós com o seu inquietante filho. Um rapaz de enorme corpulência, com o rosto esquivo e tímido, que não tinha o olhar sombrio e predatório do pai.

– Aqui o tendes. – E pousou o tabuleiro numa mesa de cozinha.

– Podes colocar as peças nas suas posições iniciais? – pediu Alodia.

De uma pequena caixa de madeira, o mercador foi retirando figuras esculpidas

que dispôs em certa ordem sobre o tabuleiro de jogo, até ficarem todas no seu lugar.

– Há muito tempo que não o fazia, julguei que não me ia lembrar. Tens tudo no sítio, já podemos jogar, se te atreves... – E soltou uma ligeira gargalhada, que os olhos imperturbáveis de Alodia cortaram de imediato. – Desculpa.

Ela aproximou-se e observou as peças no tabuleiro. Percorreu cada uma delas com o olhar e confirmou o que já sabia, que aquele jogo tinha um efeito hipnótico. Não podia deixar de imaginar os seus movimentos.

– Que peça é esta? – perguntou.

– Uma das mais importantes – respondeu Guillermo Trasobares, inspirando profundamente. – Move-se para a frente, para trás ou para os lados tanto quanto se quiser até encontrar oposição.

– Simula a cavalaria – afirmou Alodia.

– De facto, quando vai investir, avança o mais retamente possível. – E descreveu o movimento com a sua mão esquerda. – Captura qualquer peça que esteja no lugar onde se detém e não pode saltar por cima delas. Para muitos, é a peça mais ofensiva do tabuleiro, é a única capaz de o atravessar num só movimento.

– Esta forma que tem, o que representa exatamente?

– Em Castela, é como um grupo de soldados a cavalo, muito juntos e à espera de atacar. A sua representação varia consoante o lugar; também pode ser um carro de guerra ou, como aqui...

– Uma torre.

– Exato, é uma torre – disse o mercador, confirmando as palavras de Alodia.

– Uma torre da cidade. – E olhou para Martín com um brilho especial nos

seus olhos bicolor.

– O que queres dizer? – perguntou ele, encolhendo os ombros.

– Será que não vês?

– Não, lamento...

– Uma torre!

– Estás a insinuar que a biblioteca se encontra numa torre? – perguntou o sacerdote. – É uma conjectura muito arriscada...

– Eu acho que faz todo o sentido – afirmou energicamente Alodia.

– Parece-me muito arriscado, mas supondo que tens razão, em qual?

– Estais a falar de quê? – perguntou o mercador, movendo nervosamente os dedos das mãos. – A biblioteca dentro de uma torre, parece-me difícil.

– Não pode ser uma torre qualquer – disse Alodia, ignorando-o.

– Perdão, não me estais a ouvir, como pode uma biblioteca estar dentro de uma torre? São edifícios militares, e com muito pouca superfície útil no interior, os muros são grossos, às vezes só têm espaço para a escadaria.

– Deve ser a mais importante – murmurou Alodia, pensativa. – A torre do Andador, tem de ser essa!

– É o lugar mais protegido de Albarracín, a chave de toda a defesa, estás louca se julgas que lá podes entrar! E muito menos quando a cidade está cercada...

Alodia manteve-se em silêncio por um momento e pousou as duas mãos no livro de jogos.

– Este jogo tem duas torres. – Ergueu lentamente o olhar. – Há outra torre importante em Albarracín, a torre de Dona Branca.

– A torre maldita – atirou Trasobares, dando um passo atrás.

– Isso são só lendas e boatos. – Martín postou-se do outro lado do tabuleiro, olhando emocionado para a sua companheira. – O jogo continua, Alodia. Ainda temos tempo, Albarracín ainda não foi conquistada.

Capítulo Sessenta e Um

Lízer acordou de repente, com uma enorme pressão no peito. Procurou a sua espada e a única coisa que conseguiu foi cair da enxerga. Viu onde se encontrava, era o interior de uma casa, o telhado era de palha e estava muito calor.

– Acordou – disse uma mulher ao seu lado.

Um homem de olhar humilde aproximou-se e ajudou-o a levantar-se. Lízer tinha uma aparatosa ligadura no ombro e na cabeça. Não conseguia ver de um dos olhos, tocou no rosto e verificou que tinha toda aquela zona da cara inchada e que lhe doía só de lhe tocar.

– Tiveste sorte – disse aquele homem –, tal como o meu filho Blasco.

Reconheceu o rapaz, estava com ele nas muralhas. Tinha uns arranhões no rosto, mas de resto parecia estar em bom estado.

– Não permitirei que volte às defesas, é demasiado novo. Ainda há pouco tempo enterrei o meu filho mais velho, não penso fazer o mesmo com ele.

– Compreendo, é melhor que fique aqui.

– Foi ele que me pediu que te trouxéssemos, agradece-lhe.

– Obrigado, rapaz – disse Lízer. – Quem é ela? – perguntou em seguida, dirigindo-se agora ao homem.

– Tolda, é curandeira e salvou-te a vida.

– Tiveste sorte – murmurou ela. – Nunca pensei que ia cuidar de um aguazil, com tudo o que me fizestes sofrer...

– Não lhe lighes, refere-se a um dos teus, que se dedicava a extorquir os comerciantes e a outros como ela.

– Chamava-se Diosdado. Sei que morreu e alegro-me!

– Assassinaram-no, a ele e ao meu superior; cuidado com as palavras, mostrai mais respeito.

– Ou o quê? – desafiou a mulher. – Esta cidade está condenada, bem sabes, vi o que escondes entre a roupa, conheço o selo dessa carta...

– Como?

– Sim, a mim não me enganas. – Ergueu a mão para o ferreiro em sinal de advertência. – Tende cuidado com este aguazil, ferreiro; não é flor que se cheire. – E partiu sem dizer mais nada.

– O que estais a dizer, Tolda? – perguntou o ferreiro, confuso.

– Não lhe façais caso, é uma velha louca – disse Lízer, tentando tirar importância ao assunto e olhando em seu redor. – Que lugar é este?

– Uma ferraria; na minha família, sempre fomos ferreiros.

– Tereis trabalho com o cerco.

– Não resta metal para fundir na cidade, a forja está apagada...

– Como estão as coisas nas muralhas?

– Mal, resistem por pouco – respondeu o ferreiro, com pessimismo na voz. – Há muitas baixas.

– Devo regressar, toda a ajuda será pouca.

– Descansa um pouco – sugeriu o homem. – Eras um dos aguazis, não é verdade? Digo-o pelas roupas negras que trazes.

– Sim, mas já não sou. Destituíram o meu superior e... – Decidiu dizer a verdade. – Encontrei-o assassinado, juntamente com o seu braço direito.

– Queres dizer que não morreram por causa do cerco?

– Não, de todo. Estávamos a investigar os assassinatos dos grêmios...

– Bem, todos nós ficámos aterrorizados com isso, menos mal que apanharam a mulher. Quem haveria de pensar que era ela, uma mulher, a assassina? Claro que estava possuída pelo Maligno – afirmou o ferreiro. – Mas escapou, com o cerco já não nos apercebemos das coisas, tudo o que aconteceu antes parece tão distante no tempo. – E estendeu um copo de água a Lízer. – Encontraram-na?

– Não. – Terminou a água. – Acho que... A verdade é que não sei. Já não é um assunto nosso.

Ao tentar novamente levantar-se, Lízer sentiu uma dor profunda.

– Estás a perder tempo, rapaz; se queres recuperar, fica um par de dias de cama, é um disparate que te esforces, só irás perder mais sangue.

Capítulo Sessenta e Dois

Uns gritos alarmaram Alodia; olhou para o outro lado e viu Martín a dormir com a cabeça apoiada nos braços. Tinha uma expressão agradável, ainda mais inocente do que o normal, e esboçava um ligeiro sorriso.

Tinham-se revezado para que um deles descansasse enquanto o outro vigiava, atento ao momento ideal para saírem do armazém. Guillermo Trasobares e o seu filho Rodrigo também ficaram incomodados com o barulho.

Alodia continuava a fitá-lo, pensativa, quando um estrondo a alertou de novo.

– O que foi aquilo? – perguntou Martín enquanto se levantava, algo aturdido.

– Um ataque. – Alodia pôs-se imediatamente de pé.

Dirigiu-se às janelas. As tábuas que as bloqueavam tinham frestas por onde era possível ver o que se passava do lado de fora.

No exterior, viu dois soldados a correr, espavoridos.

– Agora. É agora o momento.

– Tens a certeza? – perguntou Martín, ainda amodorrado.

– Vamos. – A mulher deu vários passos até ficar atrás da porta.

Martín observava-a a partir de trás e fez-lhe um sinal afirmativo. Estava pronto.

Alodia rodou a fechadura, inspirou fundo e abriu a porta. Pôs a cabeça de fora e olhou para um lado e para o outro.

Não estava lá ninguém; fez um gesto e Martín foi direito a ela.

– Obrigado, Trasobares. Que Deus vos abençoe – disse ele, despedindo-se dos mercadores.

Uma vez juntos, Alodia encostou-se ao muro e começou a correr colada a ele.

Nesse instante, ouviu-se o terrível impacto de outro projétil e um pedregulho esférico derrubou a fachada de uma das casas da rua abaixo de onde se encontravam. O telhado de palha e de madeira colapsou para o interior e os muros de tábuas desabaram, levantando uma enorme poeira que os forçou a abrigar-se, tapando a boca e o nariz. Apesar disso, engoliram tanto pó que Alodia quase sufocava, e caiu ao chão, a tossir. Martín agarrou-a e protegeu-a com o seu corpo.

Pouco a pouco, a nuvem desvaneceu-se.

– Estás bem? – perguntou-lhe ele, enquanto lhe limpava o pó da cara e destapava os seus olhos bicolor.

– Sim – tossiu ela –, obrigada. – E tentou levantar-se, mas sentiu uma náusea profunda que a fez cuspir parte do que tinha engolido.

– Calma, tenta respirar fundo.

– Já estou bem, saíamos daqui antes que volte a cair outra pedra. – E levantou-se com dificuldade. – Temos de chegar à torre.

– O que estás tu a dizer? Isso é impossível, não vês a força com que nos atacam? – E agarrou-lhe no braço.

Alodia fitou-o, desafiadora, os seus olhares cruzaram-se, mas quando ia a falar... Uma sombra surgiu do nada. Era outra vez o cavaleiro da cicatriz; aparentemente, também ele tinha saído com vida das profundezas da alcáçova.

Os olhos de Alodia escureceram de repente.

Martín pegou num dos pedregulhos que tinham caído com o impacto.

– Descobristes onde está o que procurais?

– Não somos teus inimigos – interveio Alodia, tentando ser conciliadora. – Salvaste-nos na alcáçova, agradecemos-te por isso, diz-nos a que te referes.

– Não estou para brincadeiras, isto não é convosco – advertiu-os o desconhecido num tom arrepiante. – Sabeis onde está, não é verdade?

– Alodia, nem te passe pela cabeça dar-lhe ouvidos.

– Quem és tu? E quem te envia?

– Não sou ninguém. O meu senhor prefere manter-se oculto, eu faço o meu trabalho. Pensai bem, a cidade está cercada, e a ti – disse ele, apontando para Alodia –, procuram-te para te enforcar, um futuro nada promissor. E quanto a ti... – Desta vez, foi Martín o indicado. – Far-te-ão o mesmo quando souberem que a ajudaste. Um enorme exército comandado pelo rei Pedro III cerca Albarracín. Dizei-me, como pensais escapar? Acrediteis ou não, sou o único que vos pode ajudar.

– Eva caiu na tentação que uma serpente lhe propôs – respondeu Martín, vendo naquele olhar uma escuridão como nunca antes teria podido imaginar. – Não cometeremos esse mesmo erro.

– Mede as tuas palavras, por menos do que isso tirei vidas que valiam mais do que a tua – disse o cavaleiro, sem fazer qualquer gesto nem mover um só músculo do seu rosto marcado, mas bastaram o tom da sua voz e a penumbra do seu olhar para que soasse como uma terrível ameaça.

– Espera, Martín, acho que ele tem razão. – Alodia deu um passo em frente.

– Nem penses em confiar nele.

– Tirar-nos-ás de Albarracín, é esse o acordo.

– Porque julgas que sei como sair da cidade?

– Sabes, não sabes?

– É possível, mas não respondeste à minha pergunta.

– Não estás com os estrangeiros, caso contrário não terias impedido que

entrassem pelo túnel debaixo da alcáçova – respondeu ela –, pelo que, se queres sair daqui, tens de ter algum plano.

– Contai-me primeiro o que sabeis; ponderarei se essa informação vale o suficiente para vos ajudar a escapar.

– Nem te passe pela cabeça dar-lhe ouvidos, Alodia! – exclamou Martín, furioso, cerrando os punhos com força.

– Posso matar-te e ficar só com ela.

– Não – interveio Alodia, incisiva. – Se quiseres, podemos chegar a um acordo, mas segundo as nossas condições, as dos dois. Deves prometer-nos que nos tirarás daqui se colaborarmos.

– Aviso-te já que não gosto que me façam exigências.

– É o que temos, é pegar ou largar – respondeu Alodia, com uma firmeza avassaladora.

– Muito bem; tirar-vos-ei de Albarracín.

– Era o que eu queria ouvir. O que procuras está na torre de Dona Branca, onde está escondida a entrada de uma galeria que te levará ao subsolo da catedral, que alberga uma grande biblioteca.

– O talismã está lá?

– É possível, não sei mais nada, juro.

– Como sei que não estais a mentir?

– Para quê mentir? Encontrar-nos-ias e tirar-nos-ias a vida. Nós só queremos sair desta cidade.

– Saireis – murmurou o homem da cicatriz, pensativo –, concedo-vos o vosso desejo.

Desembainhou a sua espada e, antes que Martín pudesse reagir, cravou-a no

abdómen do jovem sacerdote. O aço atravessou a carne quase sem resistência e a lâmina saiu-lhe pelas costas. Até o punho ficou manchado com o seu sangue. Martín sentiu algo mais profundo do que a dor física, um enorme medo, o pior que um homem pode sentir.

Alodia emudeceu e ergueu o olhar para Martín, desfigurada, com as mãos a tremer, os olhos chorosos e uma dor indescritível nas profundezas do peito, como se lhe tivessem arrancado o seu próprio coração. Abriu a boca, mas, em vez de palavras, saiu dela um sopro frio, como se parte da sua vida se escapasse com ele.

– Pensavas o quê? – O cavaleiro retirou a espada do corpo de Martín, que caiu prostrado no chão. – Tirar-vos-ei da cidade, não duvides, a última coisa que quero é que alguém pergunte por vós – afirmou enquanto avançava para ela –, mas o que não te prometi é que vo-lo fosse fazer com vida. Quando se deseja algo, é preciso ter muito cuidado, pois pode realizar-se.

– Martín... Mataste-o... – Alodia mal conseguia falar; abraçou o seu amigo moribundo e começou a sufocar, não encontrava ar com que encher o seu peito.

– Sim, tal como vou fazer contigo – murmurou ele, impassível. – Libertar-te-ei agora mesmo desse pesar e poderás reunir-te com ele.

O fio da espada brilhou ao aproximar-se de Alodia, enquanto Martín continuava imóvel, a esvair-se em sangue no chão.

– Foste tu quem assassinou os mestres dos grémios, não é verdade? – perguntou Alodia, levantando-se e dando dois passos atrás enquanto recuperava o fôlego e cerrava os punhos com força, cheios de ira.

– Não, tens o homem errado.

– Se me vais matar, podias pelo menos dizer a verdade.

– Matei muita gente, mas eles não. Nem sequer estava nesta cidade.

– Como podes ser capaz de matar assim? Que tipo de monstro és tu?

– Nenhum, sou só um sobrevivente.

– Santo Deus! Estás cheio de ódio!

– Não, estou é cheio de dor; oxalá pudesses sentir em ti metade do que eu sofro, então compreenderias – disse ele, segurando a espada com força. – Mas já chega de palavras.

Estava apenas a um passo de Alodia quando um zumbido atroz rasgou a cena. Um dos projéteis dos atacantes chocou contra uma das casas atrás deles, desviando a atenção daquele homem. Àquele pedregulho, seguiu-se outro ainda mais ensurdecedor.

Quando ele se apercebeu, já uma enorme rocha caía do céu, colidindo contra a casa que havia atrás deles. O choque foi brutal e toda a construção desabou nas suas costas. Tiveram ambos de desatar a correr ante o colapso, enquanto Martín ficava para trás. Alodia deu-se conta disso, parou e pousou os seus olhos tristes sobre o corpo do amigo.

O jovem religioso não se mexia; a poça de sangue era já tão grande que mal podia restar vida no seu interior. Nem uma palavra, nem um gesto. Nem sequer tinha visto o seu olhar ao cair, tudo tão rápido, tão efémero. Como um sonho ou uma memória difusa.

Quando tentava ir buscá-lo, Martín foi sepultado pelos escombros.

Alodia não podia acreditar.

Nem sequer teve oportunidade de verter mais uma lágrima por ele.

O colapso daquela casa afetou a construção anexa, que começou a tremer, e os seus alicerces não tardaram a falhar. Primeiro, foi o telhado que quase os apanhava, a ela e ao assassino, e depois toda a fachada acabou por desabar, como

se fosse feita de palha. Os gritos das pessoas que se escondiam no seu interior misturaram-se com o barulho dos destroços, tudo somado à poeira e aos bramidos de terror procedentes de outros edifícios próximos.

Era como se a cidade estivesse a desabar, rua a rua, casa a casa.

O assassino correu sem olhar para trás até chegar à esquina seguinte; aí, tomou fôlego, espreitou e contemplou o desastre. Ofegou e ergueu o olhar, como que em busca de mais projéteis, mas mais nada caiu do céu.

Foi então que procurou Alodia.

Não a encontrou.

A mulher tinha desaparecido.

Capítulo Sessenta e Três

Era já julho e o calor era intenso; a partir do seu casarão, Atilano de Heredia observava com tristeza os destroços do bairro anexo à antiga medina. Recebera notícias de que uma companhia catalã tinha estado quase a aceder à muralha e que só a valentia dos cavaleiros de Albarracín conseguira repelir o ataque, ainda que à custa de muitas, demasiadas vidas.

Inúmeros arqueiros inimigos tinham ocupado posições próximas dos primeiros baluartes e fustigavam os defensores com as suas flechas, ao mesmo tempo que um sem-fim de peões e infantes subia com escadas aos muros da cidade.

Atilano começava a temer que os seus piores presságios estivessem a realizar-se; aquele não era apenas mais um cerco. Fora muito bem preparado e Pedro III de Aragão não o levantaria tão facilmente como julgavam muitos na cidade.

Não tinha tido tanto trabalho para que agora fosse tudo por água abaixo e Albarracín mudasse de dono. Mas estava ciente do perigo, por isso decidira acabar com o seu pai, por isso acelerara todo o seu plano. O tempo jogava contra si, sempre o tinha feito, desde o instante em que nascera. Não obstante, isso nunca o obrigara a parar; pensando bem, as vicissitudes que sofrera pelo facto de ser bastardo, desprezado, sempre humilhado, tinham-no tornado mais forte. Não invejava os filhos dos outros nobres, que sabiam desde pequenos que herdariam o apelido da sua família, como esse imbecil Pedro de Cobos e tantos outros.

Sabia-se superior, tivera de conquistar a sua condição, e para isso recorrera a todo o tipo de artes. Por isso era mais forte, e sê-lo-ia ainda mais quando conseguisse obter o conhecimento que Ayub lhe tinha negado.

Mas tinha de se apressar, as hostes de Pedro III estavam muito próximas das

muralhas.

Bateram à porta; esta abriu-se e um dos criados espreitou com a cabeça.

– Meu senhor, está aqui Dona Teresa de Azagra, Senhora de Albarracín.

– Mandai-a entrar – resmungou ele, ciente de que não podia recusar-se a vê-la.

Entrou sozinha; o criado retirou-se e certificou-se de que a porta estava bem fechada.

– O que fazeis aqui, minha senhora?

– Onde está o vosso pai? – perguntou a mulher, entrando de forma apressada, trémula e a esfregar as mãos, e parando apenas a um palmo dele. – Ouvi dizer que continua de cama, é grave? São já muitos dias, não parei de rezar por ele.

– Temo que sim.

– Quero vê-lo.

– Isso não é possível, lamento. – E bloqueou-lhe a passagem.

– Porquê? O vosso pai e eu conhecemo-nos desde pequenos. Se está doente, quero falar com ele.

– É muito duro dizer isto... Mas tem uma doença infecciosa, tem de estar isolado.

– O quê? Está assim tão doente? – Dona Teresa de Azagra estava alterada. – Não é possível!

– Ninguém sofre mais com isso do que eu, acreditai.

– Que desgraça! O vosso pai é um grande homem, um dos melhores de toda esta cidade. Não posso acreditar, como foi? O que tem?

– Não sabemos.

– Quero vê-lo!

– Não é possível. – Atilano de Heredia agarrou-a pelo braço e ela fitou-o, enfurecida. – A sua doença pode estar relacionada com o cerco.

– Soltai-me!

– Perdoai-me, minha senhora. – O jovem Heredia afastou-se dela, arrependido da sua falta de delicadeza. – Mas o que vos digo é verdade. Dizem que esses invasores, com as suas grandes máquinas de cerco, lançaram doenças contra nós.

– Isso é possível? – A indignação e a repulsa desenharam-se no rosto da Senhora de Albarracín. – Que cristão seria capaz de fazer tal barbaridade?

– Temos de ter paciência, agora é de repouso que o meu pai mais precisa, certamente que compreendeis.

– Logo agora, quando mais precisamos dele... Tinha esperanças de que ele pudesse fazer alguma coisa... Talvez, ao fim de tanto tempo, tenha chegado o momento de Albarracín sucumbir.

– Dona Teresa, tendes de ter confiança. As defesas desta cidade já resistiram a investidas maiores, e o meu pai também.

– Pedro III redigiu um manifesto – explicou ela – que fez chegar intramuros, aos seus vassalos que estão dentro de Albarracín, prometendo-lhes perdão e segurança se abandonarem o partido de Dom Juan Núñez e passarem para a sua fação. Exorta também os vassalos do rei de Castela, seu sobrinho, a fazerem o mesmo.

– É uma artimanha, não lhe servirá de nada.

– Não compreendeis – disse ela, fitando-o com ternura. – Sois muito jovem.

– Não compreendo o quê? – Suavizando o tom, Atilano de Heredia

aproximou-se mais dela e pegou-lhe numa das mãos. – Dona Teresa, sei o quanto vos estima o meu querido pai. Não deveis recear nada, defenderemos com êxito Albarracín dos nossos inimigos.

– O meu esposo partiu.

– Sim, eu sei – assentiu Atilano de Heredia, mostrando o seu melhor rosto à dama. – Encontra-se a recrutar homens de armas em Navarra, em breve regressará com um exército de auxílio. É muito provável que os seus aliados, os franceses, nos ajudem. Com sorte, até o rei de Castela enviará homens de armas. Assim, com todos eles, poderemos expulsar os invasores.

– Não creio que nada disso vá acontecer – afirmou ela entre lágrimas, antes de se soltar das mãos do nobre.

– A que vos referis, Dona Teresa?

Ela fitou-o com uma mágoa assustadora, os seus olhos emudeceram de tristeza.

– Contai-me, sabeis que podeis confiar em mim, sou um Heredia. – E aproximou-se novamente dela para a agarrar suavemente pelos ombros.

A Senhora de Albarracín pousou a mão na face do jovem e este estremeceu ante o seu toque. Nos seus olhos, surgiu um brilho tão intenso como efémero.

– O meu marido não vai regressar. Não haverá exército de socorro, nem aliados que nos ajudem. Estamos sozinhos. Compreendeis?

– Porque dizeis tal coisa? Dom Juan Núñez saiu da cidade para ir procurar ajuda, por que outro motivo teria partido?

– Para escapar.

– O vosso esposo não é um cobarde, pertence à grande Casa de Lara, a mais poderosa de Castela.

– Não é um covarde, é algo muito pior. É um traidor – afirmou Dona Teresa, com uma força e uma contundência impróprias do seu carácter. – Sei que não voltará, já conseguiu o seu propósito. Fez com que o rei de Aragão concentrasse as suas forças no sul e deixasse desprotegida a defesa dos Pirenéus.

– Como pode o vosso esposo permitir que lhe conquistem Albarracín? Sabeis que é a sua principal propriedade...

– Isso não lhe interessa. Com os seus territórios castelhanos e navarros a salvo, não o inquieta perder uma cidade fronteiriça se em troca dela conseguir o favor do rei de França. Quantas vezes não o terei ouvido dizer que no xadrez, tal como na guerra, é preciso saber sacrificar peças para obter a vitória final?

– Então...

– Sim. Estamos sozinhos.

– Dona Teresa, a cidade pode resistir, acreditai – disse ele com novo ânimo, seguro das suas palavras, por mais temerárias que fossem. – Quando o inverno chegar, os estrangeiros não terão outro remédio a não ser partir. Ninguém pode resistir ao frio acampado nos arredores de Albarracín, sabei-lo tão bem como eu.

– Contamos sempre com isso, mas e se desta vez não for assim? E se encontrarem maneira... – observou Teresa, muito nervosa. – Ontem, quase tomavam a primeira muralha, nunca sofremos um cerco desta magnitude. Estão lá fora milhares de homens, todos loucos por entrar na cidade, por nos roubar a nossa liberdade, a nossa vida.

– E nós não o permitiremos, senhora. Somos poucos, uma cidade pequena, mas nunca nos rendemos perante ninguém. – Heredia proferia as suas palavras com cada vez mais convicção.

Soaram os sinos da catedral e ficaram os dois em silêncio, como se aquele tanger implicasse que o seu tempo acabara.

– Retiram-se, mais um dia – afirmou Atilano de Heredia com um certo alívio, suspirando e olhando com hesitação para Dona Teresa.

– Ou menos um dia.

No outro extremo de Albarracín, os seus habitantes suportavam as últimas investidas das armas de cerco que cobriam a retirada dos atacantes. Blasco assustou-se ao ouvir um zumbido atroador e o estrondo que se seguiu passados poucos instantes.

– Este caiu muito perto – disse o seu pai, com o susto desenhado no rosto.

– Não estamos seguros aqui – observou Lízer, chamando a atenção de pai e filho a partir do quarto. – Tendes alguma divisão subterrânea na ferraria?

– Não, para que haveríamos de ter tal coisa? – O ferreiro ainda tinha o medo no olhar.

– Então, temos de partir de imediato.

– Que disparates estás para aí a dizer? Esta é a minha casa – salientou o ferreiro, enervado. – Para onde queres ir?

– Se um pedregulho daqueles cair aqui ou um pouco mais perto, tudo isto pode desabar e sepultar-nos.

– Não quero que o Blasco volte para as muralhas, já perdi um filho, não penso permitir que lhe aconteça o mesmo a ele. Se sairmos daqui, enviar-nos-ão para as defesas.

– É um risco ficar, não podemos esconder-nos nesta casa!

– Salvámos-te a vida, devias...

Um sonoro estalido estendeu-se do telhado da casa, as paredes tremeram e começou a cair pó do teto.

– Temos de sair. – Lízer levantou-se imediatamente. – Vamos! Rápido!

O ferreiro ficou petrificado a ouvir como os alicerces da sua casa rangiam. Olhou para o seu filho, mas não conseguia mexer-se, o medo apertava-lhe os músculos.

– Não me ouvis? Isto vai desabar!

A primeira viga caiu atrás deles e, como uma cadeia, as que se seguiam começaram a quebrar-se como se fossem simples ramos de árvores. Por essa altura, já Lízer tinha tomado Blasco nos seus braços e empurrava o ferreiro em direção à saída.

O chão cedeu debaixo dos seus pés. Lízer deu um grande salto para chegar à sala seguinte. Parecia totalmente recuperado dos seus ferimentos. O ferreiro, porém, tinha ficado preso. Soltou Blasco e voltou atrás para o ajudar.

– Saltai e agarrai-vos à minha mão, eu ajudo-vos.

– Não consigo...

– É claro que conseguis, tomai balanço e saltai, não é uma distância assim tão grande. – E mostrou-lhe a mão aberta. – Só tendes de alcançar a minha mão e eu puxo-vos.

O ferreiro viu como uma nova viga cedia perto da sua cabeça; depois, observou o buraco que tinha de saltar.

– Salta, pai! – gritou Blasco do outro lado.

Ao ver o rosto aterrado do seu filho, foi buscar forças do mais fundo da sua alma, deu dois passos atrás para ganhar balanço e avançou, decidido a dar o salto.

Nesse preciso momento, o teto cedeu definitivamente e uma amálgama de madeira, gesso e pedras caiu sobre o ferreiro, sepultando-o.

Lízer pegou novamente em Blasco para o tirar dali antes que todo o edifício

caísse sobre eles.

O rapaz tinha perdido a única pessoa que lhe restava na vida.

Capítulo Sessenta e Quatro

Alodia esperou que amanhecesse em Albarracín. A uma esquina, esperava que os sentinelas passassem. Estava envolta numa capa negra, com a cabeça tapada por uma touca, sobre a qual usava um elmo de batalha, e com o torso coberto por uma ligeira cota de malha, obtida de um rapaz que falecera durante o último ataque.

Sim, tinha-a roubado a uma criança morta. Por essa altura, já não se importava minimamente. Tinha de ser prática, e ele já não ia precisar dela. Além disso, era do tamanho ideal para uma mulher como ela. Ao cinto, levava uma espada que serviria para passar despercebida, embora nunca tivesse empunhado uma.

A torre de Dona Branca estava fortemente vigiada, pois era o principal bastião daquele flanco da cidade. Alodia sabia que só tinha uma hipótese de lá entrar: esperar que os estrangeiros atacassem novamente. Nesse momento, com a confusão e a chegada de reforços para proteger a torre, poderia passar por mais um soldado e acorrer em sua defesa. Uma vez lá dentro, teria de arranjar maneira de encontrar o possível esconderijo do que procurava.

Não ia ser fácil.

Esperou pacientemente, não havia certezas sobre quando teria lugar a próxima investida do rei da Coroa de Aragão.

O Sol foi subindo no céu até chegar ao seu ponto mais alto e, nesse preciso momento, retumbaram os primeiros impactos das máquinas de cerco. Tinha começado o ataque.

Os sinos não tardaram a tocar, chamando todos os homens para a defesa das muralhas. Como formigas, centenas de pessoas correram, armadas, para os seus postos nos diferentes bastiões da cidade.

Várias companhias bem apetrechadas reforçaram a torre de Dona Branca. Alodia foi a correr juntar-se a uma delas, eram pelo menos vinte homens e ninguém lhe perguntou quem era ou o que fazia. Era tal o movimento que não havia tempo para esses pormenores. Um a um, foram entrando na fortificação de pedra e ela teve o cuidado de ser a última a entrar.

Subiram por uma escada de corda que lhe custou a trepar. Uma vez no interior, os gritos e as ordens eram constantes. Avistou um alçapão que descia para o piso inferior, mas obrigaram-nos a subir por uma escada de madeira para o andar seguinte. Era uma divisão maior, com muito equipamento de guerra, flechas em abundância, machados, lorigas e espadas.

Os seus companheiros continuavam a subir para o nível seguinte. Ficou intencionalmente para trás e, quando ninguém a via, desceu novamente a escada até ao piso de acesso.

– Onde diabos vais tu? – perguntou um homem magro e de espessa barba grisalha, chamando-lhe a atenção.

– Verificar que está tudo bem no piso de baixo.

– E quem diabos te deu essa ordem?

– O de cima, o que está um pouco gordo – improvisou Alodia, adotando a voz mais rude de que foi capaz.

– Maldição! Porque não se meterá no que lhe diz respeito? O essencial é a defesa da torre, ou será que acha que eu não posso supervisionar isto?

– Não sei, talvez prefira que vos ocupeis em controlar a porta, ao fim e ao cabo, é o mais importante.

– Nisso tens razão. Anda, desce e despacha-te, que todos os homens são poucos para defender a cidade. Se estão a chamar as crianças e os velhos, e até as mulheres! Imaginas uma fêmea de cota de malha e espada? – E desatou a rir

sem parar. – Bem, não há muita coisa ali em baixo, despacha-te!

– Imediatamente.

Alodia mordeu a língua para não o amaldiçoar. A zona inferior estava iluminada por archotes, era um espaço amplo, frio e com um cheiro nauseabundo a urina. Não havia mobiliário, apenas os silhares expostos. O solo era de seixos rolados do rio.

Inundou-a um fatídico desassossego, não ia encontrar nada ali.

Tinha-se enganado na torre, ou pior ainda. Talvez não devesse procurar em nenhuma das torres.

Martín tinha morrido para nada. Aquele sacerdote era das poucas coisas boas que tinha encontrado na vida, dos poucos que a tinham respeitado. Não a julgara nem desprezara por ser mulher, nem tinha abusado dela.

Agora, estava morto, o que demonstrava que havia destinos que se enganavam na pessoa.

Ela tinha-se perdido tantas vezes que já sabia o caminho, mas desta vez Martín tinha levado algo seu, algo que estava convencida de que nunca mais recuperaria.

Alodia voltou a concentrar-se na sua missão. Naquele lugar, só havia paredes de pedra. Pousou as mãos nos muros e lembraram-lhe a masmorra do palácio episcopal onde tinha passado dias fechada, passando as horas mortas a olhar para as paredes e a pensar na sua iminente execução.

Embora não acreditasse na sorte, precisava agora dela mais do que nunca.

Foi então que se apercebeu de que não eram o mesmo tipo de obra. Os muros da sua prisão estavam escavados na rocha. Aqueles eram de pedra trabalhada, e sabia-o porque tinham marcas dos canteiros que os tinham feito. Cruzes, letras

e símbolos, simples incisões do cinzel para poderem cobrar pelo duro trabalho realizado no momento de os talhar.

Quando estava prestes a desistir, uma dessas marcas chamou-lhe a atenção. Eram todas simples; ao fim e ao cabo, os canteiros não deviam perder tempo a marcar e sim a talhar. Aquela marca, porém, parecia uma espécie de jogo, umas linhas que se cruzavam paralelamente com círculos a preenchê-las.

Sim, aquilo era um jogo.

E Alodia compreendeu-o.

Pousou as palmas das duas mãos na pedra; sentiu-a, sentiu a sua força, a sua nobreza, um silhar talhado para erigir uma poderosa torre que defendesse a cidade, que desse proteção aos seus habitantes, que os resguardasse dos seus numerosos inimigos.

Olhou bem para a pedra, perscrutou tudo em seu redor, mas não encontrou nada que pudesse parecer diferente.

E, no entanto, tinha de existir.

Nalgum pormenor, tinha de se esconder o motivo para ela estar ali, mas onde?

Aquela divisão estava praticamente vazia: os muros de pedra nua, exceto por um par de archotes, o teto formado por uma abóbada de berço e o solo. Não havia mais nada. E apesar disso, Alodia sabia que era ali. Que o segredo estava escondido no interior da torre de Dona Branca.

Desviou o olhar e observou os seus pés, moveu um deles e viu a marca que deixava no pavimento. Ergueu a perna e pisou com força; sentiu como retumbava debaixo dela.

Uma parte daquele solo não era de seixos rolados, mas de simples terra batida.

Alodia ajoelhou-se ali mesmo e começou a escavar com os dedos das mãos.

Fez-lhe lembrar outro momento da sua vida, quando a tinham fechado num telheiro pouco depois de ter fugido da carroça que a conduzia a um convento. Essa imagem distante permitiu-lhe dar-se conta da inutilidade da sua ação. Levantou-se e procurou ansiosamente alguma ferramenta em seu redor, até que se apercebeu do pouco habituada que estava a usar uma espada à cintura. Desembainhou-a e cravou a ponta na terra, utilizando-a para desvendar com esforço o alçapão que ali se escondia. Tentou introduzir a lâmina por uma das frestas, com pouco sucesso. Bateu-lhe com o punho e soou-lhe firme. Voltou a tentar e, desta vez, introduziu a ponta por uma esquina e usou-a como alavanca, de modo a conseguir levantá-lo um par de dedos. Apesar de acabar por cair novamente.

Alodia não desanimou.

Tomou fôlego e tentou novamente. Não o fazia apenas por ela, era Martín quem lhe dava forças para não desfalecer.

Desta vez, conseguiu introduzir mais a ponta da espada e, ao utilizá-la de novo como alavanca, teve força suficiente para abrir o alçapão.

Uma rajada de ar frio e nauseabundo brotou daquele passadiço.

Espreitou para o interior; estava demasiado escuro. Assim, pegou num dos archotes que davam luz à sala inferior da torre e iluminou a passagem. Tinha sido escavada na rocha-mãe e parecia bastante profunda.

– Rapaz! – disse uma voz que vinha a descer as escadas. – Quem diabos te disse para desceres? Lá em cima, dizem que não sabem...

Olhou novamente para a gruta aos seus pés; não tinha alternativa, deu um salto e entrou no subterrâneo.

Capítulo Sessenta e Cinco

Estava frio, ainda que o pior fosse a tremenda humidade. O túnel descia com muita inclinação; tinha de se agarrar com força às paredes de rocha para não escorregar e cair aos reboões.

Alodia continuou a descer até que a passagem virou à direita, dando para uma íngreme escadaria escavada na rocha. Os degraus eram irregulares e altos; era difícil subi-los. E ainda mais às escuras, tinha de tactear tudo para tentar orientar-se naquela penumbra.

Chegou a um ponto em que o desnível se suavizava, e a escadaria tornou-se mais acessível. Foram uns breves instantes; a via rapidamente se voltou a empinar e Alodia tinha de fazer um verdadeiro esforço para não desfalecer na sua marcha.

Finalmente, viu uma luz; dirigiu-se a ela com nervosismo e chegou a uma sala pequena. No teto, havia um orifício por onde entrava luz natural, apesar de estar demasiado alto para espreitar por ele.

Diante dela, encontrava-se uma porta de madeira, que era robusta e tinha uma fechadura de dimensões generosas. Tentou abri-la, mas estava trancada. A madeira tinha humidade e não estava em boas condições. Afastou-se um par de passos e tomou impulso para lhe desferir um forte pontapé, mas só conseguiu obter um ruidoso estrondo e uma lancinante dor na perna.

Não se ia dar por vencida assim tão facilmente.

Repetiu a ação mais duas vezes, conseguindo que a porta rangesse.

Voltou a tentar, mas não tinha força suficiente. Alguém tão magro como ela não podia derrubá-la.

Olhou em seu redor, observou bem as paredes escavadas na rocha. Em seguida, dirigiu o olhar para a fechadura. Era de grandes dimensões, a chave

devia ter uns dois palmos, pensou que seria demasiado grande para transportar sem chamar a atenção. E se alguém tinha escondido tanto um lugar, ter uma chave que levantasse suspeitas seria a última coisa que quereria.

Tinha de estar ali, oculta em algum esconderijo.

Observou tudo de novo, dirigiu-se às paredes em busca de alguma pista. Não havia nada que não fosse pedra. Foi mais atrás, à galeria. Voltou a mergulhar na escuridão e tateou cada recanto, até que encontrou algo que não era pedra. Parecia madeira, empurrou-a e cedeu. Era uma espécie de pequena portinhola; introduziu a mão lá dentro e sentiu algo metálico, pegou-lhe, era grande e pesado.

Avançou para a luz; era uma enorme chave.

Introduziu-a na fechadura e esta abriu-se.

Tinha medo do que poderia encontrar do outro lado, pelo que abriu a porta com grande cuidado.

A luz do orifício no teto da sala anterior entrava pela porta e iluminava eficazmente aquela nova divisão. Era um lugar diferente, o chão tinha lajes e o pouco que se via das paredes mostrava que estavam caiadas. Mas o que realmente a tornava diferente do resto da galeria era o seu conteúdo: estantes cheias de livros e pergaminhos.

Quase não podia acreditar, era uma biblioteca escondida debaixo da cidade. Alodia tinha encontrado a biblioteca.

Contemplou-a, emocionada. As suas dimensões eram mais do que consideráveis, a luz exterior refletia-se num sistema de espelhos que davam visibilidade a todo o espaço. Era difícil saber quantos volumes havia ali dentro, mas tinham de ser milhares.

Começou a explorar o seu conteúdo; livros de todo o tipo, escritos em latim,

em árabe e noutros idiomas exóticos. Passou as mãos por um dos volumes, de capa azulada, sem marcas nem relevos. Pensou em todo o conhecimento que se encontrava reunido naquela biblioteca, era avassalador.

«Mas o que faziam ali?»

«A quem pertencia aquela biblioteca secreta?»

Alodia lembrou-se das palavras que em tempos ouvira dizer a Ayub: «Uma biblioteca guarda uma ordem, os livros devem estar sempre ordenados.»

Pegou noutro livro, encadernado a cabedal, e abriu-o. Era um texto numa língua que desconhecia, era impossível saber do que tratava. Verificou que junto dele havia outros livros, escritos em mais idiomas. Encontrou um exemplar com miniaturas; em cada página, surgia uma planta, às vezes duas, com alguns parágrafos de texto. Alguns fragmentos daquelas ilustrações eram cópias em maior escala, e continham por baixo pormenores de esboços.

Virou-se e tirou um livro da estante mais alta; continha diagramas circulares, alguns deles com sóis, luas e estrelas, com constelações zodiacais: dois peixes, um touro, um soldado com um arco... Cada símbolo estava rodeado por figuras de mulheres em miniatura, na sua maioria nuas, e cada uma a segurar uma estrela.

Alodia ficou maravilhada com aqueles livros, com todo o conhecimento que guardavam. Não conseguia parar de os examinar, de cada vez que abria um tinha uma sensação agradável diferente.

Chamou-lhe a atenção uma mesa separada do resto, em cujo centro, num pedestal, sobre um bonito tecido bordado e iluminados pelo jogo de espelhos que multiplicava a luz natural da divisão exterior, se encontravam dois objetos que pareciam presidir à biblioteca: uma brilhante pedra azulada e um livro. Alodia pegou na joia com os dedos e sentiu uma força atravessar-lhe o corpo

inteiro.

Surpreendida, soltou a pedra, trémula. A joia caiu sobre o livro. Alodia empurrou-a suavemente com dois dedos e moveu-a ao longo da capa até deslizar pela lombada e pousar no luxuoso tecido. Depois, pegou no livro e abriu-o. Fixou-se em quem o tinha mandado escrever, e onde: o rei Afonso X, em Toledo.

Alodia pegou na pedra turquesa e guardou-a nas ligaduras com que tinha enfaixado os seios; introduziu o livro por dentro da cota de malha e do gambesão, segurando-o com o cinto.

Sair novamente pela torre seria muito arriscado.

Saiu para a antecâmara, ergueu o olhar e observou o orifício por onde entrava a luz; estava à altura de dois homens. Com muito esforço, tirou a cota de malha e deixou-a ali, juntamente com a espada.

Recuou até ficar novamente por baixo do orifício; talvez pudesse sair por ali. Voltou à biblioteca; pegou numa das estantes e sacudiu-a até conseguir que todos os livros caíssem. Em seguida, empurrou-a com todas as suas forças até a levar para a antecâmara. Subiu para cima dela; pôs-se por baixo da abertura e viu que umas grades a impediam de escapar por ali. Pegou na adaga que trazia e, com a sua ponta, rasgou a base de uma delas, o teto tinha muita humidade e o arenito desfazia-se com grande facilidade ao cravar o metal.

Não se rendeu, esforçou-se por escavar mais a base da grade. O seu trabalho surtia efeitos, mas não suficientemente rápidos; a porta dificilmente resistia às investidas. Finalmente, porém, libertou o ferro, agarrou-o com as duas mãos e pendurou-se nele; o seu peso fez o resto e o metal cedeu. Voltou a apoiar-se na estante e empurrou-o para abrir mais espaço.

Nisto, a arma que fechava o portão saiu disparada e a mesa carregada de livros

rodou pelo chão. Alodia deu um salto e enfiou os braços no exterior do buraco. Impeliu-se com toda a força de que foi capaz. O seu pouco peso permitiu-lhe elevar-se e escapar por aquele minúsculo orifício.

Respirou de alívio; ao olhar em seu redor, não pôde acreditar onde estava.

Estava num claustro. A biblioteca estava escondida sob os alicerces da catedral.

Capítulo Sessenta e Seis

Alodia correu para a galeria de arcos e escondeu-se atrás de uma das colunas.

Olhou para um lado e para o outro. Tinha de fugir dali o mais rápido possível. Tirou as últimas roupas de homem que envergava, atrairia atenções vestida como um varão, censurá-la-iam por não estar na defesa da cidade; era melhor voltar a parecer uma mulher, com a saia e a mostrar-se mais feminina.

Deambulou pelo corredor em busca de uma saída. A primeira porta que encontrou estava entreaberta e parecia dar para outras divisões. Andando com muita discrição, seguiu até à porta seguinte. Empurrou-a e acedeu à nave da catedral.

O silêncio era total, não parecia estar ali ninguém.

Colada ao muro, continuou em busca de uma forma de sair dali.

– Posso ajudar-te, filha? – Uma voz diante dela deixou-a sem palavras. – Estás bem? Pareces assustada.

– Eu... O cerco... Estamos a ser atacados.

– É verdade, tens medo dos estrangeiros? – perguntou aquele sacerdote, um homem de olhar calmo, olhos claros e tez muito branca. – Não temas, Deus protege-nos – disse ele, apontando para o teto da catedral.

– E se entram na cidade?

– Não, filha, não o farei. – Olhou-a de cima a baixo. – Vestes-te de maneira estranha... A catedral está fechada, por onde entraste?

Alodia engoliu em seco.

– O padre Martín abriu-me a porta, é o meu confessor.

– Martín? Há dias que não o vejo, onde dizes tu que ele está?

– Acho que disse que ia ao claustro.

– Para quê? Não importa – disse ele em seguida, gesticulando com as duas mãos. – Seja como for, tens de ir. Não pode haver ninguém dentro do templo. Com o cerco que sofremos, as medidas de segurança extremaram-se – comunicou-lhe o sacerdote, enquanto lhe mostrava por onde sair. – Acompanho-te. Devias ir para a tua casa, são dias difíceis, é melhor que te resgardes bem.

– Sim, padre, assim farei.

O religioso abriu uma das portas auxiliares da catedral e Alodia respirou de alívio ao ver-se fora dali. Despediu-se agradecendo-lhe a sua ajuda e, sem olhar para trás, começou a caminhar, tentando conter a ânsia de desatar a correr.

Agora, não podia fazer mais nada, tinha de esperar pelo dia seguinte. Àquela hora, com o Sol já muito baixo, após os acontecimentos das últimas horas, uma fugitiva corria demasiado perigo nas ruas de Albarracín.

Procurou refúgio entre as ruínas de uma casa derrubada pelos projéteis dos invasores. Limitou-se a agachar-se e a esperar que a noite passasse; estava faminta e gelada. Ainda assim, não podia correr o risco de procurar comida nem de tentar acender uma fogueira. Tinha de resistir.

Tinha já mastigado demasiada terra para não saber quando batera no fundo; sofrera o suficiente para saber que a vida consiste em sobreviver. Agora que Martín tinha morrido, algo de si tinha partido com ele. Só não sabia quanto...

Ao amanhecer, Alodia despertou com uma nova fortaleza, como uma fénix que renasce das suas cinzas. Saiu do seu esconderijo e correu para a judiaria, atravessou rapidamente as ruelas e chegou à porta de Abraham. Bateu três vezes.

– Quem é?

– Alodia.

Abraham abriu a porta e deixou a rapariga entrar. Pela expressão do seu rosto, soube que tinha boas notícias.

– Encontrei-a. Encontrei a biblioteca – afirmou ela, exausta, fechando novamente a porta.

– E o Martín?

Então, sentiu uma pontada no coração; regressou à imagem da sua morte e perguntou-se se não poderia ter feito mais para ajudar o seu amigo. Ao mesmo tempo, deu-se conta de que, desde a noite anterior, se sentia um pouco melhor, não lhe doía tanto o coração. Não era que lhe faltasse sentimento, era que lhe restavam as feridas, e as facadas da vida pesavam-lhe cada vez menos.

– Morreu, fomos atacados.

– Lamento, não imaginas quanto – disse Abraham, entristecendo-se. – O que aconteceu?

– Não éramos os únicos a procurar a biblioteca.

– Era de esperar. – O médico franziu o cenho.

Alodia contou-lhe tudo o que acontecera e desatou a chorar diante de Abraham. Ele tentou consolá-la e, pouco a pouco, a mulher foi assimilando a desgraça.

– Senta-te, vou preparar algo para comeres, deves estar faminta.

O médico trouxe-lhe pão, queijo e uma sopa quente que Alodia devorou como se não comesse há meses.

– Não pensei que voltarias por causa da minha comida... – observou ele com um sorriso, tentando tirar o máximo de peso possível à desgraça de Martín.

– A vida é muito injusta.

– Não, Alodia, a vida é dura, o que é diferente. As alegrias, temos de as

agarrar com as duas mãos, pois são poucas e efémeras; e as tristezas, bem – suspirou –, as tristezas temos de as suportar o melhor que pudermos... Temo que pouco mais possamos fazer.

– Às vezes, não sei se tudo isto vale a pena.

– Isso é porque és jovem, tenta não pensar agora no Martín. Lembra-te de que a tua posição é bastante complicada entre os muros desta cidade – afirmou Abraham, estendendo-lhe o pedaço de pão que restava na mesa. – Onde está a biblioteca que dizes que encontraste? – perguntou ele, inquieto.

Alodia limpou a boca com a mão e introduziu-a por baixo da saia; o médico ficou nervoso ao reparar onde a mulher se tocava, mas o seu rosto mudou ao ver brilhar a gema.

– Fabulosa, realmente fabulosa – gaguejou, enquanto estendia as mãos para a pedra que ela lhe mostrava.

Tomou-a dos dedos de Alodia e observou-a com entusiasmo.

– Que pedra extraordinária, nunca tinha visto uma tão bela, e deste tamanho.

– O que é ao certo?

– Não saberia dizer. Onde a encontraste?

– Na biblioteca... Não podeis imaginar onde está escondida, debaixo da catedral! – disse ela, enquanto acabava com a comida.

– Não há melhor lugar para a manter longe da Igreja do que construí-la debaixo dela. Como era? Conseguiste ver que livros tinha?

– Fica numa gruta húmida, mas tem manuscritos incríveis, de todo o tipo e em todas as línguas – contou Alodia, entusiasmada. – Também trouxe isto. Não sei qual é o seu valor, mas parecia ser muito elevado; destacava-se de entre todos os demais. – E tirou da cintura o volume roubado da biblioteca.

- O que é? – perguntou Abraham, fitando-o com receio, ofuscado pela pedra.
- Um livro do rei Afonso.
- Como dizes? – Conseguira finalmente chamar a sua atenção. Abraham guardou a pedra na sua mão ao mesmo tempo que pegava no livro e o abria de olhos incrédulos ante o que estava a contemplar.
- Acho que é importante.
- Com certeza que sim... – Fitou-o, boquiaberto. – Onde o encontraste?
- Junto à pedra, na biblioteca, escondido debaixo da catedral.
- Não posso crer. – Custou-lhe a dizer as palavras e quase se engasgava com elas. – A sério que não posso. Este livro... Este livro é a joia do *scriptorium* do rei Afonso X. Foi escrito apenas para seu uso pessoal, quase ninguém sabe da sua existência.
- E fala de quê? É um tratado de magia, não é verdade?
- É muito mais do que isso, chama-se *O Fim do Sábio e o Melhor Meio para Avançar*, e é uma tradução do árabe para o castelhano de um tratado de magia talismânica conhecido como *A Meta do Sábio*. O seu autor foi um árabe que viveu há quase três séculos numa pequena povoação muçulmana da taifa de Toledo que ainda hoje existe chamada Madrid.
- Tratava-se de um mago, é isso, não é?
- Era um prestigiado matemático que reuniu conhecimentos orientais, clássicos e muçulmanos. É o melhor manual de magia que se conhece. Este livro recolhe saberes ancestrais que remontam aos primeiros tempos, a civilizações atualmente perdidas nas bacias dos rios Eufrates e Tigre, a mítica Mesopotâmia, mas também egípcios, gregos, hebraicos e árabes.
- Então, tem um grande valor para fabricar talismãs.

– Não compreendes? Não só para isso, para tudo! Explica a ordem e as leis da natureza e como um mago as pode utilizar para intervir no curso natural dos acontecimentos.

– Serve para mudar o nosso destino, então, o que se supõe que Deus tem reservado para nós...

– Somos nós que escolhemos o nosso destino, Deus dá-nos a possibilidade de o alterarmos todas as vezes que quisermos, para o bem ou para o mal – afirmou ele –, e este é um dos meios de o fazer. Os astros são capazes de transmitir ao mundo as formas celestes, e com este livro, um mago é capaz de fazer com que uma dessas formas se imprima da maneira e no momento ideais sobre um material adequado, para um determinado fim.

– Capta e guia a influência de um astro para a matéria de modo a poder invocar o seu poder...

– Sim, é exatamente isso que pode chegar a fazer – concluiu Abraham, visivelmente emocionado.

Alodia levantou-se da mesa.

– Já tendes a biblioteca. Agora, por favor, tirai-me desta cidade.

– Tenho muito mais do que a biblioteca. – Levantou-se, dirigiu-se a uma parede nas suas costas, agachou-se e tirou alguns tijolos do chão. Do interior, retirou um cofre de madeira. – Já tenho tudo.

– O que se passa, Abraham? O que é isso?

– A pedra é a verdadeira base do talismã. – E introduziu-a no cofre. – O livro de Afonso X explica o procedimento para o construir. – E colocou-o também no interior. – E os cinco símbolos dos planetas que devem ser gravados nele, conseguimos-los depois de muito esforço.

– De que falais?

– Alodia, há muito tempo que estás condenada. És uma morta que continua viva, nada mais.

– De que diabos estais vós a falar, Abraham?

– Agradeço-te pelo que acabas de fazer, por teres encontrado a biblioteca. Não podes sequer imaginar quanto. – Os olhos do médico brilhavam. – Não sabes o que trabalhei para isto. O teu querido mestre Ayub dificultou-me muito a vida.

– Tu! Foste tu que planeaste tudo, foste tu que mataste todos aqueles homens – afirmou a mulher num tom ameaçador, olhando para um lado e para o outro naquela divisão.

– Eu sou só mais uma peça no tabuleiro, como tu.

Então, ouviu-se o ranger de uma porta e uma silhueta surgiu da escuridão. Era um cavaleiro, com uma brilhante cota de malha e uma insígnia dourada cosida na sobreveste. Uma longa espada pendia de um dos lados do seu cinto, e do outro uns guantes. Aproximou-se. Alodia pôde finalmente ver-lhe melhor o rosto. Era um homem bem-parecido, de traços proporcionais e aspeto cuidado. Tinha uma boca encantadora, mas ela sabia que estava cheia de mentiras.

– Quem és tu? – Alodia tentava dar-lhe um nome, ou pelo menos lembrar-se de onde o tinha visto antes, pois de uma coisa estava certa: conhecia-o.

– Já nos cruzámos muitas vezes; na maioria delas, eu não tinha este aspeto. Noutras, via-te pelas ruas de Albarracín, era engraçado observar-te sem que tu soubesses quem eu era.

– Eras o aprendiz do Ayub. Escondeste-te durante todo este tempo... Tinhas assim tanto medo de mostrar o teu rosto?

– Eu chamar-lhe-ia antes precaução, a magia não é muito bem vista pela

Igreja, já o deverias saber, não?

– Querias matar-me, por isso acabei nas masmorras...

– Essa jogada para fugir de mim foi arriscada e hábil, devo reconhecer, é bem verdade que o Ayub tinha bom olho para escolher os seus aprendizes. – E sorriu.

– Da primeira vez que te vi, estavas sozinha e uns bêbedos iam abusar de ti. Eu salvei-te, não te lembras?

– Eras tu aquele homem...

– Era, sim – assentiu ele. – Ambos sofremos muito, tivemos de construir um presente; a mim, arrancaram-me mais vezes a pele do que a ti a roupa. Mas a dor dá memória a toda a gente – afirmou tranquilamente. – A principal diferença entre nós é o nosso futuro; tu já viveste demasiado, há muito tempo que devias estar morta.

– Foste tu quem torturou e matou os homens dos grémios.

– Sim, o Ayub foi muito hábil ao utilizá-los para esconder os cinco símbolos.

– Cinco? Só morreram quatro...

– Esses pormenores já não têm importância – respondeu ele. – Às vezes, pensei que a verdade era apenas outra mentira, mas estava enganado. Não gosto de perder tempo. – Sorriu. – Seja como for, jamais me teriam servido de nada se não tivesses trazido esse livro e a pedra, claro.

– Pensava que o material para fazer o talismã era o guarda-mão.

– Não, não era o guarda-mão.

– Sim, é preciso ter muito cuidado; neste mundo, todos mentem. O tráfico de pedras preciosas, talismãs e relíquias está cheio de enganos e armadilhas – murmurou Abraham. – Esta pedra é ainda mais poderosa do que qualquer outro objeto que tivéssemos podido obter.

Alodia procurou uma escapatória com o olhar, mas a sala não tinha janelas, a porta atrás de si estava trancada, e a outra guardada por aquele assassino. Diante de si, tinha dois homens implacáveis; ela estava desarmada, indefesa.

– A tua viagem termina aqui – afirmou Abraham, abrindo as palmas das mãos. – Todos temos um destino, nada é por acaso, tudo tem o seu sentido, a sua função, até o mais ínfimo pormenor; todas as coincidências que encontramos na nossa vida foram aí colocadas por uma razão. A tua missão era trazer-me este tesouro; uma vez cumprida, o melhor é que descanses.

O cavaleiro desembainhou a lâmina da sua espada, num estridor de metal que se fez eterno.

Alodia estava condenada.

«Acabou-se; já não passo daqui», pensou para consigo.

Capítulo Sessenta e Sete

Viu aproximar-se a lâmina daquela longa espada. Quando sabemos que vamos morrer, toda a nossa vida nos passa diante dos olhos e, sem sabermos porquê, recordamos um determinado momento, um instante de há muitos anos, uma imagem que julgávamos já esquecida e a que nunca demos importância, e que, nesse último suspiro da existência, é aquela com que optamos por nos despedir.

Sim, todos temos de morrer.

É a morte que caracteriza os seres humanos; o que dá sentido à sua vida.

Apesar dessa evidência, ninguém quer morrer, nem em sacrifício pelos seus deuses, nem em nome de grandes reis. O instinto de sobrevivência é outro dos valores que nos definem. Duas ideias opostas, morrer e sobreviver, que convivem, ainda assim, dentro de um mesmo corpo, de uma mesma alma.

Alodia tinha bem desenvolvido o seu instinto de sobrevivência; tinha-o cinzelado à base de golpes e mais golpes, até obter uma sólida obra, e não ia permitir que desabasse agora.

Porque o nosso destino pode ser mudado por nós ou, algo que muitas vezes esquecemos, podem ser outros a mudá-lo.

Quando julgava que não voltaria a ver um novo dia na sua vida, Alodia ouviu o rangido da porta e viu o reflexo do olhar compungido de Abraham.

Virou-se, impedindo que a lâmina encontrasse o seu corpo. Quando aquele homem reagiu para tentar de novo, uma nova espada atravessou-se no seu caminho.

Não estava tão só como julgava.

Era Lízer que empunhava aquela arma.

Os dois adversários fitaram-se e começaram a trocar golpes, enquanto, do outro lado da sala, Abraham se abraçava com força ao cofre com os elementos para o talismã e se acorava a uma esquina, com um olhar aterrorizado.

Lízer era hábil e manejava bem a espada, mas o discípulo de Ayub era mais corpulento, e os seus golpes mais contundentes. Usava tanto as duas mãos como uma só para empunhar a sua arma, imprimindo em ambos os casos uma feroz energia às suas arremetidas.

Atacava com espadeiradas potentes e procurando a cabeça do seu rival, enquanto este se defendia como podia, incapaz de contra-atacar, esquivando-se a cada investida com mais sofrimento do que na anterior.

O discípulo de Ayub ergueu a lâmina acima da cabeça e lançou um embate que empurrou Lízer e o fez cair. O jovem aguazil rodou pelo chão até ficar fora do seu alcance e, com agilidade, levantou-se de novo.

Alodia quase se lançou em seu socorro, ainda que isso não lhe tivesse servido para mais nada além de encontrar a morte.

O discípulo de Ayub rosou ante a oportunidade perdida e deu vários passos para a sua direita, arquejando devido ao esforço, enquanto Lízer o esperava em guarda. Agarrou bem o punho da sua espada e voltou a erguê-la, com o firme propósito de acabar finalmente com aquele duelo.

Lízer sabia que não voltaria a ter tanta sorte. Assim, em vez de o esperar, foi direto a ele, deixando a cabeça desprotegida. O seu rival deu-se conta e lançou o derradeiro ataque. A sua espada procurou diretamente o pescoço de Lízer, e este rodou para a direita e agachou-se para evitar a lâmina do adversário. Quando voltou a recuperar a verticalidade, precipitou-se para ele, procurando fazer-lhe sangue no flanco.

O seu oponente conseguiu evitá-lo com dificuldade e, apesar de o ter feito,

Lízer desferiu-lhe um golpe com o antebraço esquerdo que o deixou tocado, dando-lhe em seguida um pontapé na coxa.

Cambaleou devido aos golpes, mas, longe de ceder, o discípulo de Ayub cuspiu um catarro de sangue e precipitou-se contra ele com dois arrepiantes golpes de espada que obrigaram Lízer a recuar.

Este não se amedrontou e voltou a brandir a espada; a sua lâmina quase fez sangue no rosto do adversário.

– Alodia, sai daqui! Vamos! – gritou-lhe, enquanto tentava resistir a uma nova investida. – Já!

Ela obedeceu. Viu o velho com o cofre, mas Abraham postou-se habilmente perto do discípulo de Ayub. Alodia amaldiçoou-o, cerrou os punhos e foi empurrada por Lízer.

– Vai!

Saiu a correr porta fora, com Lízer atrás dela.

– Não pares! Por aqui – indicou-lhe ele enquanto a protegia, e ela obedeceu.

Lízer e Alodia desataram a correr, perseguidos pelo discípulo de Ayub. Chegaram à fonte do Chorro e seguiram até à igreja de Santiago, evitando assim a praça do mercado e perdendo de vista o seu atacante. Passaram frente à casa da ordem santiaguista e viraram para a porta de Molina. Antes de lá chegarem, Lízer empurrou uma porta à esquerda da rua e entraram numa das casas. Trancou-a e começou a subir num estranho ziguezague interior, pois, à medida que subiam a escadaria, havia apenas uma divisão por piso, que mudava de lado a cada volta, da esquerda para a direita, até chegar ao quinto andar.

Finalmente, entraram numa sala e Lízer fechou a porta.

Com os dedos, fez um sinal a Alodia, e embora estivesse desejosa de desatar a

falar com ele, ela assentiu com a cabeça. Fez-se um silêncio tenso, pesado e angustiante.

Mantiveram-se assim durante muito tempo.

– Julguei que nunca mais te voltaria a ver. – Foi ele quem rompeu a espera.

– Sou difícil de matar.

– Isso já eu vejo, fui ferido nas muralhas. – E apontou para a ligadura no ombro. – Qualquer hora é boa para morrer, mas não qualquer dia; por isso estou aqui, não podia deixar-te.

Dirigiu-se a ela, acariciou-lhe a nuca e beijou-a com um intenso desejo. Há semanas, há uma eternidade, que sonhava com aquele momento; nunca pensara que teria a oportunidade de provar os beijos daquela mulher.

Os lábios de Alodia, porém, não responderam.

– Porque fizeste isso? – perguntou ela, incomodada, afastando-se dele.

– Sofri muito para chegar aqui, não pensava desperdiçar a oportunidade de te beijar.

– Tens sorte por as coisas estarem como estão, senão arrepender-te-ias do que acabaste de fazer.

– Fiz tudo o que pude por ti – afirmou ele –, pedi que te escutassem quando ninguém queria fazê-lo.

– Falaste com o Martín – disse Alodia, com a voz entrecortada.

– Sim, o que se passa? – perguntou o aguazil ao vê-la chorar. – Estás bem?

– Não, não estou. – Limpou as lágrimas com a mão. – O Martín morreu.

– Lamento... Não sabia.

– Pediste-lhe que me ajudasse e ele morreu... Por tua culpa! – gritou-lhe ela

na cara.

– Eu não o obriguei, se o fez, foi porque quis...

– Fê-lo por mim.

– O que queres dizer? Era um sacerdote, ajudou-te porque era o correto, porque sabia que eras inocente – insistiu Lízer com paixão.

– Tanto faz, sei por experiência própria que, mais tarde ou mais cedo, a felicidade acaba por nos apunhalar pelas costas.

– Ter-te-ás apaixonado por ele, Alodia? – Lízer mal podia acreditar nas suas próprias palavras.

– Lízer, ele está morto.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Porque não penso fazê-lo – sentenciou Alodia, enervada.

Nesse momento, surgiu uma criança atrás deles.

– E este rapaz?

– É o Blasco – respondeu Lízer, fitando-o com um sorriso no rosto –, salvou-me a vida.

– É verdade o que dizem sobre ti? Que és má? – perguntou Blasco com curiosidade inocente.

– O que achas tu? – replicou Alodia, mais calma, limpando as lágrimas com a mão.

– Não sei.

– E o que quer isso dizer? De certeza que não conhecestes muitas mulheres – disse ela, sorridente. – Como é a tua mãe? Sou parecida com ela?

– A minha mãe morreu quando eu tinha dez meses. E não, nunca tinha visto

ninguém como tu, mas acho que isso não quer dizer que sejas má. Todos os dias encontro pessoas e quase todas são más. – Encolheu os ombros. – Tu, pelo menos, és diferente, talvez possas ajudar-me.

– Ajudar-te? Claro, o que queres?

– Quero matar o homem que assassinou o meu irmão.

– Como? – Alodia ficou impressionada com aquela resposta. – És muito pequeno para desejar a morte de alguém. Logo terás tempo para isso, garantote.

– Matou o meu irmão, tenho de o fazer – afirmou ele, entre lágrimas. – Ele tê-lo-ia feito, ter-me-ia vingado.

Aquelas palavras sacudiram as entranhas da memória de Alodia.

– Escuta, Blasco, a minha mãe contava-me histórias de dragões e cavaleiros que salvavam princesas; eu sempre quis salvar o dragão e queimar o príncipe. A vingança não é tão libertadora como pensas, acredita – afirmou Alodia, pousando a mão no ombro do rapaz. – Também eu me quis vingar muitas vezes, de muitos homens, até do meu pai. Enquanto procuras a vingança, as tuas feridas continuam abertas. O melhor é cosê-las, que cicatrizem e não voltem a abrir.

– Não tens irmãos? – perguntou-lhe ele.

– Sim, tenho uma irmã mais nova. Chama-se Beatriz. – Pela primeira vez em muito tempo, Alodia sentiu-se vulnerável. – Há muito que não a vejo, está casada com... Isso já não importa, espero que seja feliz.

– Pensa no que farias se lhe fizessem mal, não tentarias que o culpado pagasse por isso? Tentarias!

– Sim, ainda que a vingança possa ser mais dolorosa do que o motivo que te

leva a ela.

Capítulo Sessenta e Oito

Abraham pegou numa bolsa e introduziu rapidamente vários objetos no seu interior, deu uma rápida olhadela à casa até encontrar a adaga que procurava e escondeu-a debaixo da sua túnica. Pegou também em algum pão e queijo, embrulhou-os e meteu tudo na bolsa, justamente no momento em que Atilano de Heredia regressava.

– Escaparam.

– Não importa – afirmou Abraham, enquanto pegava no cofre. – Não sabem quem és...

– Mas conhecem o meu rosto, agora podem reconhecer-me.

– Um nobre como tu não costuma cruzar-se muito com gentalha como aquela; além do mais, que importa isso agora? Temos de partir, temos mais do que esperávamos obter.

– Como pretendes abandonar a cidade?

– Perto da igreja de Santa Maria, há uma saída secreta; os judeus têm-na preparada para o caso de algum dia termos de partir. Temos sempre uma via de escape; não foi por casualidade que sobrevivemos até aos nossos dias, garanto-te.

– Como sabes que os teus nos deixarão utilizá-la?

– Porque lhes paguei por isso.

– E confias na palavra deles?

– Muito mais do que na de um dos vossos reis. Os judeus cumprem aquilo que dizem; não se pode dizer o mesmo dos cristãos.

Sem mais demoras, saíram e dirigiram-se à igreja. Abraham ia à frente, com o cofre escondido dentro de um alforge de couro, enquanto o cavaleiro controlava que não havia perigo, com a mão muito perto do punho da sua espada.

– Espera. – Olhou para os dois lados da rua. – É aqui, bate duas vezes.

Atilano assim fez, ouviu-se um barulho do outro lado.

– Sou Abraham – afirmou o médico com firmeza. – Trago o pagamento acordado e outras dez moedas de ouro pelo incómodo que vos possa causar.

A porta abriu-se.

Era o início de um corredor estreito e sombrio. O cavaleiro e Abraham percorreram-no com precaução. Era tal a escassez de luz que não sabiam onde pisavam. Chegaram a uma divisão um pouco maior. Aí, um homem de estatura modesta e olhos grandes e brilhantes aguardava-os de pé, com as mãos unidas à altura do peito.

– Aqui estou, com o pagamento, tal como combinámos – disse Abraham.

– Vejo que não vens sozinho. Conheço esse, é o filho de Heredia.

– Vem comigo.

– O que fazes tu com o filho de um nobre cristão? Há algo que não me contaste, Abraham.

– Combinámos a saída, sem condições.

– Nessa altura, falávamos de ti, só de ti.

– Queres mais dinheiro, é isso?

– Quando vieste a mim, não estávamos debaixo de cerco, esse preço não serve agora. Era de tempos de paz. Além disso, sois dois, terás de me pagar o dobro.

– Não vamos pagar mais – disse Atilano de Heredia, dando um passo em frente. – Tira-nos daqui.

– Como lamento ter de chegar a este ponto, mas não me deixastes outro remédio.

Dois homens surgiram das sombras.

– O que estás a fazer? – Abraham deu um passo em frente. – Tínhamos um acordo.

– Repito pela última vez, o preço é o dobro – reafirmou aquele homem. – O teu novo amigo tem muitos bens, não terá qualquer problema em pagar.

– És estúpido? Estamos debaixo de cerco, como vou eu vender algo nesta situação? Quem o compraria?

– Isso não é problema nenhum, eu mesmo posso comprar os vossos bens. – Heredia ficou paralisado ante aquelas palavras, que eram dirigidas a ele. – A casa da vossa família, posso dar-vos por ela o que precisais para o pagamento.

– Pela casa dos Heredia! É a melhor de toda a Albarracín!

– Sim, também acho, é por isso que me interessa – respondeu ele, no mesmo tom de voz sério e firme. – É pegar ou largar.

– Jamais te darei a minha casa por umas moedas!

– E esse alforje? O que escondes aí dentro, Abraham?

– Documentos e utensílios para me poder estabelecer noutra cidade.

– Quero vê-los. – E apontou para a bolsa com a mão.

Os dois esbirros precipitaram-se para ele para lha tirar. Heredia reagiu habilmente, como se estivesse à espera da emboscada, e interpôs-se no seu caminho. Ao primeiro dos sujeitos, esquivou-se com dificuldade, mas conseguiu evitar o perigo, agachando-se e bloqueando o seu golpe com o antebraço para em seguida lhe desferir um contundente soco que o fez recuar. Entretanto, o segundo aproximava-se pelas suas costas; Atilano intuiu-o e chegou-se para o lado. Não contava, ainda assim, com a adaga que viu brilhar e que lhe roçou o antebraço. Enfurecido, agarrou-o pelo pescoço com as duas mãos e empurrou-o

contra a parede. Apertou com força até lhe enterrar os dedos na garganta. O homem tentava em vão libertar-se; quando o seu companheiro acorreu em seu auxílio, Heredia atirou-o contra ele, fazendo-os cair aos dois. Agachou-se para pegar na adaga que brilhava no chão.

Avançou decidido para eles.

Agarrou pelos cabelos o que quase tinha estrangulado, passou-lhe o braço diante do rosto e cortou-lhe o pescoço.

O sangue salpicou os olhos do outro, que tentava fugir de gatas. Atilano de Heredia desferiu-lhe um pontapé no flanco que o deteve; depois, pôs-lhe o pé direito nas costas, fincou o joelho esquerdo, ergueu a adaga e acabou com o tipo da mesma forma que com o seu companheiro.

O negociante judeu assistiu boquiaberto à degola dos seus sequazes.

– Agora que já parámos de perder tempo – interrompeu Abraham, dando dois passos em frente –, podemos fechar o negócio ou há mais alguém que queiras que matemos?

– Esse homem é o diabo em pessoa – afirmou o outro, aterrado, apontando para a figura de Atilano de Heredia.

– Que eu saiba, foste tu que o atacaste, não tenho culpa da tua inoperância. Tínhamos um acordo, cumpre-o!

– Esta noite, junto à igreja de Santa Maria...

– Há muitos guardas na muralha, fica ao lado da torre de Dona Branca – observou Atilano, preocupado.

– Eu sei. Não será fácil. Tereis de arranjar maneira de escapar à sua vigilância.

– Não pretenderás enganar-me de novo? – E estendeu a arma a escorrer sangue. – A não ser que queiras acabar como os teus homens.

– Para sair da cidade, é preciso utilizar uma galeria que desce do topo da igreja de Santa Maria. Foi construída sobre a nossa antiga sinagoga, a entrada para esse túnel está escondida debaixo dela – afirmou o homem, num tom imperturbável. – Não existe outra via para sair de Albarracín fora do alcance das hostes que nos cercam.

– Onde nos deixará?

– Do outro lado do rio, longe das tropas de Pedro III.

– E como evitaremos os soldados de Albarracín que defendem esse flanco da cidade? – insistiu Heredia, sem deixar de o ameaçar com a sua espada.

– Eu aceitei tirar-vos daqui, mais nada. Isso é problema vosso.

Capítulo Sessenta e Nove

Lízer esperava há muito tempo por aquele momento; estava finalmente junto de Alodia. Sempre pensara que a voltaria a ver, e agora estava ali, diante dela. Por isso, sabia que tinha de se lançar de coração aberto, como se deve fazer com as coisas que importam. Ainda que às vezes o melhor caminho possa ser seguir na direção errada.

Alodia estava como que ausente; o seu aspeto, com o cabelo cortado e vestida como um homem, era desconcertante. Lízer tinha consciência de que não sabia absolutamente nada sobre ela. Só a tinha visto um par de vezes, não tinham falado até que ele a reencontrara, só lhe tinha roubado um beijo e nunca tinham dormido juntos. E, ainda assim, apesar de tudo isso, sabia que a amava.

Sabia-o desde que a tinha tirado em braços do incêndio, desde que a olhara nos olhos.

Desde esse momento que sentia a falta dela, embora nunca a tivesse tido.

– Alodia – disse, chamando a sua atenção. – Alodia...

– Sim. – Virou-se finalmente para ele.

– O que se passa contigo? Em que estás a pensar?

– Em nada – respondeu ela.

– Não te preocupes, juro pela minha vida que te vou proteger e estar sempre contigo.

– Sempre?

– Sim, claro; sempre. – Lízer olhava-a fixamente, tentando penetrar naqueles olhos bicolor.

– Estamos a ser atacados, todos os dias cai gente de ambos os lados... O Martín também morreu... E foi por me ter ajudado.

– Tudo isto, a tua tristeza, a tua rejeição por mim, é por ele, não é verdade? – A expressão no rosto de Lízer alterou-se, tornou-se sombria, agressiva. – Lembro-te de que era um padre, não...

– Que diabos queres tu dizer com isso? – perguntou Alodia, fulminando-o com o olhar.

– Não queria aborrecer-te, estou numa situação... complicada.

– E eu? Parece-te que a minha situação é simples?

– Não, é claro que não, mas eu... Tenho as minhas ocupações, deixei tudo por ti. Não sabes tudo aquilo a que renunciei, não podes sequer imaginar.

– Sei que eras aguazil...

– Não se trata disso.

– De... – Pensou nas suas palavras. – Deixa, Lízer, agora o que temos de fazer é pensar em como escapar de Albarracín, não achas?

– Mas é que não compreendes...

– Por favor, não é o momento. – E fulminou-o com o olhar.

Ao recordar o sacerdote, Alodia sentiu-se mal; tinha sido ele a libertá-la, a fugir com ela da força, a partilhar os seus pesadelos. Agora que finalmente ia ser livre, ele estava morto e ela com outro homem.

Era quando despertava que se apercebia de que estava muito frio fora dos sonhos.

Alodia voltou o olhar para Blasco; era apenas uma criança e fora capaz de os ajudar. Estava a brincar com um pau, com o qual desenhava círculos no chão. Por um momento, fê-la lembrar-se de si mesma, não da Alodia atual, mas da rapariga que escapara daquela carruagem que a levava para um convento, da que atravessara a fronteira e chegara a Albarracín só e indefesa.

Esperava que ele não tivesse de passar por todas as calamidades e sofrimentos que ela tinha tido de suportar.

– Blasco, vem cá – pediu, e o rapaz obedeceu. – Gostarias de aprender a ler?

– Não sei, para que serve?

– Para saber o que dizem os livros.

– Como os dessa biblioteca que encontraste?

– Exato, como esses e como muitos outros que existem.

– Porque são tão importantes os livros? – perguntou ingenuamente Blasco.

– Contêm uma grande sabedoria, a de muitos grandes homens e mulheres que viveram antes de nós e que deixaram todo esse conhecimento escrito em pergaminhos. São um verdadeiro tesouro que devemos proteger.

– Eu vi como vendem o pergaminho no mercado, é muito caro – assentiu ele, mais convencido.

– O que disseste? – Alodia endireitou-se.

– Que vi comprar pergaminho desse de que são feitos os livros, não sei como pode valer tanto.

– Quem o comprava, Blasco? É importante!

– Não me lembro, acho que eram estrangeiros, desses que depois vão à Taberna do Coxo para se embebedar.

– O que se passa? – perguntou Lízer, que se apercebeu de que algo passava pelo pensamento de Alodia.

– Antes de partir, temos de fazer uma última visita.

– Não podemos, é perigoso que alguém te veja pela cidade. Se te prenderem, enforcar-te-ão – advertiu o aguazil.

– Passaremos despercebidos, esperaremos que escureça.

Assim foi, a noite caiu e a penumbra envolveu as ruas como um longo e espesso manto, que se introduziu por todos os recantos, pelos resquícios das portas, apoderando-se das casas, das igrejas e até da alcáçova. De noite, ninguém deixava avistar uma luz, ninguém queria mostrar ao inimigo onde se encontrava, pois, quando o Sol voltasse a nascer, as máquinas de cerco procurariam esses mesmos pontos, cientes de que estavam habitados. Assim, a cidade parecia abandonada, sem ruídos, sem a galhofa das tabernas, sem o calor das lareiras acesas. Só as constantes rondas dos guardas demonstravam que aquele lugar não estava desabitado.

Assim, foi muito mais fácil para eles esgueirarem-se pelas ruelas. Chegaram a uma esquina próxima da Taberna do Coxo. Lízer avistou dois soldados a poucos metros e fez sinal a Alodia e a Blasco para que se escondessem imediatamente.

Os vigilantes foram-se aproximando até passarem diante da esquina, sem a dobrar. Alodia susteve a respiração; não quis nem olhar até intuir que já teriam passado ao largo, mas não foi assim. Os dois guardas tinham parado mesmo naquele cruzamento e conversavam entre si.

O aguazil rezou para que seguissem o seu caminho, para que não ficassem nem mais um instante ali parados.

Alodia estava tranquila, ter Lízer e a sua espada ao seu lado era uma grande ajuda, mas...

E aquele rapaz? Onde estava?

Blasco tinha desaparecido. Lízer interrogou Alodia com o olhar, sem obter mais nada além de uma expressão de preocupação.

Um dos soldados apontou para um caseirão que parecia prestes a cair, cuja fachada ia perdendo a verticalidade à medida que crescia em altura. Mostrava

um equilíbrio difícil de imaginar e terminava num beiral impossível, que quase se encostava ao da casa da frente, igualmente inclinado, fechando ambas o céu sobre essa rua.

Os guardas avançaram decididamente para o portão e Lízer temeu o pior.

Não quis olhar, mas quando o fez, viu uma sombra sair a correr daquele lugar. Os guardas levaram a mão às espadas que pendiam dos seus cintos e desembainharam-nas. Por essa altura, já Blasco corria rua abaixo, tentando fugir da dupla que ia atrás dele.

Alodia ia a sair para socorrer Blasco, mas o braço de Lízer deteve-a.

– Não podemos fazer nada, ver-nos-iam – sussurrou ele. – O rapaz é esperto, desobstruiu-nos o caminho, saberá esconder-se.

Alodia assentiu. Aproveitaram para atravessar para o outro lado e chegar à rua onde se situava a Taberna do Coxo. As janelas estavam entaipadas. Lízer sacudiu a porta e pôde verificar que estava trancada por dentro. Isso significava que havia lá gente, embora parecesse abandonada. Bateu três vezes com o punho.

Nada.

Não podia chamar a atenção e, sem poder gritar, ia ser difícil conseguir que abrissem. Lízer observou a parte alta, o telhado tinha um orifício para a chaminé e parecia largo.

Dirigiu-se a uma das janelas e apoiou-se no parapeito para ganhar altura e chegar ao beiral. Daí, pendurou-se e procurou apoio num buraco do muro para ganhar impulso e saltar para o telhado. Quase escorregou, mas conseguiu agarrar-se ao próprio beiral e passar-lhe as pernas por cima, apoiar-se com o braço e erguer todo o seu corpo.

Uma vez no topo, estendeu a mão para ajudar Alodia a subir. Juntos, caminharam agachados até à chaminé, tiraram a laje que a tapava e olharam

para o orifício que lá havia. Cuidadosamente, Lízer introduziu as suas pernas, segurou-se com os braços até ter três quartos do seu corpo lá dentro e soltou-se.

Caiu descontroladamente, bateu com os ombros no orifício e acabou a rebolar pelo chão da casa até chocar contra uma mesa de madeira. Quando tentava levantar-se, um homem com uma moça nas mãos surgiu da divisão contígua.

– Alto aí! O que pretendes?

– Esperai, não vos venho roubar.

– É claro que sim! E vou tirar-te a vontade para sempre.

Foi então Alodia quem caiu pela chaminé e rodou até chocar contra o taberneiro e o derrubar de forma aparatosa.

Uma mulher apareceu a correr com uma enorme faca na mão.

– Espera, Elena! – gritou Lízer, erguendo as duas mãos.

Ela parou e fitou-o, confusa. Pouco a pouco, foi baixando a arma, enquanto Alodia e o taberneiro se levantavam, doridos.

– Quem sois vós? – perguntou ele, confundido com a cena que ali se havia montado.

– Dom Aurelio, sou Lízer, aguazil da cidade – respondeu este. – Ela é a Alodia. Não queremos roubar nem nada parecido, mas precisamos da vossa ajuda.

– Ele tem razão, pai. Eu conheço-o.

– Sim, já estou a ver quem é. Um dos homens de Ferrellón. – O taberneiro procurou uma cadeira para descansar. – E então? O que perdestes por aqui?

Lízer olhou para Alodia, que cravou os seus olhos na filha do taberneiro. À primeira vista, não era bela, mas tinha uns olhos brilhantes e, sobretudo, umas formas que ela não tinha, exuberantes, como os homens gostavam. Não pôde

deixar de notar a forma como Elena olhava para Lízer.

– Encontrámos uma biblioteca com estranhos livros que valerão uma fortuna, podeis ficar ricos com eles.

– Nós? Eu não vendo livros. – E indicou-lhe com a mão o lugar onde estava. – Isto é uma taberna, caso não tenhas reparado.

– Certo, mas conheces quem pode vendê-los. Todos os comerciantes da cidade passam por aqui, principalmente os estrangeiros.

– Estamos cercados, não sabemos como nem quando isto vai terminar...

– É verdade, mas terminará um dia, para o bem ou para o mal, e a cidade voltará a funcionar, a taberna a encher-se e... a biblioteca estará ali à espera que alguém a encontre e saiba tirar proveito dela.

– Maldita mulher, de onde a tiraste? – perguntou o taberneiro a Lízer, voltando depois a olhar para Alodia com admiração. – Adoro-a! – E soltou uma gargalhada.

– Fico feliz – respondeu Lízer, respirando de alívio.

– E o que queres tu em troca? – perguntou Dom Aurelio.

– Uma informação.

– Isso é sempre caro.

– Podes ficar rico com o que te estou a oferecer – disse Alodia, sem se deixar intimidar.

– Como sei que não mentes? Não tenho um negócio destes por confiar na boa-fé das pessoas, garanto-te.

– Para que te ia eu mentir? – perguntou Alodia, fitando-o com sinceridade. – O que te ofereço é uma oportunidade para quando isto terminar, para começar de novo, numa cidade livre ou conquistada.

– Está bem – interveio Elena, dando um passo em frente. – O que dizes soa bem, mas eu sei quem és, és a que iam enforçar. A filha do diabo!

– Já me chamaram coisas muito piores. – Alodia sorriu à outra mulher.

– Algo de muito grave deves ter feito ou sabido – prosseguiu Elena, sem corresponder ao gesto –, porque tu não mataste os mestres dos grémios.

– Como tens tanta certeza? – E então Alodia adivinhou. – Viste quem foi, é isso, não é?

– Sim, vi a sombra de capa negra quando ia a entrar na padaria, espreitei por um momento, pois senti curiosidade. Era tarde, e o padeiro nunca aceitava encomendas àquela hora, pelo menos não da nossa taberna, por isso olhei e vi que era um homem. Não pude ver-lhe o rosto porque usava uma máscara, mas não se parecia contigo, isso é certo. Era corpulento, alto e portava uma boa espada – afirmou com sinceridade. – Parti sem ver o crime, mas tenho a certeza de que era o assassino. O que queres saber?

– Conheceis muitos dos segredos da cidade. Os vossos clientes embebedam-se e falam mais do que deviam. Preciso de saber quem comprou pergaminho na cidade.

– Pergaminho? – Elena não compreendeu. – Os padres, suponho.

– Além deles, quem o comprava sem ter um cargo eclesiástico?

– Mau – observou o taberneiro, coçando o queixo. – Não quero problemas com isso.

– Mais do que os que tendes agora mesmo? Estamos cercados, tendes o negócio fechado...

– O que me pedes tem um preço muito elevado – avisou-a ele. – É bom que o que dizes sobre essa biblioteca seja verdade.

– Confia em mim.

– Não há muito quem negocie pergaminho. Como bem dizes, todos os comerciantes que chegam a Albarracín passam por aqui.

– Ajuda-nos, então; quem eram os compradores?

– Não te aconselho a que o queiras ouvir – disse o taberneiro, olhando para o seu estabelecimento e suspirando.

– Diz-lhe, pai.

– Não é boa ideia, isso que contais da biblioteca pode ser muito bom, mas... A sério que não é boa ideia.

– Acreditamos que é a mesma pessoa que assassinou os mestres dos grémios, e também outras pessoas. Escuta, nós só queremos fazer justiça, diz-nos quem é.

– E Alodia pegou-lhe nas mãos. – Por favor.

– O filho de Heredia – respondeu ele, taciturno.

– O filho de Pablo de Heredia? – salientou Lízer. – Esse homem é um dos cavaleiros mais reputados desta cidade...

– Para ser exato, trata-se do seu bastardo, Atilano é filho de... – O comerciante não continuou com as suas palavras.

– Quem é a mãe dele? – pressionou-o Alodia. – Não te cales agora.

– Dizem as más línguas que a mãe dele era uma moura. – Olhou novamente para a filha e assentiu, resignado. – É uma história complicada. Aparentemente, Heredia apaixonou-se por Zulema, filha de um sábio muçulmano, que vivia na mouraria. Saltava de telhado em telhado até chegar ao pátio da casa – relatou o taberneiro. – Sabereis já que as casas muçulmanas costumam ter um pátio interior, onde fazem grande parte da sua vida.

– Sim. – Alodia ouvia-o, expectante.

– Numa das suas visitas, o nobre cristão engravidou a bela infiel, que sofreu em silêncio a sua desdita até ao nascimento de Atilano. – O taberneiro torceu a cara. – A criança foi retirada dos braços da mãe e entregue aos Heredia.

– E Zulema? O que lhe aconteceu?

– A sua família foi desterrada de Albarracín; ninguém sabe ao certo para onde foram, uns dizem que para Barcelona, outros Valência, quem sabe.

– Quer dizer então que Heredia criou o seu bastardo. E não voltou a casar?

– Como não? Casou três vezes, mas todas as suas mulheres morreram pouco depois de dar à luz, e não foi só isso, também os filhos que teve com elas.

– Todos?

– Sim – respondeu o taberneiro. – Atilano é o seu único filho, apesar de ser bastardo, herdará o apelido se Heredia morrer, e é possível que seja em breve. Dizem que está muito doente, há dias que ninguém vê o nobre.

– E por que razão Atilano de Heredia compra pergaminhos? – continuou Alodia a indagar.

– Isso não sei.

– É um homem perigoso – interrompeu Elena –, sempre houve algo nele que não me agradou. Chama-lhe um pressentimento, ou o que quiseres, mas é preciso ter cuidado com ele.

– Em que sentido? – insistiu Alodia.

– Em todos, dizem as más línguas que as mulheres que passam pelo seu quarto... acabam mal. Sei de uma que teve de abandonar a cidade e de outra que acabou com a cara marcada.

– Maldito bastardo! – enervou-se Alodia. – Descreve-mo, como é?

– Atilano é um cavalheiro forte, alto, é atraente, sem dúvida – respondeu

Elena, tentando recordar-se. – Tem o aspeto de um nobre, não há dúvidas disso.

– É ele, é o discípulo do Ayub, o que acompanha o Abraham. – Alodia tinha o olhar cheio de ira. – Um nobre... Maldito seja!

– Mais uma coisa, talvez não tenha importância, mas não quero ficar com a dúvida. O palácio Heredia é o mais monumental da cidade, mas com a pouca sorte que o seu senhor teve com as suas esposas e filhos, só utilizam uma parte – explicou Elena. – Até aí, tudo normal, se não fosse porque... Há quem garanta ter visto luzes na parte inutilizada.

– Mas isso também não quer dizer nada, filha.

– Sim, é claro que quer. Sabes porque deixaram de a usar? – perguntou ela, olhando para o pai. – Porque foi lá que morreram as esposas dele, dizem que é por isso que as divisões estão fechadas; está amaldiçoada.

– Isso são só boatos, Elena. – E o pai fez-lhe um sinal de desaprovação. – Não lhe façais caso. Agora, Alodia, diz-me onde se esconde essa biblioteca tão importante, foi esse o acordo.

– Debaixo da catedral, tendes de aceder à cave da torre de Dona Branca, sai de lá uma gruta que vos levará à biblioteca secreta.

– E como vamos fazer isso?

– Arranjareis maneira; foi o que eu fiz.

Capítulo Setenta

Alodia e Lízer não queriam esperar que o Sol despontasse; sabiam lá se Albarracín iria resistir a mais um dia dos ataques do rei de Aragão. A casa dos Heredia espreitava sobre o primeiro cinturão da muralha, perto da porta da Água. Era um enorme casarão, um dos maiores de toda a cidade. Observando a sua fachada, Alodia detetou imediatamente a zona desabitada, pois as janelas estavam deterioradas e pareciam estar fechadas há anos.

Elena tinha comentado com eles que havia uma casa anexa ao virar da esquina. Tinha um pequeno horto; se saltasse a vedação, podia aceder à casa, pois também pertencia aos Heredia. Uma vez lá dentro, havia um pequeno portão que dava para a grande casa e que só podia ser aberto a partir do interior.

Era a única opção.

Iam bem preparados. Alodia, com várias pederneiras para fazer fogo e um archote embebido em óleo; Lízer pegara num par de ferramentas de metal para abrir portas caso fosse necessário.

Assim, fizeram o planeado e dirigiram-se a esse portão. Lízer experimentou bater-lhe. Além de fazer demasiado barulho, parecia conscientemente fechado. Talvez pudesse forçá-lo usando uma alavanca, mas precisaria de mais força do que a que tinha.

Entretanto, Alodia observou aquela velha casa que estava ao lado do palácio. Era humilde, tinham certamente vivido ali trabalhadores dos Heredia noutros tempos melhores. O portão, porém, parecia novo. Examinando a cerca, deu-se conta de que aquela entrada não era a original, tinha sido feita quebrando o muro de gesso e incrustando ali a porta de forma grosseira.

Então, se aquela porta não tinha estado sempre ali, Alodia perguntou-se como entravam antes os criados que viviam naquela casa. Não era inteligente ter de

sair para a rua; se houvesse uma urgência dentro do palácio, demorariam demasiado tempo, e além disso seria preciso avisá-los.

Alodia compreendeu. Tinha de existir um acesso anterior, que por alguma razão deixara de ser utilizado.

Tendo em conta o estado daquela parte do edifício, a razão parecia clara: ao ficar desabitada, já não fazia sentido a ligação.

Lízer continuava a debater-se com a porta e Alodia a verificar o muro contíguo ao palácio. Era tudo maciço, exceto um armário. Examinou-o bem, tinha uma porta dupla pintada de um desgastado tom de azul-claro. Abriu-a; no seu interior, só havia teias de aranha e pó, mas viu que não tinha aro, estando antes encaixado num antigo cabeçal.

– Encontrei a porta de acesso original – afirmou –, preciso de mais luz.

Pegou na pederneira e colocou-se sobre o archote que Lízer segurava. Começou a bater-lhe até que as estilhas incendiaram o óleo em que estava embebida a parte superior e brotou uma chama. Já podiam ver o interior do armário, estava entaipado. Lízer bateu-lhe, parecia totalmente oco. Era apenas uma fina parede de gesso; pegou numa das duas ferramentas que levava, uma pequena picareta de ponta afiada, e cravou-a facilmente na parede. Repetiu a operação várias vezes. O muro, já por si em mau estado, perdia material a cada estocada, até que a picareta conseguiu atravessá-lo. Era um pequeno orifício; precisaria de tempo para conseguir abrir um suficientemente largo para poderem passar os dois por ele.

Com muito esforço, conseguiram fazê-lo antes do início do dia. Tinha três palmos de largura e dois de altura. Alguém tão magro como Alodia podia entrar sem problemas, mas Lízer viu-se em dificuldades para passar para o outro lado.

Uma vez aí, Alodia pegou primeiro no archote. O interior do palácio estava mais frio, tinham acedido a um espaço alongado, do qual não conseguia ver o fim.

O chão era de terra e o teto encontrava-se suportado por grandes vigas de madeira, ainda em bom estado apesar do abandono.

Avançaram até ao fundo e aí encontraram velhos móveis encostados, enxergas e panos a cobrir volumes com silhuetas diversas; e pó, muito pó. Há muito tempo que ninguém usava aquela tralha. Procuraram uma forma de sair daquela divisão e encontraram a porta numa das laterais, fechada. Pegaram novamente na picareta e introduziram-na no espaço entre a porta e o aro, mesmo ao lado da fechadura; apertaram com força e o elo saltou, abrindo a porta.

Lízer espreitou com precaução, pediu o archote e com ele iluminou o espaço. Encontrou a porta que dava para a casa anexa; tinha dois degraus, pelo que estava a um nível inferior. Então, aproximou a luz do solo e viu um rasto de pegadas, eram recentes.

– Sigamo-las – sugeriu Alodia.

– É perigoso.

– E o que não o é nesta cidade?

Continuaram por uma estreita passagem até chegarem a uma antecâmara, onde viraram à direita para outro corredor.

Aquela zona do edifício estava deteriorada, as madeiras estavam afetadas pela humidade e pelo caruncho, as paredes tinham enormes manchas de humidade e o cheiro era desagradável.

No meio daquela solidão, daquela penumbra rasgada pelo archote, o vento infiltrava-se pelos resquícios do edifício, provocando sons estranhos. Alodia sentiu-se indefesa e insegura, por mais que Lízer estivesse ao seu lado. Parou e

fixou o olhar na escuridão, como que a desafiá-la.

Continuou a andar até que chegou a uma porta diferente, de bom fabrico e aspeto.

Teve um mau pressentimento.

Colou o ouvido à madeira, não se ouvia nenhum som no seu interior. Testou-a, estava fechada. Lízer tomou a iniciativa e voltou a introduzir a sua ferramenta afiada no espaço da porta, fazendo força; desta vez ia ser mais difícil. Fez força para cima e encontrou a passagem da fechadura; desceu um pouco e apertou novamente, fazendo saltar o trinco e abrindo a porta com dificuldade.

Entrou rapidamente, com a mão no punho da sua espada, para apanhar desprevenido quem quer que ali se ocultasse.

Não estava lá ninguém.

Ainda assim, Lízer ficou sem palavras.

E Alodia também.

Ao fundo, havia uma parede com uma estante a abarrotar de livros. Diante deles, uma longa mesa repleta de todo o tipo de instrumentos e objetos.

Alodia avançou alguns passos; Lízer fez menção de a deter, mas já era demasiado tarde. Seguiu em frente e viu uma camilha do outro lado. Em cima dela, encontrava-se um cadáver, com o rosto branco e a exalar um cheiro nauseabundo. Tinha de estar morto há vários dias, a julgar pelo seu estado de decomposição.

Alodia ouviu um rangido; apagaram o archote e foram a correr esconder-se na esquina oposta, atrás de umas cadeiras.

Entrou uma luz e com ela uma silhueta corpulenta, um homem encapuzado. Andava devagar e com cautela, talvez os tivesse descoberto. Parou diante da

mesa e observou o seu conteúdo, dirigiu-se ao cadáver e curvou-se sobre o seu rosto.

Algo não batia certo, aquele homem parecia estar a descobrir o mesmo que eles momentos antes. Em seguida, o intruso percorreu com a sua tocha a enorme estante e parou diante de um cofre de madeira que nela se encontrava, tomando-o nas mãos. Fitou-o sem o abrir, como se fosse capaz de ver o que escondia no seu interior. Sorriu e depositou-o na mesa.

Nesse momento, duas outras figuras entraram na divisão; a pessoa mais alta desembainhou a sua espada e disse:

– Quem sois vós?

Capítulo Setenta e Um

Um silêncio frio inundou a sala, só ouvia a respiração de Lízer a seu lado. As figuras na sala mantinham-se frente a frente.

– Fiz-vos uma pergunta – disse o homem alto, dando um passo em frente. Alodia identificou finalmente quem era: Atilano de Heredia, vestindo uma cota de malha. Ao seu lado, estava Abraham.

– Uma sala curiosa, não há dúvidas disso.

Alodia emudeceu ao ouvir a voz do encapuzado.

Não podia ser verdade.

– Conheço-vos? – perguntou o jovem Heredia, esforçando-se por identificar a pessoa que tinha à sua frente.

– Vejo que o teu pai já não está connosco – disse o intruso, apontando para o cadáver na camilha. – Era algo inevitável, suponho, para os teus planos...

– Quem sois vós? – Nesse instante, Atilano ficou mudo. – Não é possível... Não podeis ser...

– Sim, Atilano – respondeu o outro, tirando o capuz e com os seus olhos verdes a brilhar. – Sou o teu mestre.

Alodia tapou a boca com as duas mãos, contendo-se para não gritar. Era Ayub, estava vivo.

– Não é possível! Vi como ardias no incêndio.

– Meu querido aprendiz, quando soube que pretendias queimar-me, fiz todos os possíveis para que assim parecesse – disse pausadamente o mago. – Vejo que ainda sou capaz de te enganar. – Sorriu.

– O que fazes aqui? O que queres de mim?

– Atilano, por favor, que perguntas são essas? – pigarreou o mago. – Vim

matar-te, o que mais haveria de ser?

Heredia apertou o punho da sua espada.

– Estás louco se te atreves a apresentar-te aqui sozinho, não sairás com vida desta casa.

– Sozinho? Que ideias as tuas, isto é um emocionante reencontro, não estou sozinho. – E os seus olhos brilharam. – Não é verdade? – E apontou para onde Alodia e Lízer se escondiam.

Lízer saiu de imediato, brandindo a espada contra Heredia, que ergueu a sua para deter o ataque.

Alodia também deixou o esconderijo e preparou a sua adaga, enquanto Abraham procurava a porta e fugia por ela...

Heredia não se deixou intimidar e atacou de frente, mas Lízer bloqueou-o com a sua espada. Continuou e desferiu-lhe uma brutal cabeçada, que o fez recuar e lhe partiu o nariz. Lízer estava aturdido, pelo que foi com dificuldade que conseguiu esquivar-se ao golpe seguinte que o nobre lhe lançou. Um pouco mais firme, reagiu, rodou sobre o pé direito e atacou com a sua espada o flanco de Atilano, que conseguiu esquivar-se com dificuldade. Não foi assim com o golpe seguinte, que ia direito ao seu pescoço. Para o evitar, Lízer teve de rolar pelo chão.

Novamente em pé, diante um do outro, Heredia sorriu antes de erguer a sua lâmina acima da cabeça e descrever um poderoso arco que foi embater contra a lâmina do seu rival.

Não parou por aí.

Continuou o ataque com outro golpe similar, de igual resposta, e outro e outro mais, todos bloqueados, obrigando, no entanto, Lízer a recuar mais um passo a cada investida, até o encurralar contra a estante.

Lízer não se ia deixar vencer com tanta facilidade.

Contra-atacou desferindo golpes à direita e à esquerda; em seguida, apoiou com força o seu pé direito para se agachar, evitando a lâmina de Heredia, ganhar impulso e atingir a coxa do seu adversário.

Este soltou um agudo grito de dor e cambaleou, sem cair ao chão, mas deixando a descoberto o seu flanco direito, situação que Lízer se encarregou de aproveitar desferindo-lhe um tremendo corte que penetrou entre a sua cota de malha e a sobreveste.

Caiu ao chão e aí recebeu outro corte no pescoço.

Heredia tentou tapar a ferida com uma mão. Lízer aproximou-se para acabar com ele, mas uma dor profunda nas costas deteve-o.

Uma adaga, empunhada pela outra mão de Heredia, tinha-se-lhe cravado no corpo.

– Naaão! – gritou Alodia, desesperada.

Lízer perdeu o equilíbrio e caiu junto ao seu rival. Alodia atirou-se ao chão e arrastou-se até junto dele, fora de si, enlouquecida.

– Não chores tanto por ele, mulher, não fazes ideia de quem era realmente – murmurou Atilano de Heredia enquanto dirigia a sua espada para Ayub. – É melhor que compreendas a verdade o quanto antes. Esse traidor era um espião aragonês. Tinha-se infiltrado entre os aguazis da cidade para obter informações em primeira mão.

– Isso não é verdade! – gritou ela, enquanto tentava fechar a ferida do amigo, que era muito profunda.

Lízer sabia que ia morrer; recordou-se então das palavras que aquele sacerdote agonizante lhe tinha sussurrado no interior da catedral. Acabara por ter razão.

– Alodia... Valeu a pena conhecer-te, apesar de o meu destino ser morrer por ti.

– Não fales, Lízer – disse ela, tapando-lhe os lábios com a mão. – Vais sair desta.

– Não. – E, com as suas últimas forças, sussurrou – Vai-te embora daqui, fuge. – Enfiou a mão dentro do gambesão e tirou uma carta dobrada. – Alodia, eu amo-te – confessou Lízer, com o seu último suspiro. – Toma esta carta, pode salvar-te a vida.

Ela não disse nada; pegou-lhe e ficou a fitá-lo com compaixão.

– Não desperdices nem uma lágrima com ele, foi esse imbecil quem enviou a carta a Roma que levou à chegada do dominicano. Queria desacreditar Albarracín junto do papa para que perdesse o seu apoio – afirmou Atilano de Heredia com desprezo. – Depois, quis utilizar Frei Esteban para te salvar, pelo que acabei por ter de matar o dominicano, e isso complicou tudo.

Entretanto, Ayub continuava diante do seu antigo discípulo, sem se alterar com a espada que tinha à frente.

– O que tens planeado, mestre? Mais surpresas? Espero que sejam tão gratificantes como a tua ressurreição. – E Heredia soltou uma gargalhada. – Enganaste-me bem, admito.

– Não compreendeste nada do que te ensinei.

– Enganas-te, é claro que o fiz, olha para mim agora – afirmou Atilano de Heredia, apontando para a estante e para os outros objetos na sala. – Passou muito tempo desde que cheguei a tua casa a perguntar pelo talismã que a minha mãe me deu, lembraste?

– Foi um dia aziago, esse.

– Diz o que quiseres, mas bem que te serviste de mim – censurou-o o nobre, abrindo as mãos. – Servi-te para tudo, facultei-te contactos da minha família, protegi o teu anonimato, arranjei-te todo o pergaminho de que precisavas, por mais caro que fosse.

– E em troca eu ensinei-te, mas falhei – disse Ayub.

– Muito pelo contrário, aprendi e muito depressa, por isso já não preciso de ti. Porque regressaste? Julgava-te morto, estavas a salvo, mas agora...

– Não vou deixar que leves o que te ensinei, o conhecimento para fazer um talismã tão poderoso não pode estar em mãos como as tuas.

– Aquilo dos grémios foi brilhante, realmente brilhante... Mas encontrei os cinco símbolos; tenho a pedra, não preciso desse guarda-mão que mandaste trazer, e também está nas minhas mãos o livro da tua biblioteca. Posso ativar o talismã sem a tua ajuda.

– Sabes do que é capaz o talismã depois de criado?

– Pode tornar um homem em imperador – disse Atilano. – Eu sei.

– Não, pode ajudar um rei que tenha sangue imperial nas suas veias a coroarse imperador. Não sabes controlar um talismã assim; não me espanta, és apenas um bastardo.

– Maldito! Não voltes a proferir essa palavra ou arrancar-te-ei a vida.

– Por mais que sigas o ritual descrito no livro para gravar os símbolos na pedra, não conseguirás o que queres – prosseguiu Ayub, imperturbável –, porque tu, Atilano, não és um mago.

– Não – disse o jovem, abanando a cabeça de um lado para o outro. – Não vais enganar-me, não agora. Se escondeste os símbolos, é porque têm poder, caso contrário não terias sacrificado a vida daqueles homens dos grémios. Não vais

enganar-me, Ayub, sei o poder que pode ser criado com tudo aquilo que tenho. Fizeste-me acreditar na magia, não conseguirás fazer-me abjurar dela agora.

– A magia é sabedoria, conhecimento, um legado transmitido de uns sábios para outros, criado por grandes homens desde tempos distantes – afirmou Ayub, sem dar um único passo. – Todo esse saber não pode cair em mãos como as tuas, por isso os magos têm muito cuidado com quem são os seus aprendizes.

– A sério?

– Há muito tempo que sabia das tuas intenções, por isso escapei do incêndio e por isso te segui até aqui. Não és suficientemente bom para me enganares.

– Se pudesses, ter-me-ias travado – disse Atilano de Heredia, desenhando um sorriso desafiador no rosto. – Acho que o que aconteceu foi que o discípulo superou o mestre.

– Permite-me que duvide. – Soltou a pregadeira da capa que o envolvia, revelando, ao cair, uma balestra escondida. Ayub ergueu-a; estava carregada.

– Naaão! – Os olhos de Heredia inundaram-se de medo, correu para uma das janelas e abriu-a para escapar.

– Os magos também percebem de armas – disse Ayub. E disparou.

O dardo cravou-se com tanta força nas costas de Heredia que o atirou pela abertura, fazendo-o cair contra o chão de terra no exterior do edifício. Tinha-lhe perfurado o tórax até lhe sair pelo peito; Atilano começou a cuspir sangue enquanto tentava levantar-se. Mas sem sucesso, pois também tinha uma perna partida.

Ayub fitou-o de cima e carregou a arma com outro dardo. Com muita dificuldade, esticou a corda. Era uma balestra mais pequena do que o normal, o que lhe permitia escondê-la e recarregá-la antes, ainda que perdesse potência. Apontou novamente e disparou, atingindo-o de novo nas costas, um palmo

mais abaixo do que da primeira vez. Heredia deixou de se mexer.

Ayub colocou outro dardo e virou-se para o centro da sala.

Alodia continuava junto a Lízer, que já não respirava.

– É melhor ires, Alodia; quando vierem, haverá muitas perguntas a que responder e tu já estás condenada. Deixa Albarracín enquanto podes, aproveita o cerco e a via de fuga do Heredia, o túnel da igreja de Santa Maria.

– Ayub, porque permitiste tudo isto? Eu confiava em ti, nos teus ensinamentos...

– Não sejas ingénua.

– Mas eu pensava que tu...

– O que vais dizer? Que eu era... bom? – Ayub baixou a balestra e fitou-a com pena. – À noite, quando vamos dormir, todos precisamos de acreditar que somos boas pessoas. Todos, até o pior dos assassinos. Lembras-te do grande espelho que havia em minha casa?

– Claro, sempre me perguntei para que era.

– Para me ver nele todas as noites e me lembrar de como sou verdadeiramente.

– Compreendo.

– É melhor assim – afirmou ele, voltando a erguer a arma. – Temia que esse talismã caísse nas mãos erradas. Sabia que andava alguém atrás dele, o que nunca imaginei foi que fosse o meu próprio discípulo. Felizmente, nunca confio em ninguém; é a melhor forma de se salvar a vida.

– E todas as mortes, para quê?

– Tinha de me proteger, não podia deixar que todo o trabalho se perdesse. Assim, confiei cinco símbolos aos mestres de cinco grémios. Sabem guardar um

segredo, é a chave do seu sucesso.

– Morreram por guardarem os símbolos.

– Albarracín é um lugar perigoso, um ninho de víboras.

– Usaste-os a todos...

– É claro que sim.

– E essa pedra?

– Não podia revelar todos os meus segredos, a pedra é a matéria do talismã, foi o próprio rei que me enviou. Guardava-a na minha biblioteca privada, que julgo que já conheces.

– E o que vais fazer com o talismã?

– Vendê-lo, claro. Albarracín está a desmoronar, devo procurar outro lugar e isto abrir-me-á muitas portas.

– Não posso acreditar... O que mais pode fazer esse talismã?

– Pode tornar realidade os sonhos de quem o possuir.

– É assim tão simples...

– Não, Alodia, é assim tão complicado. Pois, às vezes, nem nós próprios sabemos qual é o nosso desejo mais profundo. É muito perigoso, pode pôr-nos diante de um espelho e mostrar-nos como somos na realidade, e é como já te disse, todos precisamos de acreditar que somos boas pessoas quando vamos dormir, sem exceção.

– A mim isso pouco me importa.

– De certeza? Julgas porventura que eu não sabia dos enterros? Acreditaste realmente que podias enganar-me? – perguntou Ayub com a sua cálida voz, capaz de a envolver mesmo naqueles momentos tensos. – Dei-te um teto, uma oportunidade, uma vida.

– Mas não foi grátis.

– Nada o é.

– Ias deixar que me enforcassem.

– Alodia; eu não vos escolhi por acaso, a ti e ao Atilano, sois mais parecidos do que julgas. Sois ambos filhos de nobres caídos em desgraça; a ti, o teu pai expulsou-te de casa, e ter-lhe-ia acontecido o mesmo a ele se não tivesse matado os seus meios-irmãos. Se Heredia tivesse tido mais filhos, o Atilano teria acabado como palafreheiro.

Alodia escutava-o com tristeza. Ayub continuou a explicar-se.

– Sabes por que razão o Atilano quis aprender a arte de criar talismãs? Contou-mo da primeira vez que veio ter comigo. A mãe dele tinha um, pôs-lho ao pescoço antes de ser desterrada; disse-lho a criada que cuidou dele. Contou-lhe que tinha sido feito expressamente para ele, a fim de lhe dar força quando não a tivesse. Tinha razão, fui eu que o fabriquei na noite em que cheguei a esta cidade, esculpi uma pedra do seu signo e realizei o ritual.

– Enternecedor... E agora mataste-o.

– A vida é assim. Foste-me muito útil durante algum tempo, mas, no fundo, a tua natureza era fraca; por mais que trabalhasse contigo, jamais teria conseguido fazer com que fosses como eu – murmurou Ayub, com um certo desprezo. – Ainda assim, conseguiste escapar à força... Sempre foste uma mulher de recursos, honra te seja feita. Não te vou matar, Alodia, não tenho necessidade disso; surprender-me-ia que nos voltássemos a ver, ainda que contigo nunca se saiba, não é verdade?

Ayub tirou o cofre da mesa e avançou pela divisão; sem deixar de lhe apontar a sua balestra, cruzou a soleira da porta e desapareceu pelo corredor da casa.

Ela ficou sozinha, rodeada de mortos.

Capítulo Setenta e Dois

Diego de Cobos e os restantes notáveis de Albarracín aguardavam a entrada do governador. Este fê-lo lentamente, como que arrastando-se, acompanhado por meia dúzia de homens de armas que o tinham seguido nas negociações com o rei da Coroa de Aragão.

– Ajoelhastes perante Pedro III? Dizei-nos! – O nobre não se encolheu ante Álvaro Núñez de Lara.

– Fiz o melhor para todos – respondeu, com um semblante entristecido. – Em finais de agosto, chegaram notícias de que Pedro III tinha dito aos seus fiéis, ajuramentados e homens bons das aldeias de Teruel que queria acabar com o cerco a Albarracín antes da festa da Santa Cruz em setembro, se não se opusessem aos seus planos os reforços que o meu tio, Dom Juan Núñez, poderia enviar-nos. E pediu-lhes que acorressem rapidamente ao cerco com as suas armas para o ajudar.

– Não basta isso para nos rendermos, como pudestes submeter-vos? Em toda a sua longa história, esta terra jamais se rendeu – interveio outro dos velhos senhores.

– Traístes-nos. – Diego de Cobos ficou sem palavras.

– Isso nunca! Estamos a comer os cavalos e os burros, dentro de pouco tempo teremos de fazer o mesmo com os gatos e os cães. O meu tio não enviou qualquer socorro, e o rei de França também não – tentou Álvaro Núñez de Lara justificar-se. – Albarracín está devastada, faminta, quereis realmente que nos comamos uns aos outros?

– Ainda podem vir reforços... – afirmou Diego de Cobos.

– Duvido; ainda assim, pedi autorização ao rei para enviar mensageiros ao meu tio – continuou Álvaro Núñez de Lara –, a fim de o informarem da nossa

situação desesperada. Se daqui a quinze dias, por alturas da festa de São Miguel, não tiver enviado reforços a Albarracín de modo a que possamos continuar a defesa, entregaremos a cidade à Coroa de Aragão.

– E o que vos pediu o rei em troca? – perguntou outro dos nobres.

– Que com os nossos emissários, vão também os seus, para que oiçam e escutem o que dirão ao meu tio e a sua resposta. E que jurem pelos Santos Evangelhos que não falarão com ele nem com ninguém por ele enviado quando eles não estiverem presentes. Que ao regressar, antes de se dirigirem à nossa cidade, sem falar com ninguém, vão primeiro ao acampamento de Pedro III para o informar – respondeu o governador, contundente.

– E o que mais empenhastes? – Diego de Cobos não parecia satisfeito com a resposta.

– Vinte dos meus melhores homens serão entregues como reféns esta noite.

– Maldição! Sois um estúpido, um enorme estúpido – exclamou Diego de Cobos, virando-lhe as costas. – Como se nos sobrassem homens de armas! Enganaram-vos, fazem com que percamos vinte bons cavaleiros e controlam todos os nossos movimentos.

– Não havia outra opção, não seiais ignorante! – disse o governador, erguendo a voz.

– Devíamos esperar pelo inverno, o frio é o pior inimigo de um exército conquistador. Parece mentira que não o saibais.

– Diego! Não terão porventura os vossos olhos visto as casas que estão a construir junto ao rio? São de pedra – advertiu Álvaro Núñez de Lara. – Não pensam partir quando o inverno chegar.

– Não penso continuar a discutir com alguém que não quer ouvir, que Deus tenha piedade da vossa alma! – E partiu, seguido pela maioria dos notáveis da

cidade.

Alodia saiu para a rua, a sua pele cheirava a morte. Tinha-a colada ao corpo, transbordava de cada poro. Pela primeira vez, pensou que podia ser possível o que diziam sobre ela, que o Maligno a tinha escolhido. Todos os que se aproximavam dela morriam; era como uma maldição.

Era a morte.

Caminhava pelas ruas, entre casas desmoronadas, animais mortos, resíduos por toda a parte. Albarracín tinha-se transformado no inferno, a sua casa.

Todos os que conhecia estavam mortos, todos menos ela.

Albarracín sucumbira ao pior do ataque. O aspeto da cidade era deplorável e estava prestes a cair ante o inimigo.

Estava quebrada; primeiro Martín e agora Lízer. Fazia algum sentido continuar?

Dois homens que a amavam tinham morrido por ela.

Quando era pequena, em Valência, costumava imaginar, juntamente com a sua irmã Beatriz, como seriam as suas vidas de casadas. Imaginavam-se a passear com os seus belos maridos, rindo, devorando os esposos com beijos. Fora há tanto tempo que parecia uma estupidez pensar sequer naquilo.

Mas então compreendeu. Não estava totalmente sozinha, restava alguém no mundo que lhe importava: Beatriz.

A sua irmã seria agora a esposa do homem que lhe destruía a vida, e talvez tivesse chegado o momento de a libertar. Podia fazê-lo, podia ir a Sevilha e acabar com ele, claro que era capaz disso e de muito mais.

Nas suas mãos, segurava a carta escondida por Lízer; no lacre, viu as famosas barras da Casa Real de Aragão, era um selo de Pedro III.

Estava perante um dilema, se a abrisse para descobrir o seu conteúdo, perderia o seu valor ao quebrar o lacre. Mas se não o fizesse, continuaria sem saber o que dizia.

Lízer só podia trazer algo assim para o utilizar como salvo-conduto ao ver-se numa situação desesperada. Confiou nisso e guardou a carta entre as suas roupas.

Assim, quando estava prestes a claudicar, Alodia apanhou todos os pedaços do seu coração partido e colou-os com o ódio e a vingança.

Parecia não haver ninguém nas ruas, mas ouviu alguém tossir atrás dela.

– Bem, bem – sussurraram nas suas costas. – Olha quem temos aqui.

Reconheceu imediatamente aquela voz rouca.

– Padre Melendo... – Virou-se e encontrou a triste figura do sacerdote.

– Ainda andas pela cidade, mulher? És difícil de matar, Alodia, como as moscas no verão. Chata, cansativa e pegajosa, repulsiva e muito desagradável.

– Vejo que pensais muito em mim.

– Bem, não te julgues assim tão importante; simplesmente, tantas semanas de cerco dão para muito e é preciso matar o tempo, ou pelo menos matar alguma coisa. – Sorriu. – Vim com um amigo, espero que não te importes.

Atrás dele, apareceu o guarda mudo da masmorra, o dos olhos amarelentos...

– Sabias que, mais tarde ou mais cedo, isto ia acontecer, não tem por que ser doloroso. – E o robusto carcereiro agarrou-a pelo braço. – Embora tema que vá ser.

– Maldito sejais!

– Leva-a para a igreja de Santiago; rápido, que ninguém a veja.

Capítulo Setenta e Três

Os emissários enviados pelo governador regressaram ao décimo dia.

Chegaram pelo caminho de Saragoça e as portas abriram-se para os deixar entrar. Um murmúrio serpenteante percorreu as bocas dos habitantes da cidade, exaustos devido ao longo cerco. Aquela chegada era a única coisa que lhes dava esperanças.

Os recém-chegados subiram diretamente à alcáçova; o governador e todos os notáveis da cidade, laicos e religiosos, encontravam-se aí, expectantes.

– Meu senhor – disse o mais baixo dos emissários, ajoelhando-se.

– Deixai-vos de reverências, contai-nos as novas.

– Por ordem de Dom Juan Núñez, da Casa de Lara, faço-vos saber que, na sua extrema generosidade, enquanto legítimo Senhor de Albarracín, ele entrega o senhorio aos seus habitantes – anunciou o homem, ante a cara de estupefação de todos os presentes. – Liberta-vos da sua vassalagem.

– Maldito seja!

– Os reféns! – gritou um sentinela de uma das torres de alcáçova. – Regressam os reféns!

– O que vamos fazer? – perguntou o bispo, aproximando-se.

– Entregar Albarracín. – O governador olhou para as suas mãos, que tremiam.

– O meu tio traiu-nos; estamos sozinhos.

Poucas horas depois, as portas da cidade abriram-se, mas as hostes da Coroa de Aragão não avançaram. Pelo contrário, duplicaram os efetivos que as sitiavam; nunca se tinham visto tantos pendões, bandeiras e estandartes a rodear aquelas muralhas.

Nada mais.

Nem emissários, nem mensagens.

Ao cair da noite, as portas de Albarracín fecharam-se e a guarda foi reforçada. Foram umas horas negras, com o medo cravado em cada um dos homens e mulheres intramuros, mas sem novidades. Às pessoas, que levavam já quatro meses de cerco, custava-lhes a compreender o que se passava.

No dia seguinte, saíram mensageiros para confirmar a rendição aos invasores, mas o rei da Coroa de Aragão não os recebeu. As tropas de cerco retiraram-se, deixando livre o acesso à cidade a partir do exterior.

– Mas... o que pretendem? – O governador estava desesperado ante a situação. – Se chegasse auxílio, poderia entrar sem dificuldade.

– É isso que esperam – respondeu Dona Teresa de Azagra, que, naqueles dias aziagos, parecia a mais lúcida de todos os presentes. – O rei ainda quer que o meu marido, o Senhor de Albarracín, venha com as suas hostes e não tenha problemas em entrar; assim, poderão continuar com o ataque.

– O quê? Isso não faz sentido nenhum!

– Com certeza que faz, está a desafiá-lo, os seus espões avisá-lo-ão do movimento – respondeu ela.

– É uma espécie de armadilha?

– O rei quer a sua cabeça, quer acabar com ele – acrescentou Dona Teresa de Azagra. – Se o meu esposo morder o isco e vier à cidade, o cerco será até à morte. Isto ainda não acabou.

– Mas Juan Núñez abandonou-nos, disseram-no os seus emissários...

– Sim, é claro que o fez. – A Senhora de Albarracín soltou um ligeiro grunhido de desdém. – O rei da Coroa de Aragão está tão confuso como nós, não compreende tal ofensa, é por isso que o desafia. Para que venha, para que

cumpra o seu dever de cavaleiro cristão... Mas não o fará, Juan Núñez de Lara já se esqueceu de Albarracín.

Alodia sentiu uma náusea e tentou abrir os olhos. A pouca luz não a ajudava a identificar onde estava. Tentou levantar-se, mas estava amarrada de pés e mãos. Isso fê-la lembrar-se dos seus dias na masmorra do palácio episcopal. Cuspiu e sentiu a boca seca como uma pedra. Fez todos os possíveis para que os seus olhos vissem através das remelas que os cobriam.

Era uma divisão sombria, um armazém de material litúrgico e móveis abandonados.

Ao fundo, avistou duas sombras, uma era volumosa e disforme, só podia ser o carcereiro. A outra, alta e de crânio pontiagudo, era a do padre Melendo.

Não disse nada e examinou o espaço. As cordas que a amarravam estavam bem apertadas e tensas. Não conseguiria libertar-se delas. Só havia uma porta, e uma estreita janela em forma de seteira rasgava o muro para dar luz ao interior.

De algum modo, Melendo pareceu aperceber-se de que ela tinha acordado e dirigiu-se à sua posição.

– Parece que a bela adormecida está novamente connosco – disse o velho padre, sorrindo. – Foi realmente complicado encontrar-te, estás um nojo! Pensavas mesmo que cortando o cabelo e disfarçando-te nos ias enganar? Pobre iludida!

Alodia nada disse.

– Não sei onde te escondeste – prosseguiu Melendo com desdém –, era como se a terra te tivesse engolido, mas vaso ruim não quebra. E eu sou um homem paciente, sei esperar, é uma qualidade pouco valorizada, não é verdade? A paciência, a paciência pode ser uma arma muito poderosa, mas claro, poucos a estimam, pois precisa de tempo, e todos tendemos a correr, a apressarmo-nos, a

querer chegar depressa ao topo.

Alodia gemeu.

– Não queres falar? É uma verdadeira pena; temos tantas coisas para contar um ao outro...

Ela cuspiu-lhe para a cara e o escarro acertou-lhe no olho.

Melendo ergueu a mão e agrediu-a com todas as suas forças no rosto.

Alodia fitou-o e sorriu.

– Sempre foste uma pequena fera, mas todos os animais podem ser domados, sabias? – Fez um gesto, chamando o carcereiro. – Já vos conheceis, por isso não é preciso que vos apresente. De certeza que tendes muitas coisas de que falar... Com paciência, não temos pressa nenhuma.

O padre Melendo afastou-se dela, enquanto o mastodôntico homem se aproximava passo a passo, como uma grande besta.

Alodia decidiu morrer com dignidade, era a única opção que lhe restava.

Os olhos amarelentos aproximaram-se dela. E Alodia teve uma ideia.

– Escuta, sei que consegues ouvir-me.

O mastodonte não reagiu.

– Se acreditas que aquele homem quer ajudar-te, é porque não aprendeste nada – afirmou Alodia. – Olha para mim, estava perdida naquela masmorra que tu guardavas, mas alguém me ajudou. Achas que o Melendo se importa contigo? Ajudar-te-ia, como fizeram comigo? Bem sabes que não. És como eu era até há pouco tempo, só conhecíamos gente como ele, acreditávamos que eram todos iguais, seres impiedosos. Mas não, há gente com luz, homens dispostos a ajudar-nos sem pedir nada em troca.

Pela primeira vez, ouviu um grunhido diferente e viu naqueles olhos uma

centelha de esperança.

Decidiu tentar.

– Ouve bem, não sei o teu nome, mas sei que ainda resta dentro de ti algo de humanidade – sussurrou Alodia. – Não tens por que fazer isto, não tens por que obedecer a ninguém. Tu és mudo, eu sou uma mulher, eles ignoram-nos e desprezam-nos; podemos rebelar-nos. É difícil, eu sei; mas podes encontrar coragem, podes ser livre.

– O que se passa? Estás à espera de quê? – perguntou Melendo, a vários passos de distância. – Faz o que te disse, quero começar a desfrutar.

– Desejas realmente servir alguém assim?

O homenzarrão de olhos biliosos hesitou, e então Alodia compreendeu.

– Liberta-te, quebra as tuas cadeias, mereces algo melhor – disse, olhando-o nos olhos. – Ele está apenas a usar-te, a apropriar-se da tua força.

O carcereiro virou-se.

– O que fazes, estúpido?

Avançou lentamente para o sacerdote.

– Pode saber-se o que estás a fazer? Parte as pernas a essa filha do demónio, fá-la sofrer!

Chegou à sua altura, ergueu os braços e, com as suas grandes mãos, agarrou no sacerdote, apertou-lhe o pescoço com todas as suas forças e esmagou-lhe a cabeça contra a parede.

O padre Melendo teve morte imediata.

Alodia respirou de alívio.

– Solta-me, depressa, temos de fugir.

Ele libertou-a. Alodia procurou a sua capa negra e cobriu-se com ela. Saltou por cima do corpo inerte de Melendo e saíram os dois para o exterior. Estavam numa casa próxima do templo de Santiago; atrás deles, as muralhas subiam até à torre do Andador. Caía a noite e o entardecer tinha pintado o céu de sangue.

– Temos de ir para a igreja de Santa Maria – disse Alodia, enquanto o gigante gesticulava. – Eu sei, fica do outro lado da cidade. – Olhou em volta. – Vamos fazer uma coisa, vou enfiar-me neste saco e tu levas-me como se estivesses a carregar mercadoria. Não te preocupes, sei como sair da cidade.

O mudo obedeceu e percorreu toda a distância de um templo ao outro com Alodia aos ombros. As pessoas tinham várias preocupações nas suas cabeças e, ainda que o aspeto do carcereiro chamasse a atenção, também infundia respeito e um certo temor. Assim, ninguém o deteve e conseguiram chegar à paróquia quando a noite já tinha caído por completo.

Esperaram que a guarda se afastasse e dirigiram-se ao templo. A porta estava fechada, mas o carcereiro mudo arremeteu-se contra ela com todas as suas forças e conseguiu abri-la. O templo estava vazio, todos os objetos de valor tinham desaparecido, bem como os móveis e outros utensílios comuns. Alodia avançou e recordou os seus tempos de vendedora de túmulos. Examinou o solo aos seus pés, mas não encontrou o que procurava.

As dependências da igreja eram poucas, sendo a única importante a sacristia. Estava aberta, o que surpreendeu Alodia. O carcereiro foi o primeiro a entrar, não era um espaço muito grande, pelo contrário. Diante deles, encontrava-se uma seteira, sob a qual se intuía uma silhueta.

Alodia pensou que era uma talha religiosa; ao aproximar-se, porém, deu-se conta do seu erro. Era um corpo, estava encostado à parede, com um dardo de balestra cravado no meio da testa, a atravessar-lhe a cabeça. Ficara encostado ao

muro, numa posição anormal, de olhos abertos.

Aqueles olhos verdes eram inconfundíveis.

Era Ayub.

Sentiu uma mistura de sensações; não se alegrou, antes pelo contrário. Uma amarga tristeza percorreu-lhe o corpo. Apesar de aquele homem a ter usado, não podia deixar de lhe estar grata. Tinha-lhe ensinado muito, dera-lhe um teto, um futuro.

«Mas que diabos?», disse para consigo. «O Ayub era um maldito manipulador, que apodreça no inferno!»

– Não temas – disse ao seu acompanhante. – Temos de nos apressar!

Começou a examinar a sacristia; tinha uma constituição diferente da da nave do templo, formada por blocos mais toscos e como que erodidos. Mas ali dentro estavam protegidos da ação do vento ou da água, pelo que só havia uma explicação plausível; a determinada altura, aqueles muros tinham sido exteriores. Era uma obra anterior ao templo atual.

Pôs as palmas das mãos na parede e percorreu o pano. Não era uma obra uniforme, grande parte tinha sido refeita a determinada altura. Continuou a examinar a sua arquitetura até que parou num armário.

Veio-lhe imediatamente ao pensamento a casa de Heredia. Abriu as portas e viu que efetivamente se intuía um cabeçal na parte superior. O fundo estava pintado da mesma cor branca que as portas do armário, para lhe dar uniformidade e para que parecesse o que na verdade não era, pois bateu-lhe um par de vezes e souu a madeira oca.

Desta vez, a porta não estava entaipada, tendo inclusive uma fechadura. Era o acesso à galeria de fuga dos judeus.

– Tens de a abrir – pediu Alodia ao seu companheiro.

Ele aproximou-se, fez força com o ombro, sondou-a, deu-lhe um tremendo empurrão e a aldrava saltou.

Uma nova galeria abria-se diante de Alodia.

«Outra vez debaixo de terra», pensou.

– Muito obrigada, amigo. – E sorriu para o seu companheiro, cujos olhos brilharam de alegria.

Esse brilho no seu olhar desapareceu imediatamente, pois levou as mãos ao peito, de onde espreitava a ponta de um dardo. Saiu outra cabeça metálica, cheia de sangue, pela sua barriga; o carcereiro cambaleou e caiu de joelhos a gemer de dor.

Ela ergueu o olhar por cima da sua cabeça e viu Abraham ao fundo da sala, apontando-lhe a balestra acabada de carregar.

– Alodia, estava à tua espera.

O velho médico tinha recarregado a arma e mantinha-a fixa nela, enquanto se ia aproximando com pequenos passos. O carcereiro ainda resistia, com vida, ajoelhado diante dela. Alodia não podia ajudá-lo, fitou-o com compaixão e impotência.

– Não te inquietes por ele, uso sempre um veneno muito eficaz ao contacto com a pele – explicou Abraham. – O Ayub poder-to-ia confirmar, se... Bem, o Ayub já pouco pode dizer. Também pode ser usado como um unguento, que, ao entrar em contacto com o sangue, produz uma curiosa reação que fecha a garganta e impede a respiração – afirmou num tom pausado. – Nunca tive boa pontaria e não gosto de correr riscos, por isso espalhei-o nestes dardos que o Ayub me proporcionou.

Efetivamente, o carcereiro mudo levou as mãos ao pescoço e caiu definitivamente contra o solo, com evidentes sintomas de não conseguir respirar.

– Quem haveria de pensar que ele estava vivo...? Ayub, Ayub. Também terás ficado surpreendida ao voltar a vê-lo, não é verdade? Não se pode confiar em ninguém, é o que te digo...

– O que queres agora? A cidade vai render-se, porque fazes isto?

– Certo, e quando os invasores entrarem, muitas coisas vão mudar; quero ter algo com que negociar, além das matérias-primas para o talismã, que agora trago de novo comigo – disse Abraham, apontando para o seu alforge, de onde sobressaía uma das esquinas do cofre.

– Não vais fugir?

– Sou demasiado velho para isso, a minha família vive aqui há séculos. Adaptámo-nos a árabes, berberes, muladis, castelhanos, e agora fá-lo-emos com os aragoneses. É uma capacidade que temos, custa muito ganhar nome numa cidade, como bem o sabes, para o perder de cada vez que muda de dono.

– Mas eu não te vou servir de muito...

– Com certeza que vais, vou dar-lhes uma mulher para enforcarem – afirmou o médico. – A tua sentença de morte continua em vigor, foi assinada pelo bispo. Na verdade, és muito valiosa, o rei Pedro III querera começar o seu governo com o pé direito, e que melhor forma de o fazer do que com uma execução por que todos anseiam? A da assassina dos grémios, soa muito bem, não é verdade?

– Estás louco.

– Estou feliz, vai começar uma nova época em Albarracín e eu estarei sentado ao lado dos vencedores – replicou Abraham, sorrindo. – Graças a ti.

– Não deixarei que me voltem a prender, terás de me matar.

– Lamento contradizer-te. Tal como te disse, aquelas setas estão impregnadas de um veneno, mas esta – disse ele, apontando-a a Alodia – está embebida num extrato de plantas que eu mesmo preparei e que te fará adormecer. Nos livros, não se aprende apenas a construir talismãs, também há textos sobre medicina com conhecimentos mais práticos, como poderás comprovar.

– Maldito sejas!

– Não, Alodia, a maldita és... – Não terminou a frase, pois um esgar de dor cobriu-lhe o rosto.

Soltou a balestra e esta caiu ao chão, perdendo o seu projétil. Abraham virou-se lentamente; atrás dele, o pequeno Blasco dava vários passos atrás. Abraham tirou o alforje, tacteou o flanco e encontrou uma faca espetada. O rapaz viu o cofre e tirou algo do seu interior.

Ouviram-se uns barulhos na nave do templo, cada vez mais perto da sacristia.

– Blasco! Corre, vem! – Alodia agarrou-lhe na mão e entraram na gruta.

Avançaram como puderam, roçando contra as paredes de pedra, gatinhando quando o solo se inclinou e arrastando-se para sair junto à margem do rio. Levantaram-se e voltaram os olhos para a cidade.

As muralhas de Albarracín recortavam o horizonte, subindo e descendo pelo cerro principal.

Alodia sentiu uma mistura de nostalgia e de alívio.

A seu lado, Blasco fitava-a com os olhos brilhantes. Sorriu, estendeu a mão e mostrou-lhe algo que tinha na palma: a pedra de cor turquesa.

Passaram dez dias; Dom Juan Núñez de Lara não apareceu para socorrer a sua cidade. As hostes de Aragão, de Valência e da Catalunha entraram nela e

puseram fim a mais de dois séculos de independência.

O Senhorio de Albarracín passava a fazer parte dos territórios de Pedro III, o *Grande*.

Capítulo Setenta e Quatro

Negro cavalgou quase sem descanso, atravessando toda a fronteira entre as coroas de Aragão e de Castela e embrenhando-se no sempre perigoso território do Moncayo. Atravessou os montes perto da cidade de Ágreda e seguiu por Taraçona até chegar finalmente a terras navarras.

Antes de chegar a Tudela, desviou-se para Alfaro e aí parou ao alcançar as hostes dos Lara.

Juan Núñez recebeu-o num austero casarão de pedra, nos arredores da povoação.

– Mata-lobos, não esperava ver-te com vida, na verdade.

– Não sois o primeiro a dizer-me isso – respondeu o cavaleiro negro.

– Dizem que o inverno vai ser duro; quando o bom tempo voltar, regressarei a Albarracín.

– Pensais atacá-la?

– É bem possível – respondeu Juan Núñez de Lara –, isto ainda não acabou. É bom que Pedro III organize como deve ser toda a defesa da fronteira, pois penso atacá-la sem descanso. Perdi Albarracín, mas mantenho Cañete e Moya. O rei de França atacará a Catalunha e logo veremos o que faz Castela.

– Fiz o que me pedistes, peço-vos que me liberteis do vosso serviço e me deis o combinado.

– É louvável o teu desejo de descobrir o que aconteceu à tua família; estou certo de que uma ferida assim trespassa o coração e marca a alma de um homem, por mais forte que ele seja. – Juan Núñez de Lara juntou as mãos à altura do peito e ficou a contemplar o cavaleiro. – Mas não cumpriste a tua missão em Albarracín.

– A culpa não foi minha.

– Isso tanto me faz, os resultados são os resultados; assumo a perda desse senhorio, não deixa de ser uma peça num tabuleiro muito maior – explicou Juan Núñez de Lara –, mas esse talismã era único e eu queria-o.

– Acreditai que lamento.

– Posso recuperar esse senhorio, mas o talismã... Não creio que tenha outra oportunidade. Um talismã destinado a um rei, para o ajudar a tornar-se imperador, fazes ideia do valor que tem para os monarcas cristãos? Do que o rei francês me teria dado por ele? Ou qualquer dos príncipes alemães? Das alianças que me teria ajudado a forjar?

– Não era o único a procurá-lo, meia Albarracín parecia andar atrás desse talismã.

– Foi por isso que te enviei, é suposto seres o melhor.

– Peço-vos que me liberteis, já não aguento a dor.

– Dás-me pena, Mata-lobos – disse o nobre, fitando-o com prepotência. – Porque te chamam assim?

– Quando era novo, caçava lobos no bosque, era a única maneira de não atacarem as nossas ovelhas.

– Podias tê-lo alterado mais tarde. Mata-homens ter-te-ia ficado melhor, ao fim e ao cabo, todos evoluímos.

– Peço-vos, dizei-me quem matou a minha mulher e o meu filho...

– Quando o infante Fernando, herdeiro da Coroa de Castela, estava prestes a morrer, suplicou-me que velasse pelos direitos sucessórios dos seus filhos, os infantes de La Cerda. Era o melhor herdeiro que Castela podia ter, já sabia que os seus direitos ao trono iam ser questionados, devido à pouca idade dos seus

filhos – afirmou Lara com parcimónia. – O que um pai mais ama no mundo são os seus filhos, é inevitável, não é verdade?

Mata-lobos começou a ficar impaciente, a respirar de forma mais forte.

– Queres saber quem atacou o transporte que levava a tua família a Toledo.

– Dissestes que podíeis descobri-lo.

– Entendo que, se to disser, os responsáveis por isso podem dar-se como mortos.

– Não duvideis nem por um instante. Com eles, serei Mata-homens, sim.

– É perfeitamente compreensível. Desculpa, era uma pergunta escusada – disse Juan Núñez, batendo palmas uma vez.

As portas da sala abriram-se e quatro besteiros entraram, descarregando as suas setas contra o peito do cavaleiro negro. A soma dos projéteis empurrou-o para trás, fazendo-o cair ao chão.

Ali estendido, Mata-lobos viu o estandarte dos Lara com os seus caldeiros, símbolo do engano do chefe daquela casa; cerrou os punhos e levantou-se, olhou para o peito, os dardos continuavam lá cravados. A cota de malha, porém, resistira melhor do que imaginava, ainda lhe restava vida.

Levantou-se e desembainhou a espada. Os besteiros não tiveram tempo suficiente para recarregar, avançou para eles como um lobo faminto; lobo entre lobos. Ao primeiro, cortou-lhe o pescoço de um só golpe; ao do lado, trespassou-o com a sua espada como se de um saco de trigo se tratasse. Custou-lhe a arrancar a arma das suas entranhas, mas teve tempo de o fazer e de a cravar nas costas do homem seguinte, que tentava inutilmente fugir.

Ao último deles, agarrou-o pelo pescoço e empurrou-o contra a parede, levando depois o braço atrás e enfiando-lhe a ponta da espada pela boca.

Virou-se e um dardo entrou-lhe pela axila. Escapou-se-lhe um grito ensurdecedor.

– Ao fim e ao cabo, temos sempre de ser nós a fazer as coisas – disse Juan Núñez de Lara, deitando a balestra ao chão e desembainhando a sua espada.

Mata-lobos mal conseguia mexer-se, sangrava abundantemente do último ferimento e os restantes doíam-lhe cada vez mais.

– Sabes quem os matou? Vou dizer-te, para que possas morrer em paz. É claro que sim, sou um grande nobre e devo cumprir a minha palavra. – E penteou bem os cabelos. – Não os mataram, foram raptados e vendidos em Granada.

– O quê...? – Mata-lobos já mal conseguia falar. – Não é possível...

– Sim, tínhamos uma aliança com os muçulmanos de Granada; a Afonso X, tinha-lhe custado muito conseguir aquele acordo com o seu rei. Mas acabava por ser benéfico para todos; entre as cláusulas, havia uma que permitia aos muçulmanos atacar os abundantes inimigos que Afonso X tinha dentro do seu reino, e numa dessas incursões, os seus homens enganaram-se no alvo e atacaram o transporte da tua família.

– Porque não fizestes nada? Porque não me dissestes? – gritou Mata-lobos com as poucas forças que lhe restavam.

– E pôr em perigo uma aliança essencial para Castela? De modo algum.

– Podíeis ter-me dito e eu teria ido resgatá-los, já estariam comigo. A minha família está viva, e eu aqui, a morrer...

Outros dois infantes entraram na sala, Juan Núñez de Lara fez-lhes sinal para que se encarregassem dos caídos.

– Isso não podia ser, terias comprometido todos os nossos planos naquele momento – respondeu o nobre, aproximando-se do cavaleiro moribundo. – Essa

cicatriz, fizeste-a a defender o teu rei quando o seu irmão se rebelou contra ele. Usaste-a com orgulho e isso honra-te.

– Assim me pagastes a lealdade à Coroa?

– A lealdade não se paga, Mata-lobos; é a traição que se compra.

– A minha família... Sois cristão, Núñez; devíeis ter-me ajudado...

– Tu és apenas um homem, só tinhas de te preocupar com eles, com uma mulher e uma criança. Eu sou um dos grandes de Castela, devo ocupar-me de dezenas, de milhares de vassalos. Não posso fazer como tu e pôr os meus interesses egoístas à frente dos da gloriosa Casa de Lara. A tua família estava no sítio errado à hora errada, a vida é assim.

– Isso não é justo. A minha esposa... O meu filho...

– É claro que não, a vida não é justa.

Ergueu a espada e cravou-a no abdómen de Mata-lobos.

Epílogo

Não voltei a Albarracín e já não o farei. Desde há um lustro que Roma é a minha casa e, pela primeira vez, posso dizer que a vida me sorri. Não somos de onde nascemos, mas de onde nos sentimos felizes.

Beatriz vive comigo há um par de anos, não foi preciso ir resgatá-la, pois Dom Antón de Rada teve um lamentável acidente quando estavam os dois sozinhos na sua casa de Sevilha. O adiantado de Cazorla escorregou e caiu do alto da escadaria do seu casarão, tendo o azar de bater com a cabeça contra uma estátua de mármore.

Coisas que acontecem.

Beatriz já tinha suportado demasiadas humilhações.

Em Roma, consegui que me respeitem, dedico-me a comprar e a vender livros, sou uma das mercadoras mais procuradas da cidade. A mim, recorrem desde cardeais a grandes famílias, chegaram mesmo a fazer-me encomendas para o Santo Padre.

Impressiono-os a todos com a minha memória; assim que menciono citações de livros que conhecem, caem rendidos aos meus pés.

Blasco ri-se muito de mim, diz que esse truque não me servirá para sempre. É possível que tenha razão, pois é muito inteligente. Criei-o desde que fugimos de Albarracín, vi-o crescer e amadurecer, e transformar-se num grande homem.

Espero que em breve encontre uma mulher com quem possa ter muitos filhos. Não quero aconselhá-lo, é ele quem a deve escolher livremente.

Só desejo que tenha sorte.

Nota do autor

Albarracín é uma povoação que consta sempre como um dos locais mais bonitos de Espanha em todas as listas realizadas para esse efeito. A sua beleza é inquestionável; a sua arquitetura impressiona logo ao chegar. E o trabalho de recuperação, conservação e valorização realizado pela Fundação Santa María de Albarracín foi crucial para a manutenção dessa arquitetura.

A localidade é Monumento Nacional desde 1961, possui a Medalha de Ouro de Mérito em Belas Artes de 1996 e foi proposta pela Unesco para ser declarada Património da Humanidade devido à beleza e importância do seu património histórico.

Albarracín mantém todo o seu sabor medieval. Para mim, é um daqueles lugares onde o tempo parou, uma dessas visitas obrigatórias em Espanha, a que sempre regressamos porque sempre nos fascina.

Por tudo isto, queria prestar-lhe homenagem através deste romance, um *thriller* histórico que pretende mostrar a época apaixonante de finais do século XIII na Península. A singularidade estratégica de Albarracín fazia com que fosse um senhorio independente, rodeado de poderosos e ambiciosos reinos. Este romance não pretende explicar a história do senhorio, mas sim enfatizar a sua importância histórica.

A primeira questão que me coloquei ao começar a esboçar o enredo foi como seria viver num sítio assim, totalmente fronteiriço, com um novo senhor estrangeiro, mudando de alianças e constantemente em perigo.

Não tardei a ver Albarracín como o cenário perfeito para uma trama de mistério, uma história que se desenrolasse integralmente entre as suas muralhas. Daí o título que escolhi, *A Cidade*, que representa essa sociedade que começa a abrir-se, o comércio florescente, o auge dos grémios, a importância da

sua sede episcopal. Com a cidade, não me refiro tanto ao reconhecimento que isso implica, pois Albarracín é, na verdade, um senhorio, mas sim ao espaço urbanístico onde todo o enredo se desenrola, diferenciando esse cenário intramuros das restantes aldeias e terras que constituíam o senhorio.

Como em todos os meus romances, os piscares de olho a temas que me motivam são muito frequentes, ainda que às vezes estejam escondidos ou sejam subtis. Como deixo claro na dedicatória, este romance quer prestar homenagem a Umberto Eco, que infelizmente faleceu enquanto eu o estava a escrever. Há também uma lembrança para outro homem que nos deixou enquanto eu estava a trabalhar nele, o genial músico David Bowie, daí os olhos bicolor de Alodia. E para outros amigos que tive a infelicidade de perder durante o longo processo de escrita.

Este romance está ligado à minha obra anterior, *O Castelo*, também publicada pela Alma dos Livros, e é o segundo livro relacionado com os cenários mais importantes da Idade Média. No primeiro romance, o enredo desenrolava-se numa construção militar; neste segundo livro, o protagonismo passa para um conjunto arquitetónico onde fervilham as atividades gremiais e comerciais da sociedade civil, e o terceiro, que verá a luz no próximo ano, terá como cenário um icónico edifício religioso. Embora não partilhem personagens, século ou localização, todos pretendem apresentar uma visão geral de como era a vida na Idade Média.

No enredo, surgem aspetos que sempre me fascinaram, como a magia no medievo, que nada tem que ver com a visão deformada que temos dela, nem com caças às bruxas. Só a partir do século XIV é que a Igreja começou a perseguir estas atividades, que eram de importância vital e muito frequentes, daí que Afonso X, *o Sábio* se mostrasse tão interessado por elas. Para compreender melhor este aspeto, recomendo a leitura do ensaio *Alfonso X el*

mago, de Ana González Sánchez.

Quis também retratar o funcionamento dos grêmios, o de um mercado medieval ou o cerco a uma cidade amuralhada.

Espero que este romance vos tenha feito viajar para o século XIII, como eu fiz, e que se tenham emocionado e intrigado com as suas páginas.

Agradecimentos

A Lucía Luengo, minha editora, por confiar em mim e por me ter dado ânimo para criar esta aventura e as próximas que virão.

A Isabel Bou Bayona, pela sua excelente ajuda para completar este romance.

A Elena Real, por estar sempre presente e por ter a lucidez de ver tanto os erros como as virtudes das minhas ideias.

A todos os leitores e leitoras, livrarias e jornalistas que confiaram em *O Castelo*, fazendo do meu quarto romance um êxito de vendas.

À associação de livreiros de Huesca, por me ter atribuído o prémio de Livro Altoaragonês de 2016 por *O Castelo*.

Índice

[Prefácio](#)

[Personagens](#)

[Prólogo](#)

[PRIMEIRA PARTE. Os estrangeiros](#)

[SEGUNDA PARTE. A confissão](#)

[TERCEIRA PARTE. A partida](#)

[QUARTA PARTE. O cerco](#)

[QUINTA PARTE. A biblioteca](#)

[Epílogo](#)

[Nota do autor](#)

[Agradecimentos](#)

LEIA TAMBÉM, DO MESMO AUTOR:

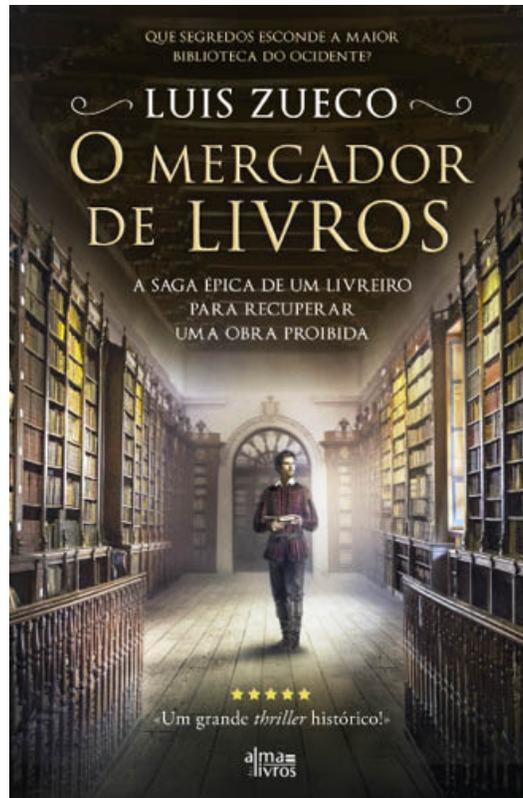


ELES DECIDIRAM DESAFIAR O DESTINO, PROCURAR A GLÓRIA E ERGUER UMA DAS
MAIORES FORTALEZAS DA HISTÓRIA.

Tudo começa quando um corajoso monarca, o rei Sancho III, decide construir uma fortificação numa serra recôndita, no coração de uma cadeia de montanhas escassamente povoadas.

Com a promessa de um futuro melhor, o rei atraiu para aquele lugar um grupo de homens e mulheres para quem a sobrevivência diária constituía um ato de heroísmo.

Apesar dos seus escassos meios e conhecimentos, estas pessoas superaram todas as limitações que lhes foram impostas, até concluírem aquela fortaleza religiosa e militar, a partir da qual surgiu um dos principais reinos medievais da Europa, o qual assumiu um papel preponderante na Reconquista.



A EXTRAORDINÁRIA VIAGEM DE UM LIVREIRO PARA RECUPERAR UMA OBRA
ROUBADA DA MAIOR BIBLIOTECA DO OCIDENTE

Ano de 1517. O jovem Thomas atravessa a incipiente Europa renascentista procurando fugir do passado. São os anos que se seguiram ao descobrimento da América e à invenção da imprensa, um período de profundas mudanças que significou o fim da Idade Média.

Quando assume a tarefa de localizar um exemplar misterioso, Thomas vai para Sevilha, uma cidade próspera que serve de elo no comércio com as Índias e que alberga, entre as suas muralhas, a mais importante biblioteca do Ocidente, criada pelo filho de Cristóvão Colombo.

É precisamente aí que Thomas descobre que alguém roubou o livro que procura e que, por algum motivo desconhecido, pretende mantê-lo oculto. Começa então uma jornada para o recuperar, pois não pode permitir que o

conhecimento nele contido seja apagado para sempre